

MICHAEL  
CRICHTON

LINHA DO TEMPO



# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Michael Crichton**

# **LINHA DO TEMPO**

Tradução de Joaquim N. Gil  
Digitalização de Vítor Chaves  
Formatação de LeYtor

**DOM QUIXOTE**

Todos os grandes impérios do futuro serão impérios da mente.

WINSTON CHURCHILL, 1953

Quem não conhecer a história, não conhece nada.

EDWARD JOHNSTON, 1990

Não estou interessado no futuro. Estou interessado no futuro do futuro.

ROBERT DONICER, 1996

Se disséssemos a um físico em 1899 que em 1999, cem anos mais tarde, imagens em movimento seriam transmitidas para os lares em todo o mundo a partir de satélites no céu; que bombas de uma potência inimaginável ameaçariam as espécies; que os antibióticos aboliriam a doença mas que esta iria contra-atacar; que as mulheres conseguiriam o voto e pílulas para o controlo da reprodução; que a todas as horas milhões de pessoas seriam transportadas pelos ares em aeronaves capazes de levantarem voo e de aterrarem sem o toque humano; que seria possível cruzar o Atlântico a duas mil milhas por hora; que a humanidade viajaria até à Lua para logo em seguida se desinteressar; que os microscópios seriam capazes de ver átomos individuais; que as pessoas transportariam telefones pesando pouco mais de cem gramas ou até menos e que falariam para qualquer parte do mundo sem necessidade de fios; ou que a maior parte destes milagres dependiam de dispositivos com o tamanho de um selo de correio, que utilizavam uma nova teoria designada por mecânica quântica - se o leitor dissesse tudo isto, o físico quase de certeza afirmaria que estava louco.

A maior parte destes desenvolvimentos nunca poderiam ter sido previstos em 1899 porque a teoria científica que prevalecia dizia que era impossível. E para os poucos desenvolvimentos que não eram impossíveis, como as aeronaves, a simples dimensão do seu uso eventual teria desafiado a compreensão. Seria possível imaginar um aeroplano - mas dez mil aeroplanos no ar ao mesmo tempo teria estado para lá da imaginação de qualquer um.

Torna-se portanto razoável afirmar que os cientistas mais informados, no limiar do século vinte, não faziam a menor ideia daquilo que estava para vir.

Agora que nos encontramos no limiar do século vinte e um, a situação é estranhamente familiar. Mais uma vez, os físicos acreditam que o mundo físico foi explicado e que já não existem revoluções à nossa frente. Recordando a história passada, deixaram de exprimir esta opinião publicamente, mas não deixam de pensar deste modo. Alguns observadores chegaram mesmo ao ponto de

defender que a ciência como disciplina terminou o seu trabalho; afirmam ainda que não ficou nada de importante para a ciência descobrir.

Mas do mesmo modo que os finais do século dezanove deixaram supor aquilo que estava para vir, também o século vinte fornece algumas pistas para o futuro. Uma das mais importantes é o interesse na chamada tecnologia quântica. Trata-se de um esforço em diversas frentes para criar uma nova tecnologia que utiliza a natureza fundamental da realidade subatômica, e promete revolucionar as nossas ideias sobre aquilo que é possível.

A tecnologia quântica contradiz frontalmente as nossas ideias de senso comum sobre o modo como o mundo funciona. Defende um mundo em que os computadores funcionam sem serem ligados e em que os objectos são encontrados sem os procurarmos. Um computador de um poder inimaginável pode ser construído a partir de uma simples molécula. A informação move-se instantaneamente entre dois pontos sem cabos ou redes. Os objectos distantes são examinados sem qualquer contacto. Os computadores fazem os seus cálculos em outros universos. E a teleportação - "Beam me up, Scoty" é vulgar e usada das mais diferentes maneiras.

Em 1990, a investigação em tecnologia quântica começou a mostrar resultados. Em 1995 mensagens quânticas ultra-seguras foram enviadas a uma distância de 8 milhas, sugerindo que uma Internet quântica virá a ser construída no próximo século. Em Los Álamos físicos mediram a espessura de um cabelo humano usando um feixe de laser que, na realidade, nunca chegou a ser visto no cabelo, mas apenas pode lá ter estado. Este resultado bizarro "contrário aos factos" iniciou um novo campo de interacção - detecção livre: aquilo que foi designado por "descobrir qualquer coisa sem olhar".

E, em 1998, a teleportação quântica foi demonstrada em três laboratórios em diferentes pontos do mundo - em Innsbruck, em Roma e na Cal Tech. O físico Jeff Kinable, líder da equipa da Cal Tech, disse que a teleportação quântica podia ser aplicada a

objectos sólidos: “O estado quântico de uma entidade podia ser transportado para outra entidade... Julgamos que conhecemos o modo como é possível fazê-lo.” Kinible deteve-se exactamente na altura em que se preparava para sugerir que seria possível teleportar um ser humano, mas lembrou-se de que alguém o poderia tentar com uma bactéria.

Estas curiosidades quânticas, desafiando a lógica e o senso comum, receberam pouca atenção do público mas isso ainda virá a acontecer. De acordo com alguns cálculos, nas primeiras décadas do novo século, a maioria dos físicos em todo o mundo irão trabalhar num ou noutro dos aspectos da tecnologia quântica.

Deste modo não se torna surpreendente que, por volta de meados da década de 90 várias corporações se tenham debruçado sobre a investigação quântica. A Fujitsu Quantum Devices foi estabelecida em 1991. A 113M formou uma equipa de investigação quântica em 1993, sob a orientação do pioneiro Charles Bennett.' Dentro em pouco foram seguidos pela ATT e por outras companhias, o que igualmente foi realizado por universidades como a Cal Tech e instalações governamentais como Los Álamos. E o mesmo foi feito por uma companhia de investigação do Novo México chamada ITC. Localizada a poucas horas de carro de Los Álamos, a iTC deu passos notáveis logo no início da década. Na realidade, está agora perfeitamente claro que a ITC foi a primeira companhia em 1998 a ter uma aplicação prática e funcional utilizando tecnologia quântica avançada.

Em retrospectiva, foi uma combinação de circunstâncias peculiares - e de considerável sorte - que deu à iTC a liderança de uma tecnologia dramaticamente nova. Embora a companhia tenha defendido que as suas descobertas eram completamente benignas, a sua chamada expedição de recuperação demonstrou os perigos de uma forma perfeitamente clara. Duas pessoas morreram, uma desapareceu e outra sofreu ferimentos graves. Não temos dúvidas de que para os jovens licenciados que tomaram parte na expedição, esta nova tecnologia quântica, anunciadora do século vinte e um, provou que era apenas benigna.

Ocorreu em 1357 um episódio típico de uma guerra privada. Sir Oliver de Vannes, um cavaleiro inglês de nobreza e carácter, havia conquistado as cidades de Casteldard e La Roque, situadas nas margens do Rio Dordogne. Em todos os relatos que chegaram até nós se afirma que “este lorde à força” governava com honesta dignidade e era amado pelo povo. Em Abril, as terras de Sir Oliver foram invadidas por uma tumultuosa companhia de dois mil brigandes, cavaleiros renegados sob o comando de Arnaut de Cervole, um ex-monge conhecido como o “Arcebispo”. Depois de ter reduzido Casteldard a cinzas, Cervole arrasou o vizinho Mosteiro de Sainte-Mère, assassinando monges e destruindo o famoso moinho no Dordogne. Em seguida Cervole perseguiu Sir Oliver até à fortaleza de La Roque onde se desenrolou uma terrível batalha.

Oliver defendeu o seu castelo com perícia e ousadia. Relatos contemporâneos creditam os esforços de Oliver ao seu conselheiro militar, Edwardus de Johnes. Pouco se sabe a respeito deste homem, em torno do qual se desenvolveu uma mitologia do tipo Merlin: dizia-se que podia desaparecer num relâmpago. O cronista Audreim diz que Johnes veio de Oxford, mas outros relatos dizem que era de Milão. Uma vez que viajava com uma equipa de jovens assistentes era, segundo tudo indica, um especialista itinerante, trabalhando para quem lhe pagasse os seus serviços. Tinha grandes conhecimentos sobre a utilização da pólvora e da artilharia, uma tecnologia nova naquela altura...

Por último, Oliver perdeu o seu inexpugnável castelo quando um espião abriu uma passagem no interior, permitindo aos soldados do Arcebispo que entrassem. Traições deste tipo eram típicas das intrigas complexas da época.

# CORAZON

“Quem não se sentir chocado com a teoria quântica não a compreende.”

Neils Bohr, 1927

“Ninguém compreende a teoria quântica.”

Richard Feynman, 1967

Nunca devia ter seguido por aquele atalho.

Dan Baker estremeceu quando o seu novo sédan Mercedes S500 começou a descer aos solavancos a estrada poeirenta, embrenhando-se cada vez mais na reserva Navajo no norte do Arizona. À sua volta a paisagem era cada vez mais desolada: as distantes mesas vermelhas a leste, o deserto plano estendendo-se a perder de vista para ocidente. Tinham passado por uma aldeia hora e meia antes - casas poeirentas, uma igreja e uma pequena escola empoleiradas numa falésia - mas desde aí não haviam visto mais nada, nem sequer uma vedação. Apenas o árido deserto vermelho. Há mais de uma hora que não avistavam um único carro. Era meio-dia e o sol dardejava sobre eles na vertical. Baker, um construtor civil em Phoenix, com cerca de 40 anos, começava a sentir-se pouco à vontade. Especialmente tendo em consideração que a sua esposa, uma arquitecta, era uma daquelas pessoas dedicadas à arte com pouca experiência em coisas simples como gasolina e água. O tanque da gasolina estava meio. E o carro começava a aquecer.

“Liz”, perguntou ele, “tens a certeza de que é este o carinho?”

Sentada ao seu lado, a esposa debruçava-se sobre o mapa, traçando o percurso com um dedo. “Tem que ser”, respondeu ela. “O gula diz quatro milhas depois do Canyon Corazón.”

“Mas já passámos o Canyon Corazón há mais de vinte minutos. De certeza que não demos por ele.”

“Como é que será possível não reparar numa loja na berma da estrada?” “Não faço a menor ideia.” Baker olhava fixamente para a estrada à sua frente. “Mas não há nada por estas redondezas. Tens mesmo a certeza de que queres continuar com isto? Não te esqueças de que podemos conseguir grandes tapetes Navajo em Sedona. Em Sedona vendem todos os tipos de tapetes.”

“Sedona” exclamou ela com um ar de desdém, “não são autênticos.” “Olha que são, querida. Aliás, um tapete é sempre um tapete.” “Temos que considerar a textura.”

“Okay”, concordou ele com um suspiro, “é uma questão de textura.”

“E podes ter a certeza de que não é tudo igual” respondeu ela. “Essas lojas de Sedona só têm lixo para turistas - são em acrílico, não em lã. Quero o género de tapetes tecidos em tear manual que se vendem na reserva. E estou convencida de que o posto de venda terá uma velha peça do tipo Sandpainting (pintura de areia) tecida algures durante os anos vinte, por Hosteen Klah. E eu quero-a.”

Okay, Liz.” Pessoalmente Baker não via porque é que precisavam de outro tapete Navajo - fosse qual fosse a textura. já tinham qualquer coisa como duas dúzias. Espalhara tapetes por toda a casa. E também guardara alguns nos armários.

Continuaram em silêncio. A estrada à frente deles brilhava vagamente com o efeito do calor, dando a ideia de um lago de prata. E havia ainda as miragens, casas ou pessoas que se erguiam na estrada, mas que desapareciam quando se aproximavam, como é habitual.

Dan Baker suspirou de novo. “Já devemos ter passado.” “Vamos andar mais algumas milhas”, respondeu a esposa. “Quantas mais?”

“Não faço ideia. Mais algumas.”

“Quantas, Liz? Vamos decidir de uma vez por todas até onde é que vamos com esta história.”

“Mais dez minutos”, respondeu ela. Okay”, concordou, “mais dez minutos.”

Estava a olhar para o indicador da gasolina quando Uz levou a mão à boca e disse, “Dan!” Baker voltou a olhar para a estrada mesmo a tempo de ver uma forma que lhes surgiu de repente - um homem de castanho na berma da estrada - e ouviu um som cavo de uma pancada.

“Valha-me Deus!” exclamou ela. “Batemos nele!”

“O quê?”

“Batemos naquele tipo.”

“Não batemos nada, foi um buraco.”

No retrovisor Baker conseguia ver o homem ainda de pé na berma da estrada. uma figura de castanho desaparecendo rapidamente na nuvem de poeira que o carro deixava atrás de si.

“Não é possível termos batido nele” disse Baker. “Ainda está de pé.” “Dari, estou a dizer-te que lhe batemos. Eu vi.”

“Acho que não, querida.”

Baker olhou de novo para o espelho retrovisor. Mas agora só conseguia ver a nuvem de poeira que o carro deixava para tras.

“É melhor voltarmos para trás”, disse ela. “Porquê?”

Baker tinha a certeza absoluta de que a esposa não tinha razão e de que não tinham batido no homem que estava na estrada. Mas se tivessem batido nele e se ele estivesse ferido, por muito levemente que fosse - nem que fosse um corte na testa, um arranhão - então isso iria representar uma grande demora na sua viagem. Seria impossível chegar a Phoenix ao cair da noite. Quem quer que andasse por ali tinha que ser forçosamente um Navajo; teriam que o levar para um hospital, ou pelo menos para a cidade mais próxima, que era Gallup, e que ficava fora do seu caminho.

“Julguei que querias voltar para trás”, disse ela. “E quero.”

“Então vamos voltar para trás.”

“Só não quero arranjar problemas, Liz.” “Dan. Não acredito.”

Suspirou, e abrandou o carro. “OK, estou a dar a volta, tem calma.”

E deu a volta, tendo cuidado para não ficar enterrado na areia vermelha, regressando pelo caminho por onde tinham vindo.

“Valha-me Deus.”

Baker encostou e saltou para o exterior, sentindo-se envolvido pela nuvem de poeira que ainda pairava no ar. Respirou com dificuldade, sentindo o impacto do calor no rosto e no corpo. Devem estar cento e vinte graus no exterior, Pensou ele.

Quando a poeira começou a desvanecer-se viu o homem deitado na berma da estrada, tentando levantar-se apoiando-se nos cotovelos. O tipo estava trémulo, devia ter cerca de setenta anos, era careca e usava barba. A pele era pálida; não tinha ar de Navajo. Usava um vestuário castanho dando a ideia de uma sotaina. Talvez seja um padre, pensou Baker.

“Sente-se bem?”, disse Baker, enquanto ajudava o homem a sentar-se na estrada poeirenta.

O velho tossiu. “Sinto. Estou bem.”

“Quer levantar-se?”, perguntou-lhe. Sentiu-se aliviado porque não via sangue. “Só mais um minuto.”

Baker olhou à sua volta. “Onde é que está o seu carro?”

O homem voltou a tossir. Erguendo a cabeça com dificuldade, olhou para a estrada poeirenta.

“Dan, julgo que ele está ferido.”

“Talvez”, respondeu Baker. Não havia dúvida de que o velho parecia confuso. Baker olhou à sua volta mais uma vez: nada, a não ser o deserto plano estendendo-se numa neblina tremeluzente, em todas as direcções.

Nem um único carro. Nada.

“Como é que ele chegou até aqui?”, disse Baker.

“Deixa-te disso”, respondeu Liz, “temos que levar o homem para o hospital.” Baker colocou as mãos debaixo dos braços do homem e ajudou o velho a pôr-se de pé. As roupas do homem eram pesadas, feitas de um material que parecia feltro, mas o calor não o fazia suar. De facto o corpo estava fresco, quase frio.

O velho apoiava-se pesadamente em Baker enquanto atravessavam a estrada. Liz abriu a porta de trás. O velho disse: “Eu posso andar. Eu posso andar.” “Okay. Ainda bem.” Baker ajudou-o a instalar-se no banco de trás.

O homem estendeu-se no assento, encolhendo-se numa posição fetal. Por baixo da sotaina usava roupas normais: jeans, uma camisa xadrez, sapatos de ténis. Fechou a porta e Liz voltou ao banco da frente. Baker hesitou, permanecendo no exterior exposto ao calor. Como é que era possível que aquele velho estivesse ali sozinho? Vestindo toda aquela roupa e sem estar a suar?

Era como se ele tivesse acabado de sair do carro.

É muito capaz de ter vindo a conduzir, pensou Baker. Talvez tenha adormecido. Talvez tenha saído da estrada e tenha tido um acidente. Talvez houvesse mais alguém preso dentro do carro.

Ouviu o velho a murmurar: À esquerda, sobe. Volta agora, apanha agora e vê como.”

Baker atravessou a estrada para dar uma vista de olhos. Passou por um enorme buraco, considerando que o devia mostrar à esposa, mas finalmente decidiu que não valia a pena.

Fora da estrada não conseguia avistar quaisquer rastos de pneus, mas via claramente as pegadas do velho na areia. Trinta metros à frente viu o leito de um arroio, um corte abrupto na paisagem. Parecia que as pegadas vinham daquela direcção.

Vendo isso, seguiu as pegadas na direcção do arroio, parou junto da margem e olhou para baixo. Não havia qualquer carro. Viu apenas uma cobra que deslizava por entre as rochas fugindo dele. Estremeceu.

Qualquer coisa branca chamou a sua atenção, brilhando à luz do sol a cerca de meio metro na encosta. Baker debruçou-se para ver melhor. Era uma peça de cerâmica branca com cerca de uma polegada quadrada. Parecia um isolador eléctrico. Baker pegou nele e ficou surpreendido ao notar que era frio ao toque. Talvez fosse um desses novos materiais que não absorviam o calor.

Olhando mais de perto para a cerâmica viu as letras iTC gravadas numa das extremidades. E havia uma espécie de botão numa reentrância de um dos lados. Tentou adivinhar o que é que aconteceria quando o botão fosse premido. Ali de pé ao calor, com enormes calhaus à sua volta, premiu o botão. Não aconteceu nada.

Premiu mais uma vez. Mais uma vez nada aconteceu.

Baker subiu novamente a ravina, regressando ao carro. O velho estava a dormir, ressonando ruidosamente. Liz consultava os mapas. "A próxima cidade grande é Gallup."

Baker ligou o motor. "Pois seja Gallup."

De volta à estrada, fizeram uma média melhor enquanto rumavam a sul na direcção de Gallup. O velho continuava a dormir. Liz olhou para ele e disse, "Dan ..."

"O que é?"

"Estás a ver as mãos dele?"

"O que é que têm as mãos dele?" "As pontas dos dedos."

Baker desviou os olhos da estrada, olhando de relance para o banco de trás. As pontas dos dedos do velho estavam vermelhas até à segunda articulação. "E o que é isso tem? São queimaduras do sol."

"Só nas pontas dos dedos? E o resto da mão?" Baker encolheu os ombros.

"Os dedos dele não estavam assim antes", disse ela. "Não estavam vermelhos quando o encontramos."

"Querida, de certeza que não reparaste nisso."

“Notei Porque tinha as unhas arrançadas. E pensei que não deixava de ser interessante que um velho no deserto tivesse as unhas arrançadas.”

“Uh- huh.” Baker olhou para o relógio. Pensava no tempo que iriam ter que esperar no hospital em Gallup. Provavelmente horas.

Suspirou. A estrada continuava em linha recta.

A meio caminho de Gallup, o velho acordou. Tossiu e disse: “já chegámos? Onde é que nós estamos?”

“Como é que se sente?”, disse Liz.

“Como é que me sinto? Tenho a cabeça a andar à roda. Estou bem, estou mesmo bem.”

“Como é que se chama?”, disse Liz. “O velho telefone fez-me vaguear.”<sup>1</sup> “Mas qual é o seu nome?”

O homem disse: “Nome é o mesmo, a culpa é do jogo.”<sup>{\*}</sup> Baker disse: “Está a rimar tudo o que diz.”

Ela respondeu: “já tinha notado Dan.”

“já vi um programa de televisão a este respeito”, disse Baker. “O facto de rimar significa que ele é esquizofrénico.”

“Rimar é regular” disse o velho. E então começou a cantar em voz alta, quase gritando uma quadra da velha canção de Jjohn Denver:

“As recordações fazem-me vaguear de volta ao lar,  
velhas montanhas, caminhos do campo, as recordações,  
continuam a vaguear.”

“Isto está bonito,” disse Baker.

“Senhor,” disse Liz mais uma vez, “pode dizer-me como é que se chama?” “O nióbio pode causar opróbrío. Atitudes estranhas não permitem inanhas.”

Baker suspirou. “Querida, este tipo está marado de todo.”

“Marado ou qualquer outro nome que se queira, cheira a vagabundo sem eira nem beira.”

Mas a esposa não desistia. “Senhor? Sabe como é que se chama?”

“Norne é Gordon”, disse o homem começando a gritar mais uma vez. “Nome é Gordon, nome é Stariley. Mas fica tudo em família.”

“Mas, senhor ...”

“Liz” disse Baker “deixa-o em paz. Deixa-o assentar, está bem? Ainda temos muito que andar?”

Rugindo, o velho cantou: “O lugar a que pertença, velha magia negra, é tão trágico, país de espuma faz-me gerner.”

E logo a seguir, começou a cantar o mesmo de novo. “Ainda falta muito?”, perguntou Liz.

“Não façam perguntas desse género.”

Tendo telefonado antes, quando estacionou o Mercedes debaixo do pórtico em tons de vermelho e creme da Unidade Traumática do McKinley Hospital os auxiliares já estavam à espera com uma maca. O velho continuou sem reacção quando o transferiram para a maca, mas quando começaram a apertar as correias de segurança, ficou agitado, gritando: “Tirem as mãos de cima de mim, não me prendam!”

“É para a sua própria segurança, senhor”, disse um dos auxiliares.

“Isso é o que você diz, saia da minha frente! A segurança é o último refúgio dos patifes!”

Baker ficou impressionado com o modo como os auxiliares manuseavam o tipo, gentilmente mas ao mesmo tempo com firmeza enquanto lhe apertavam as correias. Ficou igualmente impressionado com a mulher de pequena estatura e cabelos escuros, envergando uma bata branca, que se encontrava Junto deles. “Sou Beverly Tsosie”, disse-lhe ela apertando-lhe a mão. “Sou a médica de serviço às urgências.” Continuava perfeitamente calma, embora o homem na maca continuasse a gritar enquanto o levavam para o centro traumático. “O velho telefone fez-me vaguear ...”

Toda a gente na sala de espera estava a olhar para ele. Baker viu um miúdo de dez ou onze anos, o braço ao peito, sentado numa cadeira junto da mãe, que olhava o homem curiosamente. O miúdo murmurou qualquer coisa ao ouvido da mãe.

O velho cantava: "Para o lugar a que pertença ..."

doutora Tsose perguntou: "Há quanto tempo é que ele está assim?>, "Desde o início. Desde o momento em que o encontramos." "Excepto quando estava a dormir", disse Liz.

"Alguma vez esteve inconsciente?" "Não."

"Teve náuseas, vórnitos?" "Não."

"E onde é que o encontrou? Para lá de Corazón Canyon?" "Cerca de cinco a dez milhas antes."

"Não há grande coisa por aqueles lados", disse ela. "Conhece a zona?", perguntou Baker.

"Cresci para aqueles lados." Sorriu levemente. "Chinle."

Transportaram o homem, sempre a gritar, através de uma porta de vaivem. A doutora Tsose disse: "Se quiser esperar aqui, volto o mais depressa possível, logo que saiba alguma coisa. Provavelmente ainda vai demorar um bocado. É capaz de preferir ir almoçar enquanto espera."

Beverly pertencia ao quadro clínico do University Hospital em Albuquerque, mas ultimamente começara a vir dois dias por semana a GaIlup, para fazer companhia à avó de idade avançada, e nesses dias fazia um turno na Unidade Traumática do McKinley para conseguir mais algum dinheiro extra. Gostava do McKiriley com o seu moderno exterior pintado em riscas vermelho vivo e creme, O hospital era de facto dedicado à comunidade. E gostava de Gallup, uma cidade mais pequena do que Albuquerque, e um lugar onde se sentia mais confortável com um fundo tribal.

Na maior parte dos dias a unidade de Traumáticos estava perfeitamente calma. Por isso a chegada daquele velho, agitado e aos gritos, estava a causar uma enorme comoção. Abriu as cortinas do cubículo onde os auxiliares lhe haviam tirado a sotaina castanha

e os sapatos de ténis. Mas o velho ainda continuava a debater-se, lutando contra eles, pelo que tiveram que o deixar amarrado. Estavam a cortar as jeans e a camisa xadrez para as tirarem.

Nancy Hood, a enfermeira chefe da unidade, disse que não fazia diferença. Porque, de qualquer modo, a camisa tinha um enorme defeito; atravessando o bolso havia uma linha em que o padrão não condizia. "Deve ter rasgado a camisa e voltou a cosê-la. Temos de concordar que foi um trabalho muito mal feito."

"Não", disse um dos auxiliares, segurando a camisa. "Nunca foi cosida, é uma única peça de tecido. Pode parecer estranho, mas não condiz porque um dos lados é maior do que o outro ..."

"Seja como for, não vai sentir a falta dela", disse Nancy e atirou a camisa para o chão. Virou-se para Tsoisie. "Quer tentar fazer-lhe um exame?"

O homem ainda se comportava de uma forma muito violenta. "Ainda não. Vamos dar-lhe uma injeção intravenosa em cada braço. E vejam o que é que ele tem nos bolsos. E vejam também se traz qualquer identificação. Se não tiver, tire-lhe as impressões digitais e mande-as por fax para D.C.; talvez o consigam encontrar num banco de dados."

Vinte minutos mais tarde, Beverly Tsoisie estava a examinar um miúdo que partira um braço numa queda durante uma prova desportiva. Era um miúdo de óculos, com um aspecto gorducho, e parecia quase orgulhoso com o acidente que tivera no desporto.

Nancy Hood aproximou-se e disse: "Estivemos a revistar o John Doe." "E?"

"Nada que nos possa ajudar. Não tem carteira, nem cartões de crédito ou chaves. A única coisa que tinha com ele era isto." Deu a Beverly uma folha de papel dobrada em quatro. Parecia uma impressão de computador, e mostrava um estranho padrão de pontos dispostos numa espécie de grelha. E no fundo

estava escrito mon.ste.mere .

""Monsternere"? Isto diz-lhe alguma coisa?"

Hood abanou a cabeça. "Sei lá, para mim ele está passado."

Beverly Tsosie disse: "Bom, posso mantê-lo sob sedativos até sabermos o que é que lhe vai na cabeça. O melhor é tirar-lhe radiografias do crânio para verificar traumas e hematomas."

A radiografia está a ser remodelada, já se esqueceu 13ev? Os raios X podem ser feitos em qualquer altura. Porque é que não lhe faz uma ressonância magnética? Faça o scan de todo o corpo e tem todos os dados de que necessita." "Faça a requisição", disse Tsosie.

Nancy Hood voltou-se para sair. "Oh, olha que surpresa. Temos aqui o Jimmy da polícia."

Dan Baker sentia-se inquieto. Exactamente como previra, haviam passado horas à espera na recepção do McKinley Hospital. Depois de terem almoçado

- burritos com chili picante - haviam regressado, encontrando um polícia no parque de estacionamento a olhar para o seu carro, passando a mão pelo painel da porta lateral. Só o facto de o ver fez com que Baker sentisse um arrepio. Pensou em ir ter com o polícia mas chegou à conclusão de que era melhor não o fazer. Em vez disso voltou à sala de espera. Telefonou à filha para lhe dizer que chegava mais tarde; para dizer a verdade, era muito possível que só chegassem a Phoenix no dia seguinte.

E esperaram. Finalmente, cerca das quatro da tarde, quando Baker se dirigiu ao balcão para pedir notícias sobre o velho, a mulher perguntou-lhe: "São parentes?"

"Não, mas ..."

"Então esperem ali se fazem favor. O médico vem já falar convosco." Voltou ao seu lugar e sentou-se com um suspiro. Levantou-se de novo, caminhou até à janela e olhou para o carro. O polícia desaparecera mas agora via-se um papel preso no pára-brisas que esvoaçava ao vento. Baker tamborilou com os dedos no vidro da janela. Em cidades pequenas como aquela arranjam-se sempre problemas, qualquer coisa pode acontecer. E quanto mais esperava, mais cenários lhe acorriam à mente. O velhote estava em coma; não

podiam sair da cidade até que ele acordasse. Se o velho morresse estavam implicados num caso de homicídio involuntário. Podiam não ser inculcados Mas teriam que comparecer no inquérito que se realizaria dentro de quatro dias.

Quando finalmente alguém veio falar com eles não era a pequena médica, era o polícia. Era um polícia jovem, com cerca de vinte anos, num uniforme impecavelmente passado a ferro. Usava o cabelo comprido e o crachá no peito indicava que se chamava JAMES WAUNKA. Baker pensou para consigo próprio que nome seria aquele. Provavelmente Hopi ou Navajo.

“O Senhor e a Senhora Baker?” Wauneka foi muito correcto, apresentando-se. “Acabei de falar com a médica. Terminou o seu exame e os resultados da ressonância já vieram. Não há a menor prova de ter sido atingido por um carro. E eu próprio estive a inspeccionar o vosso carro. Não há qualquer sinal de impacto. Estou convencido de que devem ter passado por um buraco e ficaram convencidos de que lhe tinham batido. Nesta zona a estrada é francamente má.”

Baker olhou de relance para a sua esposa que evitou o seu olhar. Liz perguntou: “Acha que vai ficar bem?”

“Parece que sim.”

“Então podemos ir embora?” perguntou Baker.

“Querido”, disse Liz, “não lhe queres dar aquilo que encontrámos?”

“Oh, com certeza.” Baker tirou a pequena peça de cerâmica do bolso. “Encontrei isto junto do lugar onde ele estava.”

O polícia fez rodar a peça de cerâmica entre os dedos. “ITC” - disse ele, lendo a marca num dos lados. “Onde é que encontraram isto exactamente?” “A cerca de 30 )jardas de distância da estrada. julguei que seguisse num carro

que tivesse saído da estrada e foi por isso que verifiquei. Mas não havia qualquer carro.”

“Mais alguma coisa?” “Não, é tudo.”

“Bom, muito obrigado”, disse Wauneka, metendo a peça de cerâmica no bolso. Mas logo a seguir fez uma pausa. “Oh, já me esquecia.” Tirou uma folha de papel do bolso e desdobrou-a cuidadosamente. “Isto foi encontrado nas roupas dele. Queria saber se alguma vez viram isto.”

Baker olhou de relance para o papel: um conjunto de pontos dispostos em grelhas. “Não” respondeu, “nunca tinha visto isso.”

“Não foram vocês que lho deram?” “Não.”

“Alguma ideia sobre o que possa ser?”

“Não”, disse Baker. “Não faço a menor ideia.” “Bom, acho que faço uma ideia”, disse a esposa. “Acha que sim?”, disse o polícia.

“Julgo que sim”, respondeu ela. “Importa-se se eu ...” E tirou o papel das mãos do polícia.

Baker suspirou. Agora Liz estava a ser o arquitecto, analisando o papel meticulosamente, voltando-o de um lado e de outro, olhando para os pontos de cima para baixo e de lado. Baker sabia porquê. Estava a tentar desviar a atenção do facto de que ela se enganara, de que o carro passara de facto num buraco, e que afinal de contas tinham passado ali todo o santo dia para nada. Estava a tentar justificar uma perda de tempo, procurando atribuir uma certa importância ao caso.

“Sim”, disse ela finalmente. “Sei o que é. É uma igreja.”

Baker olhou para os pontos no papel. Perguntou incrédulo: “É uma igreja?” “Bom, é a planta de uma”, disse ela. “Estás a ver? Aqui é o eixo maior da cruz, a nave... Vês? Não há dúvida de que é uma igreja, Dan. E o resto do desenho, os quadrados dentro de quadrados, todos rectilíneos, tem o aspecto de... sabes que isto pode muito bem ser um mosteiro?”

O polícia perguntou: “Um mosteiro?”

“Julgo que sim”, disse ela. “E o que é que me diz da legenda no fundo: mon.ste.mere”. Mon não será uma abreviatura de mosteiro? Aposto que sim. Estou a dizer-lhe, para mim trata-se de um mosteiro.” E devolveu o desenho ao polícia.

De forma expressa Baker olhou para o relógio. "Acho que devíamos ir embora."

"Evidentemente", disse Wauneka apanhando a deixa. Apertou-lhes a mão. "Obrigado, pela vossa ajuda. E desculpem o atraso. Façam uma boa viagem." Baker colocou o braço firmemente sobre os ombros da esposa e conduziu-a

para o exterior, para a luz da tarde. Estava mais frio; a leste erguiam-se balões de ar quente. Calhip era um centro de balões de ar quente. Dirigiu-se para o carro. O papel preso no pára-brisas que esvoaçava ao vento anunciava a venda de joias com turquesas num dos armazéns locais. Arrancou-o do pára-brisas, amarrotou-o e sentou-se ao volante. A esposa estava sentada de braços cruzados olhando em frente. Pôs o motor a trabalhar.

Finalmente ela disse. "Está bem. Desculpa." O tom era mal-humorado mas Baker sabia que era a única coisa que seria capaz de conseguir.

Inclinou-se para ela e deu-lhe um beijo no rosto. "Não", disse ele. "Fizeste aquilo que estava certo. Salvámos a vida do velhote."

A esposa sorriu.

Saiu do parque de estacionamento, dirigindo-se para a auto-estrada.

No hospital o velho dormia, com o rosto parcialmente coberto por uma máscara de oxigénio. Agora estava calmo; ela dera-lhe um sedativo fraco e encontrava-se relaxado, respirando facilmente. Beverly Tsosie deixou-se ficar aos pés da cama, revendo o caso com Joe Nieto, um Apache Mescalero, um interno muito qualificado e excepcional em diagnósticos. "Indivíduo branco do sexo masculino com cerca de setenta anos de idade. Quando entrou estava confuso, com os sentidos embotados e muito desorientado. Pequena congestão com falha cardíaca, teor levemente elevado de enzimas no fígado, e julgo que é tudo."

"E não lhe bateram com o carro?"

“Aparentemente não. Mas não deixa de ser engraçado. Dizem que o encontraram a vaguear a norte do Corazón Canyon. Naquele sítio não existe nada em redor numa distância de mais de dez milhas.”

“E?” “Este tipo não apresentava quaisquer sinais de exposição, Joe. Nenhuma desidratação, sem cetose. Nem sequer queimaduras do sol.”

“Achas que alguém se livrou dele? Alguém que estava cansado de ter a responsabilidade do avozinho?”

“Sim. já pensei numa coisa dessas.” “E o que é que me dizes dos dedos?”

“Francamente não sei”, respondeu ela. “Tem um problema qualquer de circulação. As pontas dos dedos estão frias, a ficarem arroxeadas, correndo o risco de se iniciar um processo de gangrena. Seja o que for, tem piorado desde que chegou ao hospital.”

“É diabético?” “Não.”

“Raynaud?” “Não.” Nieto, que se encontrava ao lado da cama, debruçou-se sobre o velho,

observando os dedos. “O problema é só com as pontas dos dedos. Todo o dano é distal.”

“Certo”, disse ela. “Se não tivesse sido encontrado no deserto diria que se tratava de um caso de ulceração pelo frio.”

“Verificaste a hipótese de metais pesados, Sabes que se pode tratar de uma exposição tóxica a metais pesados. Cádmio ou arsénico. Isso poderia explicar o problema dos dedos e a sua leve demência.”

“Tirei amostras. Mas as análises de metais pesados vão para o UNH em Albuquerque. Só vou receber o relatório dentro de setenta e duas horas.” “Tens uma identificação, historial médico, qualquer coisa?”

“Nada. Notificámos as pessoas desaparecidas e enviámos as suas impressões digitais para Washington, para uma verificação no

banco de dados, mas isso pode levar uma semana.”

Nieto concordou com um aceno de cabeça. “E quando estava agitado, a balbuciar? O que é que ele dizia?”

“Falava em rima, repetindo as mesmas coisas interminavelmente. Qualquer coisa a respeito de Gordon e Stariley. E em seguida dizia, “O telefone quondam faz-me vaguear.””

“Quondam? Isso é Latim?”

Ela encolheu os ombros. “já lá vão muitos anos desde que ia à igreja,> “Julgo que quondam é uma palavra em Latim”, disse Nieto.

E em seguida ouviu uma voz que dizia, “Dão-me licença?” Era o miúdo de óculos na cama do outro lado da sala, sentado junto da mãe.

“Ainda estamos à espera do cirurgião, Kevin,” disse-lhe Beveriy. “Logo que ele chegue podemos tratar do teu braço.”

“Ele não estava a dizer telefone quondam, estava a dizer “espuma quântica” “O quê?”

“Espuma quântica. Estava a dizer espuma quântica.”

Aproximaram-se dele. Nieto parecia divertido. “E o que quer dizer exactamente espuma quântica?”

O miúdo olhou para eles com ar grave, os olhos a pestanejarem por detrás dos óculos. “Em dimensões subatómicas muito pequenas, a estrutura do espaço-tempo é irregular. Não é homogénea, é de certo modo cheia de bolhas espumosa. E porque isto se verifica a um nível quântico, dá-se-lhe o nome de espuma quântica.”

“Quantos anos tens?” perguntou Nieto. “Onze.”

A mãe disse: “Ele lê muito. O pai trabalha em Los Alamos.”

Nieto acenou com a cabeça. “E para que é que serve essa espuma quântica, Kevin?”

“Não se trata de uma questão de servir para isto ou para aquilo”, respondeu o miúdo. “É apenas o modo como o universo se apresenta a um nível subatômico.”

“Por que é que o velhote havia de estar a falar de uma coisa dessas?” “Porque é um físico muito conhecido”, disse Wauneka, aproximando-se deles. Olhou para uma folha de papel que trazia na mão. “Acabou de chegar ao M.P.D. Joseph A. Traub, setenta e um anos de idade, físico de materiais. Especialista em metais supercondutores. Considerado como desaparecido pelo seu patrão, a ITC Research em Black Rock, desde o meio-dia de hoje.”

“Black Rock? Fica a caminho de Sandia.” Ficava a várias horas de distância, no centro do Novo México. “Pelos alminhas de quem é que este tipo veio procurar a Coraz6n Canyon no Arizona?>>

“Não faço a menor ideia” disse Beverly. “Mas ele ...” Os alarmes começaram a soar.

Aconteceu com uma suavidade que deixou Jimmy Wauneka boquiaberto. O velho ergueu a cabeça da almofada, olhou fixamente para eles com um olhar desvairado e, em seguida, vomitou sangue. A máscara de oxigénio ficou de um vermelho vivo; o sangue espirrou da máscara, correndo em fios pelas bochechas e pelo queixo, salpicando a almofada e a parede. Produziu um som de gorgolejar: estava a afogar-se no seu próprio sangue.

Beverly atravessou a sala a correr. Wauneka correu atrás dela, “Volta-lhe a cabeça!” estava Nieta, a dizer quando chegou junto da cama. “Volta!” Beverly arrancara-lhe a máscara de oxigénio e estava a tentar voltar a cabeça do velho, mas este debateu-se, ainda a gorgolejar, os olhos arregalados com o pânico. Wauneka afastou-a para o lado, agarrou a cabeça do velho com ambas as mãos e voltou-o firmemente de lado. O homem vomitou novamente; o sangue espirrou para os monitores e sobre Wauneka. “Sucção!”, gritou Beverly, apontando para um tubo que se encontrava na parede.

Wauneka tentou segurar o homem e agarrar o tubo, mas o soalho estava escorregadio por causa do sangue. Escorregou, agarrando-se à cama para se apoiar.

Vá lá, gente!” gritou Tsosie. “Preciso de vocês! Sucção!” Estava de joelhos, metendo os dedos na boca do homem, puxando-lhe a

língua. Wauneka levantou-se com dificuldade e viu Nieto que segurava uma linha de sucção. Agarrou-a com os dedos escorregadios por causa do sangue e viu Nieto a abrir a válvula de parede. Beverly pegou na sonda de neoprene e começou a limpar a boca e o nariz do tipo. Sangue de um vermelho vivo corria pelos tubos. O homem arquejou, tossiu, mas estava cada vez mais fraco.

“Não gosto disto”, disse Beverly, “acho que era melhor ...” Os monitores mudaram de tom, agora mais agudo e firme. Paragem cardíaca.

“Porra”, disse ela. A bata e a blusa estavam cheias de sangue. “Electrochoque! Tragam o equipamento!”

Nieto estava de pé junto da cama, segurando os terminais com os braços estendidos. Wauneka afastou-se atabalhoadamente de junto da cama quando Nancy Hood o empurrou para passar; naquele momento imensa gente se apinhava à volta do homem. Wauneka sentiu um odor acre e concluiu que os intestinos do homem se tinham aliviado. De repente compreendeu que o homem ia morrer.

“Pronto”, disse Nieto, enquanto aplicava os terminais. O corpo estremeceu violentamente na maca. Os frascos na parede estremeeceram. Os alarmes dos monitores continuavam.

Beverly disse: “Fecha a cortina, Jiminy.”

Olhou para trás e viu o miúdo de óculos do outro lado da sala, de olhos arregalados e a boca aberta. Wauneka fechou rapidamente as cortinas.

Uma hora mais tarde uma Beverly Tsosie completamente exausta deixou-se cair na cadeira da secretária a um canto da sala para redigir o relatório. Tinha que ser invulgarmente completo porque o paciente morrerá. Enquanto folheava o Processo, Jimmy Wauneka aproximou-se dela trazendo-lhe um café. “Obrigada”, disse ela. “A propósito, tens o número de telefone dessa companhia ITC? Tenho de lhes telefonar.”

“Posso fazer isso por ti”, disse Wauneka, apoiando por instantes a mão no ombro dela. “Tiveste um dia estuporado.”

Antes dela ter conseguido responder, Wauneka dirigiu-se para a secretária mais próxima, abriu o bloco que folheou e começou a marcar o número. Sorriu para ela enquanto esperava ser atendido.

“ITC Research.”

Identificou-se e em seguida disse: “Telefone-lhes por causa do vosso empregado dado como desaparecido, Joseph Traub.”

“Só um momento por favor. Vou ligá-lo ao nosso director de recursos humanos.”

Em seguida esperou durante vários minutos. Ouvia-se um fundo musical. Colocou a mão sobre o bocal e do modo mais descontraído que foi capaz, disse a Beverly: “Estás livre para jantar ou vais ver a tua avó?”

Ela continuou a escrever, não levantando os olhos dos papéis. “Vou vê-la.

Ele encolheu os ombros levemente. “Lembrei-me de perguntar”, disse. “Mas ela deita-se muito cedo. Por volta das oito horas.”

“Estás a falar a sério?”

Ela sorriu, continuando a olhar para os seus apontamentos. “Estou.” Wauneka sorriu. “Bom, então estamos combinados, certo?”

“Certo.” O telefone voltou de novo à vida e ouviu uma voz de mulher que dizia: “Só um momento por favor, vou ligá-lo com o nosso primeiro vice-presidente, o Dr. Gordon.”

“Muito obrigado.” E ficou a pensar no primeiro vice-presidente.

Mais um estalido do telefone e, em seguida, ouviu uma voz grave: “Fala John Gordon.”

“Dr. Gordon, fala James Wauneka do Departamento de Polícia de GaIlup. Telefone-lhe do Hospital Mcl(inley em Gallup”, disse. “Receio ter más notícias para lhe dar.”

Vista através das janelas panorâmicas da sala de conferências da ITC, o sol amarelado daquela tarde dardejava nos cinco edifícios em vidro e aço dos laboratórios do complexo de investigação de Black Rock. à distância, nuvens de tempestade formavam-se sobre o deserto longínquo. Mas dentro da sala os doze membros da administração da ITC não se importavam com aquela visão. Estavam a tomar café numa mesa de apoio, conversando uns com os outros enquanto esperavam que a reunião começasse. Aquelas reuniões eram feitas sempre à noite porque o presidente da ITC, Robert Doniger, era conhecido por dormir muito pouco, o que fazia com que marcasse as reuniões para aquelas horas. Podia dizer-se que era um tributo ao brilhantismo de Doniger que todos os membros da administração, directores e os mais importantes investidores de capital comparecessem em tais condições.

Naquele instante Doniger ainda não aparecera. John Gordon, o atarracado vice-presidente de Doniger, estava convencido de que sabia porquê. Sempre a falar ao telemóvel, Gordon abriu caminho na direcção da porta. Em tempos Gordon fora project manager na Força Aérea, e ainda tinha um porte militar. O seu fato azul de homem de negócios tinha um aspecto impecável e os sapatos brilhavam. Aproximando o telemóvel da orelha, disse, "Compreendo Senhor Agente" e saiu da sala.

Exactamente como pensara, Doniger encontrava-se no átrio, andando de um lado para o outro como um miúdo irrequieto, enquanto Diane Kramer, chefe de advogados da ITC se encontrava próximo ouvindo o que ele dizia. Gordon viu que Doniger apontava o dedo irritadamente na sua direcção. Não havia dúvida de que lhe estava a passar uma descompostura.

Robert Doniger tinha trinta e oito anos, era um físico brilhante e além disso era bilionário. Apesar de um ventre saliente e do cabelo grisalho, o seu aspecto permanecia jovem - ou juvenil, dependendo da pessoa com quem falava. Não havia dúvida de que os anos não o tinham envelhecido. A ITC era a terceira companhia que arrancara desde o início; ficara rico com as outras mas a sua gestão

continuava a ser tão cáustica e desagradável como sempre. Na companhia quase toda a gente tinha medo dele.

Por deferência para com a mesa da direcção, Doniger vestira um fato azul, esquecendo os seus habituais caquis e camisolões. Mas dava a impressão de se sentir desconfortável dentro do fato, parecendo um miúdo a quem os pais haviam obrigado a vestir-se daquela maneira.

“Bom, muito obrigado Agente Wauneka”, disse Gordon ao telemóvel. “Vamos tratar de tudo o que for necessário. Sim. Vamos fazê-lo imediatamente. Mais uma vez muito obrigado.” Gordon desligou o telemóvel e voltou-se para Doniger. “Traub está morto e identificaram o seu corpo.”

“Onde?” “Gallup. A chamada era de um polícia a telefonar das Urgências.” “De que é que pensam que ele morreu?”

“Não sabem. Falam de uma paragem cardíaca maciça. Mas houve um problema com os dedos. Um problema circulatório. Vão fazer uma autópsia. É obrigatório por lei.”

Doniger fez um gesto com a mão com um ar irritado. “Merda de chatice. A autópsia não vai dar nada. Traub tinha erros de transcrição. Nunca serão capazes de fazer uma ideia daquilo que se passou. Porque é que está a perder tempo com essa merda?”

“Um dos seus homens acabou de morrer, Bob”, disse Gordon.

“É verdade”, respondeu Doniger friamente. “E sabe uma coisa? Quero que toda essa merda se lixe. Lamento, é a única coisa que posso dizer. Raios partam tudo isto. Mande algumas flores. Ocupe-se de tudo está bem?”

Em momentos como este, Gordon costumava respirar fundo e lembrar-se de que Doniger não era diferente da maioria de tantos outros empresários igualmente agressivos. Não se podia esquecer de que, por detrás daquele sarcasmo, Doniger quase sempre tinha razão. E também não se podia esquecer de que, em qualquer caso, Doniger sempre se comportara daquela maneira durante toda a sua vida.

Robert Doniger demonstrara sinais claros de gênio, embrenhando-se em manuais de engenharia quando ainda frequentava a escola primária. Com a idade de nove anos era capaz de reparar qualquer aparelho electrónico - um rádio ou uma televisão - mexendo em válvulas e fios até que o aparelho voltasse a funcionar. Um dia em que a mãe lhe disse que receava que ele ficasse electrocutado, respondeu-lhe: "Não sejas idiota." E quando a sua avó favorita morreu, um Doniger de olhos enxutos informou a mãe de que a velha senhora lhe ficara a dever vinte e sete dólares e que ele esperava que a mãe honrasse a dívida.

Depois de se ter diplomado summa cum laude em Física pela Universidade de Stanford, com dezoito anos, Doniger foi trabalhar para o Fermilab, próximo de Chicago. Despediu-se ao fim de seis meses, dizendo ao director do laboratório que "a física de partículas era para atrasados mentais". Regressou a Stanford, onde trabalhou naquilo que ele considerava como uma área mais prometedora: magnetismo supercondutor.

Nessa época cientistas de todos os tipos estavam a sair das universidades para iniciarem firmas onde pudessem explorar as suas descobertas. Doniger saiu ao fim de um ano para fundar a TechGate, uma companhia que fabricava os componentes para a gravação de precisão do chip que entretanto Doniger inventara. Quando Stanford reclamou, dizendo que essas descobertas haviam sido feitas enquanto ele ainda trabalhava no laboratório, Doniger respondeu: "Se acham que têm problemas processem-me. Caso contrário calemse de uma vez por todas."

Foi na TechGate que o estilo severo de gestão de Doniger se tornou famoso. Durante as reuniões com os seus cientistas, sentava-se a um canto, inclinando a cadeira perigosamente para trás, enquanto ia disparando perguntas. "O que é que se passa com isto?" "Porque é que não está a fazer aquilo?" "Qual a razão disto?". Se ficasse satisfeito com a resposta era capaz de responder: "Talvez..." Este era o maior elogio que qualquer um conseguia obter de Doniger. Mas se não gostasse da resposta - e normalmente era isso que acontecia - respondia num resmungo: "Será por acaso

desmiolado?” “Tem aspirações a vir a ser um idiota?” “Quer morrer estúpido?” “Nem sequer pode ser considerado um atrasado mental.” Quando perdia mesmo a cabeça atirava com lápis e blocos, e gritava: “Imbecis! Corja de imbecis!”

Os empregados da TechGate procuravam desculpar os acessos de raiva da “Marcha Fúnebre de Doruger” porque era um físico brilhante, muito melhor do que eles; porque conhecia os problemas que as suas equipas enfrentavam; e porque as suas críticas eram invariavelmente justas. Por muito desagradável que fosse, este estilo azedo produzia resultados; em dois anos a TechGate fez progressos notáveis.

Em 1984 vendeu a sua companhia por cem milhões de dólares. Nesse mesmo ano, a revista *Time* considerou-o como uma das pessoas com menos de vinte e cinco anos “que iriam moldar o resto do século”. Nesta lista também se encontravam incluídos Bill Gates e Steve Jobs.

“Raios partam tudo isto”, exclamou Doniger voltando-se para Gordon. “Será que tenho que fazer tudo sozinho? Santo Deus. Onde é que eles encontraram Traub?”

“No deserto. Na reserva Navajo.” “Onde, exactamente?”

“Tudo o que sei é que foi encontrado num lugar a dez milhas a norte de Corazón. Segundo parece não há por ali grande coisa.”

“Muito bem”, disse Doniger. “Sendo assim, manda chamar Baretto da segurança e diz-lhe que leve o carro de Traub até Corazón e que o deixe no deserto. Quando lá chegar, fura-lhe um pneu e vem-se embora.”

Diane Kramer pigarreou. Tinha cabelo escuro, cerca de trinta anos, e envergava um saia e casaco negro. “E capaz de não ser o mais indicado, Bob”, disse ela no seu melhor tom legal. “Estás a adulterar as provas ...”

“É evidente que estou a adulterar as provas! A questão é essa precisamente! Vai haver quem pergunte o que é que Traub andava

ali a fazer. É por isso que lhes vamos deixar o seu carro para que o encontrem.”

“Mas não sabemos exactamente onde ...”

“Não interessa o local exacto. Façam-no e acabou-se a história.”

“Isso quer dizer que Baretto e mais alguém vão ficar ao corrente da história...”

“E quem é que se preocupa com isso? Ninguém. Façam o que eu digo e mais nada, Diane.”

Seguiu-se um curto silêncio. Kramer olhava para o soalho, de sobrancelhas franzidas, notando-se claramente que não se sentia bem.

“Olha uma coisa”, disse Doniger, voltando-se para Gordon. “Lembras-te quando Garman ia conseguir o contrato e a minha antiga companhia estava mais atrasada? Recordas-te da fuga para a imprensa?”

“Recordo”, respondeu.

“Estavas tão Preocupado com a história”, disse Doniger com um sorriso. Explicou a Kramer: “Garman era um autêntico suíno. Tempos depois perdeu peso porque a esposa o obrigou a fazer dieta. Deixámos escapar uma informação de que Garman sofria de um cancro que não podia ser operado e que a sua companhia ia falir. Negou a notícia mas ninguém acreditava nele por causa do aspecto que tinha. Conseguimos o contrato. Mandeí um cesto de fruta à esposa dele.” Deu uma gargalhada. “Mas o importante é que ninguém foi capaz de relacionar connosco a fuga da informação. Vale tudo Diane. Negócio é negócio. Deixa a porra do carro no deserto.”

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, embora continuasse a olhar para o chão.

“E em seguida”, disse Doniger, “quero saber por alminhas de quem é que Traub teve acesso à sala de trânsito. Não se esqueçam de que já tinha feito demasiadas viagens, e acumulara muitos

defeitos de transcrição. Já passara o seu limite. Não devia fazer mais nenhuma viagem. Não tinha luz verde para o trânsito. A segurança é muito apertada em volta dessa sala. O que me leva a perguntar, como é que ele conseguiu entrar?"

"Julgo que tinha uma autorização de manutenção, para poder trabalhar nas máquinas", respondeu Kramer. "Esperou até ser noite e na altura da mudança de turnos enfiou-se numa das máquinas. Mas estamos presentemente a verificar isso tudo."

"Não quero que verifiques", respondeu Doniger em tom sarcástico. "Quero que faças o necessário para que não volte a acontecer, Diane."

"Podes contar com isso, Bob."

"É melhor que seja assim", disse Doniger. "Não nos esqueçamos de que neste momento a companhia enfrenta três problemas significativos. E o Traub é o de menor importância. Os outros são maiores. Muito, muito maiores."

Doniger sempre fora dotado para uma visão à distância. Ainda em 1984 vendera a TechGate, porque previra que os chips para computador "Iam bater na parede". Nessa altura uma opinião deste género parecia insensata. Os chips para computador duplicavam de potência todos os dezoito meses enquanto o custo descia para metade. Mas Doniger reconhecera que esses avanços eram feitos à custa de uma acumulação de componentes dentro do chip cada vez mais apertada. Não podia continuar assim indeterminadamente. Chegaria uma altura em que os circuitos estariam tão atravancados dentro do chip que este derreteria com o calor. Isto implicava um limite superior em termos de potência do computador. Doniger sabia que a sociedade iria exigir cada vez mais poder bruto para o computador, mas não conseguia descortinar nenhum modo de o conseguir.

Frustrado, voltou-se para o seu interesse inicial, o magnetismo supercondutor. Arrancou com uma segunda companhia, Advanced Magnetics, que possuía diversas patentes essenciais para as novas máquinas de Imagiologia por Ressonância Magnética, que estavam a

começar a revolucionar a medicina. A Advanced Magneties recebia um quarto de milhão de dólares em royalties por cada máquina IRM que era construída. Era "uma vaca parideira", disse Doniger uma vez: "e quase tão interessante como ordenhar uma vaca leiteira." Aborrecido e procurando novos desafios, vendeu a firma em 1988. Tinha vinte e oito anos e valia um bilhão de dólares. Mas segundo o seu ponto de vista, ainda tinha que se afirmar.

No ano seguinte, 1989, começou com a ITC.

Um dos heróis de Doniger era o físico Richard Feynman. No princípio da década de 80, Feynman apresentara uma hipótese de que talvez fosse possível construir um computador usando as propriedades quânticas dos átomos. Teoricamente, um "computador quântico" deste género seria biliões e biliões de vezes mais potente do que qualquer computador até então construído. Mas a ideia de Feynman implicava uma tecnologia genuinamente nova - uma tecnologia que era preciso construir desde o esboço, uma tecnologia que modificava todas as regras. Considerando que ninguém era capaz de descobrir um modo prático de construir um computador quântico, a ideia de Feynman foi esquecida rapidamente.

Mas Doniger não a esqueceu.

Em 1989 Doniger preparou tudo para iniciar a construção do seu primeiro computador quântico. A ideia era tão radical - e tão arriscada - que nunca anunciou publicamente a sua intenção. Maliciosamente deu à sua nova companhia a designação de ITC, iniciais de International Technology Corporation.

Estabeleceu a sua sede em Geneva, seleccionando os seus colaboradores entre o grupo de físicos que trabalhavam para a CERN .

Durante vários anos a partir daí ninguém ouviu falar de Doniger ou da sua companhia. As pessoas concluíram que se retirara, isto se alguma vez chegaram a pensar nele. Afinal de contas era vulgar, no caso de empresários para as altas tecnologias, desaparecerem de vista depois de terem conseguido as suas fortunas.

Em 1994, a revista Time apresentou uma lista de vinte e cinco pessoas com menos de quarenta anos que estavam a moldar o mundo. Robert Doniger não se encontrava incluído nesta lista. Ninguém se preocupou; ninguém se lembrou dele.

Nesse mesmo ano mudou as instalações da ITC para os Estados Unidos, instalando os laboratórios da firma em Black Rock, Novo México, uma hora a norte de Albuquerque. Um observador atento poderá ter notado que se mudou novamente para um lugar onde tinha uma equipa de físicos disponíveis. Mas de propósito ou não, não existiam observadores.

Foi assim que ninguém se apercebeu de que durante o ano de 1990 a ITC se desenvolveu de forma notável. Foram construídos mais laboratórios nas instalações do Novo México; foram contratados mais físicos. O conselho de directores de Doniger aumentou de seis para doze. Eram todos directores executivos de companhias que haviam investido na ITC, ou accionistas. Todos assinaram um acordo draconiano de não revelação, exigindo-lhes um compromisso significativo adicional, de se submeterem a um teste de polígrafo sempre que lhes fosse exigido, e de permitirem que a ITC colocasse os seus telefones em escuta sem aviso prévio. Para além disso, Doniger pediu um investimento mínimo de 300 milhões de dólares. Era, conforme explicou de forma arrogante, o custo de um lugar no conselho de direcção. "Querem saber aquilo que eu pretendo, querem fazer parte daquilo que estamos a fazer aqui, o que corresponde a um terço de um bilião de dólares. É pegar ou largar. Em qualquer dos casos, estou-me nas tintas."

Mas é evidente que não era esse o caso. A ITC tinha gastos terríveis: nos últimos nove anos haviam desaparecido mais de 3 biliões de dólares. E Doniger sabia que ia precisar de mais.

"Problema número um", disse Doniger. "A nossa capitalização. iremos precisar de mais um bilião antes de vermos a luz do dia." Acenou na direcção da sala do conselho. "Não estarão na disposição de uma coisa dessas. Tenho que conseguir que aprovelem mais três membros da direcção."

Gordon disse: "É um problema bicudo, naquela sala."

"Eu sei que é", disse Doniger. "Vêem o que estamos a gastar e querem saber quando é que isto vai ter um fim. Querem ver resultados concretos. E é isso que lhes vou dar hoje."

"Que resultados concretos?"

"Uma vitória", respondeu Doniger. "Esses merdas vão precisar de uma vitória. Algumas notícias excitantes sobre um dos projectos."

Kramer inspirou profundamente. Gordon disse: "Bob, os Projectos são todos a longo prazo."

"Um deles há-de estar quase pronto. Por exemplo, o Dordogne?" "Não está. Não aconselho essa abordagem."

"E eu preciso de uma vitória", respondeu Doniger. "O Professor Johnston passou três anos em França com essa malta de Yale, à nossa custa. Precisamos de ter qualquer coisa para mostrar."

"Ainda não, Bob. De qualquer modo, não temos tudo." "Temos o suficiente."

"Bob ..."

"Diane vai ter com eles. Pode pressioná-los de uma forma delicada." "O Professor Johnston não vai gostar disso."

"Tenho a certeza de que a Diane é capaz de manobrar o Professor Johnston." Um dos assistentes abriu a porta da sala de conferências e olhou para o átrio. Doniger exclamou "Só um minuto!" Mas imediatamente começou a dirigir-se

para a porta.

Olhou para eles por cima do ombro e disse: "Mãos à obra!" E, em seguida, dirigiu-se para a sala e fechou a porta.

Gordon caminhou com Kramer ao longo do corredor. Os seus saltos altos martelavam o soalho. Gordon olhou para baixo e verificou que em complemento do saia e casaco negro Jil Sander muito correcto e corporativo, ela usava sapatos de salto alto de tira em preto. Era o aspecto clássico de Kramer: sedutora e ao mesmo tempo inatingível.

Gordon perguntou-lhe: "Já sabias disto antes?"

Ela acenou com a cabeça. "Mas não há muito tempo. Tinha-me dito há cerca de uma hora."

Gordon não disse nada. Conteve a sua irritação. Há já doze anos que Gordon estava com Doniger, desde os dias da Advanced Magnetics. Na iTC dirigira uma operação de investigação industrial de primeiro plano em dois continentes, utilizando dúzias de físicos, químicos e cientistas de informática. Tivera que aprender sobre metais supercondutores, compressão fractal, qubits quânticos e troca lónica de alto fluxo. Ficara farto dos físicos teóricos - a pior espécie - e mesmo assim foram alcançadas metas; o desenvolvimento estava dentro do prazo; os excessos de custo eram aceitáveis. Mas apesar do seu sucesso, Doniger continuou a não confiar nele.

Por outro lado Kramer sempre tivera uma relação muito especial com Doniger. Começara como advogada numa firma de juristas exterior à empresa, executando trabalho para esta. Doniger chegou à conclusão de que ela era elegante e tinha classe, pelo que a contratou. Foi sua namorada durante o ano seguinte, e mesmo que isso já tivesse acabado há muito tempo, ainda a ouvia. Ao longo dos anos ela fora capaz de evitar vários desastres potenciais.

"Durante os últimos dez anos", disse Gordon, "fornos capazes de conservar esta tecnologia em sossego. Quando se pensa nisso temos que concordar que foi um milagre. Traub é o primeiro incidente que temos de enfrentar. Felizmente foi cair nas mãos de um chui imbecil e fica por aí. Mas se Doniger começa a fazer pressão em França, corremos o risco de as pessoas começarem a somar dois mais dois. já tivemos a história daquele repórter em Paris que não nos largava. Bob pode deixar isto escancarado."

"Eu sei que ele considerou todos esses aspectos. É o segundo grande problema."

"O ser do conhecimento público?" "Exacto. Vir tudo à luz do dia." "E ele não está preocupado?"

“É evidente que está preocupado. Mas parece que tem um plano para lidar

COM o assunto.”

“Espero bem que sim”, disse Gordon. “Não podemos estar à espera de termos sempre um chui idiota a lidar com a nossa roupa suja.”

O agente James Wauneka chegou ao Hospital Mcl(inley na manhã seguinte, à procura de Beverly Tsosie. Pensava verificar os resultados da autópsia do velhote que morrera, Mas disseram-lhe que Beverly fora para a Unidade de Imagiologia no terceiro andar. Sabendo isto dirigiu-se ao seu encontro.

Foi encontrá-la numa pequena sala de paredes pintadas em bege, adjacente ao scanner branco. Estava a falar com Calvin Chee, o técnico da IRM. Estava sentado na mesa do computador, enquanto iam passando no monitor imagens a preto e branco, umas atrás das outras. As imagens mostravam cinco círculos dispostos numa fila. Enquanto Chee passava as imagens, os círculos tornavam-se cada vez mais pequenos.

“Calvin”, estava ela a dizer. “É impossível. Tem de ser artificial.” “Pediste-me para rever os dados”, disse ele, “e agora não acreditas em mim? Estou a dizer-te, Bev, não é artificial. É real. Aqui, olha para a outra mão.”

Chee serviu-se do teclado e apareceu então uma imagem oval no monitor, com cinco círculos pálidos dentro dela. Okay? Esta é a palma da mão esquerda, vista num corte a meia secção.” Voltou-se para Wauneka. “Muito semelhante àquilo que verias se colocasses a tua mão num cepo de talho e cortasses a direito.” “Muito bem Calvin.”

“Bem, o que eu quero é que fique tudo bem claro.”

Voltou-se novamente para o monitor. Okay, pontos essenciais. Os cinco círculos redondos são os cinco ossos palmares. Estas coisas são os tendões que vão para os dedos. Não te esqueças de que os músculos que fazem trabalhar a mão se encontram quase todos no

antebraço. Okay. Este círculo mais pequeno é a artéria radial que transporta o sangue para a mão através do pulso. Okay.

Agora afastamo-nos do pulso em cortes seccionais." As imagens alteraram-se. A figura oval ficou mais estreita, e um por um os ossos foram-se separando, fazendo lembrar uma arruba a dividir-se. Agora havia quatro círculos. "Okay. Agora já passámos a palma e vemos apenas os dedos. Pequenas artérias dentro de cada dedo, dividindo-se à medida que avançamos, ficando cada vez mais pequenas, embora ainda se possam ver. Estás a ver, aqui e aqui? Okay. Agora, caminhando para as pontas dos dedos, este é o dedo proximal, a articulação... e agora ... olha para as artérias, vê como se encontram dispostas... secção por secção ... e agora!"

Wauneka franziu as sobrancelhas. "Parece uma falha. Como se qualquer coisa tivesse saltado."

"Houve qualquer coisa que saltou mesmo", disse Chee. "As arteríolas estão fora do lugar. Não se encontram alinhadas, Vou passar isto de novo." Voltou à secção prévia e em seguida passou à seguinte. Era perfeitamente claro - os círculos das minúsculas artérias pareciam ter sido afastados para os lados. "É por isso que o tipo apresentava gangrena nos dedos. Não havia circulação porque as artérias não se encontravam alinhadas. Parece uma incompatibilidade ou qualquer coisa no género."

Beverly abanou a cabeça, "Calvin."

"Estou a dizer-te. E não é só aqui, também verificámos o mesmo em outros lugares do corpo. Como por exemplo no coração. O tipo morreu de um ataque coronário maciço? Não é surpresa nenhuma, porque as paredes ventriculares também não se encontram alinhadas."

"É tecido com cicatrizes já antigas", disse ela, abanando a cabeça. "Vá lá, Calvin. O tipo tinha setenta e um anos. Mesmo que houvesse qualquer coisa de errado com o coração dele, este trabalhou mais de setenta anos. O mesmo se passa em relação às mãos. Se esse desalinhamento das arteríolas estivesse de facto presente, os dedos já lhe deviam ter caído há anos. Mas isso não

aconteceu. De qualquer modo, tratava-se de um novo ferimento; piorou quando já estava no hospital.”

“Se é assim, o que é que estás a querer dizer-me, que a máquina não está a funcionar como deve ser?”

“Tem que ser. Não é verdade que se podem registar erros de hardware? E que por vezes se encontram vírus na limpeza do software?”

“Verifiquei a máquina, Bev. Está em perfeitas condições.”

Ela encolheu os ombros. “Desculpa, mas não acredito. Tens que ter um problema em qualquer sítio. Olha uma coisa, se tens tanta certeza de que está tudo bem, vai lá abaixo à patologia e verifica o tipo em pessoa.”

“Já tentei”, disse Chee. “O problema é que já tinham levantado o corpo.” “já?” Perguntou Wauneka. “Quando?”

“às cinco da manhã. Alguém da sua companhia.”

“Bom, deve ter sido feito pela Sandia”, disse Wauneka. “Talvez ainda estejam a caminho ...”

“Não”, Chee abanou a cabeça. “Foi cremado esta manhã.” “A sério? Onde?”

“Na morgue de Gallup.”

“Cremaram-no aqui?”, perguntou Wauneka.

“Estou a dizer-te”, afirmou Chec, “que há mesmo qualquer coisa de muito estranha a respeito deste tipo.”

Beverly Tsosie cruzou os braços sobre o peito. Olhou para os dois homens. “Não há nada de estranho,” disse ela. “A sua companhia procedeu assim porque foram capazes de organizar tudo à distância, pelo telefone. Telefonaram para a casa mortuária, eles vieram cá e cremaram-no. Está sempre a acontecer, em especial quando não há família. Agora acabem com isso”, disse ela, “e chamem os técnicos para reparar a maquina. Vocês estão com um problema com a IRM - e é tudo.”

Jimmy Wauneka queria encerrar o caso Traub tão rápido quanto possível. Mas de volta às Urgências, viu um saco de plástico que continha as roupas e os artigos de uso pessoal do velho. A única coisa que podia fazer era voltar a telefonar para a ITC. Desta vez falou com outro vice-presidente, uma tal Ms. Kramer. O Dr. Gordon estava em reunião e não se encontrava disponível. "É a respeito do Dr. Traub," disse ele.

"Oh, sim." Um suspiro de tristeza. "Pobre Dr. Traub, era um homem tão simpático."

"O seu corpo foi cremado hoje, mas ainda tenho aqui alguns dos seus artigos pessoais. Não sei o que é que querem que faça com eles."

"O Dr. Traub não tem parentes vivos", respondeu Ms. Kramer. "Duvido de que alguém queira as suas roupas ou qualquer outra coisa. De que artigos é que está a falar?"

"Bom, tinha um diagrama no bolso. Parece uma igreja ou talvez um mosteiro."

"Uh-huli." "Faz alguma ideia da razão pela qual tinha um diagrama de um mosteiro?"

"Não, na verdade não sei. Para lhe dizer a verdade, o Dr. Traub andava um bocado estranho nestas últimas semanas. Ficou bastante deprimido desde que a esposa morreu. Tem a certeza de que é um mosteiro?"

"Não, certeza não tenho. Não sei ao certo o que é que possa ser. Quer que lhe mande este diagrama?"

"Se não lhe fizer muita diferença." "E quanto a esta coisa em cerâmica?" "Coisa em cerâmica?"

"Tinha uma peça em cerâmica. Tem cerca de uma polegada quadrada e uma gravação que diz ITC."

"Oh. Okay. Não há problemas."

"Dei voltas à cabeça a pensar no que é que poderia ser." "O que é que poderia ser? É uma chapa de identificação."

“Não se parece com qualquer chapa de identificação que alguma vez tenha visto.”

“Trata-se de um novo tipo. Usamo-la para passar por portas de segurança e coisas no género.”

“Também quer a chapa de volta?”

“Se não lhe causar muita maçada. Vamos combinar uma coisa. Vou dar-lhe o nosso número de correio expresso FedEx e basta-lhe meter isso num envelope e expedir para o nosso endereço.”

Jimmy Wauneka pousou o auscultador e pensou com os seus botões: Tretas.

Telefonou ao Padre Grogan, o pároco da Igreja Católica da sua zona, e falou-lhe sobre o diagrama e a abreviatura que se via no fundo: mon.ste.mere.

“Poderia ser o Mosteiro de Sainte-Mère”, respondeu ele prontamente. “Com que então é um mosteiro?”

“Oh, absolutamente.” “Onde?”

“Não faço a menor ideia. Não se trata de um nome espanhol. “Mère” é o termo em Francês para “Mãe”. Santa Mãe quer dizer a Virgem Maria. Talvez na Louisiana.>>

“Como é que eu o poderia localizar?”

“Tenho algures uma lista de mosteiros. Dá-me uma hora ou duas para descobrir.”

“Lamento Jimmy. Não vejo que haja aqui qualquer mistério.”

Carlos Chavez era o adjunto do chefe da polícia de Gallup, quase que a atingir a reforma, e fora o conselheiro de Jimmy Wauneka desde o início. Naquele momento estava sentado com as botas em cima da secretária, ouvindo aquilo que Wauneka lhe dizia com um ar céptico.

“Bom, aqui vai>, disse Wauneka. “Apanham este tipo no Corazón Canyon, demente e com um ataque de fúria, mas não se verificam nem queimaduras solares, nem desidratação, nem exposição.”

“Sendo assim, foi abandonado. A família atirou-o para fora do carro.” “Não. Não existem parentes vivos.”

“Okay, então foi ele que conduziu até lá.” “Ninguém viu um carro.”

“Quem é esse ninguém?”

“As pessoas que o encontraram.”

Chavez deu um suspiro. “Já foste tu mesmo ao Corazón Canyon e procuraste encontrar um carro?”

Wauncka hesitou. “Não.”

“Aceitaste a palavra de um estranho a esse respeito.” “Sim. Acho que foi isso.”

“Achas? Isso quer dizer que ainda se pode encontrar lá um carro.” “É possível.”

Okay. Então o que é que vamos fazer a seguir?

“Telefonei para a companhia dele, a ITC.” “E o que é que eles te disseram?”

“Disseram-me que andava deprimido porque a esposa falecera.” “Compreendo.”

“Não estou lá muito certo”, disse Wauneka. “Também telefonei para o apartamento onde Traub viveu. Falei com o administrador do condomínio. A esposa já morreu há um ano.”

“Sendo assim, tudo isto aconteceu perto do aniversário da morte dela, não é? É normalmente nessas alturas que as coisas acontecem, Jimmy.”

“Acho que devíamos ir lá e falar com alguns dos tipos do Centro de Investigações da ITC.”

“Pelos alminhas de quem? Estão a duzentas e cinquenta milhas do local onde este tipo foi encontrado.”

“Eu sei, mas ...”

“Mas o quê? Quantas vezes é que já encontrámos um turista espalmado nas reservas? Três, quatro vezes por ano? E em metade

das vezes já estavam mortos, certo? Ou morreram pouco depois, não é verdade?"

"SIM ..."

"E é sempre por uma de duas razões. Ou se trata de gajos do gênero New Age que vêm sentir-se em comunhão com o deus das águias e que se lixam por causa de uma avaria do carro. Ou então estão deprimidos. Ou uma coisa ou outra. E este tipo estava deprimido."

"Pelo menos é isso que dizem ..."

"Porque a esposa morreu. Se queres que te diga, acredito perfeitamente." Carlos suspirou. "Alguns tipos sentem-se deprimidos, outros têm alegria de mais."

"Mas continuamos a ter questões sem resposta," disse Wauneka. "Há uma espécie de diagrama e um chip em cerâmica ..."

"Jimmy, há sempre questões sem resposta". Chavez piscou-lhe o olho. "Que é que se passa? Não estarás por acaso a tentar impressionar essa medicazinha?" "Que medicazinha?"

"Sabes muito bem aquilo que quero dizer."

"Raios me partam se sei. Ela afirma que não tem nada a ver com isto." "Ela tem razão. Esquece."

"Mas ..."

"Jimmy." Chavez abanou a cabeça. "Ouve aquilo que te estou a dizer. Esquece."

Okay." "Estou a falar a sério."

"Okay", disse Wauneka. Okay, não se fala mais nisso."

No dia seguinte a polícia apanhou em Shiprock um bando de miúdos, todos com cerca de treze anos, que conduziam um carro com placas do Novo México. O livrete encontrado no carro indicava que pertencia a Joseph Traub. Os miúdos disseram que tinham encontrado o carro na berma da estrada perto de Corazón Canyon, e que as chaves ainda se encontravam no tablier. Os miúdos tinham

estado a beber e o interior do carro estava na maior das confusões, ainda pegajoso da cerveja entornada.

Wauneka não se preocupou em conduzir até lá para verificar o que acontecera.

Um dia depois, o Padre Grogan voltou a telefonar-lhe. "Estive a fazer a verificação que me pediste", disse ele, "e o Mosteiro de Sainte-Mère não existe em nenhuma parte do mundo."

Okay", respondeu Wauneka. "Obrigado." De qualquer modo era aquilo de que estava mais ou menos à espera. Mais um beco sem saída.

"Em tempos houve um Mosteiro com esse nome em França, mas ardeu completamente no século catorze. Presentemente não é mais do que uma ruína. Para dizer a verdade, têm estado a ser feitas escavações no local por arqueólogos de Yale e da Universidade de Toulouse. Mas estou convencido de que não vão encontrar grande coisa."

"Uh-hui---i." Mas de repente lembrou-se de algumas das coisas que o velhote dissera antes de morrer. Algumas das rimas sem sentido. "Yale na França não tem qualquer chance." Qualquer coisa no gênero.

"Onde é que fica?"

"Algures no sudoeste da França, perto do Rio Dordogrie."  
"Dordogne? Como é que se escreve?" perguntou Wauneka.

# DORDOGNE

“A glória do passado é uma ilusão. Aliás a glória do presente também é.” Edward Johnston

O helicóptero debatia-se no meio de um espesso nevoeiro cinzento. No banco de trás, Diane Kramer agitava-se inquieta. Quando a neblina se tornou menos espessa, viu os topos das árvores da floresta muito próximo, logo abaixo do aparelho. Perguntou: “Temos que voar tão baixo?”

Sentado à frente, ao lado do piloto, André Marek não conteve uma gargalhada. “Não te preocupes, é perfeitamente seguro.” Mas Marek não parecia o tipo de homem que se preocupasse com o que quer que fosse. Tinha vinte e nove anos, era alto e muito forte; os músculos sobressaíam debaixo da T-shirt. Ninguém diria que era um professor assistente de História na Universidade de Yale. Ou o segundo na linha de comando do projecto Dordogne, para onde agora se dirigiam.

“Não tarda muito a que esta neblina desapareça” disse Marek, falando com um leve sotaque da sua língua materna, o holandês. Kramer sabia tudo a respeito dele: licenciado por Utrecht, Marek fazia parte da nova raça de historiadores “experimentais” que começavam a recriar partes do passado, a experimentá-lo em primeira mão e a compreendê-lo melhor. Marek era um fanático deste tema; estudara os trajes medievais e a língua e os costumes em detalhe; supostamente teria até conhecimentos profundos sobre os torneios de cavalaria. Olhando para ele sentia que era capaz de compreender.

Comentou: “Estou admirada por o Professor Johnston não ter vindo connosco.” De facto Kramer esperara ir lidar com o próprio Johnston. Ela era afinal de contas uma executiva de primeiro plano na companhia que arrancara com esta investigação. O protocolo exigia que tivesse sido Johnston a orientar a viagem de inspecção. E

ela tinha feito planos para começar a trabalhar nele durante a viagem de helicóptero.

“Infelizmente o Professor Johnston tinha uma entrevista prioritária.” “Oli?”

“Com François Bellin, o ministro das antiguidades. Deslocou-se propositadamente de Paris.”

“Não sabia.” Kramer sentia-se melhor. Era óbvio que Johnston se via obrigado a dar prioridade às autoridades. O projecto Dordogne dependia totalmente de boas relações com o governo Francês. Disse: “Há algum problema?” “Julgo que não. São velhos amigos. Olha, já chegámos.”

O helicóptero rompeu através do nevoeiro surgindo à luz do sol. As casas agrícolas em pedra espalhavam longas sombras pelo terreno.

Ao passarem por uma das quintas os gansos que se encontravam no terreiro bateram as asas assustados, e uma mulher de avental ameaçou-os de punho fechado.

“Não ficou lá muito contente connosco”, disse Marek, apontando a mulher com o seu braço maciço de músculos salientes.

Sentada no banco atrás dele, Kramer colocou os óculos de sol e disse: “Bom, são seis da manhã. Posso saber porque é que viemos tão cedo?”

“Por causa da luz”, respondeu Marek. “As sombras das primeiras horas da manhã revelam contornos, marcas de colheitas e mais uma série de coisas.” Apontou para baixo entre os pés. Três volumosos dispositivos amarelos estavam fixados nos suportes frontais do helicóptero. “Nesta viagem trazemos detectores estérec, do terreno, infravermelhos, ultravioletas e radar de scan lateral.”

Kramer apontou para a janela traseira, na direcção de um tubo prateado com cerca de dois metros de comprimento que pendia na parte traseira do helicóptero. “E aquilo o que é?”

“Um magnetómetro protónico.” “Ah! E serve para fazer o quê?”

“Procura anomalias magnéticas no terreno por debaixo de nós que possam indicar paredes enterradas, cerâmicas ou metais.”

“Há mais algum equipamento que gostaria de ter e que não trouxe consigo?” Marek sorriu. “Não, Ms. Kramer, temos tudo aquilo que pedimos, muito obrigado.”

já há algum tempo que o helicóptero deslizava sobre os contornos ondulados de uma densa floresta. Mas começava a ver agora afloramentos de rocha cinzenta, faces de rochas escarpadas que cortavam abruptamente a paisagem.

Admirava o modo como Marek se comportava como um guia experiente, falando quase que continuamente.

“Estas falésias calcárias são o remanescente de uma antiga praia”, disse ele. “Há milhões de anos esta parte da França estava coberta pelo mar. Quando o mar recuou deixou para trás uma praia. Comprimida ao longo de milhares de anos, a praia transformou-se em pedra calcária. É uma pedra muito macia. As falésias estão juncadas de cavernas.”

Kramer podia ver de facto muitas cavernas, aberturas escuras talhadas na rocha. “Há imensas”, disse.

Marek acenou com a cabeça. “Esta parte do sul da França é um dos lugares do planeta que permaneceu continuamente habitado durante mais tempo. O homem viveu aqui pelo menos durante quatrocentos mil anos. Existe um registo contínuo desde o homem de Neanderthal até à actualidade.”

Kramer acenou impacientemente, “E onde é o projecto?”, perguntou ela. “Estamos a chegar.”

A floresta terminou numa zona de quintas dispersas e campos abertos. Dirígiam-se agora para uma aldeia no topo de uma colina; viu um aglomerado de casas de pedra, caminhos estreitos, e a torre de pedra de um castelo que se erguia para o céu.

“É Beyriac”, disse Marek sem se voltar para ela. “E aqui temos o nosso sinal Doppler.” Kramer ouviu beeps electrónicos nos auscultadores, que se sucediam cada vez com mais rapidez.

“Preparem-se”, disse o piloto.

Marek ligou o seu equipamento. Acenderam-se meia dúzia de lâmpadas de um verde brilhante,

“Ok”, disse o piloto. “A começar a primeira passagem transversal. Três... dois... um.”

Depois das colinas onduladas cobertas de árvores surgiu uma falésia escarpada, e Diane Kramer viu o vale do Dordogne que se estendia à sua frente.

O rio Dordogne, parecendo uma cobra acastanhada, estendia-se em curvas e contracurvas ao longo do vale que havia cortado centenas de milhares de anos antes. Mesmo a uma hora tão matinal viam-se kayaks que se deslocavam nas suas águas.

“Nos tempos medievais o Dorelogne era a fronteira militar”, disse Marek. “Esta margem do rio era francesa e a outra era inglesa. Os combates faziam deslocar periodicamente a linha de demarcação. Directamente por baixo de nós temos Beynac, uma praça forte francesa.”

Kramer olhou para baixo, vendo uma pitoresca cidade turística com curiosas construções em pedra e telhados em pedra mais escura. Nas estreitas ruas cheias de curvas não se via um único turista. A cidade de Beynac erguia-se na encosta da falésia, desde a margem do rio até aos muros de um velho castelo.

“E ali”, disse Marek, apontando para a outra margem do rio, “pode ver a cidade adversária de CasteInaud. Uma praça forte inglesa.”

No topo de uma colina distante Kramer viu um segundo castelo, este construído totalmente em pedra amarela. O castelo era pequeno mas havia sido restaurado de uma forma admirável, com as suas três torres circulares erguendo-se graciosamente no ar, ligadas entre si por muros altos. Também no caso deste se via uma curiosa cidade turística construída em volta da sua base.

Ela disse: “Mas este não é o nosso projecto ...”

“Não”, respondeu Marek. “Estou só a mostrar-lhe a disposição geral da região. Ao longo de todo o rio Dordogne pode encontrar estes pares de castelos opondo-se um ao outro. O nosso projecto também envolve um par de castelos que se opõem um ao outro, mas fica algumas milhas mais abaixo. Vamos agora para lá.”

O helicóptero mudou de rumo, dirigindo-se para oeste sobre as colinas onduladas. Deixaram para trás a área turística; Kramer verificou com agrado que o terreno por baixo deles era composto, na sua maioria, por floresta. Passaram por uma pequena cidade junto do rio chamada Envieux, para em seguida voltarem a subir na direcção das colinas. Quando atingiram o topo de uma das colinas viu de repente uma grande extensão de prado verde. No centro do prado viam-se os restos de casas de pedra arruinadas, as paredes erguidas umas em relação às outras em ângulos estranhos. Via-se claramente que outrora havia sido uma cidade, com as casas situadas dentro das paredes de um castelo. Mas as paredes haviam-se transformado numa linha de cascalho e, praticamente, já não existia nada do castelo; só conseguiu ver as bases de duas torres redondas e fragmentos de uma muralha semidestruída que as ligava entre si. Aqui e ali viam-se tendas erguidas entre as ruínas. Avistou várias dezenas de pessoas que trabalhavam ali.

“Até há três anos tudo isto pertencia a um criador de cabras”, disse Marek. “Os Franceses quase haviam esquecido estas ruínas, que tinham sido invadidas pela floresta. Fizemos a limpeza do terreno e reconstruímos qualquer coisa. Aquilo que está a ver foi em tempos a famosa praça forte inglesa de Castलगard.”

“Isto é Castलगard?, observou Kramer. Tão Pouco ficara. Algumas paredes ainda de pé indicavam uma cidade. E do castelo, propriamente quase nada. “Estava à espera de que fosse maior”, disse ela. “Nos seus dias Castलगard era

uma grande cidade, com um castelo absolutamente imponente”, disse Marek. “Mas serão necessários vários anos até que esteja tudo restaurado.”

Kramer tentava encontrar uma maneira de vir a explicar aquilo tudo a Doniger. O projecto Dordogne não estava tão adiantado como Doniger imaginara. Seria extremamente difícil começar uma reconstrução de vulto com o local ainda tão fragmentado. E ela tinha a certeza de que o Professor Johnston resistiria a qualquer sugestão para começar.

Marek estava a dizer: "Instalámos o nosso quartel-general naquela quinta que se vê ali." Apontou para uma quinta com várias construções em pedra não muito distante das ruínas. Uma tenda verde erguia-se junto de uma das construções. "Quer dar mais uma volta para ver melhor Castelgard?"

"Não", disse Kramer, tentando disfarçar na voz o seu desapontamento. "Vamos continuar."

"Okay, então vamos para o moinho."

O helicóptero mudou mais uma vez de rumo, dirigindo-se na direcção do rio. O terreno descia numa encosta suave para, em seguida, se tornar plano ao longo das margens do rio. Atravessaram o rio, largo e de um castanho escuro, aproximando-se de uma ilha densamente arborizada próxima da margem mais distante. Entre a ilha e a margem norte havia um braço do rio com pouco mais de cinco metros de largura onde a corrente era mais forte. Viu então as ruínas de uma outra estrutura - de facto tão arruinada que se tornava difícil dizer o que é que havia sido noutros tempos. "E isto?", perguntou ela olhando para baixo. "O que é isto?"

"E a azenha. Houve em tempos uma ponte sobre o rio, com rodas por baixo movimentadas pela água. Usavam a energia da água para moer o grão e para accionar grandes foles para o fabrico do aço."

"Aqui nada foi reconstruído", disse Kramer. Suspirou.

"Não", respondeu Marek. "Mas temos estado a estudar o local. Chris Hughes, um dos nossos estudantes licenciados, investigou o local de uma forma exaustiva. É Chris que está lá em baixo juntamente com o Professor."

Kramer viu um jovem de aspecto robusto e cabelos escuros que se encontrava junto da figura alta e imponente que reconheceu como sendo o Professor Johnston. Nenhum dos homens olhou para cima quando o helicóptero passou sobre eles; estavam concentrados no seu trabalho.

Agora o helicóptero deixava o rio para trás e dirigia-se para o terreno plano que se encontrava a leste. Passaram sobre um conjunto complexo de paredes rectangulares que se avistavam como linhas escuras à luz oblíqua da manhã. Kramer calculou que as paredes não deveriam ter mais do que algumas polegadas de altura. Mas davam uma ideia perfeita daquilo que deveria ter sido uma pequena cidade.

“E isto? Outra cidade?”

“Mais ou menos. É o Mosteiro de Sainte-Mère”, disse Marek. “Um dos mosteiros mais ricos e poderosos de França. Foi completamente destruído no século catorze.”

“Grandes escavações que estão ali a ser feitas”, disse Kramer. “É verdade, é o nosso local de obras mais importante.”

Enquanto sobrevoavam a área conseguiu avistar os grandes poços quadrados que haviam sido escavados até às catacumbas situadas por debaixo do mosteiro. Kramer sabia que a equipa dedicava uma grande atenção a este local porque esperavam encontrar mais esconderijos de documentos monásticos; já haviam descoberto um número razoável.

O helicóptero passou a zona e aproximou-se das falésias calcárias no lado francês e de uma pequena cidade. O helicóptero elevou-se até ao topo da falésia.

“Chegamos ao quarto e último ponto,” disse Marek. “A fortaleza acima da cidade de Bezenac. Na Idade Média era chamada La Roque. Embora esteja situada no lado francês do rio foi, na realidade, construída pelos Ingleses que procuravam manter uma praça forte em território francês. Como pode ver, é bastante ampla.”

E era de facto: um enorme complexo militar no topo da colina, com dois conjuntos de muralhas concêntricas, uma dentro da outra, estendendo-se ao longo de cinquenta acres. Deu um pequeno suspiro de alívio. A fortaleza de La Roque estava em melhores condições do que o resto do projecto e tinha um maior número de muralhas que se mantinham de pé. Era fácil de ver como é que fora outrora.

Mas também estava cheia de turistas.

“Deixa entrar turistas?” perguntou ela espantada.

“Na realidade a decisão não foi nossa”, disse Marek. “Como sabe, trata-se de um novo local e o governo francês manifestou vontade de que se mantivesse aberto ao público. Mas é evidente que será novamente encerrado quando começarmos a reconstrução.”

“E quando é que será isso?”

“Oh... entre dois a cinco anos a contar de agora.”

Ela não disse nada. O helicóptero circundou a área e voltou a subir.

“E agora”, disse Marek, “chegamos ao fim. Daqui pode ver todo o projecto: a fortaleza de La Roque, o mosteiro na planície, a azenha, e do outro lado do rio a fortaleza de Castलगard. Quer dar mais uma vista de olhos?”

“Não”, disse Diane Kramer. “Podemos voltar. já vi o suficiente.”

Edward Johnston, Professor Titular de História na Universidade de Yale, olhou de relance para o helicóptero que passava por cima dele. Dirigia-se para sul, na direcção de Dorrime, onde havia uma zona de aterragem. Johnston viu as horas e disse: “Vamos continuar, Chris.”

Okay”, respondeu Chris Hughes. Voltou-se para o computador montado num tripé na frente deles, introduziu o cabo do GPS e ligou o equipamento. “Preciso de um ou dois minutos para o pôr a funcionar.”

Christopher Stewart Hughes era um dos estudantes que trabalhavam com Johnston já com a licenciatura concluída. O Professor - era invariavelmente conhecido por este nome - tinha cinco estudantes licenciados a trabalharem no projecto, bem como duas dúzias de estudantes sem o curso concluído que haviam ficado seduzidos pelo seu curso de introdução à Civilização Ocidental.

Era fácil, pensou Chris, qualquer pessoa sentir-se seduzida por Edward Johnston. Embora já tivesse passado há muito dos sessenta anos, Johnston tinha ombros largos e demonstrava uma boa forma; movia-se rapidamente, dando a impressão de vigor e energia. Bronzeado, com olhos escuros e um ar sardônico, na maioria das vezes parecia-se mais com Mefistófeles do que com um professor de História.

E, no entanto, continuava a vestir-se como qualquer professor universitário: mesmo ali no campo usava camisa e gravata. A sua única concessão ao trabalho no campo eram as jeans e as botas altas.

Aquilo que fazia com que Johnston fosse tão querido pelos seus alunos era o modo como se envolvia nas suas vidas: uma vez por semana comiam na sua casa; cuidava deles; se algum deles tivesse problemas com os estudos, dinheiro ou com a família distante, estava sempre pronto a resolver a dificuldade, dando sempre a ideia de que não fazia absolutamente nada.

Chris desembrulhou cuidadosamente a caixa metálica que se encontrava junto dos seus pés, tirando primeiro um ecrã transparente de cristal líquido, que montou verticalmente com a ajuda de braçadeiras por cima do computador. Em seguida, arrancou novamente com o computador para que ele pudesse reconhecer o ecrã.

“Só mais alguns segundos”, disse. “O GPS está a calibrar.” Johnston limitou-se a acenar pacientemente com a cabeça e sorriu.

Chris era licenciado em História da Ciência - um tema amargamente controverso - mas afastou-se claramente das disputas concentrando-se não na ciência moderna mas, em vez disso, na

ciência e técnica medievais. Deste modo estava a tornar-se um especialista em técnicas de metalurgia, fabrico de armaduras, rotação de colheitas, química de tingimento, e uma dúzia de outros temas desse período. Decidira fazer a sua tese de doutoramento sobre a tecnologia dos moinhos medievais - uma área fascinante embora muito negligenciada.

E o seu interesse mais particular ia, evidentemente, para o moinho de Sainte-Mère.

Johnston aguardou calmamente.

Chris era aluno do primeiro ano quando os pais morreram num acidente de automóvel. Chris, filho único, ficou completamente devastado; chegou a pensar em abandonar a universidade. Johnston transferiu o jovem estudante para sua casa durante três meses e serviu-lhe de pai substituto durante muitos anos a partir daí, aconselhando-o nos mais diversos assuntos, desde o governo das propriedades dos seus pais até problemas com as namoradas. E houve de facto montes de problemas com as namoradas.

No período que se seguiu à morte dos seus pais, Chris deixou-se envolver com muitas mulheres. A subsequente complexidade da sua vida - atitudes agressivas durante um seminário por parte de uma amante rejeitada; telefonemas em pânico a meio da noite para o seu quarto por causa de um período que não tinha vindo, quando estava na cama com outra; encontros clandestinos num quarto de hotel com uma professora associada de Filosofia que se encontrava a meio de um divórcio litigioso - tudo isto se transformou numa textura familiar na sua vida. Como era inevitável, os seus resultados começaram a ressentir-se deste conjunto de situações, e foi então que Johnston o chamou à parte, passando várias noites a discutir com ele diversos assuntos.

Mas Chris não estava na disposição de ouvir; pouco depois foi intimado para prestar declarações no processo de divórcio. Só a intervenção pessoal do Professor evitou que tivesse sido expulso de Yale. A reacção de Chris a esta súbita situação de perigo foi a de mergulhar nos estudos; os seus resultados começaram a melhorar

sensivelmente até que, finalmente, conseguiu um quinto lugar quando se licenciou. Mas todo este processo fez com que se tornasse num conservador convicto. Presentemente, com vinte e quatro anos, apresentava sintomas de agitação nervosa e sofria de problemas de estômago. Continuava ousado apenas com as mulheres.

“Finalmente” disse Chris. “Está a aparecer.”

No ecrã de cristal líquido distinguia-se um contorno em verde brilhante. Na imagem transparente viam-se as ruínas do moinho, com o contorno verde que se sobrepunha. Este era o método mais recente para modelar estruturas arqueológicas. Inicialmente baseavam-se em modelos arquitectónicos vulgares, feitos de esferovite, cortados e montados à mão. Mas a técnica era lenta e tornava-se difícil fazer modificações.

Presentemente, todos os modelos eram feitos em computador. Os modelos podiam ser montados rapidamente e era fácil fazer uma revisão. Além disso, usava-se este método para observar modelos no campo. Eram fornecidas ao computador as coordenadas geográficas da ruína; utilizando a posição do GPS fixo num tripé, a imagem que se via no ecrã apresentava uma perspectiva exacta.

“Sei que é um risco ...” disse ele.

“Não, de modo nenhum”, respondeu o Professor. “Acho que faz sentido.” Existiam referências na literatura sobre moinhos fortificados, e havia certamente muitos registos de inúmeras batalhas em torno de moinhos ou por causa de direitos sobre moinhos. Mas, actualmente, poucos moinhos fortificados eram conhecidos: um em Buerge e outro recentemente descoberto próximo de Montauban, no vale a seguir. A maioria dos historiadores medievais acreditava que estas construções de moinhos fortificados eram raras.

“As bases das colunas ao nível da água eram muito largas”, disse Chris. “Como, em muitas outras situações que se verificavam por aqui, quando o moinho era abandonado, as pessoas locais usavam-no como uma pedreira. Levavam as pedras para construírem

as suas próprias casas. Mas as rochas das bases das colunas eram deixadas para trás, simplesmente porque eram demasiado grandes para serem transportadas. Para mim isto deixa antever uma ponte maciça. Provavelmente fortificada.”

“Talvez tenhas razão”, respondeu Johnston. “E acho que ...”

o rádio que trazia preso no cinto crepitou. “Chris? O Professor está contigo? O ministro está no local.”

Johnston olhou para o outro lado da escavação do mosteiro, na direcção da estrada poeirenta que corria ao longo da margem do rio. Um Land Rover verde com letras brancas pintadas nos painéis laterais dirigia-se a toda a velocidade na direcção deles, levantando uma nuvem de poeira. “Não há dúvida”, exclamou. “Deve ser o François. Passa a vida a correr de um lado para o outro.”

“Edouard! Edouard!” François Bellin agarrou o Professor pelos ombros e beijou-o em ambas as faces. Bellin era um homem corpulento, careca, e exuberante. Falou num francês rápido. “Meu querido amigo, há tanto tempo que não te via! Como é que vais?”

“Estou ótimo, François”, disse Johnston, afastando-se um passo da sua efusividade. Sempre que Bellin se mostrava excessivamente amistoso isso queria dizer que se aproximava um problema a passos largos. “E tu, François?”, disse Johnston. “Como é que vai isso?”

“Sempre na mesma, sempre na mesma. Mas na minha idade isso já é mais do que suficiente.” Observou o local demoradamente e, em seguida, colocou a mão no ombro de Johnston, num ar conspiratório. “Edouard, tenho que te pedir um favor. Estou com um pequeno problema.”

“Oh?”

“Conheces aquela repórter do Express ...” “Não”, disse Johnston. “De modo nenhum.” “Mas Edouard ...”

“Já falei com ela ao telefone. É uma dessas pessoas intriguistas que nem sequer sabe aquilo que quer. O capitalismo é mau, todas as corporações são obra do diabo ...”

“Eu sei, eu sei, Edouard, tudo aquilo que dizes é verdade.” Aproximou-se mais. “Mas vai para a cama com o ministro da Cultura.”

“Isso não quer dizer que nos limite o campo de manobra” disse Johnston.

“Edouard, por favor. As pessoas começam a ouvir aquilo que ela diz. Ela pode causar problemas. Para mim. Para ti. Para este projecto.”

Johnston suspirou desalentado.

“Sabes que existe um sentimento generalizado de que os americanos só servem para destruir as outras culturas, ao mesmo tempo que não têm cultura própria. Tem havido Problemas com o cinema e a música. E tem sido discutida a possibilidade de banir os americanos de todos os locais culturais franceses. Hmm?”

Johnston disse: “Isso já é velho”.

“E o teu próprio patrocinador, a ITC, pediu-te que fales com ela.” isso é verdade?”

“Exactamente. Uma tal Ms. Kramer pediu-te que fales com ela.” Johnston suspirou mais uma vez.

“Só perdes alguns minutos, prometo-te”, disse Bellin apontando para o Land Rover. “Ela está no carro.”

Johnston perguntou: “Trouxeste-a pessoalmente?”

“Edouard, estou a tentar explicar-te”, disse Bellin. “Temos que levar esta mulher a sério. Chama-se Louise Delvert.”

Quando ela desceu da viatura, Chris viu uma mulher com pouco mais de quarenta anos, esguia e morena, um rosto agradável e de aspecto atraente. Tinha o estilo das mulheres europeias a entrar na idade madura, exalando de uma forma subentendida uma sexualidade sofisticada. Vestia-se como se estivesse preparada para uma expedição, camisa e calças de caqui, máquina fotográfica, vídeo e gravador pendurados ao pescoço. Trazia na mão um bloco de notas e dirigiu-se para eles com um ar profissional.

Mas ao aproximar-se abrandou o passo.

Delvert estendeu-lhe a mão. "Professor Johnston", disse ela num inglês sem sotaque. O seu sorriso era sincero e quente. "Nem sabe como lhe estou agradecida por perder o seu tempo para me receber."

"Não tem de quê", respondeu Johnston, apertando-lhe a mão. "Fez uma grande viagem, Miss Delvert. Tenho o maior prazer em ajudá-la naquilo que me for possível."

Johnston continuava a segurar-lhe a mão. Ela continuava a sorrir para ele. Esta situação prolongou-se por mais dez segundos, até que ela disse que era muito amável da parte dele e ele respondeu que, muito pelo contrário, era o mínimo que podia fazer por ela.

Caminharam ao longo das escavações do mosteiro num pequeno grupo compacto: o Professor e Miss Delvert à frente, Bellin e Chris seguindo atrás, não demasiado perto mas mesmo assim tentando ouvir a conversa. Bellin ostentava um sorriso calmo denotando satisfação; Chris pensou que havia mais do que uma maneira de lidar com um incómodo ministro da Cultura.

Quanto ao Professor, a esposa morrera há muitos anos, e embora circulassem rumores, Chris nunca o vira com outra mulher. Sentia-se fascinado ao vê-lo agora. Johnston não havia mudado o seu modo de proceder; simplesmente concedeu à repórter a sua total atenção. Conseguia transmitir a ideia de que não existia nada mais importante no mundo do que ela. E Chris tinha a impressão de que as perguntas dela eram muito menos agressivas do que havia planeado.

"Como sabe, Professor", disse ela, "desde há algum tempo que o meu jornal tem estado a preparar uma história sobre a companhia americana ITC." "Sim, já ouvi falar nisso."

"É verdade que a ITC patrocina este projecto?" "Sim, são eles de facto."

Ela disse: "Disseram-nos que eles contribuem com um milhão de dólares

por ano."

"É mais ou menos isso."

Continuaram a caminhar por mais alguns momentos. Parecia que ela preparava a pergunta seguinte cuidadosamente.

"No jornal há quem pense", disse ela, "que é muito dinheiro para gastar em arqueologia medieval."

"Bom, pode dizer a essa gente do jornal", disse Johnston, "que não é. Para dizer a verdade, é o valor médio para um projecto deste tamanho. ITC dá-nos duzentos e cinquenta mil em custos directos, cento e vinte e cinco mil em custos indirectos pagos à universidade, mais oitenta mil em bolsas de estudo, salários e despesas de viagem e alimentação, e ainda cinquenta para custos de laboratório e arquivo."

"Mas de certeza que deve haver muito mais do que isso", disse ela, brincando com o cabelo com uma esferográfica e pestanejando rapidamente. Chris pensou, a fulana está a fazer-lhe olhinhos. Nunca vira uma mulher fazer uma coisa daquelas. Só uma francesa era capaz daquilo.

O Professor pareceu não ter notado. "Sim, de facto há mais", respondeu, "Mas não tem nada a ver connosco. O resto tem a ver com custos de reconstrução do próprio local. É contabilizado à parte dado que, como é do seu conhecimento, os custos de reconstrução são partilhados com o seu governo."

"Eu sei", disse ela. "Sendo assim, o meio milhão de dólares que a sua equipa gasta, na sua opinião é uma coisa perfeitamente normal?"

"Bom, acho que podemos perguntar ao François qual é a sua opinião", disse Johnston. "Mas não nos podemos esquecer de que se trabalha em vinte e sete locais arqueológicos neste canto da França. Vão desde as escavações do Paleolítico que a Universidade de Zurique está a fazer com a Carnegic-Mellon, ao castrum Romano, o

forte, onde a Universidade de Bordéus está a trabalhar com Oxford. O custo médio anual destes projectos é de cerca de meio milhão de dólares por ano.”

“Não sabia disso.” Olhava-o directamente nos olhos, numa atitude de total admiração. Admiração a mais, pensou Chris. Lembrou-se de repente de que poderia ter interpretado mal o que se estava a passar. Podia tratar-se simplesmente de uma tentativa dela para conseguir uma história.

Johnston olhou de relance para Bellin, que caminhava logo atrás dele. “François? Qual é a tua opinião.”

“Acho que sabes aquilo que estás a fazer - isto é, a dizer”, respondeu Bellin. “Os fundos variam entre quatrocentos e seiscentos mil dólares americanos. Os Escandinavos, Alemães e Americanos custam mais. O Paleolítico custa mais. Mas acho que sim, podemos considerar meio milhão como uma média razoável.”

Miss Delvert continuou sem tirar os olhos de Johnston: “E para os seus subsídios, Professor Johnston, quais são os contactos que necessita de manter com a ITC?”

“Praticamente nenhuns.” “Praticamente nenhuns? A sério?”

“O seu presidente, Robert Doniger, visitou-nos há dois anos. É um apaixonado pela história e mostrou muito entusiasmo parecia quase uma criança. Além disso a ITC manda um vice-presidente uma vez por mês. Neste momento temos cá um. Mas de um modo geral deixam-nos em paz.”

“E o que é que sabe da ITC em si?”

Johnston encolheu os ombros. “Fazem investigação em física quântica. Fabricam componentes usados em IRM'S aparelhos médicos e coisas análogas. E estão a desenvolver diversas técnicas de base de dados de suporte quântico, precisamente para conseguir datar qualquer artefacto. Estamos a colaborar nesse aspecto.”

“Estou a ver. E essas técnicas, funcionam?”

“Temos protótipos de dispositivos no nosso escritório da quinta. Até agora têm-se mostrado demasiado delicados para trabalho de

campo. Avariaram-se com muita frequência.”

“Mas é por isso que a iTC o está a subsidiar - para testar o seu equipamento?”

“Não”, respondeu Johnston. “É exactamente o contrário. A iTC está a produzir equipamento de datar pela mesma razão que leva a iTC a subsidiar-nos

- porque Bob Doniger é um entusiasta a respeito da história. Somos o seu hobby.”

“É possível. Mas Mr. Doniger também é um homem de negócios agressivo e com visão.”

“É verdade.”

“Está mesmo convencido de que ele o está a subsidiar sem qualquer interesse pessoal?” Falava num tom ligeiro, quase provocante.

Johnston olhou directamente para ela. “Nunca se sabe, Miss Delvert, Por vezes torna-se extremamente difícil conhecer a fundo as razões de uma pessoa.” Chris pensou: Ele também está desconfiado.

Delvert deu a impressão de que também o sentiu e imediatamente passou para um tom mais profissional. “É evidente que sim. Mas tenho um motivo para fazer esta pergunta. É ou não verdade que não detém a propriedade dos resultados da sua investigação? Qualquer coisa que encontre, qualquer coisa que descubra, é propriedade da ITC.”

“Sim, está correcto.”

“E isso não o incomoda?”

“Se eu trabalhasse para a Microsoft, Bill Gates seria o dono dos resultados da minha investigação. Bill Gates tomaria posse de qualquer coisa que eu encontrasse ou descobrisse.”

“Concordo. Mas dificilmente poderemos afirmar que se trata da mesma situação.”

“Porque não? A iTC é uma companhia técnica, e Doniger estabeleceu este subsídio dentro dos moldes que as companhias

técnicas utilizam para tais situações. O acordo não me preocupa. Temos o direito de publicar as nossas descobertas - vão ao ponto de pagarem essa mesma publicação."

"Depois de as terem aprovado."

"É verdade. Primeiro enviamos os nossos relatórios para eles. Mas nunca fizeram qualquer comentário."

"Sendo assim, não vê qualquer plano especial que a iTC tenha na manga?" perguntou ela.

"Acha que sim?"

"Não faço ideia", respondeu ela. "É por causa disso que lhe estou a perguntar. É evidente que existem diversos aspectos mesmo muito estranhos no comportamento da ITC enquanto companhia."

"Que aspectos?"

"Por exemplo", disse ela, "são um dos maiores consumidores de xénon em todo o mundo."

"Xénon? Está a falar do gás?"

"Exactamente. É usado em lasers e em válvulas electrónicas."

Johnston encolheu os ombros. "Por mim podem ter todo o gás xénon que quiserem. Não consigo entender como é que isso possa estar relacionado comigo." "E o que é que me diz do interesse deles a respeito de metais raros? Há

pouco tempo a iTC comprou uma companhia nigeriana para assegurar o seu fornecimento de nióbio."

"Nióbio." Johnston abanou a cabeça. "O que é o nióbio?" "É um metal semelhante ao titânio."

"E é usado em quê?"

"Em electroímans supercondutores, e em reactores nucleares."

"E tem alguma ideia sobre aquilo em que a iTC o usa?" Johnston abanou a cabeça mais uma vez. "Tem de lhes perguntar, Miss Delvert."

“já o fiz. Disseram que era para 1ma investigação em magnetismo avançado. Está a ver? Tem alguma razão para não acreditar naquilo que lhe disseram?” “Não”, respondeu ela. “Mas conforme me disse, a ITC é uma companhia

de investigação. Empregam duzentos físicos na sede das suas instalações, um lugar chamado Black Rock, no Novo México. É claramente e sem qualquer dúvida uma companhia de alta tecnologia.”

“SIM ...”

“É isso que me leva a pensar. Porque é que uma companhia de alta tecnologia havia de querer tantos terrenos?”

“Terrenos?” “A iTC comprou grandes parcelas de terreno em lugares remotos por todo o mundo: nas montanhas de Sumatra, no norte do Cambodja, no sudeste do Paquistão, nas selvas da Guatemala central, nas terras altas do Peru.”

Johnston franziu as sobrancelhas. “Tem a certeza?”

“Tenho. Também fizeram aquisições na Europa. A oeste de Roma, 500 hectares. Na Alemanha, próximo de Heidelberg, setecentos hectares. Na França, 1000 hectares nas colinas calcárias sobre o Rio Lot. E finalmente, aqui também.”

“Aqui?” “Exacto. Servindo-se de companhias de holding britânicas e suecas, nos mais

diversos locais em torno deste local. Presentemente é, na sua maioria, terra arável e florestas.”

“Companhias de holding?” perguntou.

“Tudo isto se torna muito difícil de detectar. O que quer que seja que a ITC está a fazer, é evidente que requer secretismo. Mas porque é que esta companhia há-de subsidiar a sua investigação e, ao mesmo tempo, comprar os terrenos em torno do local?”

“Não faço a menor ideia”, disse Johnston. “Especialmente porque a iTC não é proprietária do local. Não se esqueça de que no

último ano eles deram toda a área - Castelgard, Sainte-Mère e La Roque - ao governo francês."

Evidentemente. Por uma questão de isenção de impostos."

"Mas mesmo assim, a ITC continua a não possuir o local. Porque é que haviam de comprar os terrenos em torno dele?"

"Tenho o maior prazer em mostrar-lhe tudo aquilo que tenho." "Talvez", disse Johnston, "fosse melhor."

"Tenho os elementos da minha investigação no carro."

Dirigiram-se os dois para o Land Rover. Olhando para eles enquanto se afastavam, Bellin deu um estalo com a língua. "Ah, valha-me Deus. Nos nossos dias torna-se tão difícil uma pessoa acreditar!"

Chris preparava-se para responder no seu francês péssimo quando o rádio crepitou. "Chris?" Era David Stern, o técnico do projecto. "Chris, o Professor está contigo? Pergunta-lhe se conhece alguém chamado James Wauneka."

Chris premiu o botão do emissor. "Neste momento o Professor está ocupado. O que é que se passa?"

"É um tipo qualquer de Gallup. Já telefonou duas vezes. Quer mandar uma fotografia do nosso mosteiro que ele diz ter encontrado no deserto." "O quê? No deserto?"

"É possível que tenha um parafuso a menos. Diz que é polícia e continua a gaguejar qualquer coisa sobre um empregado da ITC que faleceu." "Diz-lhe que a mande para o nosso endereço de e-mail." disse Chris.

"E quando chegar dá-lhe uma vista de olhos."

Voltou a desligar o rádio. Bellin estava a olhar para o relógio e em seguida voltou-se para o carro, junto do qual se encontravam Johnston e Delvert, as cabeças tão juntas que quase se tocavam, enquanto consultavam diversos papéis.

"Tenho reuniões", disse ele em tom desalentado. "Quem sabe quanto tempo é que isto ainda vai durar?"

“Acho”, disse Chris, “que já não deve demorar muito”.

Vinte minutos mais tarde Bellin afastava-se no Land Rover com Miss Delvert sentada ao seu lado, e Chris encontrava-se de pé junto do Professor, acenando uma despedida. “Acho que correu tudo bastante bem”, disse Johnston. “O que é que ela lhe mostrou?”

“Alguns registos de compra de terrenos da área situada em volta. Mas não é convincente. Quatro parcelas foram compradas por um grupo alemão de investimento sobre o qual se sabe muito pouco. Duas parcelas foram compradas por um advogado britânico que garante ir passar ali a sua reforma; outra por um banqueiro holandês para a sua filha de maior idade; e outras situações do mesmo género.”

“Há anos que os Britânicos e os Holandeses têm estado a comprar terrenos no Périgord” I disse Chris. “Não é novidade nenhuma.”

“Exactamente. Ela tem uma ideia qualquer de que todas as compras efectuadas podem conduzir à ITC. Mas é uma coisa muito vaga. É preciso ser de facto um crente.”

O carro tinha desaparecido. Voltaram-se e caminharam na direcção do rio. O sol erguera-se no céu e estava mais quente.

Cautelosamente Chris observou: “Não há dúvida de que é uma mulher encantadora.”

“Acho”, respondeu Johnston, “que se dedica exageradamente àquilo que faz.”

Entraram no barco a remos que se encontrava na margem do rio, e Chris remou na direcção de Castelpard.

Deixaram o barco a remos para trás e começaram a trepar em direcção ao topo da colina de Castelpard. Viram os primeiros sinais das muralhas do castelo. Deste lado, tudo aquilo que ainda existia das muralhas eram aterros cheios de ervas que terminavam em longas cicatrizes de pedras expostas e quase desfeitas. Depois de seiscentos anos quase que parecia uma característica normal da paisagem. Mas, na realidade, eram os restos de uma muralha.

“Você está a ver”, disse o Professor, “aquilo que ela na realidade detesta é o aspecto do patrocínio feito por uma corporação. Mas a investigação arqueológica dependeu sempre de benfeitores externos. Há sete anos atrás, os benfeitores eram todos individuais: Carnegie, Peabody, Stanford. Mas actualmente a riqueza encontra-se nas corporações, e é por isso que a Nippon TV financia a Capela Sistina, a British Telecom financia York, a Philips Electronics financia o castrum de Toulouse, e a ITC nos financia a nós.”

“Falai no iria]”, disse Chris. Ao chegarem ao topo da colina viram a silhueta morena de Diane Kramer que se encontrava junto de André Marek.

o Professor suspirou. “Este dia está completamente perdido. Quanto tempo é que ela vai estar aqui?”

“O avião dela está em Bergerac. Está tudo programado para que ela saia daqui às três da tarde.”

“Peço desculpa por causa daquela mulher”, disse Diane Kramer quando Johnston se aproximou dela. “Tem andado a chatear toda a gente mas temos sido incapazes de fazer o que quer que seja para remediar a situação.”

“Bellin disse-me que você queria que eu falasse com ela.”

“Queremos que toda a gente fale com ela”, disse Kramer. “Estamos a fazer tudo o que se encontra ao nosso alcance para lhe demonstrar que não temos segredos.”

“Deu-me a ideia de que aquilo que a preocupa mais”, disse Johnston, “é o facto da ITC estar a comprar terrenos nesta área.”

“Comprar terrenos? A ITC?” Kramer deu uma gargalhada. “É a primeira vez que ouço uma coisa dessas. Também lhe fez perguntas sobre móbio e reactores nucleares?”

“De facto perguntou. Disse que vocês compraram uma companhia na Nigéria para garantir o fornecimento.”

“Nigéria”, repetiu Kramer abanando a cabeça. “Valha-me Deus. O nosso nióbio vem do Canadá. Como Sabe, o nióbio não é exactamente um metal raro. Vende-se a setenta e cinco dólares a

libra." Abanou a cabeça. "Convidámo-la a fazer uma visita às nossas instalações, a entrevistar o nosso presidente, a trazer um fotógrafo, os seus próprios especialistas, tudo aquilo que ela quisesse. Mas não. É o jornalismo moderno: não deixemos que os factos se atravessem no nosso caminho."

Kramer voltou-se e apontou para as ruínas de Castelgard que se encontravam à volta deles. "De qualquer modo", disse ela, "fiz uma excelente visita com o Dr. Marek, de helicóptero e a pé. É evidente que vocês estão a fazer um trabalho absolutamente espectacular. O progresso é notável o trabalho é de uma qualidade académica extremamente elevada, os registos são excepcionais, a sua gente sente-se feliz, o projecto está a ser muito bem dirigido. Não há dúvida de que é fabuloso. Não podia sentir-me mais feliz. Mas o Dr. Marek disse-me que ia chegar atrasado para a sua... o que era?"

"O meu plano de ataque", disse Marek.

"O seu plano de ataque. Acho que sim. Acho que não se podia esperar outra coisa dele. Não parece que seja qualquer coisa que se possa mudar, como uma lição de plano. Entretanto, vamos todos dar uma volta pelo local?"

"Por mim acho bem", disse Johnston.

O rádio de Chris crepitou. Ouviu-se uma voz que dizia, "Chris? É a Sophie para ti."

"Diz-lhe que lhe telefono mais tarde."

"Não, não", disse Kramer. "Telefone à vontade. Entretanto posso falar com o Professor a sós."

Johnston disse rapidamente: "Normalmente tenho o Chris comigo para tomar apontamentos."

"Estou convencida de que hoje não precisamos de apontamentos."

"Está bem. Pois seja." Voltou-se para Chris. "Mas dá-me o teu rádio, não vá acontecer alguma coisa."

“Não há problemas”, respondeu Chris. Tirou o rádio do cinto e entregou-o a Johnston. Quando Johnston pegou no rádio, activou propositadamente o comutador de activação da voz. Em seguida colocou-o no cinto.

“Obrigado”, disse Johnston. “Agora é melhor telefonares à Sophie. Já sabes que ela não gosta de ficar à espera.”

“Está certo”, respondeu Chris.

Enquanto Johnston e Kramer começaram a caminhar pelas ruínas, disparou a correr através do campo que o separava da casa agrícola onde haviam instalado os gabinetes do projecto.

Logo a seguir às paredes em ruínas da cidade de Castelgard, a equipa havia comprado um armazém em pedra bastante delapidado, e tinham reconstruído o telhado e reparado as paredes em pedra. Era ali que armazenavam todos os dispositivos electrónicos, equipamento de laboratório e os computadores de arquivo. Registos e artefactos ainda não processados encontravam-se espalhados no solo dentro de uma ampla tenda verde adjacente à casa agrícola.

Chris foi ao armazém, uma ampla dependência que eles haviam dividido em duas. Do lado esquerdo, Elsie Kastner, linguista da equipa e especialista em grafologia, sentava-se na sua própria sala, debruçada sobre documentos em pergaminho. Chris ignorou-a e dirigiu-se sem parar para a sala atafalhada com equipamento electrónico. Nessa sala David Stern, o técnico do projecto, um indivíduo magro e usando óculos, estava a falar ao telefone.

“Bom”, estava Stern a dizer, “vai ter que fazer o scan do seu documento com uma resolução bastante alta para o mandar para nós. Vocês têm aí scanner?” Chris tocou no ombro de Stern. Com os lábios formou a palavra, Rádio. Stern acenou com a cabeça num gesto de compreensão e tirou o seu pró-

prio rádio do cinto. “Bom, acho que sim, o scanner do hospital está perfeito. Talvez tenham alguém que o possa ajudar. Precisamos de mil duzentos e oitenta por mil e vinte e quatro, gravado como ficheiro JPEG. Em seguida transmite-o para nós ...”

Chris correu para o exterior, sem deixar de comutar os canais rádio um a UM.

Da porta do armazém conseguia avistar todo o estaleiro. Viu Johnston e Kramer caminhando na berma do planalto sobranceiro ao mosteiro. Ela tinha um bloco de notas aberto e mostrava-lhe qualquer coisa no papel.

E finalmente encontrou-os no canal oito.

"... aceleração significativa no ritmo da investigação", estava ela a dizer. E o Professor disse: "O quê?"

O Professor Johnston olhou por cima dos seus óculos sem armação para a mulher que se encontrava de pé à sua frente. "É impossível", exclamou.

Ela inspirou profundamente. "Talvez não me tenha explicado bem. Neste Momento já está a fazer uma certa percentagem de reconstrução. Aquilo que Bob gostaria de fazer", disse ela, "era aumentar para um programa completo de reconstrução."

"Pois sim. E isso é impossível." "Posso saber porquê?"

"Porque ainda não sabemos o suficiente, é essa a razão", respondeu Johnston irritadamente. "Veja uma coisa: a única reconstrução que até agora fizemos foi por uma questão de segurança. Reconstruímos paredes para que não caiam em cima dos nossos investigadores. Mas neste momento ainda não nos encontramos em condições para começarmos a reconstruir todo o estaleiro."

"Mas de certeza que se pode fazer pelo menos em relação a uma parte", disse ela. "Quer dizer, olhe por exemplo para o mosteiro que temos ali. Tenho a certeza de que podia reconstruir a igreja, o claustro que se encontra ao lado, o refeitório e ..."

"O quê?", exclamou Johnston. "O refeitório?" O refeitório era a sala de jantar onde os monges tomavam as suas refeições. Johnston apontou para o local, onde paredes baixas e trincheiras que se entrecruzavam estabeleciam um padrão confuso. "Quem é que disse que o refeitório ficava a seguir ao claustro?" "Bom, eu ..."

“Está a ver? É esse exactamente o meu ponto de vista”, disse Johnston. “Ainda não temos a certeza da localização do refeitório. Só muito recentemente é que começámos a pensar que poderá situar-se a seguir ao claustro, mas ainda não temos a certeza.”

Ela disse irritadamente: “Professor, os estudos académicos podem continuar indefinidamente, mas num mundo real de resultados ...”

“Sempre estive totalmente receptivo a resultados”, disse Johnston. “Mas a finalidade básica de uma escavação como esta é a de não repetirmos os erros do passado. Há cerca de cem anos um arquitecto chamado Violletle-Duc reconstruiu monumentos por toda a França. Em alguns casos os trabalhos correram bem. Mas quando não tinha informação suficiente não deixava por isso de continuar. E nestes casos os edifícios não eram mais do que um produto da sua fantasia.”

“Compreendo que deseje trabalhar com precisão ...”

“Se me tivessem dito que a ITC queria a Disneyland, nunca teria concordado.”

“Nunca dissemos que queríamos a Disneyland.”

“Se começar agora a reconstruir, é isso que vai ter, Miss Kramer. Não terá mais do que uma fantasia. Terra Medieval.”

“Não”, disse ela. “Posso garantir-lhe de uma forma absolutamente categórica. Não queremos uma fantasia. Queremos uma reconstrução do local que seja historicamente correcta.”

“Mas não pode ser feita.”

“Estamos convencidos de que é possível.” Com todo o respeito, Professor, está a exagerar nas suas precauções. Sabe mais do que aquilo que pensa. Por exemplo, a cidade de Castलगard por baixo do próprio castelo. É uma das coisas que de certeza podia ser reconstruída.” “Acho que sim... parte dela acho que sim.”

“E é apenas isso que estamos a pedir. Reconstruir apenas uma parte.”

David Stern saiu lentamente do armazém, para encontrar Chris a ouvir com o rádio colado ao ouvido. “Andas a escutar às portas, Chris?”

“Shhh!” respondeu Chris. “Isto é importante.”

Stern encolheu os ombros. Normalmente sentia-se pairar um pouco acima dos entusiasmos dos estudantes licenciados que encontrava à sua volta. Os outros eram historiadores, mas Stern treinara-se como físico e tinha a tendência para ver as coisas de um modo diferente. Simplesmente não conseguia sentir-se excitado quando se encontrava mais um cadinho medieval, ou meia dúzia de ossos de uma campá. De qualquer modo, Stern só tinha aceite este trabalho

- que o obrigava a trabalhar com o equipamento electrónico, fazer diversas análises químicas, datagem do carbono, etc. - para estar perto da sua namorada que frequentava um curso de verão na Universidade de Toulouse. Sentira-se intrigado com a datagem quântica, mas pelo menos até àquela altura o equipamento não funcionara em condições.

No rádio, Kramer estava a dizer: “E se reconstruir parte da cidade, então também. podia reconstruir parte da muralha exterior do castelo, na zona em que é adjacente à cidade. Aquela secção ali.” Apontava para uma parede exterior semidestruída que atravessava o local no sentido norte-sul.

O Professor disse: “Bom, suponho que podíamos ...”

“E”, continuou Kramer, “podia estender-se a muralha para sul, na zona ali em baixo, na zona em que penetra nos bosques. Podia limpar os bosques e reconstruir a torre.”

Stern e Chris olharam um para o outro.

“De que raio é que ela está a falar”, exclamou Stern. “Que torre?”

“Ainda não houve ninguém que tivesse inspeccionado os bosques”, disse Chris. “Deve estar limpo no final do ano, após o que será mantida uma vigilância a partir do Outono.”

Através do rádio ouviram o Professor dizer: "A sua proposta é muito interessante, Miss Kramer. Deixe-me discutir isso com os outros e voltamos a falar à hora do almoço."

E foi então que no campo mais abaixo Chris viu o Professor voltar-se, olhando directamente para eles e apontando um dedo acusador na direcção dos bosques.

Deixando o campo aberto das ruínas para trás, treparam um talude relvado e embrenharam-se no bosque. As árvores eram esguias mas cresciam muito próximas, e debaixo das suas copas estava escuro e fresco. Chris Hughes seguiu a velha muralha exterior do castelo que ia diminuindo de uma altura que lhe dava pelo peito até se reduzir a um simples amontoado de pedras e finalmente a nada, desaparecendo entre a vegetação rasteira.

A partir daí tinha que se curvar, afastando para os lados com as mãos os fetos e pequenas plantas para conseguir ver a vereda da muralha.

O bosque ia-se tornando mais denso à sua volta. Sentia que o invadia um ambiente de paz. Lembrou-se de que, quando vira pela primeira vez Casteldard, o local se encontrava quase que completamente rodeado por uma floresta como esta. As poucas paredes que ainda se encontravam de pé estavam cobertas de musgo e líquen, e pareciam surgir da terra como formas orgânicas. Na altura o local constituía um mistério. Mas este desaparecera depois de terem feito a desmatção e terem começado as escavações.

Stern arrastava-se atrás dele. Stern não estava muito habituado a sair do laboratório e parecia estar a gostar do passeio. "Porque é que as árvores são tão pequenas?" perguntou.

"Porque é uma floresta nova", respondeu Chris. "Quase todas as florestas na região de Périgord têm menos de cem anos. Era costume toda esta terra ser desmatada para plantação de vinhas."

"E?"

Chris encolheu os ombros. "Foi a doença. Essa praga, a filoxera, matou todas as vinhas por volta do virar do século. E a floresta voltou a crescer." E acrescentou: "A indústria vinícola francesa quase que desapareceu. Foram salvos pela importação de vinhas da Califórnia que eram resistentes à filoxera. Qualquer coisa que era preferível terem esquecido."

Enquanto falava continuava a olhar para o solo, descobrindo um bocado de pedra aqui e ali, o suficiente para lhe permitir seguir a linha da antiga muralha. Mas, de repente, todos os vestígios tinham desaparecido. Perdera-a completamente. Agora tinha de voltar atrás para encontrar de novo a pista.

"Porra."

"O que é que foi?" perguntou Stern.

"Não consigo encontrar a muralha. Seguia por aqui" - apontou com a palma da mão - "e agora desapareceu."

Encontravam-se numa zona de vegetação rasteira bastante densa, enormes fetos misturados com uma espécie de vinha brava cheia de espinhos que lhe arranhavam as pernas. Stern tinha calças e tomou a dianteira, enquanto dizia: "Não sei Chris, mas tem que estar algures por aqui ..."

Chris sabia que tinha que voltar atrás. Acabara de se voltar para fazer o mesmo caminho no sentido inverso quando ouviu Stern gritar.

Chris voltou-se para trás.

Stern desaparecera. Evaporara-se.

Chris encontrava-se sozinho no bosque.

"David?" Um grunhido. "Ah... porra." "O que é que aconteceu?"

"Bati com o joelho. Dói como o caraças."

Chris não o conseguia ver em parte nenhuma. "Onde é que estás?" "Num buraco", disse Stern. "Caí. Tem cuidado se vieres nesta direcção. De facto ..." Um grunhido. Praguejar. "Não te preocupes. Consigo pôr-me de pé. Estou okay. De facto - hey."

“O que é que foi?> “Espera um minuto.” “O que é?”

“Aguenta um minuto, okay?”

Chris viu a vegetação rasteira mover-se, os fetos agitarem-se para um lado e para o outro, enquanto Stern surgia do lado esquerdo. Foi então que Stern falou. A sua voz parecia estranha. “Uh, Chris?”

“O que é?”

“É uma secção da muralha. Curva.” “O que é que estás a dizer?”

“Julgo que estou em cima da parte inferior daquilo que foi em tempos uma torre redonda, Chris.”

“Não brinques”, disse Chris. Pensou com os seus botões, como é que Kramer sabia de uma coisa daquelas?

“Verifique o computador”, disse o Professor. “Veja se temos alguma inspecção feita por helicóptero - infravermelhos ou radar - que mostre uma torre. Talvez já esteja registado e nunca tenhamos prestado atenção a isso.”

“Uma inspecção por infravermelhos ao final da tarde será talvez a melhor hipótese”, disse Stern. Estava sentado numa cadeira segurando um saco de gelo em cima do joelho.

“Porquê ao final da tarde?”

“Porque este calcário conserva o calor. É por isso que os homens das cavernas gostavam tanto desta zona. Mesmo no Inverno, uma caverna nos calcários de Périgord tinha uma temperatura de mais dez graus em relação ao exterior.” “Então no final da tarde ...”

“A muralha conserva o calor enquanto a floresta arrefece. E consegue distinguir-se em infravermelhos.”

“Mesmo que esteja enterrada?” Stern encolheu os ombros.

Chris sentou-se ao computador e começou a martelar as teclas. O computador produziu um bip suave. A imagem mudou abruptamente.

“Olá. Temos um e-mail.”

Chris seleccionou a caixa do correio. Havia apenas uma mensagem e levou imenso tempo a fazer a entrada. “O que é?”

“Aposto que é aquele tipo, o Wauneka”, disse Stern. “Disse-lhe para me enviar um gráfico bastante grande. Provavelmente não o comprimiu.”

Nesse instante a imagem surgiu no ecrã: uma série de pontos dispostos numa forma geométrica. Todos a reconheceram de imediato. Era sem a menor dúvida o Mosteiro de Sainte-Mère. O seu próprio local de trabalho.

Em maior detalhe do que aquele que tinham obtido até então.

Johnston olhou para a imagem. Tamborilou com os dedos no tampo da secretária. “É estranho”, disse ele finalmente, “que Bellin e Kramer tenham aparecido aqui no mesmo dia.”

Os assistentes olharam um para o outro. “O que é que isso tem de estranho?” disse Chris.

“Bellin não pediu para se encontrar com ela. E está sempre na disposição de se encontrar com fontes de subsídios.”

Chris encolheu os ombros. “Parecia que estava muito ocupado.”

“Exacto. Era isso que parecia.” Voltou-se para Stern. “De qualquer modo, imprime essa coisa”, disse ele. “Vamos ver o que é que o nosso arquitecto tem a dizer a esse respeito.”

Katherime Erickson - cabelos de um louro acinzentado, olhos azuis e muito morena - encontrava-se suspensa no ar a cerca de cinquenta pés de altura, o rosto a centímetros do tecto gótico arruinado da capela de Castelgard. Estava de costas suspensa de um arnês e calmamente tomava notas sobre a construção que se encontrava acima dela.

Erikson era a assistente licenciada mais recente que se encontrava no local, tendo-se juntado ao projecto apenas alguns meses antes. Originalmente fora para Yale para estudar arquitectura, mas chegou à conclusão de que não gostava da área que escolhera

e transferira-se para o departamento de história. Foi aí que Johnston a descobriu e a convenceu a Juntar-se a ele do mesmo modo que fizera com todos os outros: "Porque é que não põe de lado os velhos livros e vem trabalhar em história a sério? Qualquer coisa como história aplicada?"

E ali estava ela a trabalhar em história aplicada - pendurada naquele local. Não era que se importasse muito com isso: Kate crescera no Colorado e era uma alpinista inveterada. Passava todos os domingos a trepar as falésias que havia na região do Dordogne. Raras vezes havia mais gente, o que era formidável: em casa era preciso esperar na bicha para se conseguir uma boa escalada.

Usando a picareta, retirou algumas escamas de argamassa de diferentes zonas para levar para uma análise espectroscópica. Colocou cada uma delas em sacos de plástico, como os que se usam para filmes, que ela trazia pendurados dos ombros e em bandoleira sobre o peito.

Estava a rotular os sacos de plástico quando ouviu uma voz que dizia: "Como é que sais daí? Tenho uma coisa para te mostrar?"

Olhou por cima do ombro e viu Johnston que se encontrava em baixo. "É fácil", disse. Kate libertou a linha e desceu suavemente até ao solo, aterrando com elegância. Afastou os cabelos do rosto. Kate Erickson não era uma rapariga bonita - como a mãe, célebre na UC, tantas vezes lhe dissera - mas tinha aquele ar de frescura, uma qualidade típica Americana, que os homens achavam atraente.

"Estou convencido de que és capaz de trepar a qualquer coisa," disse Johnston.

A rapariga desapertou o arnês. "É a única maneira de recolher estes dados." "Se assim o dizes,"

"A sério", disse ela. "Se quisermos uma história arquitectónica desta capela, temos que trepar lá acima e recolher amostras da argamassa... Não nos podemos esquecer de que este tecto foi reconstruído por diversas vezes - ou porque fora mal construído e passava a vida a cair, ou por ter sido destruído em guerras devido aos engenhos de guerra."

“O mais certo é ter sido por causa dos engenhos de guerra”, disse Johnston. “Bom, não tenho tanto a certeza”, disse Kate. “A estrutura básica do castelo - o grande salão, os apartamentos interiores - são sólidos, mas algumas das paredes não foram bem construídas. Em alguns casos parece que foram acrescentadas paredes para fazer passagens secretas. Este castelo tem várias. Há mesmo uma que vai até à cozinha! Quem quer que tenha feito essas modificações devia ser perfeitamente paranóico. E talvez o tenham feito demasiado depressa.” Limpou as mãos aos calções. “Muito bem. O que é que tinha para me mostrar?”

Johnston estendeu-lhe uma folha de papel. Era uma impressão de computador, uma série de pontos dispostos de uma forma regular, num padrão geométrico. “O que é isto?”, perguntou ela.

“Estou à espera que me diga.” “Parece Sainte-Mère.”

“Acha que sim?”

“Eu diria que sim. Mas o problema é que ...”

Saiu da capela e olhou para as escavações do mosteiro, situadas a cerca de uma milha na planície que ficava mais abaixo. Estavam dispostas de uma forma quase tão clara como o desenho que tinha na mão.

“Hul---i.” “O que é que foi?”

“Há pormenores neste desenho que ainda não foram descobertos”, disse ela. “Uma capela absidal a seguir à igreja, um segundo claustro no quadrante nordeste, e... isto parece um jardim, dentro dos muros... Afinal de contas, onde é que arranjou este desenho?”

O restaurante em Marqueyssac estava situado na berma do planalto, com vistas sobre todo o vale do Dordogne. Kramer ergueu o olhar da mesa e sentiu-se surpreendida ao ver o Professor que chegava na companhia de Marek e de Chris. Franziu as sobancelhas. Estava à espera de almoçar sozinha. Encontrava-se sentada a uma mesa para dois.

Sentaram-se todos juntos, depois de Marek ter trazido duas cadeiras da mesa do lado. O Professor inclinou-se para a frente, olhando para ela intensamente. "Ms. Kramer", disse o Professor, "corno é que sabe onde é que fica a reitoria?"

"A reitoria?". Ela encolheu os ombros. "Se quer que lhe diga, não sei. Não estava mencionado no relatório de progresso semanal? Não? Então talvez tenha sido o Dr. Marek que me falou nisso." Olhou para os rostos solenes que tinha diante de si. "Meus senhores, os mosteiros não são exactamente a minha especialidade. Devo ter ouvido isso em qualquer parte."

"E a torre no bosque?"

"Deve ter sido num dos relatórios. Ou em velhas fotografias." "já verificámos. Nem uma coisa nem outra."

O Professor fez deslizar o desenho na mesa na sua direcção. "E porque é que um empregado da ITC de nome Joseph Traub tem um desenho do mosteiro que está mais completo do que o nosso?"

"Não sei... Onde é que arranjam isto?"

"De um polícia em Gallup, Novo México, que está a fazer algumas das perguntas em que também tenho pensado."

Ela não disse nada. Limitou-se a olhar para ele.

"Ms. Kramer", disse ele finalmente. "Julgo que nos está a esconder alguma coisa. Estou convencido de que tem estado a fazer a sua própria análise nas nossas costas, sem nos contar o que descobriu. E estou convencido de que juntamente com Bellin tem estado a negociar a exploração do projecto para o caso de eu não me mostrar cooperativo. E o governo francês ficará extremamente feliz por conseguir expulsar os americanos de um local que faz parte da sua herança."

"Professor, isso não tem o menor fundamento. Posso garantir-lhe ..." "Não, Ms. Kramer. Não pode." Olhou para o relógio. "A que horas é que o seu avião regressa à ITC?"

"Às três."

“Já estou pronto para ir.” Afastou a cadeira da mesa.

“Mas eu vou para Nova Iorque.”

“Então acho melhor mudar os seus planos e seguir para o Novo México.” “Vai querer falar com Bob Doniger e eu não conheço a sua agenda ...” “Ms. Kramer.” Debruçou-se sobre a mesa. “Desenrasque-se.”

Quando o Professor saiu, Marek disse: “Peço a Deus que o ampare na sua jornada e que o traga de volta são e salvo.” Era aquilo que dizia sempre que amigos partiam. Fora uma frase favorita do Conde Geoffrey de la Tour, seiscentos anos antes.

Marek sentia-se de certo modo fascinado com o passado, a ponto de constituir uma obsessão. Mas, de facto, era uma coisa natural nele: já em criança Marek se sentia fortemente atraído pelo período medieval e, em muitos aspectos, parecia agora que ainda vivia nele. Num restaurante disse uma vez a um amigo que não deixava crescer barba porque naquela altura não estava na moda. Espantado o amigo protestou: “Mas é evidente que está na moda, olha as barbas que encontras à tua volta.” A isto Marek respondeu: “Não, não é isso, quero dizer que não está na moda no meu tempo.” Referia-se deste modo aos séculos treze e catorze.

Muitos académicos do período medieval eram capazes de ler as velhas línguas, mas Marek era capaz de as falar: inglês medieval, francês arcaico, occitano, e latim. Era especialista nos detalhes do período em vestuário e modos de conduta. E com a sua altura e porte atlético, conseguiu dominar as artes marciais do período. Afinal de contas, dizia ele, era um período de guerra contínua. Conseguia cavalgar facilmente os enormes Percherons que haviam sido usados como corcéis ou cavalos de batalha. E era razoavelmente especializado em justas, tendo passado horas a praticar com o boneco rotativo de torneio a que chamavam quintana. Marek era tão bom com um arco longo que começara a ensinar a técnica a outros. E agora estava a aprender a combater com um montante.

Mas este conhecimento detalhado do passado afastava-o estranhamente do presente. A súbita partida do Professor deixara todos os elementos do projecto magoados e inquietos: corriam rumores estranhos, especialmente entre os não licenciados: a ITC ia anular os subsídios. A ITC ia mudar o projecto para 'território Medieval. A ITC matara alguém no deserto e estava com problemas. O trabalho parou; as pessoas limitavam-se a andar de um lado para o outro e a falar.

Marek decidiu finalmente que era melhor fazer uma reunião para acabar com os rumores e foi assim que, ao final da tarde, reuniu toda a gente na grande tenda verde ao lado do armazém. Marek explicou que surgira uma disputa entre o Professor e a ITC, e que o Professor se deslocara à sede da ITC para esclarecer as coisas. Marek explicou que se tratava apenas de um desentendimento que seria resolvido em meia dúzia de dias. Disse que iria estar em contacto permanente com o Professor, o qual organizara as coisas para lhes telefonar de doze em doze horas; e que esperava que o Professor regressasse rapidamente e que as coisas voltassem ao que eram antes.

Não ajudou. A sensação profunda de desconforto manteve-se. Alguns dos licenciados sugeriram que da parte da tarde estava demasiado calor para trabalhar, e que era melhor andar de kayak no rio; Marek, sentindo o que se estava a passar, concordou que afinal de contas talvez não fosse má ideia.

Um a um, os estudantes licenciados decidiram também fazer folga no resto do dia. Kate apareceu, com várias libras de metal em volta do peito que se entrechocavam, e anunciou que ia escalar a escharpa que ficava da parte de trás de Gageac. Perguntou a Chris se queria ir com ela (para segurar as cordas sabia que ele nunca se atreveria a fazer a escalada), mas ele respondeu que ia até aos estábulos com Marek. Stern declarou que ia de carro até Toulouse onde jantaria. Rick Chang dirigiu-se para Les Eyzies, para visitar um colega no local de trabalho do Paleolítico. Só Elsie Kastner, a grafologista, se deixou ficar na parte de trás do armazém, consultando pacientemente os documentos que tinha à sua frente.

Marek perguntou-lhe se queria ir com ele. Mas ela disse-lhe: "Deixa-te de patéticas, André", e continuou a trabalhar.

O Centro Equestre nos arredores de Souillac ficava a cerca de quatro milhas, e era aí que Marek se treinava duas vezes por semana. No canto mais distante de um campo pouco usado instalara uma estranha barra em forma de T numa plataforma rotativa. Num dos extremos da barra havia um quadrado almofadado; no outro extremo um saco de couro parecido com os que se usavam nos treinos de boxe.

Sophie era aluna no Cheltenham College; vinte anos, quatro anos mais nova do que ele. O pai, Hugh Hampton, era advogado em Londres; era dono da quinta que o projecto alugara para o Verão. Sophie viera com alguns amigos passar uns dias numa quinta próxima. Um dia viera buscar qualquer coisa ao escritório do pai. Chris olhara para ela e de imediato tropeçou num tronco de árvore.

Isto parecera estabelecer o tom das suas relações, pensou ele lugubrememente. Olhando agora para ele, disse: "Sinto-me lisonjeada por ter este efeito em ti, Chris. Mas sinto-me preocupada com a tua segurança." Deu uma gargalhadinha e beijou-o levemente no queixo. "Telefonei-te hoje."

"Eu sei, estava ocupado. Tivemos uma crise."

Uma crise? O que é que constitui uma crise arqueológica?"  
"Oh, tu sabes. Problemas com subsídios."

"Ab, estou a ver. Essa malta da ITC. Do Novo México." Emitiu um som como se quisesse representar o fim do mundo. "Sabias que pediram ao meu pai para lhes vender a quinta?"

"Ah, sim?"

"Disseram que precisavam de a alugar durante tantos anos que o melhor talvez fosse comprar. É evidente que ele disse que não."

"É evidente." Ele sorriu-lhe. "Jantar?"

"Oh, Chris, esta noite não posso. Mas amanhã podemos andar a cavalo. Combinado?"

“Está certo.”

“De manhã? Às dez horas?”

“Tudo bem”, respondeu ele. “Vejo-te às dez.” “Não estou a interromper o teu trabalho?” “Sabes que sim,”

“Por mim pode ser num outro dia qualquer.” “Não, não”, respondeu ele. “Amanhã às dez horas.”

“Então está combinado”, disse ela com um sorriso deslumbrante.

Para dizer a verdade, Sophie Hampton era quase demasiado bonita, o seu corpo demasiado perfeito, as suas maneiras demasiado encantadoras para se poder dizer que era real. Marek era um dos que ela tinha repellido.

Mas Chris estava completamente deslumbrado.

Depois de ela se ter afastado, Marek carregou novamente. Desta vez Chris desviou-se do quintana em rotação. Quando Marek recuava mais uma vez, disse-lhe: “Estás a ser levado, meu amigo.”

“É possível”, respondeu Chris. Mas a verdade era que se estava nas tintas.

No dia seguinte estava Marek no mosteiro, ajudando Rick Chang nas escavações das catacumbas. Há semanas que estavam com aquelas escavações, e as coisas avançavam muito lentamente, porque encontravam continuamente restos humanos. Sempre que encontravam ossos paravam de cavar com as pás e mudavam para trolhas e escovas de dentes.

Rick Chang era o antropólogo físico da equipa. Estava treinado para lidar com descobertas humanas; era capaz de olhar para um bocado de osso do tamanho de uma ervilha e dizer se era do pulso direito ou do pulso esquerdo, macho OU fêmea, criança ou adulto, antigo ou contemporâneo.

Mas os restos humanos que estavam a encontrar ali eram muito estranhos. Primeiro, porque eram todos de indivíduos do sexo

masculino; e alguns dos ossos longos apresentavam evidência de ferimentos em combate. Alguns dos crânios apresentavam ferimentos de flechas. Fora assim que a maior parte dos soldados morrera no século catorze, com ferimentos de setas. Mas não havia registo de qualquer batalha que alguma vez tivesse sido travada no mosteiro. Pelo menos nenhuma de que eles tivessem conhecimento.

Acabavam de encontrar aquilo que parecia ser um pedaço de elmo enferrujado quando o telemóvel de Marek tocou. Era o Professor.

“Como é que isso vai?” perguntou Marek. “Ótimo, pelo menos para já.”

“Já estiveste com o Doniger?” “Já. Esta tarde.”

“E?” “Ainda não sei.”

“Ainda querem avançar com a reconstrução?”

“Bom, não tenho lá muito a certeza. As coisas aqui não são exactamente como eu estava à espera.” O Professor parecia vago e preocupado.

“Como é que isso é possível?”

“Não posso estar a discutir isto ao telefone”, disse o Professor. “Mas quero dizer-te uma coisa: não te telefono nas próximas doze horas. Provavelmente até nem te consigo falar nas próximas vinte e quatro horas.”

“Uh-huh. Okay. Está tudo bem?” “Está tudo bem, André.”

Marek não tinha lá muito a certeza. “Queres uma aspirina?” Era uma das frases de código que haviam estabelecido, uma maneira de perguntar se havia qualquer coisa de errado, no caso da outra pessoa não poder falar livremente. “Não, não. De modo nenhum.”

“Pareces um pouco distante.”

“Talvez antes surpreendido. Mas está tudo bem. Pelo menos julgo que está bem.” Fez uma pausa para continuar em seguida: “E quanto ao projecto? O que é que se passa contigo?”

“Neste momento estou com Rick no mosteiro. Estamos a escavar nas catacumbas do quadrante quatro. Estou convencido de que acabamos hoje ao fim do dia, o mais tardar amanhã.”

“Excelente. Procura manter o ritmo, André. Falo contigo dentro de um ou dois dias.”

E desligou.

Marek voltou a colocar o telemóvel no cinto e franziu as sobrancelhas. Que raio é que tudo aquilo queria dizer?

O helicóptero zumbiu por cima dele, com as caixas dos sensores em suspensão. Stern mantivera-o por mais um dia, para fazer passagens de manhã e de tarde; queria inspeccionar os aspectos que Kramer referira, para ver o que conseguia descobrir numa passagem dos instrumentos.

Marek gostava de saber o que se estava a passar, mas para falar com ele precisava de um rádio. O aparelho mais próximo estava no armazém.

“Elsie”, disse Marek enquanto se dirigia para o armazém. “Onde é que está o rádio para falar com o David?”

É evidente que Elsie Kastrier não lhe respondeu. Elsie era uma linda mulher de aspecto determinado que era capaz de uma grande concentração. Passava horas sentada no armazém, decifrando a escrita dos pergaminhos. O seu trabalho exigia-lhe que conhecesse não só as seis principais línguas da Europa medieval, como também os dialectos esquecidos há muito tempo, o calão e as abreviaturas. Marek sentia-se feliz por ter a colaboração dela, mesmo que se mantivesse separada do resto da equipa. E por vezes podia parecer bastante estranha. Voltou a repetir: “Elsie?”

Ergueu o olhar repentinamente: “O quê? Oli, desculpa, André. Estava só, tih, quer dizer um pouco ...” Fez um gesto para o pergaminho que se encontrava na frente dela. “Isto é uma factura do mosteiro para um conde alemão. Por o ter recebido durante uma noite com a sua comitiva pessoal: vinte e nove pessoas e trinta e cinco cavalos. Era o que este conde trazia consigo na sua viagem

pela região. Mas está escrito numa mistura de Latim e Occitan e a caligrafia é insuportável.”

Elsie pegou no pergaminho e levou-o para o equipamento de fotografia. Uma câmara estava montada num suporte de quatro pés acima da mesa, iluminada com holofotes por todos os lados. Ela pousou o pergaminho, endireitou-o, colocou o código de barras de identificação no fundo, dispôs uma escala de duas polegadas para padronização no fundo, e disparou a fotografia.

“Elsie? Onde é que está o rádio para falar com o David?”

“Oh, desculpa. Está na mesa ali ao fundo. É aquele com fita adesiva que diz DS.”

Marek foi buscá-lo e premiu o botão: “David? É André.”

“Olá, André.” Marek ouvia-o com dificuldade por causa do barulho do helicóptero.

“O que é que descobriste?”

“Zip. Nada. Absolutamente nada”, disse Stern. “Verificámos o mosteiro e verificámos a floresta. Não aparece nenhuma das marcas de Kramer: nem no SLS, radar, infravermelhos ou ultravioletas. Não faço a menor ideia de como fizeram essas descobertas.”

Galopavam a toda a brida por uma crista relvada sobranceira ao rio. Pelo menos Sophie galopava; Chris seguia aos solavancos, segurando-se desesperadamente para não cair. Ordinariamente ela nunca cavalgava para o exterior, por causa da falta de habilidade de Chris, mas hoje ria-se deliciada enquanto seguia pelos campos.

Chris tentava acompanhá-la, rezando a todos os santos para que parasse depressa, o que ela finalmente fez, puxando as rédeas do seu cavalo negro completamente suado, dando-lhe uma pancadinha no pescoço, esperando que ele recuperasse.

“Não foi excitante?” perguntou.

“De facto”, disse ele, procurando recuperar o fôlego. “Não há dúvida de que foi.”

“Andaste muito bem, Chris, tenho que confessar. O teu estilo está a melhorar.”

Tudo aquilo que ele conseguia fazer era acenar com a cabeça. Tinha o fundo das costas dorido de tantos saltos e as coxas ardiam-lhe de apertar com tanta força.

“Aqui é muito bonito”, disse ela apontando para o rio, com os castelos escuros nas encostas distantes. “Não achas glorioso?”

E em seguida olhou para o relógio, o que o aborreceu. Mas caminhar veio a mostrar-se surpreendentemente agradável. Ela seguia muito perto dele, os cavalos quase a tocarem-se, e ela inclinou-se para murmurar ao seu ouvido; a dada altura colocou o braço por cima do ombro dele e beijou-o na boca, antes de olhar para o outro lado, aparentemente embaraçada pelo seu momento de fraqueza.

Da posição em que se encontravam naquele momento, estavam sobranceiros a todo o recinto: as ruínas de Castलगard, o mosteiro, e na colina mais distante, La Roque. Nuvens passavam no alto, projectando sombras na paisagem. A atmosfera estava quente e suave, e tudo estava tranquilo, com excepção do ruído distante de um automóvel.

“Oh, Chris”, exclamou ela, e beijou-o de novo. Quando se separaram, olhou para longe e de repente acenou com a mão.

Um descapotável amarelo subia a estrada sinuosa na direcção deles. Era um tipo qualquer de carro de desporto, de linhas baixas, destacando-se o rugido do motor. A pouca distância deles o carro parou, e o condutor saiu de trás do volante, sentando-se nas costas do assento.

“Nigel!” exclamou ela num tom encantado.

O homem do carro correspondeu ao aceno preguiçosamente, a mão traçando um arco lento.

“Oh, Chris, queres ser um querido?” Sophie estendeu a Chris as rédeas do seu cavalo, desmontou e correu colina abaixo na direcção do carro. Quando aí chegou abraçou o condutor. Os dois

entraram no carro. E enquanto se afastavam ela olhou para trás na direcção de Chris e soprou-lhe um beijo.

A cidade medieval restaurada de Sarlat era particularmente encantadora à noite, quando os seus edifícios encavalitados uns nos outros e as ruas estreitas eram iluminadas suavemente pelas lâmpadas de gás. Na rua Tourny, Marek e os estudantes licenciados estavam sentados na esplanada de um restaurante, debaixo de guarda-sóis brancos, saboreando naquela noite o vinho de Caliors de um vermelho escuro.

Normalmente Chris gostava daquelas noites, mas desta vez nada parecia estar certo para ele. A noite estava demasiado quente; a sua cadeira de metal era desconfortável. Encomendara o seu prato favorito, pintade aux cèpes {\*}, mas a pintada estava demasiado seca e os cogumelos estavam moles. Até a conversa o irritava: normalmente os estudantes licenciados falavam do trabalho do dia que tinha terminado, mas naquela noite a jovem arquitecta, Kate Erickson, encontrara alguns amigos de Nova Iorque, dois casais americanos com cerca de trinta anos - negociantes da bolsa com as suas namoradas. Antipatizou com eles quase de imediato.

Os homens passavam o tempo a levantar-se da mesa para falarem ao telemóvel. As mulheres trabalhavam as duas em publicidade na mesma firma de Relações Públicas; acabavam de sair de uma grande festa de apresentação do novo livro de Martha Stewart. O grupo, inchado com um sentimento da sua própria auto-importância rapidamente colidiu com os nervos de Chris; e, como muitos homens de negócios de sucesso, tinham a tendência de tratar os académicos como se estes fossem um tanto atrasados mentais, incapazes de funcionar no mundo real, de jogarem os jogos reais. Ou talvez, pensou ele, achassem simplesmente que era inexplicável que alguém pudesse ter uma ocupação que não fizesse dele milionário aos vinte e quatro anos.

E, no entanto, tinha que admitir que eram perfeitamente agradáveis; bebiam muito vinho e faziam imensas perguntas sobre o projecto. Infelizmente as questões habituais, aquelas que

normalmente eram colocadas pelos turistas: O que é que esse lugar tem de tão especial? Como é que sabem onde é que devem escavar? Como é que sabem aquilo que devem procurar? Até que profundidade escavam e como é que sabem quando é que devem parar?

“Porque é que estão a trabalhar ali? Afinal de contas, o que é que o lugar tem de tão especial?” perguntou uma das mulheres.

“A zona é perfeitamente típica do período”, respondeu Kate, “com dois castelos opostos. Mas o que faz disto uma verdadeira descoberta é o facto de ter sido negligenciado, e de nunca ter sido anteriormente escavado.”

“E isso é bom? O facto de ter sido negligenciado?” A mulher franziu as sobrancelhas; vinha de um mundo onde a negligência era uma coisa má.

“É muito atraente”, disse Marek. “No nosso trabalho, as verdadeiras oportunidades surgem quando o mundo passa ao lado. Por exemplo como no caso de Sarlat. Esta cidade.”

“Isto é muito agradável”, disse uma das mulheres. Os homens afastaram-se para falar ao telemóvel.

“Mas a questão”, disse Kate, “é a questão de poder ser considerado um acidente o facto desta velha cidade ainda existir. Originalmente Sarlat era uma cidade de peregrinos que se foi desenvolvendo em torno de um mosteiro com relíquias; a dada altura tornou-se tão grande que o mosteiro procurou um outro lugar, em busca de paz e de tranquilidade. Sarlat continuou a desenvolver-se como um próspero centro de comércio para a região do Dordogne. Mas a sua importância foi diminuindo acentuadamente ao longo dos anos, e)á no século vinte, o mundo passou ao lado de Sarlat. Era tão pouco importante e pobre que a cidade não tinha dinheiro para reconstruir as velhas secções. Os velhos edificios limitaram-se a ficar à espera, sem canalização moderna nem electricidade. Grande parte deles foi abandonado.”

Kate explicou que, em 1950, a cidade começou finalmente a demolir o velho quarteirão e a construir novos edificios. “André

Malraux parou os trabalhos. Convenceu o governo francês a disponibilizar fundos para a restauração. As pessoas pensaram que ele estava maluco. Presentemente, Sarlat é em toda a França a cidade medieval mais precisa e uma das maiores atracções turísticas do país.”

“É bonita”, disse a mulher em tom vago. De repente os dois homens voltaram para a mesa, sentaram-se, e guardaram os telefones no bolso com um ar de quem tinha acabado.

“O que é que aconteceu?”

“O fecho da bolsa”, explicou um deles. “Muito bem. Estavam a falar de Casteldard- O que é que ele tem de especial?”

Marek respondeu: “Estávamos a discutir o facto de nunca ter sido escavado antes. Mas também é importante porque Casteldard é uma cidade típica inter-muralhas do século catorze. A cidade é mais velha do que isso, mas a maior parte da suas estruturas foram construídas ou modificadas entre 1300 e 1400, para se conseguir uma maior defesa: muralhas mais espessas, muralhas concêntricas, fossos e portões mais sofisticados.”

Isso foi quando? Na Idade das Trevas?” perguntou um dos homens enquanto se servia de vinho.

“Não”, respondeu Marek. “Tecnicamente trata-se da Idade Média Alta.” “Não tão alta como eu vou estar”, disse o homem. “Sendo assim, o que é que vem antes disso, a Idade Média Baixa?”

“Exactamente”, respondeu Marek.

“Hey!” disse o homem erguendo o copo de vinho. “Certo à primeira vez!”

Cerca do ano 40 a.C. a Europa começou a ser governada por Roma. A região da Europa onde agora se encontravam, a Aquitânia, foi originalmente a colónia romana da Aquitânia. Por toda a Europa os Romanos construíram estradas, supervisionaram o comércio e mantiveram a lei e a ordem. A Europa prosperou.

Mais tarde, por volta do ano 400 d.C., Roma começou a retirar os seus soldados e abandonou as suas guarnições. Depois do

colapso do império, a Europa mergulhou na ausência de leis, que durou os quinhentos anos seguintes. A população baixou, o comércio morreu, as cidades ruíram. A região foi invadida por hordas bárbaras: Godos e Vândalos, Hunos e Vikings. Este período de trevas constituiu a Idade Média Baixa.

“Mas por alturas do último milénio - ou seja 1000 d.C. - as coisas começaram a ficar melhores,” disse Marek. “Surgiu uma nova organização a que damos o nome de sistema feudal - embora nessa altura ninguém tivesse usado o termo.”

Ao abrigo do feudalismo, senhores poderosos mantiveram a ordem local. O novo sistema funcionou. A agricultura desenvolveu-se. O comércio e as cidades floresceram. Por alturas de 1200 d.C. a Europa prosperava mais uma vez, com uma população superior àquela que tivera durante o Império Romano. “É assim que o ano de 1200 é considerado como o início da Idade Média Alta - um tempo de crescimento quando a cultura floresceu.”

Os americanos mostravam-se cépticos. “Se foi assim tão grande, porque é que toda a gente construía cada vez mais defesas?”

“Por causa da Guerra dos Cem Anos”, disse Marek, “que foi travada entre a Inglaterra e a França.”

“O que é que foi, uma guerra religiosa?”

“Não,” disse Marek. “A Religião não teve nada a ver com isso. Nessa altura toda a gente era Católica.”

“A sério? E os Protestantes?” “Não havia Protestantes.” “Onde é que eles estavam?”

Marek respondeu: “Ainda não se haviam inventado a si próprios.” “Não me diga! Então porque é que foi a guerra?”

“Por causa de uma questão de soberania”, respondeu Marek. “Foi por causa do facto de a Inglaterra possuir uma grande parte da França.”

Um dos homens franziu as sobrancelhas com um ar céptico. “O que é que me está a dizer? A Inglaterra já foi proprietária da

França?”

Marek suspirou.

Ele tinha uma designação para gente daquele gênero: provincianos temporais - pessoas que eram ignorantes sobre o passado e que se sentiam orgulhosas com isso.

Os provincianos temporais estavam convencidos de que o presente era o único tempo que interessava e de que qualquer coisa que tivesse acontecido anteriormente poderia ser ignorada sem problemas. O mundo moderno era competitivo e novo, e o passado não tinha nada a ver com isso. Aprender história era tão inútil como aprender o código Morse, ou como conduzir uma carroça puxada a cavalos. E o período medieval - todos aqueles cavaleiros nas suas armaduras de estrépitos metálicos e as damas em vestidos compridos e chapéus pontiagudos - era tão obviamente irrelevante como sem o menor interesse.

E, no entanto, a verdade residia no facto de que o mundo moderno fora inventado na Idade Média. Tudo desde o sistema legal, às nações-estado, à fiabilidade da tecnologia, ao conceito de amor romântico havia sido estabelecido em primeiro lugar nos tempos medievais. Esses investidores da bolsa estavam mesmo convencidos da noção da economia de mercado na Idade Média. E se não soubessem isso, então nem sequer conheciam os factos básicos daquilo que eram. Porque faziam aquilo que faziam. De onde é que tinham vindo.

O Professor Johnston afirmara muitas vezes que, quando não conhecemos a História, não conhecemos nada. Seríamos uma folha que não fazia a menor ideia de que era parte de uma árvore.

O investidor da bolsa continuou, assumindo a atitude casmurra de algumas pessoas quando eram confrontadas com a sua própria ignorância: “A sério? A Inglaterra chegou a possuir parte da França? Isso não faz o menor sentido. Os Ingleses e os Franceses sempre se odiaram uns aos outros.”

“Nem sempre”, disse Marek. “Isto foi há seiscentos anos. Era um mundo completamente diferente. Nessa altura os Ingleses e os

Franceses estavam muito mais próximos. A partir do momento em que os soldados da Normandia conquistaram a Inglaterra em 1066, toda a nobreza inglesa passou a ser basicamente francesa. Falavam francês, comiam alimentos Franceses, seguiam as modas francesas. Não era surpreendente que possuíssem território francês. Aqui no sul, governaram a Aquitânia durante mais de um século.”

“E depois? Qual foi a causa da guerra? Os Franceses decidiram que queriam tudo para eles?”

“Foi isso mais ou menos.”

“Compreende-se”, disse o homem, com um aceno de cabeça de quem compreende.

Marek continuou a explicação. Chris passou o tempo tentando captar o olhar de Kate. Ali à luz da vela os traços do rosto dela pareciam mais duros, embora à luz do sol os traços se suavizassem. Achou que ela era inesperadamente atraente.

Mas ela não devolveu o seu olhar. A sua atenção estava centrada nos seus amigos investidores da bolsa. Era típico, pensou Chris. Fizessem aquilo que fizessem, as mulheres só se sentiam atraídas por homens com poder e dinheiro. Até homens maníacos e delicadinhos como aqueles dois.

Surpreendeu-os a olharem para os relógios. Ambos os homens usavam grandes e pesados relógios Rolex, mas as pulseiras de metal eram bastante largas, de modo que os relógios oscilavam de um lado para o outro como pulseiras de mulher. Era um sinal de indiferença e de riqueza, um desleixo casual que sugeria que estavam permanentemente em férias. Era uma coisa que o aborrecia.

Quando um dos homens começou a brincar com o relógio, fazendo-o rodar no pulso, foi a gota de água que não permitiu a Chris conseguir aguentar mais. Levantou-se abruptamente da mesa. Murmurou uma desculpa qualquer sobre ter que voltar ao local de trabalho para verificar as suas análises, e começou a descer a rua Tourny na direcção do parque de estacionamento que ficava no início do velho quarteirão.

Enquanto ia seguindo ao longo da rua, parecia-lhe que só via apaixonados, pares que passeavam de braço dado, a mulher com a cabeça apoiada no ombro do homem. Estavam à vontade um com o outro, não sentindo necessidade de falar, limitando-se a gozar o ambiente. Cada um dos casais por quem passava fazia com que se sentisse mais irritado, obrigando-o a caminhar cada vez mais depressa.

Foi um alívio quando finalmente chegou junto do seu carro e se dirigiu

para casa.

Nigel! Que espécie de idiota se poderia chamar Nigel?

Na manhã seguinte Kate vagueava de novo pela capela de Castelgard quando o rádio crepitou e ouviu o grito: "Hot tamales! Hot tamales! Grelha quatro. Venham servir-se! O almoço está na mesa."

Este era o sinal da equipa, indicando que fora feita uma nova descoberta. Usavam palavras de código para todas as suas transmissões importantes porque sabiam que os funcionários locais por vezes se encontravam à escuta. Em outros projectos o governo enviara ocasionalmente agentes para confiscarem descobertas na altura em que haviam sido efectuadas, antes de os investigadores terem tido a oportunidade de as documentar e avaliar. Embora o governo francês tivesse uma posição esclarecida quanto às antiguidades - sob muitos aspectos melhor do que no caso dos Americanos - certos inspectores em campo eram notoriamente inconsistentes. E além disso era óbvio que se verificavam muitas vezes ressentimentos contra os estrangeiros que se apropriavam da nobre História de França.

Ela sabia que grelha quatro significava a zona por cima do mosteiro. Sentia-se indecisa entre permanecer na capela ou dirigir-se directamente para lá, mas finalmente decidiu que ia mesmo. A verdade era que grande parte do seu trabalho diário era monótona, não acontecendo nada de especial. Todos eles Precisavam do entusiasmo renovado que vinha com a excitação das descobertas.

Caminhou através das ruínas da cidade de Castलगard. Em contraste com muitos outros, Kate era capaz de reconstruir as ruínas mentalmente e conseguir ver toda a cidade. Gostava de Castलगard; era uma cidade que fazia sentido, concebida e construída em tempo de guerra. Apresentava toda a autenticidade frontal de que sentira a falta na escola de arquitectura.

Sentia o sol na nuca e nas pernas e pensou pela centésima vez em como se sentia feliz por estar em França e não instalada em New Haven, no seu pequeno e atafalhado local de trabalho no sexto andar do Edifício A & A, com grandes janelas panorâmicas dando para a Universidade de Davenport em imitação de estilo colonial e para o Payne Whitney Gym em imitação de estilo gótico. Kate achava que a arquitectura da escola era deprimente, achava que o Edifício das Artes e Arquitectura era muito deprimente, e nunca lamentara a sua mudança para a História.

É certo que não se pode discutir com um Verão no sul da França. Integrara-se bastante bem na equipa ali em Dordogne. Pelo menos até ali tinha sido um Verão agradável.

Evidentemente tivera que afastar alguns homens. Marek atirara-se descaradamente logo no início, em seguida fora o Rick Chang, e pouco depois também tivera que aturar o Chris Hughes. Chris levava muito a mal a rejeição da rapariga inglesa - aparentemente fora o único em Périgord apanhado de surpresa - e agora comportava-se como um cachorrinho magoado. Na noite passada estivera todo o jantar a olhar para ela. Parecia que os homens não se convenciam de que o comportamento de rejeição era levemente insultuoso.

Perdida nos seus pensamentos, dirigiu-se para o rio, onde a equipa conservava o pequeno barco a remos que usava para as travessias.

E ali à espera, sorrindo para ela, estava Chris Hughes.

“Eu remo”, ofereceu-se ele enquanto entravam no barco. Ela concordou. Chris começou a atravessar o rio em remadas fáceis. Ela

não disse nada, limitando-se a fechar os olhos e voltar o rosto para o sol. O calor era agradável, relaxante.

“Está um lindo dia”, ouviu-o dizer. “Sim, está um dia agradável.”

“Você sabe, Kate”, começou ele. “Gostei de facto do jantar da noite passada. Estava a pensar que talvez ...”

“Sinto-me envaidecida, Chris”, disse ela. “Mas tenho que ser honesta para consigo.”

“A sério? Sobre o quê?”

“Terminei recentemente com alguém.” Oh. Uh-huh ...”

“E quero parar durante algum tempo.”

“Oh”, exclamou ele. “Está bem. Compreendo. Mas mesmo assim talvez pudéssemos ...”

Fez o seu sorriso mais amável. “Acho que não”, respondeu.

Oh. Okay.” Viu que ele começava a amuar. Então ele disse: “Sabe uma coisa, acho que tem razão. De facto penso que o melhor é continuarmos como simples colegas.”

“Colegas”, disse ela, apertando-lhe a mão. O barco chegou à outra margem.

No mosteiro, um grupo enorme de pessoas encontrava-se à volta do topo da grelha quatro, olhando para baixo, para o poço de escavação.

A escavação era um quadrado exacto, com vinte pés de lado e descendo a uma profundidade de dez pés. Nos lados norte e leste, os escavadores haviam descoberto superfícies planas de arcos em pedra, que indicavam que a escavação se encontrava agora ao nível da estrutura da catacumba, abaixo do mosteiro original. Os arcos estavam enterrados em terra sólida. Na semana passada haviam cavado uma trincheira através do arco norte, mas parecia que não levava a sítio nenhum. Escorada com vigas, encontrava-se agora ignorada.

Presentemente toda a excitação se encontrava focada no arco leste onde recentemente havia sido cavada uma nova trincheira. O

trabalho havia sido lento porque se encontravam continuamente despojos humanos, que Rick Chang identificou como corpos de soldados.

Olhando para baixo, Kate viu que as paredes da trincheira se haviam desmoronado em ambos os lados, a terra caindo para dentro, cobrindo a própria trincheira. Havia agora um enorme monte de terra, como um desmoronamento, bloqueando progressos futuros, e ao mesmo tempo que a terra desmoronou, crânios acastanhados e longos ossos - montes deles - haviam surgido à superfície.

No grupo que se encontrava ali Kate viu Rick Chang, Marek, e Elsie que saíra da sua toca para dar uma vista de olhos. Elsie montara a câmara digital num tripé, disparando a torto e a direito. Mais tarde as fotografias seriam reunidas em computador para conseguir panoramas a 360 graus. Seriam tiradas com intervalos de uma hora, para registar cada fase da escavação.

Marek olhou para cima e viu Kate debruçada na balaustrada. "Viva", disse ele. "Tenho andado à tua procura. Chega cá abaixo."

Desceu a escada até ao fundo em terra da escavação. Ao sol do meio da tarde cheirava a detritos e a um leve odor de decomposição de matéria orgânica. Um dos crânios soltou-se e rolou até aos seus pés. Mas ela não lhe tocou; sabia que os despojos deviam permanecer onde eram encontrados até que Chang os renovesse.

"Talvez sejam aqui as catacumbas", disse Kate, "mas estes ossos não se encontravam armazenados. Terá havido aqui alguma batalha?"

Marek encolheu os ombros. "Houve batalhas por toda a parte. Estou mais interessado nisto." Apontou para o arco que se encontrava em frente, sem qualquer decoração, arredondado e levemente espalmado.

Kate disse: "Cisterciano, é capaz de ser do século doze..."

“Okay, certo. Mas o que é que me dizes disto?” Directamente por debaixo da curva central do arco, o desmoronamento da trincheira deixara uma abertura negra com cerca de três pés de largo.

Ela disse: “Em que é que estás a pensar?”

“Acho que o melhor é entrarmos ali. Imediatamente.” “Porquê?” exclamou ela. “Qual é a pressa?”

Foi Chang que lhe respondeu, “Parece que existe espaço para lá da abertura. Uma sala, talvez diversas salas.”

“E depois?”

“Agora encontra-se exposto ao ar. Pela primeira vez em talvez seiscentos anos.” Marek acrescentou: “E o ar tem oxigénio.”

“Achas que há ali artefactos?”

“Não sei o que é que há ali”, respondeu Marek. “Mas podemos ter danos consideráveis dentro de poucas horas.” Voltou-se para Chang. “Temos uma cobra?” “Não, está em Toulouse para ser reparado.” A cobra era um cabo de fibra

óptica que podia ser ligado a uma câmara. Utilizavam-no para observar espaços que de outro modo seriam inacessíveis.

Kate observou: “Por que é que não te limitas a encher a sala com azoto?” O azoto era um gás inerte, mais pesado do que o ar. Se o bombeassem através da abertura, encheria o espaço como se fosse água. E protegeria quaisquer artefactos dos efeitos corrosivos do oxigénio.

“Não me importava”, disse Marek, “se eu tivesse gás que chegasse. O maior cilindro que temos aí é de cinquenta litros.”

Não era suficiente.

Ela apontou para os crânios. “Eu sei, mas se fizeres alguma coisa agora, vais perturbar ...”

“Eu não me preocupava com os esqueletos”, disse Chang. “já mudaram de posição. E dá o aspecto de que se trata de um enterro em massa, depois de uma batalha. Mas não há muito que se possa

aprender com eles." Voltou-se e olhou para cima. "Chris, quem é que tem o reflector?"

No lado de cima, Chris disse: "Eu não. Julgo que a última vez foram usados aqui."

Um dos estudantes disse: "Não, está do outro lado na grelha três." "Vamos buscá-lo. Elsie, já acabaste com as fotografias?"

"Que chato!"

"Já acabaste ou não?" "Só mais um minuto."

Chang estava a chamar os estudantes que se encontravam no lado de cima, dizendo-lhes para trazerem os reflectores. Quatro deles afastaram-se a correr. Marek estava a dizer aos outros: Okay, minha gente, quero flashes, quero

equipamentos de escavação, garrafas portáteis de oxigénio, máscaras, linhas de guia, a tralha toda -já."

No meio de toda aquela excitação, Kate continuava a olhar para a abertura por debaixo do arco. O arco parecia-lhe frágil, com as pedras relativamente soltas. Normalmente um arco mantinha a sua forma graças à pressão das paredes sobre a pedra central, a chave do arco. Mas neste caso, toda a curva superior sobre a abertura podia simplesmente desmoronar-se. A terra que caíra do desmoronamento estava solta. Via os seixos soltarem-se e deslizarem aqui e ali. Não lhe parecia lá muito bem.

"André, não acho que seja muito seguro trepar aquele..."

"Quem é que está a falar em trepar? Vamos descer-te pela parte de cima." "Eti?"

"Exactamente. Penduras-te na parte de cima do arco e entras a partir daí." Deve ter parecido desorientada, porque ele sorriu. "Não te preocupes, eu vou contigo."

"Estás a ver, se não tivermos razão ..." Pensava para consigo: "Podíamos ser enterrados vivos."

"O que é isso?", perguntou Marek. "Estás a perder a coragem?" Era tudo aquilo que ele tinha para dizer.

Dez minutos mais tarde, estava pendurada no ar, na beira do arco exposto. Tinha a mochila de escavação, com uma garrafa de oxigénio presa no lado de trás, e duas lanternas penduradas nas alças, parecendo granadas. Tinha a máscara puxada para a testa. Cabos ligavam o rádio a uma bateria que transportava no bolso. Com tanto equipamento sentia-se esquisita, desconfortável. Marek permanecia acima dela, prendendo a sua linha de segurança. E, no fundo do poço, Rick e os seus estudantes olhavam para eles com um ar tenso.

Olhou para cima na direcção de Marek. "Dá-me cinco." Libertou cinco pés de linha e ela deslizou até conseguir aflorar o monte de detritos. Pequenos deslizamentos de terra escapavam-se por entre os pés. Inclinou-se para a frente.

"Mais três."

Deixou-se cair apoiada nas mãos e nos joelhos, apoiando no terreno todo o seu peso. Aguentava. Mas olhou para o arco que se encontrava acima dela. A pedra chave estava a desmoronar-se em ambos os lados.

"Está tudo bem?" perguntou Marek em voz alta. "Okay", respondeu ela. "Vou entrar agora."

Rastejou de volta ao buraco que se encontrava debaixo do arco. Olhou para cima na direcção de Marek, e pegou numa das lanternas. "Não sei se conseguirás fazer isto, André. É possível que os detritos não suportem o teu peso." "Que gracinha. Não vais fazer isto sozinha, Kate."

"Bom, pelo menos deixa-me entrar primeiro."

Acendeu a lanterna, ligou o rádio, puxou a máscara para baixo, para começar a respirar através dos filtros, e rastejou através do buraco, entrando na escuridão que a aguardava.

O ar estava surpreendentemente fresco. O feixe amarelo da lanterna avançava hesitante pelas paredes nuas em pedra, pelo pavimento em pedra. Chang tinha razão: era um espaço aberto por debaixo do mosteiro. E parecia continuar até a uma certa distância,

até que os detritos e o cascalho desmoronado bloqueavam a passagem mais distante. Apontou o feixe de luz para o tecto, tentando ver em que condições se encontrava. Não conseguia ver muito bem. Mas não era lá grande coisa.

Continuou a rastejar apoiada nas mãos e nos joelhos, e em seguida começou a descer, deslizando um pouco pelos detritos na direcção do solo. Momentos mais tarde, punha-se de pé dentro das catacumbas.

“Já cá estou.”

Estava escuro à volta dela, e sentia a humidade do ar. Havia um odor frio e húmido que era desagradável mesmo através dos filtros. Os filtros eliminavam as bactérias e vírus. Nas escavações da maior parte dos locais de trabalho ninguém se preocupava com máscaras, mas aqui eram necessárias, porque no século catorze as pragas haviam surgido por diversas vezes, matando um terço da população. Embora uma das formas da epidemia tivesse sido originalmente transmitida por ratos infectados, outra forma foi transmitida pelo ar, através da tosse e de espirros, e assim toda a gente que entrasse num antigo espaço selado tinha que se preocupar...

Ouviu um ruído atrás dela. Viu Marek passando através do furo que se encontrava na parte superior. Começou a deslizar até que saltou para o solo. No silêncio que se seguiu, ouviram os sons suaves dos seixos e terra que deslizavam pelas terras do desmoronamento.

“Já reparaste”, disse ela, “que podíamos ficar aqui enterrados vivos.”

“Deves olhar sempre para o lado bom,” respondeu Marek. Continuou em frente, segurando uma grande lâmpada fluorescente com reflectores. Iluminava uma secção completa da sala. Agora que podiam ver claramente, a sala parecia desalentadoramente vazia. À esquerda encontrava-se o sarcófago em pedra de um cavaleiro; a tampa, que havia sido removida, era esculpida em relevo. Quando inspeccionaram o interior do sarcófago, verificaram que se

encontrava vazio. Encostada a uma das paredes encontrava-se uma mesa em madeira tosca. Estava vazia. Um corredor aberto para a esquerda, terminava numa escada de pedra, que subia até desaparecer num monte de detritos. Mais montes de terra nesta câmara, para o lado direito, bloqueando outra passagem, outro arco.

Marek suspirou. "Tanta excitação... para nada."

Mas Kate continuava a estar preocupada com a terra que se soltava, caindo na sala. Fez com que olhasse atentamente para os montes de terra que se encontravam à direita.

E foi nesse instante que ela a viu. "André", disse ela. "Chega aqui."

Era uma protuberância cor de terra, castanha contrastando com o castanho da terra, mas a superfície tinha um brilho muito leve. Limpou-a com a mão. Era oleado. Destapou um canto afiado. Oleado que embrulhava qualquer coisa.

Marek espreitou por cima do ombro dela, "óptimo, muito bem." "Naquela altura já tinham oleado?"

"Oh, sim. O oleado é uma invenção Viking, talvez do século nono. Bastante vulgar na Europa no nosso período. Embora esteja convencido de que não se encontrou mais nada no mosteiro que esteja embrulhado em oleado."

Ajudou-a a escavar. Fizeram-no cautelosamente, procurando evitar que as terras desabassem sobre eles, mas dentro em pouco tinham o objecto exposto. Era um rectângulo com cerca de sessenta centímetros quadrados, protegido com uma corda embebida em óleo.

"Julgo que são documentos", disse Marek. Os dedos iluminados pela luz fluorescente tremiam, com a ansiedade de o abrir, mas procurou controlarse. Levamo-lo connosco."

Colocou-o debaixo do braço e dirigiu-se para a entrada. Ela olhou uma última vez para o monte de terra, pensando se não teria falhado qualquer coisa. Mas não tinha. Moveu o feixe de luz e...

Parou.

Pelo canto do olho teve uma visão fugaz de qualquer coisa brilhante. Voltou-se para olhar mais uma vez. Por momentos não conseguiu encontrá-la até que finalmente ali estava.

Era uma pequena peça de vidro, saindo da terra. "André?", disse ela. "Tenho a impressão de que há mais."

O vidro era fino e perfeitamente transparente. A borda era curva e macia, quase moderna na sua qualidade. Limpou a sujidade com as pontas dos dedos expondo uma lente de uns óculos.

Era uma lente bifocal.

"O que é?", perguntou André dirigindo-se para ela. "Isso gostava eu de saber."

Semicerrou os olhos, aproximando o feixe da lanterna. O rosto estava tão próximo do vidro que quase lhe tocava com o nariz. "Onde é que encontraste isto?" O seu tom de voz denotava preocupação.

"Mesmo aqui."

"À mostra, como está agora?" A sua voz estava tensa, quase acusadora. "Não, só se via uma das bordas. Fui eu que a limpei."

"Como?" "Com o dedo."

"Estás a querer dizer-me que estava parcialmente enterrada?" O seu tom de voz dava a entender que não acreditava nela.

"Hey, qual é a tua ideia?" Limita-te a responder, por favor."

"Não, André. Estava quase toda enterrada. Estava toda enterrada menos este bordo esquerdo."

"Gostava que não lhe tivesses tocado." "Também eu, se soubesse que ias reagir ..."

"Isto tem que ter uma explicação", disse ele. "Volta-te." "O quê?"

"Volta-te." Agarrou-a pelo ombro e voltou-a com brusquidão, de modo a ficar de costas para ele.

“Valha-me Deus.” Olhava por cima do ombro para ver o que é que ele estava a fazer. Segurava a lanterna muito perto da mochila dela e deslocava-a ao longo da superfície muito lentamente, examinando a mochila minuciosamente e em seguida os calções. “Olha lá, estás a querer dizer-me ...”

“Está calada por favor.”

Passou-se um minuto à vontade antes dele ter terminado. “O zíper do fecho inferior da tua mochila está aberto. Foste tu que o abriste?”

“Não.” “Então tem estado sempre aberto. Desde a altura em que colocaste a mochila?”

“Julgo ...”

“Houve alguma altura em que te tivesses encostado à parede?”

“Acho que não.” Procurara ter o maior cuidado com esse aspecto porque não queria que a parede se desmoronasse.

“Tens a certeza?” perguntou ele.

“Pelo amor de Deus! Não, André, não tenho a certeza.”

“Está bem. Agora faz-me o mesmo.” Estendeu-lhe a lanterna e voltou-se de costas para ela.

“Verifico o quê?” perguntou ela.

“Esse vidro é uma contaminação”, respondeu. “Temos que explicar como é que ele apareceu ali. Verifica se algum dos bolsos da minha mochila se encontra aberto.”

Ela fez aquilo que ele lhe pedia. Não havia nada aberto. “Viste cuidadosamente?”

Sim, vi cuidadosamente”, disse ela num tom aborrecido. “Acho que o fizeste muito depressa.”

“André, já te disse que verifiquei cuidadosamente.”

Marek ficou a olhar para o monte de terra que se encontrava na frente deles. Enquanto olhava, pequenos seixos deslizavam pelo

declive. "Podia ter caído de uma das nossas mochilas e depois ficar coberto ..."

Sim, acho que é possível."

"Se conseguiste limpá-lo com a ponta do dedo é sinal de que não se encontrava profundamente enterrado ..."

"Não, não, estava perfeitamente solto."

"Tudo bem. Então, de certo modo, temos aqui a explicação."  
"Que é?"

"Não sei bem como, trouxemos esta lente connosco e enquanto estávamos a trabalhar nos documentos embrulhados no oleado, caiu da mochila e ficou coberto pelos detritos. Mais tarde viste-o, e limpaste-o. É a única explicação." "Okay ..."

Mark tirou a máquina fotográfica, fotografou o vidro várias vezes de diferentes distâncias - de muito perto e em seguida progressivamente mais longe. Só depois tirou um pequeno envelope de plástico, pegou cuidadosamente no vidro com uma pinça e introduziu-o no envelope. Tirou um pequeno rolo de fita adesiva, fechou o envelope, selou-o com a fita e entregou-lhe o embrulho. "Leva-o contigo. Por favor tem cuidado." Parecia mais descontraído. Estava a mostrar-se mais amável com ela.

"Está bem", disse ela. Voltaram a trepar o declive do aterro, dirigindo-se para o exterior.

Foram saudados com vivas pelos estudantes, e o embrulho com o oleado foi entregue a Elsie, que o transportou rapidamente para a casa agrícola. Toda a gente ria abertamente ou sorria, excepto Chang e Chris Hughes. Usavam auscultadores e tinham ouvido tudo aquilo que se passara na cave. Tinham um ar sombrio e preocupado.

A contaminação de um local de trabalho era um assunto extremamente sério e todos sabiam isso. Porque implicava uma técnica de escavação descuidada levando a questionar qualquer outra bem como descobertas legítimas que tivessem sido feitas pela

equipa. No ano anterior, em Les Eyzies, um caso semelhante quase que ia redundando num pequeno escândalo.

Les Eyzies era um local Paleolítico, uma povoação de homens primitivos no rebordo de uma falésia. Os arqueólogos estavam a fazer escavações a um nível que datava de 320 000 a.C., quando um deles encontrou um preservativo meio enterrado. Ainda se encontrava na sua embalagem metálica e ninguém se atreveu a pensar nem por instantes que fizesse parte daquele nível. Mas o facto de ter sido encontrado ali - meio enterrado - sugeria que não estavam a ser cuidadosos com a sua técnica. A equipa quase que entrou em pânico, mas continuaram depois de um dos estudantes licenciados ter sido mandado de volta para Paris, desacreditado.

“Onde é que está a lente?” “É a Kate que a tem.”

Ela entregou a lente a Chris. Enquanto toda a gente festejava, ele afastou-se, desembrulhou o pacote e expôs o envelope à luz.

“Moderno sem a menor dúvida.” Abanou a cabeça com um ar infeliz. “Vou verificar isto. Não te esqueças de mencionar isto no relatório de trabalho.” Marek garantiu que não se esqueceria.

Nessa altura Wek Chang voltou-se e bateu as palmas. “Ok, meninos, a brincadeira acabou. Toca a trabalhar!”

Para essa tarde Marek havia planeado um treino de tiro com arco. Os alunos gostavam imenso do treino e nunca faltavam a uma sessão; recentemente Kate também se havia juntado ao grupo. Naquele dia o alvo era um espantalho cheio de palha, colocado a cerca de trinta metros. Os miúdos estavam todos alinhados, empunhando os seus arcos, e Marek passou lentamente por detrás deles.

“Para matar um homem”, disse-lhes ele, “não se podem esquecer de uma coisa: é quase certo que usa placa de armadura no peito. É menos provável que tenha protecção de armadura na cabeça e no pescoço, ou nas pernas. Sendo assim, para o matar terão que o atingir na cabeça, ou nas partes laterais do tronco que não se encontram protegidas pela armadura.”

Kate ouvia a explicação de Marek divertida. André levava tudo muito a sério. Para matar um homem. Como se, na realidade, fosse isso que ele quisesse fazer. Ali de pé, gozando o sol da tarde do sul da França, ouvindo o buzinar distante dos carros que passavam na estrada, a ideia parecia levemente absurda.

“Mas se quiserem deter um homem”, continuou Marek, “disparem para as pernas. Vai logo abaixo. Hoje vamos usar arcos de dois quilos.”

Dois quilos representava o esforço de abertura, aquilo que era necessário para esticar o arco. Os arcos eram pesados sem qualquer dúvida, e difíceis de disparar. As flechas tinham quase sessenta centímetros de comprimento. Muitos dos miúdos viam-se atrapalhados, especialmente quando treinavam pela primeira vez. Normalmente Marek terminava cada sessão de treino com levantamento de pesos, por uma questão de musculação.

Marek era capaz de atirar com um arco de quatro quilos e meio. Embora fosse difícil de acreditar, insistia em que era o tipo das verdadeiras armas do século catorze - muito além daquilo que qualquer deles era capaz de usar.

“Muito bem, disse Marek, “escolham as vossas flechas, apontem e podem disparar.” As flechas cruzavam o ar. “Não, não, não, David, não abras o arco até começares a tremer. Procura manter o controlo. Carl, olha para a tua posição. Bob, demasiado alto. Deanna, não te esqueças do dedo. Rick, essa foi muito melhor. Muito bem, mais uma vez, escolham as vossas flechas, apontem, e.. disparem!”

A tarde já ia no fim quando Stern chamou Marek no rádio e pediu-lhe para ir à casa agrícola. Disse-lhe que tinha boas notícias. Marek foi encontrá-lo debruçado sobre o microscópio a examinar a lente.

“O que é que se passa?”

“Chega aqui. Vê tu mesmo.” Chegou-se para o lado e Marek observou. Viu a lente e a linha nítida do corte bifocal. Aqui e ali a

lente estava levemente manchada com círculos brancos, como se fosse devido a bactérias.

“O que é que eu devo ver?”, perguntou Marek. “Borda esquerda.”

Moveu a lamela, trazendo a borda esquerda para o campo de visão. Com a refração da luz a borda parecia muito branca. Em seguida notou que a brancura partia da borda, espalhando-se para a superfície da lente.

“São bactérias a desenvolverem-se na lente”, disse Stern. “É como verniz de rocha.”

Verniz de rocha era o termo para a pátina de bactérias e bolor que crescia na parte inferior das rochas. Uma vez que era orgânico, o verniz de rocha podia ser datado.

“Isto pode ser datado?” disse Marek.

“Podia”, respondeu Stern, “se houvesse o suficiente para um teste C-14. Mas Posso dizer-te já que não temos. É impossível conseguir uma datagem decente com esta quantidade. Nem sequer vale a pena tentar.”

“E então?”

“A questão é que se trata da parte exposta da lente, não é verdade? A borda que a Kate disse que saía da terra?”

“Exacto ...”

“Então é antiga, André. Não tenho dados concretos mas posso garantir que não se trata de contaminação do local. O Rick está a analisar os ossos que ficaram expostos hoje e está convencido de que alguns deles são posteriores ao nosso período, século dezoito ou até mesmo século dezanove. O que quer dizer que um deles poderia usar bifocais.”

“Olha que não sei. Esta lente apresenta uma técnica muito apurada...”

isso não quer dizer que seja nova”, respondeu Stern. “Há duzentos anos já tinham boas técnicas de polimento. Vou tratar das coisas para que esta lente seja examinada por um técnico de óptica em New Haven. Pedi à Elsie para se adiantar e verificar os documentos que se encontravam no oleado, prevendo o caso de que exista alguma coisa fora do normal. Entretanto, acho que nos podemos descontrair um pouco.

“Não há dúvida de que são boas notícias”, disse Marek com um sorriso. “Tinha a certeza de que querias saber. Encontramo-nos ao jantar.”

Tinham preparado as coisas para jantarem na velha praça de Dorrime, uma aldeia empoleirada no topo de uma falésia, a poucos quilómetros do local de trabalho. Ao cair da noite Chris, que estivera rabugento durante todo o dia, recuperara da sua má disposição e preparava-se para jantar. Pensava se Marek recebera instruções do Professor e, caso contrário, o que é que iam fazer a esse respeito. Sentia-se na expectativa.

A sua boa disposição desvaneceu-se ao chegar, quando viu que os casais de correctores da bolsa se encontravam de novo sentados à mesa deles. Aparentemente haviam sido convidados para uma segunda noite. Chris preparava-se para voltar as costas e ir-se embora, mas Kate levantou-se rapidamente, pôs-lhe um braço pelos ombros e conduziu-o para a mesa.

“É melhor ir-me embora”, disse-lhe ele em voz baixa. “Não suporto essa gente.” Mas ela deu-lhe um beijo fugaz e obrigou-o a sentar-se numa cadeira. Verificou que deviam ser os correctores da

bolsa que estavam a encomendar o vinho naquela noite - Château Lafite-Rothschild'95, nunca menos de dois mil francos a garrafa.

E pensou para consigo, "Que se lixe".

"Bom, não há dúvida de que é uma cidadezinha encantadora" estava uma das mulheres a dizer. "Fomos dar uma volta para ver as muralhas no exterior. Estendem-se por uma distância muito considerável. Também são altas. E aquela porta extraordinária de entrada na cidade, está a ver, aquela que tem duas torres redondas uma de cada lado."

Kate acenou com a cabeça. "Não deixa de ser irónico", disse ela, "que um grande número de aldeias que achamos tão encantadoras fossem na realidade os centros comerciais do século catorze."

"Centros comerciais? O que é que quer dizer?", perguntou a mulher. Nesse momento o rádio de Marek, que este trazia preso no cinto, crepitou com a estática.

"André? Estás a ouvir?"

Era a Elsie. Nunca vinha jantar com os outros, trabalhando até tarde na sua catalogação. Marek pegou no rádio. "Diz Elsie."

"Encontrei aqui uma coisa que acho muito estranha." "Sim ..."

"És capaz de dizer ao David para dar aqui um salto? Preciso da ajuda dele para os testes. Mas digo-vos uma coisa, meninos - se isto é uma brincadeira, não acho piada nenhuma."

Com um click o rádio ficou mudo. "Elsie?"

Não houve resposta.

Marek olhou em volta da mesa. "Alguém lhe pregou uma partida?" Abanaram todos a cabeça numa negativa.

Chris Hughes comentou: "Talvez ela comece a sentir-se esgotada. Não me surpreendia com tantas horas a olhar para os pergaminhos."

"Vou ver o que é que ela quer", disse David Stern, levantando-se da mesa. Afastou-se desaparecendo na escuridão.

Chris pensou em ir com ele, mas Kate olhou para ele rapidamente e sorriu-lhe. Fez com que ele se sentasse mais confortavelmente, pegando no copo de vinho.

“Estava a dizer - que estas cidades eram como centros comerciais?” “Grande parte delas eram”, respondeu Kate Erickson. “Estas cidades eram

organizações comerciais para fazerem dinheiro para os que queriam desenvolver as terras. Mais ou menos como os centros comerciais de hoje. E, como se verifica nos centros comerciais, eram construídas em padrões idênt'icos.”

Voltou-se na cadeira e apontou para a praça da cidade de Dorrimé que ficava atrás deles. “Está a ver o mercado coberto a madeira que se encontra no centro da praça da cidade? Encontra mercados cobertos semelhantes a este em montes de cidades aqui à volta. Quer dizer que a cidade é uma bastilha, uma nova aldeia fortificada. Durante o século catorze foram construídas em França cerca de mil cidades bastilha. Algumas delas foram construídas para defender o território. Mas muitas delas foram construídas simplesmente para fazer dinheiro.”

Esta explicação chamou a atenção dos correctores da bolsa.

um dos homens olhou directamente para ela e disse: “Só um momento. como é que construir uma aldeia pode fazer com que alguém ganhe dinheiro?” Kate sorriu. “Economia do século catorze”, respondeu. “Funcionava da seguinte maneira. Imaginemos que é um nobre, dono de um grande número de terras. A maior parte da França do século catorze é floresta, o que quer dizer que a maior parte das suas terras são florestas, habitadas por lobos. Poderá ter aqui e ali alguns agricultores que lhe pagam rendas miseráveis. Mas assim nunca conseguirá ficar rico. E porque é um nobre, tem continuamente uma necessidade desesperada de dinheiro, para fazer a guerra e para receber no estilo sumptuoso que se espera de si.

“Sendo assim, o que é que você pode fazer para aumentar o rendimento das suas terras? Constrói uma nova cidade. Atrai gente

para viver na sua nova cidade, oferecendo-lhe reduções especiais de impostos, facilidades especiais designadas no foral da cidade. Basicamente, liberta a gente da cidade de obrigações feudais.”

“Qual é a razão de se darem todas essas facilidades?”

“Porque dentro em breve irá ter mercadores e mercados na cidade, e as taxas e impostos irão gerar muito mais dinheiro para si. Aplica impostos a tudo. Pela utilização da estrada para chegar à cidade. Pelo direito de entrar nas muralhas da cidade. Pelo direito de instalar uma tenda no mercado. Pela despesa dos soldados para manterem a ordem. Por fornecer agíotas ao mercado.>,”

“Não está mal”, disse um dos homens.

“Não está mesmo nada mal. E além disso ainda recebe uma percentagem de tudo aquilo que é vendido no mercado.”

“A sério? Que percentagem?”

“Depende do lugar, e em especial do tipo de mercadoria. De um modo geral, um a cinco por cento. Deste modo, o mercado é de facto a razão de ser da cidade. Pode ver-se claramente pelo modo como a cidade é construída. Olhe para a igreja que está ali”, disse ela, apontando para o lado. “Nos primeiros séculos a igreja era o centro da cidade. As pessoas iam à Missa pelo menos uma vez por dia. Toda a vida girava em torno da igreja. Mas aqui no Dorrime, a igreja está afastada para um dos lados. O mercado é agora o centro da cidade.” “Sendo assim, todo o dinheiro vem do mercado?”

“Não totalmente, porque a cidade fortificada oferece protecção para a área, o que quer dizer que novos agricultores irão limpar as terras nas proximidades e começar novas culturas. Deste modo também vão aumentar as suas rendas agrícolas. De um modo geral, uma nova cidade é um investimento sólido e de confiança. Razão pela qual tantas destas cidades foram construídas.”

“É só por isso que as cidades foram construídas?”

“Não, muitas foram construídas por razões militares como ...” O rádio de Marek crepitou. Era Elsie mais uma vez. “André?” “Diz”, respondeu Marek.

“É melhor vires já aqui porque não sei o que é que hei-de fazer.” “Porquê? O que é que se passa?”

“Vem já. Agora.”

O gerador trabalhava ruidosamente, e a casa parecia brilhantemente iluminada no meio do campo às escuras, sob um céu crivado de estrelas.

Estavam todos reunidos na casa agrícola. Elsie, sentada à secretária que se encontrava no centro, olhava para eles. O seu olhar parecia distante.

“Elsie?” “É impossível”, disse ela.

“O que é que é impossível? O que é que aconteceu aqui?”

Marek olhou para David Stern que ainda se encontrava a fazer uma análise qualquer num dos cantos da sala.

Elsie suspirou. “Não sei, francamente não sei ...”

“Bom”, disse Marek, “o melhor é começares pelo princípio.”

“Okay”, respondeu. “O princípio.” Levantou-se e atravessou a sala, apontando para um monte de pergaminhos que se encontravam sobre um encerado estendido no soalho. “Este é o princípio. O grupo de documentos 1, referência M-031, retirado das escavações do mosteiro às primeiras horas de hoje. David pediu-me para fazer isto o mais rapidamente possível.”

Ninguém disse uma palavra. Limitavam-se a olhar para ela.

Muito bem, continuou. Comecei a analisar o grupo de documentos. Trabalho da seguinte maneira. Retiro cerca de dez pergaminhos de cada vez e trago-os para a minha secretária.” Trouxe dez. “Agora sento-me à secretária e começo a analisar um por um. Em seguida, depois de ter feito o sumário do conteúdo de cada folha, e registado o sumário no computador, trago a folha para ser fotografada aqui.” Dirigiu-se para a mesa seguinte e fez deslizar um Pergaminho sob a máquina fotográfica.

Marek disse: “Estamos ao corrente do processo ...”

“Não, não estão coisa nenhuma”, respondeu ela em tom acerado. “Não estão de modo nenhum ao corrente.” Elsie voltou à sua mesa e retirou o pergaminho seguinte do monte. “Continuando, analiso portanto os documentos um a um. Este grupo é composto por toda a espécie de documentos: facturas, cópias de cartas, respostas a directivas do bispo, registos de colheitas, listas de equipamento do mosteiro. Tudo datado mais ou menos do ano de 1357.”

Tirou os pergaminhos do monte, um por um. “E então”, - retirou o último - “vejo isto.” Ficaram a olhar.

Ninguém disse uma palavra.

O pergaminho era idêntico em tamanho aos outros que se encontravam no monte, mas em vez da escrita compacta em Latim ou Francês arcaico, este tinha apenas duas palavras escritas em inglês corrente:

# AJUDEM-ME

4/7/1357

“No caso de terem dúvidas”, disse ela, “é a caligrafia do Professor.”

A sala estava silenciosa. Ninguém se movia ou mudava de posição. Estavam ali todos a olhar em completo silêncio.

Marek pensava rapidamente, analisando todas as possibilidades. Atendendo ao seu conhecimento detalhado e enciclopédico sobre o período medieval, trabalhara durante muitos anos como consultor sobre artefactos medievais para o Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque. Como resultado disso, Marek tinha uma considerável experiência sobre falsificações de todas as espécies. Era certo que raras vezes eram exibidas falsificações de documentos sobre o período medieval - normalmente as falsificações consistiam em pedras preciosas montadas num bracelete que não tinha mais de dez anos ou uma armadura que se vinha a verificar ter sido fabricada em Brooklin - mas a sua experiência dera-lhe uma visão clara sobre o modo como lidar com estas situações.

Marek disse: Okay, começando pelo princípio. Tens a certeza de que é a sua caligrafia?”

“Tenho”, respondeu Elsie. “Sem qualquer dúvida.” “Como é que sabes?”

Ela fungou com desdém. “Sou uma grafologista, André. Mas tens aqui. Podes verificar.”

Trouxe uma nota que Johnston rabiscara alguns dias antes, uma nota escrita em maiúsculas, presa a uma factura: “POR FAVOR, VERIFIQUEM ESTE DÉBITO.” Colocou a nota ao lado do texto do pergaminho. “Na realidade, as letras maiúsculas são mais fáceis de analisar. Este H, por exemplo, apresenta uma diagonal muito leve entre as duas hastes. Traça uma linha vertical, levanta a caneta, em seguida desenha a segunda linha vertical, e em seguida volta com a

caneta atrás para desenhar o travessão, fazendo a diagonal que estás a ver. Ou então repara no P. Desenha um risco de cima para baixo e em seguida volta à posição inicial para desenhar o semicírculo. Ou o E, que ele desenha como um L, para em seguida com um ziguezague acrescentar as duas linhas adicionais. Não há qualquer dúvida. É a sua caligrafia.”

“Não é possível que alguém tenha forjado isto?”

“Não. Numa falsificação nota-se o levantamento da caneta e outros sinais. Esta é a escrita dele.”

Kate comentou: “Achas que é possível que ele nos quisesse pregar uma partida?”

“Se o fez, não tem piada nenhuma.”

“O que é que me dizes deste pergaminho onde ele escreveu?” perguntou Marek. “É tão antigo como as outras folhas do monte?”

“Exacto”, disse David Stern vindo do outro lado da sala. “Ainda não acabei a datagem de carbono, mas diria que sim - tem a mesma idade dos outros.” Marek pensou: Como é que isso é possível? Perguntou: “Tens a certeza? Este

pergaminho parece-me diferente. A superfície parece ser mais grosseira.”

“É mais grosseira”, respondeu Stern. “Porque não foi convenientemente raspado. Nos tempos medievais os pergaminhos constituíam um material muito valioso. Geralmente era usado, raspado até ficar limpo e voltava a ser usado. Mas se observarmos este pergaminho ao ultravioleta... Alguém pode trazer a luz?” Kate desligou as luzes e na escuridão Stern ligou uma lâmpada púrpura sobre a mesa.

Marek viu imediatamente mais escrita, ténue mas que se observava claramente na superfície do pergaminho.

“Originalmente isto era um recibo de aluguer”, disse Elsie. “Foi raspado rapidamente e sem o menor cuidado, como se alguém estivesse cheio de pressa.” Chris perguntou: “Estás a dizer que foi o Professor que o raspou?”

“Não faço a menor ideia sobre quem é que o raspou. Mas posso garantir que não foi feito por um especialista.”

Muito bem, disse Marek. “Há uma maneira definitiva de decidir isto de uma vez por todas.” Voltou-se para Stern. “O que é que me dizes da tinta, David? É genuína?”

Stern hesitou. “Não tenho a certeza.” “Não tens a certeza? E porque não?”

“Falando sob um ponto de vista químico”, disse Stern, “é precisamente aquilo que se poderia esperar: ferro sob a forma de óxido ferroso, misturado com centáurea como agente de ligação orgânico. Havia quem acrescentasse carvão para ficar mais preta, e cinco por cento de sacarose. Nesses dias usava-se a sacarose para dar à tinta um aspecto brilhante. Temos portanto uma tinta vulgar ferro-centáurea, correcta em termos do período em causa. Mas isto em si não tem grande significado.”

“Certo.” Stern estava a dizer que podia ser falsificada.

“Foi assim que efectuei, testes de centáurea e de ferro”, disse Stern, “o que faço normalmente quando tenho dúvidas. Conseguimos assim as quantidades exactas que se encontram presentes na tinta. Os ensaios indicam que esta tinta é similar mas não idêntica à dos outros documentos.”

“Similar mas não idêntica”, disse Marek. “Até que ponto é similar?” “Como sabes, as tintas medievais eram misturadas à mão antes de serem usadas, porque não se aguentavam. A centáurea é orgânica, o que significa que as tintas eventualmente podiam deteriorar-se. Por vezes acrescentavam vinho à tinta como conservante. De qualquer modo, encontra-se uma variação bastante razoável nas percentagens de centáurea e de ferro de documento para documento. Chegamos a verificar uma diferença de vinte a trinta por cento entre documentos. É perfeitamente aceitável que consigamos aceitar essas percentagens para dizer se dois documentos foram escritos no mesmo dia, do mesmo fornecimento de tinta. Esta tinta em especial apresenta uma diferença de cerca de vinte e nove por cento em relação aos outros documentos.”

“Isso não tem qualquer significado”, disse Marek. “Esses números são incapazes de confirmar que se trata de um documento autêntico ou de uma falsificação. Fizeste uma análise espectrográfica?”

“Fiz, acabei-a mesmo agora. Tens aqui o espectro para três documentos, com o do Professor no meio.” Três linhas, uma série de picos e depressões. “Mais uma vez similares mas não idênticos.”

“Não tão similar como isso”, disse Marek, observando o padrão dos picos. “Porque, juntamente com a diferença de percentagem em conteúdo em ferro, encontramos um grande número de vestígios de elementos na tinta do Professor, incluindo... a que é que corresponde este pico, por exemplo?”

“Crómio.” Marek suspirou. “O que quer dizer que é moderna.” “Não necessariamente, de modo nenhum.”

“Não existe crómio nas tintas antes e depois.”

“É verdade. Mas o crómio é encontrado em tintas para escrita manual. Bastante vulgar.”

“Existe crómio neste vale?”

“Não”, respondeu Stern, “mas o crómio era importado de todos os cantos da Europa, porque era usado tanto no fabrico de corantes como de tintas.” “Mas o que é que me dizes dos outros contaminantes?”, disse Marek,

apontando para os outros picos. Abanou a cabeça. “Desculpa lá mas não consigo engolir isto.”

Stern disse, “Estou de acordo, deve ser uma partida.”

“Mas não vamos ter uma certeza a cem por cento sem uma datagem carbono”, disse Marek. O Carbono - 14 permite-nos fazer uma datagem tanto do pergaminho como da tinta, com uma margem de erro de cerca de cinquenta anos. Isso já será suficiente para decidir a respeito de uma possibilidade de falsificação.

“já que estamos com as mãos na massa, também gostava de fazer um teste de termoluminescência e uma activação a laser”,

disse Stern.

“Não o consegues fazer aqui.”

“Não, levo-o a Les Eyzies.” Les Eyzies, a cidade no vale seguinte que era o centro dos estudos pré-históricos no sul da França, tinha um laboratório muito bem equipado que fazia datagens carbono -14 e potássio-árgon, bem como activação neutrónica e outros testes difíceis. Os resultados de campo não eram tão exactos como os que se obtinham em Paris ou em Toulouse, mas os cientistas conseguiam uma resposta em poucas horas.

“Há hipóteses de o fazeres esta noite?” “Vou tentar.”

Chrís veio juntar-se ao grupo; estivera a tentar falar com o Professor num telefone móvel. “Nada”, disse ele. “Vou ter sempre ao voicemail.”

“Está bem”, disse Marek. “Para já, não há mais nada que se possa fazer. Presumo que esta mensagem seja uma brincadeira de mau gosto. Não faço a menor ideia de quem seja o engraçadinho, mas alguém o fez. Amanhã fazemos o teste de carbono para datar a mensagem. Não tenho a menor dúvida de que vamos provar que é recente. E com todo o meu respeito para com a Elsie, estou convencido de que o mais provável é ser uma falsificação.”

Elsie começou a protestar furiosamente.

“Mas de qualquer modo”, continuou Marek, “o Professor deve estar aqui amanhã e vamos perguntar-lhe. Entretanto, sugiro que vá toda a gente para a cama e desejo-lhes uma boa noite de descanso.”

Na casa agrícola, Marek fechou a porta devagarinho antes de acender as luzes. Então olhou à sua volta.

A sala estava imaculada, como já o esperava. Apresentava a arrumação e a limpeza de uma cela de monge. Ao lado da cama encontravam-se cinco ou seis documentos para investigação. Numa secretária à direita, mais documentos de investigação ao lado de um computador laptop. A secretária tinha uma gaveta que abriu e inspeccionou rapidamente.

Mas não encontrou aquilo que procurava.

Em seguida dirigiu-se para o armário. As roupas do Professor encontravam-se penduradas ordenadamente, com um espaço entre cada uma das cruzetas. Marek inspeccionou-os um a um, apalpando os bolsos, mas continuou a não o encontrar. Pensou que talvez não estivesse ali. Talvez -o tivesse levado com ,ele para o Novo México.

Havia uma escrivaninha em frente da porta. Abriu a gaveta de cima: moedas num pequeno prato de bordas baixas, dólares americanos presos com um elástico, e alguns objectos pessoais, incluindo um canivete, uma caneta e um relógio sobressalente - tudo coisas absolutamente vulgares.

Em seguida viu uma caixa de plástico, encostada a um dos lados.

Tirou a caixa da gaveta e abriu-a. A caixa continha lentes de óculos. Colocou as lentes no tampo.

As lentes eram bifocais, de forma oval.

Procurou no bolso da camisa e tirou uma saqueta em plástico. Ouviu ranger atrás dele e voltou-se, deparando com Kate Erikson que entrava naquele momento.

“A inspeccionar a roupa interior dele?” disse ela, erguendo as sobrancelhas. “Vi luz debaixo da porta. Tinha que dar uma vista de olhos.”

“Sem bateres?”, disse Marek.

“O que é que estás a fazer aqui?” perguntou. Logo em seguida viu o plástico. “É aquilo em que estou a pensar?”

“Exactamente.”

Marek tirou a lente bifocal do saco de plástico, segurando-a com uma pinça e colocou-a igualmente no tampo, ao lado das lentes do Professor.

“Não são idênticas,” disse ela. “Mas diria que a lente lhe pertence.” “Também acho.”

“Mas não será isso que sempre pensaste? Quer dizer, é a única pessoa aqui no campo que usa bifocais. A contaminação tem que vir

das suas lentes." "Mas não existe qualquer contaminação", disse Marek. "Esta lente é antiga." "O quê?"

"David diz que o branco da borda da lente é um crescimento de bactérias. Esta lente não é moderna, Kate. É antiga."

Ela observou mais de perto. "Não é possível", respondeu. "Repara no modo como as lentes estão cortadas. É o mesmo tipo de trabalho nas lentes do Professor e nesta lente. Tem que ser moderna."

"Eu sei, mas David insiste em que é antiga." "Até que ponto?"

"Não é capaz de o dizer."

"Não consegue fazer a datagem?"

Marek abanou a cabeça. "Não tem material orgânico suficiente."

"Sendo assim", disse ela, "vieste a este quarto porque ...". Fez uma pausa, olhando para as lentes e em seguida para ele. Franziu as sobrancelhas. "Julguei que tinhas dito que a letra era uma falsificação, André."

"É verdade."

"Mas também perguntaste ao David se podia fazer o teste de carbono esta noite, não foi?"

"Sim ..."

"E agora aqui estás tu com a lente, porque te sentes preocupado ...". Abanou a cabeça como se pretendesse esclarecer as ideias. "Sobre o quê? O que é que achas que se está a passar?"

Marek olhou para ela. "Não faço a menor ideia. Nada disto faz sentido." "Mas estás preocupado."

"Sim", respondeu Marek. "Estou preocupado."

O dia seguinte amanheceu brilhante e quente, com um sol deslumbrante num céu sem nuvens. O Professor não telefonou durante toda a manhã. Marek telefonou-lhe duas vezes mas só conseguia apanhar o seu voicemail Deixe-me uma mensagem e telefono-lhe mais tarde."

Também estava sem notícias de Stern. Quando telefonaram para o laboratório em Les Eyzies, disseram-lhes que ele estava ocupado. Um técnico frustrado informou-os: "Está a repetir os testes mais uma vez! Com esta já são três vezes!"

Porquê? Pensava Marek. Considerou a hipótese de se deslocar a Les Eyzies para verificar ele próprio - era uma viagem curta - mas decidiu ficar no armazém para o caso de o Professor telefonar.

Nunca telefonou.

A meio da manhã, Elsie exclamou: "Hul---i." "O que é que foi?"

Estava a olhar para outro pergaminho. "Este era o pergaminho que se encontrava imediatamente antes do documento do Professor", disse ela.

Marek aproximou-se. "E o que é que Isso tem?"

"Parece que tenho aqui manchas de tinta da caneta do Professor. Estás a ver, aqui e aqui?"

Marek encolheu os ombros. "Provavelmente estava a analisar este antes de escrever a sua nota."

"Mas estão na margem", disse ela, "quase como se tratasse de uma anotação." "Anotação sobre o quê?", perguntou "O documento é sobre o quê?"

"É uma peça de história natural", disse ela. "Uma descrição de um rio subterrâneo escrita por um dos monges. Diz que é preciso ter cuidado em diversos pontos, marcados em passos, e por aí adiante."

"Um rio subterrâneo.. ." Marek não se sentia interessado. Os monges eram os académicos da região e era frequente escreverem pequenos ensaios sobre geografia local, ou carpintaria, a altura apropriada para podar as árvores do pomar, a melhor maneira de armazenar os cereais durante o Inverno, e tantas outras coisas. Eram simples curiosidades e na maioria das vezes estavam erradas.

"Marcellus tem a chave", disse ela, lendo o texto. "Sempre gostava de saber o que é que isto quer dizer. É exactamente onde o Professor deixou as suas marcas. Em seguida... qualquer coisa

sobre... pés gigantes... não... os pés do gigante? ... Os pés do gigante? ... E diz vivix, o que é o termo latino para... deixa-me ver... Esta é nova ...”

Consultou o dicionário.

Impaciente, Marek saiu para o exterior e andava de um lado para o outro. Estava irritado, nervoso.

“É estranho”, disse ela. “Não existe qualquer palavra vivix. Pelo menos neste dicionário não a encontro.” Fez uma anotação que estava de acordo com a sua maneira metódica.

Marek suspirou.

As horas foram-se arrastando.

O Professor nunca chegou a telefonar.

Finalmente chegaram as três da tarde; os estudantes dirigiam-se calmamente para a tenda grande, para a sua pausa da tarde. Marek deixou-se ficar à porta a observá-los. Pareciam descuidados, rindo, dando palmadas uns aos outros, contando anedotas.

O telefone tocou. Voltou-se imediatamente. Elsie pegou no auscultador. Ouviu-a dizer, “Sim, está mesmo aqui ao meu lado ...”

Precipitou-se para a sala. “O Professor?”

Abanou a cabeça. “Não. É alguém da ITC.” E estendeu-lhe o telefone. “Fala André Marek”, disse.

“Oh, sim. Por favor aguarde um momento, Mr Marek. Sei que o Mr Doniger está ansioso para falar consigo.”

“Está?” “É verdade. Há várias horas que estamos a tentar telefonar-lhe. Por favor, aguarde um momento enquanto o vou chamar.”

Uma longa pausa. Entretanto ouvia-se um trecho de música clássica. Marek colocou a mão sobre o bocal e disse a Elsie: “É o Doniger.”

“Hey”, comentou ela. “Estás a subir na vida. Nada mais do que o manda-chuva.”

“Porque é que o Doniger me está a telefonar?”

Cinco minutos mais tarde ainda aguardava a ligação quando Stern entrou na sala, abanando a cabeça. “Não vais acreditar nisto.”

“Sim? Em quê?” disse Marek continuando a segurar o telefone.

Stern limitou-se a estender-lhe uma folha de papel onde se encontrava escrito:

638 ± 47 BP

“O que é que isto quer dizer?” perguntou Marek. “A data da tinta.”

“De que é que estás a falar?”

“A tinta do pergaminho”, disse Stern. “Tem seiscentos e trinta e oito anos, com uma margem de mais ou menos quarenta e sete anos.”

“O quê?”

“É isso mesmo. A tinta data de 1361 d.C.” “O quê?”

“Eu sei, eu sei”, disse Stern. “Mas fizemos os testes três vezes. Não há qualquer dúvida a esse respeito. Se o Professor escreveu isso de facto, fê-lo há seiscentos anos.” Marek voltou o papel. No outro lado estava escrito:

1361 d.C ± 47 anos

Ao telefone a música terminou com um click e uma voz tensa disse: “Fala Bob Doniger. Mr Marek?”

“Eu mesmo”, disse Marek.

“Talvez não se recorde, mas encontrámo-nos há um par de anos quando eu visitei o campo de trabalho.”

“Lembro-me perfeitamente”, disse Marek.

“Estou a telefonar-lhe por causa do Professor Johnston. Estamos muito preocupados com a sua segurança.”

“Não sabem onde é que ele se encontra?”

“Não, não é isso. Sabemos exactamente onde é que ele se encontra.” Houve alguma coisa no seu tom de voz que fez com que

Marek sentisse uma arrepios na espinha. Marek continuou: "Então Posso falar com ele?"

"Lamento, mas de momento não é possível." "O Professor está em perigo?"

"É difícil de dizer. Espero bem que não. Mas vamos precisar da sua audácia e do seu grupo. já enviei o avião para os trazer."

Marek disse: "Mr. Doniger, parece que temos uma mensagem do Professor Johnston datada de há seiscientos anos ..."

"No telemóvel não", disse Doniger, interrompendo-o. Mas Marek verificou que não evidenciou qualquer surpresa. "Neste momento são três horas em França, não é verdade?"

"Sim, passam poucos minutos."

"Muito bem", disse Doniger. "Escolha os três membros da sua equipa que conheçam melhor a região de Dordogne. Dirija-se para o aeroporto de Bergerac. Não se preocupe em fazer as malas. Terão tudo aquilo de que necessitarem quando chegarem aqui. O avião aterriza às seis da tarde na vossa zona e irá trazê-los de volta ao Novo México. Compreendeu?"

"Sim, mas ..." "Então até já."

E Doniger desligou.

David Stern olhava para Marek. "Que história era essa?", perguntou. Marek disse: "Vai buscar o teu passaporte."

"O quê?"

"Vai buscar o teu passaporte. E na volta traz o carro." "Vamos a algum lado?"

"Sim, vamos", respondeu Marek. E pegou no rádio.

Do alto dos baluartes do Castelo de La Roque, Kate Erickson olhava para a paliçada interior, a ampla zona central do castelo, coberta de relva, que ficava situada vinte pés abaixo dela. A zona relvada estava cheia de turistas de uma dúzia de nacionalidades, todos eles envergando roupas coloridas e calções. As máquinas fotográficas disparavam em todas as direcções.

Mesmo por debaixo dela ouviu uma rapariguinha que dizia: "Mais outro castelo. Porque é que temos que visitar todos estes estúpidos castelos, Mamã?" A mãe respondeu: "Porque o Papá está interessado."

"Mas são sempre a mesma coisa, Mamã." "Eu sei querida ..."

O pai, a alguns metros de distância, estava no centro de um recinto de paredes baixas que desenhavam uma antiga sala. "E isto", anunciou ele à família, "era o grande átrio."

olhando para baixo, Kate verificou de imediato que não era nada daquilo que ele estava a dizer. O homem estava no meio daquilo que restava de uma cozinha. Era óbvio por causa dos três fornos ainda visíveis na parede da esquerda. E a calha em pedra que transportava a água podia ser vista exactamente atrás do homem na altura em que falou.

"O que é que aconteceu no grande átrio?" perguntou a filha.

"Era onde davam os banquetes, e onde os cavaleiros que visitavam o castelo prestavam homenagem ao rei."

Kate suspirou desanimada. Não havia a menor prova de que alguma vez tivesse havido um rei em La Roque. Muito pelo contrário, havia documentos atestando que sempre fora um castelo privado, construído no século onze por um indivíduo de nome Armand de Cléry, e mais tarde quase que totalmente reconstruído nos princípios do século catorze, com mais uma linha de muralhas exteriores e pontes levadiças adicionais. Estes trabalhos adicionais foram executados por um cavaleiro de nome François le Gros, ou Francisco o Gordo, por volta do ano de 1302.

Apesar do seu nome, François era um cavaleiro inglês, e reconstruiu La Roque segundo o novo estilo dos castelos ingleses, estabelecido por Edward 1. Os castelos eduardinos eram amplos, com espaçosos pátios interiores e agradáveis instalações para o senhor. Este sistema adaptava-se a François que tinha ao mesmo tempo um temperamento artístico, uma inclinação para a preguiça e uma tendência para problemas de dinheiro. François viu-se forçado a hipotecar o castelo e, mais tarde, a vendê-lo definitivamente.

Durante a Guerra dos Cem Anos, La Roque foi controlado por uma sucessão de cavaleiros. Mas as fortificações aguentaram: o castelo nunca foi conquistado em batalha, só em transacções comerciais.

Quanto ao grande átrio, viu que se encontrava situado mais para a esquerda, já em muito mau estado, mas indicando claramente os limites de uma sala Inuito maior, quase com trinta metros de comprimento. A monumental lareira - dois metros e meio de altura e três metros e meio de largura - ainda era visível. Kate sabia que qualquer grande salão com este tamanho teria paredes em pedra e cobertura em vigamento de madeira. E, de facto, ao olhar mais atentamente, descortinou os cachorros na parte superior das paredes em pedra, onde se teriam apoiado as grandes vigas horizontais. Em seguida viriam as contravigas, para suportar o telhado.

Um grupo de turistas britânicos passou por ela comprimindo-se para seguirem pelas passagens estreitas dos baluartes. Ouviu o gula que dizia: "Estes baluartes foram construídos por Sir Francis, o Mau, em 1363. Francis não prestava mesmo, era má rês. Nos seus enormes calabouços gostava de torturar homens e mulheres, e até mesmo crianças. Agora, se olharem para a vossa esquerda, podem ver o Recanto dos Amantes, onde Madame de Renaud encontrou a morte em 1292, tendo caído em desgraça por se encontrar grávida do criado das cavaliças do marido. Mas ainda hoje se discute se ela terá caído ou se foi empurrada pelo marido ultrajado ..."

Kate suspirou desalentada. Onde é que eles iam arranjar aquelas histórias? Folheou o seu bloco de esboços onde registara os contornos das muralhas. Este castelo também tinha as suas passagens secretas. Mas Francisco, o Gordo era um arquitecto experiente. As suas passagens eram na sua grande maioria para defesa. Uma das passagens corria desde a base das muralhas até à parede mais distante do grande átrio, até à parte de trás da lareira. Outra passagem corria ao longo das muralhas que se erguiam a sul.

Mas a passagem mais importante ainda se lhe escapava. Segundo o escritor do século catorze Froissart, o castelo de La

Roque nunca fora tomado por cerco, porque os atacantes nunca haviam sido capazes de descobrir a passagem secreta pela qual traziam alimentos e água para o castelo. Havia o rumor de que esta passagem secreta se encontrava ligada à rede de cavernas situadas nas rochas calcárias que se erguiam atrás do castelo; também corria durante uma certa distância até terminar numa abertura escondida na falésia.

Algueres. A maneira mais fácil de a encontrar seria descobrir onde terminava dentro do castelo e em seguida percorrer o caminho no sentido contrário. Mas para encontrar essa abertura iria necessitar de ajuda técnica. Provavelmente a melhor coisa seria radar de solo. Mas para se fazer uma coisa dessas era preciso que o castelo estivesse vazio. Estava fechado às segundas-feiras. Talvez o pudessem fazer na segunda-feira seguinte, se...

O rádio crepitou. "Kate?" Era Marek.

Segurando o rádio contra o rosto premiu o botão. "Sim, é a Kate." "Volta já para a casa agrícola. É uma emergência."

E desligou.

A cerca de três metros debaixo de água, Chris ouvia o silvo do seu regulador enquanto ajustava a corda-guia que o mantinha no lugar, resistindo à corrente do Dordogne. A claridade da água hoje não estava muito mal, cerca de três metros e meio, e conseguia ver toda a base do pilar da ponte do moinho fortificado, na beira da água. O pilar terminava num monte de grandes rochas que corriam numa linha directa cruzando o rio. Essas rochas eram os restos do arco original da ponte.

Chris seguiu ao longo da linha, examinando as rochas lentamente. Procurava entalhes ou cachorros que indicassem onde é que haviam sido usadas vigas. De vez em quando tentava voltar uma rocha, mas era muito difícil fazê-lo debaixo de água porque não conseguia um ponto de apoio.

Na superfície lá em cima deixara uma bóia com uma bandeira às riscas vermelhas indicando que havia mergulhador. Estava ali para o proteger dos kayaks dos turistas. Pelo menos era essa a ideia.

De repente sentiu um esticção que o arrancou do fundo. Dirigiu-se para a superfície, batendo com a cabeça no casco amarelo de um kayak. O remador segurava a bóia de plástico, gritando com ele em qualquer coisa que parecia alemão.

Chris tirou o respirador de boca e disse: "Quer fazer o favor de deixar isso em paz?"

Respondeu num Alemão rápido. O remador apontava irritadamente para a praia.

"Ouça uma coisa, pá, não sei quem você é ..."

O homem continuava a gritar, apontando para a praia com o dedo espetado.

Chris olhou para trás.

A maioria dos estudantes encontrava-se na margem, segurando um rádio na mão. Estava a gritar. Chris precisou de alguns momentos para compreender. "Marek quer que volte à casa agrícola. Agora."

"Chiça, e se for daqui a meia hora, quando acabar ..." "Ele diz agora."

Nuvens escuras erguiam-se sobre as distantes mesas, dando a ideia de que ia chover. No seu escritório, Doniger pousou o telefone e disse: "Concordaram

em vir."

"Optimo", disse Diane Kramer. Encontrava-se de pé à frente dele, as costas voltadas para a montanha. "Precisamos da ajuda deles."

"Infelizmente", disse Doniger, "precisamos." Levantou-se da secretária e começou a andar de um lado para o outro. Mostrava-se sempre inquieto quando pensava profundamente.

"Em primeiro lugar, não consigo compreender como é que perdemos o Professor", disse Kramer. "Deve ter entrado no mundo. Disse-lhe para não o fazer. Disse-lhe que não fosse em primeiro lugar. E ele deve ter entrado no mundo."

"Não sabemos o que é que aconteceu", disse Doniger. "Não fazemos a menor ideia."

"Excepto que escreveu uma mensagem", disse Kramer.

"Está certo. De acordo com o que a Kastrier disse. Quando é que falaste com ela?"

"Ontem ao fim do dia", respondeu Kramer. "Telefonou-me logo que soube. Tem sido um elo de ligação muito útil para nós, e ela ..."

"Deixa lá", disse Doniger, agitando a mão num tom irritado. "Não é nuclear." Era a expressão que ele usava sempre quando estava convencido de que qualquer coisa era irrelevante. "O que é nuclear?"

"Trazê-lo de volta", respondeu Doniger. "É fundamental trazermos aquele homem de volta. Isso é nuclear."

"Não há dúvida", respondeu Kramer. "Essencial."

"Pessoalmente estou convencido de que o velhadas é um imbecil" comentou Doniger. "Mas se não o trazemos de volta estamos enterrados até aos cabelos num pesadelo de publicidade."

"Sim, um pesadelo."

“Mas sou capaz de tomar conta disso”, afirmou Doniger. “Tenho a certeza de que é capaz de resolver o problema.”

Ao longo dos anos, Kramer adquirira o hábito de repetir tudo aquilo que Doniger dizia, quando este se encontrava numa das suas crises de meditação. Para um estranho dava a ideia de que se tratava de sicofalitismo, mas Doniger achava que era útil. Frequentemente, quando Doniger ouvia aquilo que ela repetia, não se sentia lá muito satisfeito. Kramer sentia que em todo este processo não passava de uma espectadora. Podia parecer uma conversa entre duas pessoas, mas não era. Doniger estava a falar apenas consigo próprio.

“O problema”, disse Doniger, “é que há um número cada vez maior de estranhos que têm conhecimentos de tecnologia, mas não estamos a conseguir um retorno quantificável. Tanto quanto sabemos, esses estudantes também não serão capazes de trazê-lo de volta.”

“Têm mais hipóteses.”

“É uma suposição.” Continuava a andar de um lado para o outro. “Sem grandes possibilidades.”

“Concordo, Bob. Sem grandes possibilidades.”

“E a equipa de busca que mandou para trás? Quem é que mandou?” “Gomez e Baretto. Não viram o Professor em lado nenhum.” “Quanto tempo é que eles lá estiveram?”

“Julgo que foi cerca de uma hora.” “Não entraram no mundo?”

Kramer abanou a cabeça. “Para quê correr riscos? Não há razão para isso. São um par de ex-marines, Bob. Não eram capazes de saber onde é que tinham de procurar, mesmo que estivesse diante do nariz. Nem sequer eram capazes de saber o que é que deviam reconstituir. Do lado de lá as coisas são completamente diferentes.”

“Mas esses estudantes licenciados são capazes de saber onde é que devem procurar.”

“A ideia é essa”, disse Kramer.

Ao longe ouvia-se o som cavo do trovão. As primeiras gotas de chuva fustigaram os vidros das janelas. Doniger olhou para a chuva que caía. “E se eu também perdesse os estudantes licenciados?”

“Mais um pesadelo de publicidade.”

“É possível”, disse Doniger. “Mas temos que estar preparados para essa possibilidade.”

Os motores do avião gemiam, enquanto o Gulfstream V rolava na direcção deles, com "ITC" em grandes letras prateadas pintadas na cauda. As escadas desceram e um comissário de bordo devidamente uniformizado desenrolou uma tapete vermelha no fundo das escadas.

Os estudantes licenciados ficaram a olhar espantados.

“Macacos me mordam”, disse Chris Hughes. “Afinal sempre há tapete vermelho.”

“Vamos”, disse Marek. Colocou a mochila no ombro e dirigiu-se para bordo. Marek recusara responder às suas perguntas, alegando ignorância. Falou-lhes dos resultados da datagem do carbono. Disse-lhes que não era capaz de o explicar. Disse-lhes que a ITC os chamara para ajudar o Professor e que isso era urgente. Não disse mais nada. E notou que também Stern se mantinha silencioso.

O interior do aparelho era todo em cinzentos e prateados. O comissário de bordo perguntou-lhes o que é que queriam beber. Todo este luxo contrastava com o aspecto duro do homem de cabelo grisalho cortado muito curto que se aproximou para os cumprimentar. Embora o homem envergasse facto completo, Marek notou maneiras militares no modo como apertou a mão a cada um deles.

“Chamo-me Gordon”, disse. “Vice-presidente da ITC. Bem-vindos a bordo. O tempo de voo até ao Novo México é de nove horas e quarenta minutos. melhor apertarem os cintos.”

Deixaram-se cair nos assentos sentindo de imediato que o aparelho começava a deslocar da pista. Momentos mais tarde os

motores rugiram, e Marek olhou pela janela, vendo a paisagem campestre francesa desaparecer atrás deles.

Podia ser pior, pensou Gordon, sentado ao fundo do aparelho e olhando para o grupo. É certo que eram académicos. Estavam um pouco confusos. E não havia qualquer coordenação, não se sentia qualquer espírito de equipa entre eles.

Mas por outro lado, todos pareciam estar em boas condições físicas, em especial o tipo estrangeiro, Marek. Parecia robusto. E a mulher também não parecia mal. Braços com bom tónus muscular, calos nas mãos. Modos competentes. Pensou que tudo indicava que ela era capaz de aguentar sob pressão.

Mas o rapaz com bom aspecto parecia não ter qualquer utilidade. Gordon suspirou quando Chris Hughes olhou pela janela, viu o seu reflexo no vidro e penteou o cabelo para trás com a mão.

E Gordon ainda não formara uma opinião sobre o quarto rapaz com um aspecto absolutamente descuidado. Era óbvio que passara muito tempo ao ar livre; as roupas estavam desbotadas e os óculos riscados. Mas Gordon reconheceu nele um técnico. Sabia tudo sobre equipamento e circuitos e nada sobre o mundo. Era difícil dizer como é que ele iria reagir se as coisas ficassem feias.

O manda-chuva, Marek, disse: "E agora vai dizer-nos o que é que se passa?" "Acho que já sabe, Mr. Marek", disse Gordon. "Ou será que não?" "Tenho um pergaminho de há seiscentos anos atrás escrito pelo Professor. Com tinta de há seiscentos anos atrás."

"Sim. Eu já sabia."

Marek abanou a cabeça. "Mas ainda me custa a acreditar."

"Sob esse aspecto", disse Gordon, "trata-se apenas de uma realidade tecnológica. É real. Pode ser feito." Levantou-se do assento onde se encontrava e veio juntar-se ao grupo.

"Está a falar de viagem no tempo", disse Marek.

"Não", disse Gordon. "Não é nada de viagem no tempo. A viagem no tempo é impossível. Qualquer pessoa sabe isso."

“O próprio conceito de viagem no tempo não faz qualquer sentido, uma vez que o tempo não tem movimento. O facto de pensarmos que o tempo passa é apenas um acidente dos nossos sistemas nervosos - do modo como as coisas nos parecem. Na realidade o tempo não passa; nós é que passamos. O tempo em si é invariante. É apenas. Além disso, o passado e o futuro não são locais separados como poderíamos dizer em relação a Paris e Nova Iorque. É uma vez que o passado não é um local, não podemos viajar para ele.”

Estavam todos em silêncio. Limitavam-se a olhar atentamente para ele. “É importante sermos perfeitamente claros a respeito disto”, disse Gordon. “A tecnologia da ITC não tem nada a ver com as viagens no tempo, pelo menos de uma forma directa. Para ser mais exacto, usamos a tecnologia quântica para manipular uma mudança de coordenadas ortogonais multiversais.” Olharam para ele com ar de que não tinham percebido.

“Quer dizer”, continuou Gordon, “que viajamos para outro lugar no multiverso.”

“E o que é o multiverso?”, perguntou Kate.

“O multiverso é o mundo definido pela mecânica quântica. Significa que ...” “Mecânica quântica?” disse Chris. “O que é a mecânica quântica?” Gordon fez uma pausa. “É um bocado difícil de explicar. Mas uma vez que

vocês são historiadores”, disse ele, “vou tentar explicá-lo historicamente.”

“Há cem anos”, continuou Gordon, “os físicos consideravam que a energia - como a luz, o magnetismo ou a electricidade - tomava a forma de ondas fluindo continuamente. Ainda hoje falamos de ondas de rádio "ou de ondas de luz". De facto, o reconhecimento de que todas as formas de energia compartilhavam esta natureza ondulatória foi uma das grandes conquistas da física do século dezanove.

“Mas havia um pequeno problema”, continuou. “Chegou-se à conclusão de que fazendo incidir um feixe de luz sobre uma placa

metálica se obtinha uma corrente eléctrica. O físico Max Planck estudou a relação entre a quantidade de luz incidindo na placa e a quantidade de electricidade produzida, e chegou à conclusão de que a energia não era uma onda contínua. Muito pelo contrário, a energia parecia ser composta por unidades individuais, a que deu o nome de quanta. A descoberta de que a energia se apresentava sob a forma de quanta deu início à Física Quântica> disse Gordon.

“Alguns anos mais tarde, Einstein demonstrou que podíamos explicar o efeito fotoeléctrico, partindo do princípio de que a luz era composta por partículas a que deu o nome de fótons. Estes fótons de luz chocavam com a placa metálica e libertavam electrões, produzindo electricidade. Matematicamente as equações funcionavam. justificavam a teoria de que a luz era composta por Partículas. Até aqui tudo bem?”

“E dentro em pouco os físicos começaram a verificar que não só a luz, mas toda a energia era composta por partículas. De facto, toda a matéria do universo se apresentava sob uma forma de partículas. Os átomos eram compostos por partículas pesadas no núcleo e electrões mais leves orbitando no exterior. Deste modo, e de acordo com a nova corrente, é tudo constituído por partículas. Okay?”

“As partículas eram unidades descontínuas, ou quanta. E a teoria que descreve como essas partículas se comportam é a teoria quântica. Uma descoberta fundamental da Física do século vinte.”

Acenavam todos com a cabeça.

“Os físicos continuam a estudar estas partículas, e começam a chegar à conclusão de que são entidades muito estranhas. É impossível saber exactamente onde é que se encontram, não se podem medir com precisão, e não se pode prever aquilo que irão fazer. Às vezes comportam-se como partículas, outras vezes como ondas. Por vezes duas partículas reagirão entre si, mesmo que se encontrem separadas por um milhão de quilómetros, sem qualquer ligação entre elas. E por aí adiante. A teoria começa a parecer absolutamente estranha.

“Presentemente duas coisas acontecem à teoria quântica. A primeira é a de que tem sido cada vez mais confirmada. É a teoria mais provada na história da ciência. Os scanners dos supermercados, os lasers e os chips para computador, baseiam-se todos em mecânica quântica. Deste modo não existe a menor dúvida de que a teoria quântica é a descrição matematicamente correcta do universo.

“Mas o problema reside em que se trata apenas de uma descrição matemática. É apenas um conjunto de equações. E os físicos não conseguem visualizar o mundo implicado por estas equações - era demasiado estranho, demasiado contraditório. Pessoalmente Einstein não gostava da situação. Dava-lhe a sensação de que a teoria tinha falhado. Mas a teoria continuou a ser confirmada e a situação ficou cada vez pior. Por fim, até mesmo os cientistas que ganharam o Prémio Nobel por contribuições para a teoria quântica tiveram que admitir que se sentiam incapazes de compreender.

“E deste modo criou-se uma situação absolutamente estranha. Durante a maior parte do século vinte, verifica-se uma teoria sobre o universo que toda a gente aceita e que todos concordam estar correcta - mas ninguém é capaz de dizer como é que define o mundo.”

“O que é que isso tudo tem a ver com os universos múltiplos?” perguntou Marek-

“já lá vamos”, respondeu Gordon.

Muitos físicos tentaram explicar as equações, disse Gordon. Cada uma das explicações falhou por uma ou outra razão. Até que em 1957 um físico de nome Hugh Everett propôs uma nova explicação absolutamente espantosa. Everett afirmava que o nosso universo - o universo que vemos, o universo de rochas e árvores e pessoas e galáxias no espaço exterior - era apenas um entre um número infinito de universos que existiam lado a lado.

Cada um destes universos estava constantemente a dividir-se, pelo que havia um universo em que Hitler perdeu a guerra, e outro

em que ganhou; um universo em que Kermedy morreu, e outro em que viveu. E também um mundo em que escovávamos os dentes todas as manhãs, e outro em que não o fazíamos. E por aí adiante, interminavelmente. Uma infinidade de mundos.

Everett designou esta interpretação de "muitos mundos" como mecânica quântica. A sua explicação era consistente com as equações quânticas, mas os físicos acharam que era muito difícil de aceitar. Não lhes agradava a ideia de todos aqueles mundos a dividirem-se constantemente. Acharam inacreditável que a realidade pudesse assumir aquela forma.

"A maior parte dos físicos ainda recusa aceitar isto", disse Gordon. "Mesmo que ainda ninguém tenha demonstrado que está errado."

O próprio Everett não tinha paciência com as objecções dos seus colegas. Insistia em que a teoria era verdadeira, quer se gostasse quer não. Quem não gostasse da sua teoria estava simplesmente a ser exagerado e antiquado, exactamente como aconteceu com os cientistas que não acreditaram na teoria de Copérnico que colocava o sol no centro do sistema solar - e que também parecia inacreditável nessa altura. "Porque Everett afirmava que o conceito de muitos mundos era realmente verdade. Existiam na realidade múltiplos universos. E situavam-se precisamente lado a lado com o nosso. Todos esses universos eram eventualmente referidos no seu conjunto como multiverso"

"Só um momento", disse Chris. "Está a dizer-nos que é verdade?" "Sim", disse Gordon. "É verdade."

"Como é que sabe?", perguntou Marek.

"Eu vou mostrar-lhes", disse Gordon. E pegou numa pasta de cartolina onde se lia no rótulo, ITUTecnologia CTC.

Pegou numa folha de papel em branco, e começou a desenhar. "Uma experiência muito simples foi realizada durante duzentos anos. Coloquemos duas paredes uma em frente da outra. A primeira parede tem uma ranhura vertical." Mostrou-lhes o desenho.

“Em seguida acendemos uma luz da parte de fora da ranhura. Na parede que se encontra em frente, vemos ...”

“Uma linha branca”, respondeu Marek. “Da luz que passa através da ranhura.”

“Correcto. Teria um aspecto mais ou menos como este.” Gordon mostrou-lhes uma fotografia montada num cartão.

Gordon continuou a esboçar. “Agora, em vez de uma ranhura, temos uma parede com duas ranhuras verticais. Acendendo uma luz na parte exterior, na parede que se encontra em frente, vemos ...”

“Duas linhas verticais”, disse Marek.

“Não. Uma sucessão de linhas brilhantes e de barras escuras.” Mostrou-lhes.

“E,” continuou Gordon, “se acendermos uma luz na parte exterior de uma parede com quatro ranhuras, conseguimos metade das barras que tínhamos antes. Porque as restantes barras ficaram negras.”

Marek franziu as sobrancelhas. “Mais ranhuras igual a menos barras? Porquê?” “A explicação normal pode ser compreendida com o meu desenho - a luz

ao passar pelas ranhuras actua como duas ondas que se sobrepõem. Em alguns pontos adicionam-se uma à outra, e noutros pontos cancelam-se uma à outra. E isso estabelece na parede uma sucessão alternada de luz e escuridão. Dizemos que as ondas interferem uma com a outra, e temos assim um padrão de interferência.”

Chris Hughes disse: “E depois, que mal há nisso?”

“O que está mal é que lhe dei apenas uma explicação do século dezanove. Era perfeitamente aceitável quando toda a gente acreditava que a luz era uma onda. Mas desde Einstein sabemos que a luz é composta por partículas a que se deu o nome de fotões. Como é que se explica que um punhado de fotões possa estabelecer este padrão?”

Ficaram todos em silêncio. Abanavam as cabeças.

David Stern falou pela primeira vez. "As partículas não são tão simples como as descreveu. As partículas têm algumas propriedades ondulatórias, dependendo da situação. As partículas podem interferir umas com as outras. Neste caso, os fótons do feixe de luz estão a interferir uns com os outros para produzirem o mesmo padrão."

"Isso parece lógico", disse Gordon. "Afim de contas, um feixe de luz é um agrupamento de biliões e biliões de pequenos fótons. Não se torna difícil imaginar que possam interagir uns com os outros da mesma maneira, e produzirem o Padrão de interferência."

Acenavam todos com a cabeça em sinal de concordância. Sim, não é difícil de imaginar.

"Mas isso é realmente verdade?", disse Gordon. "É isso o que se passa? Uma maneira de o descobrir é eliminar qualquer interacção entre fótons. Consideremos um fóton de cada vez. Isto já foi feito experimentalmente. Prepara-se um feixe de luz tão fraco que só é projectado um fóton de cada vez. E é possível colocar detectores muito sensíveis por detrás das ranhuras - tão sensíveis que são capazes de registar um simples fóton que choque com eles. Okay?"

Acenaram com a cabeça em sinal de concordância, mas desta vez mais lentamente.

"Agora deixa de haver qualquer interferência de outros fótons, porque estamos a lidar com um único fóton. Temos portanto que os fótons passam um de cada vez, Os detectores registam os pontos de impacto dos fótons. E ao fim de algumas horas conseguimos um resultado, qualquer coisa como isto."

"Aquilo que vemos", disse Gordon, "é que os fótons individuais chocam sempre em determinados pontos, e nunca noutros. Comportam-se exactamente da mesma maneira que se verificaria se fizessem parte de um feixe de luz regular. Mas passam um de cada vez, Não existem outros fótons que interfiram com eles. No entanto há qualquer coisa que interfere com eles porque continuam a

estabelecer o padrão normal de interferência. Sendo assim, o que é que está a interferir com um fóton isolado?"

Silêncio. "Mr. Stern?"

Stern abanou a cabeça. "Se calcularmos as probabilidades ..."

"Não vamos fugir para as matemáticas. Vamos continuar com a realidade. Não nos esqueçamos de que esta experiência foi realizada - com fótons reais, atingindo detectores reais. E há qualquer coisa real que interfere com eles. A questão é: O que é que produz a interferência?"

"Têm que ser outros fótons," disse Stern.

"Certo", disse Gordon, "mas onde é que eles estão? Temos detectores e não detectamos quaisquer outros fótons. Sendo assim, onde é que estão os fótons de interferência?"

Stern suspirou. "Okay", disse ele, levantando as mãos.

Chris reagiu: "O que é que queres dizer com esse Okay? Okay o quê?" Gordon acenou na direcção de Stern. "Diga-lhes."

"Aquilo que ele está a dizer é que a interferência num fóton isolado prova que a realidade é muito maior do que aquilo que vemos no nosso universo. A interferência está a acontecer, mas não conseguimos vislumbrar qualquer causa no nosso universo. Por esse motivo, os fótons de interferência devem estar noutros universos. E isso prova que existem outros universos."

"Correcto", disse Gordon. "E por vezes interagem com o nosso próprio universo."

"Desculpe", exclamou Marek. "É capaz de repetir? Porque é que outro universo há-de estar a interferir com o nosso universo?"

"É da própria natureza do multiverso", respondeu Gordon. "Não se esqueça de que dentro do multiverso os universos estão constantemente a dividir-se, o que quer dizer que muitos outros universos são semelhantes ao nosso. E são os mais semelhantes que interactuam. Cada vez que produzimos um feixe de luz no nosso universo, outros feixes de luz são simultaneamente produzidos em

muitos outros universos, e os fotões desses outros universos interferem com os fotões do nosso universo e produzem o padrão que vemos.”

“E está a querer dizer-nos que tudo isso é verdade?”

Absolutamente verdade. A experiência foi realizada inúmeras vezes.” Marek franziu as sobrancelhas. Kate olhava para a mesa. Chris coçava a cabeça.

Finalmente David Stern perguntou: “Nem todos os universos são similares ao nosso?”

“Não.” “São todos simultâneos com o nosso?” “Nem todos, não.”

“Sendo assim, alguns universos existem desde tempos iniciais?”

“Sim. Na realidade, e uma vez que existe um número infinito, todos os universos existem desde os primeiros tempos.”

Stern pensou durante alguns momentos. “E está a dizer-nos que a iTC tem a tecnologia que permite viajar para esses outros universos.”

Sim, respondeu Gordon. “É isso exactamente que estou a tentar dizer-lhes,” Como?”

“Fazemos ligações por meio de túneis na espuma quântica.”

“Está a falar da espuma Wheeler? Flutuações subatómicas do espaço-tempo?” “Sim.”

“Mas isso é impossível.”

Gordon sorriu. “Dentro em breve irão verificar por vós mesmos.” “Vamos? O que quer dizer com isso?”, perguntou Marek.

“Estava convencido de que tinha compreendido”, disse Gordon. “O Professor Johnston está no século catorze. Queremos que voltem lá para o trazer. >

Ninguém disse uma palavra. O comissário de bordo premiu um botão e todas as janelas da cabina se fecharam ao mesmo tempo, bloqueando a luz do sol que penetrava do exterior. Deslocou-se ao

longo da cabina, distribuindo lençóis e mantas por cada um dos lugares, transformando-os em camas. Distribuiu igualmente grandes auscultadores acolchoados.

“Voltamos lá?” disse Chris Hughes. “Como?”

“Será mais fácil mostrar-lhes como”, disse Gordon. Entregou a cada um deles um pequeno envelope de celofane com três pílulas. “Agora quero que tomem essas pílulas.”

“O que é isto?”, perguntou Chris.

“Três espécies de sedativos”, respondeu. “Em seguida quero que se encostem, coloquem os auscultadores e ouçam. Se quiserem podem dormir. De qualquer modo não vão assimilar muito porque o voo é apenas de dez horas. Mas pelo menos vão habituar-se à linguagem e à pronúncia.”

“Que linguagem?”, perguntou Chris, tomando as pílulas. “Inglês arcaico e Francês Médio.”

Marek comentou: “Já conheço essas línguas.”

“Tenho dúvidas de que saiba a pronúncia correcta. Coloque os auscultadores.”

“Mas ninguém conhece a pronúncia correcta”, disse Marek. Logo que disse isto arrependeu-se.

“Tenho a certeza de que vai descobrir”, disse Gordon, “que conhecemos.” Chris encostou-se para trás no sofá. Puxou o cobertor e colocou os auscultadores nos ouvidos. Pelo menos abafavam o som dos jactos.

Estas pílulas devem ser fortes, pensou, porque de repente sentiu-se muito descontraído. Começou a ouvir a gravação da fita. Uma voz disse: “Respire profundamente. Imagine que está num belo jardim com uma temperatura

amena. Tudo o que vê à sua volta é familiar e reconfortante. Directamente à sua frente, vê uma porta que dá acesso ao piso inferior. Conhece perfeitamente o piso inferior, porque é seu. Começa a descer os degraus de pedra na direcção do piso inferior

quente e reconfortante. Enquanto vai descendo ouve vozes. Acha que são agradáveis de ouvir e ao mesmo tempo fáceis de ouvir." Em seguida começam a alternar-se vozes masculinas e femininas.

"Dá-me o meu chapéu. Yiff may mean haht. "Aqui está o seu chapéu. àír baye thynhatt." "Obrigado. Grah mersy."

"Não tem de quê. Ayepray thee."

As frases tornaram-se mais longas. Chris começou a sentir dificuldade em segui-las.

"Tenho frio. Gostava de um casaco. Ayeam chillingcold, ee wold leifer ha

a COOt."

Chris mergulhava no sono suavemente, imperceptivelmente, com a sensação de que ainda continuava a descer um lanço de escadas, cada vez mais para baixo na direcção de um lugar confortável, cavernoso e cheio de ecos. Sentia-se em paz, embora as duas últimas frases que recordava o fizessem sentir-se levemente preocupado :

"Prepare-se para lutar. Dicht theeseIv toficht."

"Onde é que está a minha espada? Whar beest mee swearde?"  
Mas nesse momento adormeceu.

# BLACK ROCK

“Arrisca tudo ou não ganhes nada.” Geoffrey de Charny, 1358

Quando saíram do avião para a pista molhada, a noite estava fria e o céu cheio de estrelas. Para leste Marek observou os contornos escuros das mesas sobre as quais pairavam nuvens baixas. Ao lado da pista aguardava um Land Cruiser.

Dentro em breve seguiam pela auto-estrada, com floresta densa de ambos os lados da estrada. “Onde é que estamos exactamente?” perguntou Marek. “A cerca de uma hora de caminho de Albuquerque”, disse Gordon. “A ci-

dade mais próxima é Black Rock. É onde temos as nossas instalações de investigação.”

“Parece que estamos no meio de nada”, disse Marek.

“Só à noite. Para dizer a verdade existem quinze companhias de investigação de alta tecnologia em Black Rock. E como é evidente, Sandia fica pouco depois. Los Álamos está a uma hora de distância. Um pouco mais adiante White Sands.”

Continuaram estrada fora durante mais algumas milhas. Chegaram a um sinal na auto-estrada em verde e branco que chamava a atenção e onde se lia: ITC LABORATÓRIO DE BLACK ROCK. O Land Cruiser voltou à direita, seguindo por uma estrada sinuosa que atravessava as colinas arborizadas.

Do banco traseiro Stern disse: “Referiu há bocado que pode estabelecer a ligação com outros universos.”

“É verdade.”

“Através da espuma quântica.”

“Exactamente.” “Mas isso não faz qualquer sentido”, disse Stern.

“Porquê? O que é a espuma quântica?”, perguntou Kate disfarçando um bocejo.

“É um remanescente do nascimento do universo”, disse Stern. Explicou que o universo tinha começado como um único, como um ponto muito denso de matéria. Então, há cerca de dezoito biliões de anos, esse ponto explodiu para o exterior - naquilo que é conhecido como o big bang.

“Depois da explosão o universo expandiu-se como uma esfera. Excepto que não se tratava de uma esfera absolutamente perfeita. Dentro da esfera o universo não era absolutamente homogéneo - razão pela qual temos agora galáxias dispostas de modo irregular no universo, em vez de se encontrarem distribuídas de modo uniforme. De qualquer modo, o mais importante é que a esfera em expansão apresentava imperfeições muito, muito pequenas. E essas imperfeições nunca desapareceram. Ainda hoje fazem parte do universo.” “Fazem? Onde?”

“A dimensões subatómicas. A espuma quântica é apenas um modo de dizer que em dimensões muito pequenas o espaço-tempo apresenta pregas e bolhas. Mas a espuma é mais pequena do que uma partícula atómica individual. Poderão existir ou não buracos na espuma.”

“Mas eles estão lá”, disse Gordon.

“Mas como é que os pode utilizar para viajar? Não é possível fazer passar uma pessoa por um buraco tão pequeno. Não é possível fazer passar o que quer que seja por ele.”

“Correcto”, disse Gordon. “Também não é possível enviar uma folha de papel através de uma linha telefónica. Mas é possível mandar um fax.”

Stern franziu as sobrancelhas. “Isso é totalmente diferente.”

“Porquê?”, disse Gordon. “É possível transmitir qualquer coisa, desde que exista a possibilidade de comprimir e codificar a informação Para todo um ser humano.”

“Estamos de acordo.” “Isso não Pode ser feito.”

Gordon estava a sorrir, sentindo-se divertido. "E por que não?"

"Porque a descrição completa de um ser humano - todos os bilhões de células, como elas se encontram interligadas, todas as substâncias químicas e moléculas que contêm, o seu estado bioquímico - representam muito mais informação do que aquela que qualquer computador possa conter."

"É apenas informação", disse Gordon encolhendo os ombros. "Sim, demasiada informação."

"Fazemos a compressão usando um algoritmo fractal sem perdas." "Mesmo assim, continua a ser um enorme..."

"Desculpe", disse Chris, "Está a dizer que comprime uma pessoa?" "Não. Comprimimos a informação equivalente a uma pessoa."

"E como é que isso se faz?", perguntou Chris.

"Com algoritmos de compressão - métodos usados num computador para comprimir dados, de modo a que ocupem menos espaço. Como se verifica com o JPEG e o MPEG para o material visual. Está familiarizado com esses métodos?"

"Tenho software que o usa, mas é tudo."

Okay", disse Gordon. "Todos os programas de compressão funcionam da mesma maneira. Procuram semelhanças nos dados. Suponha que tem uma fotografia de uma rosa feita de milhões de pixels. Cada pixel tem uma localização e uma cor. É um conjunto de três milhões de peças de informação uma quantidade enorme de dados. Mas a maior parte desses pixels vão passar a vermelho, rodeados por outros pixels vermelhos. Deste modo o programa faz o scan da fotografia linha por linha e ve onde é que os pixels adjacentes têm a mesma cor. Se eles existem, escreve uma instrução para o computador que diz que estepixeIs é vermelho e igualmente os cinquentapixels seguintes em linha. Em seguida muda para cinzento e passa os dez pixeIs seguintes para cinzento. E por aí adiante. Não armazena informação para cada ponto individual.

Armazena instruções sobre o modo de recriar a fotografia. E os dados são reduzidos para um décimo daquilo que era.”

“Mesmo assim”, disse Stern, “não estamos a falar de uma fotografia a duas dimensões; estamos a falar de um objecto vivo a três dimensões, e a sua descrição requer tantos dados ...”

“Que será necessário um processamento paralelo maciço”, disse Gordon, acenando afirmativamente. “É verdade.”

Chris franziu as sobrancelhas. “Processamento paralelo é o quê?”

“Liga vários computadores entre si e divide o trabalho entre eles para que possa ser feito mais depressa. Um grande computador de processamento paralelo poderá ter dezasseis mil processadores ligados entre si. Para um realmente grande, trinta e dois mil processadores. Nós temos trinta e dois biliões de processadores ligados entre si.”

“Biliões?”, perguntou Chris.

Stern inclinou-se para a frente. “É impossível. Mesmo que se tentasse construir um ...” Olhou para o tecto do carro, calculando. “Digamos, se considerarmos uma polegada entre as motherboards... isso dá um volume... uhm.,, dois mil e seiscentos... isso faz um volume com meia milha de altura. Mesmo depois de ter sido reconfigurado num cubo, seria necessário um enorme edifício. Qualquer coisa impossível de construir. O arrefecimento seria praticamente impossível. E de qualquer modo nunca funcionaria, porque os processadores estariam muito distantes.”

Gordon sentou-se e sorriu. Estava a olhar para Stern, na expectativa.

“A única maneira possível de fazer um processamento deste género”, disse Stern, “seria usando as características quânticas dos electrões individuais. Mas nesse caso estaríamos a falar de um computador quântico. E nunca houve ninguém que tivesse feito um.”

Gordon limitou-se a sorrir.

“Já o fizeram?”, perguntou Stern.

“Deixem-me explicar aquilo de que David está a falar”! disse Gordon aos outros. “Os computadores vulgares fazem cálculos usando dois estados dos electrões, que são chamados um e zero. É assim que todos os computadores trabalham, servindo-se apenas de uns e de zeros. Mas há vinte anos, Richard Feynman sugeriu que talvez fosse possível construir um computador extremamente potente usando todos os trinta e dois estados quânticos de um electrão. Muitos laboratórios estão presentemente a tentar construir esses computadores quânticos. A sua vantagem reside numa potência inimaginavelmente grande - tão grande que de facto se torna possível descrever e comprimir um objecto vivo em três dimensões em termos de uma corrente de electrões. Exactamente como um fax. Pode então transmitir a corrente de electrões através dos orifícios da espuma quântica e reconstruí-la noutra universos. E é isso que vamos fazer. Não se trata de teleportação quântica. Não se trata de um emaranhamento de partículas. É uma questão de transmissão directa para outro universo.”

O grupo estava silencioso, não conseguindo desviar os olhos dele. O Land Cruiser chegou a uma clareira. Viram diversos edifícios de dois andares, em que se destacava o tijolo e o vidro. Tinham um aspecto surpreendentemente vulgar. O aspecto era o de qualquer um desses pequenos parques industriais que se podem ver nos arredores de muitas cidades americanas. Marek perguntou: “É isto a ITC?”

“Gostamos de passar despercebidos”, disse Gordon. “Para dizer a verdade, escolhemos este ponto porque existe aqui uma velha mina. Nos tempos que correm as boas minas tornam-se difíceis de encontrar. E há tantos projectos de Física que necessitam delas.”

A uma certa distância de um dos lados, trabalhando sob o brilho de holofotes, vários homens estavam a preparar-se para lançar um balão meteorológico. o balão, com cerca de seis pés de diâmetro, tinha um tom esbranquiçado. Enquanto permaneciam ali a observá-lo, elevou-se suavemente nos ares, com um pequeno instrumento pendurado na parte inferior. Marek perguntou: “Para que é tudo aquilo?”

“Verificamos a cobertura de nuvens de hora a hora, especialmente quando há tempestade. Trata-se de um projecto de investigação contínuo, para tentarmos verificar se o tempo é a causa de qualquer tipo de interferência. >

“Interferência com o quê?”

O carro estacionou diante do edifício principal. Um segurança abriu a porta. “Bem-vindos ao IM, disse ele com um grande sorriso. “Mr. Doniger está à vossa espera.”

Doniger atravessou rapidamente o átrio de entrada na companhia de Gordon. Kramer seguia logo atrás. Enquanto caminhavam, Doniger deu uma vista de olhos a uma folha de papel onde se encontravam registados os nomes de todos bem como os seus CVs. “Que é que te parecem, John?”

“Melhor do que aquilo de que estava à espera. Estão em excelente forma física. Conhecem a área. Sabem qual é o período de tempo.”

“E até que ponto irão necessitar de serem persuadidos?”

“Acho que já estão prontos. Tem apenas que ser cuidadoso a respeito dos riscos.”

“Estás a sugerir que eu deveria estar muito abaixo de uma total honestidade?” perguntou Doniger.

“Limita-te apenas a ser cuidadoso a respeito do modo como colocas a questão”, disse Gordon. “São absolutamente brilhantes.”

“Achas que sim? Bom, vamos dar uma vista de olhos.” E abriu a porta de par em par.

Kate e os outros haviam sido deixados sozinhos numa sala de conferências praticamente vazia - mesas de fórmica com o tampo riscado, e cadeiras de dobrar espalhadas por toda a parte. Num dos lados havia um enorme quadro preto com fórmulas que mais pareciam gatafunhos. As fórmulas eram tão longas que ocupavam toda a largura do quadro. Para ela era um perfeito mistério. Estava quase a decidir-se a perguntar a Stern para que é que as fórmulas serviam, quando Robert Doniger deu entrada na sala.

Kate ficou surpreendida ao verificar como ainda era novo. Não parecia muito mais novo do que eles, de sapatos de ténis, jeans e uma T-shirt Quicksilver. Mesmo àquela hora adiantada da noite parecia cheio de energia, dando a volta à mesa rapidamente, apertando a mão a cada um deles, dirigindo-se a cada um deles pelo seu nome. "Kate", disse, sorrindo para ela. "Muito prazer em a conhecer. Li o seu estudo preliminar sobre a capela. É impressionante."

Apanhada de surpresa conseguiu dizer "Obrigada", mas Doniger já tinha seguido em frente.

"E Chris. É bom estar consigo mais uma vez. Gosto daquela simulação em computador à abordagem da ponte do moinho; estou convencido de que vai dar resultado."

Chris mal teve tempo de acenar com a cabeça e já Doniger estava a dizer: "E David Stern. Ainda não nos tínhamos encontrado. Mas tanto quanto sei é um físico como eu."

"É verdade ..."

"Bem-vindo a bordo. E André. Cada vez melhor! Não há dúvida de que o seu estudo sobre os torneios de Edward 1 dá um realce especial a Monsietir Contamine. Bom trabalho. Por favor, sentem-se."

Sentaram-se e Doniger dirigiu-se para a cabeceira da mesa.

"Vou directo ao assunto", disse Doniger. "Preciso da vossa ajuda. E vou dizer porquê. Nestes últimos dez anos a minha companhia tem estado a desenvolver uma nova tecnologia absolutamente revolucionária. Não se trata de uma tecnologia de guerra e muito menos de uma tecnologia comercial para ser vendida dando lucros. Muito pelo contrário, é uma tecnologia totalmente benigna e pacífica que irá dar grandes vantagens à humanidade. Grandes vantagens. Mas preciso da vossa ajuda."

"Considerem por momentos", continuou Doniger, "como uma tecnologia inesperada teve impacto sobre os vários campos do conhecimento do século vinte. A Física emprega a tecnologia mais avançada - incluindo anéis de aceleração com várias milhas de

diâmetro. O mesmo se passa com a Química e Biologia. Há cem anos, Faraday e Maxwell tinham pequenos laboratórios particulares. Darwin trabalhou com um bloco de notas e um microscópio. Mas actualmente, nenhuma descoberta científica importante poderia ser feita com instrumentos tão simples. As ciências estão totalmente dependentes da tecnologia avançada. Mas o que é que poderemos dizer em relação às Humanidades? Durante este mesmo período, o que é que lhes aconteceu?”

Doniger fez uma pausa, numa atitude retórica. “A resposta é, nada. Não se verificou qualquer tecnologia significativa. O académico de Literatura ou de História trabalha exactamente como os seus antecessores o faziam cem anos antes. Oli, ouve algumas alterações insignificantes em termos de autenticação de documentos, além do uso dos Cd-ROM's e por aí adiante. Mas o trabalho básico do dia-a-dia do académico é exactamente o mesmo.”

Olhou para eles um a um. “Temos portanto uma desigualdade. Os campos do conhecimento humano encontram-se desequilibrados. Os académicos da época medieval sentem-se orgulhosos pelo facto de, no século vinte, os seus pontos de vista terem desencadeado uma revolução. Mas durante o mesmo século a Física sofreu três revoluções. Há cem anos os físicos discutiam sobre a idade do universo e a fonte da energia do Sol. Não existia ninguém na terra que soubesse as respostas. Nos nossos dias qualquer aluno da escola sabe essas respostas. Hoje já vimos a extensão e a amplitude do universo, com uma compreensão que vai desde o nível das galáxias ao nível das partículas subatómicas. Aprendemos tanto que somos capazes de falar em detalhe sobre o que aconteceu nos primeiros minutos do nascimento do universo em explosão. Os académicos do medieval podem competir em termos deste avanço no seu próprio campo? Numa palavra só, não. Porque não? Porque não existe tecnologia que os assista. Nunca ninguém desenvolveu qualquer tipo de nova tecnologia para benefício dos historiadores - até agora.”

Um desempenho de mestre, pensou Gordon. Um dos melhores de Doniger

- encantador, cheio de energia, até excessivo em alguns momentos. E, no entanto, tudo fora feito; Doniger dera-lhes apenas uma excitante explicação para o projecto - sem sequer revelar o seu verdadeiro propósito. Sem sequer lhes dizer o que é que se estava a passar.

"Mas disse-lhes que precisava da vossa ajuda. E preciso."

A atitude de Doniger havia mudado. Falava agora lentamente, em tom sombrio, preocupado. "Sabem que o Professor Johnston veio aqui ter connosco porque se convenceu de que estávamos a ocultar informação. E de certo modo era verdade. Havia uma certa informação que não tínhamos partilhado porque não éramos capazes de explicar como é que a tínhamos obtido."

E, pensou Gordon, porque Kramer lixou tudo.

"O Professor Johnston pressionou-nos", continuou Doniger. "Sei que conhecem o seu modo de ser. Chegou mesmo a ameaçar-nos de ir para a imprensa. Finalmente mostrámos-lhe a tecnologia que vocês irão ver dentro de instantes. E ficou excitado - como vocês também irão ficar. Mas ele insistiu em regressar, para verificar por si próprio."

Doniger fez uma pausa. "Não queríamos que ele fosse. Mais uma vez fez ameaças. Finalmente só nos restou a oportunidade de o deixar ir. Isto aconteceu há três dias. Ainda lá está. Pediu a vossa ajuda numa mensagem que sabia que vocês iriam encontrar. Conhecem aquele local e o tempo melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Têm que voltar lá para o trazer. Vocês são a sua única oportunidade."

"O que é que lhe aconteceu exactamente quando lá voltou?", perguntou Marek.

"Não sabemos", disse Doniger. "Mas não respeitou as regras." "Regras?"

"Têm que compreender que esta tecnologia é ainda muito recente. Temos tido a maior cautela no modo de a usar. Há dois anos que temos estado a mandar observadores - usando ex-

marines, gente com treino militar. Mas é evidente que não são historiadores e nós mantivemos a rédea curta.”

“O que é que isso quer dizer?”

“Nunca autorizámos os nossos observadores a entrarem naquele mundo. Nunca permitimos a ninguém permanecer mais do que uma hora. E nunca autorizamos que alguém se afastasse mais de vinte metros da máquina. Nunca houve ninguém que se atrevesse a deixar a máquina e a entrar naquele mundo.” “Mas o Professor entrou?”, perguntou Marek.

“É O mais certo.”

“E nós vamos ter que fazer a mesma coisa se o quisermos encontrar. Temos que entrar naquele mundo.”

“Sim”, disse Doniger.

“E está a dizer-nos que somos os primeiros a fazer isto. Os primeiros a entrar naquele mundo?”

“Sim. Vocês e o Professor antes de vocês.” Silêncio.

De repente, Marek sorriu abertamente. "Estupendo", disse ele. "Estou ansioso!"

Mas os outros não disseram nada. Sentiam-se pouco à vontade, inquietos. Stern disse: "Quanto a esse tipo que encontraram no deserto ..."

"Joe Traub", respondeu Doniger. "Era um dos nossos melhores cientistas." "O que é que ele estava a fazer no deserto?"

"Aparentemente deslocava-se de carro. Encontraram o seu automóvel. Mas não fazemos a menor ideia da razão que o levou lá."

Stern disse: "Parece que estava em muito más condições, havia qualquer coisa a respeito dos dedos..."

"Isso não estava mencionado no relatório da autópsia", disse Doniger. "Morreu com um ataque de coração."

"Sendo assim, a sua morte não tem nada a ver com a sua tecnologia?" "Absolutamente nada", respondeu Doniger.

Seguiu-se outro silêncio. Chris agitou-se na cadeira. "Em linguagem terra a terra - até que ponto é segura essa tecnologia?"

"Mais segura do que a de conduzir o seu automóvel", respondeu Doniger sem qualquer hesitação. "Vai receber instruções detalhadas e será acompanhado por observadores já com experiência. A viagem terá uma duração máxima de duas horas. Vão lá apenas para o trazer."

Chris tamborilava com os dedos na mesa. Kate mordeu o lábio. Ninguém disse uma palavra.

"Não se esqueçam de uma coisa," disse Doniger. "São vocês que decidem se vão ou não. Mas o Professor pediu a vossa ajuda. E não creio que vocês o queiram desiludir."

"Porque é que não manda apenas os observadores?", perguntou Stern. "Porque não têm conhecimentos suficientes, David. Como sabe, trata-se de um mundo completamente diferente. Vocês têm a vantagem do vosso conhecimento. Conhecem o local e

conhecem a época em detalhe. Conhecem as línguas e os costumes.”

“Mas o nosso conhecimento é académico”, disse Chris. “Já não é”, respondeu Doniger.

O grupo saiu em fila da sala, com Gordon à frente, para inspeccionarem as máquinas. Doniger ficou a vê-los sair e em seguida voltou-se quando Kramer entrou na sala. Estivera a assistir a tudo no circuito fechado de televisão.

“O que é que achas, Diane?” perguntou Doniger. “Achas que vão?” “Sim. Podes ter a certeza de que vão.”

“Achas que conseguem?”

Kramer fez uma pausa. “Digamos que temos cinquenta por cento de probabilidades.”

Seguiram por uma larga rampa em betão, suficientemente ampla para que um camião se pudesse deslocar. No final da rampa viam-se duas pesadas portas em aço. Marek viu meia dúzia de câmaras de segurança montadas em diversos locais ao longo da rampa. As câmaras seguiram-os enquanto se dirigiam para as portas. No final da rampa Gordon olhou para cima, para as câmaras de segurança e aguardou.

As portas abriram-se.

Gordon conduziu-os para uma pequena sala que se encontrava para lá das portas. Estas fecharam-se atrás deles com um som cavo. Gordon continuou em frente até a um conjunto interior de portas e voltou a aguardar.

Marek perguntou: “Não as consegue abrir?” “Não.”

“Porquê? Não confiam em si?”

“Não confiam em ninguém”, respondeu Gordon. “Acredite-me, ninguém entra aqui se não quisermos que o faça.”

As portas abriram-se.

Dirigiram-se para uma gaiola metálica de aspecto industrial. O ar estava frio, com um leve odor a bafio. As portas fecharam-se

atrás deles. Com um zumbido a gaiola começou a descer.

Marek verificou que se encontravam num elevador.

“Vamos descer cerca de trezentos metros”, disse Gordon. “Tenham paciência.”

O elevador parou e as portas abriram-se. Seguiram ao longo de um corredor em betão, ouvindo-se o eco dos passos. “Estamos no nível de controlo e inanutenção. As verdadeiras máquinas encontram-se a mais cento e cinquenta metros abaixo de nós.”

Chegaram junto de um par de pesadas portas de um azul escuro e que eram transparentes. Inicialmente Marek julgou que as portas eram de um vidro extraordinariamente espesso. Mas quando as portas começaram a abrir deslizando numa calha motorizada, avistou um leve movimento abaixo da superfície. “Água”, disse Gordon. “Usamos aqui uma grande quantidade de água como escudo. A tecnologia quântica é muito sensível a influências exteriores aleatórias - raios cósmicos, campos eléctricos ocasionais, e outras coisas. É uma das principais razões pela qual nos encontramos aqui.”

Logo em frente viram as portas daquilo que parecia ser a entrada de um laboratório vulgar. Passando por mais um par de portas de vidro entraram numa recepção de um branco anti-séptico, com portas abrindo para o exterior de ambos os lados. A primeira porta à esquerda dizia PREPACK. A segunda, FIELIPREP, e no ponto mais distante da recepção, viram uma tabuleta que dizia simplesmente TRÂNSITO.

Gordon esfregou as mãos. Disse: “Vamos entrar directamente para a embalagem.”

A sala era pequena e fazia lembrar a Marek um laboratório de hospital; fazia com que se sentisse pouco à vontade. No centro da sala encontrava-se um tubo vertical com cerca de sete pés de altura e cinco pés de diâmetro. Estava aberto. Dentro viam-se correias num tom escuro. Marek perguntou: “Uma máquina de bronzear?”

“Na realidade trata-se de um sofisticado IMager de ressonância. Basicamente trata-se de uma IRM extremamente potente. Mas irá descobrir que se trata de uma boa prática para a própria máquina. Talvez seja melhor ir em primeiro lugar, Dr. Marek.”

“Entrar para ali?” Marek apontou para o tubo. Visto de perto parecia-se mais com um caixão branco.

“Dispa-se e entre para ali. É exactamente como uma IRM - não irá sentir absolutamente nada. O processo leva no total cerca de um minuto. Estaremos na porta a seguir.”

Passaram por uma porta lateral com um pequeno visor para outra sala. Marek não conseguia ver o que é que se encontrava ali. A porta fechou-se com um estrondo.

Viu uma cadeira no canto. Dirigiu-se para ela, tirou as roupas e em seguida caminhou para o scanner. Ouviu-se o click de um intercomunicador e a voz de Gordon que dizia: “Dr. Marek, quer fazer o favor de olhar para os seus pés?” Marek olhou para os pés.

“Está a ver o círculo no soalho? Por favor, certifique-se de que os seus pés ficam perfeitamente dentro do círculo.” Marek corrigiu a sua posição. “Obrigado, assim está bem. Agora a porta vai fechar-se.”

Com um zumbido mecânico a porta articulada foi-se fechando. Marek ouviu um silvo quando se fechou. Perguntou: “Fecho hermético?”

“Sim, tinha que ser. Agora irá sentir uma corrente de ar frio. Vamos dar-lhe oxigénio adicional enquanto está a calibrar. Não tem claustrofobia, pois não?” “Até agora não tinha.” Marek observou o interior à sua volta. Viu agora

que as correias de tom escuro eram aberturas cobertas a plástico. Por detrás do plástico viu luzes, pequenas máquinas que zumbiam. O ar tornou-se notavelmente mais frio.

“Estamos a calibrar agora”, disse Gordon. “Tente não se mexer.”

De repente as correias individuais à sua volta começaram a rodar, com as máquinas a produzirem estalidos. As correias rodavam

cada vez mais depressa até que de repente pararam bruscamente.

“Está ótimo. Sente-se bem?”

“Parece que estou dentro de um moinho de pimenta”, disse Marek. Gordon deu uma gargalhada. “A calibração está completa. O resto está dependente de um temporizador exacto, pelo que a sequência é automática. Limite-se a seguir as instruções à medida que as for ouvindo. Okay?”

“Okay.” Um click. Marek estava sozinho.

Ouviu-se uma gravação. “A sequência de scanning começou neste momento. Estamos a ligar os lasers. Olhe sempre em frente. E não olhe para cima.” Instantaneamente o interior do tubo tornou-se de um azul vivo brilhante. Até o ar parecia brilhante.

“Os lasers estão a polarizar o gás xéon que neste momento está a ser bombeado para o compartimento. Cinco segundos.”

Marek pensou: Gás xéon?

A cor de um azul brilhante em toda a sua volta aumentou de intensidade. olhou para baixo na direcção da sua mão e mal a conseguia ver por causa do brilho do ar.

“Alcançámos a concentração de xéon. Agora vamos pedir-lhe que inspire profundamente.”

Marek pensou: Inspirar profundamente? Xéon?

“Mantenha a sua posição sem se mover durante trinta segundos. Pronto? Não se mexa... olhos abertos... respire fundo... não se mexa... Agora!”

As correias começaram a rodar loucamente e em seguida, uma por uma, cada uma delas começou a balançar para trás e para a frente, quase como se estivessem a observar e, por vezes, tivessem que voltar atrás para uma segunda observação. Cada uma das correias parecia mover-se individualmente. Marek tinha a sensação estranha de estar a ser observado por centenas de olhos.

A gravação disse: “Por favor, continue imóvel. Ainda faltam vinte segundos.”

A toda a sua volta as correias ronronavam e zumbiam. E, de repente, pararam todas. Alguns segundos de silêncio. A máquina produziu um click. Em seguida as correias começaram a mover-se para a frente e para trás, bem como lateralmente.

“Não se mexa, por favor. Dez segundos.”

Nesse momento as correias começaram a rodar em círculos, sincronizando-se lentamente, até que finalmente estavam todas a rodar como uma única unidade. E por fim pararam.

“O scan está completo. Obrigado pela sua cooperação.”

A luz azul apagou-se e a porta articulada silvou enquanto se abria. Marek saiu.

Na sala adjacente Gordon sentou-se em frente de um computador. Os outros tinham ido buscar cadeiras e estavam sentados à sua volta.

“A maior parte das pessoas”, disse Gordon, “não sabe que as IRM que encontramos nos hospitais funcionam modificando o estado quântico dos átomos no nosso corpo - normalmente o momento angular das partículas nucleares. A experiência com as IRMs diz-nos que modificar o nosso estado quântico não traz qualquer efeito prejudicial. De facto, nem sequer se nota que está a acontecer.

“Mas a vulgar IRM consegue isto graças a um campo magnético muito potente - digamos, 1,5 tesla, qualquer coisa como vinte e cinco mil vezes o campo magnético da terra. Não precisamos de tanto. Utilizamos dispositivos supercondutores de interferência quântica, ou SQUIDS, tão sensíveis que são capazes de medir até a ressonância do campo magnético da terra. Não existem ali quaisquer magnetos.”

Marek entrou na sala. “Que tal estou?”, perguntou.

A imagem no ecrã mostrava uma imagem translúcida dos membros de Marek matizados a vermelho. “Está a observar a parte interna dos ossos longos, da espinal medula e do crânio.” disse Gordon. “A partir daí temos um crescimento para o exterior, por

sistemas de órgãos. Aqui estão os ossos” - viram um esqueleto completo - “e agora estamos a acrescentar os músculos ...”

Vendo os sistemas de órgãos a aparecer, Stern disse: “O seu computador é incrivelmente rápido.”

“Oh, tivemos que tornar este processo mais lento”, respondeu Gordon. “Caso contrário não seria capaz de ver o que é que está a acontecer. O tempo real de processamento é praticamente igual a zero.”

Stern olhou para ele boquiaberto. “Zero?”

“Um mundo diferente”, respondeu Gordon, acenando com a cabeça. “Os antigos conceitos já não se aplicam.” Voltou-se para os outros. “Quem é que se segue?”

Caminharam até ao fim do corredor, na direcção de uma sala onde uma placa dizia TRÂNSITO. Kate perguntou, “Porque é que tivemos que fazer tudo aquilo?”

“Chamamos àquilo pré-embalagem, disse Gordon. “Permite-nos efectuar uma transmissão mais rápida, porque a maior parte da informação a vosso respeito já se encontra carregada na máquina. Só precisamos de fazer um scan final para possíveis diferenças, e em seguida transmitimos.”

Entraram noutra elevador, e passaram por um outro conjunto de portas cheias com água. “Okay”, disse Gordon. “Já chegámos.”

Saíram num enorme espaço cavernoso, brilhantemente iluminado. Os sons ecoavam. O ar estava frio. Seguiam por uma passagem metálica suspensa a trinta metros acima do solo. Olhando para baixo, Chris viu três paredes semi-

-circulares cheias de água, dispostas de modo a formarem um círculo, com intervalos suficientemente largos entre elas para que uma pessoa conseguisse passar. Dentro desta parede exterior viam-se três arcos de círculo mais pequenos, formando uma segunda parede. E no interior da segunda parede estava uma terceira. Cada um dos círculos havia sofrido uma rotação de modo a que os

intervalos nunca estivessem alinhados, dando ao conjunto total um aspecto de labirinto.

No centro dos círculos concêntricos havia um espaço com um diâmetro de cerca de vinte pés. Neste espaço viam-se meia dúzia de dispositivos com o aspecto de gaiolas, com as dimensões aproximadas de uma cabina telefónica. A sua disposição não obedecia a qualquer padrão especial. Os topos estavam pintados em cores escuras. Uma neblina branca elevava-se do conjunto. No solo encontravam-se dispostos tanques e grossos cabos negros serpenteavam por toda a parte. Dava o aspecto de uma oficina. E de facto havia alguns homens a trabalhar nas gaiolas.

“Esta é a nossa área de transmissão” disse Gordon. “Com pesados escudos, como podem ver. Estamos ali a construir uma segunda área, mas só estará pronta daqui a alguns meses.” Apontou para o outro extremo do espaço cavernoso onde uma segunda série de paredes concêntricas estava a ser construída. Estas paredes ainda estavam vazias; ainda não haviam sido enchidas com água.

Da passagem metálica, um elevador de cabo desceu para o espaço no centro das paredes de vidro.

Marek perguntou: “Podemos ir lá abaixo?” “Não, ainda não.”

Um dos técnicos olhou para cima e fez um aceno com a mão. Gordon disse: Quanto, tempo falta para a verificação do arranque, Norm?”

“Poucos minutos. Gomez está quase a acabar.”

“Okay.” Gordon voltou-se para os outros. “Vamos para o gabinete de controlo para observar.”

Banhadas numa profunda luz azul, as máquinas estavam instaladas numa plataforma elevada. Estavam pintadas num cinzento baço e zumbiam suavemente. Vapor branco escapava-se ao nível do solo, obscurecendo as suas bases. Dois trabalhadores envergando parcas azuis, apoiados nas mãos e nos joelhos, trabalhavam na base aberta de uma delas.

As máquinas eram essencialmente cilindros abertos, com metal no topo e no fundo. Cada máquina encontrava-se assente numa espessa base metálica. Três varas metálicas colocadas no perímetro suportavam a cobertura metálica.

Técnicos faziam descer um molho de cabos negros de uma grelha situada a um nível superior, para em seguida os ligarem à cobertura de uma das máquinas, parecendo empregados de uma estação de combustível a encherem o tanque de um carro.

O espaço entre a base e a cobertura estava completamente vazio. Na realidade, toda a máquina parecia desapontadoramente simples. As varetas eram fora do vulgar, de secção triangular e rebitadas ao longo de todo o seu comprimento. Um pálido fumo azul parecia libertar-se da parte inferior da cobertura da máquina.

As máquinas não se pareciam com o que quer que fosse que Kate alguma vez tivesse visto. Ficou a olhar para os enormes ecrãs dentro da acanhada sala de controlo. Atrás dela, dois técnicos em mangas de camisa sentavam-se diante de duas consolas. Os ecrãs que se encontravam à sua frente pareciam a janelas, embora, na realidade, a sala de controlo não tivesse janelas.

“Estão a olhar para a versão mais recente da nossa tecnologia CFAT,” disse Gordon. “São as iniciais para Curva Fechada de Aproximação Temporal- a topologia de espaço-tempo que utilizamos para regressar. Tivemos que desenvolver completamente novas tecnologias para construir estas máquinas. Aquilo que estão aqui a ver é, na verdade, a sexta versão desde o primeiro protótipo construído e que funcionou há três anos atrás.”

Chris olhou para as máquinas não dizendo nada. Kate observava toda a sala. Stern estava ansioso, esfregando o lábio superior. Marek não tirava os olhos de Stern.

“Toda a tecnologia significativa”, continuou Gordon, “está localizada na base, incluindo as memórias quânticas de índio-gálio-arsenito, os lasers de computador e as baterias. Os vaporizadores de laser encontram-se evidentemente nas prateleiras metálicas. O metal

de tom escuro é o nióbio; os tanques de pressão são em alumínio; os módulos de armazenagem são de polímero.”

Uma mulher jovem de cabelo ruivo cortado curto e maneira determinada entrou na sala. Envergava uma camisa de caqui, calções e botas; parecia que estava preparada para um safari. “Gomez será uma das vossas assistentes quando fizerem a viagem. Vai voltar agora para fazer aquilo a que chamamos uma verificação de terra queimada. já regulou o seu marcador de navegação, fixando a data alvo e agora vai certificar-se de que não existe qualquer erro.”

premiu o botão do intercomunicador. “Sue? Podes fazer o favor de nos mostrares o teu marcador de navegação?”

A mulher estendeu um pequeno rectângulo branco, pouco maior do que uma selo de correio. Conseguia escondê-lo perfeitamente na mão.

“Vai servir-se dele para regressar. E para chamar a máquina para o regresso - podes mostrar-nos o botão, Sue?”

“É um bocado difícil de distinguir”, disse ela voltando o rectângulo de modo a exhibir a aresta. “Há aqui um botão minúsculo que temos que premir com a unha do polegar. É assim que chamamos a máquina quando estamos prontos para regressar.”

“Muito obrigado, Sue.”

Um dos técnicos exclamou: “Sinal de campo.”

Voltaram-se todos para observar. Na consola dele, um ecrã mostrava uma superfície ondulante a três dimensões com um pico ao centro, fazendo lembrar o cume de uma montanha. “Esse é bonito” disse Gordon. “Clássico.” Explicou aos outros: “Dado que o nosso equipamento de sensores de campo tem uma base SQUID, estamos em posição de detectar discontinuidades extremamente subtis no campo magnético local - damo-lhes o nome de sinais de campo. Começamos a registá-los duas horas antes de um acontecimento. E para dizer a verdade, estes começaram há cerca

de duas horas. Isto quer dizer que uma máquina está de volta a este local.”

“Que máquina?” disse Kate. “A máquina de Sue.”

“Mas ela ainda não partiu.”

“Eu sei”, disse ele. “Parece não fazer sentido. Os acontecimentos quânticos são todos contra-intuitivos.”

“Está a dizer que recebe uma indicação de que ela está de regresso antes de ter partido?”

“Exactamente.” “Porquê?” Gordon deu um suspiro. “É complicado. Na realidade, aquilo que estamos

a ver no campo é uma função de probabilidade - a possibilidade de que uma Máquina vai regressar. Normalmente não é assim que pensamos. Limitamo-nos a dizer que está de regresso. Mas para ser mais preciso, um sinal de campo diz-nos de facto que é altamente provável que uma máquina esteja de volta.”

Kate estava a abanar a cabeça. “Não compreendo.”

Gordon disse: “Digamos apenas que no mundo vulgar, temos convicções sobre causa e efeito. As causas surgem primeiro, e os efeitos em segundo lugar. Mas esta ordem de acontecimentos nem sempre é a mesma no mundo quântico. Os efeitos podem ser simultâneos com as causas, e os efeitos podem preceder as causas. Este é um exemplo insignificante daquilo que acabo de dizer.”

A mulher, Gomez, dirigiu-se para uma das máquinas. Introduziu a placa branca numa fenda na base da frente da máquina. “Ela acabou de instalar o seu marcador de navegação, que guia a máquina em ambos os sentidos.”

“E como é que sabe que vai ser capaz de voltar?” disse Stern.

“Uma transferência multiversa”, disse Gordon, “cria uma espécie de energia potencial, como uma mola esticada que quer voltar à posição inicial. É assim que a máquina é capaz de voltar a casa de uma maneira relativamente fácil. A navegação é a parte mais complicada. É isso que se encontra codificado na cerâmica.”

Inclinou-se para a frente, para premir o botão do intercomunicador. "Sue? Dentro de quanto tempo é que sais?"

"Dentro de um minuto, no máximo dois." "Okay. Sincronização iniciada."

Nesse instante os técnicos começaram a falar, accionando comutadores na consola, verificando leituras de vídeo que se encontravam perante eles. "Verificação do hélio."

"Leitura no máximo", disse o técnico, enquanto olhava para a consola. "Verificação EMR."

"Em ordem."

"Preparação para alinhamento laser."

Um dos técnicos accionou um comutador, e dos suportes de metal, um feixe denso de lasers verdes disparou no centro da máquina, colocando dúzias de pontos verdes no rosto e no corpo de Gomez, enquanto esta permanecia imóvel, com os olhos fechados.

As barras começaram a rodar lentamente. A mulher que se encontrava no centro permaneceu imóvel. Os lasers projectavam riscos horizontais de um tom verde sobre o corpo dela. Até que as barras pararam.

"Lasers alinhados."

Gordon disse: "Até já, Sue." Voltou-se para os outros: "Okay. Cá vamos nós."

os escudos de água de formato curvo que se encontravam dispostos em volta da gaiola começaram a luzir com um leve tom azulado. Mais uma vez a máquina começou a rodar lentamente. A mulher no centro permanecia imóvel; a máquina rodava em torno dela.

o zumbido foi aumentando de intensidade. A velocidade da rotação aumentou. A mulher continuava calma e descontraída.

"Nesta viagem", disse Gordon, "ela vai gastar apenas um ou dois minutos. Mas na verdade as baterias dão-lhe para um limite máximo de trinta e sete horas. É o tempo máximo que essas

máquinas conseguem permanecer num determinado local sem regressarem.”

As barras rodavam suavemente. Nesse instante ouviram um crepitar rápido que fazia lembrar uma metralhadora.

“É a verificação das condições de saída; sensores de infravermelhos verificam o espaço em torno da máquina. O processo não continua sem que haja pelo menos um espaço de dois metros a toda a volta. Verificam em ambos os sentidos. Trata-se de uma medida de segurança. Não queríamos que a máquina emergisse no centro de uma parede de pedra. Muito bem. Estão a libertar o xénon. Lá vai ela.”

O zumbido era agora muito alto. O invólucro rodava com tanta velocidade que as barras de metal não se viam com precisão. Conseguiram distinguir perfeitamente a mulher que se encontrava no interior.

Ouviram uma gravação que dizia: “Não se mexa - olhos abertos - respire fundo - aguente... Agora!”

Do topo da máquina desceu um simples anel, fazendo rapidamente o scanning até aos pés dela.

“Agora observem com atenção. É rápido”, disse Gordon.

Kate viu feixes laser de um violeta escuro dispararem de todas as barras na direcção do centro. Por alguns instantes a mulher que se encontrava no interior pareceu brilhar com um rubro branco e em seguida viu-se no interior da máquina uma explosão de luz branca que cegava. Kate fechou os olhos voltando a cabeça. Quando olhou de novo, sentia nos olhos uma série de pontos brancos e, por momentos, não se conseguiu aperceber daquilo que acontecera. Foi nessa altura que verificou que a máquina era mais pequena. Soltara-se dos cabos do topo que agora oscilavam em liberdade.

Mais um flash laser.

A máquina era ainda mais pequena. A mulher que se encontrava no interior era mais pequena. Naquele instante devia ter

cerca de três pés de altura e encolhia a olhos vistos numa série de brilhantes )Vashes laser.

“Santo Deus”, exclamou Stern, sem tirar os olhos daquilo que se estava a passar. “O que é que uma pessoa sentirá com uma história daquelas?”

“Nada”, respondeu Gordon. “Não se sente absolutamente nada. O tempo de condução nervosa da pele ao cérebro é da ordem de cem milissegundos. O tempo de vaporização laser é de cinco nanossegundos. já há muito tempo que se partiu.”

“Mas ela ainda ali está.”

“Não, não está. Partiu na altura do primeiro disparo laser. O computador ainda está neste momento a fazer o processamento de dados. Aquilo que está a ver é um artefacto do processo de compressão. A compressão é de cerca de três a menos dois ...”

Viram outro disparo brilhante. Naquele instante a gaiola encolhia rapidamente. Uma altura de três pés, em seguida de dois. Agora estava quase ao nível do solo - menos de um pé de altura. A mulher que se encontrava no interior parecia uma boneca minúscula vestida de caqui.

“Menos quatro”, disse Gordon. Viu-se outro disparo brilhante, quase que ao nível do solo. Naquele momento Kate já não conseguia distinguir a gaiola. “O que é que lhe aconteceu?”

“Ainda ali está. Embora quase tenha desaparecido.”

Outro disparo, desta vez um flash do tamanho da cabeça de um alfinete, ao nível do solo.

“Menos cinco.”

A sucessão dos flashes aumentou cintilando como um pirilampo, diminuindo em intensidade. Gordon continuou a contagem.

“E menos catorze... Foi-se.” Não se viram mais flashes. Nada.

A gaiola desaparecera. O soalho de borracha escura estava vazio. Kate perguntou: “Estão à espera que façamos uma coisa

destas?"

"Não é uma experiência desagradável", disse Gordon. "Uma pessoa está perfeitamente consciente durante toda a viagem, o que é uma coisa que não sou capaz de explicar. Quando se atingem os dados finais de compressão, atingem-se domínios muito pequenos - regiões subatómicas - e a consciência não deveria ser possível. E, no entanto, é assim que as coisas se passam. julgamos que se poderá tratar de um artefacto, uma alucinação que estabelece a ponte da transição. Se assim é, trata-se de um fenómeno análogo à perna fantasma, sensação característica dos amputados, embora a perna não se encontre lá. Poderemos talvez dizer que se trata de um caso de cérebro fantasma. É evidente que estamos a falar de períodos muito curtos, de nanossegundos. Mas de qualquer modo não nos podemos esquecer de que ninguém é capaz de compreender a consciência."

Kate franziã as sobrancelhas. Desde há algum tempo que ela observava aquilo que via como arquitectura, uma espécie de abordagem do tipo forma segue a Junção" não era extraordinário como aquelas imensas estruturas subterrâneas apresentavam uma simetria concêntrica - uma leve reminiscência dos castelos medievais - mesmo que essas estruturas modernas tivessem sido construídas sem a menor preocupação de plano estético? Haviam sido construídas simplesmente para resolverem um problema científico. Achou que a aparência resultante era fascinante.

Mas agora que se encontrava confrontada com aquilo para o que essas máquinas eram de facto usadas, procurava encontrar um sentido para aquilo que os seus olhos tinham acabado de ver. E o seu treino em arquitectura não lhe servia da menor ajuda. "Mas este, digamos, método de encolher uma pessoa, obriga a que ela seja decomposta ..."

"Não. Nós destruimos essa pessoa", respondeu Gordon frontalmente. "Temos que destruir o original para que possa ser reconstruído no outro extremo. Não é possível ter uma coisa sem a outra."

“Isso quer dizer que ela morreu mesmo?” “Eu não diria tanto. Está a ver ...”

“Mas se uma pessoa é destruída numa das extremidades”, disse Kate, “não acha que morreu?”

Gordon suspirou. “Torna-se difícil pensar nisto em termos tradicionais”, respondeu. “Uma vez que essa pessoa é instantaneamente reconstruída no próprio momento em que foi destruída, como é que podemos dizer que morreu? Não é verdade. Essa pessoa deslocou-se apenas para um outro lugar.”

Stern tinha a certeza - era uma sensação visceral - de que Gordon não estava a ser totalmente honesto a respeito daquela tecnologia. Bastava olhar Para os escudos de água de forma curva, para todas as máquinas que se encontravam no solo, o que lhe dava a sensação de que havia bastante mais que fora deixado por explicar. Tentou descobrir o que se passava.

“Sendo assim, ela está agora no outro universo?”, perguntou. “Exactamente.”

“Você transmitiu-a, e ela chegou ao outro universo? Tal como um fax?” “Exactamente.”

“Mas para a reconstruir, precisa de uma máquina de fax na outra extremidade.”

Gordon abanou a cabeça. “Não, não é verdade”, respondeu. “E porque não?”

“Porque ela já lá está.”

Stern franziu as sobrancelhas. “Ela já lá está? Como é que isso pode ser?” “No momento da transmissão, a pessoa já se encontra no outro universo. E, desse modo, a pessoa não necessita de ser reconstruída por nós.” “Porquê?” perguntou Stern.

“Para já, considerem que se trata de uma característica do multiverso. Podemos discutir isso mais tarde se estiverem interessados. Não tenho a certeza de que toda a gente esteja interessada em embrenhar-se nesses detalhes”, respondeu, acenando com a cabeça na direcção dos outros.

Stern pensou: "Deve haver qualquer coisa mais. Qualquer coisa que ele não nos quer dizer." Stern voltou a olhar na direcção da zona de transmissão, tentando encontrar qualquer coisa de estranho, qualquer coisa que estivesse fora do seu lugar. Porque tinha a certeza de que havia de facto qualquer coisa que estava fora do lugar.

"Não nos tinha dito que enviou apenas algumas pessoas?"  
"Exacto, foi isso."

"Mais do que uma de cada vez?" "Praticamente nunca. Muito raramente duas."

"Sendo assim, porque é que tem tantas máquinas?" perguntou Stern. "Daqui estou a ver oito. Duas não seriam mais do que suficientes?"

"Está a ver apenas os resultados do nosso programa de investigação", disse Gordon. "Trabalhamos continuamente para melhorar o nosso design." Gordon respondera de um modo bastante calmo, mas Stern tinha a certeza

de que conseguira descortinar qualquer coisa - um lampejo breve de desconforto - nos olhos de Gordon.

Não há dúvida de que tem que haver mais qualquer coisa.

"Estava convencido", disse Stern, "de que teria feito melhorias em algumas das máquinas."

Gordon encolheu os ombros mais uma vez, mas não respondeu.

Sem a menor dúvida.

"O que é que aqueles homens das reparações estão ali a fazer?" perguntou Stern em mais uma tentativa. Apontou para os homens que se encontravam de gatas junto da base de uma das máquinas. "Estou a referir-me à máquina do canto. O que é que eles estão exactamente a fazer?"

"David", começou Gordon. "Na verdade, acho que ..."  
"Esta tecnologia é na verdade segura?" perguntou Stern. Gordon suspirou.

“Veja por si próprio.”

No grande ecrã uma sequência de flashes rápidos apareceu no solo da sala de trânsito,

“Aí vem ela”, disse Gordon.

os flashes tornavam-se cada vez mais brilhantes. Ouviram novamente o crepitar, primeiro muito baixo e depois mais alto. E, logo em seguida, aparecia a gaiola no seu tamanho normal; o zumbido extinguiu-se; o nevoeiro ao nível do solo desapareceu em volutas e a mulher saiu, acenando para os espectadores.

Stern ficou a olhar para ela. Parecia estar absolutamente bem. A aparência era igual à que tivera antes.

Gordon olhou para ele. “Acredite em mim”, disse. “É perfeitamente seguro.” Voltou-se para o ecrã. “Como é que as coisas estavam por lá, Sue?” “Excelentes”, respondeu ela. “A placa de trânsito fica no lado norte do rio.

Um lugar recatado, nos bosques. E o tempo está muito bom para o mês de Abril.” Olhou para o relógio. “Reúna a sua equipa, Dr. Gordon. Vou regular o marcador de navegação sobressalente. Em seguida damos lá um salto e trazemos o velhote antes que ele se magoe.”

“Deite-se sobre o lado esquerdo, por favor.” Kate rolou sobre a marquesa e ficou a olhar com um certo desconforto enquanto um homem mais velho envergando uma bata branca de laboratório empunhou o que se parecia com uma pistola de cola que apoiou sobre a sua orelha esquerda. “Vaí sentir um pouco de calor.”

Calor? Sentiu uma sensação de queimadura na orelha esquerda. “O que é ISSO?”

“É um polímero orgânico”, respondeu o homem. “Não é tóxico nem provoca alergias. Espere oito segundos. Muito bem, agora faça de conta que está a mascar. Queremos uma fixação flexível. Muito bem, continue a mascar.”

Ela ouviu-o seguir ao longo da linha. Chris estava na marquesa ao lado da dela, em seguida Stern e, por último, Marek. Ouviu o

homem de idade dizer: "Deite-se sobre o lado esquerdo, por favor. Vai sentir um pouco de calor ..."

Pouco depois estava de volta. Fez com que se voltasse para o outro lado e injectou o polímero quente na outra orelha. Gordon encontrava-se no canto da sala a observar. Disse: "Isto ainda é um tanto experimental, mas parece que funciona bastante bem. Trata-se de um polímero que começa a biodegradar-se ao fim de uma semana."

Mais tarde o homem disse-lhes para se porem de pé. Habilmente tirou-lhes os implantes de plástico das orelhas deslocando-se ao longo da linha.

Kate disse a Gordon: "A minha audição é perfeita, não preciso de um auxiliar de audição."

"Não se trata de um auxiliar de audição", respondeu Gordon.

No outro lado da sala o homem estava a perfurar o centro dos auriculares de plástico, inserindo-lhes dispositivos electrónicos. Trabalhava com uma rapidez surpreendente. Quando os dispositivos electrónicos se encontravam instalados, tapou o orifício com mais plástico.

"É uma máquina tradutora de línguas e um microfone de rádio. Para o caso de necessitarem de compreender aquilo que as pessoas lhes estão a dizer." "Mas mesmo que a gente compreenda aquilo que eles estão a dizer", respondeu ela, "como é que vamos poder responder?"

Marek acenou na sua direcção. "Não te preocupes. Falo Occitan. E Francês Medieval."

"Oh, isso é ótimo", respondeu ela em tom sarcástico. "Vais ensinar-me isso tudo nos próximos quinze minutos?" Estava tensa, estava em vias de ser destruída ou vaporizada, ou que raio é que eles fossem fazer com a máquina, e as palavras saíram-lhe involuntariamente da boca.

Marek parecia surpreendido. "Não", respondeu ele com um ar sério. "Mas se não saíres de junto de mim, tomo conta de ti."

Houve qualquer coisa na sua sinceridade que a tranquilizou. Era como uma seta directa, Pensou para consigo, O mais certo é ele tomar conta de mim. Sentiu-se mais descontraída.

Pouco depois estavam todos equipados com auriculares cor da carne. "Neste momento encontram-se desligados", disse Gordon. "Para os ligarem basta darem uma pancadinha na orelha com o dedo. Agora, façam o favor de virem aqui..."

Gordon estendeu a cada um deles uma pequena bolsa de couro. "Temos estado a trabalhar num estojo de primeiros socorros; estes são os protótipos. Vocês são os primeiros a entrar no mundo e poderão ter necessidade deles. Podem mantê-los escondidos, sob as roupas."

Abriu uma das bolsas e tirou uma pequena lata de alumínio com cerca de quatro polegadas de altura e uma polegada de diâmetro. Parecia-se com uma lata de creme de barbear. "Esta é a única defesa que lhes podemos fornecer. Contém doze doses de dihidreto de etileno com um substracto de proteína. Podemos fazer-lhes uma demonstração com o gato, o H.G. Onde é que estás tu, H.G.?"

Um gato negro saltou para a mesa. Gordon, depois de lhe fazer uma festa, Pulverizou-lhe o nariz com o gás. O gato pestanejou, produziu um som como se estivesse a fungar, e caiu para o lado.

"Inconsciência ao fim de seis segundos", disse Gordon, "e deixa uma amnésia retroactiva. Mas não se esqueçam de que actua durante pouco tempo. E devem pulverizar directamente no rosto da pessoa para terem a certeza de que produz algum efeito."

O gato já estava a começar a estremecer e a voltar a si quando Gordon se voltou para a bolsa e tirou três cubos de papel vermelho, mais ou menos do tamanho de cubos de açúcar, cada um deles coberto com uma camada de cera pálida. Parecia fogo de artifício.

"Se quiserem começar um fogo", disse, "isto será o suficiente. Se puxarem o pequeno cordel, incendeiam-se. Têm marcado quinze, trinta, sessenta - o número de segundos antes que o fogo comece. A

camada de cera faz com que sejam à prova de água. Uma palavra de aviso: às vezes não funcionam.”

Chris Hughes perguntou: “O que é há de errado com uma caneta Bic?” “Não é correcto para o período. Não é possível levar plástico para lá.” Gordon pegou novamente na bolsa. “Temos então os primeiros socorros básicos, nada de especial. Anti-inflamatórios, antidiarreicos, antiespasmódicos, analgésicos, Não vão querer vomitar num castelo”, disse. “E não podemos dar-lhes comprimidos para a água.”

Stern olhava para aquilo tudo com um sentimento de irrealidade. Vomitar num castelo? pensou. “Ouçam, uh ...”

“E, finalmente, uma bolsa de instrumentos multiúso, incluindo uma faca e uma gazua.” Era parecido com um canivete suíço do exército. Gordon voltou apôr tudo de novo na bolsa. “O mais provável é que não venham a usar nada disto mas, de qualquer modo, fica convosco. Agora vamos ver a questão do vosso vestuário.”

Stern não conseguia libertar-se da sua sensação permanente de desconforto. Uma mulher amável com aspecto de avó levantara-se de uma máquina de costura e estendia-lhes todas as roupas: primeiro roupa interior de linho uma espécie de boxers, mas sem elástico - em seguida um cinto de couro e depois perneiras em lã negra.

“O que é isto?” perguntou Stern. “Chamam-lhes meias, meu caro.”

Também não havia elástico. “Como é que se seguram?”

“É enfiado no cinto, debaixo do gibão. Ou então prende-se em pontos do gibão.”

“Pontos?” “Exacto, meu caro. Do gibão”

Stern olhou para os outros. Estavam calmamente a colocar as peças de roupa numa pilha, à medida que lhes davam cada um dos artigos. Pareciam saber para que era cada uma das coisas; estavam calmos como se se encontrassem numa loja. Mas Stern sentia-se

perdido e começou a entrar em pânico. Naquele momento davam-lhe uma camisa de linho que descia até ao cimo das coxas, e uma farta sobrecamisa a que se dava o nome de gibão, feito em feltro acolchoado. E, finalmente, uma adaga numa corrente de aço. Olhou para tudo aquilo com um ar desconfiado.

“Toda a gente tem uma. Vão necessitar dela ainda que mais não seja para comer.”

Colocou-a com ar ausente no topo da pilha, e continuou a inspeccionar a roupa, ainda à procura dos pontos”.

Gordon disse: “Estas roupas pretendem representar um estatuto neutro, nem caras nem pobres. Queremos que simbolizem aproximadamente o vestuário de um mercador médio, de um pajem da corte, ou de um pequeno fidalgo.” Stern tinha sapatos feitos à mão, que se pareciam com chinelos de couro Pontiagudos, com a diferença de terem fivelas. Como um bobo da corte, pensou ele com um ar infeliz.

A mulher com aspecto de avó sorriu: “Não se preocupe, têm solas com câmaras de ar, como os seus sapatos de ténis Nike.”

“Porque é que está tudo sujo?” perguntou Stern, olhando para a sobrecamisa com as sobrancelhas franzidas.

“Bom, tem que se adaptar ao ambiente, não tem?”

Mudaram-se num vestiário. Stern olhou para os outros homens. “Como é exactamente que nós vamos, bem ...”

“Queres saber como é que te vestes no século catorze?” respondeu Marek. “É simples.” Marek despira-se completamente e andava de um lado para o outro nu, descontraído. O homem tinha músculos perfeitamente desenvolvidos. Stern sentiu-se intimidado quando lentamente tirou as calças.

“Primeiro”, disse Marek, “vistam a roupa interior. É um linho de boa qualidade. Naquele tempo tinham bom linho. Para segurarem os calções coloquem

1> cinto e enrolem a parte de cima dos calções no cinto uma série de vezes, para que se aguentem. Certo?”

“O cinto fica debaixo da roupa?”

“Exacto. Para segurar os calções. Em seguida vistam as meias.” Marek começou a vestir as meias de lã negra. As meias tinham pés no fundo, como um pijama de criança. “Têm cordão no topo, estão a ver?”

“As minhas meias estão muito grandes”, disse Stern puxando-as o mais que podia e esticando-as nos joelhos.

“Não há problema. Não são meias de cerimónia pelo que não têm que ficar justas à pele. A seguir vistam a camisa de linho. Basta que a enfiem pela cabeça e deixem-na cair. Não, não, David, a abertura no pescoço fica para a frente.” Stern esticou os braços e torceu a camisa atabalhoadamente.

“E finalmente”, disse Marek, pegando numa sobrecamisa em feltro, “vestem o gibão. Uma combinação de agasalho e protecção contra o vento. Usa-se dentro e fora de casa, só é tirado quando está muito calor. Estão a ver os pontos? Têm as fitas do lado de dentro. Agora atem as meias aos pontos do gibão através das aberturas na sobrecamisa.”

Marek conseguiu fazer tudo aquilo em alguns momentos; era como se o tivesse feito durante toda a sua vida. Chris levou muito mais tempo, notou Stern com satisfação. Por sua vez Stern procurava torcer o tronco, atando os nós nas costas.

“Achas que isto é simples?”, perguntou ele resmungando.

“Ultimamente não tens reparado nas tuas próprias roupas”, disse Marek. “No século vinte o ocidental médio veste diariamente entre nove a doze peças. Aqui temos apenas seis.”

Stern puxou o gibão, alisando-o no peito, para que descesse até às coxas. Ao fazer isto amarrotou a camisa e Marek teve de ajudar a endireitar tudo, bem como a apertar melhor as meias.

Finalmente Marek colocou a adaga e a corrente bastante folgada na cinta de Stern, e afastou-se um pouco para o observar.

“Aí está”, disse Marek acenando com a cabeça. “Como é que te sentes?” Stern encolheu os ombros com um ar desconfortável.

“Sinto-me como uma galinha atada.”

Marek deu uma gargalhada. “Vais ver como te habituas.”

Kate estava a acabar de se vestir quando Susan Gomez, a mulher que acabara de regressar da viagem, entrou. Gomez usava roupas da época e uma peruca. Atirou outra peruca a Kate.

Kate fez uma careta.

“Tens que a usar”, disse Gomez. “Cabelo curto numa mulher é sinal de desgraça ou de heresia. Quando lá chegares, nunca deixes que ninguém veja o verdadeiro comprimento do teu cabelo.”

Kate colocou a peruca, que lhe fez cair cabelos de um louro escuro sobre os ombros. Olhou para o espelho e viu o rosto de uma estranha. Parecia mais nova, mais suave. Mais frágil.

“ou assim”, disse Gomez, “ou então corta o cabelo mesmo curto, como um homem. A escolha é tua.”

“Vou usar a peruca”, respondeu Kate.

Diane Kramer olhou para Victor Baretto e disse: “Mas isso sempre foi uma regra, Victor. Sabes isso perfeitamente.”

“Sim, mas o problema”, disse Baretto, “é de que nos está a dar uma nova missão.” Baretto era um homem esguio de aspecto duro, com cerca de trinta anos, um ex-ranger que trabalhava na companhia há cerca de dois anos. Durante todo esse tempo adquirira uma reputação de segurança competente, mas um tanto prima-dona. “Agora está a pedir-nos para entrarmos nesse mundo, mas não nos deixa levar armas.”

“Exactamente, Victor. Nada de anacronismos. Nada de artefactos modernos a regressarem a essa época. Tem sido a nossa regra desde o início.” Kramer tentou disfarçar a sua frustração. Aqueles tipos militares eram difíceis, em especial os homens. As mulheres, como Gomez, eram aceitáveis. Mas os homens continuavam, como eles diziam, a tentar tipificar o seu treino nas viagens de regresso da ITC e, para dizer a verdade, nunca funcionava convenientemente. Pessoalmente, pensava Kramer, não era mais do que uma maneira de os homens esconderem a sua

ansiedade, mas era evidente que nunca poderia afirmar uma coisa dessas. À partida, já era suficientemente difícil para eles aceitarem as ordens de uma mulher.

Os homens também tinham problemas em ocultarem os seus segredos. Era mais fácil para as mulheres, mas todos os homens queriam gabar-se de terem regressado ao passado. Era evidente que estavam proibidos por todo o gênero de disposições contratuais, mas os contratos podiam ser esquecidos depois de alguns copos num bar. Era por isso que Kramer os informara da existência de algumas placas de navegação especialmente reguladas. Essas placas haviam entrado na mitologia da companhia, incluindo os próprios nornes: Tunguska, Véstivius, Tokyo. A placa Véstivius colocava uma pessoa na Baía de Nápoles às sete da manhã de 24 de Agosto do ano 79 a.C., exactamente antes de as cinzas ardentes terem morto toda a gente. A placa Tunguska deixava uma pessoa na Sibéria em 1908, exactamente antes da queda do meteoro gigantesco, provocando uma onda de choque que matara todos os seres vivos num raio de centenas de milhas. A placa Tokyo colocava uma pessoa nessa cidade em 1923, exactamente antes de ter sido arrasada pelo tremor de terra. A ideia era a de que se o projecto se tornasse público, era possível terminar com a placa errada na viagem seguinte. Nenhum dos tipos militares tinham muito a certeza de tudo isso ser verdade, ou apenas uma questão de mitologia da companhia.

O que era o modo como Kramer pretendia que as coisas continuassem. "Esta é uma nova missão." Repetiu Baretto mais uma vez, como se ela ainda não o tivesse ouvido antes. "Está a pedir-nos para irmos a esse mundo - para irmos atrás das linhas do inimigo - se assim se pode dizer - sem armas."

"Mas todos vocês estão treinados em combate corpo-a-corpo. Você, Gomez, todos."

"Não acho que isso seja suficiente." "Vietor ..."

"Com todo o respeito, Ms. Kramer, não está a encarar a situação neste caso", disse Baretto teimosamente. "Já perdeu duas pessoas. Três, se contarmos com Traub."

“Não, Victor. Nunca perdemos ninguém.” “Pelo menos perdemos Traub.”

“Não perdemos Traub”, respondeu ela. “Traub ofereceu-se como voluntário e Traub estava deprimido.”

“Você supõe que ele estava deprimido.”

“Sabe que isso é verdade, Victor. Depois da esposa ter morrido, ficou profundamente deprimido e com uma tendência para o suicídio. Mesmo depois de ter ultrapassado o seu limite de viagens, queria voltar de novo para verificar se conseguia melhorar a tecnologia. Tinha a ideia de que seria capaz de modificar as máquinas, para que tivessem menos erros de transcrição. Mas aparentemente esta ideia estava errada. Por isso foi acabar no deserto do Arizona. Pessoalmente, não acho que tivesse a menor ideia de regressar. Julgo que foi uma questão de suicídio.”

“E perdeu Rob”, disse Baretto. “Não foi nenhuma porra de suicídio.”

Kramer suspirou. Rob Deckard fora um dos primeiros observadores que fizera a viagem de regresso, quase dois anos antes. E fora um dos primeiros que apresentara erros de transcrição. “Isso foi logo no início do projecto, Victor. A tecnologia não estava tão afinada. E sabe aquilo que aconteceu. Depois de ter feito algumas viagens, Rob começou a apresentar alguns efeitos menores. Insistiu em continuar. Mas nós não o perdemos.”

“Partiu e nunca regressou”, disse Baretto. “É a conclusão final.” “Rob sabia exactamente aquilo que estava a fazer.”

“E agora o Professor.”

“Nós não perdemos o Professor”, disse ela. “Ainda está vivo.”

“Espera que sim. E à partida não sabe porque é que ele não regressou.” “Victor ...”

“Só estou a dizer”, explicou Baretto, “que neste caso a logística não se adapta ao perfil da missão. Está a pedir-nos para assumirmos um risco desnecessário,> “Ninguém o obriga a ir”, respondeu Kramer suavemente.

“Porra, não é isso. Nunca disse uma coisa dessas.” “Não tem que ir.”

“Não. Eu vou.”

“Muito bem, então as regras são essas. Nenhuma tecnologia moderna entra no mundo. Compreendido?”

“Compreendido.” “E nada disto será mencionado aos académicos.”

“Não, não. Chiça, nada disso. Eu sou um profissional.” “Okay.” Disse Kramer.

Ficou a vê-lo sair. Estava sombrio, mas na disposição de continuar. No final acontecia o mesmo com todos. E a regra era importante, pensou para consigo. Mesmo que Doniger gostasse de dizer algumas palavras sobre o facto de não se poder modificar a história, a questão era a de que ninguém sabia na verdade

- e ninguém estava na disposição de arriscar. Não queriam armas modernas, ou artefactos, ou plásticos que pudessem voltar.

E isso nunca aconteceu.

Stern sentou-se com os outros em cadeiras de costas duras numa sala com mapas. Susan Gomez, a mulher que acabara de regressar na máquina, falou num tom rápido e azedo que Stern achou deslocado.

“Vamos”, disse ela, “ao Mosteiro de Sainte-Mère, no Rio Dordogne, no sudoeste da França. Chegaremos às 8.04 na manhã de quinta-feira, a 7 de Abril de 1357 - é o dia da mensagem do Professor. É bom para nós, porque há um torneio nesse dia em Castelgard, e o espectáculo irá atrair grandes multidões dos arredores, pelo que teremos maiores possibilidades de não repararem em nós.”

Bateu no mapa. “Apenas por uma questão de orientação, o mosteiro fica aqui. Castelgard está ali, do outro lado do rio. E a fortaleza de La Roque fica aqui nas escarpas sobranceiras ao mosteiro. Há perguntas?”

Abanaram as cabeças negativamente.

“Muito bem. A situação na zona está um pouco confusa. Como sabem, Abril de 1357 coloca-nos aproximadamente ao fim de vinte anos da Guerra dos Cem Anos. Estamos sete meses depois da vitória inglesa de Poitiers, onde o rei da França foi feito prisioneiro. O rei francês ainda se encontra em cativeiro, à espera de resgate. E a França, sem um rei, está numa completa desorganização.”

“Precisamente neste momento Castalgard encontra-se nas mãos de Sir Oliver de Vannes, um cavaleiro britânico nascido em França. Oliver também tomou La Roque, onde tem estado a fortalecer as defesas do castelo. Sir Oliver é um indivíduo desagradável, com um mau gemo que se tornou famoso. Chamam-lhe o Carniceiro de Crécy pelos seus excessos em combate.”

“Sendo assim Oliver tem o controlo de ambas as cidades?” perguntou Marek.

“Neste momento, sim. No entanto, uma companhia de cavaleiros renegados, comandados por um padre excomungado chamado Arnaut de Cervole ...” “O Arcebispo”, disse Marek.

“Sim, exactamente, o Arcebispo - está a deslocar-se para a área, e irá sem a menor dúvida tomar os castelos a Oliver. Estamos convencidos de que o Arcebispo ainda se encontra a alguns dias de distância. Mas o combate poderá surgir a qualquer instante, pelo que temos que andar o mais depressa possível.”

Deslocou-se para outro mapa, numa escala maior. Mostrava os edifícios do mosteiro.

“Chegamos aproximadamente aqui, na orla da floresta de Sainte-Mère. A partir do ponto de chegada seremos capazes de olhar directamente para o mosteiro que fica mais abaixo. Uma vez que a mensagem do Professor veio do mosteiro, iremos aí em primeiro lugar. Como sabem, no mosteiro toma-se a refeição principal do dia às dez da manhã, e é muito provável que o Professor esteja aí presente a essa hora do dia. Se tivermos sorte, vamos encontrá-lo aí e trazemo-lo de volta.”

Marek perguntou: "Como é que sabe tudo isso? Julgava que ainda ninguém tinha ido a esse mundo."

"É verdade. Ninguém foi. Mas os observadores que se encontram junto das máquinas trouxeram o suficiente para conhecermos o ambiente geral dessa época. Mais perguntas?"

Abanaram as cabeças negativamente.

"Muito bem. É muito importante recuperarmos o Professor enquanto ele ainda se encontrar no mosteiro. Se ele se deslocar para Castelgard ou para La Roque, será muito mais difícil. Temos um perfil de missão muito apertado. Espero estar no terreno dentro de duas ou três horas. Permaneceremos sempre juntos. Se um de nós se separar dos outros, usamos os auriculares para nos reunirmos de novo. Descobriremos o Professor e regressaremos de imediato. Okay?"

"Compreendido." "Terão dois seguranças, eu e Victor Baretto que se encontra ali ao canto. Digam olá ao Victor."

O segundo segurança era um homem soturno que tinha ar de ex-marine

- um homem duro e capaz. As roupas da época que Baretto envergava eram mais do tipo camponês, largas, feitas de um tecido do tipo linhagem. Fez uma aceno com a cabeça e esboçou um leve cumprimento. Parecia estar maldisposto.

"Okay?" perguntou Gomez. "Mais perguntas."

Chris perguntou: "O Professor está lá já há três dias?"  
"Exactamente."

"Quem é que os locais pensam que ele é?"

"Não sabemos", disse Gomez. "Em primeiro lugar, não sabemos porque é que ele saiu de junto da máquina. Deve ter tido uma boa razão. Mas uma vez que ele está no mundo, a solução mais fácil para ele será a de se fazer passar por um amanuense ou por um académico de Londres, ou ainda por um peregrino a caminho de Santiago de Compostela em Espanha. Sainte-Mère encontra-se na rota de peregrinação e é vulgar os peregrinos interromperem a sua

jornada, permanecendo um dia ou uma semana, especialmente se conseguem fazer amizade com o Abade, que é um tipo extraordinário. O Professor poderá ter feito isso. Ou talvez não. Simplesmente não sabemos.”

“Mas espere um momento”, disse Chris Hughes. “A sua presença não irá alterar a história local? Não irá influenciar a evolução dos acontecimentos?” “Não. Não vai.”

“Como é que tem a certeza disso?” “Porque não pode.”

“E o que é que me diz dos paradoxos do tempo?” “Paradoxos do tempo?”

“Precisamente.” Respondeu Stern. “Está a ver, é como se regressasse no tempo e matasse o seu avô, o que faria que não pudesse nascer e não pudesse regressar para matar o seu avô ...”

“Oh, isso.” Ela abanou a cabeça com um ar impaciente. “Não existem paradoxos do tempo.”

“O que é que isso quer dizer? Está claro que existem.”

“Não, não existem”, disse uma voz firme atrás deles. Voltaram-se. Doniger estava ali. “Os paradoxos do tempo não acontecem.”

“O que é que quer dizer?” exclamou Stern. Tinha a sensação de que a sua questão fora tratada de uma forma muito agressiva.

“Os chamados paradoxos do tempo”, disse Doniger, “na realidade não implicam, o tempo. Envolvem ideias sobre a história que são sedutoras mas estão erradas. Sedutoras porque nos levam a pensar de que tivemos influência no curso dos acontecimentos. E erradas porque é evidente que isso não aconteceu.” “Não podemos ter impacto nos acontecimentos?”

“Não.” “É evidente que sim.”

“Não. Não é possível. É mais fácil de compreender se considerarmos um exemplo contemporâneo. Digamos que vai a um desafio de basebol. Os Yankees e os Mets - os Yankees vão ganhar obviamente. Quer mudar o curso dos acontecimentos de modo a que os Mets ganhem. O que é que pode fazer? Você não é mais do

que uma pessoa na multidão. Se tentar ir ao túnel, será impedido. Se tentar entrar no campo, será afastado. As acções mais vulgares que possa julgar estarem à sua disposição terminarão em falhanço e não irão alterar o resultado do jogo.

“Digamos que escolhe uma acção mais extrema: matar a tiro o lançador. Mas no instante em que sacar uma arma, provavelmente será dominado pelos adeptos que se encontrem próximo. Mesmo que consiga disparar, o mais certo é que falhe. E mesmo que consiga atingir o lançador, qual será o resultado disso? O lançador será substituído por outro.

“Digamos que escolhe uma acção ainda mais extrema. Libertar gás dos nervos e matar toda a gente que se encontra no estádio. Mais uma vez, o mais provável é que não consiga ter sucesso, do mesmo modo como não era provável ter sucesso com uma arma de fogo. Mas mesmo que consiga matar toda a gente, mesmo assim não terá conseguido alterar o resultado do jogo. Poderá argumentar que conseguiu desviar a história numa outra direcção - e talvez assim seja - mas não criou as condições para que os Mets ganhassem o jogo. Na realidade não há nada que possa fazer para que os Mets ganhem. Continua a ser aquilo que sempre foi: um espectador.

“E este mesmo princípio aplica-se à grande maioria das circunstâncias históricas. Uma única pessoa pouco pode fazer para alterar os acontecimentos de um modo significativo. É evidente que grandes massas de povo podem alterar o curso da história. Mas uma pessoa? Não.”

“Talvez assim seja”, disse Stern, “mas eu posso matar o meu avô. E se ele estiver morto eu já não posso nascer, o que quer dizer que não existo e assim já não é possível tê-lo morto. E isto é um paradoxo.”

“Sim, é um paradoxo - partindo do princípio de que de facto mata o seu avô. Mas na prática isso pode mostrar-se difícil. Há tantas coisas na vida que podem correr mal. Pode não encontrar-se com ele na altura certa. No caminho pode ser atropelado por um

autocarro. Ou pode apaixonar-se. Pode ser preso pela polícia. Pode matá-lo demasiado tarde, depois do seu pai já ter sido concebido. Ou pode encontrar-se face a face com ele e chegar à conclusão de que não é capaz de premir o gatilho.”

“Mas em teoria ...”

“Quando estamos a lidar com a história, as teorias não têm o menor valor”, disse Doniger fazendo um gesto desdenhoso. “Uma teoria só é válida quando tem a capacidade de prever resultados futuros. Mas a história é o registo da acção humana - e não há nenhuma teoria que seja capaz de prever a acção humana.” Esfregou as mãos.

“Muito bem. Não será melhor acabarmos com esta especulação e seguirmos o nosso caminho?”

Ouviram-se murmúrios dos outros.

Stern pigarreou. “Para ser sincero”, disse ele, “acho que eu não vou.”

Marek estivera à espera de uma coisa daquelas. Observara Stern durante a reunião, notando o modo como se agitava na cadeira, como se não se sentisse confortável. A ansiedade de Stern fora aumentando progressivamente desde que a volta começara.

O próprio Marek não tinha dúvidas sobre a sua partida. Desde a sua juventude vivera e respirara o mundo medieval, imaginando-se em Warburg e Carcassone, Avignon e Milão. Alistara-se nas guerras de Gales com Edward 1. Vira os burgueses de Calais entregarem a sua cidade e estivera presente nas Feiras da Champagne. Vivera nas cortes esplêndidas de Eleanor da Aquitânia e do Duque de Beiry. Marek ia fazer esta viagem, acontecesse o que acontecesse. Quanto a Stern...

“Peço desculpa”, estava Stern a dizer, “mas esse problema não é meu. Só me alistei na equipa do Professor porque a minha namorada ia para um curso de Verão em Toulouse. Não sou historiador. Não sou cientista. E, de qualquer modo, não acho que seja seguro.”

Doniger perguntou: "Não acha que as máquinas sejam seguras?"

"Não, o lugar. O ano de 1357. Depois de Poitiers espalhou-se a guerra civil em França. Companhias livres de soldados fizeram pilhagens por toda a parte. Bandidos, assassinos e homens sem lei em todos os cantos."

Marek acenou com a cabeça. Pelo menos Stern estava a compreender a situação. O século catorze fora um mundo que desaparecera, e ao mesmo tempo perigoso. Era um mundo religioso; a maioria das pessoas iam à igreja pelo menos uma vez por dia. Mas era um mundo incrivelmente violento, onde os exércitos invasores matavam toda a gente, onde mulheres e crianças eram chacinados de uma forma rotineira, onde as mulheres grávidas eram esventradas por uma questão de desporto. Era um mundo que abria as portas aos ideais da cavalaria em simultâneo com pilhagens e assassínios indiscriminados, onde se imaginava que as mulheres eram frágeis e delicadas, mesmo que controlassem fortunas, comandassem castelos, tomassem amantes à vontade e conspirassem para cometer assassínios e rebeliões. Era um mundo com fronteiras sempre em modificação e alianças a alterarem-se constantemente, muitas vezes mudando-se de um dia para o outro. Era um mundo de morte, de pragas devastadoras, de doença, de guerras constantes.

Gordon disse a Stern: "Certamente não desejaria de modo nenhum estar a forçá-lo."

"Mas não se esqueça", disse Doniger, "de que não estará sozinho. Vamos mandar seguranças consigo."

"Peço desculpa." Continuava Stern a dizer. "Peço desculpa."

Finalmente Marek disse: "Deixe-o ficar. Ele tem razão. Não é o seu período e não é o seu problema."

"Agora que fala nisso", disse Chris, "estive a pensar: Também não é o meu período. Sinto-me muito mais à vontade nos finais do século treze do que no verdadeiro século catorze. Talvez também deva ficar com o David ..."

“Esquece isso.” Disse Marek colocando um braço pelos ombros de Chris. “Vais ver que não há problemas.” Marek tratava o assunto como se fosse uma brincadeira embora soubesse que Chris não estava exactamente a brincar. Não exactamente.

A sala estava fria. Um nevoeiro gelado cobria-lhes os pés e os tornozelos. Enquanto se dirigiam para as máquinas deixavam um rasto no nevoeiro.

Quatro máquinas haviam sido ligadas pelas bases e uma quinta gaiola encontrava-se isolada. Baretto explicou: “Esta é a minha”, e entrou na gaiola isolada. Permaneceu erecto, olhando em frente, esperando.

Susan Gomez entrou numa das gaiolas ligadas entre si, e disse: “O resto do grupo vem comigo.” Marek, Kate e Chris subiram para as gaiolas que se encontravam ao lado da sua. As máquinas pareciam estar assentes sobre molas; oscilavam levemente à medida que cada um deles entrava.

“Todos prontos?”

Responderam todos num murmúrio, acenando com a cabeça. Baretto disse: “As senhoras primeiro.”

“Tens toda a razão”, respondeu Gomez. Parecia não existir a menor amizade entre os dois. “Okay”, disse ela para os outros. “Partida.”

O coração de Chris começou a bater desordenadamente. Sentia tonturas e tinha a sensação de começar a entrar em pânico. Cerrou as mãos com firmeza.

Gomez disse: “Descontraíam-se. Estou convencida de que vão achar a viagem agradável.” Introduziu a placa de cerâmica numa fenda que se encontrava aos seus pés e voltou a erguer-se.

“Cá vamos nós. Não se esqueçam: toda a gente perfeitamente imóvel quando chegar a altura.”

As máquinas começaram a zumbir. Chris sentiu uma leve vibração na base, Por debaixo dos pés. O zumbido das máquinas foi aumentando de intensidade.

O nevoeiro elevava-se em volutas da base das máquinas. As máquinas começaram a gemer e a guinchar, como se o metal estivesse a ser torcido. O som foi aumentando rapidamente até se tornar constante e atingir um volume que fazia lembrar um grito.

“É por causa do hélio líquido”, disse Gomez. “Está a arrefecer o metal até atingir temperaturas de supercondução.”

Abruptamente terminou o guinchar e começou o som de crepitar. “Luz verde para os infravermelhos”, disse ela. “Chegou a altura.”

Chris sentiu que todo o corpo começava a tremer involuntariamente. Tentou controlar a reacção mas as pernas continuavam a tremer. Teve um momento de pânico - talvez fosse melhor desistir - mas nesse instante ouviu uma gravação que dizia: “Permaneçam IMóveis - olhos abertos...”

Demasiado tarde, pensou. Demasiado tarde. “... respirem fundo - aguentem... Agora!”

O anel que se encontrava acima da sua cabeça desceu, deslizando suavemente até aos seus pés. Produziu um pequeno ruído metálico quando tocou na base. E um momento depois houve um flash de luz deslumbrante - mais brilhante do que o sol - que vinha de todos os lados à sua volta - mas não sentiu absolutamente nada. Para dizer a verdade, teve uma súbita e estranha sensação de fria descontração, como se estivesse a observar uma cena distante.

O mundo à sua volta estava completamente, estranhamente silencioso. Viu a máquina próxima de Baretto que se tornava cada vez maior, começando a debruçar-se sobre ele. Baretto, um gigante, o rosto enorme com poros monstruosos, inclinava-se, olhando para eles de cima para baixo.

Mais flashes.

À medida que a máquina de Baretto se tornava cada vez maior também parecia que se distanciava deles, revelando um aumento progressivo do soalho: uma vasta planície de soalho em borracha escura que desaparecia à distância. Mais flashes.

O pavimento em borracha tinha um padrão de círculos em relevo. Os círculos começaram a erguer-se à volta deles fazendo lembrar escarpas negras. Rapidamente as escarpas cresceram tanto que se pareciam com arranha-céus negros unindo-se por cima das suas cabeças, obstruindo a luz que vinha de cima. Finalmente os arranha-céus uniram-se uns aos outros e o mundo escureceu. Mais flashes.

Mergulharam numa escuridão de tinta da china por alguns momentos e logo em seguida começaram a distinguir pontos de luz cintilante, dispostos num padrão que fazia lembrar uma grelha, afastando-se em todas as direcções. Era como se estivessem dentro de uma espécie de enorme estrutura cristalina brilhante. Enquanto Chris observava, os pontos de luz foram-se tornando mais brilhantes e maiores, de orla imprecisa, até que cada um deles se transformou numa bola brilhante de contornos imprecisos. Pensou se aquilo não seriam os átomos.

já não conseguia distinguir a grelha, apenas as bolas que se encontravam mais próximo. A sua gaiola moveu-se directamente na direcção de uma das bolas brilhantes que parecia pulsar, mudando a sua forma em padrões trémulos.

E foi então que se encontraram dentro da bola, imersos num nevoeiro de um brilho intenso que parecia pulsar com energia.

Foi então que o brilho começou a desvanecer-se, e desapareceu completamente.

Permaneciam numa escuridão informe. Nada. Apenas escuridão.

Mas foi então que viu que continuavam a mergulhar, dirigindo-se para a superfície agitada de um oceano negro numa noite negra. O oceano agitava-se e fervia, produzindo uma espuma de um tom azulado. À medida que desciam para a superfície a espuma ia crescendo. Chris viu que especialmente uma das bolhas tinha um brilho azul particularmente intenso.

A sua máquina moveu-se na direcção desse brilho a uma velocidade crescente, voando cada vez mais depressa, e teve a

estranha sensação de que se iam esmagar na espuma, até que entraram na bolha e ouviu um guinchar metálico num tom alto e penetrante.

Em seguida silêncio. Escuridão. Nada.

Na sala de controlo, David Stern observava os flashes no soalho coberto de borracha ficarem cada vez mais pequenos e mais fracos e finalmente desaparecerem por completo. As máquinas tinham desaparecido. Os técnicos voltaram-se imediatamente para Baretto e começaram a sua contagem regressiva.

Mas Stern continuava a olhar para o ponto do soalho em borracha onde Chris e os outros haviam estado.

“E onde é que eles estão agora?” perguntou a Gordon. “Oh, agora já chegaram”, disse Gordon. “Já lá estão.” “Foram reconstruídos?”

“Exacto.” “Sem uma máquina de fax do outro lado.” “Precisamente.”

“Diga-me porquê”, pediu Stern. “Diga-me os detalhes que não interessam aos outros.”

“Muito bem”, disse Gordon. “Não tem nada de mal. Pensei apenas que os outros pudessem achar tudo isto um tanto, bem, perturbador.”

“Uhin.” “Voltemos atrás,” continuou Gordon, “aos padrões de interferência que, conforme se recorda, mostravam que outros universos podem afectar o nosso próprio universo. Não temos que fazer nada para que o padrão de interferência ocorra. Acontece simplesmente por si próprio.”

“Sim.” “E esta interacção é muito fiável; acontece sempre que exista um par de ranhuras.”

Stern acenou com a cabeça. Estava a tentar adivinhar onde é que aquilo ia parar, mas não era capaz de antever a direcção que Gordon estava a tomar.

“Deste modo sabemos que, em certas situações, podemos contar com que outros universos façam com que aconteçam coisas. Montamos as ranhuras e os outros universos estabelecem sempre o padrão que nós vemos.”

“Okay ...”

“E se transmitirmos através de um dos orifícios, a pessoa é sempre reconstituída na outra extremidade. Também podemos esperar que isso aconteça.” Houve uma pausa.

Stern franziu as sobrancelhas.

“Espere um minuto, exclamou. “Está a dizer-me que ao transmitir a pessoa é reconstituída por outro universo?”

“De facto é isso mesmo. Isto é, tem que ser. Não podemos reconstituí-los muito bem porque não estamos lá. Estamos neste universo.”

“Sendo assim, não está a reconstituir ...” “Não.”

“Porque não sabe como fazê-lo”, disse Stern.

“Porque não achamos que seja necessário”, respondeu Gordon. “Do mesmo modo como não achamos que seja necessário colar os pratos numa mesa para que eles não se mexam. Permanecem imóveis por eles próprios. Utilizamos uma das características do universo, a gravidade. E neste caso estamos a usar uma das características do multiverso.”

Stern franziu as sobrancelhas. Discordou de imediato da analogia; era demasiado enganosa, demasiado fácil.

Véja”, disse Gordon, “a base da tecnologia quântica é o facto da sobreposição de universos. Quando um computador quântico calcula - quando a totalidade dos trinta e dois estados do electrão estão a ser usados - tecnicamente o computador está a transportar esses cálculos para outros universos, certo?”

“Sim, sob um ponto de vista técnico está certo, mas ...” “Não, não é sob um ponto de vista técnico. É na realidade.” Houve uma pausa.

“Poderá ser mais fácil de compreender”, disse Gordon, “se observarmos esta situação sob o ponto de vista do outro universo. Esse universo vê uma pessoa chegar de repente. Uma pessoa de outro universo.”

“Sim ...”

“E foi isso exactamente o que aconteceu. A pessoa vem de outro universo. E não foi exactamente o nosso.”

“Repita isso?”

“A pessoa não chegou do nosso universo”, respondeu Gordon. Stern pestanejou. “Então de onde?”

“Chegaram de um universo que é quase idêntico ao nosso - idêntico sob todos os aspectos - excepto que nós sabemos como reconstituir na outra extremidade.>

“Está a brincar.” “Não.”

“A Kate que vai aterrar lá não é a mesma que saiu daqui? É uma Kate de outro universo?”

“Exacto.” “Então é quase a Kate? Uma espécie de Kate? Uma meia Kate?”

“Não. É a Kate. Tanto quanto sabemos, com base nos nossos testes, é absolutamente idêntica à nossa Kate. Porque o nosso universo e o seu universo são praticamente idênticos.”

“Mas mesmo assim, continua a não ser a Kate que saiu daqui.” “Como é que poderia ser? Foi destruída e reconstruída.” “Sente alguma diferença quando isso acontece?” disse Stern. “Só durante um ou dois segundos”, respondeu Gordon.

Escuridão. Silêncio, e em seguida, à distância, uma luz branca deslumbrante. Aproximando-se. Rapidamente.

Chris estremeceu como se um forte choque eléctrico tivesse atravessado o seu corpo, fazendo-lhe contrair os dedos das mãos, Por instantes sentiu o seu corpo, como sentimos roupas novas quando as vestimos pela primeira vez; sentiu a carne que o envolvia, sentiu o peso dela, o impulso para baixo da gravidade, a pressão do

corpo nas solas dos pés. Em seguida uma dor de cabeça que o cegava, um pulsar simples, para logo em seguida desaparecer, sentindo-se rodeado por uma intensa luz púrpura. Teve um arrepio e pestanejou.

Estava de pé, banhado pela luz do sol. O ar era frio e húmido. Os pássaros chilreavam nas enormes árvores que se erguiam acima dele. Feixes de luz atravessavam a luz do sol, sarapintando o solo. Estava a ser banhado por um desses feixes de luz. A máquina encontrava-se ao lado de uma estreita vereda lamacenta que serpenteava através da floresta. Directamente à sua frente, através de um intervalo entre as árvores, avistou uma aldeia medieval.

Primeiro um grupo de leiras e cabanas, penachos de fumo cinzento erguendo-se dos tectos de colmo. Em seguida uma parede de pedra e os telhados de pedra escura da própria cidade e finalmente, à distância, o castelo com os seus torreões circulares.

Reconheceu-o imediatamente: a cidade e a fortaleza de Castelgard. E já não era uma ruína. As paredes estavam completas.

Tinha chegado.

7:00:00

Gomez saltou agilmente da máquina. Marek e Kate saíram lentamente das suas gaiolas, parecendo ofuscados enquanto olhavam à sua volta. Os pés pousaram na relva cheia de musgo. O terreno parecia esponjoso.

Marek disse: "Fantástico!" e imediatamente se afastou da máquina, atravessando a vereda lamacenta para observar melhor a cidade. Kate seguiu atrás dele. Dava a ideia de ainda se encontrar em estado de choque.

Mas Chris queria permanecer junto da máquina. Virou-se lentamente olhando para a floresta. Deixou-o chocado, parecendo-lhe escura, densa, primitiva. Notou que as árvores eram enormes. Algumas tinham troncos tão espessos que se podiam esconder tres ou quatro pessoas atrás deles. Elevavam-se para o céu, espalhando

um enorme dossel de folhas sobre eles que escurecia a maior parte do solo.

“Lindo, não é?” disse Gomez. Parecia sentir que ele se encontrava pouco à vontade.

“Sim, é lindo”, respondeu. Mas não se sentia assim de modo nenhum; havia qualquer coisa naquela floresta que lhe parecia ter um aspecto sinistro. Foi rodando lentamente, tentando compreender porque é que tinha a sensação nítida de que havia qualquer coisa de errado em relação àquilo que estava a ver - havia qualquer coisa que faltava, ou que se encontrava fora de lugar. Finalmente disse: “O que é que está errado?”

Ela riu, “Oh, é isso”, respondeu ela. “Ouça.”

Chris ficou alguns momentos em silêncio, ouvindo. Havia o chilreio dos pássaros, o leve restolhar da folhagem ao passar uma brisa suave. Mas além disso...

“Não ouço nada.”

“Exacto”, disse Gomez. “Deixa algumas pessoas chocadas quando chegam aqui pela primeira vez. Aqui não existe qualquer ruído ambiente: não há rádio ou televisão, não há aviões, não temos máquinas, não há carros que passem. No século vinte estamos tão habituados a ouvirmos som continuamente que o silêncio faz arrepiar.”

“Acho que tem razão.” Pelo menos era exactamente como ele se sentia. Afastou-se das árvores e olhou para a vereda lamacenta, um raio de luz através da floresta. Em alguns lugares, a lama tinha dois pés de profundidade, pisada

por muitos cascos.

Pensou que este era um mundo de cavalos.

Não havia sons de máquinas. Um grande número de impressões de cascos. Inspirou profundamente e deixou escapar o ar lentamente. Até o ar parecia diferente. Um ar que subia à cabeça, que o deixava estonteado, como se tivesse uma maior percentagem de oxigénio.

Voltou-se e viu que a máquina desaparecera. Comez não, parecia preocupada. "Onde é que está a máquina?" perguntou, tentando não parecer preocupado. "Afastou-se."

"Afastou-se?" "Quando as máquinas estão completamente carregadas tornam-se um pouco instáveis. Tendem a deslizar para fora do momento presente. Por causa disso é que não as podemos ver."

"Onde é que elas estão?", perguntou Chris.

Ela encolheu os ombros. "Não sabemos exactamente. Devem estar noutra universo. Onde quer que estejam, estão bem. Voltam sempre."

Para o demonstrar, pegou no seu marcador cerâmico e premiu o botão com a unha do polegar. Acompanhada de flashes de luz cada vez mais brilhantes, a máquina regressou: as quatro gaiolas, posicionadas exactamente onde haviam estado alguns minutos antes.

"Agora vão ficar aqui durante um minuto, talvez dois", disse Gomez. "Mas eventualmente irão afastar-se mais uma vez. Não me importo que isso aconteça. Pelo menos saem do caminho."

Chris acenou com a cabeça; ela parecia saber aquilo de que estava a falar. Mas o pensamento de que as máquinas se afastavam deixou Chris com uma sensação vaga de desconforto; aquelas máquinas representavam o seu bilhete de regresso a casa, e não lhe agradava pensar que elas se comportavam de acordo com as suas próprias regras e que podiam desaparecer de uma forma aleatória. Pensou para consigo próprio: "Haveria alguém que fosse capaz de viajar num avião se o piloto dissesse que este era "instável"?" Sentiu um arrepiado gelado na testa e teve consciência de que, dentro de poucos momentos, começaria a ter suores frios.

Para se distrair Chris abriu caminho, atravessando a vereda, para seguir os outros, procurando não se afundar na lama. Novamente em solo firme caminhou através de uma espessa vegetação rasteira, uma espécie qualquer de plantas que lhe davam pelo peito, parecidas com o rododendro. Olhou para trás na direcção

de Gomez: "Há alguma coisa nestes bosques com a qual tenhamos de nos preocupar?"

"Apenas as víboras", respondeu ela. "Normalmente encontram-se nos ramos mais baixos das árvores. Deixam-se cair sobre os seus ombros para o morder." "Estupendo", disse ele. "São venenosas?"

"Muito." "É uma mordedura fatal?"

"Não se preocupe, são muito raras", disse ela.

Chris decidiu não fazer mais perguntas. De qualquer modo, naquele momento já tinham atingido uma abertura na folhagem que projectava a luz do sol. Olhou para baixo e viu o Rio Dordogne duzentos metros abaixo dele, serpenteando por entre os campos lavrados e parecendo, na sua opinião, não muito diferente do modo como estava habituado a ele.

Mas se o rio era o mesmo, tudo o resto era diferente. Castलगard estava completamente intacto, e o mesmo se passava com a sua cidade. Para além das paredes viam-se leiras dos agricultores; alguns dos campos estavam a ser lavrados naquele momento.

Nesse instante a sua atenção foi atraída para a direita, onde olhou para baixo, na direcção do grande complexo rectangular do mosteiro - e a ponte fortificada do moinho. A sua ponte fortificada, pensou. A ponte que estivera a estudar durante a maior parte do Verão...

E, infelizmente, muito diferente daquela que conseguira reconstruir em computador.

Chris viu quatro rodas de azenha e não três, trabalhando na corrente que corria por debaixo da ponte. E a ponte que se erguia acima não era uma estrutura simples unificada. Parecia haver pelo menos duas estruturas independentes, dando a impressão de casinhas. A maior era feita de pedra e a outra de madeira, sugerindo que as estruturas haviam sido reconstruídas em diferentes alturas. Da construção em pedra o fumo elevava-se num contínuo penacho cinzento. Aparentemente talvez fabricassem ali o aço. Se havia

energia hidráulica era provável que tivessem fornos accionados a foles. Aliás isso também explicaria as estruturas separadas que se viam. Os moinhos que trabalhavam na moagem de cereais ou de milho nunca permitiriam fogos abertos ou chamas no seu interior - nem sequer uma vela. Era por Isso que os moinhos para cereais funcionavam só durante as horas do dia.

Absorvido nos detalhes, sentiu que se começava a descontrair.

No ponto mais distante da vereda lamacenta Marek olhava para a aldeia de Castelgard com uma leve sensação de assombro.

Ele estava ali.

Sentia a cabeça leve, quase estonteado com a excitação quando começou a analisar os detalhes. Nos campos situados mais abaixo os camponeses usavam polainas feitas de bocados de pano e túnicas em vermelho e azul, laranja e rosa. As cores vivas contrastavam com o tom escuro da terra. A maior parte dos campos já se encontrava plantada, sobressaindo os sulcos do arado. Era o início de Abril e portanto as plantações de Primavera de cevada, ervilha, aveia e feijão - as chamadas colheitas Lenten - terminariam dentro em pouco.

Observou um novo campo que estava a ser arado e a lâmina negra de ferro a ser puxada por uma parelha de bois. O arado fazia depositar a terra do sulco com precisão para ambos os lados. Viu com agrado uma protecção em madeira montada directamente sobre a lâmina. Tratava-se de uma aiveca e era característica daquela época.

Caminhando atrás do homem do arado, um camponês espalhava semente com movimentos rítmicos do braço. O saco de semente estava pendurado do ombro. Seguindo de perto o semeador, aves esvoaçavam ao longo do sulco comendo as sementes. Mas sem ser por muito tempo. Num campo próximo Marek viu o gradador: um homem a cavalo que puxava uma armação de madeira em T com uma grande pedra em cima. O gradador fechou os sulcos, protegendo a semente.

Parecia que tudo se passava dentro do mesmo ritmo suave mas firme: a mão espalhando a semente, o arado abrindo o sulco, a grade raspando a terra. E praticamente não se ouvia um único som na quietude da manhã, apenas o zumbido dos insectos e o chilrear dos pássaros.

Para além dos campos Marek viu a muralha de pedra com cerca de seis metros de altura circundando a cidade de Castelgard. A pedra era escura, desgastada pelo tempo. Numa das secções a muralha estava a ser reparada; a pedra nova que aplicavam era de uma cor mais clara, um amarelo acinzentado. Os pedreiros encontravam-se empoleirados na muralha, trabalhando rapidamente. No topo da muralha guardas envergando cotas de malha faziam a ronda para a frente e para trás, fazendo por vezes uma pausa para olharem à distância.

E erguendo-se acima de tudo o resto, o próprio castelo com as suas torres circulares e telhados em pedra negra. No topo dos torreões ondeavam batadeiras. Todas as bandeiras tinham o mesmo brasão: um escudo em tons de castanho avermelhado e cinzento com uma rosa prateada.

Davam ao castelo uma aparência festiva e naquela altura, num campo da parte de fora, logo a seguir às muralhas da cidade, estava a ser construído um grande estrado em madeira coberto com toldo, que se destinava a um torneio. Já começara a reunir-se uma multidão. Alguns cavaleiros já ali se encontravam, os cavalos amarrados ao lado de tendas de riscas em cores alegres, que se espalhavam indiscriminadamente por toda a zona do torneio. Pajens e cavaleiros circulavam por entre as tendas transportando armaduras e água para os cavalos.

Marek observou toda a cena e deu um suspiro de satisfação,

Tudo aquilo que ele viu era de uma grande precisão, até ao menor detalhe. Tudo aquilo era real.

Ele estava ali.

Kate olhava para Castelgard com uma sensação de assombro. Perto dela Marek suspirava como um apaixonado mas ela não tinha

a certeza da razão para tal. Evidentemente Castelgard era agora uma povoação com vida, tendo recuperado a sua antiga glória, com as suas casas e castelo inteiros. Mas, de um modo geral, a cena que tinha à sua frente não parecia muito diferente de qualquer paisagem campestre da França do seu tempo. Talvez um pouco mais antiga do que a maioria das paisagens que conhecia, com cavalos e bois em vez de tractores. Mas quanto ao resto... bom, não era assim tão diferente quanto isso.

Arquitecturalmente, a maior diferença que conseguiu detectar entre aquela cena e o presente era o facto de todas as casas terem telhados de lousa, feitos com placas sobrepostas de pedra negra. Estes telhados de pedra eram incrivelmente pesados e necessitavam de uma construção interna de suporte muito resistente, razão pela qual as casas no Périgord haviam deixado de os utilizar, salvo nas áreas turísticas. Estava habituada a ver as casas Francesas com telhados de tom ocre em telha romana, ou com a telha plana do estilo francês.

No entanto aqui havia telhados em lousa por toda a parte. Não se avistava nem uma única cobertura em telha.

Continuando a observar a cena, apercebeu-se lentamente de outros detalhes. Por exemplo, havia um número muito grande de cavalos: de facto um número muito grande, se fossem considerados os cavalos que se encontravam nos campos, os cavalos no torneio, os cavalos circulando como montadas nas estradas poeirentas e os cavalos que se encontravam no pasto. Pensou que na cena à sua frente devia ter qualquer coisa como cem cavalos. Não se recordava de alguma vez ter visto tantos cavalos ao mesmo tempo, mesmo no Colorado onde nascera. Todos os tipos de cavalos, desde os belos e lustrosos cavalos de guerra que se encontravam no torneio até aos pequenos cavalos para a agricultura que se viam nos campos.

E enquanto a maior parte das pessoas que se viam a trabalhar nos campos usavam roupas em tons monótonos, outras usavam cores tão vivas e alegres que quase a faziam lembrar das Caraffias. Aquelas roupas eram remendadas vezes sem conta, mas sempre

numa cor de contraste, de tal modo que o remendo era visível mesmo à distância. Tornava-se numa espécie de design.

Foi igualmente nessa altura que se apercebeu da clara demarcação entre as áreas relativamente pequenas da habitação humana - cidades e campos - e a floresta circundante, um denso e vasto tapete verde espalhando-se em todas as direcções. Nesta paisagem predominava a floresta. Tinha a sensação de uma vastidão selvagem circundante, na qual os seres humanos eram intrusos. E, naquele caso, intrusos insignificantes.

E quando voltou a olhar para a cidade de Castलगard teve a sensação de que havia qualquer coisa de estranho que não conseguia detectar. Até que finalmente se apercebeu de que não havia chaminés!

Nem uma única chaminé.

Nas casas dos camponeses havia apenas orifícios nos telhados de colmo por onde saía o fumo. Dentro da cidade as casas eram similares, mesmo que os seus telhados fossem de pedra: o fumo saía por um orifício ou por um respiradouro na parede. No castelo também não se viam chaminés.

Estava a olhar para uma época anterior ao aparecimento das chaminés nesta parte da França. Por uma razão qualquer este pormenor de arquitectura sem importância fez com que estremecesse com uma espécie de horror. Um mundo antes das chaminés. Afinal de contas, quando é que as chaminés haviam sido inventadas? Não conseguia lembrar-se exactamente. Não havia dúvida de que, por volta de 1600 já eram perfeitamente vulgares. Mas esta época era muito anterior.

“Esta época”, fez com que se apercebesse da situação em que se encontrava. Atrás dela ouviu Gomez que dizia: “Que raio é que pensa que está a fazer?”

Kate olhou para trás e viu que o tipo carrancudo, Baretto, acabara de chegar. A sua gaiola individual era visível no outro lado da vereda, a uma distância de poucos metros na floresta.

“Faço aquilo que me der na bolha e ninguém tem nada com isso”, disse ele a Gomez.

Tirara a sua túnica de tela, revelando um pesado cinto em couro com uma pistola em coldre e duas granadas negras. Estava a verificar a pistola.

“Se temos que entrar no mundo”, disse Baretto, “tenho que estar preparado.” “Não vai levar essa tralha consigo”, disse Gomez.

“Quer fazer uma aposta, mana?”

“Não vai. Sabe que não é permitido. Gordon nunca permitiria que armas modernas entrassem neste mundo.”

“Mas Gordon não está aqui, pois não?”

“Veja o que vai fazer, raios o partam”, disse Gomez, e pegou no seu marcador em cerâmica branca, apontando-o na direcção de Baretto.

Dava a impressão de que ameaçava mandá-lo de volta.

36:50:22

Na sala de controlo, um dos técnicos que se encontrava em frente dos monitores disse, “Estamos a receber retorno de campo.”

A sério? Isso é uma boa notícia>, disse Gordon. “Porquê?” perguntou Stern.

“Significa”, respondeu Gordon, “que alguém está programado para regressar dentro das próximas duas horas. Sem qualquer dúvida os seus amigos.” “Isso quer dizer que vão trazer o Professor e estar de volta dentro de duas horas?”

“Sim, é isso exactamente ...” Gordon interrompeu o que estava a dizer para olhar para a onda que se observava no monitor. Uma pequena superfície ondulante com um pico que sobressaía. “É isso?”

“Exacto”, respondeu o técnico.

“Mas a amplitude está demasiado larga”, observou Gordon.

“Estou de acordo. E o intervalo está a ficar cada vez mais curto. Rapidamente.”

“Quer dizer que alguém está a regressar agora?” “Sim. Rapidamente segundo parece.”

Stern olhou para o relógio. A equipa partira há poucos minutos. Era impossível terem recuperado o Professor tão rapidamente.

“O que é que isso quer dizer?”

“Não faço ideia”, disse Gordon. A verdade é que não lhe estava a agradar de modo nenhum aquele desenvolvimento. “Devem ter tido qualquer problema.,> “Que tipo de problema?”

“Para ser assim tão rápido deve ter sido um problema mecânico. Talvez um erro de transcrição.”

Stern perguntou: “O que é um erro de transcrição?”

o técnico disse: “O meu cálculo dá-me uma chegada dentro de vinte minutos e cinquenta e sete segundos.” Estava a medir as intensidades de campo e os intervalos de pulsação.

“Quantos é que estão de volta?” perguntou Gordon. “Todos?” “Não”, respondeu o técnico. “Apenas um.”

36:49:19

Chris Hughes não conseguia evitar; estava mais uma vez dominado pela ansiedade. Apesar do ar frio da manhã estava a suar, a pele estava gelada e o coração batia desordenadamente. Ouvir a discussão entre Baretto e Gomez não melhorava de modo nenhum a sua confiança.

Regressou à vereda, contornando as poças de lama espessa. Marek e Kate também estavam a regressar. Todos eles se mantinham o mais possível à parte da discussão.

“Está bem, está bem, porra para esta história”, estava Baretto a dizer. Tirou as armas e colocou-as cuidadosamente no chão da sua gaiola. “Está bem. Mais satisfeita?”

Gomez continuava a falar, calmamente, quase num murmúrio. Chris não a conseguia ouvir.

“Está certo”, disse Baretto, quase rosnando.

Mais uma vez Gomez falou suavemente. Baretto rangia os dentes. Tornava-se muito desconfortável estar a li de pé. Chris afastou-se alguns passos, voltando as costas à discussão, esperando que tudo aquilo terminasse.

Ficou surpreendido ao verificar que a vereda descia em declive, quase que abruptamente, e conseguia avistar o terreno plano um pouco mais abaixo, por um intervalo entre as árvores. O mosteiro lá estava - um arranjo geométrico de pátios, passagens cobertas e claustros, tudo construído em pedra de um tom bege, rodeado por uma alta parede de pedra. Parecia-se com uma pequena cidade densa e compacta. Ficava surpreendentemente perto, talvez a menos de quinhentos metros. Não seria mais do que isso.

“Que se lixe, vou andar um bocado”, disse Kate, e começou a descer a vereda. Marek e Chris olharam um para o outro e em seguida foram atrás dela.

“Ei malta, permaneçam sempre à vista, porra”, disse-lhes Baretto em voz alta. Gomez disse: “Acho que é melhor irmos também.”

Baretto colocou-lhe uma mão no braço para a deter. “Só depois de termos esclarecido uma coisa”l disse. “O modo como as coisas se passam nesta expedição.”

“Acho que já está mais do que esclarecido”, respondeu Gomez.

Baretto aproximou-se mais dela e disse: “Porque não gostei do modo -Como ...” E o resto foi dito demasiado baixo para que pudesse ser entendido, percebendo-se apenas o sibilar furioso da sua voz.

Chris passou com agrado a curva da vereda deixando-os para trás.

Kate começou a andar com passadas enérgicas, sentindo que a tensão se ia desvanecendo à medida que caminhava. A discussão deixara-a constrangida e irritada. Ouviu Chris e Marek alguns passos atrás a conversarem. Chris mostrava-se ansioso e Marek tentava acalmá-lo. Não queria ouvi-los. Acelerou um pouco o passo. Afinal

de contas, estar ali naquele bosque fantástico, rodeada por aquelas árvores enormes...

Poucos minutos depois deixara Marek e Chris para trás, mas sabia que estavam suficientemente perto e sentia-se bem por estar sozinha. Era agradável aquela sensação de sentir o bosque à sua volta. Ouvia o chilrear dos pássaros e o som dos seus próprios passos a caminhar pela vereda. A certa altura teve a impressão de que ouviu mais qualquer coisa. Abrandou o passo para escutar.

Sim, havia um outro som: pés que corriam. Parecia que vinham da parte distante da vereda que se encontrava mais abaixo. Ouviu alguém que ofegava, com dificuldade em respirar.

E ainda um som muito leve, como o rumor longínquo de uma trovoadas. Estava a tentar situar este rumor quando um rapaz surgiu da curva, correndo na direcção dela.

O rapaz vestia calções negros, uma casaca acolchoada de um verde brilhante e uma capa negra. Estava corado com o cansaço; via-se claramente que já vinha a correr há algum tempo. Pareceu espantado por a ver caminhar pela vereda. Quando se aproximou dela gritou: "Aydethee amsel! Grassa due! AYdethee!"

Um instante depois ouviu a sua voz traduzida nos auscultadores: "Esconde-te mulher! Pelo amor de Deus! Esconde-te!"

Esconder-se de quê? pensou Kate. O bosque estava deserto. O que é que ele poderia querer dizer? Talvez não o tivesse compreendido convenientemente. Talvez o tradutor não estivesse a funcionar convenientemente. Quando o rapaz passou por ela voltou a gritar-lhe, "Esconde-te!", e afastou Kate violentamente, empurrando-a da vereda na direcção do bosque. Tropeçou numa raiz cheia de nós, caindo no meio da vegetação rasteira. Bateu com a cabeça, sentiu uma dor aguda e uma tontura que quase a fez perder os sentidos. Estava a tentar pôr-se de pé quando se apercebeu do significado do rumor longínquo que ouvira.

Cavalos. Galopando a toda a velocidade na direcção dela.

Chris viu o rapaz a subir a vereda a correr e quase de imediato ouviu o som dos cavalos que o perseguiam. O rapaz, já sem fôlego, parou por momentos ao lado deles, ultrapassou-os, e finalmente conseguiu dizer em tom arquejante, "Escondam-se! Escondam-se!" antes de disparar na direcção do bosque.

Marek ignorou o rapaz. Estava a olhar para o outro extremo da vereda. Chris franziu as sobrancelhas. "Mas que raio é que se está a ..."

"Agora", disse Marek, e colocando um braço em torno dos ombros de Chris, empurrou-o violentamente para fora da vereda, na direcção da folhagem. "Valha-me Deus", disse Chris, "és capaz de fazeres o favor de ..."

"Shhh!" Marek colocou uma mão na boca de Chris. "Queres que nos matem?" Não, pensou Chris, não tinha a menor dúvida a esse respeito: não queria que ninguém morresse. Subindo a colina à carga na direcção deles viam-se seis cavaleiros com armadura completa: elmos de aço, cota de malha e mantos de tecido em cores de castanho avermelhado e cinzento. Os cavalos estavam adornados com tecido negro bordado a prata. O efeito era sinistro. O cavaleiro que chefiava o grupo, ostentando um elmo adornado com uma pluma negra, apontou em frente e gritou: "Godin!"

Baretto e Gomez, ainda se encontravam ao lado da vereda, simplesmente ali de pé, aparentemente em estado de choque quando viram o que galopava na direcção deles. O cavaleiro negro curvou-se na sela e vibrou um golpe em arco com a enorme espada na direcção de Gomez, quando passou a galope por ela.

Chris viu o tronco decepado de Gomez, espirrando sangue, quando caiu

no solo, Baretto, salpicado de sangue, praguejou em voz alta enquanto corria para o bosque. Mais cavaleiros subiam a colina a galope. Agora gritavam todos em altos brados "Godin! Godin!" Um dos cavaleiros deteve-se, virou o cavalo e empunhou o arco, disparando na direcção de Baretto.

A flecha atingiu Baretto no ombro esquerdo enquanto este corria, a ponta de aço atravessou o ombro de lado a lado, fazendo com que caísse de joelhos. Praguejando, Baretto voltou a pôr-se de pé cambaleante e finalmente conseguiu alcançar a sua máquina.

Pegou no cinto, tirou uma das granadas freneticamente e voltou-se para a atirar. Uma flecha atingiu-o em cheio no peito. Baretto pareceu surpreso, tossiu e caiu para trás, ficando sentado com as costas apoiadas nas grades. Fez uma fraca tentativa para arrancar a flecha do peito. A flecha seguinte atravessou-lhe a garganta. A granada caiu-lhe da mão.

De volta à vereda, os cavalos erguiam-se nas patas traseiras e relinchavam, os cavaleiros rodando em círculos, gritando e apontando.

Viu-se um clarão brilhante de luz.

Chris olhou para trás a tempo de ver Baretto, ainda sentado e imóvel, enquanto a máquina cintilava repetidamente ao mesmo tempo que ia diminuindo de tamanho.

Momentos depois a máquina tinha desaparecido. Nos rostos dos cavaleiros notava-se agora um sentimento de medo. O cavaleiro da pluma negra gritou qualquer coisa para os outros e, como um grupo, esporearam os cavalos e subiram a colina a cavalo desaparecendo de vista.

' Quando o cavaleiro negro se voltou para partir, o seu cavalo tropeçou no corpo de Gomez. Praguejando, o cavaleiro fez o animal erguer-se nas patas de trás para em seguida pisotear o corpo vezes sem conta. O sangue espirrava no ar; as extremidades das patas do cavalo ficaram de um vermelho escuro. Finalmente o cavaleiro negro voltou-se, e com uma praga final subiu a colina a galope para se juntar aos outros.

"Santo Deus!" O modo, como tudo acontecera repentino, a inutilidade daquela violência...

Chris levantou-se cambaleante e correu para a vereda.

O corpo de Gomez jazia numa poça de lama, esmagado a ponto de praticamente não ser reconhecível. Mas uma das mãos escapara intacta e permanecia aberta no solo. E próximo da mão via-se o marcador de cerâmica branca.

Estava partido, vendo-se os seus componentes electrónicos que pendiarri inúteis.

Chris pegou nele. A cerâmica caiu-lhe das mãos, pedaços brancos e prateados flutuando até ao solo, caindo numa poça de lama. E, naquele momento, a situação deles ficou perfeitamente clara.

Os seus guias estavam ambos mortos. Uma máquina tinha desaparecido.

O seu marcador de regresso estava em pedaços.

O que queria dizer que estavam imobilizados naquele lugar. Presos numa armadilha, sem guias ou assistência. E sem qualquer perspectiva de poderem regressar.

Para sempre.

36:30:42

“Atenção,” exclamou um dos técnicos. “A chegar neste momento”.

No soalho forrado de borracha, no centro dos escudos curvos de água, apareceram pequenos flashes de luz.

Gordon olhou de soslaio para Stern. “Dentro de momentos já vamos saber o que é que aconteceu.”

Os flashes tornaram-se mais brilhantes e uma máquina começou a surgir sobre a borracha do soalho. já tinha quase dois pés de altura quando Gordon exclamou: “Chí, este tipo só me arranja problemas!”

Stern disse qualquer coisa, mas Gordon não prestou atenção. Viu Baretto ali sentado, apoiado a uma das barras, nitidamente morto. A máquina atingiu o tamanho normal. Viu a pistola que ele tinha na mão. Era evidente que sabia aquilo que se passara. Embora

Kramer tivesse avisado especificamente Baretto, o filho da mãe levava armas modernas com ele. Fora por isso que Comez o mandara de volta, e...

Um pequeno objecto escuro rolou para o soalho. "O que é aquilo?" perguntou Stern.

"Não sei," respondeu Gordon olhando para os ecrãs. "Quase que parece Uma gra ..."

A explosão na sala de trânsito fez com que os ecrãs ficassem em branco, limpando tudo. Dentro da sala de controlo o som fora estranhamente distorcido, mais parecido com uma explosão de estática. A sala de trânsito ficou imediatamente cheia de um fumo pálido.

"Merda", exclamou Gordon. Deu um murro na consola.

Os técnicos que se encontravam na sala de trânsito gritavam. O rosto de um dos homens estava coberto de sangue. No momento seguinte o homem foi derrubado pela torrente de água dos escudos estilhaçados pelos fragmentos da granada. A água com três pés de altura movia-se de um lado para o outro como rebentação. Mas, quase de imediato, começou a escoar-se, deixando o soalho novamente vazio a sibilar e libertar vapor.

"São as células", exclamou Gordon. "Há uma fuga de ácido hidrofluorídrico."

Obscurecidas pelo fumo, vultos equipados com máscaras de gás corriam para a sala, ajudando os técnicos feridos. As vigas superiores começaram a cair estilhaçando os escudos de água que ainda se encontravam intactos. Outras vigas esmagaram-se no centro da zona.

Na sala de controlo alguém deu uma máscara de gás a Gordon e outra a Stern. Gordon colocou a sua máscara.

"Temos que sair agora", disse. "O ar está contaminado."

Stern estava a olhar para os ecrãs. Através do fumo via as outras máquinas estilhaçadas, tombadas no solo, libertando vapor e um gás de um verde pálido. Havia apenas uma de pé, a um dos

lados, e na altura em que estava a observar, uma das vigas de ligação caiu, fazendo-a em pedaços.

“Não há mais máquinas”, disse Stern. “Isso quer dizer ...”

“Sim ...”, respondeu Gordon. “De momento receio que os seus amigos estejam por sua conta.”

36:30:00

“Tem calma, Chris”, disse Marek.

“Tenho calma? Tenho calma?” Chris quase que gritava. “Pelo amor de Deus, olha para isto, André - o marcador dela está em fânicos. Estamos sem marcador. O que quer dizer que não temos meios de regressar a casa. O que quer dizer que estamos completamente lixados, André. E ainda queres que tenha calma?”

“Exactamente, Chris”, respondeu Marek com uma voz muito calma, muito firme. “É isso que eu quero. Quero que tenhas calma, por favor. Quero que te recomponhas.”

“E por que raio é que eu o devia fazer?” respondeu Chris. “Em nome de quê? Encara os factos, André. Sabes isso perfeitamente, não sabes? Vamos ser todos liquidados aqui. E não há maneira de nos pirarmos daqui para fora.”

“Errado há sim senhor.”

“Vejam, não temos qualquer alimento, não temos a porra do que quer que seja, estamos enfiados neste - neste poço de merda, sem sequer termos a porra de uma pá e...” Deteve-se, voltando-se para Marek. “O que é que disseste?” “Disse que há uma maneira de nos safarmos.”

“Como?” “Estás a pensar com os pés. A outra máquina regressou. Ao Novo México.” “E depois?”

“Vão ver em que condições está ...” “Morto, André, vão ver que está morto.”

“A questão é que irão concluir que há qualquer coisa de errado. E virão à nossa procura. Ião mandar outra máquina para nos fazer sair daqui”, disse Marek.

“Como é que sabes?”

“Porque é a única conclusão lógica.” Marek voltou-se e começou a descer a colina.

“Onde é que vais?”

“Ver onde é que está Kate. Temos que nos manter juntos.” “Eu não me mexo daqui.”

“Como queiras. Desde que não saias mesmo daí.” “Não te preocupes, não saio mesmo daqui.”

Chris apontou para o solo que se encontrava à sua frente. “Foi exactamente a este ponto que a máquina chegou. E é onde eu vou ficar.”

Marek afastou-se em passo acelerado, desaparecendo na curva da vereda. Chris estava sozinho. Quase de imediato pensou se não seria melhor correr e apanhar Marek. Talvez fosse melhor não ficar sozinho. Ficarem juntos como Marek dissera.

Deu alguns passos pela vereda na direcção de Marek e em seguida parou. Não, pensou. Dissera que ficava ali e era ali mesmo que ia ficar. Parou na vereda, tentando abrandar a sua respiração.

Olhando para o solo, notou que estava a pisar a mão de Gomez. Afastou-se rapidamente. Subiu a vereda alguns metros, tentando encontrar um ponto onde não avistasse o corpo. A sua respiração tornou-se ainda mais calma. Voltava a ser capaz de pensar em tudo o que estava a acontecer. Chegou à conclusão de que Marek tinha razão. Iriam enviar outra máquina e provavelmente muito depressa. Iria aterrar mesmo ali. Seria um ponto conhecido para aterragens? Ou seria em qualquer outro ponto na área que os rodeava?

De qualquer modo, Chris tinha a certeza de que era ali mesmo que ia ficar. Olhou para o outro extremo da vereda, na direcção em que Marek desaparecera. Onde é que Kate estaria? Provavelmente a alguma distância vereda fora. Uns cinquenta metros, talvez mais.

Santo Deus, ele queria regressar a casa.

Nesse momento, na zona do bosque à sua direita, ouviu um som de ramos a estalar.

Alguém que se aproximava.

Ficou tenso, consciente de que não tinha qualquer arma. Lembrou-se então da bolsa que trazia presa no cinto, por debaixo das roupas. Tinha aquela botija de gás. Procurou febrilmente, levantando a camisa que trazia com a fralda de fora, procurando a..."

Voltou-se. Era o rapaz, saindo do bosque. O rosto era suave, sem qualquer sinal de

barba; não podia ter mais do que doze anos, concluiu Chris. O rapaz disse num murmúrio, "Arkth. Thou. Earwashmann."

Chris franziu as sobrancelhas, não compreendendo o que ele lhe dizia, mas instantes depois ouviu uma voz débil nos auriculares. "Hey. Tu. Irlandês." Chegou à conclusão de que estava a ouvir a tradução nos auriculares.

"O quê?"

"Coumen hastealy." Nos auriculares ouviu: "Vem depressa."

O rapaz acenava na sua direcção, tenso, procurando apressá-lo. "Mas ..."

"Vem. Não tarda muito para que Sir Guy chegue à conclusão de que perdeu o rasto. Nessa altura vai voltar para o descobrir de novo."

"Mas ..."

"Não podes ficar aqui. Se te encontrar mata-te. Vem!"

"Mas ..." Chris fez um gesto de desalento na direcção da vereda onde Marek desaparecera.

"Os teus criados hão-de encontrar-te. Verri!"

Agora ouvia o troar distante dos cascos dos cavalos, tornando-se rapidamente mais alto.

"Estás surdo?" o rapaz olhava assombrado para ele. "Vem!" O ruído dos cascos estava mais próximo.

Chris ficou gelado no lugar onde se encontrava, sem ter a certeza daquilo que havia de fazer.

O rapaz perdeu a paciência. Abanando a cabeça com um ar de desdém, voltou-se e correu para a floresta. Desapareceu rapidamente na densa vegetação rasteira.

Mais uma vez Chris ficou sozinho na pista. Olhou para a parte inferior da vereda. Não conseguia avistar Marek. Olhou para a parte superior da vereda, na direcção dos cavalos que se aproximavam. O seu coração batia mais uma vez desordenadamente.

Tinha que decidir. já.

“Já vou!”, gritou na direcção do rapaz.

Voltou-se então e correu na direcção dos bosques.

Kate estava sentada numa árvore caída, apalpando a cabeça cuidadosamente, a peruca posta à banda. Tinha sangue nas pontas dos dedos.

“Estás ferida?” perguntou-lhe Marek quando chegou junto dela. “Acho que não.”

“Deixa-me ver.”

Tirando-lhe a peruca, Marek viu uma crosta de sangue e um corte no escalpe com cerca de três polegadas. A ferida já não estava a sangrar; o sangue começara a coagular colado à rede da peruca. A ferida aconselhava uma sutura, mas era capaz de se aguentar sem os pontos.

“Ainda não é desta que vais morrer.” Voltou a colocar-lhe a peruca. Ela perguntou-lhe: “O que é que aconteceu?”

“Aqueles dois estão mortos. Só podemos contar connosco. Chris está mais ou menos em pânico.”

Ela acenou com a cabeça como se estivesse à espera de uma coisa dessas. “Então o melhor é irmos ter com ele.” Começaram a subir a vereda. Enquanto caminhavam, Kate disse: “O que é que se passa com os marcadores?”

“O rapaz que foi de volta levou aquele que tinha com ele. O corpo de Gomez foi espezinhado e o seu marcador foi destruído.”

“E o outro?”, perguntou Kate. “Que outro?”

“Ela tinha um sobressalente.” Como é que sabes?”

“Foi ela que o disse. Não te lembras? Quando voltou daquela viagem de reconhecimento ou lá que raio era, disse que estava tudo bem e que se ia apressar para ter tudo pronto. E também disse: “Não me posso esquecer do sobressalente” ou qualquer coisa no género.”

Marek franziu as sobancelhas.

“Acho que faz sentido a existência de um sobressalente”, disse Kate. não há dúvida de que Chris se vai sentir muito melhor quando ouvir uma coisa dessas.” Nesse momento detiveram-se, totalmente assombrados. Chris desaparecera.

Avançando precipitadamente por entre a vegetação rasteira, ignorando os espinhos que lhe arranhavam as pernas e lhe prendiam os calções, Chris conseguiu avistar finalmente o rapaz que corria cerca de quarenta metros à sua frente. Mas o rapaz não lhe prestou atenção, não se deteve, continuando a correr sempre em frente. Seguiu na direcção da aldeia. Chris procurou manter o ritmo. Continuou a correr.

Mais atrás na pista, ouviu o ruído dos cascos e os relinchos dos cavalos, e os berros dos homens. Ouviu alguém que gritava: “No bosque!” e outra voz que respondia com uma praga. Mas fora da pista o terreno tinha uma vegetação muito densa. Chris tinha que se debater com árvores caídas troncos apodrecidos, ramos partidos tão grossos como a sua coxa e densas moitas de espinheiro. Este terreno seria muito difícil para cavalos? Iriam desmontar? Iriam desistir? Ou continuariam a perseguição?

Porra, a caça iria continuar.

Continuou a correr. Agora estava numa área pantanosa. Continuou a correr por entre plantas que lhe davam pelo peito com um cheiro insuportável a doninha, escorregou em lama que se ia

tornando mais profunda à medida que avançava. Ouvia o seu arquejar e o chapinhar dos seus pés na lama.

Mas não ouvia ninguém atrás dele.

Pouco mais adiante o solo voltava a estar seco e conseguia correr mais depressa. Agora o rapaz estava apenas uns dez passos à sua frente, continuando a deslocar-se a toda a velocidade. Chris arquejava, procurando não abrandar, mas teve que manter o seu próprio ritmo.

Continuou a correr. Ouvia um crepitar no seu auricular esquerdo. "Chri's." Era Marek.

"Chris, onde é que estás?"

Como é que ele havia de responder? Onde é que estava o microfone? Foi então que se recordou de ter ouvido qualquer coisa sobre condução óssea. Exclamou em voz alta, "Estou... estou a correr ..."

"Já consegui perceber isso. Onde é que estás a correr?" "O rapaz... a aldeia ..."

"Estás a ir para a aldeia?"

"Não faço ideia. julgo que sim."

"Julgas que sim? Chris, onde é que tu estás?"

Foi nessa altura que Chris ouviu um estalar de ramos atrás dele, os berros dos homens e o relinchar dos cavalos.

Os cavaleiros vinham atrás dele. E deixara uma pista de ramos partidos e de pegadas na lama. Era fácil segui-lo.

Merda. Chris correu mais depressa, esforçando-se até ao limite das suas forças. E de repente verificou que o rapaz já não estava visível à sua frente.

Parou, arquejante, e olhou à sua volta. Procurando. Desaparecido.

O rapaz desaparecera.

Chris estava sozinho na floresta. E os cavaleiros aproximavam-se.

Na vereda enlameada sobranceira ao mosteiro, Marek e Kate detiveram-se escutando através dos auscultadores. Agora havia apenas silêncio; Kate deu uma palmada no auricular, numa tentativa de ouvir melhor. "Não consigo ouvir nada."

"Pode estar fora de alcance" I disse Marek

"Porque é que ele vai para a aldeia? Parece que está a seguir o rapaz", respondeu ela. "Porque é que ele havia de fazer uma coisa daquelas?"

Marek olhou na direcção do mosteiro. Do ponto onde se encontravam não ficava a mais de dez minutos de caminhada. "Provavelmente o Professor está exactamente ali. Podíamos limitarmo-nos a pegar nele e a regressar a casa. Deu um pontapé num cepo irritadamente. "Teria sido tão fácil!"

"Mas agora já não é", disse Kate.

Um crepitar agudo de estática nos auriculares fez com que estremecessem. Ouviram novamente Chris que arquejava.

Marek perguntou: "Chris, estás a ouvir?" "Não posso... agora não posso falar." Falava num sussurro. E parecia aterrorizado.

"Não, não, não!" sussurrou o rapaz, surgindo do meio de um conjunto de ramos de uma enorme árvore. Surgira de repente, tendo finalmente piedade de Chris enquanto este no solo rodava em círculos, dominado pelo pânico. E fizera-lhe um sinal para que trepasse para a árvore.

Chris tentava agora trepar para a árvore, procurando empoleirar-se nos ramos mais baixos, com a ajuda das pernas apoiadas no tronco. Mas o modo como o estava a fazer deixou o rapaz preocupado.

"Não, não! Mãos! Use apenas as mãos!" murmurou o rapaz, exasperado. "És burro - olha para as marcas que fizeste no tronco com os pés." Pendurado de um ramo, Chris olhou para baixo. O rapaz tinha razão.

Havia vestígios de lama muito nítidos na casca da árvore.

“Pela Santa Cruz, estamos perdidos”, gritou o rapaz, balançando sobre a cabeça de Chris e deixando-se cair agilmente no solo.

“Que é que estás a fazer?” perguntou Chris.

Mas o rapaz já estava a correr, através dos espinheiros, movendo-se de árvore para árvore. Chris deixou-se cair no solo e foi atrás dele.

O rapaz resmungava irritadamente para consigo próprio enquanto inspeccionava os ramos de cada árvore. Aparentemente procurava uma árvore de grande porte com ramos relativamente baixos; não lhe agradava nenhuma. O som dos cavaleiros ouvia-se cada vez mais alto.

Dentro em breve haviam percorrido cerca de cem metros ou talvez mais, atingindo uma área de pinheiros nodosos e de baixo porte. Era uma zona mais exposta e com mais sol porque havia menos árvores à sua direita e foi então que Chris se apercebeu de que estavam a correr ao longo da beira de uma falésia sobranceira à cidade e ao rio. O rapaz afastou-se rapidamente da zona iluminada pelo sol, voltando à floresta mais escura. De repente encontrou uma árvore que lhe agradou e fez um sinal a Chris para se aproximar. “Sobe tu primeiro. E nada de pés!”

O rapaz flectiu os joelhos, entrecruzou os dedos das mãos e contraiu os músculos do corpo, procurando apoiar-se. Chris tinha a sensação de que o rapaz era demasiado frágil para suportar o seu peso, mas o rapaz abanou a cabeça impacientemente. Chris colocou o pé nas mãos do rapaz e fazendo um esforço agarrou o ramo mais baixo. Com a ajuda do rapaz continuou a elevar-se até que, com um resmungo final conseguiu empoleirar-se definitivamente, apoiado no estômago, dobrado sobre o ramo. Olhou para baixo na direcção do rapaz, que lhe disse entre dentes: “Mexete!” Com um esforço Chris colocou-se primeiro de joelhos para em seguida se levantar, ficando em pé sobre o ramo. Mais acima o ramo seguinte estava perfeitamente ao seu alcance, pelo que continuou a trepar.

Mais abaixo o rapaz deu um salto no ar, agarrou o ramo, e elevou-se rapidamente. Embora delgado, era surpreendentemente forte, movendo-se de ramo para ramo com segurança. Chris encontrava-se agora a cerca de seis metros acima do solo. Os braços ardiam-lhe, arquejava enquanto subia, mas continuava a trepar de ramo em ramo.

O rapaz agarrou-lhe no calcanhar, o que o fez imobilizar-se. Lentamente, com todo o cuidado, olhou para baixo por cima do ombro, e viu o rapaz rígido no ramo logo abaixo. Em seguida Chris ouviu um curto relincho de um cavalo e verificou que o som estava muito próximo.

Mesmo muito próximo.

No terreno que ficava em baixo, seis cavaleiros moviam-se lentamente e avançavam em silêncio. Ainda se encontravam a uma certa distância, visíveis intermitentemente através de aberturas na folhagem. Quando um cavalo relincho, o seu cavaleiro inclinou-se para a frente para lhe dar uma palmada no pescoço, tentando acalmá-lo.

Os cavaleiros sabiam que estavam muito próximo da sua presa. Inclonavam-se sobre as selas, inspeccionando o solo, olhando de ambos os lados. Felizmente encontravam-se agora na zona dos pinheiros nodosos de baixo porte; não havia nenhuma pista visível.

Comunicando com gestos das mãos, foram-se afastando uns dos outros enquanto avançavam. Agora formavam uma linha, passando debaixo da árvore em ambos os lados. Chris susteve a respiração. Se olhassem para cima...

Mas não o fizeram.

Continuaram em frente, embrenhando-se na floresta, e finalmente um deles falou em voz alta. Era o cavaleiro com a pluma negra no elmo. A sua viseira estava erguida.

“já chega. Escaparam-se de nós.” “Como? Saltando a falésia?”

O cavaleiro abanou a cabeça. “A criança não é tão tolo como se possa julgar.” Chris viu que o seu rosto era moreno: pele escura e

olhos escuros. "Nem se pode dizer que ainda continue a ser uma criança, meu Senhor." "Se se deixou avistar foi por engano. Não podia ser de outra maneira. Mas

não há dúvida de que falhámos. Voltemos por onde viemos." "Sim, meu Senhor."

Os cavaleiros voltaram as montadas e começaram a percorrer o caminho inverso. Passaram mais uma vez debaixo da árvore continuando a afastar-se, ainda bem espaçados, na direcção da luz do sol.

"Talvez com melhor luz se consiga encontrar a sua pista." Chris deixou escapar um longo suspiro de alívio.

O rapaz que se encontrava mais abaixo deu-lhe uma sapatada na perna e acenou com a cabeça como se quisesse dizer, Bom trabalho. Esperaram até que os cavaleiros se encontrassem a mais de cem metros, quase fora de vista. Então o rapaz deslizou calmamente para o solo, seguido a custo por Chris.

já no solo, Chris viu os cavaleiros que se afastavam. Estavam a chegar à árvore com os vestígios de lama. O cavaleiro negro passou sem notar nada. Então o seguinte...

O rapaz agarrou-lhe no braço, puxando-o para se afastarem, desaparecendo entre a vegetação rasteira.

Foi então que: "Sir Guy! Vede aqui! A árvore! Estão na árvore!" Um dos cavaleiros notara.

Merda. Os cavaleiros andavam em círculo, olhando para o topo da árvore. O cavaleiro negro voltou atrás, céptico. "Ab sim? Mostra lá."

"Não os estou a ver lá em cima, meu Senhor."

Os cavaleiros iam rodando, olhando para trás, olhando em todas as direcções, olhando para o sítio de onde tinham vindo...

E viram-nos "Estão ali!"

Os cavaleiros carregaram.

O rapaz corria o mais que podia. "Santo Deus, agora é que estamos perdidos", disse ele, olhando por cima do ombro enquanto seguiam em frente. "Sabes nadar?"

"Sei nadar?" exclamou Chris.

Era evidente que sabia nadar. Mas não era nisso em que agora estava a pensar. Porque agora corriam o mais que podiam, em terreno plano - na direcção da clareira, na direcção da abertura entre as árvores.

Na direcção da falésia.

O terreno descia em declive, primeiro suavemente, em seguida mais abruptamente. A cobertura no terreno tornava-se cada vez menos densa com manchas expostas de pedra calcária de um amarelo branco. A luz do sol ofuscava.

O cavaleiro negro rugiu qualquer coisa. Chris não conseguiu compreender. Finalmente chegaram à berma da clareira. Sem hesitação o rapaz saltou no espaço.

Chris hesitou, não sentindo vontade de o seguir. Olhando para trás, viu os cavaleiros a carregarem sobre ele, brandindo as espadas desembainhadas. Não tinha escolha.

Chris voltou-se e correu na direcção da berma da falésia.

Marek estremeceu quando ouviu o grito de Chris nos auriculares. O grito inicialmente foi alto para em seguida terminar com um resmungo e um barulho de queda.

Um impacto.

Permaneceu no carreiro, junto de Kate, escutando. Esperando. Não ouviram mais nada. Nem mesmo o crepitar da estática. Absolutamente nada.

"Achas que está morto?" perguntou Kate.

Marek não lhe respondeu. Caminhou rapidamente na direcção do corpo de Gomez, debruçou-se sobre ele e começou a procurar na lama. Anda cá", disse ele. "Ajuda-me a procurar esse marcador sobressalente."

Procuraram durante alguns minutos, e em seguida Marek agarrou a mão de Gomez, que já adquirira uma cor cinzento pálido, com os músculos a endurecerem. Levantou-lhe o braço, sentindo a frialdade da pele, e voltou-lhe o tronco. O corpo chapinhou de novo na lama.

Foi então que notou que Gomez tinha no pulso uma pulseira de cordão entrelaçado. Marek não a notara antes; parecia fazer parte do seu traje daquela época. Era evidente que estava completamente errado para aquele período. Até mesmo uma modesta camponesa usaria uma pulseira de metal, de pedra gravada ou de madeira, se chegasse a usar qualquer coisa. Tratava-se de uma patetice híppy dos tempos modernos.

Marek tocou-lhe com curiosidade e sentiu-se surpreendido ao verificar que estava rígida, fazendo lembrar cartão. Voltou-a no pulso, procurando a abertura, e no cordão entrelaçado abriu-se uma espécie de fecho, verificando que a pulseira ocultava uma espécie de temporizador electrónico, semelhante a um relógio de pulso.

O tempo indicava 36:10:37. E a contagem era regressiva.

Soube de imediato do que é que se tratava. Era um contador de tempo decorrido para a máquina, mostrando quando tempo ainda tinham. Inicialmente tinham trinta e sete horas, e naquele momento já tinham perdido cerca de cinquenta minutos.

Devemos ficar com isto, pensou. Desamarrou-lhe a pulseira do braço e em seguida prendeu-a no seu próprio pulso. Voltou a fechar a pequena tampa. "Temos um temporizador", disse Kate. "Mas ainda não há marcador." Procuraram ainda durante cerca de cinco minutos. E, finalmente, relutantemente, Marek teve que admitir a dura verdade.

Não havia marcador. E sem marcador as máquinas não voltariam. Chris estava certo: tinham caído numa armadilha.

36:28:04

Na sala de controlo um alarme tocava insistentemente. Ambos os técnicos se levantaram das suas consolas e saíram da sala. Stern

sentiu que Gordon o agarrava firmemente pelo braço.

“Temos que ir”, disse Gordon. “O ar está contaminado com ácido hidrofúorídrico. A estação de trânsito está tóxica. E dentro em pouco os fumos começarão a subir até aqui.” Começou a conduzir Stern para fora da sala de controlo.

Stern olhou para trás para o ecrã, vendo a confusão das vigas libertando fumo do lado da zona de trânsito. “Mas o que é que acontece se eles tentarem regressar quando toda a gente desapareceu daqui?”

“Não se preocupe”, disse Gordon. “Isso não pode acontecer. Os destroços fazem disparar os infravermelhos. Os sensores necessitam de um espaço de seis pés em todas as direcções, recorda-se? Dois metros. Não o têm. Desse modo os sensores não permitirão que as máquinas regressem. Só será possível quando toda a área estiver desimpedida.”

“Quanto tempo é que vai demorar a desimpedir a área?”  
“Primeiro temos que mudar o ar na cave.”

Gordon levou Stern de volta pelo longo corredor que conduzia ao elevador principal. Havia imensa gente no corredor, abandonando todos a área. As suas vozes ecoavam no túnel.

“Mudar o ar na cave?” perguntou Stern. “É um volume enorme. Quanto tempo é que isso vai durar?”

Gordon respondeu: “Em teoria, leva cerca de nove horas.” “Em teoria?”

“Nunca o fizemos antes”, disse Gordon. “Mas é evidente que temos capacidade para o fazer. As grandes ventoinhas devem entrar em acção a qualquer instante.”

Alguns segundos mais tarde um som atoador encheu o túnel. Stern sentiu uma rajada de vento que lhe comprimia as roupas contra o corpo.

“E depois de terem mudado o ar? O que é que vem a seguir?”  
“Reconstruímos o cais de trânsito e esperamos que eles regressem,

respondeu Gordon. "Exactamente como tínhamos planeado que eles fizessem."

"E se eles tentarem regressar antes de estarmos prontos para os receber?" "Não há problema, David. A máquina limita-se a recusar. Faz com que regressem ao ponto onde se encontravam. Pelo menos para já."

"Sendo assim estão encahados," disse Stern.

"Para Já", disse Gordon. "Sim. Estão encahados. E não há nada que a gente consiga fazer."

36:13:17

Chris Hughes correu para a berma da falésia e lançou-se no espaço, gritando, braços e pernas agitando-se descontroladamente à luz do sol. Viu o Dordogne, sessenta metros abaixo, serpenteando na paisagem verde. Era demasiado longe para um salto. Sabia que o rio era pouco profundo. Não havia a menor dúvida de que ia morrer.

Mas foi então que viu que a face da rocha não era cortada a direito. Havia uma plataforma de terreno cerca de seis metros abaixo, saindo da parte superior da falésia. Era rocha nua em declive com uma cobertura pouco densa de árvores raquíticas e arbustos.

Aterrou na plataforma, caindo de lado, com o impacto a tirar-lhe o ar dos pulmões. Imediatamente começou a rolar na direcção da berma sem conseguir parar. Tentou travar o movimento agarrando-se desesperadamente aos pequenos arbustos, mas eram todos muito fracos e ficavam-lhe nas mãos. Enquanto rolava na direcção da berma teve consciência de que o rapaz procurava agarrá-lo, mas Chris não conseguiu segurar-se aos seus braços estendidos. Continuou a rolar com o seu mundo completamente fora de controlo. Agora o rapaz estava atrás dele com um ar horrorizado na face. Chris sabia que ia rolar até à berma; ia cair...

Com um resmungo agarrou-se desesperadamente a uma árvore. Sentiu uma dor aguda no estômago que em seguida se espalhou por todo o corpo. Por momentos não soube onde é que se

encontrava; sentia apenas dor. O mundo era de um branco esverdeado. Começou a recuperar lentamente.

A árvore travara a sua descida, mas ainda continuava a não ser capaz de respirar. A dor era intensa. Via milhões de estrelas diante dos olhos, em seguida desmaiou e, finalmente, viu que as pernas pendiam da berma da falésia.

E a moverem-se.

A moverem-se no sentido descendente.

A árvore era um pequeno pinheiro flexível e o seu peso estava a vergá-lo lentamente, muito lentamente. Sentiu que escorregava ao longo do tronco. Era incapaz de travar. Agarrou-se com todas as forças, apertando-o firmemente. E funcionou: já não deslizava. Trepou ao longo do tronco, no seu caminho de regresso à rocha.

Então, horrorizado, viu que as raízes da árvore se começavam a libertar das fendas da rocha, uma por uma na sua cor pálida que exibiam à luz do sol. Era apenas uma questão de tempo até que todo o tronco ficasse solto.

Então sentiu um puxão no colarinho e viu o rapaz que se debruçava sobre ele, puxando-o, para que se pusesse de pé, O rapaz parecia exasperado. "Vamos, mexe-te."

"Santo Deus", disse Chris. Trepou para uma rocha plana, arquejando violentamente. "Dá-me só um minuto ..."

Uma seta zumbiu-lhe junto de uma orelha como uma bala. Sentiu o vento da sua passagem. Ficou espantado com o poder dela. Espicaçado pelo medo, arrastou-se ao longo da plataforma, inclinado para a frente, saltando de árvore em árvore. Outra flecha zumbiu por entre as árvores.

Na falésia, lá em cima, os cavaleiros olhavam na direcção deles. O cavaleiro negro gritou, "Parvo! Idiota!" e esbofeteou o arqueiro irritadamente, tirando-lhe violentamente o arco das mãos. já não havia mais flechas.

O rapaz puxou Chris pelo braço. Chris não fazia a menor ideia de onde conduzia a vereda ao longo da falésia, mas o rapaz parecia

ter um plano. Acima deles os cavaleiros deram a volta, dirigindo-se de regresso aos bosques.

Agora a plataforma transformara-se num estreito rebordo com pouco mais de trinta centímetros de largura que contornava uma curva da falésia. Abaixo do rebordo a falésia caía a pique para o rio. Chris começou a olhar para o rio, mas o rapaz agarrou-o pelo queixo, obrigando-o a levantar a cabeça. “Não olhes para baixo. Anda.” O rapaz comprimiu-se contra a superfície da falésia, abraçando a rocha e continuou a caminhar cautelosamente ao longo do rebordo. Chris seguiu o seu exemplo, ainda arquejante. Sabia que se hesitasse mesmo por um instante o pânico o iria dominar. O vento empurrava-lhe o vestuário, tentando afastá-lo da falésia. Comprimiu o queixo contra a rocha morna, agarrando-a com as pontas dos dedos, combatendo o pânico que sentia.

Viu o rapaz desaparecer para lá da curva. Chris seguiu em frente. O canto fazia um ângulo agudo e o rebordo havia caído, deixando uma falha. Tinha que atravessar cuidadosamente, mas ao passar a curva suspirou com alívio. Viu que a falésia terminava ali numa longa encosta verde arborizada descendo até ao rio. O rapaz acenava na sua direcção. Chris continuou em frente, juntando-se ao rapaz.

“A partir daqui já é mais fácil.” O rapaz começou a descer, com Chris atrás dele. Nesse mesmo instante verificou que a descida não era tão suave como parecera à primeira vista. Estava escuro debaixo das árvores e o terreno era íngreme e lamacento. O rapaz escorregou, deslizou ao longo da pista lamacenta e desapareceu na floresta mais abaixo. Chris continuou a escolher cuidadosamente o seu caminho de descida, agarrando ramos para se apoiar. Em seguida também ele perdeu o pé, estatelou-se na lama caindo de lado e começou a deslizar. Por uma razão qualquer veio-lhe à mente: Sou um estudante graduado por Yale. Sou um historiador especializado na história da tecnologia. Era como se estivesse a tentar segurar uma identidade que desaparecia rapidamente no inconsciente, como um sonho que o fizera acordar e que agora estava a começar a esquecer.

Deslizando agora de cabeça para baixo, Chris chocou com as árvores, sentiu ramos que lhe arranhavam a cara, mas não conseguiu fazer nada para travar a sua descida. Foi descendo a colina, cada vez mais depressa.

Com um suspiro Marek pôs-se de pé. Não havia qualquer marcador no corpo de Gomez. Tinha a certeza disso. Kate estava ao seu lado mordendo o lábio. “Sei que ela disse que havia um sobressalente. Tenho a certeza disso.” “Não sei onde é que possa estar”, disse Marek.

Inconscientemente Kate começou a coçar a cabeça, mas sentiu de imediato a peruca e a dor da pancada na cabeça. “Esta porra desta peruca ...” Deteve-se e ficou a olhar para Marek.

E então afastou-se pelo bosque, caminhando ao longo da vereda. “Para onde é que foi?” perguntou.

“O quê?”

“A cabeça dela.”

Encontrou-a momentos depois, surpreendida por lhe parecer tão pequena. uma cabeça sem um corpo não parecia tão grande como isso. Tentou não olhar para o pescoço cortado.

Lutando contra os vômitos baixou-se e voltou a cabeça, ficando a olhar para o rosto cinzento para os olhos sem vida. A língua saía um pouco da boca aberta. As moscas zumbiam enchendo-lhe a boca.

Retirou-lhe a peruca e viu de imediato o marcador de cerâmica. Estava colado com fita gomada à rede interna da peruca. Soltou-o da peruca.

“já o tenho”, disse ela.

Kate segurava-o na mão, voltando-o de um lado para o outro. Viu o botão na parte lateral do marcador, onde se via uma pequena luz. O botão era tão pequeno e estreito que só podia ser pressionado com uma unha.

E pronto. Não havia dúvidas de que o tinham encontrado. Marek aproximou-se e ficou a olhar para o marcador de cerâmica. “Parece que é ele”, disse.

“Sendo assim podemos regressar”, disse Kate. “Quando quisermos.” “Queres regressar?” perguntou-lhe Marek.

Ela pensou durante alguns instantes. “Viernos aqui buscar o Professor”, respondeu. “E acho que é isso que devemos fazer.”

Marek sorriu.

E nesse instante ouviram o troar de cascos de cavalos, mergulhando nos arbustos momentos antes de seis cavaleiros de tom escuro passarem galopando na vereda lamacenta, dirigindo-se para o rio mais abaixo.

Chris avançava a custo, enterrado até aos joelhos nos terrenos pantanosos da margem do rio. A lama colava-se-lhe ao rosto, ao cabelo, às roupas. E estava coberto com tanta lama que sentia o seu peso. Viu mais à frente o rapaz já a chapinhar na água, lavando-se.

Depois de ter ultrapassado o último maciço de arbustos da margem do rio, Chris deslizou para o rio. A água estava fria como gelo, mas não se importou. Meteu a cabeça debaixo de água, passou a mão pelos cabelos, esfregou o rosto, tentando tirar toda a lama que o cobria.

Entretanto o rapaz já havia trepado para a margem oposta, e sentara-se ao sol num afloramento rochoso. O rapaz disse qualquer coisa que Chris não conseguiu ouvir, mas os seus auriculares traduziram: “Não tiras as roupas para tomares banho?”

“Porquê? Tu não o fizeste.”

ouvindo isto o rapaz encolheu os ombros: “Mas tu podes, se quiseres.” Chris nadou para o outro lado e trepou para a margem. As roupas ainda

estavam cheias de lama e sentiu que estava a tiritar agora que saíra da água. Tirou as roupas conservando apenas o cinto e os calções de linho, lavou a roupa exterior no rio e estendeu-as nas rochas para secar. O corpo estava coberto de arranhões, equimoses

e vergões. Mas a pele já estava a secar e o sol fazia-o aquecer. Voltou o rosto para o céu e fechou os olhos. Ouviu o canto suave das mulheres que trabalhavam nos campos. Ouviu os pássaros. O suave marulhar do rio nas margens. E por momentos sentiu uma paz que descia sobre ele que era mais profunda, e mais completa do que qualquer coisa que alguma vez tivesse sentido na sua vida.

Deitou-se nas rochas e deve ter adormecido durante alguns minutos, porque ao acordar ouviu :

"Howbíte thou speakstfiolsimple ohcopan, eek invích array thouart. Essay thousooth Earisher?"

O rapaz estava a falar. Um instante depois ouviu a pequena voz no auricular traduzindo. "O modo como falas claramente com o teu amigo e o modo como te vestes. Diz a verdade. És Irlandês, não és?"

Chris acenou lentamente com a cabeça, pensando naquilo que ele lhe dissera. Aparentemente o rapaz ouvira-o falar com Marek quando estavam na vereda e concluíra que eram Irlandeses. Não havia qualquer mal em que ele pensasse daquela maneira.

"Aye," respondeu.

"Aie?," repetiu o rapaz. Formou a sílaba lentamente, puxando os lábios ,para trás e mostrando os dentes. "Aie?" A palavra parecia estranha para ele. Chris pensou: "Será que não compreende "aye?". Tinha que tentar qualquer outra coisa. Disse, "Oui?"

"Ouz... ou/..." O rapaz também parecia confuso com esta palavra. De repente o rosto iluminou-se. "Ouríe ? Seyngthou ourie" e a tradução veio "Esfarrapado? Estás a dizer esfarrapado?"

Chris abanou a cabeça numa negativa. "Estou a dizer sím" Estava a ficar tudo muito confuso.

"Yezz?" disse o rapaz falando em tom sibilado. "Yes", respondeu Chris, acenando com a cabeça. "Ah. Earisher." A tradução veio: "Ab. Irlandês." "Yes."

"Wee sayen yeaso. Oriwis, tho usay trem"

Chris respondeu: "Thousay trew." O seu auricular traduziu as suas próprias palavras: "Tu falas a verdade."

O rapaz acenou com a cabeça, satisfeito com a resposta. Sentaram-se em silêncio por momentos. Olhou para Chris, mirando-o de alto a baixo. "Não há dúvida de que és pacífico."

Pacífico. Chris encolheu os ombros. Evidentemente que era pacífico. De certeza que não era um combatente. "Thousay trew."

O rapaz acenou com a cabeça judiciosamente. "Também penso o mesmo, O teu comportamento diz isso precisamente embora só arranjes problemas,> Chris não respondeu. Não tinha a certeza daquilo que queria dizer. Como é que te chamas?", perguntou-lhe o rapaz.

Christopher Fluges."

"Ah. Christopher de Flewes", disse o rapaz falando lentamente. Parecia estar a interpretar o nome de uma maneira que Chris não conseguia compreender. "Onde é que está Hewes? Na terra da Irlanda?"

"Thousay trew."

Outro breve silêncio caiu sobre eles enquanto continuavam sentados ao sol. "És um cavaleiro?" perguntou o rapaz finalmente.

"Não." "Então és um escudeiro", disse o rapaz acenando com a cabeça. "Deve ser isso." Voltou-se para Chris. "E de que idade? Vinte e um anos?"

"Bastante próximo disso. Vinte e quatro anos."

Aquilo que ele lhe disse fez com que o rapaz pestanejasse surpreendido. Chris pensou para consigo "O que é que haverá de errado em ter vinte e quatro anos?"

"Então, meu bom escudeiro, sinto-me muito contente pelo teu auxílio, por me teres salvo de Sir Guy e do seu bando." Apontou para o outro lado do rio onde seis cavaleiros de tons escuros se encontravam junto da margem a observá-los. Estavam a dar de beber aos cavalos mas não tiravam os olhos de Chris e do rapaz.

“Mas eu não te salvei”, disse Chris. “Tu é que me salvaste.”  
“Não?” Outro olhar espantado.

Chris suspirou. Aparentemente esta gente não usava um certo tipo de linguagem. Era difícil exprimir até o mais simples pensamento; achou que o esforço era esgotante. Mas tentou mais uma vez: “E no entanto eu não te salvei, tu é que salvaste.”

“Bom escudeiro, és muito humilde”, respondeu o rapaz. “Devo-te a minha vida e terei muito prazer em cuidar das tuas necessidades quando chegarmos ao castelo.”

Chris disse: “O castelo?”.

Cautelosamente, Kate e Marek saíram do bosque, dirigindo-se para o mosteiro. Não avistaram qualquer sinal dos cavaleiros que haviam descido a pista a galope. A cena era pacífica; directamente à frente deles viam-se as culturas do mosteiro, demarcadas por pequenos muros de pedra. Num canto de uma das leiras havia um alto monumento hexagonal, com ornatos esculpidos fazendo lembrar uma igreja Gótica.

“Isto é uma monoie?”, perguntou ela.

“Muito bem, disse Marek. “Sim, é um marco miliário, ou um marco geodésico. Podes vê-los por todos os lados.”

Foram caminhando por entre as leiras, dirigindo-se para a muralha com cerca de três metros de altura que cercava todo o mosteiro. Os camponeses que se encontravam nos campos não lhes prestaram qualquer atenção. No rio uma barca ia descendo lentamente a corrente, a carga coberta com tecido. Um barqueiro de pé à proa cantava alegremente.

Junto da muralha do mosteiro erguiam-se as cabanas dos camponeses que trabalhavam nos campos. Para lá das cabanas via-se uma pequena porta na muralha. O mosteiro abrangia uma área tão grande que tinha portas nas quatro faces da muralha. Aquela não era a entrada principal, mas Marek pensou que era melhor tentarem ali primeiro.

Moviam-se por entre as cabanas quando ouviu o resfolegar de um cavalo e a voz tranquilizadora de um moço de estrebaria. Marek estendeu a mão, fazendo sinal a Kate para se deter.

“O que é que foi?” murmurou ela.

Apontou. A cerca de vinte metros mais à frente, meio ocultos atrás de uma das cabanas, encontravam-se cinco cavalos seguros por um moço de estrebaria. Os cavalos encontravam-se ricamente ajaezados, com selas forradas de veludo vermelho lavrado a prata. Flâmulas de tecido vermelho caíam dos flancos.

“Não são cavalos de lavoura”, disse Marek. Mas não viu os cavaleiros em parte nenhuma.

“O que é que fazemos?”, perguntou Kate.

Chris Hughes seguia o rapaz a caminho da aldeia de Castelgard quando de súbito os seus auriculares crepitaram. Ouviu Kate que dizia: “O que é que fazemos?” e Marek respondendo: “Não tenho a certeza.”

Chris perguntou: “Encontrou o Professor?”

O rapaz voltou-se, olhando para ele. “Está a falar comigo, escudeiro?” “Não rapaz”, respondeu Chris. “Estou a falar comigo.”

“Comigo?”, repetiu o rapaz abanando a cabeça. “Fala de um modo difícil de compreender.”

Nos auriculares Marek disse: “Chris. Onde é que raio é que estás?”

“A caminho do castelo”, disse Chris em voz alta. “Neste belo dia.” Olhou para o céu enquanto falava, tentando dar a ideia de que estava a falar consigo. Ouviu Marek que dizia: “Porque é que vais para aí? Ainda estás com o rapaz?”

“Sim, encantador.”

O rapaz voltou a olhar para trás, com um ar preocupado no rosto. “Estás a falar para o ar? Tens a certeza de que te sentes bem?”

“Sim”, disse Chris, “sinto-me bem. Só quero que os meus companheiros se juntem a mim no castelo.”

“Porquê?” perguntou Marek nos auriculares.

“Tenho a certeza de que não demora nada a juntarem-se a ti”, disse o rapaz. “Fala-me dos teus companheiros. Também são Irlandeses? São de boa família como tu, ou são servos?”

Nos auriculares Marek perguntou: “Porque é que lhe disseste que és de boas famílias.”

“Porque é um modo de me descrever.”

“Chris, de boa família significa que és nobre”, disse Marek. “Significa que és de nascimento nobre. Vais atrair as atenções e vão fazer-te perguntas embaraçosas sobre a tua família às quais não sabes responder.”

“Oh”, disse Chris.

“Tenho a certeza de que te descreve”, concordou o rapaz. “E os teus camaradas também? Também são de boas famílias?”

“É verdade aquilo que dizes”, respondeu Chris. “Os meus companheiros também são de boas famílias.”

“Chris, porra”, disse Marek nos auriculares. “Não te iludas com o que não compreendes, Estás a pedir problemas. E se continuas por esse caminho, é isso mesmo que vais arranjar.”

junto das cabanas dos camponeses, Marek ouviu Chris a dizer, “Limita-te a ir buscar o Professor, está bem?” e em seguida o rapaz ouviu Chris fazer outra pergunta, mas foi obscurecida por um crepitar de estática.

Marek voltou-se e olhou para o outro lado do rio na direcção de Castelgard. Conseguia avistar o rapaz caminhando um pouco à frente de Chris.

“Chris”, disse Marek. “Estou a ver-te. Dá meia volta e vem-te embora. Vem ter aqui connosco. Temos que permanecer juntos.”

“Aí é que está o problema.”

“Porquê”, disse Marek num tom frustrado.

Chris não lhe respondeu directamente. “E quem, meu bom senhor, poderão ser os cavaleiros na outra margem?” Aparentemente estava a falar com o rapaz. Marek desviou o olhar, viu cavaleiros montados na margem do rio, deixando que os cavalos bebessem, ao mesmo tempo que os viam afastarem-se. “É Sir GLiy de Malegant, a quem chamam Guy Cabeça Negra, Tem-se conservado ao serviço do meu Senhor Oliver. Sir Guy é um cavaleiro de renome

- pelos seus inúmeros actos de assassínio e de vilania.”

Enquanto o ouvia Kate disse: “Não pode regressar aqui por causa daqueles cavaleiros montados.”

“Estás a falar verdade”, disse Chris.

Marek abanou a cabeça. “Afinal de contas, nunca se devia ter separado de nós.”

O ranger de uma porta atrás deles fez com que Marek se voltasse. Viu o vulto familiar do Professor que saía pela porta lateral da muralha do mosteiro surgindo à luz do sol. Estava sozinho.

35:31:11

Edward Johnston envergava um gibão em azul escuro e calções negros; as roupas eram lisas, praticamente sem qualquer decoração ou bordado, dando-lhe um ar conservador de académico. Não havia dúvida de que passava perfeitamente por um eclesiástico de Londres numa peregrinação, pensou Marek, Provavelmente teria sido dessa maneira que Geoffrey Chaucer, outro eclesiástico da época, se teria vestido na sua própria peregrinação.

O Professor colocou-se descuidadamente ao sol da manhã, mas cambaleava um pouco. Correram para ele e viram que estava a arquejar. As suas primeiras palavras foram: “Vocês têm um marcador?”

“Temos”, respondeu Marek. “São só vocês os dois?”

“Não, Chris também veio. Mas não está aqui.”

Johnston abanou a cabeça num pequeno acesso de irritação. "Muito bem, o que se está a passar é o seguinte. Oliver está em Castelgard" - fez um aceno com a cabeça para o outro lado do rio - "mas quer mudar-se para La Roque antes que Arnaut chegue. O seu grande receio é a existência dessa passagem secreta que dá acesso a La Roque. Oliver quer saber onde é que fica a passagem. Anda toda a gente louca a tentar descobrir onde é que ela fica porque tanto Oliver como Arnaut a querem descobrir rapidamente. É a chave de tudo. As pessoas aqui pensam que eu sou sábio. O Abade pediu-me para investigar documentos antigos, e eu achei ..."

A porta atrás deles abriu-se e soldados envergando túnicas em castanho avermelhado e cinzento precipitaram-se para eles. Os soldados algemaram Marek e Kate, derrubando-os violentamente, e Kate quase que perdeu a peruca.

MaS eram cuidadosos com o Professor, nunca lhe tocando, marchando de ambos os lados dele. Os soldados pareciam respeitosos, como se constituíssem uma escolta de protecção. Colocando-se de pé e sacudindo o pó, Marek teve a sensação de que os soldados haviam recebido instruções para não o ferirem.

Marek observou-os em silêncio enquanto Johnston e os soldados montavam a cavalo e iniciavam a marcha.

"O que é que fazemos?"

o Professor deu uma pancadinha no lado da cabeça. Ouviram-no dizer numa cantilena, como se estivesse a rezar: "Sigam-me. Tentarei que nos conservem juntos. Vão recuperar Chris."

35:25:18

Continuando a seguir o rapaz, Chris chegou à entrada de Castelgard: portas duplas de madeira, fortemente reforçadas com chapas de ferro. As portas mantinham-se agora abertas de par em par, guardadas por um soldado de túnica em tons de bordô escuro e cinzento. O guarda cumprimentou-os dizendo: "Ides montar uma tenda? Fazer uma venda de tecidos? São cinco soldos para vender no mercado num dia de torneio."

“Non sumus mercatores”, disse o rapaz. “Não somos mercadores.”

Chris ouviu o guarda responder, “Anthoubeest, ye schulepayen. Quinquesols maÍntenant, aut decem postea.” Mas a tradução não surgiu imediatamente nos auriculares; chegou à conclusão de que o guarda estava a falar uma estranha mistura de Inglês, Francês e Latim.

Em seguida ouviu: “Se ides entrar, tendes de pagar. Cinco soldos agora ou dez quando saídes.”

O rapaz abanou a cabeça. “Estás a ver artigos de mercador?” “Herkle, non.” Nos auriculares: “Por Hércules, não vejo.” “Então já tens a tua resposta.”

Apesar da sua idade o rapaz falava com firmeza, como se estivesse acostUmado a dar ordens. O guarda limitou-se simplesmente a encolher os ombros e a afastar-se. O rapaz e Chris passaram através da porta e entraram na aldeia.

Logo a seguir às muralhas viam-se diversas casas agrícolas e campos vedados. A área cheirava fortemente a suínos. Seguiram o seu caminho passando por casas cobertas de colmo e cercados COM porcos, subiram os degraus de pedra de uma escada íngreme em espiral, vendo-se edifícios de pedra de ambos os lados. Agora estavam na própria cidade.

A rua era estreita e estava cheia de gente, e os edifícios com dois andares, o último saliente, de tal modo que a luz do sol não conseguia chegar ao solo. os edifícios tinham todos lojas abertas no rés-do-chão: um ferreiro, um carpinteiro que também fazia barris, um alfaiate e um carnicheiro. O carnicheiro, envergando um avental de oleado salpicado de sangue, estava a esquartejar nas pedras da rua, em frente da sua loja, um porco que ainda guinchava; circundaram o sangue que escorria e anéis de um intestino de cor pálida.

A rua estava barulhenta e cheia de gente, o odor quase dominando Chris, enquanto o rapaz o conduzia sempre em frente. Chegaram a uma praça com o pavimento em seixos, com um mercado coberto no centro. De volta às suas escavações, isto era

apenas um campo. Fez uma pausa, olhando em volta, tentando comparar aquilo que sabia com aquilo que agora estava a ver.

Do outro lado da praça uma rapariga bem vestida, transportando um cesto com vegetais, precipitou-se na direcção do rapaz e disse preocupada: "Meu querido senhor, a vossa longa ausência humilhou profundamente Sir Damel."

O rapaz parecia aborrecido por a ter visto. Respondeu com irritação: "Então diz ao meu tio que irei ter com ele brevemente."

"Ficará muito contente com isso", disse a rapariga, e afastou-se rapidamente através de uma passagem estreita.

O rapaz conduziu Chris noutra direcção. Não fez qualquer referência a esta conversa, limitou-se a seguir em frente, resmungando consigo próprio. Chegavam agora a terreno aberto, directamente em frente do castelo. Era

um lugar cheio de brilho e de cor, com cavaleiros desfilando em parada montados nos seus cavalos, empunhando estandartes ondulantes. "Hoje há muitos visitantes", comentou o rapaz, "por causa do torneio."

Directamente à frente deles via-se a ponte levadiça conduzindo ao castelo. Chris ergueu o olhar para as muralhas imponentes, para os altos torreões. Soldados patrulhavam as muralhas, observando as multidões que se encontravam em baixo. O rapaz conduziu-o em frente sem hesitação. Chris ouviu o som cavo do ecoar dos seus passos na madeira da ponte levadiça. Havia dois guardas à entrada. Sentiu o seu corpo ficar tenso quando se aproximou.

Mas os guardas não prestaram a menor atenção. Um deles acenou com a cabeça com um ar ausente; o outro encontrava-se de costas a raspar lama de uma das botas.

Chris estava surpreendido com a sua indiferença. "Não estão de guarda à entrada?"

"Porque é que haviam de estar!", exclamou o rapaz. "Ainda é de dia e não estamos debaixo de ataque."

Três mulheres com as cabeças envoltas em pano branco, de modo a que só os rostos se destacassem, saíram do castelo carregando cestos. Mais uma vez os guardas praticamente nem sequer notaram. As mulheres saíram falando e rindo entre si - sem que ninguém se preocupasse.

Chris chegou à conclusão de que se encontrava confrontado com um desses anacronismos históricos, de tal modo incutidos que nunca ninguém chegara a pensar nisso. Os castelos eram praças fortes e tinham sempre uma entrada que se podia defender - um fosso, ponte levadiça, etc. E toda a gente estava convencida de que a entrada se encontrava permanentemente defendida com o maior dos cuidados.

Mas, conforme o rapaz dizia, porque é que havia de ser assim? Em tempos de paz, o castelo era um atarefado centro social, com gente a entrar e a sair para ver o senhor, para entregar mercadorias. Não havia a menor razão para o guardar. Especialmente, conforme o rapaz dissera, durante o dia.

Chris deu por si a pensar em modernos edifícios de escritórios, que só tinham guardas à noite; durante o dia os guardas estavam presentes mas apenas para prestarem informações. E provavelmente era também isto que estes guardas estavam a fazer.

Por outro lado...

Ao entrar olhou de relance para os espigões do gradeamento de ferro da ponte levadiça. Ele sabia que aquele gradeamento podia ser baixado a qualquer momento. E quando isso acontecesse não havia qualquer entrada no castelo, nem qualquer possibilidade de escapar.

Entrara no castelo com bastante facilidade. Mas não tinha muito a certeza de ser igualmente fácil sair.

Entraram num enorme pátio com as paredes todas em pedra. Havia ali muitos cavalos; soldados envergando túnicas em castanho avermelhado e cinzento, formando pequenos grupos, comiam a sua refeição do meio-dia. Viu passagens em madeira a grande altura acima dele, correndo ao longo das muralhas. Directamente à sua

frente viu outro edifício com paredes de pedra de uma altura de cerca de três andares e torres no topo. Era um castelo dentro do castelo. O rapaz conduziu-o para ele.

De um dos lados, uma porta abriu-se de repente. Um único guarda mascando uma peça de frango. O rapaz disse: "Vamos ver Lady Claire. Ela quer tomar este Irlandês ao seu serviço."

"Pois que assim seja", resmungou o guarda, desinteressado; entraram. Chris viu uma arcada mesmo à sua frente, conduzindo ao grande átrio, onde se encontrava uma multidão de homens e mulheres que conversavam. Todos eles pareciam ricamente vestidos; as suas vozes ecoavam pelas paredes de pedra.

Mas o rapaz não lhe deu muitas oportunidades de olhar. Levou Chris por uma estreita escada em caracol que conduzia ao segundo andar, em seguida ao longo de um corredor em pedra e finalmente até a um conjunto de quartos.

Três criadas, todas vestidas de branco, precipitaram-se para o rapaz e beljaram-no. Pareciam muito aliviadas. "Pela graça de Deus, Minha Senhora, haveis retornado!"

Chris exclamou com assombro: "Minha Senhora?"

No próprio instante em que o disse o chapéu negro foi lançado para longe e os cabelos dourados caíram-lhe em cascata pelos ombros. Fez um pequeno gesto com a cabeça que se transformou numa vénia. "Lamento profundamente e peço o vosso perdão por este engano."

"Quem sois vós?" disse Chris espantado.

"Chamam-me Claire."

Ergueu-se da sua vénia e olhou-o directamente nos olhos. Viu que era mais velha do que aquilo que havia pensado, talvez com vinte e dois ou vinte e três anos. E muito bela.

Abriu a boca e não disse nada. Não fazia a menor ideia daquilo que havia de dizer ou de fazer. Sentia-se ridículo e embaraçado.

No silêncio que se seguiu uma das aias aproximou-se, fez uma vénia e disse: "Sabei que esta é a Lady Claire de Eham, recentemente viúva de Sir Geoffrey de Eham, dona de grandes propriedades em Guyerme e Middlesex. Sir Geoffrey morreu de ferimentos recebidos em Poitiers e agora Sir Oliver - governador deste castelo - é o guardião da minha Senhora. Sir Oliver acha que ela se deve casar de novo, e escolheu Sir Guy de Malegant, um nobre bem conhecido nestas regiões. Mas a minha Senhora recusa este par."

Claire voltou-se e lançou à rapariga um olhar de aviso. Mas a rapariga, sem o ter notado, continuou a falar. "A minha Senhora diz a toda a gente que Sir Guy não tem os meios para defender as suas propriedades em França e em Inglaterra. Além disso Sir Oliver iria ter a sua comissão com este noivado, e Guy ..." "Ela i n e."

"Minha Senhora", disse a rapariga afastando-se precipitadamente. Foi juntar-se às outras raparigas que murmuravam a um canto, aparentemente a censurá-la.

"Chega de conversa", disse Claire. "Aqui está o meu salvador deste dia, o Fidalgo Christopher de Hughes. Livrou-me dos ataques de Sir Guy, que pensou tomar pela força aquilo que não era capaz de conseguir livremente na corte."

Chris interrompeu: "Não, não, não foi de modo nenhum isso que aconteceu ..."

Calou-se quando verificou que toda a gente olhava espantada para ele, de boca aberta e olhos arregalados.

"Acalmai-vos, ele fala de modo estranho", disse Claire, "porque vem de uma zona remota das terras do Eire. E é modesto, como compete a alguém de boas famílias. Foi ele que hoje me salvou, pelo que o irei apresentar ao meu guardião, depois de Christopher ter trajes convenientes." Voltou-se para uma das aias. "O nosso escudeiro-mor, o Senhor Brandon, não tem a mesma altura? Ide pedir-lhe o seu gibão anil, o cinto de prata e os seus melhores calções brancos." Entregou uma bolsa à rapariga. "Pagai aquilo que ele pedir mas ide depressa."

A rapariga afastou-se apressada. Quando saiu passou por um homem mais velho de aspecto sombrio que se mantinha nas sombras a observar. Envergava uma rica túnica de veludo castanho avermelhado com bordados de flores de lis em prata, e um colar de arminho. "E se fosse agora, minha Senhora?" disse ele aproximando-se.

Ela fez-lhe uma vénia. "Muito bem, Sir Daniel." "Haveis regressado a salvo."

"Dou graças a Deus."

O homem sombrio resmungou. "Também acho que o deves fazer. Esgotais até a Sua paciência. E a vossa viagem conseguiu um sucesso pelo menos igual aos perigos?"

Claire mordeu o lábio. "Receio que não." "Haveis estado com o Abade?"

Uma leve hesitação. "Não." "Dizei-me a verdade, Claire."

A rapariga abanou a cabeça. "Senhor, não estive com ele. Estava ausente, numa caçada."

"É uma pena", respondeu Sir Daniel. "Porque é que não haveis esperado por ele?"

"Não me atrevi, porque os homens de Sir Oliver invadiram o santuário para levarem o Magister à força. Tive medo de ser descoberta e foi por isso que fugi." "Sim, sim, esse incómodo Magister", comentou Sir Daniel sombriamente.

"É falado por toda a gente. Sabeis o que dizem? Que pode aparecer num raio de luz." Sir Daniel abanou a cabeça. Era impossível dizer se acreditava ou não. "Deve ser um Magister especializado na pólvora." Pronunciou *gonne-poulder* e disse a palavra lentamente, como se fosse estranha e pouco familiar. "Haveis posto a vista neste Magister?"

"Com efeito. Falei com ele." "Oh?"

"Com o Abade ausente, pensei que ele também não estivesse. Porque dizem que o Magister fez amizade com o Abade nestes

últimos dias.”

Chris Hughes procurava desesperadamente seguir esta conversa e só muito tardiamente é que chegou à conclusão de que estavam a falar do Professor. Disse: “Magister?”

Claire perguntou: “Conheceis o Magister? Edward de Johnes?” Ele recuou imediatamente. “Uh... não... não, não conheço, e ...”

Ao ouvir esta resposta, Sir Daniel olhou para Chris com um ar de assombro. Voltou-se para Claire. “O que é que ele está a dizer?”

“Diz que não conhece o Magister.”

O homem de idade mantinha um ar assombrado. “Em que língua?”

“Uma espécie de Inglês, Sir Daniel, segundo creio com um pouco de Caelic à mistura.”

“Não é Gaelic que alguma vez tenha ouvido:” Voltou-se para Chris. “Falais a Langue-doc? Não? Loquerisque Latine?”

Estava a perguntar se ele falava Latim. Chris tinha um conhecimento académico do Latim, sendo capaz de o ler. Nunca o tentara falar. Hesitante, disse: “Non, Senior Damielis, solum perpaululum. Perdóleo.” Só um pouco. Desculpe.

“Per, per... dicendo ille Ciceroni'persl'Milis est.” Ele fala como Cícero. “Perdóleo.” Desculpe.

“Então talvez seja melhor estardes calado.” O homem de idade voltou-se de novo para Claire. “O que é que o Magister vos disse?”

“Não foi capaz de me ajudar.” “Conhecia o segredo que procuramos?” “Disse que não.”

“Mas o Abade sabe”, exclamou Sir Daniel. “O Abade tem que saber. Foi o seu predecessor, o Bispo de Laon, que trabalhou como arquitecto nas últimas reparações de La Roque.”

Claire respondeu: “O Magister disse que Lacon não foi o arquitecto.” “Não?” Sir Daniel franziu as sobrancelhas. “E como é que o Magister sabe isso?”

“Julgo que foi o Abade que lhe disse. Ou talvez tenha encontrado informações no meio dos antigos documentos. O Magister tomou a seu cargo separar e organizar os pergaminhos de Sainte-Mère, em benefício dos monges.”

“Ah, sim”, exclamou Sir Daniel pensativamente. “Sempre gostava de saber porquê.”

“Não tive tempo para lhe perguntar porque nessa altura os homens de Sir Oliver invadiram o santuário.”

“Bom, dentro em pouco o Magister estará aqui”, disse Sir Daniel, “e o próprio Lord Oliver lhe irá colocar estas questões ...” Franziu as sobancelhas, claramente pouco à vontade com este pensamento.

O homem de idade voltou-se de repente para um rapaz de nove ou dez anos que se mantinha atrás dele. “Levai o Senhor Christopher para os meus aposentos, onde ele poderá banhar-se e limpar-se.”

Ouvindo isto, Claire lançou ao homem de idade um olhar duro. “Tio, não se intrometa nos meus planos.”

“Alguma vez o fiz?”

“Sabeis perfeitamente que pelo menos baveis tentado.”

“Querida filha”, exclamou ele, “a minha única preocupação é a vossa segurança - e a vossa honra.”

“E a minha honra, tio, ainda não foi posta em causa.” Dizendo isto, Claire caminhou firmemente na direcção de Chris, colocou-lhe uma mão no pescoço e olhou-o nos olhos. “Contarei todos os minutos quando tiverdes partido, e sentirei a vossa falta no mais íntimo do meu coração”, disse ela suavemente, com os olhos marejados de lágrimas. “Voltai rapidamente para mim.”

Roçou-lhe os lábios levemente pela boca e recuou, libertando-o com relutância, os dedos afastando-se com dificuldade do pescoço. Ele sentia a cabeça a andar à roda, não tirando os olhos dela, vendo como era belo. ..

Sir Daniel tossiu e voltando-se para o rapaz, disse: "Acompanhai Sir Christopher, e assisti-o no seu banho."

O rapaz fez uma vénia a Chris. Toda a gente na sala estava silenciosa. Tudo indicava que era a sua deixa para sair. Acenou com a cabeça e respondeu: "Agradeço-vos." Esperava ver de novo olhares espantados, mas pelo menos desta vez não houve nenhum; parecia terem compreendido aquilo que ele dissera. Sir Daniel dignou-se fazer-lhe um aceno formal e Chris deixou a sala.

34:25:54

Os cavalos atravessaram com estrépito a ponte levadiça. O Professor olhava em frente muito direito, ignorando os soldados que o escoltavam. Os guardas à entrada do portão mal olharam para os cavaleiros quando estes entraram. Foi então que o Professor desapareceu de vista.

De pé junto da ponte levadiça, Kate disse: "E agora, o que é que fazemos? Vamos atrás dele?"

Marek não lhe respondeu. Olhando para trás viu que não tirava os olhos de dois cavaleiros nas suas montadas, que combatiam com enormes espadas no campo situado na parte exterior do castelo. Parecia ser uma espécie de demonstração ou de treino; os cavaleiros estavam rodeados por um círculo de jovens de libré - em alguns deles de um verde garrido, noutros de amarelo e dourado, aparentemente as cores dos dois cavaleiros. E também se reunira uma enorme multidão de espectadores, rindo e gritando insultos e palavras de coragem para um ou o outro cavaleiro. Os cavalos rodavam em círculos apertados, quase tocando um no outro, mantendo os cavaleiros de armadura face a face. O som metálico do entrechocar das espadas ressoava interminavelmente no ar da manhã.

Marek ficou ali, sem se mexer.

Ela deu-lhe uma sapatada no ombro. "Ouve, André, o Professor ..." "É só um minuto."

"Mas..." "É só um minuto."

Pela primeira vez, Marek sentiu uma pontada de incerteza. Até agora, nada daquilo que vira neste mundo parecera fora de lugar ou inesperado. O mosteiro era exactamente como ele esperara. Os camponeses nos campos eram como ele esperara. O torneio que estava a ser organizado era como ele o imaginara. E quando entrou na cidade de Castelgard, achou tudo mais uma -vez exactamente como havia pensado que deveria ter sido. Kate ficara chocada com o espectáculo do carniceiro a trabalhar no meio da rua e com o odor nauseabundo das cubas de curtir peles, mas Marek ficara indiferente. Era tudo como imaginara já há muitos anos.

Mas isto não, pensou enquanto observava os cavaleiros a combaterem. Havia sido tudo tão rápido! O combate de espadas era tão rápido e contínuo, com tentativas de golpes de lado e de gume, que parecia mais um assalto de esgrima do que um combate com espadas. Os ecos metálicos dos impactos ouviam-se com intervalos de um ou dois segundos. E o combate continuou sem hesitação ou pausa.

Marek sempre imaginara estes combates a terem lugar em câmara lenta: homens desajeitados com armaduras, empunhando espadas tão pesadas que cada golpe constituía um enorme esforço, provocando um perigoso desequilíbrio e necessitando de tempo para recuperarem e se restabelecerem antes do golpe seguinte. Lera relatos sobre o modo como os homens se sentiam exaustos depois da batalha, e partiu do princípio de que era o resultado de um prolongado esforço de lutas muito lentas, à base do aço.

Estes guerreiros eram grandes e poderosos sob todos os aspectos. Os seus cavalos eram enormes, e eles próprios pareciam ter seis pés ou mais, e ser extremamente robustos.

Marek nunca se sentira iludido pelas pequenas dimensões das armaduras que se podem ver nas vitrinas dos museus - sabia que qualquer armadura que fosse levada para um museu era cerimonial e nunca fora usada em qualquer coisa mais séria do que uma parada medieval. Marek também suspeitava, embora não o pudesse provar, de que a maior parte das armaduras que chegaram até aos nossos

dias - profundamente decoradas, cinzeladas e gravadas - se destinava apenas a exposição, e fora feita numa escala de 3/4, a melhor maneira de mostrar a delicadeza dos desenhos dos artistas.

As genuínas armaduras de batalha nunca sobreviveram. E lera descrições suficientes para saber que a maior parte dos mais celebrados guerreiros dos tempos medievais eram invariavelmente grandes homens - altos, musculosos e invulgarmente fortes. Pertenciam à nobreza; eram melhor alimentados; e eram grandes. Lera sobre o modo como se treinavam e sobre o prazer que sentiam em realizar proezas de força para divertimento das damas.

E, no entanto, de certo modo, nunca conseguira imaginar nem de longe uma coisa como esta. Estes homens combatiam furiosamente, rapidamente e de uma forma ininterrupta - e davam a impressão de que seriam capazes de continuar durante todo o dia. Nenhum deles dava a menor indicação de fadiga; se alguma coisa se podia dizer, era que sentiam prazer com os seus esforços.

Enquanto observava a sua agressividade e velocidade, Marek chegou à conclusão de que deixado com os seus próprios dispositivos, era este exactamente o modo que ele escolheria para combater - rapidamente, com o condicionamento e reservas de energia suficientes e necessários para vencerem o oponente. Imaginara apenas um estilo de combate mais lento, partindo de um princípio subjectivo de que os homens no passado eram mais fracos ou mais lentos, ou menos imaginativos do que ele era, como homem moderno.

Marek sabia que este princípio de superioridade era uma dificuldade enfrentada por cada historiador. Simplesmente não pensara que fosse culpado disso. Mas não havia dúvida de que era.

Levou-lhe algum tempo para se aperceber, por entre os gritos da multidão, de que os combatentes se encontravam numa tal superioridade de condição física que eram capazes de acompanhar todo o combate com berros e exclamações; entre os golpes lançavam um ao outro uma torrente de chufas e insultos.

E nessa altura viu que as suas espadas não eram embotadas, que se serviam de reais espadas de batalha, com gumes afiados como lâminas. E, no entanto, não desejavam qualquer mal um ao outro; tratava-se apenas de um divertido aquecimento para o torneio que se aproximava. A sua abordagem alegre e casual de um risco mortal era quase tão enervante como a velocidade e a intensidade com que combatiam.

O combate continuou por outros dez minutos, até que um poderoso golpe desmontou um dos cavaleiros. Caiu no solo mas imediatamente se levantou de um salto, rindo, como se não envergasse qualquer armadura. Houve dinheiro que mudou de mãos. Ouviram-se gritos de "Outra vez! Outra vez!" Um combate com os punhos desencadeou-se entre os rapazes de libré. Os dois cavaleiros afastaram-se de braço dado, na direcção da estalagem.

Marek ouviu Kate dizer: "André ..." Voltou-se lentamente para ela.

"André, está tudo bem?"

"Está tudo óptimo", disse ele. "Mas tenho muito que aprender."

Dirigiram-se para a ponte levadiça do castelo, aproximando-se dos guardas. Sentiu que Kate, caminhando ao seu lado, ficava tensa. "O que é que fazemos? O que é que dizemos?"

"Não te preocupes. Eu sei falar Occitan."

Mas enquanto se aproximavam começou outra luta no terreno aberto para além do fosso e os guardas ficaram a observá-lo. Estavam completamente absorvidos quando Marek e Kate passaram pelo arco de pedra e entraram no pátio do castelo.

"Conseguimos entrar", disse Kate em tom surpreendido. Olhou em volta do pátio. "E agora?"

Estava um frio do caraças, pensou Chris. Sentava-se quase nu, envergando apenas os seus calções da roupa interior, num banco na pequena câmara de Sir Daniel. Ao lado dele encontrava-se uma tina de água fumegante e uma luva para se esfregar. O rapaz trouxera a tina da água da cozinha, transportando-a como se fosse ouro; o seu

comportamento indicava que era um sinal de favor que deveria ser considerado no caso da água quente.

Chris esfregara-se cuidadosamente, recusando a oferta do rapaz para o ajudar. A tina era pequena e dentro em breve a água ficou negra. Mas mesmo assim conseguira limpar a lama debaixo das unhas, e tirar a lama do corpo e do rosto, com a ajuda de um pequeno espelho que o rapaz lhe emprestara.

Finalmente considerou-se satisfeito. Mas o rapaz, com um ar de ansiedade, exclamou, "Master Christopher, ainda não está limpo." E insistiu em se ocupar do resto.

Foi assim que Chris se sentou a tremer no banco de madeira enquanto o rapaz o esfregou durante um espaço de tempo que não lhe pareceu inferior a uma hora. Chris estava perplexo; sempre pensara que a gente da Idade Média era porca e cheirava mal, mergulhada na sujidade da época. E, no entanto, aquelas pessoas pareciam ter, como uma das preocupações primordiais a limpeza. Toda a gente que viu no castelo estava limpa, e não notou qualquer odor desagradável.

Mesmo o próprio sanitário, que o rapaz insistiu em que usasse antes de tomar banho, não era tão terrível como Chris julgara. Situado no quarto atrás de uma porta de madeira, era um sanitário estreito, com um assento em pedra sobranceiro a uma bacia que era escoada por um tubo. Aparentemente os esgotos fluíam até ao andar térreo do castelo, de onde eram removidos diariamente. O rapaz explicou que todos os dias um criado lavava o sanitário e o tubo com água perfumada, colocando em seguida um novo ramo de ervas de cheiro num prego na parede. Deste modo o odor não era tão terrível como isso. De facto, pensou, desoladamente, já encontrara cheiros muito mais insuportáveis em casas de banho de aviões.

E, para cúmulo, esta gente limpava-se com tiras de linho branco! Não, pensou ele, as coisas não eram de modo nenhum como ele pensara.

Uma das vantagens de estar ali sentado era a de ser capaz de tentar falar com o rapaz. O rapaz era tolerante, e respondia lentamente a Chris, como se estivesse a falar com um idiota. Mas isso permitia a Chris ouvi-lo antes da tradução nos auriculares, e rapidamente descobriu que a imitação ajudava; se conseguisse vencer o seu embaraço e se utilizasse as frases arcaicas que lera nos textos - muitas das quais o próprio rapaz usava - então este iria compreendê-lo muito mais facilmente. Foi assim que Chris começou gradualmente a usar "Methinks" em vez de "I think", e "an" em vez de "if ", e "for sooth" em vez de "in truth". E com cada uma destas pequenas mudanças o rapaz parecia compreendê-lo cada vez melhor.

Chris ainda estava sentado no banco de madeira quando Sir Daniel entrou no quarto. Trouxe roupas cuidadosamente dobradas, com um aspecto rico e dispendioso. Colocou-as na cama.

“ Com que então, Christopher de Hewcs. Estais envolvido com a nossa beleza inteligente.”

“Ela salvou a minha vida.” Pronunciou say-ved. E Sir Daniel pareceu compreender.

“Espero que isto não vos traga problemas.” “Problemas?”

Sir Daniel suspirou. “Ela diz-me, amigo Chris, que sois de boas famílias, mas que não sois cavaleiro. Sois um escudeiro?”

“Na verdade, sou.”

“Um escudeiro já muito idoso.” disse Sir Daniel. “Qual é a vossa experiência

“A minha experiência com armas ...” Chris franziu as sobrancelhas. “Bom, eu tenho, uh ...”

“Tendes alguma experiência? Falai claramente: Qual é a vossa experiência?” Chris decidiu que o melhor era dizer a verdade. “Para dizer a verdade, eu sou - quero dizer, tenho treino - nos meus estudos como académico.”

“Um académico?” O homem de idade abanou a cabeça, dando a entender que não compreendia. “Escolie? Esne discipulus?”

Studesne sub magístro?" Estudais sob a orientação de um mestre?

"Ita est." Exactamente. "Ubi?" Onde?

"Uh... em, ... Oxford."

"Oxford?" Sir Daniel resmungou com um ar de desprezo. "Então nada tendes a fazer aqui com pessoas como a minha Senhora. Acreditai-me quando afirmo que aqui não há lugar para um académico. Deixai-me contar-vos quais são as circunstâncias actuais."

"Lord Oliver precisa de dinheiro para pagar aos seus soldados e saqueou tudo aquilo que pôde nas cidades mais próximas. É por isso que agora quer forçar Claire a casar, para conseguir a sua percentagem. Guy de Malegant apresentou uma oferta bastante tentadora, muito agradável para Lord Oliver. Mas Guy não é rico e não pode pagar a percentagem devida sem hipotecar parte das propriedades da minha Senhora. Ela nunca concordará com uma coisa destas. Há muita gente que pensa que Lord Oliver e Guy já há muito que fizeram um acordo privado - um de vender Lady Claire, o outro de vender as suas terras."

Chris não disse nada.

"Existe ainda um outro impedimento em toda esta situação. Claire despreza Malegant, de quem suspeita que teve algo a ver com a morte do marido. Guy servia Geoffrey na altura da sua morte. Toda a gente ficou surpreendida com o modo repentino como partiu deste mundo. Geoffrey era um cavaleiro jovem e vigoroso. Embora os seus ferimentos fossem graves, teve uma firme recuperação. Ninguém sabe a verdade sobre o que na realidade se passou nesse dia mas, no entanto, correm rumores - muitos rumores - a respeito de veneno." "Estou a ver", disse Chris.

"Achais que sim? Tenho dúvidas. Senão vejamos: a minha Senhora pode perfeitamente ser uma prisioneira no castelo de Lord Oliver. Pode escapar-se, mas não pode levar em segredo toda a sua comitiva. Se ela partir secretamente e regressar a Inglaterra - o que é o seu desejo - Lord Oliver irá vingar-se contra mim e todos os

outros membros da sua casa. Ela sabe disto e é por esse motivo que tem de ficar.”

“Lord Oliver deseja que ela case, e a minha Senhora procura todos os estratagemas possíveis para adiar a situação. É verdade que ela é inteligente. Mas Lord Oliver não é um homem paciente e brevemente irá forçar a situação. Agora a única esperança dela está ali.” Sir Daniel aproximou-se da janela e apontou para fora.

Chris chegou junto da janela e olhou.

Da janela elevada teve uma vista geral do pátio e das construções para lá da muralha do castelo. Mais além viam-se os telhados da cidade, em seguida a muralha da cidade com os guardas que patrulhavam nos parapeitos. Em seguida os campos e a paisagem campestre que se estendia a perder de vista.

Chris olhou para Sir Daniel interrogadoramente Sir Daniel disse, “Ali, meu senhor. Os fogos.”

Apontava para um ponto distante. Estremecendo, Chris conseguia apenas avistar ténues colunas de fumo que se desvaneciam num céu azul. Era o limite daquilo que conseguia avistar.

“É a companhia de Arnaut de Cervole”, disse Sir Daniel. “Não estão acampados a mais de quinze milhas de distância. Devem chegar aqui dentro de um dia - dois no máximo. Toda a gente sabe disso.”

“E Sir Oliver?”

“Sabe que a sua batalha com Arnaut irá ser feroz.” “E no entanto continua a organizar um torneio ...”

“É uma questão da sua honra”, disse Sir Daniel. “Mais uma questão de teimosia do que de honra. Não tenho a menor dúvida de que se escaparia se pudesse. Mas não se atreve. E é aqui que vós entraís.”

“Que eu entro?”

Sir Daniel suspirou. Começou a andar de um lado para o outro. "Vistais-vos agora para vos apresentar a Lord Oliver de modo conveniente. Tentarei evitar o desastre que se aproxima."

O homem de idade voltou-se e saiu do quarto. Chris olhou para o rapaz. Parara de esfregar.

"Que desastre?" perguntou.

33:12:51

Uma das características peculiares dos estudos medievais no século vinte era o facto de não existir uma única imagem que mostrasse como era o interior de um castelo do século catorze. Nem um quadro, iluminura de um manuscrito ou esquema num bloco de notas. As primeiras imagens da vida do século catorze vieram de facto a surgir no século quinze e os interiores - e alimentos, e trajes evidenciados nas imagens estavam correctos para o século quinze, não para o século catorze.

Como resultado disso, nenhum académico dos tempos modernos sabia qual a mobília que era usada, como é que as paredes eram decoradas, ou como é que as pessoas se vestiam e comportavam. A ausência de informação era tão completa que, na altura em que se fizeram as escavações dos aposentos do Rei Edward 1 na Torre de Londres, as paredes reconstruídas foram deixadas em reboco nu porque ninguém era capaz de dizer quais as decorações que poderiam ter estado ali.

Também era por esse motivo que as reconstruções dos artistas do século catorze apresentavam uma tendencia para mostrarem interiores desolados, quartos com paredes nuas e pouca mobília - talvez uma cadeira ou uma arca mas pouco mais do que isso. A própria ausência de imagens da época servia de base para uma conclusão de escassez a respeito da vida daquela altura.

Tudo isto passou como um relâmpago pela mente de Kate Erickson quando esta entrou no grande salão de Castलगard. Aquilo que ela ia ver nunca nenhum historiador o vira antes. Entrou, deslizando por entre a multidão, seguindo Marek. E ficou

boquiaberta, assombrada com a riqueza e o caos que se desenrolavam perante ela.

O grande salão cintilava como uma enorme jóia. Os raios de sol atravessavam as altas janelas, reflectindo-se nas paredes fronteiras que brilhavam com tapeçarias bordadas a ouro, com reflexos a dançarem nos tectos pintados em vermelho e ouro. Numa das paredes da sala encontrava-se pendurado um enorme tecido com motivos decorativos: flores de lis prateadas sobre um fundo em azul escuro. Na parede oposta, uma tapeçaria representando uma batalha: cavaleiros combatendo com equipamento completo, as armaduras prateadas e as túnicas em azul e branco, vermelho e ouro; os seus estandartes esvoaçantes bordados a dourado.

No final da sala via-se uma enorme lareira, suficientemente larga para uma pessoa entrar dentro dela sem ter que se baixar, com a sua armadura de topo esculpida com motivos em dourado que brilhavam tenuamente. Na frente da lareira via-se um enorme biombo em verga, também enfeitado com dourados. E acima da lareira pendia uma enorme tapeçaria decorativa com cisnes voando num campo de flores em tons de vermelho e dourado.

A sala era inerentemente elegante, rica e belamente executada - e com um toque bastante feminino para os olhos modernos. A sua beleza e requinte contrastavam profundamente com o comportamento da gente que se encontrava na sala que eram ruidosos, violentos, rudes.

Na frente do fogo encontrava-se uma mesa alta, com uma toalha de linho branco e pratos em ouro, todos cheios com montanhas de comida. Pequenos cães deslocavam-se pela mesa, servindo-se dos alimentos sem o menor constrangimento - até que o homem no centro da mesa os enxotou com uma praga.

Lord Oliver de Vannes teria cerca de trinta anos, com olhos pequenos numa cara balofa de aspecto dissoluto. A boca estava sempre distorcida num sorriso escarninho; tinha uma tendência para manter os lábios apertados porque lhe faltavam vários dentes. As suas roupas eram tão ornamentadas como a sala: uma túnica em

azul e dourado, com uma gota alta em ouro e um chapéu de pele. O seu colar era composto por pedras azuis, cada uma delas do tamanho de um ovo de pisco. Usava anéis em vários dedos, enormes pedras ovais em pesadas montagens de ouro. Cravou a faca na comida e comeu ruidosamente, resmungando para os seus companheiros.

Mas apesar dos seus trajes elegantes, a impressão que dava era de uma perigosa petulância - os olhos injectados de sangue dardejavam em volta da sala enquanto comia, alerta a qualquer insulto, sempre pronto para uma luta.

Irritava-se com facilidade e era rápido no ataque; quando um dos pequenos cães se aproximou para comer de novo, Oliver, sem a menor hesitação, cravou-lhe a ponta da faca nos quartos traseiros; o animal deu um salto e escapou-se sala fora a ganir e a sangrar.

Lord Oliver deu uma gargalhada, limpou o sangue do cão da ponta da faca e continuou a comer.

os homens que se encontravam sentados à sua mesa partilharam a piada. pelo aspecto deles eram todos soldados, contemporâneos de CiliVer, estando todos elegantemente vestidos - embora nenhum deles se pudesse comparar com o requinte do seu líder. E três ou quatro mulheres, Jovens, lindas e impudicas, usando vestidos apertados e longos cabelos soltos, dando risadinhas enquanto as mãos se moviam descaradamente debaixo da mesa, completavam

a cena.

Kate observava toda a cena e de repente surgiu-lhe uma palavra imprevista: senhor da guerra. Era um senhor da guerra medieval, descansando junto dos seus soldados e prostitutas no castelo que acabara de capturar.

Um bastão de madeira ecoou no solo, e um arauto gritou: "Meu Senhor! Magister Edward de Johnes!" Voltando-se, viu Johnston abrindo caminho através da multidão, na direcção da mesa que se encontrava em frente.

Lord Oliver ergueu o olhar, limpando molho das bochechas com as costas da mão. "Sede benvindo, Magister Edwardus. Embora não saiba lá muito bem se sois Magister ou magicien."

"Lord. Ciliver," disse o Professor, falando em Occitan. Fez um pequeno aceno com a cabeça.

"Magister, porque é que haveis de ser tão frio", disse Oliver fingindo que suava. "Podeis crer que me feris. Que é que eu fiz para merecer tal reserva? Estais aborrecido por vos ter trazido do mosteiro? Estai tranquilo porque aqui ides comer tão bem ou melhor do que lá. De qualquer modo, o Abade não precisa de vós - e eu preciso."

Johnston manteve-se erecto e não falou.

"Não tendes nada para dizer?" disse Oliver, olhando intensamente para Johnston com um ar irritado. O seu rosto ensombrou-se. "Isso vai mudar", exclamou com um resmungo.

Johnston continuou sem mover um único músculo, silencioso.

O momento passou. Lord Oliver pareceu recompor-se. Sorriu maliciosamente. "Mas porque é que havemos de estar assim, não temos nada que discutir. Com toda a cortesia e respeito, procuro o vosso conselho", disse Oliver.

"Sois um sábio e eu tenho grande necessidade de sabedoria - pelo menos é o que estes senhores me dizem." Gargalhadas entre os convivas. "E dizem-me que sois capaz de ver o futuro."

"Nenhum homem é capaz de tal coisa", disse Johnston.

"Ah, sim? Penso que vós sois capaz, Magister. E rogo-vos, vede o vosso próprio futuro. Não gostaria de ver um homem tão distinto como vós sofrer muito. Sabeis como é que o vosso homónimo, o nosso falecido rei Edward, o Louco encontrou o seu fim? Vejo pelo vosso rosto que estais a par dos acontecimentos. E, no entanto, não fazíeis parte dos que se encontravam no castelo. E eu estava." Sorriu sinistramente, recostando-se na cadeira. "Nunca houve a menor marca no seu corpo."

Johnston acenou lentamente com a cabeça. "Os seus gritos podiam ser ouvidos a milhas de distância."

Kate olhou interrogadoramente para Marek que lhe disse num murmúrio: "Estão a falar de Edward. 11 de Inglaterra. Foi preso e assassinado. Os seus captores não queriam qualquer sinal de acção ilegal, pelo que lhe introduziram um tubo no recto através do qual enfiaram um ferro em brasa nas suas entranhas até que morreu."

Kate estremeceu.

"Também era gay", continuou Marek num murmúrio, "pelo que se julgou que o modo da sua execução demonstrou uma grande perspicácia."

"De facto, os seus gritos ouviam-se a milhas de distância", estava Oliver a dizer. "Acho que deveis pensar nisso. Sabeis muitas coisas e eu também as devo saber. Ou sois meu conselheiro ou a vossa permanencia neste mundo não será de grande duração."

Lord Oliver foi interrompido por um cavaleiro que avançou até junto da mesa e lhe murmurou qualquer coisa ao ouvido. Este cavaleiro estava ricamente vestido com trajes de tons castanho avermelhado e cinzento, mas o rosto tinha o aspecto duro de um camponês fustigado pelas intempéries. Uma cicatriz profunda, quase um vergão, corria-lhe na face desde a testa até ao queixo, desaparecendo-lhe na gola alta. Oliver ouviu, para lhe dizer em seguida: "Oh, Achais que sim, Robert?"

Foi então que o cavaleiro da cicatriz murmurou de novo, nunca tirando os olhos do Professor. Lord Oliver, enquanto ouvia, também não tirava os olhos do Professor. "Bom, veremos", disse Lord Oliver.

O cavaleiro atarracado continuava a murmurar e Oliver acenava com a cabeça.

De pé no meio da multidão, Marek voltou-se para o cortesão que se encontrava a seu lado e, falando em Occitan, disse: "Por obséquio, qual é a personagem ilustre que se encontra a falar ao ouvido de Sir Oliver?"

“Na verdade, amigo, trata-se de Sir Robert de Kere.” “De Kere?” disse Marek. “Nunca ouvi falar dele.”

“É novo no séquito, está ao serviço há menos de um ano, mas encontrou grande favor aos olhos de Sir Oliver.”

“Ah, sim? E porquê?”

O homem encolheu os ombros com um ar ausente como se dissesse “Quem sabe porque é que as coisas acontecem na mesa grande?” Mas respondeu: “Sir Robert tem qualidades marciais e foi para Sir Oliver um conselheiro de confiança em assuntos de guerra.” O homem baixou o tom de voz. “Mas é evidente que não pode ter prazer em ver outro conselheiro, e um tão eminente, como o que se encontra agora perante ele.”

“Ah”, respondeu Marek acenando com a cabeça. “Compreendo.”

Não havia dúvida de que Sir Robert parecia estar a fazer pressão na sua exposição, murmurando urgentemente, até que finalmente Oliver fez um pequeno gesto de estalar de dedos com uma das mãos, como se quisesse afastar um mosquito. Instantaneamente o cavaleiro fez uma vénia e recuou, colocando-se atrás de Sir Oliver.

Oliver disse: “Magister.” “Meu Senhor.”

“Fui informado de que conheceis o método do Fogo Grego.”

No meio da multidão Marek resmungou. Murmurou para Kate: “Ninguém conhece isso.” E ninguém conhecia. O Fogo Grego era um enigma historicamente famoso, uma arma incendiária de poderes devastadores do século sexto, cuja natureza exacta continuava a ser discutida nos nossos dias. Ninguém sabia ao certo o que era realmente o Fogo Grego, ou como era feito.

“Sim”, disse Johnston. “Eu conheço esse método.”

Marek ficou boquiaberto. Que raio era aquilo? Não havia a menor dúvida de que o Professor reconheceria um rival mas era um jogo muito perigoso para ser jogado. Sem dúvida que lhe iriam pedir para o provar.

“Podeis fazer o Fogo Grego?” perguntou Oliver. “Meu Senhor, posso.”

“Ah”, Oliver voltou-se para trás e lançou um olhar de relance a Sir Robert. Segundo parecia, o conselheiro de confiança tinha dado um conselho errado. Oliver voltou-se de novo para o Professor.

“Não será difícil”, disse o Professor, “se tiver os meus assistentes.”

Com que então era isso, Pensou Marek. O Professor estava a fazer promessas numa tentativa de os juntar todos.

“Eh? Assistentes? Tendes assistentes?”

“Com efeito meu Senhor, e...”

“Bom, é evidente que vos podem assistir, Magister. E se não o fizerem, forneceremos tudo de que possais necessitar. Não vos preocupeis. E sobre o Fogo do Orvalho - o fogo de Nathos? Também o conheceis?”

“Também meu Senhor.”

“E sereis capaz de o demonstrar na minha presença?” “Quando quiserdes, meu Senhor.”

“Muito bem, Magister. Muito bem.” Lord Oliver fez uma pausa, olhando intensamente para o Professor. “E também conheceis o segredo que desejo acima de qualquer outra coisa?”

“Sir Oliver, esse segredo eu não conheço.”

“Conheceis! E ides responder-me!” gritou, batendo violentamente com uma taça na mesa. O seu rosto estava de um vermelho intenso, com as veias a latejar na testa; a sua voz ecoou no salão, que de repente ficou num silêncio absoluto. “Terei essa resposta hoje!” Um dos cães que se encontrava na mesa aninhou-se receoso; bateu-lhe com as costas da mão, enviando-o a ganir para o chão. Quando a rapariga que se encontrava a seu lado começou a protestar, praguejou e esbofeteou-a violentamente no rosto, fazendo com que ela caísse de costas juntamente com a cadeira. A rapariga

não produziu qualquer som nem se mexeu. Permaneceu imóvel com os pés no ar.

“Oh, estou indignado! Estou terrivelmente indignado”, rugiu Lord Oliver ao mesmo tempo que se levantava. Olhou irritadamente à sua volta, a mão no punho da espada, os olhos varrendo o grande salão como se procurasse um culpado.

Toda a gente que se encontrava no salão ficou silenciosa, sem se mexer, olhando para os pés. Era como se toda a vida no salão tivesse parado e só Sir Oliver se pudesse mover. Bufou enfurecido e finalmente desembainhou a espada, batendo com ela violentamente na mesa. Pratos e taças saltaram e entrecrocaram-se, ao mesmo tempo que a espada se cravava na madeira.

Oliver olhou intensamente para o Professor, mas estava a conseguir adquirir controlo ao mesmo tempo que a sua fúria se ia desvanecendo. “Magister, íreis cumprir as minhas ordens!” gritou. Em seguida acenou para os guardas. “Levem-no, e dai-lhe razões para meditar.”

Violentemente os guardas agarram o Professor e arrastaram-no através da multidão silenciosa. Kate e Marek afastaram-se para o lado quando ele passou, mas o Professor não os viu.

Lord Oliver olhou para o salão em silêncio. “Sentai-vos e diverti-vos”, rugiu irado, “antes que eu perca a cabeça!”

Imediatamente os músicos começaram a tocar e o ruído da multidão encheu o salão.

Pouco tempo depois Robert de Kere saiu apressadamente do salão, seguindo o Professor. Marek pensou que a sua partida súbita não representava nada de bom. Fez um sinal a Kate, indicando que deviam seguir de Kere. Dirigiam-se em direcção à porta quando o arauto bateu mais uma vez com o bastão no soalho.

“Meu Senhor! Lady Claire de Eham e o Senhor Christopher de Hewes.” Detiveram-se. “Porra”, exclamou Marek

Uma bela e jovem mulher entrou no salão, com Chris Hughes caminhando a seu lado. Chris envergava agora ricos trajes de

fidalgo. Parecia muito distinto - e muito confuso.

Mantendo-se ao lado de Kate, Marek bateu com o dedo no auricular e „murmurou: “Chris, enquanto permaneceres neste salão, não fales nem actues. Compreendes?”

Chris acenou levemente com a cabeça.

“Comporta-te como se não estivesses a compreender nada. É capaz de não ser muito difícil.”

Chris e a mulher atravessaram a multidão e caminharam directamente para a mesa grande, onde Lord Oliver observava a sua aproximação com um ar nitidamente aborrecido. A mulher viu isso, prostrou-se permanecendo nessa atitude, rente ao solo, a cabeça dobrada em submissão.

“Vá lá, vá lá”, disse Lord Oliver irritadamente gesticulando com uma baqueta. “Essa atitude não vos fica bem.”

“Meu Senhor.” Pôs-se de pé.

Oliver resfolegou. “E o que é que me trazeis hoje? Mais alguma conquista deslumbrante?”

“Se for do agrado do meu Senhor, apresento-lhe Christopher de Hughes, um fidalgo do Eire, que me salvou de vilões que hoje me teriam raptado ou feito ainda pior.”

“Eh? Vilões? Raptada?” Divertido, Lord Oliver olhou para os cavaleiros que se encontravam sentados à sua mesa. “Sir Guy? O que é que me dizeis?”

Um homem de compleição escura levantou-se irritadamente. Sir Guy de Malegant vestia completamente de negro - cota de armas em negro e uma túnica negra, com uma águia negra bordada no peito. “Meu Senhor, receio que esta dama se esteja a divertir à nossa custa. Ela sabe perfeitamente que enviei os meus homens para a salvar, ao ver que se encontrava só e em aflicção.” Sir Guy caminhou na direcção de Chris, olhando para ele intensamente. “E este homem, meu Senhor, que a colocou em risco de vida. Não compreendo como é que ela agora o possa defender, a não ser que isso prove a sua inteligência fora de comum.”

“Eli?” exclamou Oliver. “Inteligência? Lady Claire, que inteligência está aqui?”

A mulher encolheu os ombros. “Só os sem inteligência, meu Senhor, são capazes de ver inteligência onde ela não existe.”

O cavaleiro negro resmungou. “Palavras rápidas para esconder rapidamente aquilo que se esconde por detrás.” Malegant caminhou na direcção de Chris até ficarem frente a frente, a poucos centímetros de distância. Olhou-o intensamente enquanto lentamente, de modo deliberado, começou a tirar a luva de malha de aço. “Senhor Christopher, é assim que sois chamado?”

Chris não disse nada, apenas acenou com a cabeça.

Chris sentia-se aterrorizado. Encurralado numa situação que não compreendia, permanecendo num salão cheio de soldados sedentos de sangue, que não eram melhores do que qualquer gang de rua, e enfrentando este escuro e irritado homem cujo hálito fedia a dentes podres, alho e vinho - era tudo aquilo que ele podia fazer para impedir que os seus joelhos batessem um no outro.

Pelos auriculares, ouviu Marek que lhe dizia: “Não fales - aconteça o que acontecer.”

Sir Guy olhou malevolamente para ele. “Fiz-lhe uma pergunta, senhor. Será que posso ter uma resposta?” Ainda estava a tirar a luva e Chris teve a certeza de que estava quase a atingi-lo com o seu punho nu.

Marek disse: “Não fales.”

Chris sentia-se encantado por seguir esse conselho, Inspirou profundamente, tentando controlar-se. Sentia as pernas trémulas, como se fossem de borracha. Teve a sensação de que poderia desmaiar na frente daquele homem. Fez o melhor que soube para se manter firme. Outra inspiração profunda.

Sir Guy voltou-se para a mulher. “Senhora, será que ele fala, o vosso fidalgo salvador? Ou só é capaz de suspirar?”

“Sabei, Sir Guy, que ele vem de terras longínquas, e muitas vezes não compreende a nossa língua.”

“Dic mihí nomen tuum, scutarí.” Diz-me o teu nome. “Receio que também não fale Latim, Sir Guy.”

Malegant tinha um ar indignado. “Cômmodissime. Muito conveniente, este fidalgo mudo porque assim não lhe podemos perguntar como é que chegou até aqui e com que finalidade. Este fidalgo irlandês encontra-se muito longe de casa. E no entanto não é um peregrino. Não está em serviço. O que é que ele é? Porque é que está aqui? Vede como ele treme. O que é que ele pode reçar? Nada da nossa parte, meu Senhor - a não ser que seja um dos homens de Arnaut, enviado para ver como é que as coisas estão. Isso faria com que se tornasse mudo. Um covarde não se atreveria a falar.”

Marek sussurrou: “Não respond ...”

Malegant empurrou Chris violentamente no peito. “Então, covarde fidalgo, afirmo que sois um espião e um miserável, e que não sois homem suficiente para admitir a vossa causa. Sentiria desprezo por vós se não estivésseis tão abaixo disso.”

O cavaleiro concluiu tirando a luva e, abanando a cabeça com irritação, deixou-a cair no solo. A luva em malha de aço aterrou com um som cavo nos dedos dos pés de Chris. Sir Guy voltou-lhe as costas com um modo insolente e começou a dirigir-se para a mesa.

Toda a gente que se encontrava no salão tinha os olhos postos em Chris. Ao lado dele Claire murmurou: “A luva ...”

Olhou para o lado dela, “A lu va!”

O que é que se passava com a luva? Pensou para consigo ao mesmo tempo que se baixava e pegava nela. Estendeu a luva a Claire mas esta já se voltara, dizendo: “Cavaleiro, o fidalgo aceitou o vosso desafio.”

Chris pensou “Que desafio?”

Sir Guy disse imediatamente: “Três lanças sem ponta, à outrance.” Marek disse: “Desgraçado, tens ideia daquilo que acabaste de fazer?”

Sir Guy voltou-se para Lord Oliver na mesa grande. "Meu Senhor, peço-vos que o dia de torneio comece com o nosso combate de desafio."

"Assim será feito", disse Oliver.

Sir Daniel avançou por entre a multidão e fez uma vénia. "Meu Senhor Oliver, a minha sobrinha está a levar esta brincadeira demasiado longe, sem resultados válidos. É possível que se divirta a ver Sir Guy, um cavaleiro de renome, desafiado em combate por um mero fidalgo, o que só o irá desonrar. Sir Guy só irá ser prejudicado se se deixar arrastar pela sua artimanha."

"Ah sim?" disse Lord Oliver, olhando para o cavaleiro negro.

Sir Guy Malegant cuspiu no chão. "Um fidalgo? Olhai aquilo que vos digo, não é fidalgo nenhum. É um cavaleiro disfarçado, um tratante e um espião. A sua astúcia terá a sua recompensa. Vou desafiá-lo hoje mesmo."

Sir Daniel disse: "Com todo o respeito, meu Senhor, acho que tudo isto deverá ser evitado. Não passa de um fidalgo sem importância, com pouco treino nas armas, e de modo nenhum um rival para o vosso valente cavaleiro."

Chris ainda estava a tentar compreender o que é que se estava a passar, quando Marek se adiantou, falando uma língua estrangeira que soava um pouco como o Francês, embora com certas diferenças. Calculou que fosse Occitan. Chris ouviu a tradução nos auriculares.

"Meu Senhor", disse Marek, curvando-se suavemente, "este nobre senhor diz a verdade. O fidalgo Christopher é meu companheiro, mas não é um guerreiro. Por uma questão de justiça, peço-vos que concedais permissão a Christopher para nomear um campeão que o represente neste desafio."

"Eh? Campeão? Que campeão? Não vos conheço."

Chris viu que Lady Claire observava Marek com um interesse evidente. Teve uma leve troca de olhares antes de responder a Oliver.

“Sabei meu Senhor que sou Sir André de Marek, ultimamente de Hainaut. Ofereço-me como seu cmpeão e, se Deus o permitir, darei boa conta com este nobre cavaleiro.”

Lord OliVer esfregou o queixo, pensativo.

Vendo a sua indecisão, Sir Daniel adiantou-se mais uma vez. “Meu Senhor, começar o vosso torneio com um combate desigual não melhora o dia nem o tornará inesquecível na memória dos homens. julgo que de Marek será um melhor competidor.”

Lord Oliver voltou-se para Marek, para ver o que é que ele diria a este respeito.

“Meu Senhor,” disse Marek, “se o meu amigo Christopher é um espião, então eu também o sou. Ao difamá-lo, Sir Guy também me difamou, e peço-vos permissão para defender o meu bom nome.”

Lord Oliver parecia divertido com esta nova complicação. “Que é que me dizeis, Guy?”

“Por minha fé”, disse o cavaleiro negro, “concedo que este De Marek poderá ser um valoroso subordinado, se o seu braço tiver tanta perícia como a sua língua. Mas como subordinado deverá combater com o meu subordinado, Sir Charles de Gaune.>)

Um homem de elevada estatura que se encontrava na extremidade da mesa levantou-se. Tinha o rosto pálido, nariz achatado e olhos rosados; parecia-se com um pit bull {\*}. O seu tom era agressivo ao dizer: “Terei o maior prazer em representar-vos.”

Marek fez uma última tentativa. “Pelos vistos”, disse, “parece que Sir Guy receia combater comigo em primeiro lugar.”

Ao ouvir isto, Lady Claire sorriu abertamente para Marek. Mostrava-se claramente interessada nele. E isto parecia aborrecer Sir Guy.

“Não receio qualquer homem”, disse Guy, “e ainda menos um qualquer Hainauter. Se conseguirdes sobreviver ao meu subordinado - o que me traz muitas dúvidas - então terei muito prazer em combater convosco logo a seguir, e terminar de vez com a vossa insolência.”

“Pois que assim se faça”, disse Lord Oliver, e voltou-lhes as costas. O seu tom de voz indicava que a discussão chegara ao fim.

32:16:01

Os cavalos revolteavam e carregavam, passando velozmente um pelo outro no campo relvado. O terreno estremecia quando os grandes animais trovejavam ao passarem por Marek e Chris, que se encontravam de pé junto da pequena vedação, observando os treinos de carga. Para Chris, o campo de torneios era enorme - o tamanho de um campo de futebol - e de ambos os lados os pavilhões haviam sido completados e as damas começavam a sentar-se. Espectadores surgidos dos campos, grosseiramente vestidos e ruidosos, alinhavam-se ao longo da vedação.

Outro par de cavaleiros carregou, os cavalos a resfolegar enquanto galopavam. Marek disse: “Como é que te safas a cavalo?”

Ele encolheu os ombros. “Já cavalguei com Sophie.”

“Se é assim, acho que consigo manter-te vivo, Chris”, disse Marek. “Mas tens que me prometer que vais fazer exactamente como eu te disser.”

“Tudo bem.”

“Até agora não tens feito aquilo que eu te digo. Mas desta vez é fundamental que o faças.”

“Okay, okay.”

“Tudo aquilo que tens que fazer”, disse Marek, “é permanecer montado no cavalo o tempo suficiente para receberes o impacto. Sir Guy não terá outra escolha, vendo-se obrigado a apontar-te ao peito ao ver como montas mal, porque o peito é o alvo maior e mais firme para um cavaleiro a galope. Quero que recibas o impacto da lança no peito, directamente na placa de protecção do peito. Estás a compreender?”

“Recebo o impacto da lança no peito”, disse Chris, aparentando um ar muito infeliz.

“Quando receberes a pancada da lança no peito, deixa-te desmontar. Não será muito difícil. Deixa-te cair ao chão e não te mexas, para dar a ideia de que desmaiaste. Aconteça o que acontecer, nem sequer tentes pôr-te de pé. Estás a compreender?”

“Não me posso levantar.”

“Exactamente. Aconteça o que acontecer, não te mexes e continuas ali deitado. Se Sir Guy te desmontar e estiveres inconsciente, o combate terminou. Mas se te levantares, ele pede outra lança, ou lutará contigo a pé com montantes, e mata-te.”

“Não me levanto”, repetiu Chris.

“Exactamente”, respondeu Marek. “Aconteça o que acontecer. Não te levantes.” Deu uma palmada no ombro de Chris. “Vais ver como, com um bocadinho de sorte, consegues sobreviver sem problemas.”

“Valha-me Deus”, exclamou Chris.

Mais cavalos à carga passaram por eles, fazendo estremecer o solo.

Deixando o campo para trás, passaram entre as inúmeras tendas montadas em torno do terreno dos torneios. As tendas eram pequenas e redondas, totalmente ornamentadas com riscas e ziguezagues em cores vivas. Flâmulas esvoaçavam no ar por cima de cada tenda. Os cavalos estavam amarrados no exterior. Pagens e escudeiros corriam de um lado para o outro, transportando armaduras, selas, feno e água. Vários pagens rolavam barris pelo terreno. Os barris produziam um som parecido com um sibilar suave.

“É areia”, explicou Marek. “Esfregam as cotas de malha com areia para tirar a ferrugem.”

“Uh-huh.” Chris tentava concentrar-se nos detalhes para não pensar naquilo que estava para vir. Mas tinha a sensação de que caminhava para a sua própria execução.

Entraram numa tenda onde aguardavam três pajens. Um fogo acolhedor ardia num dos cantos; a armadura estava colocada num

pano estendido no solo. Marek inspeccionou-a rapidamente e em seguida disse: "Está ótima." Voltou-se para sair.

"Onde é que vais?"

"Para outra tenda para me vestir." "Mas eu não sei como ..."

"Os pajens é que te vão vestir", disse Marek, e saiu.

Chris olhou para a armadura disposta em peças no solo, em especial para o elmo que tinha uma daquelas viseiras em bico, dando a ideia de um enorme pato. Havia apenas uma pequena frincha para os olhos. Mas ao lado dele havia um outro elmo com um aspecto mais vulgar, e Chris pensou que...

"Meu bom senhor, se estais pronto." O chefe dos pajens, levemente mais velho e melhor vestido do que os outros, estava a falar com ele. Era um rapaz com cerca de catorze anos. "Peço-vos que fiquéis aqui." Apontou para o centro da tenda.

Chris fez aquilo que lhe pediam, sentindo muitas mãos a percorrerem-lhe o corpo. Rapidamente tiraram-lhe todas as roupas, deixando-o apenas de camisola interior e calções, e em seguida ouviu murmúrios de preocupação quando viram o seu corpo.

"Haveis estado doente, meu senhor?", perguntou um deles. "Uh, acho que não ..."

"Uma febre ou uma doença que tenha enfraquecido o vosso corpo, deixando-o como o vemos agora?"

"Não", disse Chris, franzindo as sobrancelhas.

Começaram a vesti-lo, não dizendo nada. Primeiro uma protecção para as pernas em feltro espesso e em seguida uma camisola interior de manga comprida e fortemente acolchoada que abotoava na frente. Disseram-lhe para tentar dobrar os braços. O tecido era tão espesso que mal o conseguia fazer.

"Está muito rijo porque ainda não foi lavado, mas dentro em breve será mais fácil", disse um deles.

Chris pensava que não seria exactamente assim. Santo Deus, pensou ele, mal me consigo mexer e ainda não me colocaram a

armadura. Agora estavam a afivelar-lhe placas de metal nas coxas, barriga das pernas e joelhos. Em seguida continuaram com os braços. Sempre que lhe colocavam uma peça pediam-lhe para mover os membros, para terem a certeza de que as correias não estavam muito apertadas.

Em seguida uma cota de malha foi descida sobre a sua cabeça. Sentiu o peso sobre os ombros. Enquanto a placa do peito estava a ser colocada no seu lugar, o chefe dos pajens fez-lhe uma série de perguntas, a nenhuma das quais Chris foi capaz de responder.

“Sentais-vos direito ou usando o arção?”

“Baixais a lança para o ataque ou usais a lança apoiada?”  
“Agarrais o arção ou cavalgais livre?”

“Os estribos baixos ou puxados à frente?”

Chris produziu ruídos fingindo que respondia às perguntas. Entretanto mais peças da armadura eram acrescentadas com mais perguntas.

“Sabaton solto ou firme?” “Guarda braçal ou placa lateral?”  
“Montante à esquerda ou à direita?” “Quer usar bacinete por baixo do elmo?”

Sentia uma enorme sobrecarga à medida que mais peso era acrescentado e incrivelmente rígido à medida que cada junta era protegida por metal. Os pagens trabalharam rapidamente e em poucos minutos estava completamente vestido. Afastaram-se um pouco e inspeccionaram-no meticulosamente. “Estais bem, senhor?”

“Assim é”, respondeu ele.

“Agora o elmo.” Neste momento já usava uma espécie de protecção metálica do crânio, mas agora traziam-lhe o elmo de viseira pontiaguda e colocaram-lho sobre a cabeça. Chris estava mergulhado na escuridão e sentiu o peso do elmo nos ombros. Só conseguia ver o que se encontrava directamente à sua frente, através da fenda horizontal para os olhos.

O seu coração começou a bater desordenadamente. Sentia falta de ar. Não conseguia respirar, tentando levantar a viseira, mas

esta não se mexeu. Estava encurralado. Ouviu a sua respiração, amplificada pelo metal. O seu hálito quente aquecia o espaço apertado do elmo. Sentia-se sufocar. Não havia ar. Agarrou no elmo, tentando tirá-lo.

Os pajens tiraram-lhe o elmo da cabeça e olharam para ele curiosamente. "Está tudo bem, senhor?"

Chris tossiu e acenou com a cabeça, não conseguindo falar. Nunca mais queria aquela coisa na cabeça. Mas já estavam a conduzi-lo para fora da tenda, para junto de um cavalo que o aguardava.

Valha-me Deus, pensou.

Este cavalo era monstruoso, e coberto por mais metal do que aquele que ele usava. Via-se uma placa decorada que protegia a testa do animal, e mais Placas no peito e nos lados. Mesmo com a armadura, o animal estava irrequieto e cheio de energia, resfolegando e puxando as rédeas que o pajem segurava. Era um verdadeiro cavalo de guerra, um corcel de batalha, e era muito Mais fioso do que qualquer cavalo que alguma vez tivesse montado. Mas não era isso que o preocupava. Aquilo que o preocupava era o tamanho - o raio do cavalo era tão grande que não conseguia ver por cima dele. E a sela de madeira estava levantada, tornando tudo ainda mais alto. Os pajens olhavam todos para ele com um ar de expectativa. Esperando por ele. Para fazer o quê? Provavelmente para o ajudarem a montar,

Como é que eu, uh ..."

Pestanejaram surpreendidos. O chefe dos pajens deu um passo em frente e disse suavemente: "Colocai aqui a vossa mão senhor, agarrando a madeira,

e içai-vos ..."

Chris estendeu a mão, mas dificilmente conseguia agarrar o arção, um rectângulo de madeira esculpida na parte da frente da sela. Fechou os dedos em torno da madeira e em seguida ergueu o

joelho, enfiando o pé no estribo..." "Um, é capaz de ser melhor o pé esquerdo, senhor."

Evidentemente. Pé esquerdo. Ele sabia isso; estava apenas tenso e confuso. Sacudiu o estribo para libertar o pé direito. Mas a armadura ficara presa no estribo; inclinou-se desajeitadamente para a frente, usando as mãos para se conseguir libertar do estribo. Continuava preso. Finalmente, quando se conseguiu libertar, perdeu o equilíbrio e caiu de costas junto dos cascos traseiros do cavalo. Os pajens horrorizados puxaram-no rapidamente para o colocarem a salvo.

Puseram-no de pé e em seguida ajudaram-no a montar. Sentiu mãos que lhe empurravam as nádegas, enquanto o erguiam no ar a balançar de um lado para o outro - Jesus, como aquilo era difícil - aterrando com um baque seco na sela.

Chris olhou para baixo, para o solo, muito lá em baixo. Logo que ficou montado, o cavalo começou a relinchar e a abanar a cabeça, voltando-se para um lado e para o outro e procurando morder as pernas de Hughes e os pés enfiados nos estribos. Pensou: O estupor do cavalo está a tentar morder-me.

"Rédeas, senhor! Rédeas! Dorninai-o com as rédeas!"

Chris puxou as rédeas. O enorme cavalo não prestou qualquer atenção, puxando com força e continuando a tentar mordê-lo.

"Mostre-lhe senhor! Com firmeza!"

Chris puxou as rédeas com tanta violência que pensou ter quebrado o pescoço do animal. Nesta altura o cavalo resfolegou uma última vez e olhou em frente, de repente acalmado.

"Muito bem, senhor."

Trombetas tocaram várias notas longas.

"É a primeira chamada às armas", disse o pajem. "Temos que seguir para o terreno do torneio."

Pegaram nas rédeas do cavalo e conduziram Chris para o campo relvado.

36:02:00

Era uma da manhã. Do interior do seu gabinete na ITC, Robert Doniger olhava para a entrada da cave, iluminada à noite pelas luzes intermitentes de seis ambulâncias estacionadas em volta. Ouvia o crepitar dos rádios dos paramédicos e observou as pessoas que deixavam o túnel. Viu Gordon que saiu acompanhado daquele novo miúdo, Stern. Nenhum deles parecia estar ferido.

Viu Kramer reflectida no vidro da janela quando ela entrou na sala pela porta que se encontrava atrás dele. Estava levemente arquejante. Sem olhar para trás na direcção dela, perguntou: "Quantos é que ficaram feridos?". "Seis. Dois com certa gravidade."

"Até que ponto?"

"Ferimentos com estilhaços. Queimaduras por inalação tóxica."

"Então terão que ir para o UH." Queria dizer o University Hospital, em Albuquerque.

"Sim", respondeu Kramer. "Mas já lhes dei instruções sobre aquilo que podem dizer. Acidente de laboratório e toda a história relacionada com esse tipo de casos. E já telefonei para o Whittle no UH, recordando-lhe o nosso último donativo. Estou convencida de que não deverá haver problemas."

Doniger continuava a olhar pela janela. "É capaz de haver", respondeu. "A gente das Relações Públicas podem tomar conta disso."

"Talvez não seja assim tão simples."

Nos últimos anos a iTC organizara um departamento de publicidade com posto por vinte e seis pessoas distribuídas por todo o mundo. O seu trabalho não era conseguir publicidade para a companhia mas, em vez disso, deflecti-la. A ITC, explicavam a toda a gente que o perguntasse, era uma companhia que Produzia dispositivos quânticos supercondutores para magnetómetros e scanners médicos. Estes dispositivos eram compostos por um elemento electromecânico complexo com cerca de seis polegadas de

comprimento. Os comunicados à imprensa eram terrivelmente entediantes, com toneladas de especificações quânticas.

Para os raros repórteres que se conseguissem interessar, a iTC programava entusiasticamente uma visita guiada às suas instalações do Novo México. Os repórteres eram levados a laboratórios de investigação previamente escolhidos. Em seguida, numa grande sala de reuniões, mostrava-se como os dispositivos eram feitos - a bobina do gradiómetro montada no criostato, com a blindagem supercondutora e os condutores eléctricos no exterior. As explicações referiam as equações de Maxwell e o momento de carga eléctrica. Quase invariavelmente os repórteres abandonavam as suas histórias. Nas palavras de um deles: "Desperta quase tanto interesse como uma linha de montagem para secadores de cabelo."

Deste modo, Doniger conseguira manter o silêncio sobre a mais extraordinária descoberta científica de finais do século XX. Em parte este silêncio era uma questão de autopreservação: outras companhias, como a 113M e a Fujitsu, haviam iniciado a sua própria investigação quântica, e embora Doniger tivesse um avanço de quatro anos sobre eles, era no seu interesse que eles não sabiam exactamente até onde é que tinha ido.

Também estava consciente de que o seu plano ainda não se encontrava completo e precisava de manter o assunto em segredo para conseguir acabar. Como ele tantas vezes dizia, sorrindo como um miúdo: "Se as pessoas soubessem realmente aquilo que se está a preparar, tenho a certeza de que haviam de fazer tudo para nos deter."

Mas, ao mesmo tempo, Doniger tinha perfeita consciência de que não conseguiria manter o segredo para sempre. Mais cedo ou mais tarde, talvez por acidente, iria aparecer tudo à superfície. E, quando isso acontecesse, dependia dele controlar os acontecimentos.

A questão na mente de Doniger era a de saber se já estaria a acontecer naquele momento.

Ficou a olhar enquanto as ambulâncias se afastavam com as sirenes a gemer. “Pense nisso”, disse a Kramer. “Há duas semanas, esta companhia era completamente estanque. O nosso único problema era a história do repórter francês. Em seguida tivemos o caso de Traub. Este pobre filho da mãe deprimido ia colocando toda a companhia em risco. A morte de Traub trouxe-nos a chatice do polícia de Gallup, que continua a meter o nariz onde não deve. Em seguida Johnston logo seguido pelos seus quatro estudantes. E agora seis técnicos, enviados para o hospital. já está a ser gente de mais, Diane. Demasiada exposição.”

“Acha que estamos a perder o controlo das coisas”, disse ela. „Possivelmente”, respondeu. “Mas não acontecerá se eu o puder evitar. Especialmente se considerarmos que temos três potenciais membros do conselho de administração a chegarem depois de amanhã. Procuremos então voltar ao silêncio.”

Ela acenou com a cabeça. “Estou convencida de que somos capazes de controlar isto.”

“Okay”, disse, afastando-se da janela e virando-se para ela. “Verifique que o Stern vai para a cama num dos quartos que se encontram disponíveis. Certifique-se de que ele dorme, e mande colocar um bloqueio no telefone. Amanhã quero que Gordon se cole a ele. Proporcione-lhe uma volta pelas instalações ou qualquer coisa no gênero. Mas não o larguem. Quero uma convocação de uma conferência com a malta das Relações Públicas para amanhã às oito. Quero um briefing sobre a plataforma de trânsito para amanhã às nove. E quero esses chatos dos media para amanhã ao meio-dia. Telefone agora a toda a gente para que estejam preparados.”

“Certo”, disse ela.

“Talvez não seja capaz de conseguir manter tudo isto sob controlo”, disse Doniger, “mas raios me partam se não o vou tentar.”

Franziu as sobrelhas na direcção do vidro, vendo as pessoas que se amontoavam às escuras no exterior do túnel. “Quanto tempo até que possam regressar à cave?”

“Nove horas.”

“E em seguida podemos montar uma operação de salvamento? Mandar outra equipa de volta?”

Kramer tossiu. “Bom ...”

“Estás doente? Ou isso quer dizer não?”

“Todas as máquinas foram destruídas na explosão, Bob”, disse ela. “Todas?”

“Acho que sim. Todas,>

“Então a única coisa que nos resta é reconstruirmos a plataforma e ficarmos para aqui a roer as unhas à espera de que consigam regressar inteiros?” “Sim, é isso exactamente. Não temos qualquer meio de os safarmos.” “Então esperemos que eles saibam aquilo que estão a fazer”, disse Doniger,

“Porque estão por sua conta. Vão precisar de uma porra de uma sorte do caracas.”

31:40:44

Através da pequena fenda do visor do seu elmo, Chris conseguia ver que os pavilhões construídos para o torneio se encontravam cheios - quase na sua totalidade de senhoras - e as vedações no terreno de camponeses com dez de fundo. Toda a gente gritava para que o torneio começasse. Chris encontrava-se agora no extremo leste do campo, rodeado pelos seus pajens, tentando controlar o cavalo, que parecia nervoso com os gritos da multidão, tendo começado a saltar e a recuar. Os pajens tentaram entregar-lhe uma lança nua, que era absurdamente longa e que parecia desajeitada nas suas mãos. Chris pegou nela e em seguida atrapalhou-se quando o cavalo começou a resfolegar e a escarvar debaixo dele.

Para lá da barreira viu Kate que se mantinha entre a gente do povo. Sorria encorajadoramente para ele, mas o cavalo não parava quieto e não conseguiu devolver-lhe o olhar.

E não muito distante viu Marek envergando uma armadura e rodeado de pajens.

Quando o cavalo de Chris se voltou mais uma vez - porque é que os pajens não seguravam as rédeas? - avistou o outro extremo do campo, onde Sir Guy de Malegant se mantinha calmamente na sua montada. Estava a colocar o seu elmo enfeitado com plumas negras.

O cavalo de Chris começou a saltar mais uma vez, fazendo com que andasse em círculos. Ouvia mais trombetas e todos os espectadores olharam para os pavilhões. Teve a noção de que Lord Oliver estava a ocupar o seu lugar, no meio de alguns aplausos.

E logo em seguida as trombetas soaram mais uma vez.

“Senhor, é o vosso sinal”, disse um dos pajens. Desta vez conseguiu segurá-la o tempo suficiente para a apoiar no arçã, de modo a cruzar o lombo do cavalo e apontar para a sua esquerda. Nessa altura o cavalo rodopiou mais uma vez e os pajens gritaram e fugiram em todas as direcções quando a lança se moveu em arco sobre as suas cabeças.

Mais trombetas.

Vendo com extrema dificuldade, Chris puxou as rédeas, tentando manter o cavalo sob controlo. Avistou de relance Sir Guy, no outro extremo do campo, limitando-se a observar, o cavalo perfeitamente imóvel. Chris queria acabar com aquilo o mais depressa possível, mas o seu cavalo estava extremamente irrequieto. Irritado e frustrado puxou as rédeas uma última vez com extrema violência. “Porra, queres avançar ou não?”

Neste momento o cavalo ergueu e baixou a cabeça em dois movimentos suaves. Deixou cair as orelhas.

E avançou à carga.

Marek sentia-se extremamente tenso enquanto observava a carga. Não dissera tudo a Chris; não havia o menor interesse em estar a aterrorizá-lo mais do que o necessário. Mas não havia a menor dúvida de que Sir Guy tentaria matar Chris, o que queria dizer que iria apontar a lança à cabeça. Chris oscilava descontrolado na sela, a lança oscilando para a esquerda e para a direita, o corpo

oscilando de lado para lado. Era um alvo difícil, mas se Guy fosse especializado - e Marek não tinha a menor dúvida a esse respeito - então continuaria a apontar à cabeça, arriscando-se a falhar na primeira passagem para poder desferir o golpe fatal.

Viu Chris dobrado na direcção do solo, sustentando-se precariamente na sela. E viu Sir Guy a carregar na sua direcção, com perfeito controlo, o corpo inclinado para a frente, a lança apoiada na dobra do braço.

Bom, pensou Marek, havia pelo menos uma possibilidade de que Chris Conseguisse sobreviver.

Chris não conseguia ver grande coisa. Saltando descontroladamente na sela, tinha apenas visões imprecisas dos pavilhões, do terreno e do outro cavaleiro que se aproximava na sua direcção. Estas breves visões não lhe permitiam calcular a que distância Sir Guy se encontrava ou quanto tempo faltava para o impacto. Ouviu o troar dos cascos do seu cavalo e o resfolegar rítmico. Saltou na sela e tentou segurar a lança com firmeza. Estava tudo a demorar muito mais do que aquilo que esperara. Tinha a sensação de que cavalgava o seu cavalo há mais de uma hora.

No último instante viu Sir Guy muito próximo, correndo para ele a Inna velocidade aterradora, e nesse instante a sua lança ressaltou-lhe na mão, batendo-lhe dolorosamente no lado direito, e simultaneamente sentiu uma dor aguda no ombro esquerdo, um impacto que o fez virar-se na sela, e ouviu o crack! de madeira que se estilhaçava.

A multidão rugiu de excitação.

O seu cavalo continuou a correr em frente, até ao outro extremo do campo. Chris sentia-se aturdido. O que é que acontecera? O ombro ardia-lhe terrivelmente. A sua lança partira-se em duas.

E ele ainda estava na sela. Merda.

Marek observou o que se passara preocupado. Era pouca sorte; o impacto fora muito de lado para desmontar Chris. Agora teriam

que carregar mais uma vez. Olhou de relance para Sir Guy que praguejava enquanto pegava numa nova lança que os pajens lhe estendiam, caracoleando com o cavalo e preparando-se para carregar mais uma vez.

No outro extremo do campo Chris estava mais uma vez a tentar controlar a sua nova lança, que oscilava descontroladamente no ar parecendo um metrónomo. Finalmente conseguiu descê-la e apoiá-la na sela, mas o cavalo continuava a caracolear e a saltar.

Guy sentia-se humilhado e irritado. Estava impaciente e não esperou. Cravando as esporas, carregou na direcção do adversário.

Filho da mãe, pensou Marek.

A multidão rugiu surpreendida ao presenciar o ataque unilateral. Chris

ouviu, e verificou que Guy já cavalgava na sua direcção a toda a velocidade. O seu cavalo continuava a caracolear, indisciplinado. Puxou as rédeas e nesse instante ouviu o som de uma sapatada quando um dos cavaleiros deu uma palmada nos quartos traseiros do seu cavalo.

o cavalo relinchou. As orelhas caíram novamente. Carregou campo fora.

\* segunda carga foi pior - porque desta vez sabia o que vinha a caminho.

\* impacto atingiu-o em cheio, sentiu uma dor insuportável que se espalhava por todo o peito, enquanto se erguia completamente no ar. As coisas desenrolavam-se em câmara lenta. Viu a sela que se afastava dele, em seguida avistou os quartos traseiros do cavalo enquanto deslizava para longe dele e finalmente voltou-se de costas ficando a olhar para o céu.

Caiu de costas, embatendo violentamente no solo. A cabeça bateu contra o elmo. Viu pontos azuis brilhantes que se espalhavam e tornavam maiores, para em seguida ficarem cinzentos. Ouviu Marek dizer-lhe no auricular: "Agora não te mexas daí!"

Ouviu o som distante de trombetas enquanto o mundo à sua volta se desvanecia suavemente, e mergulhou na escuridão.

No outro extremo do campo Guy caracoleava com o cavalo, preparando-se para mais uma carga, mas as trombetas já haviam soado para o par seguinte.

Marek baixou a sua lança, esporeou o cavalo e avançou a galope. Viu o seu adversário, Sir Charles de Gaune, carregando na sua direcção. Ouviu o troar firme dos cascos do cavalo e o rugido crescente da multidão - sabiam que esta ia ser boa - enquanto avançava à carga. Este cavalo corria incrivelmente depressa. Sir Charles carregava igualmente depressa.

De acordo com os textos medievais, o grande desafio da justa não era transportar a lança ou apontar a este ou àquele alvo. O desafio era o de manter a linha de carga e não se afastar do impacto - não se deixar dominar pelo pânico que atacava quase todos os cavaleiros enquanto galopavam na direcção do adversário.

Marek lera os antigos textos, mas agora compreendia-os subitamente: sentia-se trémulo e pouco firme, fraqueza nos membros, as coxas trementes enquanto as apertava contra a montada. Fez um esforço para se concentrar, para focar o que tinha à sua frente, para alinhar a sua lança com Sir Charles. Mas a ponta da lança oscilava para cima e para baixo enquanto carregava. Ergueu-a do arçõo, apoiando-a na dobra do braço. Mais firme. A sua respiração estava melhor. Sentiu a sua força voltar. Alinhou. Faltavam agora cerca de setenta metros.

Carregando a toda a velocidade.

Viu que Sir Charles ajustava a sua lança, erguendo-a um pouco. Ia apontar à cabeça. Ou seria uma finta? Os cavaleiros de justa eram conhecidos por mudarem o seu alvo no último momento. Seria este o caso?

Cinquenta metros.

O impacto na cabeça era arriscado se essa não fosse a intenção de ambos os cavaleiros. Uma lança apontada directamente

ao tronco teria o seu impacto uma fracção de segundo antes do que no caso de uma lança apontada à cabeça: era uma questão de ângulos. O primeiro impacto faria deslocar ambos os cavaleiros, tornando o impacto na cabeça menos certo. Mas um cavaleiro treinado podia estender a lança muito à frente, tirando-a da posição de apoio na dobra do braço, conseguindo seis ou oito polegadas de comprimento extra, e permitindo assim o primeiro impacto. Era necessário ter uma enorme força de braços para absorver o instante do impacto e controlar a lança quando ela dava o coice, para que o cavalo conseguisse aguentar o embate; mas era mais provável iludir o alvo e controlar o tempo do adversário.

Quarenta metros.

Sir Charles ainda trazia a lança alta. Mas agora apoiava-a na dobra do braço, inclinando-se para a frente na sela. Agora controlava melhor a lança. Iria fintar de novo?

Trinta metros.

Ouviu o troar dos cascos, o rugido da multidão. Os textos medievais avisavam: "Não feche os olhos no momento do impacto. Mantenha os olhos abertos para dar o golpe."

Vinte metros.

Tinha os olhos abertos. Dez.

o filho da mãe ergueu a lança. Ia apontar à cabeça.

Impacto.

O estalar da madeira soou como um tiro de espingarda. Marek sentiu uma dor no ombro esquerdo que lhe subia na direcção do pescoço como um ferro em brasa. Cavalgou até ao final do campo, deixou cair os bocados da lança e pegou noutra que lhe estendiam. Mas os pajens limitavam-se a olhar para o campo atrás dele.

Olhando para trás viu que Sir Charles estava caído, jazendo no solo sem

se mexer.

E então viu Sir Guy empinando o cavalo e caracoleando em torno do corpo caído de Chris. Essa devia ser a sua solução, pensou Marek. Espezinhar Chris até à morte.

Marek voltou-se e desembainhou a espada. Ergueu-a bem alto.

Com um rugido de raiva, Marek esporeou o seu cavalo através do campo.

A multidão gritou, e bateu na vedação fazendo lembrar um rufar de tambor. Sir Guy voltou-se e viu Marek que se aproximava. Olhou de novo para Chris e esporeou o cavalo, fazendo-o andar de lado com a intenção de pisotear o corpo.

“Fora! Pora!”, gritava a multidão, e até o próprio Lord Oliver estava de pé, horrorizado.

Mas nesse momento Marek chegara junto de Sir Guy, incapaz de deter a carga e seguindo sempre em frente, gritando: “Estupor”, enquanto atingia Sir Guy na cabeça com o lado da espada. Sabia que não o ia ferir, mas era um golpe insultuoso e faria com que ele abandonasse Chris. O que ele de facto fez.

Sir Guy afastou-se imediatamente de Chris, enquanto Marek detinha o cavalo, empunhando a espada. Sir Guy tirou a espada da bainha, desferindo um golpe traiçoeiro, a lâmina a sibilar no ar. Chocou com a lâmina de Marek. Marek sentiu a sua própria espada a vibrar na mão com o impacto. Marek lançou um golpe de resposta apontando à cabeça. Guy parou o golpe; os cavalos caracoleavam; as espadas entrechocavam-se interminavelmente.

A batalha começara. E num ponto isolado da sua mente, Marek sabia que iria ser uma luta até à morte.

Kate encontrava-se junto da vedação a observar a batalha. Marek estava a aguentar, e a sua força física era superior, mas era fácil de ver que não tinha o treino de Sir Guy. Os seus golpes eram mais selvagens, a posição do seu corpo menos segura. Parecia que o sabia, e o mesmo parecia acontecer com Sir Guy, que continuava a fazer recuar o cavalo, tentando abrir espaço para golpes mais abertos. Pelo seu lado, Marek procurava aproximar-se mais,

mantendo a distância entre eles ao mínimo, como um lutador que pretende entrar

em corpo a corpo.

Mas Kate sabia que Marek não era capaz de continuar indefinidamente naquela situação. Mais cedo ou mais tarde Guy conseguiria a distância suficiente, nem que fosse só por um momento, para desferir um golpe letal.

Dentro do elmo o cabelo de Marek estava ensopado em suor. Gotas de suor escorriam-lhe pela testa, fazendo-lhe arder os olhos. Não podia fazer nada a esse respeito. Abanou a cabeça, tentando clarear a visão. Não ajudou lá muito.

Rapidamente começou a arquejar com falta de ar. Através da fenda do elmo, Sir Guy parecia incansável e implacável, sempre ao ataque, desferindo golpes repetidos num ritmo seguro denotando grande prática. Marek sabia que tinha que fazer qualquer coisa rapidamente, antes que ficasse demasiado cansado. Tinha que quebrar o ritmo do cavaleiro.

A sua mão direita, que segurava a espada, já lhe ardia por causa do exercício constante. A sua mão esquerda era forte. Porque é que não havia de usar a sua mão esquerda?

Valia a pena tentar.

Esporeando o seu cavalo Marek aproximou-se mais, até ficarem peito contra peito. Esperou até ter bloqueado uma estocada, e então, com a base da mão esquerda, desferiu uma pancada de baixo para cima no elmo de Sír Guy. O elmo saltou para trás; sentiu o agradável ruído da cabeça de Sir Guy a embater na frente do elmo.

Imediatamente Marek ergueu a espada e deu uma pancada com o botão do punho no elmo de Guy. Ouviu-se um ruído metálico, e o corpo de City estremeceu na sela. Os seus ombros descaíram momentaneamente. Marek bateu novamente, ainda com mais força. Sabia que o estava a magoar.

Mas não era o suficiente.

Demasiado tarde viu a espada de Guy sibilar num arco amplo na direcção das suas costas. Marek sentiu a brutal ferroadada, como uma chicotada que lhe atravessasse os ombros. A cota de malha tinha aguentado? Estava ferido? Desferiu um golpe com a sua lâmina na parte de trás do elmo de Guy. Este não fez nada para desviar o golpe, que ecoou fazendo lembrar um gongo. Deve estar atordoado, pensou Marek.

Marek desferiu mais um golpe, e em seguida revolteou, apresentando-se do lado contrário. Guy bloqueou a estocada, mas a força do impacto fez com que caísse para trás. Cambaleante, deslizou lateralmente na sela, tentou agarrar no arção, mas não conseguiu evitar cair no solo.

Marek voltou-se, preparando-se para desmontar. A multidão rugiu mais uma vez; olhando para trás, viu que Guy se pusera de pé rapidamente, dando a impressão de que os seus ferimentos não eram reais. Desferiu uma estocada na direcção de Marek enquanto este estava a desmontar. Marek, com um golpe ainda no estribo, parou a estocada ainda desajeitadamente, conseguiu libertar-se do cavalo, e em seguida ripostou. Sir Guy era forte, seguro de si próprio.

Marek chegou à conclusão de que a sua situação estava pior do que antes. Atacou ferozmente, mas Guy recuou facilmente, denotando grande rapidez e prática de trabalho de pés. Marek arquejava, respirando rapidamente dentro do elmo; tinha a certeza de que Guy o podia ouvir, e sabia o que é que isso significava.

Marek estava a ir-se abaixo.

Tudo aquilo que Sir Guy tinha que fazer era continuar a defender-se, até que Marek ficasse completamente exausto.

A não ser...

À sua esquerda, Chris continuava obedientemente deitado no chão. Marek continuou a atacar Guy, desviando-se para a direita a cada golpe. Guy continuava a afastar-se levemente. Mas agora Marek estava a fazer com que ele recuasse - na direcção de Chris.

Chris despertou lentamente com o ruído do entrecocar das espadas. Ainda tonto, começou a recuperar o conhecimento. Estava deitado de costas, olhando para o céu azul. Mas estava vivo. O que é que acontecera? Voltou a cabeça dentro do elmo negro. Tendo apenas uma pequena fenda para a visão, sentia-se quente, abafado e claustrofóbico.

Começou a sentir-se doente.

A sensação de náusea cresceu rapidamente. Não queria vomitar dentro do elmo. Estava muito apertado em volta da cabeça; se isso lhe acontecesse era muito capaz de se afogar no vomitado. Tinha que conseguir tirar o elmo. Continuando deitado, ergueu os braços e agarrou o elmo com ambas as mãos. Puxou por ele.

Não se mexia. Porquê? Haviam-lhe amarrado o elmo? Seria por estar deitado?

Ia vomitar. Na porra do elmo. Santo Deus.

Frenético, rolou no solo.

Marek desferia golpes com a espada desesperadamente. Atrás de Sir Guy, viu que Chris começava a mexer-se. Marek queria gritar-lhe para se deixar estar onde estava, mas não conseguia arranjar fôlego para falar.

Marek continuou a desferir golpe atrás de golpe.

Agora Chris estava a puxar o elmo, tentando tirá-lo. Guy ainda se encontrava a cerca de oito metros de Chris. Recuava quase que em passo de dança, mostrando-se divertido, enquanto ia parando facilmente os golpes de Marek.

Marek sabia que chegara quase ao limite das suas forças. As suas estocadas eram incrivelmente fracas. Guy ainda se mostrava forte e enérgico. Limitando-se a recuar e a parar os golpes. Aguardando a sua oportunidade. Quatro metros.

Chris rolara sobre o estômago, e agora estava a tentar pôr-se de pé. Estava de gatas. Com a cabeça caída. Então ouviu-se nitidamente um som de vomitar. Guy também o ouviu, voltou um pouco a cabeça para olhar...

Marek avançou de repente, dando-lhe uma cabeçada na placa do peito, e Guy recuou atabalhoadamente, tropeçou em Chris, e estatelou-se no solo. Malegant rolou rapidamente no solo, mas Marek já estava em cima dele,

colocando o pé sobre a mão direita de Guy para lhe imobilizar a espada no solo, e em seguida colocou o outro pé no ombro oposto. Marek empunhava a espada bem alto, pronto para a mergulhar.

A multidão ficou silenciosa.

Guy não se moveu.

Lentamente Marek baixou a espada, cortou as correias do elmo de Guy, e empurrou este para trás com a ponta da lâmina. A cabeça de Guy ficara exposta. Marek viu que ele sangrava abundantemente da orelha esquerda.

Guy olhou intensamente para ele e cuspiu.

Marek voltou a erguer a espada. Estava cheio de raiva, suor que lhe fazia arder os olhos, braços que lhe ardiam, a vista enevoada, com olhos injectados de sangue por causa da fúria e da exaustão. Apertou as mãos com força, preparando-se para desferir um golpe de alto a baixo e separar a cabeça do corpo. Guy apercebeu-se disso.

“Piedade!” Gritou-o em voz alta, de modo a que toda a gente o ouvisse.

“Peço piedade!” gritou. “Em nome da Santíssima Trindade e da Virgem Maria! Piedade! Piedade!”

A multidão estava silenciosa, Na expectativa.

Marek não sabia bem aquilo que havia de fazer. Num canto da sua mente havia uma voz que dizia, Mata esse filho da mãe ou ainda te vens a arrepender. Sabia que tinha que decidir rapidamente; quanto mais tempo ali estivesse em cima de Sir Guy, mais certo era de que iria perder a coragem.

Olhou para a multidão que se encontrava ao longo da vedação. Ninguém se mexeu; limitavam-se a olhar. Olhou para os pavilhões, onde Lord Oliver se sentava com as damas. Permaneciam todos imóveis. Lord Oliver parecia gelado. Marek olhou para trás, observando o grupo de pajens que se encontrava junto da vedação. Também eles estavam gelados. Foi então que num gesto quase subliminal, um dos pajens ergueu uma das mãos a meia altura do peito e fez um movimento com o pulso: corta-o ao meio.

Está a dar-te um bom conselho, pensou Marek.

Mas Marek hesitou. Havia um silêncio absoluto no campo, exceptuando Os vómitos e grunhidos de Chris. Finalmente foram

esses mesmos vômitos que quebraram o momento. Marek saiu de cima de Sir Guy e estendeu uma mão para o ajudar a levantar-se,

Agarrou-lhe na mão, pôs-se de pé na frente de Marek e disse-lhe: "Meu filho da puta, ainda nos havemos de encontrar no inferno", e dando meia volta, afastou-se.

31:15:58

O pequeno regato serpenteava por entre a relva cheia de musgo e flores selvagens. Chris estava de joelhos, com o rosto mergulhado na água. Levantou a cabeça cuspiendo e tossindo. Olhou para Marek que estava de cócoras junto dele olhando para o céu.

"Estou farto", disse Chris, "Estou farto!" "Imagino que sim."

"Podia ter sido morto", exclamou Chris. "Chamam a isto desporto? Sabes o que é isto? É um jogo de cobardes a cavalo. Esta gente é doida." Voltou a mergulhar a cabeça na água.

"Chris." "Detesto vomitar. Detesto." "Chris."

"Que é? O que é que temos agora? Vais dizer-me que posso enferrujar a armadura? Podes crer que me estou nas tintas, André."

"Não", disse Marek, "vou dizer-te que a túnica em feltro que trazes por debaixo da armadura vai inchar e será muito mais difícil tirar a armadura." "A sério? Bom, isso não me preocupa. Esses pajens devem estar aí a chegar

e eles tiram-na." Chris sentou-se no musgo e tossiu. "Santo Deus, não consigo livrar-me do cheiro. Preciso de tomar um banho ou qualquer coisa no género." Marek sentou-se ao lado dele não dizendo uma palavra. Limitou-se a dar-

-lhe tempo para se descontraír. As mãos de Chris tremiam enquanto falava. Era melhor para ele deitar tudo cá para fora, pensou.

No campo mais abaixo, arqueiros com trajes em castanho avermelhado e cinzento estavam a praticar. Ignorando a excitação do vizinho torneio, disparavam pacientemente contra alvos, recuavam e voltavam a disparar. Era exactamente como diziam os

textos antigos: os arqueiros ingleses eram altamente disciplinados e praticavam todos os dias.

“Aqueles homens são o novo poder militar”, disse Marek. “Conseguem decidir batalhas. Olha para eles.”

Chris apoiou-se no ombro. “Estás a gozar”, exclamou. Os arqueiros estavam agora a cerca de cento e oitenta metros dos seus alvos circulares - o comprimento de dois campos de futebol. Tão distantes eram apenas pequenos vultos e no entanto continuavam a disparar os seus arcos para o céu plenos de confiança. “Estás a falar a sério?”

O céu estava negro com flechas que sibilavam. Atingiam os alvos ou aterravam muito próximo, ficando espetadas na relva.

“Quem diria”, disse Chris.

Quase imediatamente outra espessa salva cruzou os ares. E outra, e ainda mais outra. Marek contava mentalmente. Três segundos entre cada salva. Então era mesmo verdade, pensou: os arqueiros ingleses eram mesmo capazes de dispararem vinte salvas por minuto. Naquela altura os alvos já estavam eriçados de flechas.

“Os cavaleiros à carga não conseguem resistir a este tipo de ataque”, disse Marek. “Mata os cavaleiros e mata os cavalos. É por isso que os cavaleiros ingleses desmontam para combater. Os franceses ainda carregam à maneira tradicional, e são simplesmente chacinados antes de chegarem junto dos ingleses. Quatro mil cavaleiros morreram em Crécy e ainda mais em Poitiers. Grandes números para essa época.”

“Porque é que os franceses não mudam de tática? Será que não são capazes de ver o que é que se está a passar?”

“São capazes, mas isso representa o fim de todo um sistema de vida - na verdade de toda uma cultura”, disse Marek. “Os cavaleiros pertencem todos à nobreza; o seu modo de vida é demasiado dispendioso para a gente do povo. Um cavaleiro tem que comprar a sua armadura e pelo menos três cavalos de guerra, e tem que pagar a toda a sua comitiva de pajens e ajudantes. E até agora

estes nobres cavaleiros têm sido o factor determinante na arte da guerra. Mas agora acabou." Apontou para os arqueiros que se encontravam no campo. "Estes homens são gente do povo. Ganham graças à coordenação e disciplina. Não existe uma questão de valor pessoal. Pagam-lhes um salário; realizam um traba-283

Iho. Mas representam o futuro da arte da guerra - tropas pagas, disciplinadas e anónimas. Os cavaleiros acabaram.

“Excepto nos torneios”, disse Chris em tom amargo.

“Exactamente. E mesmo aí - todas as placas de armadura sobre a cota de malha são usadas por causa das flechas. As flechas atravessam um homem que não se encontre protegido e penetram a cota de malha. É por isso que os cavaleiros necessitam das placas de armadura. Os cavalos necessitam de armadura. Mas no caso de uma salva como esta ...” Marek apontou para a chuva sibilante de flechas e encolheu os ombros. “Acabou.”

Chris voltou a olhar para o terreno onde se desenrolava o torneio. E então exclamou: “Bom, já não era sem tempo!”

Marek voltou-se e viu cinco pajens de libré que caminhavam na sua direcção<sup>1</sup> juntamente com dois guardas envergando túnicas em vermelho e negro. “Finalmente vou conseguir sair do estupor desta lata.”

Chris e Marek, ao verem os homens aproximar-se, levantaram-se. Um dos guardas disse: “Haveis infringido as regras do torneio, desonrado o corajoso cavaleiro Guy Malegant e os bons ofícios de Lord Oliver. Estais sob prisão e sois intimado a acompanhar-nos.”

“Só um minuto”, disse Chris. “Fomos nós que o desonrámos?” “Tendes que nos acompanhar.”

“Só um minuto”, repetiu Chris.

O soldado agrediu-o violentamente no lado da cabeça e empurrou-o em frente. Marek colocou-se a seu lado acertando o passo. Rodeados por guardas, dirigiram-se para o castelo.

Kate ainda se encontrava no terreno do torneio, procurando Chris e André. Primeiro lembrou-se de ir à procura deles nas tendas montadas atrás do campo, mas lá só havia homens - cavaleiros, escudeiros e pajens - e decidiu que era melhor não o fazer. Tratava-se de um mundo diferente, a violência andava no ar, e tinha uma sensação constante de risco. Naquele mundo quase toda a gente era jovem; os cavaleiros que se pavoneavam pelo campo tinham idades

entre os vinte e os trinta anos, e os escudeiros não eram mais do que adolescentes. Ela estava vestida do modo habitual e claramente não se denotava que fosse um membro da nobreza. Tinha a sensação de que se alguém se atirasse a ela e a violasse, ninguém se preocuparia por aí além.

Embora fosse meio-dia, viu que se estava a comportar usando o método de que se servira em New Haven à noite. Tentou nunca ficar sozinha, movendo-se sempre em grupo; rodeava os grupos de homens, afastando-se deles o mais que podia.

Seguiu pela parte de trás da zona onde o povo estava amontoado, ouvindo os vivas da multidão quando o par seguinte de cavaleiros começou o combate. Olhou para a zona das tendas que ficava à sua esquerda. Não via Marek ou Chris em parte nenhuma. E contudo haviam abandonado o campo ainda há poucos minutos. Estariam dentro de uma das tendas? Durante a última hora não ouvira nada nos auriculares; partiu do princípio de que não conseguia ouvir porque Marek e Chris estavam a usar elmos, que bloqueavam a transmissão. Mas de certeza que agora já tinham tirado os elmos.

Foi então que os viu relativamente perto na encosta da colina sentados na margem de um ribeiro sinuoso.

Começou a descer a colina. A peruca fazia-lhe calor e comichão por causa do sol. Talvez pudesse tirar a peruca e esconder os cabelos debaixo de um chapéu. Ou se cortasse o cabelo um pouco mais curto, podia passar por um jovem, mesmo sem chapéu.

Era capaz de ser interessante, pensou ela, passar por homem durante algum tempo.

Estava a pensar onde é que havia de encontrar uma tesoura quando viu os soldados aproximarem-se de Marek. Abrandou o passo. Continuava a não ouvir nada nos auriculares, mas estava tão perto que não compreendia porque é que isso estava a acontecer.

Estaria desligado? Deu uma pancadinha no auricular.

Imediatamente ouviu Chris dizer: “Nós é que o desonrámos?” e em seguida qualquer coisa balbuciada. Viu os soldados empurrarem Chris para o Castelo e Marek colocar-se ao lado dele.

Kate esperou um momento e em seguida foi atrás deles.

Castelgard estava deserto, lojas e armazéns fechados, as ruas ecoando e sem ninguém. Toda a gente tinha ido para o torneio, o que fez com que se tornasse mais difícil para ela seguir Marek e Chris e os soldados. Tinha que seguir Muito atrás, esperando que tivessem saído de uma rua antes de os continuar a seguir, para em seguida dar uma corrida até os conseguir avistar e voltar a esconder-se numa esquina.

Sabia que o seu comportamento tinha um ar suspeito. Mas não estava ali ninguém para o ver. Numa janela alta viu uma mulher sentada ao sol, com os olhos fechados. Mas nunca chegou a olhar para baixo. Talvez estivesse a dormir.

Chegou a campo aberto em frente do castelo. Também este se encontrava agora deserto. Os cavaleiros montados em cavalos que caracoleavam, os combates a fingir, os estandartes esvoaçantes, tudo desaparecera. Os soldados atravessaram a ponte levadiça. Enquanto seguia atrás deles ouviu o rugido da multidão para lá das muralhas. Os guardas voltaram-se e perguntaram aos soldados que se encontravam nas ameias o que é que se estava a passar. Os soldados no alto das muralhas podiam observar tudo em volta; gritaram respostas. Tudo isto acompanhado por um grande número de pragas; aparentemente haviam sido feitas apostas.

No meio de toda esta excitação continuou o seu caminho, entrando no castelo.

Deteve-se no pequeno pátio conhecido pelo nome de paliçada exterior. Viu cavalos que se encontravam amarrados a um poste sem que ninguém se encontrasse junto deles. Mas não havia soldados na paliçada; toda a gente estava nas muralhas a ver o torneio.

Olhou em volta procurando Marek e Chris, mas não os viu. Não sabendo que mais havia de fazer entrou a porta do grande salão. Ouviu o som de passos na escada em espiral à sua esquerda.

Começou a subir as escadas, sempre em volta, mas o som dos passos diminuiu.

Devem ter ido para baixo e não para cima.

Rapidamente começou a descer. As escadas desciam em espiral, terminando num corredor em pedra de tecto baixo, húmido e cheio de bolor, com celas num dos lados. As portas das celas encontravam-se abertas; não havia ninguém dentro. Um pouco mais à frente, para lá de uma curva no corredor, ouviu o eco de vozes e o ecoar de metal.

Avançou cautelosamente. Devia estar debaixo do grande salão, pensou. Na sua mente tentou reconstituir a área, a partir da memória do castelo em ruínas que explorara tão cuidadosamente poucas semanas antes. Mas nem sequer se recordava de ter visto aquela passagem. Talvez tivesse ruído séculos antes.

Outro som metálico e gargalhadas que ecoavam. Em seguida novamente o eco de passos.

Apercebeu-se de repente que caminhavam na sua direcção.

Marek deixou-se cair num monte de palha encharcada, meio apodrecida, escorregadia e que fedia. A porta da cela fechou-se com estrondo. Estavam no final do corredor, com celas nos três lados. Através das grades Marek viu os guardas que se afastavam enquanto riam. Um deles disse: "Hey, Paolo, aonde é que pensas que vais? Ficas aqui a tomar conta deles."

"Posso saber porquê? Eles não vão a lado nenhum. Também quero ver o torneio."

"É o teu turno. Oliver quer que eles fiquem guardados."

Ouviram-se alguns protestos e pragas. Mais gargalhadas e ecos de passos que se afastavam. Então um guarda atarracado fez o caminho inverso, espreitou através das barras e praguejou. Não estava contente; era por causa deles que não estava a assistir ao espectáculo. Cuspiu para o chão da cela e, em seguida, andou alguns passos até a um banco de madeira. Marek já não o conseguia ver, mas via a sua sombra na parede oposta.

Dava a impressão de estar a palitar os dentes.

Marek caminhou até às barras, tentando ver dentro das outras celas. Não conseguia ver muito bem o interior da cela do lado direito, mas mesmo em frente à cela em que se encontravam, viu um vulto encostado à parede, sentado às escuras,

Quando os seus olhos se ajustaram, viu que se tratava do Professor.

30:51:09

Stern estava sentado na sala de jantar particular da ITC. Era uma sala pequena com uma única mesa, toalha branca, posta para quatro pessoas. Gordon sentava-se em frente dele, comendo com um ar esfomeado ovos mexidos com toucinho. Stern observava o topo do cabelo de Gordon, cortado à escovinha, subir e descer enquanto ele engolia os ovos com a ajuda do garfo. O homem comeu rapidamente.

Lá fora o sol já se erguia no céu, sobranceiro às mesas que se encontravam a leste. Stern olhou para o relógio; eram seis da manhã. Os técnicos da ITC estavam no parque de estacionamento a largar outro balão meteorológico; recordou-se de que Gordon lhes dissera para o fazerem de hora a hora. O balão ergueu-se rapidamente nos céus, desaparecendo entre as nuvens mais altas. Os homens que o largaram não demonstraram a menor preocupação em o ver subir, dirigindo-se para o edifício de laboratórios que se encontrava mais próximo.

“A tua torrada está boa?”, perguntou Gordon erguendo o olhar. “Não preferes qualquer outra coisa?”.

“Não<sup>1</sup> está bem assim”, disse Stern. “Não tenho lá grande apetite.” “Segue o conselho de um velho militar”, disse Gordon. “Procura sempre comer à hora da refeição. Nunca sabes quando terás a próxima.”

“Estou de acordo com isso”, respondeu Stern. “Mas a questão é a de que não tenho apetite.”

Gordon encolheu os ombros e continuou a comer.

Um homem envergando um casaco branco de empregado de mesa, com, um aspecto imaculado entrou na sala. Gordon perguntou-lhe: "Diga-me uma coisa, Harold, tem café pronto?"

O homem do casaco branco disse: "Tenho sim. Capuccino se preferir." "Quero café simples."

"Muito bem, senhor."

"E tu David?", perguntou Gordon. "Também queres café?" "Leite magro se houver", respondeu Stern.

"Com certeza, senhor." Harold afastou-se.

Stern olhou pela janela. Ouvia Gordon comer, ouvia o ruído do garfo a raspar no prato. Finalmente disse: "Deixa-me ver se compreendi bem. Nesta altura não podem regressar, não é verdade?"

"Exacto." "Porque não existe zona de aterragem." "É isso mesmo."

"Porque os escombros não o permitem." "Certo."

"E daqui a quanto tempo é que eles podem voltar?"

Gordon deu um suspiro, afastando-se da mesa. "Vai correr tudo bem, David." respondeu. "Vais ver como as coisas se vão modificar."

"Diz-me só uma coisa. Quanto tempo?"

Bom, deixa-me fazer as contas. Mais três horas para limpar o ar da cave. junta-lhe mais uma hora como medida de precaução. Quatro horas. Em seguida mais duas horas para limpar os escombros. Seis horas. E depois é preciso reconstruir os escudos de água."

"Reconstruir os escudos de água?", perguntou Stern. "Os três anéis de água. São absolutamente essenciais." "Porquê?"

"Para minimizar os erros de transcrição."

Stern perguntou: "E o que é que são exactamente os erros de transcrição?" "Erros na reconstrução. Quando a pessoa é

reconstruída pela máquina.” “Disseste que não havia qualquer possibilidade de erros, que eras capaz de reconstruir exactamente.”

“Falando de um modo geral é essa de facto a situação. Desde que tenhamos a blindagem.”

“E se não houver blindagem?”

Gordon suspirou. “Mas vamos ter blindagem, David.” Olhou para o relógio. “Gostava que deixasses de te preocupares. Ainda faltam algumas horas Para que a placa de trânsito esteja reparada. Estás a preocupar-te desnecessariamente.”

“É apenas porque não consigo deixar de pensar”, disse Stern, “que deve haver alguma coisa que sejamos capazes de fazer. Enviar uma mensagem, estabelecer qualquer tipo de contacto ...”

Gordon abanou a cabeça. “Não. Não há qualquer possibilidade de mensagem nem de contacto. Simplesmente não é possível. De momento estão sem a mínima possibilidade de contacto connosco. E não há nada que sejamos capazes de fazer a esse respeito.”

30:40:39

Kate Erickson comprimiu-se contra a parede, sentindo a humidade da pedra nas costas. Escondera-se dentro de uma das celas do corredor e agora esperava, sustendo a respiração, enquanto os guardas que haviam fechado Marek e Chris regressavam, passando por ela. Os guardas riam, parecendo estar de bom humor. Ouviu que um deles dizia: “Sir Oliver ficou muito aborrecido com esse Halnauter, por ter feito com que o seu lugar-tenente fizesse figura de parvo.”

“E o outro ainda era pior! A cavalo é uma anedota e mesmo assim consegue quebrar duas lanças com Tête Noire!” Gargalhada geral.

“Não há dúvida de que Tête Noire fez figura de parvo por causa dele. Por causa disso Sir Oliver vai querer as cabeças dos dois antes de cair a noite.” “A não ser que esteja muito errado no meu cálculo, manda-lhes cortar as cabeças antes da hora da ceia.”

“Não, depois da ceia, Assim há mais gente a assistir.” Mais gargalhadas. Seguiram ao longo do corredor enquanto as suas vozes se iam desvanecendo. Pouco depois quase que não os conseguia ouvir. De repente ficou tudo em silêncio. Teriam começado a subir as escadas? Não, ainda não. Ouvia-os a rir mais uma vez. E as gargalhadas continuavam. Fazia com que o ambiente tivesse um aspecto estranho.

Havia qualquer coisa que estava errada.

Procurou ouvir atentamente. Estavam a dizer qualquer coisa sobre Sir Guy e Lady Claire. Mas não conseguia perceber o que diziam. Conseguiu distinguir “... muito humilhada a nossa Lady ...” e seguiram-se mais gargalhadas. Kate franziu as sobrancelhas.

As suas vozes já não eram tão ténues.

Não era bom. Estavam a regressar.

Porquê? pensou ela. O que é que acontecera?

Olhou na direcção da porta. E ali mesmo, na pedra do chão, distinguiu as suas pegadas húmidas que se dirigiam para a cela.

Os seus sapatos haviam ficado encharcados na relva junto do ribeiro. O mesmo acontecera com os sapatos de todos os outros e o solo em pedra do corredor apresentava uma confusão enlameada de inúmeras pegadas. Mas um conjunto de pegadas desviava-se na direcção da cela onde se encontrava.

E não sabia bem como mas eles haviam notado. Chiça.

Ouviu-se uma voz: “Quando, é que o torneio deverá terminar?”  
“Ao entardecer.”

“Por minha fé, então deve estar quase a acabar.”

“Lord Oliver quer cear rapidamente e preparar-se para receber o Arcebispo.” Ela ouvia, tentando distinguir as diferentes vozes. Quantos guardas é que tinham ali estado? Tentou recordar-se. Pelo menos três. Talvez cinco. Nessa altura não prestara atenção.

Porra. “Dizem que o Arcebispo traz um milhar de homens de armas ...”

Uma sombra cruzou o soalho da parte de fora da porta. Isso queria dizer que agora se encontravam de ambos os lados da porta da cela.

O que é que ela podia fazer? A única coisa que sabia era que não podia deixar que a capturassem. Era uma mulher; não tinha nada que fazer ali; iriam violá-la e em seguida matavam-na.

Mas, pensou ela, não sabiam que ela era uma mulher. Pelo menos para já. Fez-se silêncio do lado de fora da porta e em seguida ouviu-se um arrastar de pés. O que é que eles iriam fazer a seguir? Provavelmente mandariam um homem entrar dentro da cela enquanto os outros ficavam do lado de fora. E entretanto os outros podiam preparar-se, desembainhando as espadas e erguendo-as bem alto.

Não era possível esperar mais. Baixando-se o mais que pode, saltou. Chocou com um guarda que vinha a entrar, batendo-lhe de lado a nível dos olhos, e com uma exclamação de dor e surpresa o homem caiu para trás. Ouvia gritos dos outros guardas mas entretanto já tinha passado a porta, uma espada chocou com a pedra atrás dela, espalhando centelhas em todas as direcções, e ela corria o mais que podia pelo corredor.

“Uma mulher! Uma mulher!” Correram atrás dela.

Encontrava-se agora na escada de caracol, subindo rapidamente. De um ponto qualquer mais abaixo ouviu o entrecocar das armaduras dos homens que a perseguiam. Mas entretanto já atingira o rés-do-chão e, sem pensar, correu em linha recta na direcção do grande salão.

Estava deserto, as mesas preparadas para o festim, embora ainda não tivessem trazido os alimentos. Correu ao longo das mesas, procurando um lugar para se esconder. Atrás das tapeçarias? Não, encontravam-se ajustadas às paredes. Debaixo das toalhas? Não, era sítio onde de certeza iam procurar e descobriam-na. Onde? Onde? Viu a enorme lareira, com as labaredas erguendo-se ainda bastante alto. Não havia ali uma passagem secreta para a sala de

jantar? A passagem era aqui em Castalgard ou era em La Roque? Não conseguia lembrar-se. Devia ter prestado mais atenção.

Em pensamento voltou a ver-se envergando uns calções de caqui, uma T-shirt e uns sapatos de ténis Nike, movendo-se preguiçosamente através das ruínas enquanto tomava notas no bloco. As suas preocupações na altura - se alguma vez chegara a ter alguma - haviam sido as de satisfazer os seus pares académicos.

Devia ter prestado mais atenção!

Ouviu os homens que se aproximavam. Não podia esperar mais. Correu para a enorme lareira com cerca de três metros de altura e escondeu-se atrás da enorme protecção dourada. As chamas eram insuportavelmente quentes, com ondas de calor irradiando contra o seu corpo. Ouviu os homens a entrarem no salão, correndo, gritando, olhando para todos os lados. Acocorada atrás da protecção susteve a respiração e esperou.

Ouviu os ruídos de pontapés e de coisas que se entrechocavam, o bater dos pratos nas mesas enquanto eles procuravam por toda a parte. Não conseguia ouvir as suas vozes claramente; tornavam-se confusas ao misturarem-se com o rugido das chamas atrás dela. Ouviu-se um ruído metálico quando qualquer coisa caiu; parecia ser um suporte de rocha, qualquer coisa grande.

Esperou. Um dos homens ladrou uma pergunta, e não ouviu qualquer resposta. Outro gritou uma pergunta e desta vez ouviu-se uma resposta suave. Não parecia ser um homem. Com quem é que estavam a falar? Parecia ser uma mulher. Kate ouviu com mais atenção: sim, era uma voz de mulher. Tinha a certeza disso.

Mais uma troca de palavras e em seguida o ruído do entrechocar de armaduras quando os homens saíram do salão em corrida. Espreitando por um dos lados da protecção dourada viu os homens desaparecerem através da porta de entrada.

Esperou mais uns momentos e em seguida saiu detrás da protecção da lareira.

Viu uma menina que teria dez ou onze anos. Tinha uma capa branca que lhe tapava a cabeça, vendo-se apenas o rosto. Usava um vestido solto em tons de rosa que descia quase até ao chão. Transportava um jarro dourado e enchia de água as taças que se encontravam nas mesas.

A menina encontrou o seu olhar e ficou imóvel.

Kate esperou que ela começasse a gritar, mas não o fez. Limitou-se a olhar com curiosidade para Kate e em seguida disse: "Subiram as escadas."

Kate voltou-se e recomeçou a correr.

Dentro da cela Marek ouvia o toque das trombetas, e o rugido distante da multidão que se encontrava no torneio, entrando por uma das altas janelas. O guarda ergueu o olhar com um ar infeliz, praguejou contra Marek e o Professor, e em seguida dirigiu-se de novo para o seu banco.

O Professor disse calmamente: "Ainda têm o marcador?" "Tenho", respondeu Marek. "Tem o seu?"

"Não, perdi-o. Cerca de três minutos depois de ter chegado aqui."

O Professor disse que aterrara na planície arborizada junto do mosteiro e do rio. A ITC garantiria-lhe que seria um sítio deserto mas com uma localização ideal. Sem se afastar muito da máquina, conseguiria ver todos os pontos principais da sua escavação.

O que acontecera fora simplesmente uma questão de pouca sorte: o Professor aterrara precisamente no momento em que um grupo de lenhadores se dirigia para a floresta para trabalhar durante o dia, transportando os seus machados ao ombro.

"Viram os flashes de luz, em seguida viram-me a mim, e caíram todos de joelhos rezando. Ficaram convencidos de que acabavam de presenciar um milagre. Em seguida decidiram que não era bem assim e tiraram os machados dos ombros", disse o Professor. "Pensei que me iam matar, mas felizmente sabia falar o Occitan. Convenci-os

a levarem-me ao mosteiro e que os monges decidissem o que devia ser feito.”

Os monges tiraram-no das mãos dos lenhadores, despiram-no e inspeccionaram todo o corpo à procura de estigmas. “Procuraram mais em sítios menos usuais”, disse o Professor. “Foi nessa altura que eu pedi para ver o Abade. Este queria saber a localização da passagem para La Roque. Suspeitei de que tinha prometido transmitir a informação a Arnaut. De qualquer modo, sugeri que a localização poderia ser encontrada nos documentos do mosteiro.” O Professor sorriu. “O que eu queria era inspeccionar os pergaminhos.”

“E então?”

“Julgo que encontrei a indicação.” “A passagem?”

“Julgo que sim, Segue ao longo de um rio subterrâneo, pelo que muito provavelmente deverá ser bastante extensa. Começa num sítio chamado a capela verde. E há uma chave para encontrar a entrada.”

“Uma chave?”

O guarda resmungou qualquer coisa, e Marek calou-se por momentos. Chris levantou-se, sacudindo o pó do gibão. Foi então que disse: “Temos que sair daqui. Onde é que está a Kate?”

Marek abanou a cabeça. Kate ainda estava livre, a não ser que os gritos dos guardas que ouvira ao fundo do corredor significassem que ela fora capturada. Mas não estava convencido de que a tivessem apanhado. Sendo assim, se conseguisse contactar com ela, podia ser que ela os ajudasse a escaparem-se.

Isso queria dizer que precisavam de arranjar uma maneira de dominar o guarda. O problema estava em que havia uma distância de, pelo menos, seis metros entre a esquina do corredor e o sítio onde o guarda se encontrava sentado no banco. Não havia a menor possibilidade de o apanhar de surpresa. Mas se Kate estivesse dentro do alcance dos auscultadores, então ele podia...

Chris estava a bater nas barras da cela ao mesmo tempo que gritava: “Hei! Guarda! Hei, tu!”

Antes de Marek ter sido capaz de falar, o guarda apareceu à vista deles, olhando curiosamente para Chris que colocara uma das mãos fora das barras e apontava para ele. "Hei, chega aqui! Hei! Aproxima-te!"

O guarda caminhou na direcção dele, deu uma sapatada na mão de Chris que se encontrava do lado de fora das barras e, de repente, teve um súbito ataque de tosse quando Chris lhe pulverizou o rosto com a lata de gás. O guarda "acilou. Chris estendeu mais uma vez as mãos através das grades, agarrou o guarda pelo colarinho e pulverizou-lhe o rosto novamente.

O guarda revirou os olhos e deixou-se cair como um peso morto. Continuando a segurá-lo, Chris bateu com os braços nas grades; gritou com a dor e em seguida largou o guarda, que caiu a uma certa distância das grades, estatelando-se no solo.

Muito longe para ser alcançado.

"Bonito serviço," disse Marek. "E agora o que é que fazemos?"

"Sabes uma coisa, devias procurar ajudar-me", disse Chris. "Estás a ser muito negativo." Estava de joelhos, o braço enfiado através das grades até ao sovaco, a mão fazendo esforços desesperados para agarrar o que se encontrava no exterior. Os seus dedos esticados quase conseguiam tocar no pé do soldado. Quase mas ainda faltava um bocado. Quase quinze centímetros para a sola do sapato. Chris esticava-se resmungando. "Se eu ao menos tivesse qualquer coisa

- um pau, ou um gancho - qualquer coisa para o conseguir puxar..."

"Não adiantava nada", disse o Professor da outra cela. "E porque não?"

Aproximou-se até ficar iluminado pela luz e olhou através das barras. "Porque ele não tem a chave."

"Não tem a chave? Onde é que ela está?"

"Pendurada na parede", disse Johnston, apontando para o outro lado do corredor.

“Oh, merda”, exclamou Chris.

No chão, as mãos do guarda estremeceram. Uma das pernas agitou-se espasmodicamente. Estava a acordar.

Em pânico, Chris disse: “E agora, o que é que fazemos?”

Marek disse: “Kate, onde é que estás?” “Estou aqui.”

“Onde?” “Mesmo ao fundo do corredor. Voltei para trás porque me lembrei de que nunca viriam aqui à minha procura.”

“Kate”, disse Marek, “chega aqui. Rapidamente.”

Marek ouviu os passos enquanto ela corria na sua direcção.

O guarda tossiu, voltou-se de costas e em seguida apoiou-se num cotovelo. Olhou para o fundo do corredor e atabalhoadamente procurou pôr-se de pé.

já conseguira apoiar-se nas mãos e nos joelhos quando Kate lhe deu um pontapé atirando-lhe a cabeça para trás e fazendo com que voltasse a cair no chão. Mas não estava inconsciente, apenas atordoado. Começou a tentar levantar-se, abanando a cabeça numa tentativa de fazer passar o atordoamento. “Kate”, disse Marek, “as chaves ...”

“Onde?” “Na parede.”

Afastou-se do guarda, agarrou as chaves que se encontravam presas num pesado anel e trouxe-as até à cela de Marek. Enfiou uma das chaves na fechadura e tentou fazer rodá-la, mas não conseguiu.

Com um grito o guarda atirou-se a ela, afastando-a da cela e derrubando-a no meio do corredor. Debateram-se ferozmente rolando no solo. Ela era muito mais pequena do que ele. Ele conseguia dominá-la facilmente mantendo-a no chão.

Marek colocara ambas as mãos fora das grades, tirando a chave da fechadura e experimentando outra. Também não servia.

Naquele momento o guarda conseguira colocar-se em cima de Kate e com ambas as mãos a agarrar-lhe o pescoço, procurava estrangulá-la.

Marek tentou outra chave. Também não serviu. Ainda havia mais seis chaves no anel.

O rosto de Kate estava a ficar com um tom azulado. Emitia sons ásperos de sufocação. Batia desesperadamente com os punhos nos braços do guarda, mas as suas pancadas não produziam qualquer efeito. Procurou atingi-lo nas virilhas mas a roupa protegeu-o.

Marek gritou: "Faca! Faca!" mas ela parecia não ser capaz de o compreender. Marek tentou outra chave. Continuava a não ter sucesso. Da cela em frente Johnston gritou qualquer coisa em Francês ao guarda.

O guarda ergueu o olhar e resmungou qualquer coisa como resposta, e nesse momento Kate conseguiu desembainhar a adaga e cravou-a no ombro do homem com todas as suas forças. A lâmina não conseguiu penetrar na cota de malha. Tentou de novo, repetidas vezes. Furioso, o guarda começou a bater-lhe com a cabeça nas pedras do chão, numa tentativa de que ela largasse a arma.

Marek tentou mais uma chave.

Rodou na fechadura com um chiar estridente.

O Professor estava a gritar, Chris gritava igualmente, e Marek abriu a porta violentamente. O guarda voltou o rosto para ele e pôs-se de pé ao mesmo

tempo que largava Kate. Tossindo, a rapariga cravou a adaga nas pernas não protegidas e o homem gritou com a dor. Marek bateu-lhe duas vezes na cabeça com toda a força. O guarda caiu no solo, ficando imóvel.

Chris abriu a porta do Professor. Kate pôs-se de pé enquanto a cor lhe voltava lentamente ao rosto.

Marek puxara a patilha branca e apoiara o polegar no botão. "Okay. Finalmente estamos todos juntos." Estava a olhar para o espaço entre as celas. "Acham que há espaço suficiente? Podemos chamar a máquina para aqui?"

“Não”, disse Chris. “Precisamos de dois metros de lado, lembra-se?>, “Precisamos de um espaço maior.” O Professor voltou-se para Kate. “Sabes como é que podemos sair daqui?”

Ela acenou afirmativamente com a cabeça. Seguiram ao longo do corredor.

30:21:02

Kate conduziu-os rapidamente até ao primeiro lanço da escada de caracol, sentindo um novo ânimo. De certo modo a luta com o guarda deixara-a mais solta; acontecera o pior e conseguira sobreviver. Agora, mesmo com a cabeça a latejar, sentia-se mais calma e conseguia ver as coisas com mais clareza. E a sua investigação voltara-lhe de novo à mente: conseguia lembrar-se da localização das passagens.

Chegaram ao rés-do-chão e olharam para o exterior para o pátio. Estava ainda mais concorrido do que aquilo que ela esperara. Havia muitos soldados, bem como cavaleiros de armadura e cortesãos envergando finos trajes, todos a regressarem do torneio; o pátio encontrava-se banhado pela luz do entardecer, mas as sombras começavam a alongar-se.

“Não podemos sair”, disse Marek, abanando a cabeça.

“Não te preocupes.” Conduziu-os para o segundo andar, para em seguida os fazer descer por uma passagem em pedra, com portas a abrirem para o interior e janelas na parte externa. Sabia que para além daquelas portas havia uma série de pequenos aposentos para família ou convidados.

Atrás dela Chris exclamou: “Já estive aqui.” Apontou para uma das portas. “Claire está naquele quarto ali.”

Marek resmungou. Kate não se deteve. Ao fundo do corredor uma tapeçaria cobria a parede do lado esquerdo. Levantou a tapeçaria - era surpreendentemente pesada - e então começou a deslocar-se ao longo da parede, fazendo pressão sobre as pedras. “Tenho a certeza de que é por aqui”, disse ela. “Tens a certeza de quê?” perguntou Chris.

“Da passagem que nos há-de levar ao pátio das traseiras.”

No primeiro instante Chris viu apenas as silhuetas de um homem e de uma mulher contrastando com a luz brilhante que entrava pela janela. Precisou de alguns momentos para que os seus olhos se ajustassem ao brilho. Em seguida verificou que se tratava de Lady Claire e de Sir Guy. Estavam de mãos dadas, tocando-se um ao outro intimamente. Sir Guy beijou-a apaixonadamente, e ela retribuiu o beijo com igual fervor, colocando-lhe os braços à volta do pescoço.

Chris permaneceu imóvel, não conseguindo despregar os olhos da cena. Naquele momento os apaixonados separaram-se e Sir Guy começou a falar com ela enquanto Lady Claire o olhava intensamente nos olhos. “Minha Senhora”, estava ele a dizer, “O VOSSO Comportamento em público e profunda descortesia fez com que muitos se rissem nas minhas costas e falassem da minha fraqueza por tolerar tais abusos.”

“Tem que ser assim”, disse ela. “Para o bem de ambos. Sabeis isso perfeitamente.”

“Mesmo assim, gostava de que o vosso comportamento não fosse tão áspero.” “Achais que sim? E então o que é que aconteceria? Seríeis capaz de pôr em risco a fortuna que ambos desejamos? Há outro aspecto, meu bom cavaleiro, conforme sabeis perfeitamente. Enquanto me opuser ao casamento, apoiarei as suspeitas de muitos: a de que houve intervenção da vossa parte na morte do meu marido. Sendo assim, se Lord Oliver me obrigar a este casamento, apesar de todos os meus esforços, ninguém se poderá queixar a meu respeito. Estais de acordo?”

“Assim é”, disse ele acenando com a cabeça com um ar infeliz.

“E, no entanto, como serão diferentes as circunstâncias se agora vos conceder os meus favores”, disse ela. “As mesmas línguas que se agitam irão murmurar dentro de pouco tempo que também eu tomei parte no final inesperado do meu marido, e tais histórias irão chegar rapidamente aos ouvidos da família do meu marido em Inglaterra. Neste momento já se encontram dispostos a tomar conta

das suas propriedades. Só lhes falta uma desculpa para agirem. É por isso que Sir Daniel não tira os olhos de tudo aquilo que eu faço. Bom cavaleiro, a minha reputação de mulher será facilmente conspurcada sem possibilidades de reparação. A nossa única salvação assenta numa inabalável hostilidade para convosco, pelo que peço aos céus que sejais capaz de tolerar todas as atitudes que vos possam humilhar, pensando nas compensações que possam vir mais tarde.”

Chris ficou de boca aberta. Estava a comportar-se exactamente com o mesmo gênero de intimidades - o olhar brilhante, a voz em tom baixo, as

suaves carícias no pescoço - que usara para com ele. Chris ficara convencido de que a tinha seduzido. Agora era claro que fora ela que o seduzira a ele.

Sir Guy mostrava-se mal-humorado apesar das suas carícias. “E as vossas visitas ao mosteiro? Gostava de que não voltásseis lá.”

“E porquê? Não me digais que tendes ciúmes do Abade, meu Senhor?” disse-lhe ela em tom provocante.

“Digo apenas que gostava de que essas visitas se não repetissem”, disse ele obstinadamente.

“E, no entanto, o meu intuito tinha uma razão, porque quem souber o segredo de La Roque domina Lord Oliver. Deve fazer aquilo que lhe pedirem para conseguir o segredo.”

“Pelo amor de Deus, Senhora, ainda não haveis conseguido o segredo”, disse Sir Guy. “Será que o Abade o conhece?”

“Não vi o Abade”, disse ela. “Estava ausente.” “E o Magister afirma que não o sabe.”

“Assim o diz. Mesmo assim, voltarei a perguntar ao Abade, talvez amanhã,” Ouviu-se bater à porta e uma voz masculina em tom abafado. Voltaram-se ambos para olhar. “Deve ser Sir Daniel, disse ele.

“Depressa, meu Senhor, para o vosso esconderijo.”

Sir Guy deslocou-se rapidamente na direcção da parede onde se encontravam escondidos, empurrou uma tapeçaria para o lado, e perante o olhar horrorizado de todos, abriu uma porta - passando para o estreito corredor onde se encontravam. Sír Guy ficou a olhar espantado durante alguns momentos para em seguida começar a gritar: "Os prisioneiros! Fugiram todos! Os prisioneiros!"

Este grito foi ouvido por Lady Claire que saía para o corredor.

Na passagem o Professor voltou-se para eles dizendo-lhes: "Se nos perdermos, sigam para o mosteiro. Procurem o Irmão Marcel. Ele tem a chave da passagem. Okay?"

Antes de qualquer deles conseguir responder, os soldados entraram a correr na passagem. Chris sentiu braços que o agarravam, puxando-o rudemente. Haviam sido apanhados.

30:10:55

Desenrolava-se uma luta solitária no grande salão enquanto os criados acabavam de pôr as mesas. Lord Oliver e Sir Robert seguravam a mão das suas damas, dançando ao ritmo imposto pelo mestre de dança, e sorriam entusiasticamente. Depois de alguns passos, quando Sir Oliver se voltou para encarar o seu par, viu que ela estava de costas voltadas para ele; Oliver praguejou.

"Não tem importância, meu Senhor", apressou-se a dizer o mestre de dança, sem alterar o seu sorriso. "Conforme vos recordaís é um passo em frente, um passo atrás, roda, atrás, e roda, atrás. Falhou rodar uma vez."

"Não falhei coisa nenhuma", disse Oliver.

"De facto não haveis falhado", disse Sir Robert de imediato. "Foi um compasso da música que estabeleceu a confusão." Olhou para o rapaz que tocava o alaúde.

"Se é assim, tudo bem." Oliver retomou a sua posição, estendendo a mão à rapariga. "E agora como é?", perguntou. "Um passo em frente, um passo atrás, Volta, atrás ..."

"Muito bem", exclamou o mestre de dança, ao mesmo tempo que sorria e batia com o bastão. Agora já sabeis como é ..."

Vinda da porta ouviu-se uma voz: "Meu Senhor."

A música parou. Lord Oliver voltou-se com um ar irritado, deparando com Sir Guy acompanhado de diversos guardas, rodeando o Professor e outros.

O que é que temos agora?"

"Meu Senhor, parece que o Magíster tem companheiros." "O quê? Que companheiros?"

Lord Oliver aproximou-se. Viu o Hamauter, o louco irlandês que não sabia cavalgar, e uma mulher jovem, de baixa estatura e com um olhar desafiador, "Que companheiros são estes?"

"Meu Senhor, eles afirmam que são assistentes do Magister." "Assistentes?" Oliver franziu as sobrancelhas enquanto olhava para o grupo, "Meu caro Magister, quando me dissestes que tínheis assistentes, nunca imaginei que estivessem no castelo convosco."

"Também eu não tinha conhecimento disso", respondeu o Professor. Lord Oliver resmungou. "Não podeis ser assistentes." Olhou alternadamente para um e para os outros. "Sois mais velho cerca de dez anos. E ainda esta manhã não haveis dado o menor sinal de conhecerdes o Magister... Não estais a falar a verdade. Nenhum de vós." Abanou a cabeça, ao mesmo tempo que se voltava para Sir Guy. "Não acredito neles, e hei-de saber a verdade. Mas agora não. Levai-os para os calabouços."

"Meu Senhor, eles já estavam nos calabouços quando conseguiram escapar."

"Escapar? Mas como é que isso é possível?" Imediatamente ergueu a mão para interromper a resposta. "Qual é o nosso lugar mais seguro?"

Robert de Kere adiantou-se para lhe murmurar qualquer coisa ao ouvido. "A câmara da torre? Onde se encontra fechada a Dama Alice?" Oliver deu uma gargalhada. "Sim, não há dúvida de que é segura. Podeis fechá-los lá." Sir Guy disse: "Vou fazer o necessário, meu Senhor."

“Estes "assistentes" irão ser o penhor da boa conduta do mestre.” Sorriu sombriamente. “Estou convencido, Magister, de que ainda haveis de aprender a dançar comigo.”

Os três jovens foram arrastados rudemente para fora do salão. Lord Oliver fez um gesto com a mão, e tanto o tocador de alaúde como o mestre de dança saíram com uma vénia silenciosa. O mesmo fizeram as mulheres. Sir Robert hesitou, mas depois de ter dado conta do olhar de Sir Oliver também abandonou o salão.

Agora viam-se apenas os criados a porem as mesas. Para além disso o salão estava em silêncio.

“Muito bem Magister, qual é a vossa jogada?”

“Deus é minha testemunha de que são meus assistentes, conforme vos disse desde o início”, respondeu o Professor.

“Assistentes? Um deles é cavaleiro.”

“Está em dívida para comigo e é por isso que me serve.” “Ah, sim? Que género de dívida?”

“Salvei a vida do pai dele.”

A sério?” Oliver começou a andar em volta do Professor. “Como é que haveis salvo a vida do pai?”

“Com medicamentos.” “De que é que ele sofria?”

O Professor tocou na orelha e disse: “Meu Senhor Oliver, se desejais uma confirmação mandai chamar de imediato o cavaleiro Marek, e ele dir-vos-á aquilo que vos digo agora, que eu salvei o seu pai, que sofria de hidropisia, com a erva arníca, e que isso aconteceu em Hampstead, uma aldeia próxima de Londres, no Outono do ano passado. Mandai-o chamar e perguntai-lhe.” Oliver fez uma pausa.

Ficou a olhar fixamente para o Professor.

O silêncio foi quebrado pela entrada de um homem com o traje cheio de pó branco, que exclamou de uma porta distante: “Meu Senhor.”

Oliver voltou-se. "Que é que temos agora?" "Meu Senhor, a prova."

A prova? Muito bem - mas que seja rápido."

"Assim será, meu Senhor", disse o homem fazendo uma vénia ao mesmo tempo que fazia estalar os dedos. Dois rapazes avançaram rapidamente com um tabuleiro ao ombro.

"Meu Senhor, a primeira prova - fressura."

O tabuleiro continha espirais de um tom pálido de intestinos e os enormes testículos e pênis de um animal. Oliver caminhou em volta do tabuleiro, observando atentamente.

"As entranhas do javali que foi trazido da caça", disse ele com um aceno de cabeça. "Bastante satisfatório." Voltou-se para o Professor. "Aprovais o trabalho da minha cozinha."

"Sem a menor dúvida, meu Senhor. A prova é ao mesmo tempo tradicional e bem preparada. Em especial os testículos estão muito bem preparados." "Obrigado, senhor", disse o cozinheiro fazendo uma vénia. São preparados

a gosto com açúcar aquecido e ameixas. E os intestinos são cheios com frutos e em seguida cobertos com uma mistura de ovos e cerveja, e por último cobertos com mel,

"Ótimo, ótimo", disse Oliver. "Ides servir isto antes do segundo prato?" Assim será, Lord Oliver.))

"E quanto à outra prova?"

"Maçapão colorido com dente de leão e açafião," Ao mesmo tempo que se curvava o chefe fez um gesto com a mão e mais rapazes entraram a correr com outra travessa. Nesta via-se um enorme modelo da fortaleza de Castelgard, as suas muralhas com cinco pés de altura, tudo num amarelo pálido a condizer com as verdadeiras pedras. A confecção fora realizada ao pormenor e incluía minúsculas bandeiras hasteadas nas fortificações açucaradas.

"Élegant! Muito bem feito!" exclamou Oliver. Bateu as palmas com prazer, encantado com a situação como uma criança. "Sinto-me

muito contente.” Voltou-se para o Professor e apontou para o modelo. “Sabeis que o vilão

Arnaut anseia apoderar-se do castelo e que eu devo defendê-lo contra ele?” Johnston acenou com a cabeça. “Eu sei.”

Como é que me aconselhai a dispor as minhas forças em Casteldard?” “Meu Senhor”, disse Johnston, “no vosso lugar eu não defenderia Casteldard, “Oh! E porque é que dizeis isso?” Oliver dirigiu-se para a mesa mais próxima, pegou numa taça e serviu-se de vinho.

“Quantos soldados é que sois capaz de conseguir entre os Gascões?” perguntou Johnston.

“Cinquenta ou sessenta na melhor das hipóteses.” “Então aí tendes a resposta.”

“Mas a ideia não é fazer um ataque frontal. Tinha pensado em atacar sub-repticiamente, usar artimanhas.”

“E estais convencido de que o Arcebispo não fará o mesmo?”

“Pode tentar, mas estaremos na defensiva. Estaremos preparados para o seu ataque.”

“Talvez sim”, disse Johnston, voltando-se. “E talvez não.” “Sois então um vidente ...”

“Não, meu Senhor, não vejo o futuro. Não tenho tais qualidades. Limito-me a dar-vos a minha opinião. E podeis crer que o Arcebispo não usará menos ardis do que vós.”

Oliver franziu as sobrancelhas e bebeu em completo silêncio durante algum tempo. Em seguida pareceu notar a presença do chefe, dos rapazes segurando a travessa, todos de pé e em silêncio, e fez-lhes um gesto para saírem. Enquanto saíam ainda lhes disse: “Tomai o maior cuidado com essas travessas! Não quero que lhes aconteça nada antes que os convidados as vejam.” Momentos depois estavam novamente sós. Voltou-se para Johnston, fazendo um gesto na direcção das tapeçarias. “Ou a este castelo.”

“Meu Senhor”, disse Johnston, “não tendes a menor necessidade de defender este castelo quando tendes um muito melhor.”

“Eh! Estais a falar de La Roque? Mas La Roque tem um ponto fraco. Há uma passagem que não consigo encontrar.”

“E como é que sabeis que a passagem existe?”

“Tem de existir”, disse Oliver, “porque o velho laon foi o arquitecto de La Roque. Ouvistes falar de Laon? Não? Foi o Abade do mosteiro antes do Abade actual. Esse velho bispo era muito astuto e sempre que era chamado para prestar assistência na reconstrução de uma cidade, ou de um castelo, ou de uma igreja, deixava atrás de si um segredo qualquer que só ele conhecia. Cada castelo tinha uma passagem desconhecida, ou um ponto fraco desconhecido, que Laon podia vender a um atacante se tal fosse necessário. O velho Laon era muito perspicaz na defesa dos interesses da Madre Igreja - e muito mais na defesa dos seus interesses.”

“E mesmo assim”, disse Johnston, “se ninguém sabe onde está essa passagem, também é muito possível que não exista. Há outras considerações, meu Senhor. Qual é o vosso actual reforço em soldados aqui?”

“Duzentos e vinte homens de armas, duzentos e cinquenta arqueiros e duzentos homens armados com chuços.”

“Arnaut tem duas vezes isso”, disse Johnston. “Talvez mais.” “Achais que sim?”

“Para dizer a verdade, não passa de um vulgar ladrão, mas agora tornou-se num ladrão famoso, por ter marchado contra Avignon, pedindo ao Pontífice para jantar com os seus homens e tendo em seguida pago dez mil libras para sair da cidade intacto.”

“É verdade?”, disse Lord Oliver, parecendo perturbado. “Não ouvi falar disso. É evidente que há rumores de que Arnaut tenciOna marchar contra Avignon, talvez já no próximo mês. E todos estão

convencidos de que irá ameaçar o Papa. Mas para já ainda não o fez." Franziu as sobranceiras. "Ou já o fez?"

"Falais a verdade, meu Senhor", respondeu o Professor prontamente. "Notai que o perigo daquilo que ele tenciona fazer é o de atrair todos os dias novos soldados para as suas hostes. Neste momento tem um milhar na sua companhia. Talvez dois mil."

Oliver resmungou. "Não tenho medo."

"Tenho a certeza de que assim é", disse Johnston, "mas este castelo tem um fosso muito baixo; uma única ponte móvel; um único arco de entrada, nenhuma barreira de defesa e uma única ponte levadiça. As vossas muralhas a leste são Muito baixas. Só tendes espaço para armazenar alimentos e água para alguns dias. A vossa guarnição está atravancada no pátio pequeno e os vossos homens não são facilmente manobráveis."

OliVer afirmou: "Digo-vos que o meu tesouro se encontra aqui, e ficarei aqui com ele."

"E o meu conselho>, disse Johnston, "é de reunirdes aquilo que for possível e de partir. La Roque está construído numa encosta, com rochas escarpadas em dois lados. Tem um fosso baixo no terceiro lado, dois portões de saída, duas grades e duas pontes levadiças. Mesmo se os invasores conseguirem passar o portão exterior ..."

"Eu conheço as qualidades de La Roque!" Johnston fez uma pausa.

"E não desejo ouvir as vossas danadas instruções!"

Como quiserdes, Lord Oliver." E em seguida Johnston acrescentou, "Ah." "Ah? Ah?"

"Meu Senhor", disse Johnston. "Não posso aconselhar-vos se estiverdes

contra mim."

"Contra vós? Eu não estou contra vós, Magister. Falo abertamente, dizendo tudo aquilo que sinto e não escondendo

nada.”

“Quantos homens tendes na guarnição de La Roque?” Oliver contorceu-se desconfortavelmente. “Trezentos.” “Sendo assim, o vosso tesouro já se encontra em La Roque.”

Lord Oliver encolheu os ombros. Não disse uma palavra. Voltou-se, caminhou em torno de Johnston e voltou a encolher os ombros. Finalmente: “Estais a pressionar-me para mudar para lá provocando os meus medos.” “Não estou.”

“Quereis que eu mude para La Roque porque sabeis que o castelo tem um ponto fraco. Sois o homem de Arnaut e estais a preparar o caminho para o seu assalto.”

“Meu Senhor”, disse Johnston, “se La Roque é inferior, como dizeis, porque é que haveis colocado lá o vosso tesouro?”

Oliver resmungou de novo com um ar infeliz. “Sois muito hábil com as palavras.”

“Meu Senhor, o vosso comportamento diz-me qual é o castelo superior.” “Muito bem. Mas uma coisa é certa, Magister, se eu for para La Roque ides comigo. E se mais alguém descobrir essa entrada secreta antes de mo terdes dito, eu próprio farei o necessário para que a vossa morte seja tal que, comparada com o fim de Edward,” - deu uma gargalhada com o trocadilho - “pareça uma obra de misericórdia.”

“Compreendo o que quereis dizer”, disse Johnston. “De verdade? Então procurai torná-lo a peito.”

Chris Hughes espreitou pela janela.

Sessenta pés abaixo, o pátio permanecia na sombra. Homens e mulheres nos seus ricos trajes dirigiam-se para as janelas iluminadas do grande salão. ou, viu o som abafado da música. A cena festiva fez com que se sentisse ainda mais sombrio, mais isolado. Os três iam ser mortos - e não havia nada que pudessem fazer contra isso.

Estavam fechados numa pequena câmara, no topo da torre central da fortaleza, sobranceira às muralhas do castelo e à cidade mais abaixo. Era um quarto de mulher, com uma roda de fiar e um

pequeno altar num dos lados, sinais formais de piedade que eram dominados pela enorme cama com cobertura de pelúcia vermelha e um tapete de pele no centro do quarto. A porta do quarto era de carvalho sólido e fora montada recentemente uma nova fechadura. Fora o próprio Sir Guy que fechara a porta à chave, depois de ter colocado um guarda dentro do quarto, sentado junto da porta, e dois outros no exterior.

Desta vez não corriam qualquer risco.

Marek estava sentado na cama, olhando para o tecto com um ar ausente, perdido nos seus pensamentos. Ou talvez estivesse a procurar ouvir qualquer coisa; tinha uma mão em concha em volta da orelha. Entretanto Kate caminhava incansavelmente de um lado para o outro, movendo-se de uma janela para a outra e inspeccionando a vista em cada uma delas. Na janela mais distante debruçou-se olhando para baixo, e em seguida dirigiu-se para a janela onde estava Chris e voltou a debruçar-se.

“A vista aqui é exactamente a mesma”, disse Chris. A inquietação dela aborrecia-o.

Foi então que ele a viu colocar a mão no exterior, passando-a pela parede no lado de fora da janela, sentindo as pedras e a argamassa.

Ficou a olhar para ela com um ar interrogador.

“É possível”, disse ela acenando com a cabeça. “É possível.”

Chris debruçou-se e tocou na parede. As pedras eram quase lisas, a parede curva e a pique. Era uma queda directa para o pátio que ficava lá em baixo. “Estás a brincar?” disse ele.

“Não”, respondeu ela. “Não estou.”

Voltou a olhar para baixo. No pátio viam-se muitas outras pessoas para além dos cortesãos. Um grupo de escudeiros falava e ria enquanto limpava as armaduras e escovava os cavalos dos cavaleiros. Mais à direita soldados patrulhavam o parapeito da muralha. Qualquer deles podia voltar-se e olhar para cima se o seu movimento lhes atraísse o olhar.

“Vais ser vista.”

“Desta janela sim. Mas da outra não. O nosso único problema é aquele tipo.” Fez um gesto com a cabeça na direcção do guarda que se encontrava à porta. “Podes fazer alguma coisa para resolver o assunto?”

Sentado na cama, Marek disse: “Eu tomo conta disso.”

“Que porra é esta?” disse Chris muito aborrecido. Falou em voz alta. “Achas que não sou capaz de o fazer?”

“Acho que não.”

“Raios me partam, estou farto do modo como me tratas”, disse Chris. Estava furioso: olhando à sua volta, à procura de qualquer coisa com que pudesse lutar, pegou no pequeno banco que se encontrava junto da roda de fiar e começou a dirigir-se na direcção de Marek.

O guarda viu o que se estava a passar, disse “Non, non, non,” rapidamente e dirigiu-se ao encontro de Chris. Não viu Marek que surgiu por trás, derrubando-o com um candelabro metálico. O guarda deixou-se cair como um saco e Marek agarrou-o, depositando-o silenciosamente no solo. O sangue escorria da cabeça do guarda para uma carpete oriental,

“Está morto?” perguntou Chris, olhando para Marek.

“E o que é que isso interessa?” disse Marek. “Continuem a falar calmamente para que os outros lá fora ouçam as nossas vozes.”

Olharam à volta deles mas Kate já tinha saído pela janela.

É um solo a duas mãos, disse ela para si própria, enquanto se agarrava à parede da torre a sessenta pés do chão.

O vento empurrava-a, amarrotando-lhe as roupas. Agarrava-se às pequenas saliências da argamassa com as pontas dos dedos. Por vezes a argamassa soltava-se e então ela tinha que a apanhar e voltar a agarrar-se de novo. Mas aqui e ali sempre ia encontrando cavidades na argamassa onde conseguia enfiar os dedos.

já tivera escaladas mais difíceis. Qualquer dos edifícios de Yale era mais difícil - embora aí tivesse sempre giz para as mãos, sapatos adequados para escalar e uma corda de segurança. Aqui não havia qualquer segurança.

Não é longe.

Saía pela janela a oeste porque ficava atrás do guarda, porque estava voltada para a cidade e assim seria menos provável que a vissem do pátio, e porque era a distância mais curta para a janela seguinte, que ficava no fim do corredor que dava para a câmara.

Não é longe, disse para consigo. No máximo dez pés, Não te apresses. Tem calma. Primeiro uma mão, depois um pé... em seguida a outra mão.

Estou quase lá, pensou. Quase lá.

Finalmente tocou no parapeito da janela. Pela primeira vez conseguiu agarrar-se com firmeza. Içou-se cuidadosamente com uma das mãos, espreitando cautelosamente para o corredor.

Não havia guardas.

O corredor estava deserto.

Apoiando-se agora com as duas mãos, Kate içou-se, apoiou-se no parapeito e escorregou para o soalho do corredor. Encontrava-se agora no Corredor, do lado de fora da porta fechada. Suavemente, disse: "Consegui."

Marek perguntou, "Guardas?"

"Nenhum, mas também não vejo a chave." Inspeccionou a porta. Era espessa, sólida. Marek perguntou, "Dobradiças?"

"Sim. Do lado de fora." Eram feitas de espesso ferro forjado. Ela compreendia o que ele lhe estava a perguntar. "Consigno ver os pinos." Se conseguisse fazer saltar os pinos das dobradiças, seria fácil conseguir abrir a porta. "Mas preciso de um martelo ou de qualquer coisa no género. Não há aqui nada que possa usar."

"Descobre qualquer coisa," respondeu Marek em voz baixa. Ela correu ao longo do corredor.

“De Kere”, disse Lord Oliver quando o cavaleiro da cicatriz entrou no salão. “O Magister é de opinião que devemos mudar para La Roque.”

De Kere acenou gravemente com a cabeça. “O risco seria muito grande, sir.”

“E o risco de ficar aqui?” disse Oliver.

“Se o conselho do Magister é bom e verdadeiro, e não tem qualquer outra intenção, porque é que os seus assistentes ocultaram a sua identidade quando chegaram à vossa corte? Uma tal atitude não é uma prova de honestidade, meu Senhor. Seria meu desejo que ficásseis satisfeito com a resposta pela sua conduta, antes que possa acreditar neste novo Magister e nos seus conselhos,”

“Fiquemos todos satisfeitos”, disse Oliver. “Trazei-me agora os assistentes e perguntar-lhes-emos aquilo que quereis saber.”

“Meu Senhor.” De Kere fez uma vénia e abandonou a sala.

Kate saiu da escada em caracol e deslizou por entre a multidão que se encontrava no pátio. Pensava que poderia usar um estojo de ferramenta de carpinteiro, ou um martelo de ferreiro, ou até mesmo as ferramentas que o alveitar usava para ferrar os cavalos. À sua esquerda viu os moços de estrebaria e os cavalos, e começou a dirigir-se nessa direcção. No meio da multidão excitada ninguém lhe prestou a menor atenção. Deslizou facilmente na direcção da muralha leste, e estava a pensar como é que havia de distrair os moços de estrebaria, quando directamente à sua frente viu um cavaleiro que se mantinha imóvel, olhando fixamente para ela.

Robert de Kere.

Os seus olhares encontraram-se por momentos e em seguida ela voltou-se e correu. Atrás de si ouviu de Kere gritar a pedir ajuda, e os gritos de resposta dos soldados à sua volta. Continuou a correr empurrando a multidão, que de repente era um impedimento, mãos que se dirigiam para ela, procurando agarrar-lhe a roupa. Para escapar à multidão entrou pela primeira porta que viu, batendo-a atrás de si.

Encontrou-se na cozinha.

A dependência estava terrivelmente quente, e havia mais gente do que no pátio. Enormes caldeirões de ferro ferviam na imensa lareira. Uma dúzia de capões rodavam numa fila de espetos, sendo a manivela accionada por uma criança. Fez uma pausa, não tendo a certeza daquilo que havia de fazer, e nesse instante de Kere passou pela porta, gritou em voz alta "Tu!" e desembainhou espada.

Baixou-se, tropeçando nas mesas que se encontravam cheias de comida ser preparada. A espada desceu violentamente, enviando pratos a voar em todos os sentidos. Tropeçou, baixou-se ainda mais, metendo-se debaixo das mesas. Os cozinheiros começaram a gritar. Viu um modelo gigante do castelo, feito num tipo qualquer de pastelaria, e dirigiu-se para lá. De Kere estava mesmo atrás dela.

os cozinheiros estavam a gritar "Non, Sír Robert, non!" numa espécie de coro que se espalhava por toda a sala, e alguns dos homens estavam tão aflitos que avançaram procurando detê-lo.

De Kere fez voltear a espada mais uma vez. Ela baixou-se e a espada decapitou as muralhas do castelo, levantando uma nuvem de pó branco. Neste instante os chefes deram um grito agudo colectivo de agonia e lançaram-se sobre de Kere de todos os lados, gritando que este era o favorito de Lord Ciliver, que ele já o havia aprovado, que Sir Robert não o devia modificar mais. Robert rolou no chão, praguejando e tentando sacudi-los.

Na confusão ela correu de novo para a porta, saindo para a luz da tarde.

A uma certa distância à sua direita viu a parede curva da capela. A capela estava a sofrer uma certa restauração; via-se uma escada apoiada na parede e alguns andaimes ligeiros no telhado, onde os operários estavam a reparar as telhas.

Queria afastar-se das multidões e dos soldados. Sabia que do outro lado da capela corria uma passagem estreita entre o edifício e a muralha exterior da torre do castelo. Pelo menos escapava-se da multidão se fosse por ali. Enquanto corria na direcção da passagem, ouviu de Kere que corria atrás dela, gritando para os soldados;

conseguiu sair da cozinha. Corria o mais que podia, tentando ganhar alguma distância. Passou o canto da capela. Olhando para trás, viu outros soldados que corriam no sentido inverso contornando a capela, procurando aparecer-lhe de frente no outro extremo da passagem.

Sir Robert ladrou mais ordens aos soldados enquanto contornava a esquina atrás dela - e de repente parou de forma abrupta. Os soldados pararam ao seu lado, murmurando todos numa grande confusão.

Observaram a passagem com cerca de quatro pés de lado que ficava entre o castelo e a capela. A passagem estava vazia. No outro extremo da passagem apareceram outros soldados de frente para eles.

A mulher tinha desaparecido.

Kate trepava a parede da capela, encontrando-se a cerca de dez pés de altura, os contornos do corpo ocultos pelo bordo decorativo da janela da capela e por espessos ramos de hera. Mesmo assim, continuava a ser facilmente visível se alguém olhasse para cima. Mas a passagem era escura e ninguém o fez, Ouviu de Kere gritar irritadamente: "Vão buscar os outros assistentes e despachem-nos já!"

Os soldados hesitaram. "Mas Sir Robert, eles são assistentes do Magister de Lord Oliver ..."

"E é o próprio Lord Oliver que o ordena. Matem-nos todos!" Os soldados afastaram-se a correr na direcção do castelo.

De Kere praguejou. Estava a falar com um soldado que permanecera junto dele, mas estavam a falar num sussurro, o tradutor de ouvido estava cheio de ruídos de estática e não conseguia perceber o que diziam. Para dizer a verdade, sentia-se surpreendida por ter conseguido ouvir tanto.

Como é que ela fora capaz de os ouvir? Parecia-lhe estarem demasiado longe para conseguir ouvir de Kere de forma tão clara. E,

no entanto, a sua voz era clara, quase amplificada. Talvez fosse por causa da acústica da passagem...

Olhando para baixo viu que ainda ali se encontravam alguns soldados. Estavam apenas a andar de um lado para o outro. Deste modo ela não conseguia descer. Decidiu trepar até ao telhado e esperar até que as coisas estivessem mais calmas. O telhado da capela ainda se encontrava exposto à luz do sol: um simples telhado em bico coberto de telha, com pequenas falhas onde estavam a ser feitas as reparações. A aba era íngreme; agachou-se na caleira e disse: "André".

Um ruído de estática. Pensou ter ouvido a voz de Marek, mas a estática era péssima.

"André, estão a ir para aí para vos matar."

Não houve qualquer resposta, apenas mais estática. "André?"

Nenhuma resposta.

Talvez as paredes à sua volta estivessem a interferir com a transmissão; era capaz de obter melhores resultados no topo do telhado. Começou a trepar a superfície íngreme, contornando facilmente as zonas onde as telhas estavam a ser reparadas. Em cada um dos lados o pedreiro montara uma pequena plataforma, com a sua bacia de argamassa e a pilha de telhas. O chilrear dos pássaros fizeram-na parar. Viu que havia de facto um buraco no telhado nessas zonas de reparação, e...

Um som de raspar fez com que ela olhasse para cima. Viu um soldado passar o topo do telhado. Este deteve-se, olhando para baixo na sua direcção. Em seguida surgiu um segundo soldado.

Então era por isso que de Kere estivera a sussurrar: afinal de contas ele sempre a avistara na parede, e dissera aos soldados para subirem pela escada no lado oposto.

olhou para baixo e viu soldados que se encontravam na passagem. Naquele instante estavam a olhar para ela.

Agora o primeiro soldado passava a perna pelo cume do telhado e começava a descer na sua direcção.

Só havia uma coisa que ela podia fazer. O buraco do pedreiro tinha cerca de dois pés de lado. Através dele conseguia ver o travejamento abaixo do telhado e, cerca de dez pés mais abaixo, os arcos de pedra do tecto da capela. Havia uma espécie de passagem em madeira que corria pela parte de cima dos arcos.

Kate rastejou através do buraco e deixou-se cair no tecto mais abaixo. Sentiu o cheiro acre da poeira e dos dejectos dos pássaros. Havia ninhos por toda a parte, ao longo dos passadiços, nos cantos e nas juntas. Baixou-se quando alguns pardais lhe passaram por cima da cabeça a chilrear. E de repente sentiu-se envolvida por um turbilhão de aves a guincharem e de penas que esvoaçavam. Verificou que havia ali centenas e ela tinha-as perturbado. Durante alguns instantes não conseguiu fazer mais nada a não ser proteger o rosto com as mãos e permanecer imóvel. Os sons foram diminuindo.

, Quando olhou de novo viu apenas alguns pássaros a esvoaçar. E os dois soldados estavam a descer pelos buracos do telhado na direcção do solo que se encontrava em baixo.

Rapidamente deslocou-se pelo passadiço na direcção de uma porta distante que provavelmente deveria conduzir à igreja. Quando se aproximava a porta abriu-se e um terceiro soldado passou por ela.

Três contra um.

Recuou, deslocando-se pelo passadiço que corria na parte superior das curvas das abóbadas do tecto. Mas os outros soldados moviam-se na direcção dela. Havia desembainhado as adagas. Não tinha a menor ilusão sobre aquilo que eles pretendiam fazer.

Recuou afastando-se deles.

Recordou-se do modo como se pendurara debaixo daquele tecto, examinando as inúmeras fracturas e reparações que haviam sido feitas ao longo dos séculos. Agora encontrava-se da parte de cima da mesma estrutura. O passadiço implicava claramente que os próprios arcos eram fracos. Até que ponto eram fracos? Seriam capazes de suportar o seu peso? Os homens deslocavam-se firmemente na sua direcção.

Colocou-se cautelosamente sobre uma das cúpulas para a testar. Aplicou todo o seu peso nela.

Aguentou. Os soldados vinham atrás dela, mas deslocavam-se lentamente. De repente os pássaros entraram novamente em actividade, soltando guinchos e erguendo-se como uma nuvem. Os soldados cobriram os rostos. Os pássaros voaram tão perto que as asas lhe bateram na cara. Recuou mais uma vez, enquanto os pés pisavam a estreita camada de detritos acumulados.

Encontrava-se agora de pé numa zona de cúpulas e fossos, com uma estrutura mais espessa de pedra nos sítios onde os arcos se encontravam. Deslocou-se na direcção dessa estrutura porque sabia que seria naturalmente mais forte, e caminhando por ela dirigiu-se para o extremo oposto da capela, onde viu uma pequena porta. Provavelmente daria para o interior da igreja, descendo talvez atrás do altar.

Um dos soldados correu ao longo do passadiço para em seguida se colocar na parte convexa de um dos arcos. Moveu-se com o intuito de bloquear o seu progresso. Empunhava a faca à sua frente.

inclinando-se, fez uma pequena finta, mas o soldado limitou-se a manter a sua posição. Um segundo soldado correu para se deter ao seu lado. O terceiro soldado estava atrás dela. Também se colocou sobre a cúpula.

Ela moveu-se para a direita, mas os dois homens vieram directamente na sua direcção. O terceiro aproximava-se pela parte de trás.

Os dois homens encontravam-se a pouco mais de um metro de distância quando ela ouviu um estampido, e olhando para baixo viu uma linha sinuosa que se abria na argamassa entre as pedras. Os soldados recuaram precipitadamente, mas a fractura já estava a alargar, lançando ramos como uma árvore. As fracturas passaram-lhe entre as pernas; olharam para baixo horrorizados. Então as pedras que se encontravam debaixo dos pés caíram, e eles desapareceram de vista dando gritos de terror.

Olhou para trás na direcção do terceiro homem que tropeçou e caiu enquanto corria apressadamente para o passadiço. Aterrou com um estalido, e Kate viu a sua face aterrorizada enquanto ele se mantinha na mesma posição, sentindo que as pedras debaixo do corpo cediam lentamente, uma a seguir à outra. E finalmente desapareceu, com um longo grito de medo.

E, de repente, ela estava sozinha.

Estava de pé em cima do tecto, com os pássaros a guincharem à sua volta. Demasiado aterrorizada para se mover, limitou-se a ficar no mesmo lugar, tentando abrandar a respiração. Mas estava bem.

Ela estava bem. Tudo estava bem. Ouvia um simples crack.

Em seguida mais nada. Esperou.

Outro crack. Este sentiu-o directamente debaixo dos pés. As pedras estavam a mover-se. Olhando para baixo viu a argamassa a abrir fendas em diversas direcções, afastando-se rapidamente dela. Moveu-se rapidamente para a esquerda, dirigindo-se para a segurança da estrutura de reforço, mas era demasiado tarde.

Uma das pedras caiu e ela enfiou o pé no buraco. Caiu até ao nível do peito e em seguida procurou comprimir o corpo, abrindo as mãos o mais que podia, com o intuito de distribuir o peso. Ficou ali durante alguns segundos, arfando. Pensou para consigo: Bem lhe disse que era uma má construção.

Esperou, tentando pensar na melhor maneira de sair daquele buraco. Tentou torcer o corpo...

Crack.

Directamente à frente dela abriu-se uma linha na argamassa e caíram várias pedras. E, em seguida, sentiu-se cair ainda mais; sentiu num momento de terrível certeza de que também ela ia cair pelo buraco.

No quarto vermelho de pelúcia na torre, Chris não tinha a certeza daquilo que ouvira no auricular. Parecia-lhe que Kate tinha dito, "Vão aí para te matar." E em seguida mais qualquer coisa, que não conseguiu apanhar, antes da estática se tornar constante.

Marek abriu o armário de madeira junto do pequeno altar, inspeccionando apressadamente o que se encontrava dentro. "Chega aqui, ajuda-me"

"O que é que se passa", disse Chris.

"Oliver mantém aqui a sua amante", disse Marek. "Aposto que também guarda aqui uma arma."

Chris dirigiu-se para um segundo armário aos pés da cama, e abriu as portas para trás. Este armário parecia estar cheio com roupas de cama, vestidos e roupas de seda. Atirava-as pelo ar enquanto procurava; caíam no soalho à sua volta.

Não encontrou qualquer arma. Nada.

Olhou para Marek. Encontrava-se de pé no meio de uma pilha de vestidos, abanando a cabeça.

Nenhuma arma.

Da parte de fora, no corredor, Chris ouviu soldados que corriam, dirigindo-se para eles. E através da porta ouviu o zing metálico produzido quando eles desembainharam as espadas.

29:10:24

"Posso oferecer-lhe Coca-Cola, Coca-Cola dieta, Fanta ou Sprite", disse Gordon. Estavam junto de uma máquina automática de bebidas no corredor dos laboratórios da ITC.

"Eu quero uma Coca-Cola" disse Stern,

A lata produziu um ruído metálico ao cair no fundo da máquina. Stern pegou nela e puxou a argola. Gordon escolheu uma Sprite. "É importante permanecermos hidratados no deserto", disse. "Temos humidificadores no edifício, mas não trabalham suficientemente bem."

Seguiram pelo corredor na direcção da porta seguinte.

"Pensei que gostaria de ver isto", disse Gordon, conduzindo Stern para outro laboratório. "É apenas uma questão de interesse histórico. Foi neste laboratório que demonstrámos pela primeira vez a tecnologia." Acendeu as luzes.

, O laboratório era uma sala grande com um aspecto desmazelado. O chão estava coberto com azulejos cinzentos antiestáticos; o tecto acima estava aberto, mostrando lâmpadas com protecção e calhas metálicas transportando espessos cabos que corriam como linhas umbilicais na direcção dos computadores que se encontravam nas mesas. Numa das mesas havia dois pequenos dispositivos Parecidos com gaiolas, cada um deles com trinta centímetros de altura. Encontravam-se separados um do outro cerca de um metro e vinte e estavam ligados por um cabo.

“Esta é a Alice”, disse Gordon orgulhosamente, apontando para a primeira gaiola. “E este é o Bob.”

Stern sabia que de acordo com uma convenção estabelecida há muito tempo, Os instrumentos de transmissão quântica eram rotulados como Alice"e "Bob"

ou “A” e “B”. Olhou para as pequenas gaiolas. Numa delas encontrava-se Uma pequena boneca de plástico, uma rapariga com um vestido de algodão fino estilo pioneiro.

“A primeira de todas as transmissões foi realizada aqui”, disse Gordon. “Tivemos êxito na passagem desta boneca entre as duas gaiolas. Isso foi há quatro anos.”

Stern pegou na boneca. Era apenas um modelo barato; viu as costuras de plástico que corriam de ambos os lados do rosto e do corpo. Os olhos fechavam e abriam quando a abanava.

“Está a ver”, disse Gordon, “a nossa intenção original era a de aperfeiçoar a transmissão de objectos a três dimensões. Uma espécie de fax a três dimensões. Talvez saiba que houve muito interesse nisso.”

Stern acenou com a cabeça; ouvira falar do trabalho de investigação. “Stanford realizou o primeiro projecto”, disse Gordon. “E havia muitos trabalhos a serem desenvolvidos em Silicon Valley. A ideia era a de que, nos últimos vinte anos, toda a transmissão de documentos passara a ser electrónica - tanto por fax como por e-mail. já não se torna necessário enviar o papel de uma forma física; enviamos apenas sinais electrónicos. Muitas pessoas estavam

convencidas de que, mais cedo ou mais tarde, todos os objectos passariam a ser enviados da mesma maneira. Por exemplo, deixaria de ser necessário expedir a mobília, bastaria transmiti-la entre estações. Coisas desse género.”

“Se fosse possível fazer isso”, disse Stern.

“Certo. E enquanto estivéssemos a trabalhar com objectos simples, era possível. Sentíamos-nos encorajados. Mas é evidente que não bastava transmitir entre duas estações ligadas por cabos. Precisávamos de transmitir à distância, pelo ar, se assim se pode dizer. E foi assim que o tentámos. Aqui.”

Atravessou a sala, e aproximou-se de duas outras gaiolas, um tanto maiores e mais sofisticadas. Começavam a parecer-se com as gaiolas que Stern vira na cave. “Alice e Bob, parte dois”, disse Gordon. “Ou, conforme lhes chamávamos,

Allie e Bobbie. Constituíram a base dos nossos testes para a transmissão remota.” “E?”

“Não funcionou”, respondeu Gordon. “Transmitimos a partir de Allie mas nunca conseguimos chegar a Bob. Nunca.”

Stern acenou lentamente com a cabeça. “Porque o objecto que se encontrava em Allie seguiu directamente para outro universo.”

“Exacto. É evidente que não nos apercebemos disso de imediato”, disse Gordon. “Quer dizer, essa era a explicação teórica, mas quem é que iria suspeitar daquilo que na verdade se estava a passar? Levou-nos um tempo incrível para conseguirmos chegar a uma conclusão. Finalmente construímos uma máquina tipo pombo-correio - uma máquina que seria capaz de ir e voltar automaticamente. A equipa chamava-lhe Allie-Allie-aí-vou eu. Está aqui.”

Outra gaiola, ainda maior, talvez com cerca de três pés de altura, e sem a menor dúvida muito semelhante às gaiolas que eram agora usadas. As mesmas três barras, a mesma disposição de lasers.

“E?”, perguntou Stern.

“Verificámos que o objecto ia e voltava”, disse Gordon. “E foi assim que enviámos objectos mais sofisticados. Pouco depois conseguimos enviar uma máquina fotográfica e de volta conseguimos uma fotografia.”

“Sim?” “Era uma fotografia do deserto. Para dizer a verdade, precisamente deste lugar. Mas antes de existirem aqui quaisquer edifícios.”

Stern acenou com a cabeça. “E foi capaz de a datar?”

“Não de imediato”, respondeu Gordon. “Continuámos a enviar a máquina fotográfica, vezes sem conta, mas tudo aquilo que conseguíamos era o deserto. Por vezes com chuva, outras vezes com neve, mas sempre o deserto. Era claro que estávamos a ir a tempos diferentes - mas que tempos? Datar a imagem era bastante complicado. Veja bem, como é que se pode usar uma máquina fotográfica para datar uma imagem de uma paisagem como esta?”

Stern franziu as sobrancelhas. Compreendeu o problema. A maior parte das velhas fotografias eram datadas a partir dos artefactos humanos da imagem um edifício, um carro, roupas ou ruínas. Mas um deserto no Novo México não habitado dificilmente mudaria de aparência ao longo de milhares ou até centenas de milhares de anos.

Gordon sorriu. “Colocámos a máquina fotográfica na vertical, instalámos uma lente olho de peixe, e fotografámos o céu à noite.”

“Ah.” “É evidente que nem sempre funciona - tem que ser mesmo noite - e o céu deverá estar sem nuvens - mas se tivermos bastantes planetas na nossa imagem, é possível identificar o céu de uma forma bastante exacta. Até ao ano, dia e hora. E foi assim que começámos a desenvolver a nossa tecnologia de navegação.”

“Foi então que se modificou todo o projecto ...”

“Exacto. É evidente que sabíamos aquilo que tínhamos. Já não estávamos a fazer transmissão de objectos - não valia a pena continuar a tentá-lo. Estávamos a fazer transporte entre universos.”

“E quando é que começou a enviar pessoas?”

“Não o fizemos durante algum tempo.”

Gordon levou-o para outra parte do laboratório, onde se encontrava uma série de equipamento electrónico. E aí Stern viu enormes bolsas de plástico penduradas e cheias de água, fazendo lembrar colchões de água pendurados por uma das pontas. E no centro uma gaiola em tamanho natural, não tão refinada como as que vira na sala de trânsito, mas usando claramente a mesma tecnologia.

“Esta foi a nossa primeira máquina verdadeira”, disse Gordon orgulhosamente.

“Espere um minuto”, disse Stern. “Esta coisa funciona?” “É claro que sim.”

“Funciona agora?”

“Já não é usada há algum tempo”, respondeu Gordon. “Mas julgo que sim. Porquê?”

“Sendo assim, se quisesse regressar para os ajudar”, disse Stern, “então podia fazê-lo... nesta máquina. Está correcto?”

“Sim”, disse Gordon, acenando lentamente com a cabeça. “Podia regressar nesta máquina mas ...”

“Veja uma coisa, julgo que no sítio onde se encontram estão com problemas

- ou ainda pior.”

“Provavelmente. Julgo que sim.”

“E está a dizer-me que temos uma máquina que funciona”, disse Stern, “só

Gordon suspirou. “Receio que seja um pouco mais complicado do que isso, David.”

29:10:00

Kate caiu em câmara lenta quando as pedras do tecto cederam. Enquanto descia os seus dedos fecharam-se sobre a beira áspera de argamassa, e com a prática de muitos anos, agarrou-a e

aguentou-se. Ficou pendurada por uma das mãos, olhando para baixo enquanto as pedras em queda desabavam no solo da capela numa nuvem de poeira. Não viu o que é que acontecera aos soldados.

Ergueu a outra mão, agarrando a beira da pedra. Sabia que as outras pedras se iriam soltar a qualquer minuto. O tecto estava todo a desabar. Estruturalmente, a maior força estava situada próximo da linha reforçada da nervura, no ponto de encontro dos arcos. Aí ou na parede lateral da capela, que era pedra vertical,

Decidiu tentar chegar à parede lateral.

A pedra soltou-se; voltou a ficar pendurada pela mão esquerda. Cruzou uma mão sobre a outra, procurando chegar tão longe quanto possível, ao mesmo tempo que tentava mais uma vez distribuir o peso do corpo.

A pedra onde se agarrava com a mão esquerda soltou-se, caindo no solo. Voltou a oscilar no ar e encontrou outro ponto onde se agarrar. Naquele momento encontrava-se apenas a três pés da parede lateral, e enquanto procurava chegar à parede notou que a pedra era notavelmente mais espessa. A beirada a que se agarrava era mais firme.

Ela ouvia os soldados em baixo aos gritos e correndo para a capela. Não tardaria muito que estivessem a disparar flechas contra ela.

Tentou balançar-se erguendo a perna esquerda. Quanto melhor conseguisse distribuir o seu peso, melhor seria para ela. Conseguiu erguer a perna; o tecto aguentou. Contorcendo o tronco, conseguiu erguê-lo até à saliência e depois levantou a outra perna. A primeira flecha zumbiu ao passar por ela; seguiram-se outras que embateram na pedra com um som cavo, levantando pequenas nuvens de poeira. Estava deitada no topo do telhado, procurando espalmar-se o mais possível.

Mas não podia continuar ali, Afastou-se do beiral, na direcção da linha de nervura. Enquanto o fazia, mais pedras se soltaram e caíram.

Os soldados pararam de gritar. Pensou que talvez tivessem sido atingidos por uma das pedras em queda. Mas não: ouviu-os correr apressadamente saindo da igreja. Ouviu homens no exterior e cavalos que relinchavam.

O que é que se estava a passar?

Dentro do quarto da torre, Chris ouviu o raspar da chave na fechadura. Nessa altura os soldados que se encontravam no exterior fizeram uma pausa e gritaram através da porta - chamando o guarda que estava dentro do quarto.

Entretanto Marek procurava como um louco. Estava de joelhos, espreitando debaixo da cama. "Encontrei!" exclamou. Levantou-se atabalhoadamente, segurando uma espada e uma longa adaga. Atirou a adaga a Chris.

No exterior os soldados gritavam de novo chamando o guarda que se encontrava lá dentro. Marek dirigiu-se para um dos lados da porta e fez um gesto a Chris indicando-lhe para se colocar do outro lado.

Chris comprimiu-se contra a parede ao lado da porta. Ouviu as vozes dos homens que se encontravam lá fora - muitas vozes. O seu coração começou a bater desordenadamente. Sentira-se chocado com o modo como Marek matara o guarda.

Estão a dirigir-se para aí para vos matar.

Ouvia as palavras repetirem-se vezes sem conta na sua cabeça, com um sentido de irrealidade. Não lhe parecia possível que os homens de armas viessem

para o matar.

No conforto da biblioteca lera relatos de passados actos de violência, assassínios e chacinas. Lera descrições de ruas escorregadias por causa do sangue, soldados encharcados em vermelho da cabeça aos pés, mulheres e crianças desventradas apesar das suas súplicas piedosas. Mas, de certo modo, sempre se convencera de que esses relatos eram exagerados. Na universidade era costume interpretar os documentos ironicamente, falar da

ingenuidade da narrativa, do conteúdo do texto, do privilégio do poder... Uma atitude teórica deste tipo dentro em breve se transformou num inteligente jogo intelectual. Chris era bom no jogo, mas ao tomar parte nele, de certo modo perdeu a pista de uma realidade mais autêntica - a de que os textos antigos relatavam histórias terríveis e episódios violentos que na maioria das vezes eram verídicos. Deixara de ter consciência do facto de que estava a ler história.

Até agora, quando forçosamente teve que enfrentar os factos. A chave rodou na fechadura.

No outro lado da porta o rosto de Marek transformara-se numa careta, os lábios arreganhados mostrando os dentes cerrados. Parecia um animal, pensou Chris. O corpo de Marek estava tenso enquanto empunhava a espada, pronto a desferir o golpe. Pronto a matar.

A porta foi empurrada para trás, bloqueando momentaneamente a visão de Chris. Mas viu Marek desferir um golpe de cima para baixo, e ouviu um grito, enquanto um enorme jacto de sangue se espalhava no solo e um corpo caiu pouco depois.

A porta bateu contra o seu corpo, detendo o golpe que ia desferir e prendendo Chris atrás dela. Do outro lado um homem embateu contra ela e em seguida arquejou quando uma espada fez saltar lascas de madeira. Chris tentou sair de trás da porta mas outro corpo caiu, bloqueando o seu caminho.

Passou por cima do corpo e a porta bateu violentamente contra a parede enquanto Marek enfrentava outro atacante, e um terceiro soldado afastou-se cambaleante por causa do impacto e caiu no solo aos pés de Chris. O tronco do soldado estava encharcado de sangue; o sangue brotava-lhe do peito como uma fonte de Primavera. Chris inclinou-se para pegar na espada que ainda se encontrava nas mãos do homem. Quando puxava a espada o homem agarrou-a ferozmente, fazendo uma careta na direcção de Chris. Abruptamente o soldado enfraqueceu e libertou a espada, o que fez com que Chris cambaleasse, indo chocar com a parede.

O homem estendido no solo continuava a olhar para ele. O rosto estava contorcido numa careta de fúria - e de repente ficou imóvel.

Santo Deus, pensou, está morto.

De repente, à sua direita, outro soldado entrou de rompante no quarto, as costas voltadas para Chris enquanto combatia com Marek. As espadas entrecrocavam-se; combatiam ferozmente; mas o homem não se apercebera de Chris, e este ergueu a espada, que lhe parecia muito pesada e pouco manejável. Pensou se seria capaz de desferir um golpe com ela, se de facto seria capaz de matar o homem que se encontrava de costas para ele. Ergueu a espada, curvou o braço como se fosse bater uma bola - e preparou-se para desferir o golpe quando Marek cortou o braço do homem pelo ombro.

O membro cortado caiu no solo com um som cavo e rolou até à parede debaixo da janela. O homem olhou espantado para o que acontecera no instante imediatamente antes de Marek lhe ter cortado a cabeça com um simples golpe; a cabeça voou pelos ares, bateu contra a porta junto de Chris, e caiu aos seus pés com o rosto voltado para baixo.

Apressadamente afastou os pés daquele despojo. A cabeça rolou mais uma vez, ficando com o rosto voltado para cima, e Chris viu os olhos pestanejarem e a boca mover-se, como se pretendesse formar palavras. Afastou-se mais uma vez.

Chris olhou na direcção do tronco que se encontrava no solo, onde o sangue ainda continuava a sair aos borbotões da ferida do pescoço. O sangue corria livremente pelo chão de pedra - litros de sangue segundo parecia. Olhou para Marek que agora se encontrava sentado na cama, ainda arquejante, o rosto e o gibão salpicados de sangue.

Marek ergueu os olhos na sua direcção. "Estás bem?", perguntou. Chris não conseguia responder.

Não conseguia pronunciar uma palavra.

E de repente o sino da igreja da aldeia começou a tocar.

Através da janela Chris viu as labaredas que se erguiam de duas casas agrícolas no outro extremo da cidade, próximo da muralha circundante da cidade. Homens corriam pelas ruas na direcção do fogo.

“Há um incêndio”, disse Chris.

“Tenho dúvidas”, disse Marek ainda sentado na cama. “Não, a sério”, respondeu Chris. “Olha.”

Na cidade viam-se cavaleiros que galopavam pelas ruas; estavam vestidos como mercadores ou comerciantes, mas cavalgavam como combatentes.

“É um gênero típico de diversão”, disse Marek, “para iniciar um ataque.” “Um ataque?”

“O Arcebispo está a atacar Castलगard.” “Tão cedo?”

“Trata-se apenas das tropas avançadas, talvez uma centena de soldados ou pouco mais. Irão tentar criar confusão, separar as tropas. É muito provável que o corpo do exército ainda se encontre do outro lado do rio. Mas não há dúvida de que o ataque já começou.”

Aparentemente também havia outros que tinham pensado nisso. No pátio mais abaixo os cortesãos saíam em torrente do grande salão, apressando-se na direcção da ponte levadiça, procurando abandonar o castelo, a festa subitamente interrompida. Uma companhia de cavaleiros em armadura afastou-se a galope, fazendo fugir os cortesãos precipitadamente, atravessou a ponte levadiça com um ecoar de trovão e seguiu apressadamente através das ruas da cidade.

Kate espreitou pela porta, arquejante. “Malta? Vamos embora. Temos que encontrar o Professor antes que seja demasiado tarde.”

28:57:32

No grande salão era um autêntico pandemónio, Os músicos fugiram, os convidados atropelaram-se na direcção das portas, cães

ladravam e pratos de comida estatelavam-se no solo. Cavaleiros corriam para se juntarem à batalha, gritando ordens aos seus escudeiros. Lord Oliver desceu rapidamente do estrado da mesa grande, agarrou o Professor pelo braço e disse a Sir Guy: "Vamos para La Roque. Cuidar de Lady Claire. E trazei os assistentes!"

Robert de Kere entrou ofegante no salão. "Meu Senhor, os assistentes estão mortos. Morreram quando tentavam escapar!"

"Escapar? Eles tentaram escapar? Mesmo sabendo que isso iria pôr a vida do seu mestre em risco? Vinde comigo, Magister", disse Lord Oliver sombriamente. Oliver conduziu-o para uma porta lateral que dava directamente para o pátio.

Kate desceu de gatas a escada circular, com Marek e Chris logo atrás dela. No segundo andar tiveram que abrandar por causa de um grupo que descia à frente deles. A seguir à curva Kate avistou de relance damas que esperavam e os trajes vermelhos de um homem de idade que arrastava os pés. Atrás dela Chris gritou: "Qual é o problema?" e Kate ergueu uma mão num gesto de aviso. Foi preciso mais outro minuto até conseguirem irromper finalmente no pátio.

Era uma cena caótica. Cavaleiros montados chicoteavam o amontoado de gente em pânico para os forçar a afastarem-se. Ouviu os gritos da multidão, o relinchar dos cavalos e os berros dos soldados nas instalações mais acima.

"Por aqui", disse Kate, e conduziu Marek e Chris em frente, sempre encostados à muralha do castelo, rodeando a capela e passando pela parte lateral do pátio exterior, que avistavam igualmente repleto de multidão.

Viram Oliver a cavalo, o Professor a seu lado e uma companhia de cavaleiros de armadura. Oliver gritou qualquer coisa e todos se dirigiram em frente na direcção da ponte levadiça.

Kate deixou Marek e Chris para ir sozinha atrás deles e só conseguiu avistá-los já no final da ponte levadiça. Oliver virou à esquerda, afastando-se da cidade. Guardas abriram uma porta na parede leste e ele e a sua companhia saíram para o sol da tarde. A porta foi fechada rapidamente atrás deles.

Marek conseguiu alcançá-la. "Onde?", perguntou.

Apontou para o portão que era guardado por cerca de trinta guardas. Mas um número maior de guardas encontrava-se no topo da muralha acima deles. "Nunca conseguiremos sair por ali", disse. Logo atrás deles um grupo considerável de soldados atirou fora as túnicas castanhas, revelando novas indumentárias em verde e negro; começaram a abrir caminho para o castelo. As correntes da ponte levadiça começaram a gemer. "Vamos."

Correram pela ponte levadiça, sentindo o estalar da madeira, sentindo nos pés que começava a subir. A ponte levadiça já subira cerca de três pés quando conseguiram chegar ao outro extremo e saltaram, aterrando em campo aberto.

"E agora?" disse Chris, levantando-se com dificuldade. Ainda empunhava a espada ensanguentada.

"Por aqui", disse Marek, e correu a direito para o centro da cidade.

Correram primeiro para a igreja, afastando-se em seguida pela estreita rua principal, onde combates renhidos já haviam começado: os soldados de Oliver erri castanho avermelhado e cinzento, e os de Arnaut em verde e negro. Marek conduziu-os para a esquerda através do mercado, que agora se encontrava deserto, com as mercadorias amontoadas e os mercadores desaparecidos. Tiveram de se afastar rapidamente para o lado quando uma companhia dos cavaleiros de Arnaut passou a galope, dirigindo-se para o castelo. Um deles tentou de'Sferir um golpe em Marek com o montante e gritou qualquer coisa ao passar. Marek ficou a vê-los passar e em seguida continuou.

Chris procurava sinais de mulheres assassinadas e de crianças desventradas e não sabia se havia de ficar desapontado ou aliviado por não ter visto nem uma coisa nem outra. Para dizer a verdade, não avistou nenhuma mulher ou criança. "Ou fugiram todos ou estão escondidos", disse Marek. "Já há muito tempo que as guerras passam por aqui. Esta gente sabe o que é que tem de fazer." "Para que lado?" perguntou Kate. Era ela que seguia à frente.

“Para a esquerda na direcção do portão principal.”

Viraram à esquerda começando a descer uma rua estreita, e de repente ouviram gritar atrás deles. Olharam para trás e viram soldados em corrida que se aproximavam deles. Chris não era capaz de dizer se os soldados os perseguiram ou se procuravam simplesmente fugir. Mas não havia a menor razão para ficar à espera e tentar descobrir.

Marek desatou a correr; agora corriam todos e ao fim de algum tempo Chris olhou para trás avistando os soldados a começarem a perder terreno, o que o fez sentir por momentos um estranho orgulho; estavam a aumentar a distância entre eles.

Mas Marek não queria correr riscos. Abruptamente voltou para uma rua lateral que tinha um odor forte e desagradável. As lojas estavam todas fechadas mas caminhos estreitos corriam entre elas. Marek virou por um desses caminhos que os levou a um pátio vedado atrás de uma loja. Dentro do pátio viam-se enormes tonéis e cavaletes de madeira debaixo de um coberto. Ali o fedor era quase insuportável; uma mistura de carne em putrefacção e fezes. Era uma fábrica de curtumes.

“Rápido>, disse Marek, e saltaram a vedação ficando acorados junto dos tonéis com aquele fedor insuportável.

“Mergulham as peles em merda de galinha”, explicou Chris num murmúrio. “O nitrogénio das fezes amacia o couro.”

“Estupendo”, disse ela.

“Às vezes também usam merda de cão.” “Melhor ainda.”

Chris olhou para trás e viu mais tonéis, e peles dispostas nos cavaletes. Aqui e ali, pilhas nauseabundas de um material amarelado parecido com queijo estavam dispersas pelo solo - gordura raspada da parte interior das peles. Kate disse: “Ardem-me os olhos.”

Chris apontou para a crosta branca dos tonéis que se encontravam à sua volta. Eram tonéis de cal, uma forte solução alcalina que removia todos os pêlos e pedaços de carne que haviam

escapado depois da pele ter sido raspada. E eram, os vapores da cal que lhes faziam arder os olhos.

Nessa altura a sua atenção foi atraída para o caminho de onde se ouvia o ruído de pés em corrida e o entrecocar de metais. Pelas fendas da vedação, viu Robert de Kere com sete soldados. Os soldados olhavam em todas as direcções enquanto corriam - procurando encontrá-los.

Porquê? Chris tentava adivinhar a causa, olhando em volta do tonel. Porque é que ainda continuavam a ser perseguidos? O que é que havia de tão importante a respeito deles que levasse de Kere a ignorar um ataque do inimigo e em vez disso tentar matá-los?

Aparentemente os perseguidores detestavam o cheiro do caminho tanto como Chris, porque dentro em breve de Kere ladrou uma ordem e todos fizeram meia volta, voltando à rua.

“Que raio é que foi aquilo?” disse finalmente Chris num sussurro. Marek limitou-se a abanar a cabeça.

E então ouviram homens que gritavam, e mais uma vez ouviram os soldados que voltavam a descer a rua a correr. Chris franziu as sobrancelhas. Como é que eles tinham conseguido ouvir? Olhou para Marek que também parecia perturbado. Da parte de fora do pátio ouviram de Kere que gritava: “Ici! Ici!” Provavelmente de Kere tinha deixado um homem para trás. Tinha que ser isso, pensou Chris. Tinha a certeza de que não havia falado tão alto que pudesse ser ouvido. Marek começou a avançar mas em seguida hesitou. De Kere e os seus homens já estavam a trepar a vedação - oito homens ao todo; não conseguiam enfrentá-los a todos.

“André”, disse Chris, apontando para o tonel. “É soda cáustica.”

Marek sorriu. “Então vamos a isso”, respondeu, e começou a empurrar o tonel.

Os três apoiaram os ombros contra a madeira, e fazendo um grande esforço, conseguiram virar o tonel. A solução de soda cáustica coberta de espuma entornou-se no solo e deslizou na direcção dos soldados. O odor era acre. Os soldados reconheceram

de imediato do que é que se tratava. Qualquer contacto com aquele líquido iria queimar a carne - e recuaram precipitadamente para a vedação onde se penduraram, tirando os pés do chão. Os postes da vedação começaram a fumegar e a sibilar quando a soda cáustica entrou em contacto com eles. A vedação começou a oscilar com o peso de todos os homens; gritaram e saltaram precipitadamente para a rua.

Agora”, disse Marek. Conduziu-os para o fundo do pátio, debaixo de um coberto, e daí passaram para outro caminho.

A tarde chegara ao fim e a luz começara a desaparecer; em frente viram casas agrícolas em chamas, projectando sombras fantasmagóricas no solo. Antes tinham-se verificado tentativas para apagar os fogos, mas agora tinham desistido; o colmo ardia ferozmente, crepitando enquanto fiapos em brasa se elevavam no ar,

Seguiam por um caminho estreito que deslizava entre chiqueiros. Os porcos resfolegavam e guinchavam, aterrados pelas labaredas que se encontravam próximo.

Marek contornou os fogos, dirigindo-se para o portão sul, por onde haviam entrado inicialmente. Mas mesmo à distância conseguiam ver que o portão era cena de uma luta renhida; a entrada estava quase que bloqueada com os corpos de cavalos mortos; os soldados de Arnaut avançavam a custo por cima dos corpos para chegarem junto dos defensores que se encontravam no interior, que combatiam amargamente usando machados e espadas.

Marek voltou-se, recuando apressadamente através da área agrícola. “Onde é que vamos?” disse Chris.

“Não sei lá muito bem”, explicou Marek. Observava a muralha que rodeava a cidade. Soldados corriam ao longo dela, dirigindo-se para o portão sul para tomarem parte no combate. “Quero subir aquela muralha.”

“Subir a muralha?”

“Ali.” Apontou para uma abertura sombria e estreita na muralha com degraus no sentido ascendente. Emergiram no topo da muralha

da cidade. Daquele ponto absolutamente vantajoso podiam ver que uma parte cada vez maior da cidade estava a ser dominada pelas chamas; as chamas estavam cada vez mais perto das lojas. Dentro em pouco Castalgard estaria em chamas. Marek olhou da muralha para os campos que se encontravam à distância. O solo encontrava-se cerca de vinte metros abaixo. Viam-se alguns arbustos com um metro e meio de altura, que parecia serem suficientemente macios para amortecerem o seu impacto. Mas cada vez se via com mais dificuldade.

“Mantém-te solto”, disse. “Descontraí o corpo.” “Mantenho-me solto?”, perguntou Chris.

Mas entretanto Kate já passara para o outro lado, tendo ficado pendurada da muralha. Largou-se e caiu livremente, aterrando nos pés como um gato. Olhou para cima na direcção deles e acenou.

“É alto como o caraças”, disse Chris. “Não estou interessado em partir uma perna...”.

Do lado direito ouviram gritos. Três soldados corriam ao longo da muralha de espada desembainhada.

“Então não partas”, disse Marek e saltou. Chris saltou logo a seguir e aterrou no solo resmungando e rolando sobre si próprio. Pôs-se lentamente de pé. Nada partido.

Começava a sentir-se aliviado e até bastante contente consigo próprio quando a primeira flecha sibilou junto das orelhas e se cravou com um som cavo entre os pés. Soldados disparavam contra eles do topo da muralha. Marek agarrou-lhe no braço e correu para uma densa sebe de arbustos que se encontrava a cerca de três metros de distância. Atiraram-se para o solo e esperaram.

Quase que de imediato mais flechas sibilaram por cima das suas cabeças, mas desta vez vinham do exterior das muralhas do castelo. Na escuridão que aumentava de momento a momento Chris mal conseguia ver os soldados em verde e negro que se encontravam no sopé da colina.

“São os homens de Arnaut!” disse Chris. “Porque é que eles estão a disparar contra nós?”

Marek não respondeu; afastava-se a rastejar, a barriga colada ao solo. Kate rastejava atrás dele. Uma flecha passou por Chris a sibilar, tão perto que lhe rasgou o gibão no ombro e o fez sentir uma dor aguda.

Atirou-se rapidamente para o solo e começou a rastejar atrás dos outros dois.

28:12:39

“Tenho boas notícias e más notícias>, disse Diane Kramer, entrando no gabinete de Doniger minutos antes das nove da manhã. Doniger estava sentado diante do teclado do computador, debicando o teclado com uma mão enquanto na outra segurava uma lata de Coca Cola.

“Dá-me primeiro as más notícias”, disse Doniger.

“O nosso pessoal que ficou ferido foi levado para o University Hospital. Quando chegaram lá na noite passada, adivinha quem é que estava de serviço! A mesma médica que cuidou de Traub em Gallup. Uma mulher chamada Tsosie,”

“A mesma médica trabalha nos dois hospitais?”

“Exactamente. A maior parte do tempo está no UH, mas faz dois dias por semana em Gallup.”

“Merda”, exclamou Doniger. “E isso é legal?”

“Podes ter a certeza de que sim. De qualquer modo, a Dra. Tsosie deu-se ao cuidado de examinar os nossos técnicos à lupa. Chegou ao ponto de mandar três deles fazer uma ressonância magnética. Teve o maior cuidado em reservar o scannerlogo que soube que se tratava de um acidente envolvendo gente do ITC.”

“Uma ressonância magnética?” Doniger franziu as sobrancelhas. “Isso significa que ela deve ter chegado à conclusão de que Traub foi desintegrado.” “Acho que sim”, respondeu Kramer. “Porque, segundo parece, também fizeram uma a Traub. Não há

dúvida de que ela estava à procura de qualquer coisa. Defeitos físicos. Desalinhamentos do corpo.”

“Merda”, exclamou Doniger.

“Também fez um cavalo de batalha do seu inquérito, deixando toda a gente no hospital irritada e paranóica, e chegou ao ponto de chamar aquele chui de Gallup, Wauneka. Parece que são amigos.”

, Doniger resmungou. “Preciso tanto disto”, exclamou, “como de outro olho do cu.”

“Agora queres as boas notícias?” “Venham elas->

“Wauneka telefona para a Polícia de Albuquerque. O próprio chefe vai ao hospital. Meia dúzia de repórteres. Toda a gente sentadinha à espera das grandes notícias. Estão à espera de radioactividade. Estão à espera de qualquer coisa a brilhar na escuridão. Em vez disso... grande embaraço. Em qualquer dos casos trata-se apenas de ferimentos superficiais. Na sua maioria devidos a estilhaços de vidro. Mesmo os ferimentos por estilhaços são superficiais; os pedaços de metal ficaram embebidos apenas na camada superficial da pele.”

“os escudos de água devem ter amortecido o impacto dos fragmentos”, disse Doniger.

“Também acho que sim. Mas as pessoas estão muito desapontadas. E agora o acontecimento para fechar esta história com chave de ouro - a IRM - o golpe de misericórdia - é um barrete repetido por três vezes. Nenhum dos nossos homens apresenta qualquer erro de transcrição. Porque, como é evidente, se trata apenas de técnicos. O chefe da polícia de Albuquerque está pior do que uma barata. O administrador do hospital está na mesma ou ainda pior. Os repórteres foram-se embora para cobrirem o incêndio de um bloco de apartamentos. Entretanto um tipo qualquer com pedras nos rins quase que morre porque não lhe podem fazer uma ressonância, uma vez que a Dra. Tsosie tinha tomado conta da máquina. De um momento para o outro começa a sentir-se preocupada com o seu emprego. Wauneka sente-se humilhado. Procuram ambos fazer esquecer o que se passou.”

“Perfeito”, disse Doniger, dando um murro na mesa. “Esses chatos de merda estavam a merecê-lo.”

“E para cúmulo disto tudo”, anunciou Kramer num tom triunfante, “a rePórter Francesa Louise Delvert concordou em visitar as nossas instalações.” “Até que enfim! Quando?”

“Na próxima semana. Vamos fazer com ela a habitual visita da treta.” “Começa a ser um dia mais do que bom”, disse Doniger. “Estás a ver, até somos capazes de remediar tudo aquilo que se passou. Não achas?”

“A malta das notícias está aí ao meio-dia.” “Isso pertence às más notícias”, disse Doniger.

“E Stern encontrou o velho protótipo da máquina. Quer regressar. Gordon, respondeu que não era possível de maneira nenhuma, mas Stern quer que tu confirmes que ele não pode ir.”

Doniger fez uma pausa. “Na minha opinião acho que o devemos deixar ir, “Bob ...”

“Porque é que ele não havia de ir?” perguntou Doniger.

“Porque é perigoso como a porra. Esta máquina tem uma blindagem mínima. já não é usada há anos e tem a história de ter causado grandes erros de transcrição nas pessoas que a usaram. Até pode nem sequer ser capaz de regressar.”

“Eu sei disso”, respondeu Doniger fazendo um gesto com a mão. “Mas o problema não está aí.”

“Onde é que está o problema?”, perguntou ela confusa. “Baretto.”

“Baretto?”

“Será que estou a ouvir um eco? Diana, pensa pelo amor de Deus.” Kramer franziu as sobrancelhas ao mesmo tempo que abanava a cabeça. “Junta os factos. Baretto morreu no primeiro ou segundo minuto da viagem

de volta. Certo? Houve alguém que o encheu de flechas logo no início da viagem.” “SIM ...”

“Os primeiros minutos”, disse Doniger, “é a altura em que toda a gente ainda se encontra junta em volta das máquinas, como um grupo. Certo? Sendo assim, como é que poderemos pensar que Baretto foi morto e os outros não?” Kramer não disse nada.

“Aquilo que é razoável pensar é que, quem quer que seja que tenha morto Baretto, provavelmente matou-os todos. Matou o grupo completo.”

“Okay ...”

“Isso quer dizer que o mais provável é que ninguém vai regressar. O Professor também não vai regressar. O grupo todo está perdido. Eu sei que é uma infelicidade, mas podemos lidar com um caso de um grupo de gente desaparecida: um trágico incidente de laboratório em que todos os corpos ficam incinerados, ou um desastre de avião em que toda a gente perde a vida, não sei o que é que poderá ser pior ...”

Seguiu-se uma pausa.

“Excepto que temos o caso do Stern”, disse Kramer. “Ele está ao corrente da história toda.”

“É um facto.”

“É por isso que também o queres mandar de volta. Também te queres livrar dele. Limpeza total.”

“De modo nenhum”, respondeu Doniger prontamente. “Hey, sou contra isso. Mas o rapazinho está a oferecer-se como voluntário. Quer ajudar os amigos. Não estaria certo da minha parte levantar-lhe problemas.”

“Bob”, disse ela, “há certas alturas em que consegues ser mesmo um estupor inuito grande.”

Doniger começou de repente a rir à gargalhada. Tinha um tipo de gargalhada em tom agudo, histérico, fazendo lembrar um miúdo. Era a maneira como a maior parte dos cientistas se riam, mas fazia sempre lembrar a Kramer o riso de uma hiena.

“Se deixares que Stern faça a viagem de regresso, eu demito-me.”

isto fez com que Doniger se risse ainda mais. Sentado na sua cadeira, deixava cair a cabeça para trás. Esta situação fez com que ela se irritasse.

“Estou a falar a sério, Bob.”

Finalmente terminou de rir, limpando as lágrimas dos olhos. “Diane, vá lá”, disse. “Estava a brincar. É evidente que Stern não pode fazer a viagem de regresso. Onde é que está o teu sentido de humor?”

Kramer voltou-se para sair. “Vou dizer a Stern que não pode fazer a viagem de regresso”, disse ela, “mas deixa-te de tretas porque não estavas nada a brincar.” Doniger começou a rir novamente e as gargalhadas de hiena encheram a sala. Kramer saiu batendo com a porta irritadamente.

27:27:22

Durante os últimos quarenta minutos tinham trepado através da floresta a nordeste de Castलगard. Finalmente chegaram ao cimo da colina, o ponto mais alto da área, e puderam fazer uma pausa para retomar o alento e olhar para baixo.

“Ol-i meu Deus”, exclamou Kate boquiaberta.

Olharam para baixo na direcção do rio e do mosteiro situado na outra margem. Mas a sua atenção foi atraída pelo sinistro castelo situado muito acima do mosteiro: a fortaleza de La Roque. Era enorme. Contrastando com o azul profundo do anoitecer o castelo refulgia com a luz de uma centena de janelas e de tochas colocadas ao longo das muralhas. Mas apesar das luzes brilhantes a fortaleza era aterradora. As muralhas erguiam-se num negro profundo acima das águas imóveis do fosso. Na parte interior via-se outro conjunto completo de muralhas, com muitas torres redondas e, no centro do complexo, o verdadeiro castelo, com o seu próprio grande salão e uma escura torre rectangular erguendo-se a uma altura de mais de trinta metros.

Marek disse a Kate: "Achas que se parece com o moderno La Roque?" "De modo nenhum", respondeu abanando a cabeça. "Esta coisa é monstruosa. O castelo moderno tem apenas uma muralha exterior. Este tem duas: uma muralha adicional que já não existe."

"Tanto quanto sei", disse Marek, "nunca ninguém o conseguiu conquistar." "É fácil de ver porquê", disse Chris. "Repara no modo como foi construído." A leste e a sul a fortaleza havia sido construída no topo de uma falésia calcária, cortada a pique numa altura de mais de cento e cinquenta metros até ao rio Dordogne. A oeste, onde a falésia era menos vertical, as casas de pedra da cidade trepavam até ao castelo, mas quem quer que seguisse o caminho "través da cidade iria terminar num beco sem saída, deparando com um fosso e várias pontes levadiças. A norte o terreno tinha um declive mais suave, mas todas as árvores a norte haviam sido cortadas, deixando um terreno exposto sem qualquer cobertura - uma aproximação suicida para qualquer exército. Marek apontou. "Olha para aquilo", disse.

À luz difusa do anoitecer um grupo de soldados aproximava-se do castelo por uma estrada poeirenta vinda do ocidente. Dois cavaleiros seguiam à frente empunhando tochas e com aquela luz podiam distinguir com dificuldade Sir Oliver, Sir Guy, o Professor, e o resto dos cavaleiros de Oliver que o seguiam em duas colunas. Os vultos estavam tão distantes que, na realidade, só os reconheceram pela forma do corpo e pela postura. Mas Chris, pelo menos, não tinha a menor dúvida daquilo que estava a ver.

Suspirou ao ver os cavaleiros atravessarem uma ponte levadiça sobre um fosso, passando por um enorme portão ladeado por duas torres em meia-lua -a que se chamava portão em D duplo, porque as torres se pareciam com um par de Us quando eram vistas de cima. Soldados colocados no topo das muralhas observavam os cavaleiros enquanto eles passavam a ponte levadiça.

Transpondo o portão os cavaleiros entraram num outro pátio fechado. Neste pátio haviam sido erguidas muitas construções em

madeira. “É onde as tropas se encontram acantonadas”, explicou Kate.

O grupo continuou atravessando o pátio interior, cruzou um segundo fosso atravessando uma segunda ponte levadiça e passando por um novo portão ladeado por duas torres ainda maiores: dez metros de altura e brilhando com a luz de dúzias de seteiras.

Só então é que desmontaram, no pátio mais interior do castelo. O Professor era conduzido por OliVer na direcção do grande salão; passaram a porta desaparecendo da vista.

Kate disse: “As instruções do Professor foram de que, se nos separássemos, fôssemos directamente ao mosteiro e descobríssemos o Irmão Marcel que tem a chave. Parto do princípio de que será a chave para a passagem secreta.”

Marek acenou com a cabeça. “E é isso mesmo que vamos fazer. Dentro em pouco já é noite. Nessa altura já podemos ir.”

Chris olhou para os campos no sopé da colina. Na escuridão do anoitecer conseguia distinguir pequenos bandos de soldados que vagueavam ao longo da margem do rio. Tinham que passar por todos aqueles soldados. “Queres ir ao mosteiro esta noite?”

Marek acenou com a cabeça. “Por muito perigoso que possa parecer ir agora”, disse ele, “amanhã de manhã será muito pior.”

26:12:01

Não havia luar. O céu estava negro, cravejado de estrelas, com uma ocasional nuvem que se deslocava preguiçosamente. Marek conduziu-os colina abaixo, atravessaram a cidade em chamas de Castलगard e chegaram a um terreno sem iluminação. Chris ficou surpreendido ao descobrir que, depois dos olhos se ajustarem, conseguia de facto ver bastante bem à luz das estrelas. Provavelmente porque não havia poluição do ar, pensou. Recordou-se de ter lido que, em séculos anteriores, as pessoas conseguiam avistar Vénus durante o dia do mesmo modo como agora podemos

ver a Lua. Era evidente que há centenas de anos que isso se tornara impossível.

Também se sentia surpreendido com o silêncio total da noite. O som mais alto que conseguia ouvir era o dos seus pés a moverem-se através da relva e dos arbustos rasteiros.

, “Vamos pela vereda”, disse Marek num murmúrio. “E em seguida descemos até ao rio.”

O seu progresso era lento. Frequentemente Marek fazia uma pausa, colocando-se de cócoras durante dois ou três minutos para escutar antes de prosseguir. Havia passado mais de uma hora quando chegaram à vista do caminho Poeirento que conduzia da cidade até ao rio. Parecia um risco pálido contrastando com a relva e folhagem em tons mais escuros que o rodeavam.

Chegados aí Marek fez uma pausa. O silêncio à volta deles era completo. Distinguia apenas o leve som do vento. Chris estava impaciente por continuar. Depois de mais de um minuto de espera, começou a levantar-se.

Marek puxou-o para baixo. Levou um dedo aos lábios.

Chris escutou. Chegou à conclusão de que era mais do que o vento. Também se ouvia o som de homens que sussurravam. Fez um esforço para ouvir. Algures à sua frente ouviu-se alguém que tossia levemente. Em seguida outro acesso de tosse, mais perto, do outro lado do caminho.

Marek apontou para a esquerda e para a direita. Chris avistou um ténue brilho metálico - o reflexo de armaduras à luz das estrelas - no meio dos arbustos do outro lado da vereda.

E ouviu um restolhar mais próximo.

Era uma emboscada, com soldados que aguardavam em ambos os lados da vereda.

Marek apontou para o caminho por onde haviam chegado. Silenciosamente afastaram-se da vereda.

“E agora?”, perguntou Chris num murmúrio.

“Vamos manter-nos distantes da vereda. Seguimos para leste em direcção ao rio. Por aqui.” Marek apontou o caminho a seguir e iniciaram a marcha. Chris agora estava tenso, procurando ouvir o mais pequeno ruído. Os seus

próprios passos eram um ruído tão elevado que podiam mascarar qualquer outro som, Compreendia agora porque é que Marek parara tantas vezes. Era a única maneira de ter a certeza.

Recuaram cerca de cento e cinquenta metros na vereda e, em seguida, dirigiram-se para o rio, movendo-se em campo mais desimpedido. Embora a escuridão fosse quase total, Chris sentia-se exposto. Os campos eram vedados com muros baixos em pedra, o que lhes dava uma pequena cobertura. Mas mesmo assim não se sentia à vontade e deu um suspiro de alívio quando entraram novamente em terreno de arbustos e vegetação rasteira, onde a escuridão era maior.

Este mundo negro e silencioso era-lhe completamente estranho e, no entanto, rapidamente se ajustou a ele. O perigo escondia-se nos mais pequenos movimentos, em sons que eram quase inaudíveis. Chris movia-se curvado, tenso, testando cada passo antes de aplicar todo o seu peso, a cabeça movendo-se constantemente para a esquerda e para a direita, para a esquerda e para a direita.

Sentia-se como um animal, e lembrou-se do modo como Marek mostrara os dentes antes do ataque na sala, como se fosse uma espécie qualquer de macaco. Olhou para Kate e viu que também ela se curvava para a frente e estava

tenso enquanto avançava.

Por uma razão qualquer deu consigo a pensar na sala de reuniões do Peabody, nos tempos de Yale, com as suas paredes pintadas de creme, o mobiliário em madeira escura polida, e as discussões entre os estudantes licenciados sentados em volta da mesa: se a arqueologia processual era primariamente histórica ou primariamente arqueológica, se os critérios formais se sobrepunham

aos critérios objectivistas, se a doutrina derivacionista ocultava um compromisso normativo.

Não era de admirar que discutissem. As situações não eram mais do que puras abstracções, não passando de ar rarefeito - e ainda por cima ar quente. Os seus debates vazios nunca permitiriam chegar a uma conclusão; as questões nunca poderiam ser respondidas. E, no entanto, houvera tanta intensidade, tanta paixão nesses debates! De onde é que tudo isso viera? Quem é que se importava? Neste momento não era capaz de se lembrar porque é que tudo lhe parecera tão importante.

O mundo académico parecia diluir-se à distância, vago e cinzento na sua memória, enquanto ele descia a escura encosta da colina em direcção ao rio, E, no entanto, por muito aterrorizado que se sentisse naquela noite, por muito tenso que estivesse e com a sensação de risco de vida, era absolutamente verdade que, de certo modo, era tranquilizador, até mesmo estimulante, e...

Ouviu um ramo estalar e imobilizou-se.

Marek e Kate também se imobilizaram.

Ouviram um restolhar suave nos arbustos do lado esquerdo e um leve resfolegar. Ficaram imóveis. Marek empunhou a espada.

E o pequeno vulto escuro de um porco selvagem passou velozmente por eles. "Devia tê-lo morto", disse Marek num sussurro. "Estou cheio de fome." Recomeçaram a marcha, mas então Chris verificou que não haviam sido

eles que tinham assustado o porco. Porque agora ouviam sem a menor dúvida O som de muitos Pés a correr. Restolhando, esmagando a vegetação. Vindo na direcção deles.

Marek franziu as sobrancelhas.

Naquela escuridão conseguia ver o suficiente para avistar de vez em quando breves reflexos de armaduras. Deviam ser sete ou oito soldados seguindo rapidamente para leste, para em seguida se deixarem cair no terreno, escondendo-se mais uma vez entre a vegetação e ficando silenciosos.

Que raio é que se estava a passar?

Estes soldados haviam voltado à vereda, esperando por eles. Agora os soldados deslocavam-se para leste, e estavam de novo à espera deles.

Como? Olhou para Kate que se encontrava acocorada ao lado dele, mas não conseguiu distinguir mais do que medo.

Chris, também de cócoras, deu uma leve sapatada no ombro de Marek. Chris apontou a cabeça e em seguida apontou deliberadamente para os seus ouvidos.

Marek acenou com a cabeça e escutou. Inicialmente não conseguiu ouvir mais do que o vento. Espantado voltou a olhar para Chris que fez um gesto nítido junto da orelha.

Estava a dizer, liga os auriculares. Marek bateu no auricular.

Depois de um breve crepitar quando o som voltou, não ouviu nada. Encolheu os ombros na direcção de Chris, que ergueu as mãos com as palmas voltadas para ele: Espera. Marek esperou. Só ao fim de alguns momentos de escuta cuidadosa é que teve consciência do som suave e regular de uma pessoa a respirar.

Olhou para Kate e levou o dedo aos lábios. Ela acenou com a cabeça em sinal de compreensão. Olhou para Chris. Também fez o mesmo gesto. Ambos haviam compreendido. Não fazer o menor ruído.

Mais uma vez Marek ouviu atentamente. Continuava a ouvir nos auriculares o som de uma respiração tranquila.

Mas não vinha de nenhum deles. Era de outra pessoa qualquer.

Chris disse num murmúrio: "André, isto está a ficar demasiado perigoso. O melhor é não atravessarmos o rio esta noite."

"Está certo", respondeu Marek num sussurro. "Regressamos a Castelgard e escondemo-nos na parte de fora das muralhas para passar a noite."

"Okay. É o melhor." "Vamos."

, Na escuridão acenaram uns para os outros e em seguida bateram nos auriculares desligando os dispositivos.

E voltaram a colocar-se de cócoras para esperarem.

pouco tempo depois ouviram os soldados que começavam a mover-se, mais uma vez correndo por entre a vegetação rasteira. Desta vez subiam a colina - de regresso a Castलगard.

Esperaram mais cinco ou seis minutos. E em seguida começaram a descer a colina, afastando-se de Castलगard.

Fora Chris quem conseguira juntar as peças. Enquanto desciam a colina no meio da noite sacudira um mosquito da orelha e o movimento voltara a ligar inadvertidamente os auriculares; momentos depois começou a ouvir alguém que espirrava.

E nenhum deles tinha espirrado.

Momentos depois chegaram junto do chiqueiro e nessa altura conseguia ouvir nitidamente alguém ofegante. E no entanto Marek e Kate encontravam-se junto dele na escuridão não fazendo um único movimento.

Foi quando chegou à conclusão de que mais alguém tinha um auricular - e pensando melhor no assunto, tinha uma ideia bastante razoável de onde é que tinha vindo. Gomez. Alguém o devia ter tirado da cabeça cortada de Gomez. O único problema a respeito desta ideia era de que...

Marek deu-lhe uma cotovelada. E apontou em frente. Kate ergueu o polegar e sorriu.

Amplamente plano, o rio ondulava e gorgolejava levemente na noite. Naquele ponto o Dordogne era bastante largo; viam com dificuldade a margem oposta, uma linha de árvores escuras e densa vegetação rasteira. Não viam qualquer sinal de movimento. Olhando rio acima Chris não conseguia avistar mais do que os contornos da ponte do moinho. Sabia que o moinho estaria fechado à noite; os moleiros só podiam trabalhar durante as horas do dia porque mesmo uma vela podia fazer correr o risco de uma explosão com o pó que anda no ar.

Marek tocou Chris no braço e em seguida apontou para a margem oposta. Chris encolheu os ombros; não conseguia ver nada.

Marek apontou novamente.

Fazendo um esforço, Chris conseguiu distinguir com dificuldade quatro traços de fumo que se erguiam no ar. Mas se vinham de fogueiras, porque é que não se via a luz das chamas?

Seguindo a margem começaram a subir o rio até que a dada altura chegaram junto de um barco que se encontrava amarrado na praia. A corrente fazia-o embater ritmicamente contra as rochas. Marek olhou para a margem oposta. Agora já se encontravam a uma certa distância do fumo.

Apontou para o barco. Estavam na disposição de arriscar?

Chris sabia perfeitamente que a alternativa era atravessarem o rio a nado. A noite estava fria; não estava interessado em ficar encharcado. Apontou para o barco e acenou com a cabeça.

Kate fez o mesmo.

Entraram para o barco e Marek começou a remar calmamente, atravessando o Dordogne.

Sentada ao lado de Chris, Kate deu consigo a pensar na conversa que haviam tido quando atravessavam o rio alguns dias antes. Quantos dias haviam passado? Chegou à conclusão de que não devia ter sido há mais de dois dias. Mas parecia que já haviam passado semanas.

Tentou vislumbrar o que se passava na outra margem, procurando qualquer sinal de movimento. O seu barco seria uma forma escura em águas negras num fundo de uma colina escura, mas mesmo assim continuariam a ser visíveis se alguém olhasse com cuidado.

Mas aparentemente ninguém estava a olhar. A praia estava agora mais próxima até que, com um ranger o barco passou a relva e se deteve suavemente. Saíram do barco. Viram uma estreita vereda poeirenta que seguia a margem do rio. Marek fez um sinal

levando os dedos aos lábios, e começou a descer a vereda. Caminhava na direcção do fumo.

Seguiram atrás dele cautelosamente.

Minutos mais tarde tiveram a resposta que procuravam. Havia quatro fogueiras ao longo da margem. As chamas estavam rodeadas por peças de armadura no cimo de montes de terra, pelo que só o fumo era visível.

Mas não se avistavam soldados.

Marek disse num murmúrio. "Um truque muito velho. As fogueiras dão ma falsa posição."

/ Kate não estava lá muito certa daquilo que o velho truque pretendia conseguir. Talvez indicar uma força maior, maiores números do que aqueles que

na realidade existiam. Marek conduziu-os ao longo das fogueiras onde não se via ninguém, na direcção de outras fogueiras posicionadas a uma maior distância ao longo da margem. Estavam perto da água, conseguindo ouvir o gorgulhar do rio. Quando chegaram à última fogueira Marek voltou-se de repente e deixou-se cair no solo. Kate e Chris também se deixaram cair e nessa altura ouviram vozes cantando uma lengalenga repetitiva, típica de bêbados; os versos eram mais ou menos o seguinte: "A cerveja faz um homem adormecer à lareira, a cerveja faz um homem rebolar na lama ..."

Repetia-se interminavelmente. Ouvindo os versos, pensou: Faz lembrar o Vínetyne Bott/es ofBeer on the Wall" E quando ergueu a cabeça para tentar ver o que se passava, avistou meia dúzia de soldados em verde e negro sentados em volta de uma fogueira, bebendo e cantando aos berros. Talvez lhes tivessem dado instruções para fazerem barulho suficiente que justificasse todas aquelas fogueiras.

Marek fez-lhes sinal para recuarem, e quando já se encontravam a uma certa distância, conduziu-os para a esquerda, afastando-se do rio. Deixaram para trás a cobertura das árvores que

bordejavam o rio e momentos depois já deslizavam em campo aberto com terreno escorregadio. Chegou à conclusão de que eram os mesmos campos onde haviam passado naquela manhã. E não havia dúvida de que agora conseguia avistar ténues luzes amarelas nas janelas superiores do mosteiro, provavelmente por causa de monges que trabalhavam até mais tarde. E à sua frente os contornos escuros de cabanas de agricultores com os seus tectos de colmo.

Chris apontou para o mosteiro. Porque é que não iam directamente para lá? Marek desenhou com as mãos os contornos de uma almofada: Toda a gente estava a dormir.

Chris encolheu os ombros: E depois?

Marek executou uma pantomina de alguém que é acordado, espantado, alarmado. Parecia querer dizer que iriam fazer ondas de mais se aparecessem a meio da noite.

Chris voltou a encolher os ombros: E então?

Marek acenou com um dedo: Não era uma boa ideia. Pronunciou silenciosamente: De manhã.

Chris suspirou.

Marek passou as cabanas dos camponeses até chegar a uma casa agrícola que havia sido consumida pelas chamas - quatro paredes e os restos enegrecidos de vigas que haviam suportado um tecto de colmo. Conduziu-os para o interior através de uma porta onde havia sido pintado um risco vermelho. Kate conseguia ver com extrema dificuldade no meio de toda aquela escuridão.

Dentro da cabana havia relva alta e algumas peças partidas de louça de barro. Marek procurou no meio da relva até encontrar dois potes de barro que já se encontravam estalados. Kate achava que se pareciam com bacios. Marek colocou-os com o maior cuidado no parapeito de uma janela que fora devorada pelas chamas. Kate perguntou num sussurro: "Onde é que dormimos?" Marek apontou para o chão.

“Porque é que não podemos ir para o mosteiro?”, perguntou num murmúrio, fazendo um gesto na direcção do céu acima deles. A noite estava fria. Ela estava esfomeada. Queria o conforto de um espaço fechado.

“Não é seguro”, murmurou Marek. “Dormimos aqui.” Deitou-se no chão e fechou os olhos.

“Porque é que não é seguro, perguntou ela?”

“Porque há alguém que tem um auricular. E eles sabem para onde é que nos dirigimos.”

Chris disse: “Queria falar contigo sobre ...”

“Agora não”, respondeu Marek sem abrir os olhos. “Toca a dormir.” Kate deitou-se e Chris deitou-se ao lado dela que empurrou as costas contra as dele. Era apenas uma tentativa de conseguir mais um bocado de calor. Estava frio como o raio.

Ao longe ouviu o som cavo da trovoadas.

Algum tempo depois da meia-noite começou a chover. Sentiu as primeiras gotas pesadas a aterram-lhe no rosto e levantou-se quando começou a carga de água. Olhou em volta e avistou uma pequena construção de madeira, parcialmente queimada mas que ainda se encontrava de pé. Rastejou para dentro dela sentando-se muito direita, mais uma vez encostada a Chris que fora atrás dela. Marek chegou pouco depois, deitou-se ao lado e adormeceu imediatamente. Viu as gotas de chuva que lhe fustigavam a cara, mas continuava a ressonar calmamente.

26:12:01

Meia dúzia de balões de ar quente erguiam-se acima das mesas, iluminados pelo sol da manhã. Eram quase onze horas. Um dos balões tinha uma decoração em ziguezague que fazia recordar a Stern as pinturas dos Navajos.

“Lamento”, estava Gordon a dizer, “mas a resposta é não. Não pode regressar no protótipo, David. É mais do que perigoso.”

“Porquê? Estava convencido de que tudo isto era seguro. Mais seguro do que andar de automóvel. Onde é que está o perigo?”

“Tinha-lhe dito que não temos erros de transcrição - os erros que podem acontecer durante a reconstrução”, respondeu Gordon. “Mas isso não é exactamente verdade.”

“Ah.” “Normalmente é verdade que não conseguimos encontrar o menor vestígio de erro. Mas o mais provável é que aconteçam em cada viagem. São apenas demasiado insignificantes para poderem ser detectados. Mas como acontece no caso da exposição às radiações, os erros de transcrição são cumulativos. Não os conseguimos ver depois de uma viagem mas, ao fim de dez ou vinte viagens, os sinais começam a ser visíveis. Um pequeno risco na córnea, ou então poderão começar a ser detectados sintomas importantes como diabetes ou problemas circulatorios. Quando isto acontece não é possível fazer mais viagens. Porque não se pode permitir que os problemas fiquem piores. Isto quer dizer que se atingiu o limite de viagens.”

“E foi isso que aconteceu?”

“Sim, no caso de alguns animais de laboratório. E a várias pessoas. Os pioneiros - aqueles que usaram esta máquina protótipo.”

Stern hesitou. “Onde é que essa gente está agora?”

“A maior parte deles ainda aqui está. Ainda trabalham para nós. Mas não viajam mais. Não podem.”

“Tudo bem, respondeu Stern, “mas eu estou a falar de uma única viagem.” “E há muito tempo que esta máquina não é usada ou calibrada.” Gordon disse: “Poderá estar okay e poderá não estar. Veja uma coisa: suponha que regressa e depois de ter chegado a 1357 descobre que tem erros tão graves que não se atreve a voltar. Porque não pode correr o risco de ter mais acumulação.”

“Está a dizer-me que teria que ficar lá.” “Exacto.”

Stern disse: “Isso já alguma vez aconteceu a alguém?” Gordon fez uma pausa. “Provavelmente.”

“Está a querer dizer-me que há alguém que ainda lá se encontra?” “Provavelmente”, disse Gordon. “Não temos a certeza.”

“Mas é muito importante sabermos uma coisa dessas”, exclamou Stern de súbito excitado. “Está a dizer-me que talvez já lá esteja alguém que os pode ajudar.”

“Não sei”, respondeu Gordon, “se essa pessoa em particular os ajudaria.” “Mas não acha que se lhes devia ter dito? Aconselhá-los?”

“Não temos qualquer meio de comunicar com eles.”

“Se quer que lhe diga”, respondeu Stern, “acho que temos.”

16:12:23

A tremer e cheio de frio, Chris acordou antes do nascer do sol. O céu estava de um cinzento pálido e o terreno coberto por um fino orvalho. Estava sentado debaixo do coberto, os joelhos encostados ao queixo, as costas contra a parede. Kate estava sentada ao lado dele, ainda adormecida. Torceu o corpo para espreitar para fora e estremeceu com a dor que sentiu. Todos os seus músculos estavam doridos e anquilosados - braços, pernas, peito, tudo. O pescoço doeu-lhe quando voltou a cabeça.

Sentia-se surpreendido ao ver que o ombro da sua túnica estava rígido com sangue seco. Aparentemente a flecha da noite anterior ferira-o o suficiente para fazer com que sangrasse. Chris tentou mover o braço, sustentando a respiração com medo do que pudesse sentir, mas chegou à conclusão de que não havia problemas.

Estremeceu com a humidade da manhã. Aquilo de que agora precisava era de uma boa fogueira que o aquecesse e de qualquer coisa para comer. O seu estômago reclamava alimento. Não comia há mais de vinte e quatro horas. E tinha sede. Onde é que eles iam encontrar água? Seria possível beber a água do Dordogne? Ou seria melhor procurarem uma fonte? E onde é que iam encontrar comida?

Voltou-se para perguntar a Marek, mas ele não estava ali. Tentou percorrer com o olhar toda a casa - uma dor aguda, dores intensas - mas Marek desaparecera.

Começara a tentar pôr-se de pé quando ouviu o ruído de passos que se aproximavam. Marek? Chegou à conclusão de que não podia ser: ouvia passos de mais do que uma pessoa. E ouvia também o suave ruído metálico de uma cota de malha.

Os passos aproximaram-se e em seguida detiveram-se. Susteve a respiração, A sua direita, a pouco mais de um metro de distância da sua cabeça, surgiu uma luva em malha de aço através da janela, descansando no parapeito. A manga sobre a luva era verde, com desenhos em negro.

Homens de Arnaut.

“Hic nemo habitavit nuper”, disse uma voz de homem.

Ouviu-se uma resposta vinda da porta de entrada. “Et intellego quare. Specta, porta habet signum rubrum. Esme pestilentiae?”

“Pestilentiae? Certo sciSne?Abeamus!”

A mão desapareceu rapidamente e os passos afastaram-se apressados. Os auriculares não haviam traduzido nada porque o dispositivo estava desligado. Tinha que se basear nos seus conhecimentos de Latim. O que é que era pestilentiae? Provavelmente "praga". Os soldados tinham visto a marca na porta e tinham-se afastado rapidamente.

Santo Deus, pensou ele, seria uma casa atingida pela peste. Seria por isso que tinha sido queimada? Ainda se corria o risco de apanhar a peste? Pensava em tudo isto quando viu horrorizado um rato negro surgir do meio da relva e passar a porta em corrida. Chris estremeceu. Kate acordou e bocejou. “Que horas são ...”

Ele comprimiu um dedo contra os lábios e abanou a cabeça.

Ainda conseguia ouvir os homens que se afastavam, embora as vozes se fossem tornando indistintas naquela manhã cinzenta. Chris deslizou de baixo do coberto, ergueu-se até à janela e espreitou para fora cautelosamente.

Viu pelo menos uma dúzia de soldados, dispostos em círculo, usando todos as cores de Arnaut, o verde e o negro. Os soldados verificavam metodicamente todas as cabanas cobertas de colmo que

se erguiam junto das muralhas do mosteiro. Enquanto Observava, viu Marek que se aproximava na direcção dos soldados. Marek inclinava-se para a frente, arrastando uma perna. Trazia nas mãos alguns vegetais. Os soldados mandaram-no parar. Marek curvou-se obsequiosamente. à distância o seu corpo parecia pequeno, dando um aspecto de fraqueza. Mostrou aos soldados o que é que trazia nas mãos. Os soldados riram-se e empurraram-no para o lado. Marek continuou a andar, ainda curvado para a frente e deferente.

Kate viu Marek passar a última casa que ardera e desaparecer para lá das muralhas do mosteiro. Era óbvio que não viria ter com eles enquanto as tropas continuassem ali.

Chris arrastara-se de novo para debaixo do coberto, estremeando. O ombro parecia estar ferido; tinha sangue seco no tecido. Ela ajudou-o a desabotoar o gibão, e ele contraiu o rosto, ao mesmo tempo que mordida o lábio. Suavemente ela afastou a camisola interior em linho e viu que todo o lado esquerdo do peito tinha uma horrível cor púrpura, com laivos de um amarelo negro nas bordas. Devia ser onde o haviam atingido com a lança.

Vendo o olhar dela perguntou num murmúrio: "Está assim tão mau?" "Julgo que é apenas uma equimose. Talvez com algumas costelas partidas à mistura."

"Dói como o raio."

Levantou a camisa, deixando o ombro à mostra e expondo o corte da flecha. Era um corte com cerca de duas polegadas de comprimento na superfície da pele, coberto de sangue seco.

"Como é que isso está?", perguntou olhando para a cara dela. "É só um corte."

"Infectado?"

"Não, parece limpo."

Acabou de lhe tirar o gibão, descobrindo mais equimoses nas costas e no lado do tronco. Todo o corpo dele era uma grande equimose. Devia ser incrivelmente doloroso. Sentia-se admirada ao ver que não se queixava mais. Afinal de contas ele era capaz de ter

um ataque se lhe servissem na omeleta do pequeno-almoço cogumelos de conserva em vez de cogumelos frescos. Ou de ter uma crise de nervos se não estivesse de acordo com a escolha do vinho.

Ela começou a abotoar-lhe o gibão. Ele reagiu: "Sou capaz de fazer isso." "Eu ajudo-te ..."

"Já disse, sou capaz de ofazer."

Ela afastou-se, erguendo as mãos com as palmas voltadas para fora, "Okay, okay".

"De qualquer modo, tenho que dar trabalho a estes braços", explicou ao mesmo tempo que estremecia enquanto apertava cada um dos botões. Mas quando terminou sentou-se com as costas encostadas à parede, os olhos fechados, alagado em suor por causa do esforço e das dores.

"Chris ..."

Ele abriu os olhos. "Estou bem. A sério, não te preocupes comigo. Estou perfeitamente bem."

E era sincero naquilo que dizia.

Ela sentiu-se quase como se estivesse sentada junto a um estranho.

Quando Chris vira o ombro e o peito - era a cor púrpura de carne apodrecida - a sua própria reacção deixara-o surpreendido. O ferimento era grave, Esperara sentir-se horrorizado ou cheio de medo. Mas em vez disso, sentiu-se subitamente aliviado, quase descuidado. A dor podia fazê-lo arquejar com falta de ar, mas a dor não era importante. Sentia-se apenas contente por estar vivo e por poder enfrentar um novo dia. As suas queixas familiares, os seus sofismas e as suas incertezas pareciam de um momento para o outro irrelevantes. Em vez disso descobriu que tinha uma fonte inesgotável de energia uma vitalidade quase que agressiva que não se recordava de alguma vez ter experimentado. Sentia-a fluir através do corpo como uma espécie de calor. O mundo à sua volta parecia mais preciso, mais sensível do que nunca.

Para Chris a madrugada cinzenta passou a ter uma beleza extraordinária. O ar frio e húmido trazia uma fragrância de erva húmida e terra molhada. As pedras nas suas costas forneciam-lhe o apoio de que necessitava. Até a dor que sentia se tornava útil porque afastava todo e qualquer sentimento desnecessário. Sentia-se despojado, alerta e pronto para qualquer coisa. Este era um mundo diferente, com regras diferentes.

E pela primeira vez fazia parte dele. Totalmente.

Quando os soldados partiram, Marek regressou. "Vocês ouviram o que eles disseram?", perguntou.

"O que é que foi?"

"Os soldados andam à procura de três pessoas de Castelgard: dois homens e uma mulher."

"Porquê?" "Arnaut quer falar com eles."

"É bonito ser-se tão popular", disse Chris com um sorriso irónico. "Toda a gente anda atrás de nós."

Marek deu a cada um deles um molho de relva húmida e de folhas. "Vegetais do campo. É o pequeno-almoço. Comam."

Chris mastigou as plantas ruidosamente. "Delicioso", exclamou. Era sincero naquilo que dizia.

"A planta com as folhas recortadas é matricária. É boa para a dor. O caule branco é salgueiro. Reduz o inchaço."

"Obrigado", disse Chris. "É muito bom."

Marek olhava para ele não conseguindo acreditar. Voltou-se para Kate e perguntou: "Ele está bem?"

"Para te dizer a verdade, acho que está bem."

"Ótimo. Comam e em seguida vamos para o mosteiro. Se conseguirmos passar sem que os guardas se apercebam."

Kate tirou peruca. "Isto não será um problema", disse ela. "Andam à procura de dois homens e uma mulher, não é? A propósito, quem é que tem a faca mais afiada?"

Felizmente o cabelo dela já era relativamente curto; foram precisos apenas alguns minutos para que Marek conseguisse cortar as madeixas mais compridas e acabar o trabalho. Enquanto trabalhava, Chris comentou: "Estive a pensar naquilo que se passou na noite passada."

"É óbvio que há alguém que tem um auricular", disse Marek. "Certo", disse Chris. "E julgo que sei onde é que o foram arranjar." "Gomez", disse Marek.

Chris acenou com a cabeça. "Também é isso que eu penso. Não lho tiraste?" "Não, não me lembrei disso."

"Estou convencido de que há alguém que conseguiu ouvir com eles, Mesmo que não lhe sirvam ou que não os saiba colocar."

"Exacto", disse Marek. "Mas a questão é, quem? Não nos podemos esquecer de que estamos no século catorze. Uma coisa cor-de-rosa que fala numa vozinha que mal se ouve é bruxaria. Seria aterrorizador para quem quer que o encontrasse. Quem quer que tenha pegado nele, de certeza que o largou como uma batata quente - e em seguida esmagou-o imediatamente. Ou então correu como um doido."

"Eu sei", disse Chris. "É por isso que sempre que penso a este respeito chego à conclusão de que só pode haver uma resposta possível."

Marek acenou com a cabeça. "Esses filhos da mãe não nos disseram nada." "Não nos disseram o quê?"

"Que há aqui mais alguém. Alguém do século vinte." "É a única resposta possível", disse Chris.

"Mas quem?", perguntou Kate.

Chris estivera a pensar naquilo durante toda a manhã. "De Kere", exclamou de repente. "Tem que ser de Kere."

Marek estava a abanar a cabeça.

"Vê bem>, disse Chris. "Só está aqui há um ano certo? Ninguém sabe de onde é que ele veio, certo? Procurou encontrar o

seu lugar junto de Oliver e odeia-nos porque sabe que também poderemos fazer o mesmo, certo? Tira os soldados da fábrica de curtumes, vai até à rua, até nós falarmos - e nesse momento regressa como uma flecha em nossa perseguição. Acredita no que te digo, tem que ser de Kere.”

“Só há uma única questão”, disse Marek. “De Kere fala um Occitan impecável.”

“Bom, o mesmo se passa contigo.”

“Não, eu falo como um estrangeiro desastrado. Vocês ouvem a tradução nos auriculares. Eu ouço aquilo que eles dizem de facto. De Kere fala como um nativo. É completamente fluente e o seu sotaque é perfeitamente igual ao de qualquer outro. E o Occitan é uma língua morta no século vinte. Não existe a menor hipótese de ser do nosso século e falar da maneira como fala. Tem que ser nativo.”

“É possível que seja um linguista.”

Marek estava a abanar a cabeça. “Não é de Kere”, disse. “É Guy Malegant.” “Sir Guy?”

“Exactamente”, disse Marek. “Tive as minhas dúvidas a respeito dele desde a primeira vez em que fomos apanhados na passagem. Lembram-se? Estávamos ali quase que em silêncio total e de repente ele abre a porta e apanha-nos. Nem sequer tentou fingir que estava surpreendido. Não desembainhou a espada. Actuou de uma forma perfeitamente natural, gritando o alarme. Porque ele já sabia que estávamos ali.”

“Mas não foi isso que aconteceu. Foi Sir Daniel que entrou”, disse Chris. “Achas que sim?” disse Marek. “Para dizer a verdade, não me recordo dele ter entrado.”

“Para ser sincera”, disse Kate, “Acho que Chris poderá ter razão. É possível que seja de Kere. Porque eu estava na passagem entre a capela e o castelo, muito longe da parede da capela, e de Kere estava a dizer aos soldados para te matarem, e não me posso esquecer de que estava muito longe para os ouvir claramente, mas ouvi.”

Marek olhou intensamente para ela. "E então o que é que aconteceu?" "Em seguida de Kere falou num murmúrio a um dos soldados... e não consegui ouvir o que é que ele disse."

"Certo. Porque não tinha auricular. Se tivesse auricular tinha ouvido tudo, mesmo até os murmúrios. Mas não foi isso que se passou. E Sir Guy. Quem é que cortou a cabeça de Gomez? Sir Guy e os seus homens. Quem é que seria o mais provável de regressar ao sítio onde o corpo estava e retirar os auriculares? Sir Guy. Os outros homens ficaram horrorizados com a máquina cintilante. O único que não teve medo foi Sir Guy porque sabia o que é que a máquina representava. Ele é do nosso século."

"Julgo que Guy não estava lá quando a máquina chegou no meio de flashes", disse Chris.

"Mas o mais importante sobre a hipótese de se tratar de Sir Guy", disse Marek, "é o facto do seu Occitan ser um desastre. Faz-me lembrar um tipo de Nova Iorque a falar pelo nariz."

"Bom, e ele não é de Middlesex? E acho que não é de grandes famílias. Tenho a impressão de que subiu a cavaleiro por bravura e não pela família." "Não demonstrou ser um cavaleiro suficientemente bom para te derrubar

com a primeira lança", disse Marek. "Não foi um espadachim suficientemente bom para me matar em combate singular. Podes crer. É Sir Guy Malegant." "Bom", disse Chris, "quem quer que seja agora está ao corrente de que nos dirigimos para o mosteiro."

"Exactamente", disse Marek, afastando-se um pouco de Kate e olhando aprovadamente para o seu cabelo. "Sendo assim, vamos embora."

Kate tocou cautelosamente no cabelo. Disse: "Achas que me devo sentir contente por não ter aqui um espelho comigo?"

Marek acenou gravemente com a cabeça. "Provavelmente." "Achas que pareço um rapaz?"

Chris e Marek trocaram olhares. Chris respondeu: "Mais ou menos." "Mais ou menos?"

“Sim. Pareces. Pareces um rapaz.”

“Pelo menos pareces bastante”, disse Marek. Levantaram-se os três.

15:12:09

A pesada porta de madeira abriu-se com um rangido. Da escuridão do interior, um rosto semioculto por um capuz branco espreitou para eles. “Deus vos dê colheitas e riqueza”, disse o monge solenemente.

“Deus vos conceda saúde e sabedoria”, respondeu Marek em Occitan. “O que é que vos traz aqui?”

Vimos ver o Irmão Marcel.”

O monge acenou com a cabeça, quase como se estivesse à espera deles. “Certamente que podeis entrar”, disse o monge. “Chegais a tempo porque ainda aqui está.” Abriu mais um pouco a porta, permitindo-lhes passar um de cada vez.

Encontraram-se numa pequena ante-sala em pedra, muito sombria. Sentia-se um aroma intenso de rosas e laranjas. Do interior do próprio mosteiro ouviam o som suave de cânticos.

“Podeis deixar as vossas armas aqui”, disse o monge, apontando para o canto da sala.

“Meu bom irmão, receio que isso não seja possível”, disse Marek.

“Não tendes nada que recluir aqui”, disse ele. “Deixai aqui as vossas armas ou parti.”

Marek começou a protestar e em seguida desapertou o cinto onde trazia a espada suspensa.

O monge deslizou à frente deles por um corredor que se encontrava em silêncio. As paredes eram em pedra nua. Viraram uma esquina continuando a caminhar ao longo de outro corredor. O mosteiro era muito grande e parecia um verdadeiro labirinto.

Era um mosteiro cisterciano; os monges envergavam hábitos brancos de tecido liso. A austeridade da ordem cisterciense exibia

uma reprovação deliberada das ordens mais corruptas de beneditinos e dominicanos. Esperava-se dos monges cistercienses que mantivessem uma disciplina rígida, numa atmosfera de severo ascetismo. Durante séculos os monges de Cister não permitiam qualquer decoração esculpida nos seus edifícios lisos, nem quaisquer ilustrações decorativas nos seus manuscritos. A sua dieta era composta por vegetais, pão e água, sem carne ou molhos. As camas eram duras; as celas eram nuas e frias. Todos os aspectos da sua vida monástica eram nitidamente espartanos. Mas, na realidade, este aspecto de rígida disciplina tinha...

Thwock! Marek voltou-se na direcção do som. Estavam a chegar a um claustro - um pátio aberto dentro do mosteiro, rodeado por passagens com arcos em três dos lados, considerado como lugar de leitura e contemplação.

Thwock! Então ouviram risadas. Barulhentos gritos de homens. Thwock! Thwock!

Quando chegaram ao claustro, Marek viu que a fonte e o jardim no centro haviam sido retirados. O terreno estava nu, coberto por lama endurecida. Quatro homens usando batas de linho, estavam no terreno enlameado jogando uma espécie de andebol.

Thwock! A bola rolou pelo campo e os homens puxaram-se e empurraram-se uns aos outros, deixando que ela rolasse. Quando parou, um dos homens pegou nela e gritou, "Bola!" e serviu a bola batendo-lhe com a mão aberta. A bola ressaltou na parede lateral do claustro. Os homens gritaram, empurrando-se uns aos outros em busca de uma melhor posição. Debaixo dos arcos, monges e nobres gritavam palavras de encorajamento, fazendo tilintar nas mãos sacos do dinheiro das apostas.

Havia uma longa placa de madeira fixada numa das paredes, e de cada vez que a bola batia na placa - provocando um alto bonk!-ouviam-se mais gritos de encorajamento dos jogadores que se encontravam nas galerias.

Só ao fim de alguns momentos é que Marek chegou à conclusão daquilo que estava a ver: a forma mais primitiva de ténis.

O grito do servidor significando, "Recebam a bola!" - era um novo jogo, inventado há pouco mais de vinte e cinco anos e transformara-se na loucura da época. As raquetes e as redes surgiriam séculos mais tarde; de momento o jogo era uma variedade de andebol, jogado por todas as classes da sociedade.

As crianças jogavam nas ruas. Entre a nobreza o jogo era tão popular que deu origem a uma tendência para construir novos mosteiros - que eram abandonados incompletos logo que os claustros se encontravam concluídos, As famílias reais preocupavam-se porque os príncipes negligenciavam a sua aprendizagem como cavaleiros, preferindo longas horas no campo de ténis, chegando a jogar até altas horas da noite à luz de tochas. O jogo era ubíquo. O Rei João 11 de França, agora cativo em Inglaterra gastara durante vários anos uma pequena fortuna para pagar as suas dívidas de ténis. (O Rei João era chamado João, o Bom, mas dizia-se que se João era bom, de certeza que não era no ténis.) Marek perguntou: "Jogais aqui muitas vezes?"

"O exercício revigora o corpo e aguça a mente", respondeu o monge de imediato. "Aqui jogamos em dois claustros."

Ao passarem pelo claustro, Marek notou que vários dos jogadores envergavam trajes em verde e negro. Eram homens grisalhos, rudes, com ar de bandidos. Deixaram finalmente o claustro para trás e começaram a subir um lanço

de escadas. Marek disse ao monge: "Parece que a ordem recebe com agrado os homens de Arnaut de Cervole."

"É verdade", respondeu o monge, "porque nos vão retribuir, devolvendo-nos o moinho."

"Foi tomado?"

"De certo modo." O monge dirigiu-se para a janela, que dava para o Dordogne e para a ponte do moinho, um quarto de milha a montante.

“Os monges de Sainte-Mère construíram o moinho com as suas próprias mãos, sob a orientação do nosso reverendo arquitecto, o Irmão Marcel. Marcel é muito venerado no mosteiro. Como sabeis, foi arquitecto do anterior Abade, o Bispo Laon. É por isso que o moinho que ele desenhou e nós construímos é propriedade deste mosteiro, o mesmo acontecendo com os seus rendimentos.

“No entanto, Sir Oliver exige uma taxa de moagem para si próprio, embora não tenha razão para isso, se não considerarmos o facto de o seu exército controlar o território. Além disso, o meu Senhor Abade ficaria muito contente se Arnaut devolvesse o moinho ao mosteiro e acabasse com a taxa. E é por isso que recebemos amistosamente os homens de Arnaut.”

Chris, enquanto ouvia isto tudo, ia pensando. A minha tese! Era tudo exactamente como a sua investigação demonstrara. Embora ainda houvesse pessoas que continuavam a pensar na Idade Média como um tempo retrógrado, Chris sabia de facto que fora um período de intenso desenvolvimento tecnológico e nesse sentido não muito diferente dos tempos actuais. Para dizer a verdade, a mecanização industrial que se tornou num dos aspectos característicos do Ocidente, começou pela primeira vez na Idade Média. A maior fonte de energia que nessa altura se encontrava disponível - a energia hidráulica - era agressivamente desenvolvida e utilizada para fazer ainda mais tipos de trabalho: não só para moer o grão mas também para a tecelagem, para o trabalho de ferreiro, para o fabrico da cerveja, para os trabalhos em madeira, para misturar argamassa e cimento para o fabrico de papel, de cordas, de óleo, para preparar corantes para os tecidos, e ainda como fonte de energia para aquecer os fornos para o fabrico do aço. Por toda a Europa construíam-se barragens nos rios e meia milha mais abaixo uma nova barragem; barcaças de moleiro encontravam-se amarradas debaixo de cada ponte. Em alguns lugares, castas de moinhos, uns atrás dos outros, usavam sucessivamente a energia da água corrente.

Os moinhos eram normalmente operados como um monopólio e forneciam uma importante fonte de rendimento - e de conflito.

Acções judiciais, assassínios e batalhas eram o acompanhamento constante da actividade. E aqui estava um exemplo que mostrava...

“E no entanto”, estava Marek a dizer, “vejo que o moinho ainda se encontra nas mãos de Lord Oliver, porque o seu estandarte ainda esvoaça nas torres e os seus arqueiros ocupam as edificações.”

“Oliver detém a ponte do moinho”, disse o monge, “porque a ponte fica perto da estrada que dá para La Roque, e quem quer que controle o moinho controla a estrada. Mas dentro em breve Arnaut irá tirar-lhes o moinho.”

“Para em seguida o entregar de volta ao mosteiro.” “Assim é de facto.”

“E o que é que o mosteiro dará em troca a Arnaut?”

“A nossa benção, evidentemente”, disse o monge. E momentos depois acrescentou. “E também lhe pagaremos generosamente.”

Passaram por um scriptorium, onde monges sentados em filas em frente dos seus cavaletes, copiavam manuscritos em silêncio. Mas para Marek parecia tudo errado; em vez de um cântico de meditação, o seu trabalho era acompanhado por gritos e pelos ruídos do jogo que se desenrolava no claustro. E apesar da velha proibição dos cistercienses a respeito das ilustrações, muitos dos monges estavam a pintar ilustrações nos cantos e ao longo das margens dos manuscritos. Os pintores sentavam-se com um punhado de pincéis e pratos em pedra com diferentes cores. Algumas das ilustrações estavam brilhantemente ornamentadas.

“Por aqui”, disse o monge, e seguiu à frente descendo uma escada que conduziu a um pequeno pátio iluminado pelo sol. A um dos lados Marek viu oito soldados com as cores de Arnaut, que se deixavam estar ao sol. Notou que todos eles tinham espadas.

O monge conduziu-os para uma pequena casa num dos lados do pátio e em seguida através de uma porta. Ouviram o ruído de água corrente e viram uma fonte no centro de um enorme tanque. Ouviram orações cantadas em Latim. No centro da sala, dois

monges de hábito lavavam um corpo nu de tom pálido que estava deitado numa mesa.

“Frater Marcellus<sup>^</sup> disse o monge num murmúrio, fazendo uma pequena vénia,

Marek olhou espantado. Precisou de alguns momentos para ter a noção daquilo que estava a ver.

O Irmão Marcel estava morto.

14:52:07

A reacção deles denunciou-os. O monge podia ver claramente que eles não sabiam que Marcel morrera. Franzindo as sobrancelhas, puxou Marek pelo braço e disse-lhe: “Porque é que estais aqui?”

“Tínhamos a esperança de podermos falar com o Irmão Marcel.” “Morreu a noite passada.”

“Como é que ele morreu?” perguntou Marek.

“Não sabemos. Mas como podeis ver era muito velho.”

“A ajuda que esperávamos dele era urgente”, disse Marek. “Talvez se eu pudesse ver os seus artigos pessoais ...”

“Não tinha artigos pessoais.”

“Mas de certeza que tinha algumas pequenas coisas ...” “Vivia com grande simplicidade.”

Marek perguntou: “Posso ver a sua cela?” “Lamento mas isso não é possível?”

“Mas eu ficaria muito grato se ...”

“O Irmão Marcel vivia no moinho. Teve aí o seu quarto durante muitos anos.” O moinho estava agora debaixo do controlo das tropas de Oliver. Não podiam lá ir, pelo menos para já.

“Mas talvez eu vos possa ajudar. Dizei-me, qual era o vosso pedido urgente?” perguntou o monge. Falou casualmente, mas Marek ficou imediatamente Cauteloso.

“É um assunto privado”, disse Marek. “Não posso falar a esse respeito.” “Aqui não há nada que seja privado disse o monge.

Dirigia-se para a porta. Marek teve a nítida sensação de que se preparava para dar o alarme.

“Era um pedido de Magister Edwardus.”

“Magister Edwardus!” O comportamento do monge mudou completamente. “Porque é que não haveis dito logo isso? E o que é que sois a Magister Edwardus?” “Para dizer a verdade, somos os seus assistentes.”

“A sério?”

“Na realidade assim é.”

“Porque é que não o haveis dito? Magister Edwardus é benvindo aqui, porque estava a fazer um serviço para o nosso Abade quando foi levado por Oliver.”

“Vinde imediatamente comigo”, disse o monge. “O Abade vai querer falar convosco.”

“Mas nós temos ...”

“O Abade assim o quer. Vinde.”

De regresso à luz do sol, Marek notou que havia agora muitos mais soldados de verde e negro nos pátios do mosteiro. E nenhum daqueles soldados descansava; estavam todos vigilantes, prontos para a batalha.

A casa do Abade era pequena, feita em madeira esculpida, e situada num canto distante do mosteiro. Foram conduzidos para uma pequena ante-sala apainelada a madeira, onde um monge de costas arqueadas e gordo como um sapo, se encontrava sentado diante de uma porta fechada.

“O meu Senhor Abade está?”

“Na realidade está neste momento a dar conselhos a uma penitente.” Da sala adjacente ouvia-se um ranger ritmado.

“Quanto tempo é que ela lhe fará companhia nas suas orações?” perguntou o monge.

“É capaz de ainda demorar um bom bocado”, respondeu o sapo. “Ela é reincidente. E os seus pecados são repetidos com muita frequência.”

“Gostava de que estes valorosos homens fossem apresentados ao Senhor Abade”, disse o monge, “porque trazem notícias de Edwardus de Johnes.” “Tranquilizai-vos porque assim lhe direi”, respondeu o sapo num tom enfasiado. Mas Marek captou um súbito brilho de interesse nos olhos do velho. O que teria um significado qualquer.

“É quase hora de terça”, disse o sapo erguendo o olhar para o sol. “Os vossos hóspedes estarão na disposição de nos fazer companhia na nossa simples refeição?”

“Muito gratos, mas não, vamos ...” Chris teve um ataque de tosse. Kate deu uma cotovelada nas costas de Marek. Este disse: “Assim faremos se não for grande o incómodo.”

“Pela graça de Deus, sois bem-vindos.”

Preparavam-se para se dirigirem para a sala das refeições quando um jovem monge arquejante entrou na sala. “O meu Senhor Arnaut vem aí! Quer avistar-se de imediato com o Abade!”

O sapo pôs-se de pé num salto e disse-lhes: “Parti agora.” E abriu uma porta lateral .

Foi assim que se encontraram numa pequena sala vazia adjacente aos aposentos do Abade. O ranger da cama havia cessado; distinguiram o murmúrio baixo do sapo, que falava urgentemente com o Abade.

Momentos depois abriu-se uma outra porta e entrou uma mulher, de pernas nuas, ajustando apressadamente as roupas, o rosto corado. Era extremamente bela. Quando se voltou, Chris viu com espanto que se tratava de Lady Claire.

Ela surpreendeu o seu olhar e disse: “Porque é que me olhais assim?” “Uh, minha Senhora ...”

“Senhor, o vosso comportamento é muito injusto. Como é que ousais julgar-me? Sou uma fidalga, sozinha num país estranho, sem

ter um campeão que me proteja ou me guie. E, no entanto, tenho que fazer o meu caminho até Bordeaux, a oitenta léguas de distância, e daí até Inglaterra, se quiser reclamar as terras de meu marido. É o meu dever como viúva, e neste tempo de guerra e de tumultos, farei tudo o que seja necessário sem a menor hesitação para cumprir a minha missão.”

Chris estava a pensar que hesitação não era coisa que fizesse parte do carácter desta mulher. Sentia-se espantado com a sua rudeza. Por outro lado, Marek olhava para ela com franca admiração. Disse suavemente: “Perdoai-lhe Senhora, porque é jovem e muitas vezes não pensa.”

“As circunstâncias mudam. Precisava de uma apresentação que só o Abade era capaz de me conseguir. E pela minha parte, sirvo-me de qualquer tipo de Persuasão que esteja ao meu alcance.” Lady Claire apoiava-se agora num pé, tentando equilibrar-se enquanto puxava a meia. Puxou bem a meia, alisou o vestido e em seguida colocou a touca na cabeça, apertando-a debaixo do queixo de modo a que só o rosto ficasse exposto.

Momentos depois parecia uma freira. As suas maneiras tornaram-se recatadas, a voz mais baixa e mais suave.

“A propósito, não vos esqueçais de que aquilo que fiz ninguém o deverá saber. Sob este aspecto estou à vossa mercê, e rogo o vosso silêncio.”

“E tê-lo-eis”, disse Marek, “porque os vossos assuntos não nos dizem respeito.”

“Da minha parte também podereis contar com o meu silêncio”, disse ela. “Porque é evidente que o Abade não deseja que a vossa presença seja do conhecimento de Cervole. Todos nós teremos os nossos segredos. Tenho a vossa palavra?”

“Na verdade assim é, minha Senhora.” Disse Marek. “Sim, minha Senhora”, disse Chris.

“Sim, minha Senhora”, respondeu Kate.

Ouvindo a sua voz, Claire franziu as sobrancelhas voltando-se para Kate. "Falais verdade?"

"Sim, minha Senhora", disse Kate mais uma vez.

Claire passou a mão pelo peito de Kate, sentindo os seios por debaixo da tira que os apertava. "Haveis cortado o cabelo, donzela", disse ela. "Sabeis que tentar passar por homem é punível com a morte?" Olhou para Chris enquanto dizia isto.

"Estamos cientes disso", respondeu Marek.

"Deveis ter uma grande dedicação ao vosso Magister para desistir do vosso sexo."

"Minha Senhora, assim é."

"Então ainda desejo mais veementemente que consigais sobreviver."

A porta abriu-se e o sapo fez um gesto na sua direcção. "Arrugos, vinde. Minha Senhora, podeis ficar, o Abade virá dentro em breve despedir-se de vós. Mas vós amigos - vinde comigo."

Lá fora no pátio Chris inclinou-se para Marek e disse-lhe num murmúrio: "André, aquela mulher é veneno puro."

Marek sorria. "Concordo que ela tem um certo toque ..."

"André. Olha aquilo que te estou a dizer. Não podemos acreditar em nada daquilo que ela possa dizer."

"A sério? Julguei que ela era notavelmente directa", disse Marek. "Quer protecção. E tem razão."

Chris ficou boquiaberto. "Protecção?"

"Sim. Ela quer um campeão", disse Marek pensativamente.

"Um campeão? De que é que estás a falar? já só temos - quantas horas é que ainda faltam?"

Marek olhou para o seu indicador de pulso. "Onze horas e dez minutos." "Então, de que raio é que estavas a falar, de um campeão?"

“Oh, estava só a pensar”, disse Marek. Colocou o braço pelos ombros de Chris. “Não liguês, não era nada de importante.”

11:01:59

Estavam numa grande sala, sentados a uma comprida mesa na companhia de muitos monges, uma grande terrina de sopa de carne na frente deles e, no centro da mesa, pratos com montanhas de vegetais, carne de vaca e capões assados. E ninguém movia um músculo, as cabeças baixas em oração, enquanto os monges cantavam.

Pater noster quí est in coelis Sanctificetur nomen tuum  
Adveniat regnum tuum Fiat voluntas tua

Kate continuava a olhar sub-repticiamente para a comida! Os capões fumegavam. Pareciam suculentos, e molho amarelado escorria para os pratos. Em seguida notou que os monges que estavam próximos dela pareciam espantados com o seu silêncio, Segundo parecia, tinha obrigação de conhecer pelo menos aquele cântico.

Ao lado dela, Marek cantava em voz alta.

Panem nostrum quotidianum Da nobíe hodie

Et dímmitte nobis debita nostra

Ela não compreendia Latim, pelo que não era capaz de os acompanhar, o que fez com que continuasse silenciosa até ao “Ámen”final.

Todos os monges ergueram o olhar, acenando na sua direcção. Encarou Os factos: era o momento que ela tanto receara. Sabia que iriam falar com ela e não era capaz de lhes responder. O que é que ela havia de fazer?

Olhou para Marek que parecia perfeitamente descontraído. Era evidente que podia estar; falava a língua.

Um monge passou-lhe uma travessa de carne não dizendo nada. De facto toda a sala estava em silêncio. A comida era passada

sem uma palavra; não se ouvia o menor som com exceção do suave entrecostar de pratos e facas. Comiam em silêncio!

Pegou na travessa com um aceno da cabeça e serviu-se generosamente, em seguida repetiu, e nesse momento surpreendeu o olhar desaprovador de Marek. Estendeu-lhe a travessa.

Num dos cantos da sala um monge começou a ler um texto em Latim, as palavras soando-lhe aos ouvidos com uma espécie de cadência, enquanto ela comia vorazmente. Estava esfomeada! Já não sabia há quanto tempo tivera a última refeição. Olhou de relance para Marek que comia com um suave sorriso afivelado no rosto. Voltou-se para a sopa que estava deliciosa e momentos depois olhou de novo para Marek.

já não estava a sorrir.

Marek não tirara os olhos das entradas. Havia três naquela comprida sala rectangular: uma à sua direita, uma à sua esquerda e uma directamente na sua frente, no centro da sala.

Momentos antes vira um grupo de soldados em verde e negro que se reuniam junto da porta do lado direito. Espreitavam para dentro, como se estivessem interessados na refeição, mas permaneciam do lado de fora.

Naquele momento viu um segundo grupo de soldados que se reunia na porta directamente à sua frente. Kate olhou para ele e este aproximou-se dela e murmurou-lhe ao ouvido, "Porta do lado esquerdo." Os monges à volta deles evidenciaram olhares desaprovadores. Kate olhou para Marek e fez um pequeno gesto com a cabeça, pretendendo dizer que compreendera.

Para onde raios conduzia a porta do lado esquerdo? Não se viam soldados naquela porta e a sala para lá da porta estava às escuras. Desse para onde desse, tinham que correr o risco. Captou o olhar de Chris e fez um pequeno gesto com o polegar: era tempo para se porem de pé.

Chris acenou quase que imperceptivelmente. Marek empurrou a sopa para o lado e começou a pôr-se de pé, quando um monge de

hábito branco veio ter com ele e inclinando-se disse-lhe num sussurro: "O Abade vai recebê-lo agora."

O Abade de Sainte-Mère era um homem enérgico de trinta e poucos anos com o corpo de um atleta e o olhar agudo de um mercador. O seu hábito negro era elegantemente bordado, o seu pesado colar era de ouro, e a mão que estendeu para ser beijada usava anéis em quatro dedos. Recebeu-os num pátio ensolarado e em seguida caminhou lado a lado com Marek, enquanto Chris e Kate seguiam atrás deles. Havia soldados de verde e negro por toda a parte. O comportamento do Abade era agradável, mas tinha o hábito de mudar rapidamente de assunto, como se quisesse apanhar o seu ouvinte desatento,

"Sinto-me profundamente desgostoso por ter aqui todos estes soldados", disse o Abade, "mas tenho receio de que alguns intrusos tenham entrado nos terrenos do mosteiro - alguns homens de Oliver - e até os encontrarmos temos que ser cautelosos. E o Senhor Arnaut ofereceu-nos graciosamente a sua protecção. Haveis comido bem?"

"Pela graça de Deus e vossa, muito bem, meu Senhor Abade."

O Abade sorriu de maneira agradável. "Detesto a lisonja", disse. "E a nossa ordem proíbe isso."

"Não deixarei de ter isso em conta", disse Marek.

O Abade olhou para os soldados e suspirou. "Tantos soldados arruinam o jogo."

"Que jogo é esse?"

"A caça, a caça", disse ele impacientemente. "Ontem de manhã fomos à caça e regressámos sem nada, nem sequer um cabrito que pudéssemos mostrar. E os homens de Cervole ainda não tinham chegado. Agora estão aqui - dois mil homens. Quando não apanham caça, pelo menos espantam-na. Serão necessários muitos meses antes que as florestas se estabilizem de novo. Quais são as notícias que me trazeis de Magister Edwardus? Dizei-me porque preciso desesperadamente delas."

Marek franziu as sobancelhas. O Abade não parecia muito tenso ou preocupado em ouvir. Mas, no entanto, parecia aguardar informações específicas. “Meu Senhor Abade, ele está em La Roque.”

“Oh? Com Sir Oliver?” “Sim, meu Senhor Abade.”

“É uma pena. Deu-vos uma mensagem para mim?” Deve ter visto o olhar espantado de Marek. “Não?”

“Meu Senhor Abade, Edwardus não me deu qualquer mensagem.” “Talvez em código? Qualquer miprevista ou trivial modificação de uma frase?”

“Lamento”, disse Marek.

“Não lamentais tanto como eu. E agora está em La Roque?” “Assim é, meu Senhor Abade,”

“Para dizer a verdade, nunca esperei uma coisa dessas”, disse o Abade. “Porque estou convencido de que La Roque não pode ser tomada.”

“Contudo, se houver uma passagem secreta para o interior ...” disse Marek.

“Oh, a passagem, a passagem”, exclamou o Abade, fazendo um gesto com a mão. “Há-de ser a minha desgraça. Só ouço falar nisso. Toda a gente quer saber onde é que fica a passagem - e Arnaut mais do que qualquer outro. O Magister estava a ajudar-me a procurar nos velhos documentos de Marcellus. Tendes a certeza de que não vos disse nada?”

“Disse-nos que devíamos procurar o Irmão Marcel,”

O Abade resmungou. “Eu sei, essa passagem secreta era o trabalho do assistente e escriba de Laon, que era o Irmão Marcel. Mas nestes últimos anos o irmão Marcel já não estava muito bom da cabeça. Foi por isso que o deixámos ir viver para o moinho. Era capaz de passar o dia a resmungar e a murmurar consigo próprio, e de um momento para o outro, começar a gritar que via demónios e espíritos, com os olhos a rolares descontrolados e os membros a estremecerem de um modo incrível, até lhe passarem as visões.” O Abade abanou a cabeça. “Os outros monges veneravam-no, vendo

nas suas visões uma prova de piedade e não uma doença, o que na realidade era. Mas porque é que o Magister vos disse para o procurarem?”

“O Magister disse que Marcel tinha uma chave.”

“Uma chave?” disse o Abade. “Uma chave?” Parecia muito aborrecido. “É evidente que tinha uma chave, tinha até muitas chaves, e podem ser todas encontradas no moinho, mas não podemos ...” Inclinou-se para a frente, ficando a olhar para Marek com uma expressão de espanto.

Por todo o pátio havia homens que gritavam, apontando para cima. Marek disse: “Meu Senhor Abade ...”

O Abade cuspiu sangue e caiu nos braços de Marek. Marek colocou-o suavemente no solo. Sentiu a flecha nas costas do Abade mesmo antes de a ver. Mais flechas sibilaram, cravando-se na relva à volta deles com um som surdo.

Marek olhou para cima e viu figuras de castanho na torre do sino da igreja disparando rapidamente. Uma flecha arrancou o chapéu da cabeça de Marek; outra atravessou-lhe a manga da túnica. Outra flecha cravou-se profundamente no ombro do Abade.

A flecha seguinte atingiu Marek na coxa. Sentiu uma dor lancinante que lhe descia pela perna e perdeu o equilíbrio, caindo de costas no solo. Tentou levantar-se, mas sentia-se com vertigens e o sentido de equilíbrio abandonara-o. Voltou a cair para trás enquanto flechas se cravavam à sua volta.

No outro lado do pátio Chris e Kate correram a procurar abrigo debaixo de uma chuva de flechas. Kate gritou e tropeçou, caindo no solo com uma flecha espetada nas costas. Em seguida levantou-se atabalhoadamente e Chris verificou que lhe atravessara a túnica debaixo do braço mas que não a atingira. Uma flecha esfolou-lhe a perna, rasgando-lhe a meia. E finalmente atingiram a passagem coberta, onde se deixaram cair atrás de um dos arcos, enquanto tentavam recuperar o fôlego. à sua volta flechas ressaltavam depois de terem embatido nas paredes e nos arcos de pedra. Chris perguntou: “Estás bem?”

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, arquejando. "Onde é que está Marek?"

Chris pôs-se de pé, espreitando cautelosamente para o outro lado do pilar. "Oh, não", exclamou.

Marek levantou-se com dificuldade, vendo que o Abade ainda estava vivo. "Perdoai-me" disse Marek, carregando o Abade no ombro e transportando-o para o canto. Os soldados que se encontravam no pátio ripostavam, disparando nuvens de flechas contra a torre do sino. Começavam a ser disparadas muito menos flechas contra eles.

Marek levou o Abade para lá dos arcos da passagem coberta e deitou-o de lado no solo. O Abade arrancou a flecha do ombro e atirou-a para o lado. O esforço deixou-o arquejante. "As minhas costas... costas ..."

Marek voltou-o suavemente. A haste da flecha cravada nas costas pulsava com cada batida do coração. "Meu Senhor, quereis que a arranque?"

"Não." Com um ar desesperado o Abade colocou a mão no pescoço de Marek e puxou-o para si. "Ainda não... um padre... padre ..." Os olhos rolavam. Um padre corria na direcção deles.

"Já vem aí, meu Senhor Abade."

O Abade pareceu aliviado ao ouvir isto, mas continuava a agarrar Marek fortemente. A sua voz era baixa, quase um sussurro. "A chave para La Roque ..." "Sim, meu Senhor?"

"... sala ..."

Marek esperou: "Que sala meu Senhor? Que sala?"

"Arnaut ...", disse o Abade, abanando a cabeça como se quisesse esclarecer as ideias. "Arnaut ficará irritado... sala ..." E deixou de o agarrar. Marek arrancou-lhe a flecha das costas e ajudou-o a deitar-se no solo. "Dizia-me constantemente... fazer... não dizer a ninguém... assim... Arnaut ..." Fechou os olhos.

O monge colocou-se entre eles, falando rapidamente em Latim, tirando as sandálias do Abade, colocando um frasco de óleo no solo. Começou a administrar a extrema unção.

Encostando-se a um dos pilares do claustro, Marek arrancou a flecha da coxa. Tinha-o atingido de relance e o ferimento não era tão profundo como pensara; só havia uma polegada de sangue na haste da flecha. Atirou com a flecha para o chão no momento em que Chris e Kate chegaram.

Olharam para a perna dele e para a flecha. Estava a sangrar. Kate ergueu o gibão e com a adaga cortou uma tira da fralda da sua camisa interior de linho. Amarrou-a na coxa de Marek como um penso de emergência.

Marek disse: "Não é assim tão grave."

"Então não te vai doer teres o penso", disse ela. "Consegues andar?" "É evidente que consigo andar", disse Marek.

"Estás pálido."

"Estou bem", respondeu, e afastou-se do pilar olhando para o pátio. Quatro soldados jaziam no solo, que estava eriçado de flechas. Os outros soldados tinham partido; já ninguém estava a disparar contra a torre do sino: fumo elevava-se das altas janelas. No outro lado do pátio viram mais fumo, espesso e negro, que vinha da área do refeitório. Todo o mosteiro estava a começar a arder.

"Precisamos de encontrar essa chave", disse Marek. "Mas está na sua cela."

"Não estou lá muito seguro disso." Marek recordava-se de que uma das últimas coisas que a grafologista Elsie lhe dissera, quando ainda se encontravam no estaleiro do projecto tinha a ver com uma chave. E era uma palavra qualquer que a deixara espantada. Não se conseguia lembrar dos pormenores - nessa altura encontrava-se preocupado por causa do Professor - mas lembrava-se perfeitamente de que Elsie estivera a analisar uma das folhas de pergaminho do monte que fora encontrado no mosteiro. A mesma pilha onde havia sido encontrada a nota do Professor.

E Marek sabia onde é que podia encontrar esses pergaminhos.

Caminharam apressadamente ao longo do corredor na direcção da igreja. Alguns dos vitrais haviam sido partidos e o fumo escapava-se pelas aberturas. Do interior ouviram homens que gritavam e momentos depois um grupo de soldados surgiu através das portas. Marek fez meia volta, conduzindo-os no sentido contrário do caminho que haviam percorrido.

“Que é que estamos a fazer?” À procura da porta.”

“Que porta?”

Marek virou de repente para a esquerda, ao longo de um corredor do claustro, e em seguida virou de novo à esquerda, passando através de uma estreita abertura que os conduziu a um espaço apertado, uma espécie de zona de armazenagem. Era iluminado por uma tocha. No soalho via-se um alçapão; abriram-no para trás e viram degraus que desciam para uma escuridão completa. Agarrou uma tocha e começaram todos a descer os degraus que se encontravam à sua frente. Chris era o último, tendo fechado o alçapão que deixara para trás. Desceram as escadas que os conduziram a uma câmara escura desagradavelmente fria e húmida.

A corrente de ar frio fez crepitar a tocha. à sua luz trémula viram enormes cascos com seis pés de diâmetro dispostos ao longo da parede. Estavam numa adega.

“Vocês sabem que já não falta muito para que os soldados encontrem este lugar.” Levou-os através de diversas salas cheias de cascos, movendo-se sem qualquer hesitação.

Seguindo atrás dele, Kate perguntou: “Sabes para onde é que vais?” “Não me digas que não sabes?”

Mas ela não sabia; ela e Chris mantinham-se logo atrás de Marek, procurando manter-se dentro do confortável círculo de luz projectado pela tocha. Agora estavam a passar por túmulos, pequenas reentrâncias na parede onde descansavam corpos, com os sudários a apodrecer. Às vezes viam os topos dos crânios com tufos

de cabelo ainda agarrados; outras vezes viam pés, com os ossos parcialmente expostos. Na escuridão ouviam um longínquo guinchar de ratos. Kate estremeceu.

Marek continuou a avançar até que parou abruptamente numa câmara que estava quase vazia.

“Porque é que parámos?” perguntou ela. “Não sabes?”, respondeu Marek.

Ela olhou em volta, tendo chegado à conclusão de que se encontrava na mesma câmara subterrânea para onde tinha rastejado vários dias antes. Havia o mesmo sarcófago de um cavaleiro, agora com a tampa no caixão. Ao longo de outra parede via-se uma mesa de madeira tosca, onde se encontravam pilhas de oleados e rolos de manuscritos atados com cordel de cânhamo. A um dos lados encontrava-se um pequeno muro em pedra onde estava um único rolo de manuscritos - e se notava o brilho das lentes dos óculos do Professor.

“Julgo que os perdeu ontem”, disse Kate. “Deve ter sido capturado aqui pelos soldados.”

“Provavelmente.” Observou Marek enquanto este começava a ver a pilha de folhas, uma a uma. Encontrou rapidamente a mensagem do Professor para em seguida voltar atrás e ver a folha anterior. Franziu as sobancelhas, procurando iluminá-la melhor com a luz da tocha.

“O que é que se passa?”

“É uma descrição”, respondeu. “De um rio subterrâneo, e... aqui está.” Apontou para a margem do manuscrito onde fora escrita à pressa uma anotação em Latim.

“Diz: Marcelus tem a chave”” Apontou com o dedo. “E a seguir diz qualquer coisa sobre uma porta ou abertura, e pés grandes.”

“Pés grandes?”

“Espera um minuto”, disse ele. “Não, não é isso.” Começava a recordar aquilo que Elsie lhe dissera. “Diz “pés de um gigante” Pés de gigante.”

“Pés de gigante”, perguntou ela, olhando para ele em tom de dúvida. “Tens a certeza de que é mesmo isso?”

“É o que diz.”

“E isto o que é?” Por baixo do seu dedo viam-se duas palavras, uma colocada Por cima da outra:

# DESIDE VIVIX

09:57:02

No laboratório da ITC, David Stern afastou-se do protótipo da máquina. Olhou para o pequeno conjunto de dispositivos electrónicos interligados que estivera a montar e a testar durante as últimas cinco horas.

“já está”, exclamou. “Com isto vamos poder enviar-lhes uma mensagem.” já fazia noite no laboratório; as janelas de vidro estavam escuras. Perguntou: “Que horas é que serão lá?”

Gordon contou pelos dedos. “Chegaram às oito horas da manhã. já se passaram vinte e sete horas. Sendo assim, são agora onze horas da manhã do dia seguinte.”

“Okay. Deve estar bem.”

Stern conseguira construir aquele sistema electrónico de comunicações, contrariando os dois fortes argumentos de Gordon de que tal coisa não poderia ser feita. Gordon dissera que não era possível enviar uma mensagem de volta, porque não se sabia onde é que a máquina iria aterrar. Estatisticamente, as probabilidades de que a máquina aterrasse onde a equipa não estava eram esmagadoras. O segundo problema era o de não ser possível saber-se se a mensagem tinha sido recebida ou não.

Mas Stern resolvera as duas objecções de uma maneira extremamente simples. O conjunto tinha um auricular transmissor/receptor, idêntico aos que a equipa já usava, e dois pequenos gravadores. O primeiro gravador transmitia uma mensagem. O segundo gravava qualquer mensagem que chegasse ao transmissor dos auriculares. A concepção no seu conjunto era, conforme Gordon definiu em tom admirativo, um atendedor do tipo multiverso.

Stern gravou uma mensagem que dizia: “Fala David. já estão fora há vinte e sete horas. Não tentem regressar antes das trinta e

duas horas. Nessa altura já estaremos prontos para vos receber deste lado. Entretanto digam-nos se estão bem. Basta que falem e será gravado. Para já digo-vos adeus. Até breve.”

Stern ouviu a mensagem mais uma vez e disse em seguida: “Okay, vamos mandar isto de volta.”

Gordon accionou botões no painel de controlo. A máquina começou a zumbir e foi banhada por uma luz azul.

Horas antes, quando começara a trabalhar naquela máquina de mensagens, a única preocupação de Stern era a de que os seus amigos que se encontravam do outro lado podiam não saber que não podiam regressar. Como resultado disso, conseguia imaginá-los numa situação extremamente difícil e perigosa, talvez a serem atacados por todos os lados, e chamando a máquina continuamente, convencidos de que podiam regressar de imediato. Foi por isso que Stern chegou à conclusão de que deviam ser informados de imediato, de que de momento não podiam regressar.

Essa fora a sua preocupação original. Mas agora havia uma segunda, talvez uma preocupação ainda maior. O ar na cave estava a ser purificado há cerca de dezasseis horas. Equipas de trabalhadores estavam de novo no interior, reconstruindo a plataforma de trânsito. O painel de controlo fora monitorizado durante muitas horas.

E não se tinham verificado interferências de campo.

O que queria dizer que não se verificara qualquer tentativa de regressar. E Stern tinha a sensação - era evidente que ninguém seria capaz de falar abertamente e muito menos Gordon - de que a gente no iTC estava convencida de que se passassem mais de vinte e quatro horas sem interferência de campo era um mau sinal. Sentia que uma grande parte do pessoal do ITC acreditava que a equipa já morrera.

Assim o interesse pela máquina de Stern não era tanto o de saber se uma mensagem podia ser transmitida mas, em vez disso, o de saber se uma mensagem podia ser recebida. Porque isso seria prova de que a equipa ainda se encontrava viva.

Stern equipara a máquina com uma antena e construiu um pequeno dispositivo com rodas dentadas que permitia virar a antena para diferentes ângulos e repetia a mensagem de saída três vezes. Deste modo haveria três hipóteses para a equipa responder. Depois disso, toda a máquina voltaria automaticamente para o presente, precisamente como acontecera quando tinham estado a usar a câmara.

“E aqui vamos”, disse Gordon.

Com flashes de luz laser, a máquina começou a encolher no solo.

Era uma espera desconfortável. Dez minutos mais tarde a máquina regressou. Vapor frio espalhou-se ao nível do solo quando Stern retirou o seu dispositivo electrónico, tirou a fita e começou a ouvir a gravação.

Ouviu-se a mensagem de saída. Não houve qualquer resposta.

Voltou a ouvir-se a mensagem de saída.

Mais uma vez não houve qualquer resposta. O crepitar da estática e mais nada.

Gordon olhava para Stern sem qualquer expressão no rosto. Stern disse: “Poderá haver um monte de explicações ...”

A mensagem de saída foi tocada uma terceira vez. Stern susteve a respiração.

Mais crepitar de estática e foi então que no silêncio do laboratório ouviu a voz de Kate dizer: “Ei malta, vocês não ouviram nada?”

Marek: “De que é que estás a falar?”

Chris: “Pelo amor de Deus, Kate, desliga os auriculares.” Kate: “Mas ...”

Marek: “Desliga essa coisa.”

Mais estática. Terminaram as vozes. Mas a prova fora conseguida. “Estão viVOS”I disse Stern.

“Não há dúvida”, disse Gordon. “Vamos ver como é que vão os trabalhos na plataforma de transição.”

Doniger caminhava no gabinete de um lado para o outro, murmurando as palavras do seu discurso, praticando os gestos das mãos, a posição do corpo. Tinha reputação de um orador entusiasta, até mesmo carismático, mas Kramer sabia que não era coisa que tivesse surgido naturalmente. Muito pelo contrário, era resultado de uma longa preparação, as posições, a pronúncia, os gestos. Doniger não deixava nada ao acaso.

A certa altura Kramer ficara perplexa com o seu comportamento: os seus intermináveis e obsessivos ensaios no caso de qualquer aparecimento em público pareciam estranhos no caso de um homem que, na maioria das situações, não dava a menor ideia do modo como encontrara por acaso os outros. Finalmente chegou à conclusão de que Doniger gostava de falar em público porque era extraordinariamente manipulativo. Estava convencido de que era mais inteligente do que qualquer outro e um discurso persuasivo - “Nem sequer hão-de saber o que é que os atingiu” - era outro modo de o provar..

Naquela altura Doniger andava de um lado para o outro, usando Kramer como audiência de uma pessoa. “Estamos todos controlados pelo passado, embora ninguém o consiga compreender. Ninguém reconhece o poder do passado”, disse ele, com um gesto da mão.

“Mas se pensarmos bem nisso, chegamos à conclusão de que o passado sempre foi mais importante do que o presente. O presente é como uma ilha de coral que se mantém à tona da água, mas é composta por milhões de corais mortos que se encontram abaixo da superfície, que ninguém vê. De modo análogo, o nosso mundo de todos os dias é composto por milhões de acontecimentos e decisões que ocorreram no passado. E aquilo que acrescentamos no presente é trivial.

“Um adolescente toma o pequeno-almoço e em seguida vai à loja para comprar o último CD de uma nova banda. O miúdo julga

que vive num momento moderno. Mas quem é que definiu o que é uma "banda"? Quem é que definiu o que é um "adolescente"? Ou até o "pequeno-almoço"? Isto já para não falar em tudo aquilo que compõe o ambiente social do miúdo - família, escola, vestuário, transportes e governo.

"Nada disto foi decidido no presente. A maior parte foi decidida há centenas de anos. Quinhentos anos, mil anos. Este miúdo está sentado no topo de uma montanha que é o passado. E nunca se apercebe disso. É governado por aquilo que nunca vê, por aquilo em que não pensa, por aquilo que não conhece. É uma forma de coerção que é aceite sem ser questionada. Este mesmo miúdo é céptico a respeito de outras formas de controlo - restrições dos pais, Inensagens comerciais, leis do governo. Mas a invisível regra do passado, que continua a não ser questionada, governa quase tudo na sua vida. Trata-se de

um Poder real. Poder que pode ser tomado e usado. Porque, do mesmo modo que o presente é governado pelo passado, o mesmo acontece com o futuro. É por isso que afirmo, o futuro pertence ao passado. E a razão ..."

Doniger interrompeu-se, aborrecido. O telemóvel de Kramer estava a tocar e ela atendeu a chamada. Ele continuou a andar para trás e para a frente, esperando. Tentando um gesto com a mão e logo em seguida outro.

Finalmente Kramer desligou o telefone olhando para ele. Ele disse: "Sini? O que é que há?"

"Era Gordon. Estão vivos Bob."

"Já regressaram?"

"Não, mas conseguimos gravar uma mensagem das suas vozes. Três deles estão vivos de certeza."

"Uma mensagem? Quem é que teve a ideia de fazer uma coisa destas?" "Stern."

"A sério? Talvez não seja tão estúpido como eu pensava. Devíamos contratá-lo." Fez uma pausa. "Sendo assim, está a querer

dizer-me que vamos conseguir trazê-los de volta?”

“Não. Não tenho a certeza disso.” “Qual é o problema?”

“Continuam com os auriculares desligados.”

“Não me diga! Mas porquê? As pilhas dos auriculares têm uma carga para muito tempo, que pode aguentar as trinta e sete horas. Não há qualquer razão para os manter desligados.” Olhou intensamente para ela. “Achas que sim? Achas que é ele? Achas que é Deckard?”

“Talvez. Acho que sim.”

“Como? Já se passou mais de um ano e Deckard deve ter morrido - lembras-te de como ele andava sempre à procura de guerras com toda a gente?” “Bom, houve qualquer coisa que fez com que eles desligassem os auriculares ...”

“Não sei”, disse Doniger. “Rob tinha demasiados erros de transcrição e estava fora de controlo. Porra, ele ia para a cadeia.”

“Sim. Por ter espancado um tipo num bar, alguém que ele nunca tinha visto antes”, disse Kramer. “O relatório da polícia dizia que Deckard o atingiu cinquenta e duas vezes com uma cadeira de metal. O tipo esteve em coma durante um ano. E Rob ia mesmo para a cadeia. Foi por isso que ele se ofereceu como voluntário para regressar mais uma vez.”

“Se Deckard ainda está vivo”, disse Doniger, “então continuam mesmo com problemas.”

“Sim, Bob. Ainda estão com montes de problemas.”

09:57:02

De volta à humidade fria da floresta, Marek esboçou no pó do solo um mapa grosseiro servindo-se de uma vara de madeira. “Neste momento estamos atrás do mosteiro. O moinho está aqui, a cerca de um quarto de milha do ponto onde nos encontramos. Há um posto de controlo por onde temos que passar.” “Uh-huh”, disse Chris.

“E em seguida vamos para o moinho.” “Sabe-se lá como.”

“Certo. Quando lá chegarmos, temos a chave. Deste modo temos que ir à capela verde. Que é aonde, Kate?”

Ela pegou na vara de madeira e desenhou um quadrado. “Se isto é La Roque, no topo da falésia, então temos uma floresta a norte. A estrada é mais ou menos aqui. julgo que a capela não fica muito longe - talvez aqui.”

“Uma milha? Duas milhas?” “Digamos duas milhas.” Marek acenou com a cabeça.

“Muito bem, pelos vistos parece tudo muito fácil”, disse Chris, levantando-se e sacudindo o pó das mãos. “Tudo o que temos que fazer é passar pelo Ponto de controlo armado, em seguida continuar para o moinho fortificado, e finalmente para uma capela qualquer - e não ser morto pelo caminho. Vamos embora.”

Deixando a floresta para trás, avançaram através de uma paisagem de destruição. As chamas lambiam as paredes do Mosteiro de Sainte-Mère, e nuvens de fumo escureciam o sol. Cinza negra cobria o solo, caía nos rostos e ombros, e tornava o ar mais espesso. Tinham a sensação de terem a boca cheia de areia. Do outro lado do rio conseguiam apenas avistar um contorno escuro de Castelgard, agora uma ruína enegrecida e fumegante empoleirada nas colinas.

Caminhando através desta desolação, não viram mais ninguém durante muito tempo. Passaram por uma quinta a oeste do mosteiro, onde um homem de idade jazia no solo, com duas flechas cravadas no peito. Do interior ouviram o som de um bebé que chorava. Olhando para o interior viram uma mulher, morta à machadada, que jazia no solo de rosto para baixo junto da fogueira; e um rapaz de seis anos, olhando para o céu, com o ventre aberto de lado a lado. Não viram o bebé, mas parecia que os sons vinham de um cobertor que

se encontrava no canto.

Kate esboçou um gesto de se dirigir na direcção deles, mas Marek deteve-a. “Não faças isso.”

Continuaram o seu caminho.

O fumo elevava-se sobre uma paisagem vazia, cabanas abandonadas, campos não cultivados. Para além da quinta com os seus moradores chacinados, não viram mais ninguém.

“Onde é que está toda a gente?” disse Chris.

“Fugiram todos para os bosques”, respondeu Marek. “Também têm lá cabanas e abrigos subterrâneos. Sabem aquilo que devem fazer.”

“Nos bosques? como é que eles vivem?”

“Atacando os soldados que passem por perto. É por isso que os cavaleiros matam quem quer que seja encontrado na floresta. Partem do princípio de que são godins - maceitores - e sabem que os godins retribuirão ofavor sepuderem.

“Então foi isso que nos aconteceu quando aterrámos pela primeira vez?” “Exacto”, respondeu Marek. “O antagonismo entre homens do povo e nobres neste momento está o pior possível. A gente vulgar sente-se irritada por ser forçada a suportar esta classe de cavalaria com as suas taxas e dízimos, mas quando chega a altura, os cavaleiros não cumprem a sua parte do contrato. São incapazes de ganhar as batalhas que permitem proteger o país. O rei francês foi capturado, o que é de um grande simbolismo para a gente comum, E agora que a guerra entre a Inglaterra e a França terminou, começam a ver de uma forma muito mais clara que os cavaleiros são a causa de mais destruição. Tanto Arnaut como Oliver lutaram pelos seus respectivos reis em Poitiers. E agora tanto um como o outro se dedicam à pilhagem da região para pagarem às suas tropas. O povo não gosta disso. É assim que formam bandos de godíns, vivendo na floresta e ripostando sempre que podem.”

“E esta quinta?”, disse Kate. “Como é que isto aconteceu?”

Marek encolheu os ombros. “Talvez o pai tivesse sido morto na floresta por camponeses bandidos. Talvez numa noite o irmão tivesse bebido demais, andasse a vaguear e fosse morto e despojado de tudo o que levava por bandidos camponeses. Talvez a esposa e as crianças estivessem a viajar de um castelo para outro e tivesse desaparecido sem deixar vestígios. Finalmente, está pronto

para despejar a sua ira e a sua frustração em alguém. E por vezes é isso que acontece.”

“Mas ...”

Marek ficou em silêncio, limitando-se a apontar em frente. Acima de uma linha de árvores um estandarte esvoaçante em verde e negro movia-se rapidamente para a esquerda, transportado por um cavaleiro a galope.

Marek apontou para a direita. Começaram a subir a corrente em silêncio. E chegaram finalmente à ponte do moinho e ao ponto de controlo.

Na margem do rio a ponte do moinho terminava numa enorme pedra com uma abertura em arco. Do outro lado do arco via-se um ponto de portagem. A única estrada para La Roque passava pelo arco, o que queria dizer que os soldados de Oliver, que controlavam a ponte, também controlavam a estrada.

Acima da estrada, as falésias calcárias eram elevadas e alcantiladas. Não havia qualquer alternativa, sendo obrigatório passar pelo arco. E de pé, junto desse mesmo arco, falando com os soldados que se encontravam no Ponto de portagem, encontrava-se Robert de Kere.

Marek abanou a cabeça.

Uma torrente de camponeses, na sua maioria mulheres e crianças, alguns transportando uns magros pertences, subia a estrada. Dirigiam-se para a protecção do castelo de La Roque. De Kere falava com um guarda, embora de vez em quando deitasse um olhar de relance para os camponeses. Parecia não estar a prestar muita atenção mas de qualquer modo nunca conseguiriam passar sem serem detectados.

A certa altura de Kere entrou de novo na ponte fortificada. Marek fez um aceno com a cabeça na direcção dos outros e meteu-se à estrada, movendo-se lentamente na direcção do ponto de controlo. Marek sentiu que começava a suar.

Os guardas estavam a verificar os pertences daquela gente, confiscando tudo aquilo que lhes parecia valioso e que iam colocando num monte ao lado da estrada.

Marek chegou ao arco e não se deteve, continuando em frente. Os soldados estavam a observá-lo mas não enfrentou o seu olhar. Passou, em seguida foi a vez de Chris e por último de Kate.

Seguiram a multidão ao longo do rio, mas quando estes fizeram a curva na direcção de La Roque, Marek dirigiu-se no sentido contrário, na direcção da margem do rio.

Aqui não havia absolutamente ninguém, o que lhes permitiu espreitar através da folhagem para a ponte fortificada do moinho, que agora estava a cerca de um quarto de milha a jusante.

Aquilo que viram não era encorajador.

Em cada uma das extremidades da ponte viam-se maciças torres de guarda, com dois andares de altura, elevados passadiços e seteiras a toda a volta. No topo da torre de guarda mais próxima viram duas dúzias de soldados em castanho avermelhado e cinzento, observando tudo à sua volta, prontos para lutar. Havia um número igual de soldados no cimo da torre mais distante, onde o estandarte de Lord Oliver esvoaçava com a brisa.

Entre as duas torres, a ponte era constituída por dois edifícios de dimensões diferentes, ligados por rampas. Quatro rodas de azenha gemiam em baixo, impulsionadas pela corrente, que era acelerada com uma série de comportas e canais.

“Que é que achas?” perguntou Marek a Chris. Afinal de contas, esta estrutura tinha um interesse muito especial para Chris. Estudara-a durante dois anos. “Achas que podemos entrar?”

Chris abanou a cabeça. “Não há hipóteses. Soldados por toda a parte. Não há qualquer maneira de entrar.”

“O que é a construção mais perto de nós?”, perguntou Marek, indicando uma estrutura em madeira de dois andares.

“De certeza que é um moinho,>, disse Chris. “Provavelmente com as mós no andar superior. A farinha desce por uma caleira para

o andar inferior, onde é mais fácil ensacar a farinha e transportá-la para o exterior.”

“Quantas pessoas é que trabalham ali?”

“Provavelmente duas ou três. Mas neste momento” - apontou para as tropas - “talvez não haja mesmo ninguém.”

Okay. E a outra construção?”

Marek apontou para o segundo edifício, ligado ao primeiro por uma curta rampa. Este edifício era mais comprido e mais baixo. “Não tenho a certeza”, disse Chris. “Pode ter servido para trabalhos em metal, para fabricar pasta de papel, para produzir cerveja, ou até mesmo para uma serração.”

“Estás a falar de uma serração a sério, com serras?”

“Sim. Naquela altura tinham serras accionadas pela energia da água. Se isto de facto foi uma serração.”

“Mas não tens a certeza?”

“Só por olhar não se torna possível,”

Kate interrompeu: “Vocês desculpem, mas nem sequer compreendo porque é que estamos a falar disso! Reparem, olhem para aquilo: não há a menor hipótese de conseguirmos entrar,”

“Temos de entrar”, disse Marek. “Temos de ver a cela do Irmão Marcel para conseguirmos a chave que lá está.”

“Mas como, André, como é que vamos entrar?”

Marek ficou a olhar silenciosamente para a ponte durante longo tempo. Finalmente disse: “Nadamos.”

Chris abanou a cabeça. “Não é possível.” Os pilares da ponte que desciam até à água eram abruptos, as pedras verdes e escorregadias por causa das algas. “Nunca seríamos capazes de trepar por ali.”

“Quem é que falou em trepar?” disse Marek.

09:27:33

Chris estremeceu arquejante ao sentir o frio das águas do rio. Marek já se afastava da margem, deixando-se boiar ao sabor da corrente. Kate seguia logo atrás dele, movendo-se para a direita, tentando manter-se no centro da corrente. Chris mergulhou atrás deles, olhando nervosamente para a praia.

Até ali os soldados ainda não os haviam detectado. O gorgolejar do rio era praticamente o único som que ouviam, sobrepondo-se a qualquer outro. Voltou-se, olhando em frente na direcção da ponte que se aproximava. Sentia o corpo tenso. Sabia que tinha apenas uma hipótese - se falhassem seriam arrastados pela corrente e não era muito provável que conseguissem fazer o caminho de volta mais uma vez sem serem capturados.

Portanto era assim mesmo. Uma única probabilidade.

Uma série de pequenas paredes em pedra fora construída a partir dos lados do rio para acelerar a água, e agora avançava mais rapidamente. Directamente à frente deles estava uma comporta de canal, mesmo antes das rodas. Estavam ocultos nas sombras da ponte. Estava tudo a acontecer demasiado depressa. O rio era um mar de espuma, um rugido de torrente. Enquanto se aproximava ouvia o gemido das rodas de madeira.

Marek chegou à primeira roda; agarrou um dos raios, deu a volta, assentou os pés numa das pás e foi subindo, transportado pela roda, até que desapareceu de vista.

Fez com que tudo parecesse extremamente fácil.

Naquele momento Kate chegava à segunda roda, próxima do centro da Ponte. Ágil, agarrou facilmente os raios que subiam e, no momento seguinte,

quase que se soltou, debatendo-se para se aguentar. Finalmente conseguiu apoiar-se numa das pás, mantendo-se acocorada.

Chris deixou-se deslizar ao longo do canal em ângulo, resmungando quando o corpo chocava contra as rochas. A água à

volta dele borbulhava fazendo lembrar um rápido, transportando-o rapidamente para a roda da azenha em movimento.

Agora era a sua vez.

A roda estava próxima.

Chris estendeu a mão para o raio mais próximo quando este saiu da água

- frio e escorregadio - a mão deslizou nas algas - farpas cortaram-lhe os dedos fazendo com que se soltasse - agarrou-se com a outra mão - desesperado - o raio erguia-se no ar - não o conseguia agarrar - deixa-o ir, volta de novo para a água - agarrou o raio seguinte quando surgiu - falhou -falhou - e em seguida foi arrastado inexoravelmente para a frente, de volta à luz do sol, descendo

a corrente.

Falhara

Porra.

A corrente arrastou-o em frente. Para longe da ponte, para longe dos outros. Estava por sua conta.

09:25:12

Kate apoiou um dos joelhos numa das pás da roda da azenha e sentiu que era erguida, saindo da água. Em seguida o outro joelho e colocou-se de cócoras, sentindo o corpo elevar-se no ar. Olhou para trás por cima do ombro a tempo de ver Chris deslizar corrente abaixo, a cabeça balançando à luz do sol. E nesse instante chegou ao topo, entrando no moinho.

Ela deixou-se cair no solo, agachando-se na escuridão. As pranchas de madeira por debaixo dos pés vergavam e sentia um cheiro de coisas húmidas apodrecidas. Encontrava-se numa pequena câmara, com a roda atrás dela, e um conjunto de rodas dentadas que giravam, chiando ruidosamente à sua direita. Essas rodas encontravam-se ligadas a um fuso vertical, que fazia rodar o eixo vertical. O eixo desaparecia no tecto. Sentiu a água que a salpicava

quando fez uma pausa para escutar. Mas não conseguia ouvir mais do que o som da água e o gemer da madeira.

Uma porta baixa encontrava-se directamente à sua frente. Empunhou a adaga e lentamente abriu a porta.

O grão caía directamente de um alçapão de madeira aberto no tecto por cima dela, para um recipiente rectangular de madeira que se encontrava no soalho a seu lado. Pilhas de sacos de grão encontravam-se arrumados a um canto. O ar estava nublado por causa da poeira amarela. A poeira cobria todas as paredes, as superfícies e a escada no canto da sala que conduzia ao segundo andar. Recordava-se de Chris lhe ter dito uma vez que esta poeira era explosiva, que uma chama podia fazer explodir a construção, desfazendo-a em fânicos. E, de facto, não viu quaisquer velas na sala, nem suportes para velas nas paredes. Não havia qualquer espécie de chama.

Cautelosamente, arrastou-se na direcção da escada. Só quando chegou junto dela é que viu dois homens no meio dos sacos que ressonavam estrepitosamente, com garrafas de vinho vazias tombadas junto dos pés. Mas nenhum deles deu sinais de ter despertado.

Começou a subir a escada.

Passou por uma roda em granito que girava ruidosamente assente noutra que se encontrava por baixo. O grão descia por uma espécie de funil e entrava num orifício que se encontrava na roda superior. A partir daí o grão moído saía lateralmente, deslizando através de um orifício para o andar de baixo.

No canto da sala viu Marek de cócoras junto do corpo de um soldado que jazia no solo. Kate ouviu vozes: eram os soldados que se encontravam junto da casa de entrada. Em silêncio Marek ergueu a escada e colocou-a de modo a manter a porta fechada.

Em conjunto tiraram ao soldado a espada, o arco e a aljava. O corpo do morto era pesado; era surpreendentemente difícil tirar-lhe as armas. Parecia levar demasiado tempo. Olhou para o rosto do

homem - tinha uma barba de dois dias e uma ferida no lábio que estava ulcerada, e os olhos castanhos estavam muito abertos.

Saltou para trás aterrorizada quando de repente o homem estendeu o braço na sua direcção. Verificou que prendera a manga encharcada na sua pulseira. Libertou-se. A mão voltou a cair com um som surdo.

Marek pegou na espada do homem. Deu a Kate o arco e as flechas. Vários hábitos de monge de cor branca estavam pendurados numa fila de escápulas que haviam sido fixadas na parede. Marek tirou um hábito para si e deu a Kate um segundo hábito.

Em seguida apontou para a esquerda, no sentido da rampa que conduzia ao segundo edifício. Dois soldados em castanho avermelhado e cinzento encontravam-se na rampa, bloqueando-lhes o caminho.

Marek olhou à volta, encontrou um pau grosso que devia servir para mexer o grão, e estendeu-lho. Viu mais garrafas de vinho num canto. Pegou em duas, abriu a porta e disse qualquer coisa em Occitan na direcção dos soldados Caminharam apressadamente na sua direcção. Marek empurrou Kate para o lado da porta e disse uma frase muito simples: "Com força."

O primeiro soldado entrou, seguido de imediato pelo segundo. Abateu o pau sobre a cabeça do homem com tanta força que ficou convencida de lhe ter partido o crânio. Mas não partira; o homem caiu mas imediatamente começou a pôr-se de pé. Bateu-lhe mais duas vezes e só então é que ele caiu desamparado no solo não se mexendo mais. Entretanto Marek quebrara a garrafa de vinho na cabeça do outro soldado e agora estava a dar-lhe pontapés repetidos no estômago. O homem debatia-se, erguendo os braços numa tentativa de se defender, até que ela lhe bateu com o pau na cabeça. Nessa altura deixou de se mover.

Marek acenou aprovadamente com a cabeça, prendeu a espada debaixo do hábito e dirigiu-se para a rampa, a cabeça levemente curvada, como um monge. Kate seguiu atrás dele.

Ela não se atrevia a olhar para os soldados que se encontravam nas torres de guarda. Escondera a aljava debaixo do hábito, mas tinha que transportar o arco à vista. Não sabia se alguém reparara nela ou não. Chegaram ao edifício seguinte e Marek fez uma pausa junto da porta. Ficaram à escuta, mas tudo aquilo que conseguiam ouvir era um som repetido de pancadas e o ruído do rio que passava em baixo.

Marek abriu a porta.

Chris cuspiu e tossiu enquanto boiava na água. A corrente era agora mais lenta, mas já se encontrava a quase cem metros a jusante do moinho. Em ambos os lados do rio encontravam-se os homens de Arnaut, aguardando obviamente uma ordem para atacar a ponte. Um grande número de cavalos encontrava-se próximo, seguros por pajens.

O sol que incidia na superfície das águas reflectia o seu brilho nos rostos dos homens de Arnaut. Viu que eles pestanejavam, voltando as costas ao rio. Talvez tivesse sido por causa do brilho que eles não o tinham visto, concluiu Chris.

Sem chapinhar ou erguer os braços procurou dirigir-se para a margem norte do Dordogne e deslizou por entre os juncos que se erguiam na margem do rio. Conseguiu normalizar a respiração. E tinha que estar neste lado do rio

- o lado francês - se esperava voltar a reunir-se a André e a Kate.

Isto é, partindo do princípio de que tinham chegado vivos ao moinho. Chris não fazia a menor ideia de quais seriam as probabilidades. O moinho estava cheio de soldados.

Houve qualquer coisa que lhe bateu na parte de trás da cabeça. Voltou-se, vendo um rato morto, inchado com gás, que flutuava nas águas. O movimento forçou-o a sair do rio. Não havia soldados no ponto onde se encontrava; estavam à sombra de uma pequena mata de carvalhos, a cerca de vinte metros a jusante. Saiu das águas e enterrou-se na lama das margens. Sentiu o sol que lhe batia no Corpo, aquecendo-o. Ouviu os soldados que contavam

anedotas e riam às gargalhadas. Sabia que se devia mover para um lugar mais protegido. No ponto onde agora se encontrava, no meio de pequenos arbustos junto da margem, qualquer pessoa que caminhasse ao longo do rio daria facilmente com ele. Mas quando começou a sentir-se mais quente, também começou a sentir-se esgotado com o cansaço. Sentia os olhos pesados, os membros trémulos, e apesar da sua noção de perigo, disse para si próprio, iria fechar os olhos apenas por alguns momentos.

Apenas por alguns momentos.

Dentro do moinho o ruído era ensurdecedor. Kate pestanejou quando chegou ao segundo andar e olhou para a sala que se encontrava por baixo. Ao longo de todo o edifício, duas filas idênticas de martinets batiam em bigornas, provocando um som contínuo que ecoava nas paredes de pedra.

Ao lado de cada bigorna encontrava-se um recipiente com água e uma braseira com carvões incandescentes. Era, sem a menor dúvida, uma forja, onde o aço era temperado, sendo alternadamente aquecido, batido e arrefecido em água; as rodas forneciam a energia de batida.

Mas naquele momento os martinets batiam sem que ninguém tomasse conta deles, enquanto sete ou oito soldados com trajes em castanho avermelhado e cinzento procuravam em todos os cantos da sala, olhando debaixo dos cilindros rotativos e debaixo dos martinets, batendo nas paredes à procura de compartimentos secretos na pedra, e buscando nas caixas de ferramentas.

Não tinha a menor dúvida sobre aquilo de que andavam à procura: da chave do Irmão Marcel.

Marek voltou-se para ela e fez-lhe um sinal de que deveriam descer as escadas e dirigirem-se para uma porta que agora se encontrava aberta de par em par. Era a única porta que existia na parede lateral; não tinha qualquer fechadura e era quase de certeza a porta da cela de Marcel.

E via-se claramente que já aí haviam feito uma busca.

Por uma razão qualquer isso não deixou Marek preocupado, tendo este descido as escadas sem hesitação. No fundo das escadas passaram a zona dos martinetes e introduziram-se na cela de Marcel.

Marek abanou a cabeça.

Era de facto a cela de um monge, muito pequena, e espantosamente nua: apenas um estreito beliche, uma bacia de água e um vaso de noite. Junto da cama via-se uma minúscula mesa com uma vela. Era tudo. Dois dos hábitos brancos de Marcel estavam pendurados numa escápula na parte de dentro da porta.

Nada mais.

Era claro, numa primeira análise, que não existiam chaves neste quarto. E mesmo que tivesse havido, os soldados já as deviam ter encontrado.

No entanto, e para grande surpresa de Kate, Marek colou-se de gatas, apoiado nas mãos e nos joelhos, e começou a fazer uma busca metódica debaixo da cama.

Marek recordava aquilo que o Abade dissera antes de ter sido morto.

O Abade não conhecia a localização da passagem que queria encontrar desesperadamente, para a poder entregar a Arnaut. O Abade encorajara o Professor a procurar nos velhos documentos - o que fazia sentido, se Marcel estivesse tão demente que não fosse capaz de dizer a quem quer que fosse o que é que ele tinha feito.

O Professor encontrara um documento que mencionava uma chave, e parecia estar convencido de que se tratava de uma descoberta de importância. Mas o Abade mostrara-se impaciente: "É evidente que há uma chave. Marcel tinha muitas chaves ..."

Sendo assim, o Abade já conhecia a existência de uma chave. Sabia onde que a chave se encontrava. Mas, de qualquer modo, continuava a não ser capaz de a usar.

Porque não?

Kate tocou no ombro de Marek. Ele voltou-se para ver que ela afastara os hábitos brancos. Na parte interior da porta viu três desenhos gravados, numa espécie de padrão romano. Os desenhos tinham uma qualidade formal, até mesmo decorativa que parecia distintamente não medieval.

E foi então que chegou à conclusão de que não eram desenhos de modo nenhum. Eram diagramas explanatórios.

Eram chaves.

O diagrama que chamou a sua atenção era o terceiro, no extremo direito, Parecia-se mais ou menos com isto:

O diagrama fora gravado na madeira da porta muitos anos antes. Indubitavelmente os soldados já o tinham visto. Mas continuavam a busca, o que queria dizer que não tinham compreendido o que é que ele significava.

Mas Marek compreendeu.

Kate olhava intensamente para ele e murmurou: Escadas? Marek apontou para a imagem. Murmurou: Mapa. Porque finalmente agora tudo estava claro para ele.

VIVIX não podia ser encontrada no dicionário porque não era uma palavra. Era uma série de numerais: V, IV e IX. E estes numerais tinham direcções específicas que se encontravam ligadas a eles, conforme era indicado no texto do pergaminho: DESIDE. O que também não era uma palavra, mas representava uma abreviatura de Dextra, Sinistra, Dextra. Ou em Latim: "direita, esquerda, direita."

Deste modo a chave era o seguinte: uma vez dentro da capela, caminhar cinco passos para a direita, quatro passos para a esquerda e nove passos para a direita.

E isso conduziria à passagem secreta. Sorriu para Kate.

Aquilo que toda a gente procurava tinha sido finalmente encontrado por eles. Haviam encontrado a chave para La Roque.

Agora tudo aquilo que tinham a fazer era saírem vivos do moinho, pensou Kate. Marek foi até à porta e espreitou

cautelosamente para os soldados que se encontravam na sala principal. Ela veio ter com ele.

Ela contou nove soldados. Mais de Kere. O que fazia dez ao todo. Dez contra dois.

Os soldados pareciam menos preocupados com a busca do que anteriormente. Muitos deles olhavam uns para os outros enquanto permaneciam junto dos martinetes, encolhendo os ombros como se dissessem, Será que ainda não acabámos? Qual é o interesse?

Era claro que seria impossível para Kate e Marek saírem sem serem detectados.

Marek apontou para as escadas que conduziam à rampa superior. "Sobes directamente as escadas e raspas-te daqui", disse-lhe ele. "Eu cubro a tua saída. Mais tarde voltamos a reunir-nos mais a jusante na margem norte. Okay?"

Kate olhou para os soldados. "São dez contra um. Eu fico", respondeu-lhe. "Não. Um de nós tem que sair daqui. Eu consigo aguentar. Tu vais." Procurou qualquer coisa no bolso. "E leva isto contigo." Entregou-lhe a cerâmica. Ela sentiu um arrepio. "Porquê, André?"

"Pega nisto."

E saíram da sala. Kate dirigiu-se para as escadas, regressando pelo caminho por onde chegara. Marek atravessou a sala, na direcção das janelas mais distantes que davam para o rio.

Kate ia a meio caminho das escadas quando ouviu um grito. De todos os lados da sala soldados corriam para Marek que arrancara o hábito e combatia COM um deles.

Kate não hesitou. Tirando a aljava de baixo do hábito, apontou a primeira flecha e disparou o arco. Lembrou-se daquilo que Marek lhe dissera um dia: Se quiseres matar um homem... Recordou como naquela altura se rira.

Um soldado gritava, apontando para ela. Ela disparou; a flecha atingiu-lhe o pescoço junto do ombro. O homem recuou aos tropeções caindo numa das braseiras, gritando ao sentir os carvões

incandescentes. Um segundo soldado que se encontrava junto dele recuava procurando cobertura. Kate disparou atingindo-o no peito. Caiu no solo, morto.

Faltavam oito.

Marek combatia com três ao mesmo tempo, incluindo de Kere. Espadas entrecrocavam-se enquanto os homens evoluíam entre os martinetes e saltavam sobre os veios em rotação. Marek já tinha matado um dos soldados que jazia atrás dele.

Faltavam sete.

Mas foi então que viu o soldado levantar-se; a sua morte fora fingida, e agora avançava cautelosamente, com o intuito de atacar Marek pelas costas. Kate apontou uma flecha e disparou. O homem caiu desamparado, agarrado a uma coxa; estava apenas ferido; Kate atingiu-o mais uma vez na cabeça enquanto jazia deitado no chão.

Estava a pegar noutra flecha quando viu que de Kere se afastara do combate com Marek e subia agora as escadas em corrida na sua direcção, com surpreendente velocidade.

Kate agarrou noutra flecha, apontou-a e disparou. Mas a atrapalhão fez com que falhasse. E entretanto de Kere aproximava-se rapidamente.

Kate deixou cair o arco e correu para o exterior.

Correu ao longo da rampa na direcção do moinho, olhando para as águas que corriam lá em baixo. Por toda a parte conseguia ver pedras no fundo do rio semiocultas pela água borbulhante coberta de espuma: a água era muito pouco profunda para se arriscar a saltar. Tinha de voltar pelo caminho por onde subira. Atrás dela de Kere gritava qualquer coisa. Na torre de guarda que se encontrava à frente um grupo de arqueiros preparou os arcos.

Na altura em que começavam a voar as primeiras flechas alcançou a porta do moinho. Nessa altura de Kere recuava novamente, gritando para os arqueiros e erguendo um punho no ar. As flechas cravavam-se à sua volta.

Na sala superior do moinho, soldados atiravam-se contra a porta que fora bloqueada pela escada. Ela sabia que a escada não iria aguentar durante muito tempo. Dirigiu-se para a abertura no soalho e saltou para a sala que ficava por baixo. Com toda aquela excitação os soldados embriagados começavam a acordar, olhando estremunhados para os pés. Mas com tanta poeira amarelada no ar era difícil conseguir vê-los com nitidez.

Foi isso que lhe deu uma ideia: toda aquela poeira que havia no ar. Procurou na bolsa e tirou um dos cubos vermelhos. Tinha gravado "60". puxou a palheta e atirou-o para um canto da sala,

Mentalmente começou a contar no sentido inverso. Cinquenta e nove. Cinquenta e oito.

De Kere encontrava-se agora no sobrado directamente por cima dela, mas hesitou em descer, não tendo a certeza se ela estava ou não armada. Ouviu muitas vozes e passos no andar de cima; tinham chegado os soldados da casa da guarda. Na parte de cima devia haver cerca de uma dúzia de soldados. Talvez mais.

Pelo canto do olho viu um dos soldados embriagados que se encontrava junto dos sacos lançar-se para a frente procurando agarrá-la. Deu-lhe um pontapé entre as pernas com toda a força de que foi capaz e o homem caiu gemendo, ficando encolhido no solo.

Cinquenta e dois. Cinquenta e um.

Colocou-se de cócoras e desviou-se para a pequena sala lateral onde chegara da primeira vez. A roda da azenha rangia, espalhando água em todos os sentidos. Procurou encerrar a porta inferior mas esta não tinha qualquer fecho. Qualquer pessoa podia entrar.

Cinquenta. Quarenta e nove.

Olhou para baixo. A abertura no soalho, onde a roda continuava a sua rotação descendente, era suficientemente larga para lhe permitir a passagem. Agora tudo aquilo que tinha que fazer era empoleirar-se numa das pás e cavalgar a roda até ser capaz de saltar em segurança para as águas pouco profundas.

Mas enquanto se encontrava voltada para a roda da azenha, tentando calcular o tempo do movimento, chegou à conclusão de que era mais fácil dizer do que fazer. A roda dava a impressão de girar muito depressa, com uma visão desfocada das pás quando passavam por ela. Sentiu a água a chapinhar-lhe o rosto, desfocando-lhe a visão. Quanto tempo é que ainda tinha? Trinta segundos? Vinte? A olhar para a roda perdera a noção do tempo. Mas sabia que não podia esperar mais. Se Chris tinha razão, todo o moinho iria explodir de um momento para o outro. Kate inclinou-se para a frente, agarrando uma das pás que passavam - começou a cair com ela - atemorizou-se - largou-a - voltou a agarrar - perdeu novamente a coragem - e em seguida recuou, respirou fundo e procurou acalmar-se, preparando-se mais uma vez.

Ouviu o som cavo dos homens a caírem, saltando do andar de cima para a sala adjacente. já não lhe restava mais tempo.

Tinha que ir.

Respirou fundo, e agarrou a pá seguinte com ambas as mãos comprimindo-se contra a roda. Deslizou através da abertura e surgiu à luz do sol - conseguira! - até que de repente foi arrancada da roda e sentiu-se suspensa no ar. Olhou para cima.

Robert de Kere agarrava-lhe o braço numa prisão de aço. Estendendo o braço através da abertura agarrara-a no último momento quando ela começava a descer. E agora segurava-a, mantendo-a pendurada no ar, A polegadas de distância a roda continuava o seu movimento. Tentou libertar-se da prisão de de Kere. O seu rosto era sombrio e determinado ao olhar para ela.

Ela debateu-se.

Ele segurava com firmeza.

Foi então que viu qualquer coisa a mudar no seu olhar - um laivo de incerteza - e a madeira apodrecida do soalho começou a ceder debaixo dele. O peso combinado dos dois era demasiado para as velhas pranchas de madeira que durante anos haviam sido encharcadas com a água da roda da azenha. As pranchas começavam a vergar. Uma das pranchas quebrou sem qualquer som,

e o joelho de de Kere enfiou-se pela abertura, mas continuou a segurar com firmeza.

Quanto tempo ainda? pensou ela. Com a mão livre bateu no pulso de de Kere, tentando que ele a libertasse.

Quanto tempo ainda?

De Kere era como um bulldog, agarrando, não abandonando a presa. Partiu-se outra prancha do soalho e ele caiu de lado. Se partisse mais alguma prancha cairia pela abertura arrastando-a com ele.

E ele não se importava. Continuará a agarrar até ao fim. Quanto tempo ainda?

Com a mão livre agarrou uma das pás que passava à sua frente e usou a força da roda para arrastar o corpo para baixo, contrariando a prisão que de Kere exercia no braço. Os braços ardiam-lhe com a tensão, mas funcionou,

- as pranchas estalaram - de Kere caía através da abertura largando-a - e ela caiu, a pouca distância que ainda lhe faltava, na água espumante em volta da roda.

E nesse momento houve um flash de luz amarela e todo o edifício de madeira acima dela desapareceu num rugido infernal. Avistou pranchas que voavam em todas as direcções enquanto ela terminava a sua queda mergulhando de cabeça na água gelada. Por instantes avistou as estrelas e, em seguida, perdeu a consciência mergulhando nas águas borbulhantes.

09:04:01

Chris acordou com os gritos dos soldados. Olhou para cima, vendo os soldados que corriam em grande confusão ao longo da ponte do moinho. Viu um monge de hábito branco sair por uma das janelas do edifício maior e em seguida verificou que se tratava de Marek atacando com a espada alguém que se encontrava no interior. Marek deslizou pelas trepadeiras até se encontrar suficientemente baixo para se arriscar a saltar, deixando-se cair no rio. Chris não viu Marek voltar à superfície.

Ainda estava a observar quando o moinho explodiu numa confusão de luz e de madeiras que voavam por todos os lados. Soldados atirados ao ar pela força da explosão caíam dos edifícios como marionetas. Quando o fumo desapareceu e a poeira assentou, verificou que o moinho desaparecera - tudo o que restava era meia dúzia de pranchas de madeira lambidas pelas chamas. Soldados mortos flutuavam no rio mais abaixo que estava cheio de pranchas de madeira do moinho desaparecido.

Continuava a não conseguir avistar Marek em parte nenhuma e também não via Kate. Um hábito branco de monge passou a boiar à sua frente, arrastado pela corrente e de repente teve a horrível sensação de que ela estava morta.

Se assim fosse então estava sozinho. Correndo o risco da comunicação, bateu nos auriculares e disse suavemente: "Kate, André."

Não houve qualquer resposta. "Kate, estás aí? André?"

Viu o corpo de um homem flutuando no rio de rosto para baixo, e parecia-se com Marek. Seria? Sim, Chris tinha a certeza: cabelo escuro, grande, forte, envergando uma camisa interior em linho. Chris gemeu. Soldados que se encontravam na margem um pouco mais acima gritavam entre si; virou-se para ver a que distância se encontravam. Quando se virou de novo para o rio o corpo já desaparecera.

Chris deixou-se cair atrás dos arbustos tentando pensar no que é que devia fazer a seguir.

Kate veio à superfície, boiando de costas. Flutuava impotente arrastada pela corrente. à sua volta pedaços de madeira partida batiam na água como mísseis. A dor no pescoço era tão grande que a fazia arquejar, e a cada inspiração sentia uma espécie de choques eléctricos nos braços e nas pernas. Não conseguia mover o corpo, o que a levou a pensar que estivesse paralisada, até que lentamente começou a verificar que já era capaz de mexer os dedos das mãos e dos pés. A dor começou a desvanecer-se, subindo-lhe pelos membros para se ir localizar no pescoço onde era muito intensa. Mas

começou a respirar um pouco melhor e já conseguia mexer os membros. Experimentou mais uma vez: sim, não havia a menor dúvida, já conseguia mexer os braços e as pernas.

Sendo assim não estava paralisada. Teria o pescoço partido? Tentou um pequeno movimento, rodando muito levemente primeiro para a esquerda e em seguida para a direita. Era doloroso como o raio mas parecia estar tudo bem. Continuou a ser arrastada pela corrente. Tinha qualquer coisa que lhe escorria dos olhos dificultando-lhe a visão. Limpou com a mão, vendo sangue nas pontas dos dedos. Devia ser de qualquer coisa que tivesse na cabeça. A testa ardia-lhe. Tocou-lhe com a palma da mão. Quando a retirou viu que estava vermelha, cheia de sangue.

Continuou a boiar ao sabor da corrente, sempre de costas. A dor era ainda tão forte que não se sentia com forças para se virar e começar a nadar. Para já deixava-se boiar. Perguntava a si própria porque é que os soldados não a teriam avistado.

Foi nessa altura que ouviu gritos da margem e chegou à conclusão de que a tinham mesmo avistado.

Chris espreitou através dos arbustos precisamente a tempo de avistar Kate que flutuava de costas. Estava ferida; tinha o lado esquerdo do rosto cheio de sangue, que lhe corria do escalpe. E não se mexia muito. Podia estar paralisada.

Por momentos os seus olhares encontraram-se. Ela sorriu levemente. Ele sabia que se se mostrasse naquela altura podia ser capturado, mas não hesitou. Agora que Marek desaparecera não tinha nada a perder; pelo menos haviam de permanecer juntos até ao fim. Entrou na água caminhando na sua direcção. Foi só nessa altura que se apercebeu do seu erro.

Continuava ao alcance dos disparos dos arqueiros que ainda se encontravam na última torre da ponte, e estes começaram a atirar sobre ele, com flechas a sibilarem por todo o lado caindo na água.

Quase de imediato, do lado de Arnaut um cavaleiro de armadura completa desceu do cavalo entrando na água. O cavaleiro tinha o elmo colocado, pelo que era impossível ver-lhe o rosto, mas

era evidente que não temia nada, porque colocou o corpo e o cavalo em posição de bloquear o tiro dos arqueiros. O cavalo mergulhou mais profundamente na água quando ele avançou e a dada altura começou a nadar, o cavaleiro com água até ao peito, quando atravessou Kate na sela como se fosse um saco molhado, puxando em seguida Chris pelo braço e dizendo "Allons!" ao mesmo tempo que regressava à praia,

Kate deslizou da sela para o solo. O cavaleiro ladrrou uma ordem e um homem transportando uma bandeira com riscas diagonais em vermelho e branco chegou a correr. Examinou o ferimento que Kate tinha na cabeça, limpou-o e estancou o sangue, para em seguida lhe colocar uma ligadura de linho.

Entretanto o cavaleiro desmontou, desapertou o elmo e tirou-o. Era um homem alto e robusto, extraordinariamente elegante e com um ar arrojado, com cabelo escuro ondulado, olhos escuros, uma boca cheia e sensual e um cintilar nos olhos que sugeria como se sentia divertido com as loucuras do mundo à sua volta. O tom de pele era escuro, dando a ideia de ser Espanhol.

Depois de Kate ter sido ligada o cavaleiro sorriu, mostrando uns dentes brancos perfeitos. "Se quiserem dar-me a honra de me acompanhar." Conduziu-os de volta ao mosteiro e à sua igreja. Na porta lateral que dava para a igreja encontrava-se um grupo de soldados e um outro a cavalo empunhando o estandarte em verde e negro de Arnaut de Cervole.

Enquanto entravam na igreja, todos os soldados por quem passavam faziam uma vénia ao cavaleiro, dizendo, "Meu Senhor... Meu Senhor..."

Seguindo atrás dele, Chris fez um aceno para Kate. "É ele,"

"Quem?" "Arnaut." "Aquele cavaleiro? Estás a brincar."

"Vê como os soldados se comportam. Arnaut salvou as nossas vidas."

Chris tinha consciência da ironia. Nos relatos históricos do século vinte sobre aquela época, Sir Oliver era retratado como

alguém muito próximo de um soldado-santo, ao passo que de Cervole era considerado como uma figura sinistra, “um dos grandes seres diabólicos daquela época”, no dizer de um historiador. E, no entanto, pelo que parecia, a verdade era exactamente o oposto do que se dizia na história. Oliver era um bandido desprezível, e Cervole era um extraordinário exemplar da cavalaria - a quem eles agora deviam a vida. Kate disse: “E o que é que aconteceu a André?”

Chris abanou a cabeça. “Tens a certeza?”

“Acho que sim. Acho que o vi no rio.” Kate não disse nada.

Fora da igreja de Sainte-Mère viam-se longas filas de homens com as mãos atadas atrás das costas, aguardando para entrar. Eram, na sua maioria, soldados de Oliver em trajes de castanho avermelhado e cinzento, juntamente com alguns camponeses usando trajes grosseiros. Chris calculou que devia haver ao todo cerca de quarenta ou cinquenta homens. Enquanto passavam, os homens olhavam soturnamente para eles. Alguns deles estavam feridos: pareciam todos exaustos.

Um homem, um soldado de castanho avermelhado, disse sarcasticamente para outro: “Alí vai o bastardo Senhor de Narborme. Faz o trabalho mais sujo mesmo para Arnaut.”

Chris ainda estava a tentar compreender isto quando o elegante cavaleiro se voltou rapidamente. “Que é que dizeis?” gritou, e agarrando um punhado de cabelos do homem ergueu-lhe a cabeça, ao mesmo tempo que com a mão livre empunhando uma adaga lhe cortava a garganta de lado a lado. O sangue correu pelo peito do homem. Este permaneceu de pé por alguns momentos, emitindo um som roufenho.

“Fizestes o último insulto”, disse o elegante cavaleiro. Ficou a sorrir para o homem, observando o sangue a escorrer, sorrindo directamente para os olhos do homem arregalados com o horror. O homem continuava de pé. Para Chris parecia que ia ficar ali para sempre, mas não deviam ter passado mais de trinta ou quarenta segundos. O elegante cavaleiro limitava-se a observar em silêncio, não se mexendo, o sorriso nunca abandonando o seu rosto.

Finalmente o homem caiu para a frente, a cabeça dobrada, como se estivesse em oração. O cavaleiro calmamente colocou o pé debaixo do queixo do homem, empurrando-o violentamente e fazendo-o cair de costas. Continuou a observar o estertor de morte do homem durante mais um ou dois minutos. Finalmente morreu.

O elegante cavaleiro inclinou-se para a frente, limpou a lâmina nos calções do homem e limpou o sapato salpicado de sangue no justilho. Em seguida fez um aceno com a cabeça na direcção de Chris e de Kate.

E entraram na igreja de Sainte-Mère.

O interior estava nublado por causa do fumo. A nave central era um largo espaço aberto. Durante mais duzentos anos continuaria a não haver bancos ou cadeiras. Deixaram-se ficar ao fundo da nave, juntamente com o elegante cavaleiro, que parecia contente por estar à espera. Numa das naves laterais via-se um grupo compacto de soldados murmurando entre si.

Um cavaleiro solitário de armadura completa estava de joelhos no centro da nave, rezando.

Chris voltou-se para olhar para os outros cavaleiros. Parecia que se encontravam no meio de uma intensa disputa; os seus sussurros eram furiosos. Mas não conseguia imaginar do que é que se tratava.

Enquanto esperavam, Chris sentiu que qualquer coisa lhe pingava no ombro. Olhando para cima viu um homem que se encontrava directamente pendurado por cima dele, oscilando lentamente numa corda. Urina escorria-lhe por uma das pernas. Chris afastou-se da parede e viu meia dúzia de corpos, com as mãos atadas atrás das costas, pendurados de cordas amarradas na balaustrada do segundo andar. Três envergavam a túnica avermelhada de Olíver. Outros dois usavam trajes de camponeses e o último envergava o hábito branco de um monge. Dois outros homens estavam sentados no solo, observando em silêncio enquanto mais cordas eram amarradas na balaustrada superior, aparentemente resignados ao seu destino.

No centro da nave o homem de armadura fez o sinal da cruz e colocou-se de pé. O elegante cavaleiro disse: "Meu Senhor Arnaut, aqui estão os assistentes." "Eh? O que é que dizeis? Assistentes?"

O cavaleiro voltou-se. Arnaut de Cervole tinha cerca de trinta e cinco anos, cabelo encrespado e um rosto estreito, desagradável, denotando astúcia. Tinha um tique facial que fazia o nariz contrair-se dando-lhe a aparência de um rato a farejar. A sua armadura estava ensanguentada. Olhava para eles com olhos de tédio e preguiça. "Dizeis que são assistentes, Raimondo?"

"Sim, meu Senhor. Os assistentes de Magister Edwardus."

"Ah." Arnaut andou em volta deles. "Porque é que eles estão todos molhados."

"Tirámo-los do rio, meu Senhor", disse Raimondo. "Estavam no moinho e escaparam no último minuto."

"Ah sim?" Arnaut deixara de se mostrar entediado. Os seus olhos brilhavam. com interesse. "Peço-vos que me digais, como é que haveis destruído o moinho?"

Chris clareou a garganta e disse: "meu Senhor, não o fizemos."

"Oh?" Arnaut franziu as sobrancelhas. Olhou para o outro cavaleiro. "Que discurso é este? Aquilo que eles dizem é incompreensível?"

"Meu Senhor, são irlandeses ou talvez das Hébridas."

"Oh? Então não são ingleses. É qualquer coisa a seu favor." Circulou em volta deles e, em seguida, olhou directamente para os rostos deles. "Compreendeis-me?"

Chris disse: "Sim, meu Senhor." Isto pareceu ser compreendido. "Sois ingleses?"

"Não, meu Senhor."

"Por minha fé, de facto não pareceis ser. Pareceis demasiado brandos e pouco guerreiros." Olhou para Kate. "Este é tão fresco como uma rapariga. E este ..." Apertou os bíceps de Chris. "É um

amanuense ou um escriba. De certeza que não é inglês." Arnaut abanou a cabeça, voltando-lhe o tique no nariz.

"Porque os ingleses são selvagens", exclamou em voz alta, a voz ecoando na nave cheia de fumo. "Estais de acordo?"

"Assim é meu Senhor", disse Chris.

"Os ingleses não conhecem outro modo de vida que não seja uma interminável insatisfação e desejo de brigas. Estão sempre a assassinar os seus próprios reis; é o seu hábito selvagem. Os nossos irmãos normandos conquistaram-nos e tentaram ensinar-lhes maneiras civilizadas, mas é evidente que falharam. O sangue saxão é demasiado bárbaro. Os ingleses deliciam-se com a destruição, morte e tortura. Não contentes por lutarem entre si na sua desgraçada ilha gelada, trazem os seus exércitos para aqui, para esta pacífica e próspera terra e Provocam a destruição de um povo simples. Estais de acordo?"

Kate acenou com a cabeça, fazendo uma vénia.

"Aliás, como seria vosso dever" disse Arnaut. "A sua crueldade é inultrapassável. Conheceis o seu velho rei? O segundo Edward? Sabeis como é que eles decidiram assassiná-lo com um ferro em brasa? E isto feito a um rei! Não é de admirar que tratem o nosso país ainda com maior selvajaria."

Caminhava a passos largos para a frente e para trás. Em seguida voltou-se, de novo para eles.

"E o homem que em seguida subiu ao poder, Hugh Despenser. De acordo com o costume inglês, pouco depois também foi assassinado. Sabeis como? Foi amarrado a uma escada numa praça pública e os seus súbditos foram-lhe cortando partes do corpo que iam queimando à sua frente. E isto antes de ser decapitado! Eh? Charmant."

Mais uma vez olhou para eles à espera de acordo. Mais uma vez acenaram com a cabeça.

"E agora o último rei, Edward 111, aprendeu a lição dos seus antepassados

- a de que deve conduzir permanentemente uma guerra, pois caso contrário corre o risco de morrer às mãos dos seus próprios súbditos. Assim, ele e o seu filho bastardo, o Príncipe de Gales trazem os seus modos bárbaros para França, um país que nunca conhecera uma guerra selvagem até eles entrarem no nosso solo com os seus chevauchés, assassinares os nossos camponeses, violarem as nossas mulheres, chacinarem os nossos animais, arruinarem as nossas colheitas, destruírem as nossas cidades e terminarem com o nosso comércio. Para quê? Para que os espíritos ingleses sedentos de sangue possam estar ocupados no estrangeiro. Para que possam roubar fortunas de uma terra mais honrada. Para que cada dama inglesa possa servir os seus convidados em pratos franceses. Para que possam afirmar serem honoráveis cavaleiros quando não fazem nada mais valeroso do que chacinarem crianças à machadada.”

Arnaut fez uma pausa nesta tirada e olhou alternadamente para o rosto de cada um, os olhos inquietos e cheios de suspeita. “E é por causa disso”, disse, “que não consigo compreender porque é que vos haveis reunido ao porco inglês, Oliver.”

Chris disse rapidamente: “Não é exacto meu Senhor.”

“Não tenho paciência para tanto. Para dizer a verdade, haveis ajudado Oliver, uma vez que o Magister está ao seu serviço.”

“Não meu Senhor. O Magister está lá contra a sua vontade.”

“Contra... a sua ...” Arnaut ergueu as mãos ao ar em sinal de desgosto “Quem é que me poderá dizer o que é que este miserável afogado está a dizer?”

O cavaleiro elegante aproximou-se deles. “O meu Inglês é bom, disse ele.

Voltando-se para Chris “Spek ayain.” Falai de novo.

Chris fez uma pausa para pensar e em seguida começou de novo, “Magister Edwardus ...”

“Sim ...”

“... é prisioneiro.”

“Priz-un-er?” O cavaleiro elegante franziu as sobrancelhas, espantado. “Pris-ouner?”

Chris tinha a sensação de que o Inglês do cavaleiro não era tão bom como ele pensava. Decidiu tentar o seu Latim mais uma vez, por muito pobre e arcaico que fosse. “Est in carcere - captus - heri captus est de coenobío sanctae Mariae.” Fazia votos para que aquilo significasse “Foi capturado ontem de manhã no mosteiro de Sainte-Mère.”

O cavaleiro franziu as sobrancelhas. “Invite? Contra a sua vontade?” “Assim é, meu Senhor.”

O cavaleiro disse a Arnaut: “Dizem que o Magister foi ontem retirado do mosteiro contra a sua vontade e é agora prisioneiro de Oliver.”

Arnaut voltou-se rapidamente, inspeccionando de perto os rostos deles. Numa voz baixa e ameaçadora disse-lhes: “Sed vos non capti estis. Nonne? E no entanto vós não haveis sido capturados?”

Chris fez mais uma pausa. Xh, we ... Oui?”

“Não, não, meu Senhor”, disse Chris apressadamente. Uh, non. Escapámos. Uh, ef- effugi-i-imus. Effugirnus.” Teria sido essa a palavra certa? Suava por causa da tensão em que se encontrava.

Aparentemente era suficientemente boa porque o cavaleiro elegante acenou com a cabeça. “Dizem que escaparam.”

Arnaut interrompeu bruscamente: “Escaparam? De onde?”  
Chris: “Ex Castलगard heri...”

“Escaparam ontem de Castलगard?” “Etiam, m/ domine. Sim, meu Senhor.”

Arnaut olhou intensamente para eles, não dizendo nada durante muito tempo. Na varanda do segundo andar continuavam a colocar cordas em volta dos pescoços dos homens para em seguida os lançar no espaço. A queda não lhes partia o pescoço pelo que ficavam ali pendurados produzindo sons gorgolejantes e estremecendo enquanto morriam lentamente.

Arnaut ergueu o olhar para eles como se estivesse irritado por o interromperem com os seus estertores de morte. "Ainda sobram algumas cordas." Olhou de novo para eles. "Hei-de ter a verdade de vós."

Chris disse: "Digo-vos a verdade, meu Senhor."

Arnaut virou-se rodando nos calcanhares. "Haveis falado com o monge Marcel antes dele ter morrido?"

"Marcel?" Chris fez um esforço para parecer confuso. "Marcel, meu Senhor?" "Sim, sim, Marcel. Cõgnovístinefratrem Marcellum? Conheceis o Irmão Marcel?"

"Não, meu Senhor."

"Transitum ad Roccam cognitum habesne?" Para isto Chris não precisava de esperar pela tradução: a passagem para La Roque, sabeis onde é?

"A passagem... transítum ..." Chris encolheu os ombros mais uma vez, fingindo falta de conhecimento. "Passagem? ... Para La Roque? Não meu Senhor," Arnaut parecia francamente não acreditar. "Parece que não sabeis nada."

Olhou de perto para os rostos deles, o nariz com o tique ainda mais acentuado, dando a impressão de que os estava a cheirar. "Tenho dúvidas. Para dizer a verdade, sois mentirosos."

Voltou-se para o cavaleiro elegante. "Enforcai um e vereis como o outro fala." "Qual deles, meu Senhor?"

"Ele" I disse Arnaut, apontando para Chris. Olhou para Kate, beliscando-lhe a face e fazendo-lhe em seguida uma carícia. "Porque este bonito rapaz toca-me o coração. Irei recebê-lo esta noite na minha tenda. Não o vou desperdiçar antes disso."

"Muito bem meu Senhor." O cavaleiro elegante ladrou uma ordem e da varanda do segundo andar os homens começaram a amarrar outra corda. Outros homens amarraram os pulsos de Chris e ataram-nos rapidamente atrás das costas.

Chris pensou, Santo Deus, vão mesmo fazê-lo. Olhou para Kate e os olhos estavam arregalados com o horror que sentia. Os homens começaram a arrastar Chris.

“Meu Senhor”, disse uma voz vinda da nave lateral da igreja. “Se me permitis.” O grupo compacto de soldados desfez-se e Lady Claire emergiu do meio deles.

Claire disse suavemente: “Meu Senhor, precisava de vos dar uma palavra em particular.”

“Eh, evidentemente, se assim o desejais.” Arnaut dirigiu-se para ela e esta murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Fez uma pausa encolhendo os ombros. Ela murmurou novamente, desta vez de modo mais veemente.

Ao fim de alguns momentos ele disse: “Eh? E para que é que isso serve?” Mais murmúrios. Chris não conseguia ouvir uma palavra.

Arnaut disse: “Minha Senhora, já decidi.” Ainda mais murmúrios.

Finalmente, abanando a cabeça, Arnaut veio ter com eles. “A Dama veio pedir-me salvo-conduto daqui para Bordeaux. Diz que vos conhece e que sois homens honestos.” Fez uma pausa. “Diz que eu vos devia libertar.”

Claire disse: “Só se isso for do vosso agrado meu Senhor. Sabemos perfeitamente que os ingleses matam de modo indiscriminado, o que já não se passa com os franceses. Os franceses mostram que a misericórdia vem da inteligência e da educação.”

“Assim é”, respondeu ele, “É um facto que nós, franceses, somos homens civilizados. E se esses dois nada sabem do Irmão Marcel e da passagem, já não preciso deles. E assim direi que lhes sejam fornecidos cavalos e alimentos e que lhes seja permitido continuarem o seu caminho. Ficarei nas boas graças do vosso Magister Edwardus e assim me recomendo a ele, fazendo votos para que Deus vos conceda uma jornada segura para vos juntardes a ele. Sendo assim, podeis partir.”

Lady Claire fez uma vénia. Chris e Kate fizeram uma vénia,

O cavaleiro elegante desamarrou os pulsos de Chris e conduziu-os para o exterior. Chris e Kate estavam de tal modo espantados com esta mudança de situação que não disseram uma palavra enquanto caminhavam de volta até à margem do rio. Chris sentia-se vacilante e com vertigens. Kate não deixava de esfregar o rosto, como se quisesse acordar.

Finalmente o cavaleiro disse: "Deveis a vida a uma inteligente dama." Chris respondeu: "Assim é ..."

O cavaleiro elegante sorriu levemente. "Deus sorri-vos", disse.

Não parecia de modo nenhum feliz a esse respeito.

A cena junto do rio estava completamente transformada. Os soldados de Arnaut haviam tomado a ponte do moinho, onde agora se via ondular nos edifícios um estandarte em verde e negro. Ambas as margens do rio se encontravam ocupadas com os homens de Arnaut a cavalo. E agora um rio de homens e material subia a estrada na direcção de La Roque, levantando nuvens de poeira. Havia homens que conduziam carroças puxadas por cavalos carregadas com fornecimentos, outras com mulheres a conversarem umas com as outras, crianças cobertas de andrajos, e ainda outras carroças carregadas com enormes vigas de madeira - catapultas gigantes desmontadas, que se destinavam a lançarem pedras e alcatrão a ferver sobre as muralhas do castelo.

O cavaleiro encontrara um par de cavalos para eles - duas pilecas onde se distinguiam perfeitamente as marcas do colar com que costumavam puxar o arado. Conduzindo os animais, guiou-os através do ponto de controlo da peagem.

Um rebuliço súbito no rio fez com que Chris olhasse para trás. Viu uma dúzia de homens com água até aos joelhos, debatendo-se com um canhão de carregar pela culatra fundido em ferro, montado num suporte de madeira. Chris ficou a olhar fascinado. Nenhum canhão daquele tipo conseguira sobreviver, ou até mesmo chegara a ser descrito.

Toda a gente sabia que fora usada artilharia primitiva naquela época; os arqueólogos haviam encontrado em escavações bolas de canhão no local onde se travara a Batalha de Poitiers. Mas os historiadores acreditavam que os canhões eram raros, e fundamentalmente para exibição - uma questão de prestígio. Mas para Chris, que observava os homens a debaterem-se no rio para erguerem o cilindro e o carregarem numa das carroças, era perfeitamente claro que um tal esforço nunca seria desperdiçado se se tratasse de uma arma simplesmente simbólica. O canhão era pesado; atrasava o avanço de todo o exército, que, de certeza, queria chegar junto das muralhas de La Roque ao cair da noite; não havia qualquer razão para que o canhão não pudesse ser trazido mais tarde. O esforço que estava a ser desenvolvido só poderia ter um significado, o de que o canhão seria importante no ataque.

Mas de que maneira? Dava voltas à cabeça. As muralhas de La Roque tinham dez pés de espessura. Uma bola de canhão nunca seria capaz de as atravessar.

O elegante cavaleiro fez uma breve saudação e disse: "Deus vos abençoe e vos proteja."

"Deus vos abençoe e vos conceda fortuna", respondeu Chris, e então o cavaleiro deu uma palmada nas garupas dos cavalos, e seguiram o seu caminho na direcção de La Roque.

Enquanto cavalgavam, Kate falou-lhe do que encontrara no quarto de Marcel e sobre a capela verde.

"Sabes onde é que fica essa capela?" perguntou Chris.

"Sim. Descobri-a num dos mapas de controlo. Fica a cerca de meia milha a leste de La Roque. Há uma vereda na floresta que leva até lá."

Chris suspirou. "Sendo assim, sabemos onde é que fica a passagem", disse ele, "mas André tinha o marcador, e agora está morto, o que quer dizer que, de qualquer modo, nem sequer somos capazes de sair daqui."

"Não", interrompeu ela. "Eu tenho o marcador." "Tu?"

“André deu-mo quando estávamos na ponte. Julgo que ele sabia que nunca iria sair vivo dali. Podia ter corrido para se pôr a salvo. Mas não o fez. Deixou-se ficar e em vez disso salvou-me.”

Começou a chorar suavemente.

Chris cavalgou em silêncio sem dizer uma palavra. Recordava agora como a energia de Marek sempre divertira os outros estudantes licenciados - “Quem havia de dizer! Ele acredita mesmo nessa treta da cavalaria!” - e como ele assumira que o seu comportamento era de certo modo estranho. Um papel que

desempenhava, qualquer coisa de afectado. Não havia dúvida de que no final do século vinte, não se podia seriamente pedir a uma pessoa para acreditar em honra e verdade, na pureza do corpo, na defesa das mulheres, na santidade do verdadeiro amor, e em tudo o resto.

Mas, aparentemente, André acreditava mesmo nisso.

Moveram-se através de uma paisagem de pesadelo. O sol era pálido e fraco no arieiro da poeira e do fumo. Aqui e ali viam-se vinhedos, mas todas as cepas estavam queimadas, erguendo ramos enegrecidos para o céu, enquanto o fumo se elevava no ar. Também os pomares estavam negros e desolados, com as árvores reduzidas a esqueletos. Fora tudo queimado. à sua volta ouviam-se os gritos aflitivos dos soldados feridos. Muitos soldados em retirada haviam-se deixado cair nas bermas da própria estrada. Alguns ainda respiravam; outros apresentavam o branco acinzentado da morte.

Chris fizera uma pausa para recolher armas dos soldados mortos, quando um dos soldados que se encontrava próximo ergueu a mão e exclamou angustiadamente: “Secors, secors!” Chris dirigiu-se para ele. O homem tinha uma flecha profundamente cravada no abdómen e outra no peito. O soldado pouco mais tinha de vinte anos e parecia saber que estava a morrer. Deitado de costas, olhou para Chris com um ar suplicante, dizendo palavras que este não conseguia compreender. Finalmente o soldado apontou para a boca, dizendo: “Aquam. Da mih1 aquam.” Estava com sede; queria água. Chris encolheu os ombros com um ar impotente. Não tinha água. O

homem pareceu irritado, franziu as sobrancelhas, cerrou os olhos e voltou a cabeça para o outro lado. Chris afastou-se. A partir daí, sempre que passavam por homens pedindo auxílio, seguia em frente sem se deter. Não havia nada que ele pudesse fazer.

Conseguiram avistar La Roque à distância, erguendo-se alto e inexpugnável no topo das encostas do Dordogne. E conseguiriam chegar à fortaleza em menos de uma hora.

No canto escuro da igreja de Sainte-Mère, o elegante cavaleiro ajudou André Marek a pôr-se de pé. Disse: "Os seus amigos já partiram."

Marek tossiu, e agarrou o braço do cavaleiro para se amparar quando uma onda de dor lhe invadiu a perna. O cavaleiro elegante sorriu. Capturara Marek logo a seguir à explosão do moinho.

Quando Marek se escapara pela janela do moinho, tivera a enorme sorte de cair num pequeno charco tão profundo que não se magoou. E, quando voltou de novo à superfície, descobriu que ainda estava debaixo da ponte. Havia um pequeno redemoinho no charco, pelo que a corrente não conseguira arrastá-lo.

Marek tirara o seu hábito de monge e lançara-o para a corrente na altura em que o moinho explodiu, com pedaços de madeira e corpos voando em todas as direcções. Um soldado caiu na água a pouca distância dele, tendo o corpo sido apanhado pelo redemoinho. Marek começou a arrastar-se na direcção da margem - e um elegante cavaleiro colocou a ponta da espada na sua garganta, ordenando-lhe que avançasse. Marek ainda envergava as cores castanho e cinzento de Oliver, e começou a balbuciar em Occitan, alegando inocência, pedindo misericórdia.

O cavaleiro limitou-se a dizer: "Não digais nada. Calai-vos." Vira Marek sair pela janela e desembaraçar-se do seu hábito de monge. Levou Marek para a igreja, onde encontrou Claire e Arnaut. O Arcebispo estava com uma disposição sombria e perigosa, mas Claire parecia ter a capacidade de o influenciar, ainda que mais não fosse por contradição. Fora Claire que ordenara a Marek para estar sentado em silêncio na escuridão quando Chris e Kate entraram. "Se

Arnaut conseguir colocar-vos contra os outros dois, é possível que vos poupe e aos vossos amigos. Se estiverem os três unidos contra ele, com a raiva é capaz de vos matar aos três." Claire conseguira controlar a evolução dos acontecimentos subsequentes.

Pelo menos até ali.

Agora Arnaut olhava para ele com um ar céptico. "Com que então os vossos amigos sabem qual é a localização dessa passagem?"

"Assim é", disse Marek. "Posso jurá-lo."

"Graças à vossa palavra, poupei as suas vidas", disse Arnaut. "A vossa e a palavra desta Dama, que se responsabiliza por vós." Fez um pequeno aceno de cabeça na direcção de Lady Claire, que se permitiu esboçar um leve sorriso.

"Meu Senhor, a vossa decisão é sábia", disse Claire, "porque enforcar um homem poderá soltar a língua do seu amigo que está a observar. Mas, na maioria das vezes, poderá endurecer a sua resolução, e assim o amigo levará o seu segredo para o túmulo. E esse segredo é tão importante que é meu desejo que Vossa Senhoria se apodere dele o mais rapidamente possível."

"Então vamos seguir estes dois e ver onde é que nos conduzem." Acenou na direcção de Marek. "Raimondo, providenciai uma montada para este pobre homem. E fornecei-lhe uma escolta de dois dos vossos melhores Chevaliers, enquanto vós seguides logo atrás."

O elegante cavaleiro fez uma vénia. "Meu Senhor, se for do vosso agrado, eu mesmo o acompanharei."

"Talvez seja melhor", respondeu Arnaut, "porque ainda poderemos ter algumas surpresas." E olhou para o cavaleiro de forma significativa, Entretanto Lady Claire aproximara-se de Marek e apertava-lhe a mão calorosamente. Sentiu qualquer coisa fria entre os dedos dela, e verificou que se tratava de uma minúscula adaga com uma lâmina que não teria mais de dez centímetros. Disse-lhe: "Minha Senhora, estou-vos profundamente grato."

“Então procurai que esse débito venha a ser pago, cavaleiro”, disse ela, olhando-o directamente nos olhos.

“Assim farei, Deus é minha testemunha.” E escondeu a adaga entre as pregas do traje.

“E eu pedirei a Deus que vos proteja, cavaleiro”, acrescentou ela. Inclinou-se para lhe beijar o rosto castamente. Ao fazê-lo, murmurou: “A vossa escolta é Raimondo de Narborme. Gosta muito de cortar gargantas. Quando ele souber o segredo tende cuidado para que não corte a vossa, bem como a dos vossos amigos.” Recuou ao mesmo tempo que sorria.

Marek disse: “Senhora, sois muito amável. Guardarei cuidadosamente os vossos amáveis desejos no meu coração.”

“Bom cavaleiro, Deus vos conduza em segurança e verdade.” “Senhora, estareis sempre no meu pensamento.”

“Bom senhor cavaleiro, gostaria ...”

“Chega, chega”, disse Arnaut num tom de voz irritado. Voltou-se para Raimondo. “Ide agora, Raimondo, porque este exagero de sentimento faz com que o meu estômago comece às voltas.”

“Meu Senhor.” O elegante cavaleiro fez uma vénia e conduziu Marek para a porta na direcção da luz do sol.

07:34:49

“Eu digo-lhe qual é a porra do problema”, disse Robert Doniger, olhando fixamente para os visitantes. “O problema é o de fazer trazer o passado à vida. Fazer com que seja real.”

Estavam ali dois homens jovens e uma jovem mulher, os três sentados confortavelmente no sofá do seu escritório. Vestiam completamente de negro, usando blusões de pregas nos ombros que davam a impressão de terem encolhido com a lavagem. Os homens tinham cabelos compridos e a mulher usava um corte bastante curto. Eram os media que Kramer contratara. Mas Doniger notara que hoje Kramer se sentara no lado contrário, divorciando-se subtilmente deles. Pensava se ela já teria visto o seu material.

Isto fez com que Doniger se sentisse irritado. De qualquer modo, não gostava dos media. E já era a segunda reunião que tinha no mesmo dia com essa gente. Tivera o número um dos atrasados mentais das RP logo de manhã, e agora esta gente.

“O problema”, disse ele, “é que tenho trinta executivos que amanhã estão aqui para ouvirem a minha apresentação. O título da minha apresentação é A Promessa do Passado e não tenho nenhuns visuais interessantes para apresentar.”

“Já sei”, exclamou um dos homens em tom duro. “Era esse exactamente o nosso ponto de partida aqui, Mr. Doniger. O cliente quer trazer o passado de volta à vida. É aquilo que estamos preparados para fazer. Com a ajuda de Miss Kramer, pedimos aos nossos observadores para nos prepararem amostras de vídeos. E acreditamos em que este material terá a qualidade que se espera ...” “Vamos ver isso”, disse Doniger.

“Certo. Talvez se baixássemos as luzes ...”

“Deixe as luzes como estão.”

“Muito bem, Mr. Doniger.” O ecrã vídeo na parede adquiriu um tom azul quando entrou em funcionamento. Enquanto estavam à espera da imagem, o jovem disse: “A razão pela qual gostamos deste primeiro é o facto de se tratar de um famoso acontecimento histórico e de durar apenas dois minutos do princípio ao fim. Conforme sabe, muitos acontecimentos históricos desenvolveram-se muito lenta-mente, em especial em termos de sensibilidades modernas, Este foi rápido. Infelizmente ocorreu num dia mais ou menos chuvoso.”

O ecrã mostrou uma imagem cinzenta e sombria, com um céu coberto de nuvens. A câmara mostrou uma espécie de ajuntamento, filmado sobre as cabeças de uma grande multidão. Um homem alto subia para uma simples plataforma de madeira, não pintada.

“O que é isto? Um enforcamento?”

“Não”, respondeu o rapaz dos media. “É Abraham Lincoln, momentos antes do discurso de Gettysburg.”

“A sério? Santo Deus, está com um aspecto horrível. Parece um cadáver. As roupas estão completamente amarrotadas. As mangas estão demasiado curtas.”

“Está certo, senhor, mas ...”

“E isso é a voz dele? Parece um guincho.”

“Eu sei, Mr. Doniger, nunca houve ninguém antes, que tivesse ouvido a voz de Lincolti, mas é o seu verdadeiro ...”

“Vocês estão doidos?” “Não, Mr. Doniger ...”

“Oh, pelo amor de Deus. Eu não posso usar uma coisa destas”, disse Doniger. “Ninguém quer que a voz de Abraham Lincolli se pareça com a da Betty Boop. Que mais é que vocês têm?”

“Está aqui, Mr. Doniger.” Imperturbável, o jovem mudou as fitas enquanto ia dizendo: “Para o segundo vídeo escolhemos uma premissa diferente. Queríamos uma boa sequência de acção mas, mais uma vez, um acontecimento famoso que toda a gente conhecesse. Temos então o Dia de Natal de 1778, no Rio Delaware, onde ...”

“Não consigo ver puro”, disse Doniger.

“É verdade, também concordo em que está um bocado escuro. É uma travessia de noite. Mas pensamos que George Washington a atravessar o Delaware seria uma boa ...”

“George Washington? Onde é que está o George Washington?” “Está precisamente ali”, disse o rapaz apontando para o ecrã.

“Onde?” “Ali.” “É aquele tipo ali que se encontra na popa do barco?” “Exacto, e ...”

“Não, não, não”, disse Doniger. “Tinha que estar de pé à proa, como um general.”

“Eu sei que é a maneira como o representam nos quadros, mas não é isso que de facto aconteceu. Aqui vê o verdadeiro George Washington, da maneira como ele de facto atravessou o ...”

“Parece enjoado”, disse Doniger. “Quer que eu apresente um vídeo onde George Washington parece estar com enjoo de mar?”

“Mas é a realidade.”

“Que se foda a realidade”, disse Doniger, atirando com uma das fitas pela sala fora. “Que é que se passa convosco, gente? Estou-me nas tintas para a realidade. Quero qualquer coisa com intriga e sexo. Vocês estão a mostrar-me um cadáver ambulante e um rato afogado.”

“Bom, podemos voltar à prancheta ...”

“A minha palestra é amanhã”, disse Doniger. “Tenho três executivos de primeiro plano que vêm cá. E já lhes disse que irão ver qualquer coisa de muito especial.” Ergueu as mãos. “Santo Deus.”

Kramer clareou a garganta. “O que é que acha se usássemos montagens?” “Montagens?”

“Sim, Bob, era possível conseguirmos fotografias simples a partir dessas montagens, e isso podia ser bastante eficiente”, respondeu Kramer.

“Bom, está bem, era capaz de funcionar”, respondeu a mulher do grupo dos media enquanto acenava com a cabeça.

Doniger disse: “Lincoln ainda continuaria a ter um aspecto amarrotado.” “Somos capazes de tirar as rugas com o Photoshop.”

Doniger deteve-se a pensar nisso. “É possível”, respondeu finalmente. “De qualquer modo”, disse Kramer, “não vai querer mostrar-lhes muita coisa. Quanto menos melhor.”

“Muito bem”, disse Doniger. “Recolha as montagens e mostre-mas dentro de uma hora.”

O grupo dos media saiu. Doniger estava sozinho com Kramer. Sentou-se atrás da sua secretária, esquecendo propositadamente a sua apresentação. Em seguida perguntou: “Na sua opinião seria A Promessa do Passado ou Ofuturo do passado?”

“A Promessa do Passado”, disse Kramer. “Sem a menor dúvida, A Promessa.”

07:34:49

Acompanhado por dois cavaleiros, Marek foi cavalgando ao longo da estrada no meio das nuvens de poeira produzidas pelas carroças de transporte, dirigindo-se para a frente da coluna. Ainda não conseguia ver Chris ou Kate, mas o seu pequeno grupo deslocava-se com bastante agilidade. Estava convencido de que os ia apanhar rapidamente.

Olhou para os cavaleiros que o ladeavam. Raimondo à sua esquerda, erecto, de armadura completa, ostentando o seu leve sorriso. À sua direita um cavaleiro grisalho envergando armadura, nitidamente duro e competente. Nenhum dos homens lhe prestava grande atenção, tão certos estavam do controlo que tinham sobre ele. Em especial considerando que tinha as mãos atadas com uma corda, com um intervalo de cerca de seis polegadas entre os pulsos.

Continuou a cavalgar, tossindo por causa da poeira. Com um grande esforço conseguiu tirar a adaga que escondia dentro do glbão e escondê-la debaixo da palma da mão, enquanto agarrava o punho de madeira da sela que se encontrava à sua frente. Tentou posicionar a faca de modo a que o movimento suave do cavalo para cima e para baixo permitisse cortar lentamente a corda que lhe segurava os pulsos. Mas isto era mais fácil de dizer do que de fazer; a faca parecia estar sempre na posição errada e não conseguia cortar os nós. Marek olhou de relance para o contador de pulso; indicava 07:21:02. Ainda havia mais de sete horas antes das baterias se esgotarem completamente.

Pouco depois saíram da vereda junto à margem do rio e começaram a subir a estrada sinuosa, atravessando a aldeia de La Roque. A aldeia estava construída sobre as rochas escarpadas sobranceiras ao rio, as casas de pedra quase na sua totalidade, dando à povoação uma aparência sombria uniforme, especialmente agora em que todas as portas e janelas se encontravam encerradas antecipando a guerra.

Agora moviam-se entre as companhias de vanguarda dos soldados de Amaut, rmais cavaleiros de armadura, cada um deles seguido do seu séquito. Homens e cavalos trepavam as íngremes

ruas empedradas, os cavalos relinchando, as carroças deslizando enquanto subiam. Estes cavaleiros da vanguarda tinham um sentido de urgência; muitas das carroças transportavam peças de engenhos de cerco desmontadas. Era evidente que tencionavam iniciar o cerco ao cair da noite.

Ainda estavam dentro da cidade quando Marek avistou Chris e Kate, cavalgando lado a lado em autênticas pilecas. Talvez estivessem cerca de cinquenta metros à frente, alternadamente visíveis e ocultos de acordo com as curvas da estrada. Raimondo colocou a mão no braço de Marek. "Não nos aproximamos mais."

Na poeira à frente deles um estandarte esvoaçava perto do focinho de um cavalo. O cavalo recuou, relinchando; uma carroça voltou-se, espalhando bolas de canhão que começaram a rolar colina abaixo. Este foi o momento de confusão de que Marek estivera à espera e aproveitou-o. Esporeou o cavalo que se recusou a avançar. Foi então que olhou para o lado, verificando que o cavaleiro grisalho agarrara firmemente as rédeas do cavalo.

"Meu amigo", disse Raimondo calmamente, cavalgando ao lado dele. "Não me obrigueis a matar-vos. Pelo menos para)á." E fazendo um gesto na direcção das mãos de Marek. "E deitai fora essa tola lâmina de brincar, antes que vos magoeis."

Marek sentiu o rosto em brasa. Mas fez aquilo que lhe era ordenado; guardou a pequena adaga dentro do gibão. Continuaram a cavalgar em silêncio. Do lado de lá das casas de pedra ouviram o grito de um pássaro, repetido

duas vezes. A cabeça de Raimondo voltou-se de repente quando o ouviu; o mesmo aconteceu com o seu companheiro que se encontrava do outro lado. Era evidente que não se tratava de um pássaro.

Os homens escutaram e, pouco depois, ouviu-se um grito de resposta mais acima na colina. Raimondo apoiou a mão no punho da espada mas não fez mais nada.

"O que é que se passa?" "Não é nada convosco."

E não disseram mais nada.

Os soldados estavam atarefados e não lhes prestavam atenção, especialmente depois de terem verificado que as selas tinham as cores verde e negro de Arnaut. Finalmente chegaram ao topo da escarpa e saíram em campo aberto, com o castelo à vista. A floresta encontrava-se próxima à sua esquerda, e a ampla planície relvada dirigia-se para norte.

Com os soldados de Arnaut à sua volta, Marek nem sequer reparou que já haviam passado cerca de quinze metros da entrada do castelo. Chris e Kate continuavam cerca de quinze metros à frente, na vanguarda da coluna.

O ataque surgiu com espantosa rapidez. Cinco cavaleiros surgiram a galope dos bosques que se encontravam à esquerda, fazendo soar gritos de batalha e volteando as espadas por cima das cabeças. Correram directamente na direcção de Marek e dos outros. Era uma emboscada.

Com um brado, Raimondo e o cavaleiro grisalho desembainharam as espadas para lutar. Os cavalos relincharam; as lâminas entrecrocaram-se. o próprio Arnaut surgiu a galope e juntou-se à fúria da luta. Marek foi momentaneamente ignorado.

Olhando para a vanguarda da coluna, viu que outro grupo atacara Kate e Chris. Marek avistou de relance a pluma negra de Sir Guy, mas os cavaleiros já haviam rodeado os dois. Marek esporeou a montada e começou a cavalgar ao longo da linha.

Mais à frente viu um cavaleiro agarrar Chris pelo gibão e tentar arrancá-lo da sela; outro agarrou as rédeas do cavalo de Kate que relinchava e caracoleava. Outro cavaleiro agarrara as rédeas de Chris, mas este esporeou o cavalo que recuou; o cavaleiro largou as rédeas, mas Chris ficou de repente coberto de sangue, e gritou com o choque. Chris perdeu o controlo do cavalo que relinchou e se dirigiu a galope para os bosques, enquanto ele deslizava de lado na sela, segurando-se molemente. Dentro de momentos desaparecia no meio das árvores.

Kate ainda estava a tentar libertar as rédeas do cavaleiro que as segurava. A toda a volta verificava-se um autêntico pandemónio; os homens de Arnaut gritando e correndo em círculos, procurando as suas armas, desferindo golpes com as suas lanças contra os cavaleiros atacantes. Um deles deu um golpe com a lança no cavaleiro que segurava as rédeas dela, e o cavaleiro largou as rédeas. Marek, embora desarmado, carregou na direcção do centro da batalha, separando Kate de outro atacante. Ela gritou, "André!" mas este limitou-se a responder, "Vai! Vai!" e em seguida Marek bradou: "Màlegant.> e Sir Guy voltou-se para o enfrentar.

Marek de imediato afastou o seu cavalo da confusão, dirigindo-se a galope na direcção de La Roque. Os outros cavaleiros rodaram e afastando-se dos soldados, dirigiram-se furiosamente em campo aberto no encalço de Marek. Mais ao longe, Marek avistou Raimondo e Arnaut que lutavam envolvidos por uma nuvem de poeira.

Kate esporeou o cavalo, dirigindo-o na direcção dos bosques a norte. Olhando para trás enquanto cavalgava, viu Marek atravessar a ponte levadiça do castelo de La Roque, desaparecendo de vista. Em seguida a pesada grade da entrada foi descida. E ergueram a ponte levadiça.

Marek desaparecera. Chris desaparecera. Qualquer deles podia estar morto. Mas uma coisa era clara. Ela era a única que ainda se encontrava em liberdade. Agora era com ela.

07:24:33

Rodeada de soldados por todos os lados, passou a meia hora seguinte a procurar abrir caminho pelo meio das carroças e cavalos do comboio de bagagens de Arnaut, tentando alcançar os bosques mais a norte. Os homens de Arnaut estavam a montar um vasto acampamento no limiar dos bosques, de frente para a planície relvada que subia até ao castelo.

Os homens gritavam-lhe, dizendo que os fosse ajudar, mas limitava-se a acenar-lhes de um modo que julgava como masculino, e seguia em frente. Finalmente chegou à orla da floresta e seguiu-a até encontrar a estreita vereda que conduzia à escuridão e ao

isolamento. Quando aí chegou parou por alguns momentos para deixar o cavalo descansar, e deixar que o seu próprio coração acalmasse as batidas antes de se embrenhar nos bosques.

Mais atrás na planície, as catapultas estavam a ser rapidamente montadas por grupos de engenheiros. As catapultas pareciam desajeitadas - enormes fundas com pesadas vigas de madeira montadas na armadura para o sistema de disparo, que eram puxadas para trás por espessas cordas de cânhamo e em seguida disparadas, lançando a sua carga sobre as muralhas do castelo. Cada un, dos conjuntos parecia pesar cerca de quinhentas libras, mas os homens Montavam-nos rapidamente, trabalhando em rápida coordenação, e deslocando-se em seguida para o engenho seguinte. Mas agora conseguia compreender como, em alguns casos, uma igreja ou um castelo podiam ser construídos num par de anos. Os trabalhadores eram tão especializados, tão discretos, que dificilmente precisariam de serem dirigidos.

Fez o cavalo dar uma volta e entrou nos densos bosques do castelo.

O caminho era uma estreita vereda através da floresta, que rapidamente se tornava mais escura à medida que se embrenhava, Parecia estranho estar ali sozinha; ouvia os pios dos mochos e gritos distantes de estranhos pássaros. Passou por uma árvore com uma dúzia de corvos pousados nos ramos. Contou-os, pensando se poderia ser um presságio e qual seria o seu significado.

Cavalgando lentamente através da floresta, tinha a sensação de recuar no tempo, de assumir modos mais primitivos de pensamento. As árvores debruçavam-se sobre ela; o solo era negro como a noite. Tinha uma sensação de clausura, de opressão.

, Ao fim de vinte minutos sentiu-se aliviada ao deparar com uma clareira de relva alta banhada pela luz do sol. Avistou uma abertura nas árvores, no outro extremo da clareira, onde a vereda continuava. Atravessava a clareira quando viu um castelo à distância, à sua esquerda. Da consulta das suas cartas não se recordava de qualquer tipo de estrutura, mas não havia dúvida de que estava ali.

O castelo era pequeno - pouco mais do que uma casa senhorial - e pintado de branco, pelo que as pedras brilhavam ao sol. Tinha quatro pequenos torreões e um telhado de placas azuladas. À primeira vista parecia alegre mas foi então que notou que todas as janelas tinham barras; parte da cobertura de placas do telhado desaparecera, vendo-se um enorme buraco; os edifícios exteriores estavam a desmoronar-se, não sendo reparados há muito tempo. Esta clareira fora em tempos um relvado em frente do castelo, sendo agora terreno

bravio por não ser cuidado. Tinha uma forte sensação de estagnação e de ruína.

Estremeceu e esporeou o cavalo, forçando-o a seguir em frente. Notou que a relva à sua frente fora pisada há pouco tempo pelos cascos de outro cavalo que se deslocava na mesma direcção. Enquanto seguia em frente via as longas folhas da relva erguerem-se lentamente na vertical, voltando a sua posição original.

Havia alguém que estivera ali muito recentemente. Talvez há poucos minutos. Cautelosamente seguiu em frente, na direcção do outro extremo da clareira.

A escuridão começava a envolvê-la de novo, à medida que se voltava a internar na floresta. A pista à sua frente começava a ficar lamacenta, e conseguia ver nitidamente pegadas de cascos que seguiam em frente.

De vez em quando fazia uma pausa e escutava atentamente. Mas não ouvia absolutamente nada à sua frente. Ou o cavaleiro na sua dianteira se encontrava muito distante, ou então encontrava-se em absoluto silêncio. Uma ou duas vezes pensou que ouvira o som de um cavalo, mas não podia ter a certeza.

Provavelmente seria a sua imaginação.

Seguiu em frente na direcção da capela verde. Na direcção daquilo que nos seus mapas fora designado por la chapelle verte morte. A capela da morte verde.

Na escuridão da floresta, chegou junto de um vulto que se encostava com um ar cansado a uma árvore caída. Era um velho homem encarquilhado, usando um capuz e tendo um machado de lenhador. Quando chegou junto dele o homem disse: "Suplico-vos meu bom mestre, suplico-vos." A sua voz era fina, áspera. "Dai-me qualquer coisinha para comer, porque sou pobre e não tenho alimento."

Kate não se lembrava de ter qualquer coisa para comer, mas de repente lembrou-se de que o cavaleiro lhe dera um pequeno saco que fora amarrado na parte de trás da sela. Abrindo o saco, encontrou um bocado de pão e um pedaço de carne seca. Não tinha um ar muito apetitoso, em especial agora, porque se encontrava tudo impregnado com o cheiro do suor do cavalo.

Ansioso, o homem avançou, estendendo uma mão ossuda na direcção da comida - mas em vez disso, agarrou o braço estendido dela pelo pulso, com uma força surpreendente e, com um vigoroso puxão, tentou fazê-la cair do cavalo. Gargalhou deliciado, um som horrível; enquanto se debatia com ela, o capuz caiu para trás e viu que era mais novo do que aquilo que pensara. Agora três outros homens corriam das sombras de ambos os lados da vereda, e verificou que se tratava de godins, os bandidos camponeses. Kate ainda se encontrava na sela, mas era evidente que não o conseguiria durante muito tempo. Esporeou o cavalo, mas o animal estava cansado e não respondia. O homem mais velho continuava a puxar-lhe o braço, enquanto não deixava de murmurar. "Rapaz tolo! Seu tolo!"

Não sabendo que mais é que havia de fazer, gritou a pedir auxílio, gritou com todas as suas forças, e isto pareceu espantar os homens, o que fez que fizessem uma pausa por momentos, antes de continuarem o seu ataque. Mas, nesse instante ouviram o som do galopar de um cavalo, e o grito de batalha de guerreiros, e os godins olharam uns para os outros e desapareceram. Todos excepto o homem encarquilhado que se recusava a largar o braço de Kate e agora a ameaçava com o machado, que ergueu com a outra mão.

Mas nesse momento uma aparição, um cavaleiro ensanguentado a galope aproximou-se pela trilha, o cavalo relinchando, levantando montes de lama, o próprio cavaleiro com um ar tão feroz e sangrento, que o homem correu espavorido, mergulhando na escuridão da floresta.

Chris puxou as rédeas e rodou em volta dela. Sentiu que uma enorme sensação de alívio a invadia; sentira um pavor incrível. Chris estava a sorrir, nitidamente contente consigo próprio.

“Sente-se bem, madame?” disse ele

“E tu?” perguntou Kate espantada. Chris estava literalmente encharcado de sangue; secara-lhe no rosto e no corpo e, quando sorria, estalava nos cantos da boca, revelando a pele cor-de-rosa que se encontrava por baixo. Parecia que tinha caído num tanque de tinta vermelha.

“Estou bem, disse Chris. “Alguém deu uma machadada no cavalo que se encontrava junto de mim, cortando-lhe uma artéria ou qualquer coisa. Fiquei encharcado num instante. Sabias que o sangue é quente?”

Kate ainda continuava a olhar para ele, espantada por ver alguém que naquele estado ainda era capaz de contar piadas e, nesse instante, ele pegou nas rédeas do cavalo dela, conduzindo-a tranquilamente em frente. “Acho”, disse Chris, “que é melhor não esperarmos que eles se reagrupem. A tua mãezinha nunca te disse que não deves falar com estranhos, Kate? Especialmente se os encontrares nos bosques?”

“Para dizer a verdade, julguei que lhes devíamos dar comida e eles ajudavam-nos.”

“Só nos contos de fadas”, disse ele. “No mundo real, se parares no bosque para ajudar o pobrezinho, ele e os seus amigos roubam-te o cavalo e matam-te. É por isso que ninguém o faz.”

Chris ainda sorria, e parecia tão confiante e divertido - tinha a sensação de que nunca notara, que nunca tivera consciencia de que ele era de facto UM homem atraente, que ele possuía uma certa

atracção genuína. Mas era evidente, pensou ela, salvara-lhe a vida. Sentia-se simplesmente grata.

“Afim de contas, o que é que andavas a fazer?” perguntou ela.

Ele deu uma gargalhada. “Tentando apanhar-te. Pensei que estivesses à minha frente.”

A vereda dividia-se. O ramo principal parecia seguir para a direita, começando uma suave descida, Um caminho muito mais estreito seguia para a esquerda, em terreno plano. Mas parecia muito menos usado.

“O que é que achas?” disse Kate.

“Seguir a vereda principal”, disse Chris. Tomou a dianteira e Kate sentiu-se absolutamente feliz por o poder seguir. A floresta à volta deles começou a ficar mais luxuriante, com fetos com cerca de seis pés de altura, parecendo enormes orelhas de elefante e dificultando a visão em frente. Ela ouviu um ruído distante de água. O terreno começou a descer de uma forma mais íngreme e ela não conseguia ver por onde seguia por causa dos fetos. Desmontaram ambos e amarraram os cavalos a uma árvore com um laço largo. Continuaram a pé.

O terreno descia agora de uma forma muito mais íngreme e a vereda transformou-se numa pista lamacenta. Chris escorregou, agarrando-se a ramos e arbustos para travar a sua queda. Ficou a olhar enquanto ele deslizava e de repente com um grito tinha desaparecido.

Ela esperou. “Chris?” Nenhuma resposta.

Deu uma pancada no auricular. “Chris?” Nada.

Não sabia o que é que havia de fazer, se devia seguir em frente ou se devia recuar. Decidiu seguir atrás dele, mas cautelosamente, agora que sabia como a vereda estava escorregadia, e o que lhe acontecera. No entanto, depois de alguns passos cautelosos, desequilibrou-se e viu-se a deslizar pela lama, batendo contra troncos de árvores, ficando sem fôlego.

O terreno tornava-se cada vez mais íngreme. Kate caiu para trás na lama e deslizou de costas, tentando usar os pés para se defender dos troncos que passavam por ela. Os ramos arranhavam-lhe o rosto e as mãos enquanto procurava deter a queda.

E o terreno continuava a ficar cada vez mais íngreme. Agora as árvores à sua frente começavam a ficar mais finas, já começava a ser capaz de vislumbrar através dos troncos e ouviu o ruído de queda de água. Deslizava por uma vereda que corria paralelamente a um curso de água. As árvores ficaram ainda mais finas e viu que a floresta terminava abruptamente cerca de dez metros à frente. O ruído da queda de água tornou-se ainda mais alto.

E foi então que viu porque é que a floresta terminava. Era a berma da ribanceira.

E à frente encontrava-se uma queda de água. Directamente à frente. Aterrorizada Kate rolou sobre o estômago, cravou os dedos na lama como garras, mas sem qualquer êxito. Continuava a deslizar. Não era capaz de parar. Continuou a deitar-se de costas, sempre a deslizar pela pista de lama, incapaz de fazer o que quer que fosse, limitando-se a observar o fim que se aproximava, e, nesse instante, foi disparada da floresta e estava a voar no ar, não conseguindo atrever-se a olhar para baixo.

Quase imediatamente esmagou-se contra folhagem, agarrou-se a ela e conseguiu aguentar-se. Baloçava para cima e para baixo. Estava agarrada aos ramos de uma grande árvore debruçada sobre a falésia. A queda de água estava exactamente por debaixo dela. Não era tão grande como pensara. Talvez dez a quinze pés de altura. Havia um lago na base. Não fazia a menor ideia de qual seria a sua profundidade.

Tentou descer pelos ramos da árvore, mas as mãos estavam escorregadias por causa da lama. Continuou a escorregar, agarrando-se aos ramos. Usando os pés e as mãos ia-se agarrando com dificuldade enquanto tentava descer. Conseguiu descer mais cinco pés mas então verificou que não era capaz. Caiu.

Embateu noutro ramo quatro pés mais abaixo. Deixou-se ficar pendurada por momentos, as mãos escorregadias por causa da lama. Em seguida voltou a cair, embatendo num ramo mais abaixo.

Agora estava apenas alguns pés acima da queda de água, no ponto em que curvava com um rugido sobre a berma da falésia. Os ramos da árvore estavam molhados com a poalha de água. Olhou para o lago borbulhante que se encontrava mais abaixo. Não conseguia ver o fundo; não tinha a certeza de qual seria a sua profundidade.

Pendurada precariamente do ramo, pensou: onde é que diabo está o Chris? Mas nesse momento soltou-se e caiu o resto do caminho.

A água foi um choque gelado, um borbulhar, opaca, rolando furiosamente à sua volta. Mergulhou, desorientada, bateu os pés para vir à superfície, chocou com as rochas do fundo. Finalmente veio à superfície debaixo da queda de água que lhe batia na cabeça com uma força incrível. Não conseguia respirar. Mergulhou mais uma vez, nadou em frente, e voltou à tona poucos metros adiante. A água do lago estava mais calma, embora terrivelmente fria.

Saiu da água e sentou-se numa rocha. Viu que a água borbulhante lavara toda a lama das suas roupas e do corpo. De certa maneira sentia-se como nova

- e muito contente por estar viva.

Sustendo a respiração, olhou em volta.

Encontrava-se num pequeno vale, a luz da tarde enevoada por causa da queda de água. O vale era luxuriante e húmido, a relva estava húmida, as árvores e as rochas cobertas de musgo. Directamente à frente um caminho empedrado conduzia a uma pequena capela.

A capela também estava húmida, as paredes cobertas com uma espécie de musgo escorregadio que desenhava faixas no edifício e escorria da beira do telhado. O musgo era de um verde brilhante.

A capela verde.

Também viu montes de peças de armaduras amontoadas desordenadamente ao lado da porta da capela, velhas placas peitorais enferrujando ao pálido sol e elmos amolgados jazendo próximo; igualmente espadas e machados dispersos em volta.

Kate procurava Chris mas não o conseguia ver. Era evidente que dera uma queda como ela. Provavelmente procurava encontrar agora o seu caminho por uma outra vereda. Pensou que era melhor esperar por ele; sentira-se feliz por o ter encontrado antes e agora sentia a sua falta. Mas não conseguia ver Chris em parte nenhuma. E fora da queda de água não conseguia ouvir qualquer som no pequeno vale, nem mesmo pássaros. Encontrava-se terrivelmente silencioso.

E, no entanto, não se sentia sozinha. Tinha uma forte sensação de que se encontrava ali mais qualquer coisa - uma presença no vale.

Foi então que ouviu um rosar vindo do interior da capela: um som animal gutural.

Levantou-se, e seguiu cautelosamente ao longo do caminho empedrado na direcção das armas. Escolheu uma espada e empunhou-a com ambas as mãos, embora se sentisse tola; a espada era pesada, e sabia que não tinha a força nem a habilidade para a manejar. Estava agora perto da porta da capela e sentia um forte cheiro de detritos que vinha do interior. Ouviu-se de novo o rosar.

E, de repente, um cavaleiro de armadura avançou, bloqueando a porta de entrada. Era um homem enorme, com cerca de dois metros de altura, e a sua armadura estava manchada de musgo verde. Usava um pesado elmo, pelo que não lhe conseguia ver o rosto. Empunhava um pesado machado de lâmina dupla, como um carrasco.

O machado oscilava para a frente e para trás enquanto o cavaleiro avançava na sua direcção.

Instintivamente recuou, não tirando os olhos do machado. À primeira pensou em correr, mas o cavaleiro chegara até ela rapidamente; estava convencida de que era perfeitamente capaz de a apanhar. De qualquer modo, não queria voltar-lhe as costas. Mas não podia atacar. Parecia ter duas vezes o seu tamanho. Nunca pronunciou uma palavra; ouvia apenas resmungar e rosnar, sons que vinham do interior do capacete - sons animais, sons dementes. Deve ser louco, pensou.

O cavaleiro aproximou-se mais, obrigando-a a tomar uma atitude. Volteou a espada com todas as suas forças; ele levantou o machado para bloquear e ouviu-se o bater de metal contra metal; a espada vibrou tão fortemente que quase a largou. Desferiu outro golpe, baixo, tentando atingi-lo nas pernas, mas ele bloqueou facilmente, e com uma rápida torção do machado, a lâmina saltou-lhe das mãos, aterrando na relva que se encontrava do outro lado.

Voltou-se e correu. Rosnando o cavaleiro correu atrás dela e agarrou um Punhado do seu cabelo curto. Arrastou-a, gritando, para a parte lateral da Capela. O couro cabeludo ardia-lhe; à sua frente viu um bloco curvo de madeira assente no solo, mostrando as marcas de muitos cortes profundos. Sabia O que era: um cepo de decapitação.

Estava impotente para se opor a ele. O cavaleiro empurrou-a violentamente, obrigando-a a assentar o pescoço no cepo. Permanecia de pernas abertas atrás dela, para a forçar a manter a posição. Ela agitava os braços impotentemente.

Quando ele erguia o machado no ar, viu uma sombra que se movia através da relva.

06:40:27

O telefone tocava insistentemente, num tom estridente. David Stern bocejou, acendeu a lâmpada da mesinha-de-cabeceira e pegou no auscultador. "Estou", disse ele com uma voz ensonada.

"David, é John Gordon. É melhor vires já à sala de trânsito."

Stern procurou atabalhoadamente os óculos e olhou para o relógio. Eram seis e vinte da manhã. Dormira durante três horas.

“Há uma decisão que tem que ser tomada”, disse Gordon. “Estou aí dentro de cinco minutos.”

“Okay”, respondeu Stern, e pousou o auscultador. Saiu da cama e abriu as portadas da janela; o quarto foi invadido por uma luz do sol brilhante, tão brilhante que o fez pestanejar. Dirigiu-se para o quarto de banho para tomar um chuveiro.

, Ocupava um dos três quartos que a ITC mantinha no seu edifício de laboratórios, destinados aos investigadores que tinham que trabalhar até altas horas da noite. Estava equipado como um quarto de hotel, chegando ao pormenor das miniaturas de shampoo e de creme hidratante colocadas junto do lavatório. Stern barbeou-se, vestiu-se e, em seguida, saiu para o corredor. Não avistou Gordon mas ouviu vozes que vinham do outro extremo do corredor. Dirigiu-se para o átrio, espreitando através das portas de vidro dos diversos laboratórios. Àquela hora da manhã estavam todos desertos.

Mas ao fundo do corredor encontrou um laboratório que tinha a porta aberta. Um trabalhador com uma fita amarela media a altura e a largura da entrada. No interior, quatro técnicos dispunham-se à volta de uma mesa de grandes dimensões, olhando para ela. Na mesa encontrava-se um grande modelo feito à escala numa madeira pálida, mostrando a fortaleza de La Roque e a área circundante. Os homens murmuravam uns com os outros, e um deles tentava levantar a mesa por uma das bordas. Dava a ideia de que estavam a tentar descobrir como a deslocar.

“Doniger diz que precisa dela disse o técnico, “para apresentar na conferência.”

“Não vejo como é que vamos conseguir tirá-la daqui”, disse outro. “Como é que eles a meteram cá dentro?”

“Montaram-na cá dentro.”

“Conseguimos mesmo à Justa”, disse o homem que se encontrava junto da porta, fechando a fita métrica com um estalo.

Curioso, Stern entrou na sala, olhando mais atentamente para o modelo, Mostrava o castelo, reconhecível e construído com muita precisão, no centro de um complexo muito maior. Na parte de trás do castelo via-se um anel de arvoredos e, no exterior, um complexo de edifícios atarracados e uma rede de estradas. E, no entanto, nada daquilo existia. Na época medieval, o castelo erguia-se solitário numa planície.

Stern perguntou, “Que modelo é este?” “La Roque”, respondeu um dos técnicos.

“Mas este modelo não corresponde à realidade!”

“Ah isso é que corresponde”, disse o técnico, “corresponde ao mais pequeno pormenor. Pelo menos de acordo com os últimos desenhos de arquitectura que nos deram.”

“Que desenhos de arquitectura?” Perguntou Stern.

Ouvindo isto os técnicos ficaram em silêncio, evidenciando nos rostos um tom de preocupação. Stern reparava agora que havia outros modelos: de Castलगard e do Mosteiro de Sainte-Mère. Viu enormes desenhos nas paredes. Pensou para consigo que aquilo parecia mais um gabinete de arquitectura.

Nesse instante Gordon espreitou à porta: “David? Anda daí.”

Caminhou ao longo do corredor acompanhando Gordon. Olhando por cima do ombro viu que os técnicos haviam pegado no modelo e o transportavam através da porta.

“Que história é aquela?”, perguntou Stern.

“Um estudo de desenvolvimento do local”, respondeu Gordon. “Fazemos isto com os projectos de todos os locais. A ideia é a de definir o ambiente imediato em torno do monumento histórico, para que o local possa ser preservado para os turistas e os académicos. Estudam as linhas de visão e coisas no género.” “Mas porque é que isso te diz respeito?”, perguntou Stern.

“Tudo isto faz parte do nosso trabalho”, disse Gordon. “Vamos gastar milhões antes que cada um destes locais se encontre completamente restaurado. E não estamos interessados em que nos surja no meio disso tudo um centro comercial ou um hotel de cinco estrelas. É por isso que procuramos fazer uma planificação mais ampla de cada um dos locais, numa tentativa de que o governo local estabeleça linhas de orientação.” Olhou para Stern. “Para te dizer a verdade, nunca considereei isto de grande interesse.”

“E quanto à sala de trânsito? O que é que se passa?” “Eu vou mostrar-te.”

Haviam sido retirados todos os destroços da sala de trânsito e o pavimento de borracha encontrava-se perfeitamente limpo. Nos locais onde o ácido atacara a borracha viam-se trabalhadores de joelhos a substituírem zonas da cobertura. Duas das protecções de vidro estavam montadas e uma delas estava a ser inspeccionada atentamente por um homem que usava óculos extremamente graduados e que se servia de um estranho foco de luz. Mas Stern estava a olhar para cima, enquanto os próximos painéis de vidro de enormes dimensões oscilavam suspensos dos braços de guias que emergiam da segunda sala de trânsito Ainda a ser construída.

“É uma sorte o facto de termos tido outras salas de trânsito em construção”, disse-lhe Gordon. “Se assim não fosse, precisávamos pelo menos de uma semana para conseguirmos reunir aqui estes painéis de vidro. Mas esses painéis já ca estavam. A única coisa que temos que fazer é mudá-los de lugar. muita sorte.”

Stern continuava a olhar para cima. Até àquela altura não conseguira fazer uma ideia de como eram grandes os painéis de protecção. Suspensos por cima dele, os painéis curvos de vidro tinham à vontade três metros de altura e quatro metros e meio de largura, e quase sessenta centímetros de espessura. Eram transportados em lingas almofadadas para os suportes de montagem que se encontravam no pavimento inferior. “Mas”, disse Gordon, “não temos sobressalentes. Temos apenas um conjunto.”

“E depois?”

Gordon dirigiu-se para um dos painéis de vidro que já se encontravam no lugar. "Basicamente podemos pensar nestas coisas como sendo grandes cantis de vidro", disse Gordon. "São contentores, curvos que se enchem por um orifício no topo. E, uma vez cheios de água, são muito pesados. Cerca de cinco toneladas cada um. Na realidade, a curvatura aumenta a resistência. Mas é essa mesma resistência que me preocupa."

"Porquê?" "Aproxima-te." Gordon passou os dedos pela superfície de vidro. "Estás a ver estas pequenas cavidades? Estes pequenos pontos acinzentados. São tão pequenos que não os notavas se não olhasses com atenção. Mas trata-se de falhas que não estavam aí antes. Julgo que a explosão espalhou gotículas de ácido hidrofúorídrico pela outra sala."

"E agora temos o vidro com este problema."

"Exacto. Embora não seja grave. Mas se estes pequenos orifícios tiverem enfraquecido o vidro, então as protecções poderão estalar quando estiverem cheias de água e o vidro estiver sob pressão. Ou, pior ainda, poderá estilhaçar-se toda a protecção."

"E se isso acontecer?"

"Se isso acontecer, não temos uma protecção completa em torno da plataforma", disse Gordon, olhando directamente para Stern. "Num caso desses, não somos capazes de trazer os nossos amigos de volta em segurança. Corriam o risco de muitos erros de transcrição."

Stern franziu as sobrancelhas. "Tens alguma maneira de testar os painéis? Ver se eles aguentam?"

"Nem por isso. Podíamos fazer um teste de esforço, se quiséssemos correr o risco de os partir, mas uma vez que não temos painéis sobressalentes, não o posso fazer. Em vez disso, vou fazer uma inspecção visual em polarização microscópica." Apontou para o técnico de óculos que estava a um canto, inspeccionando o vidro palmo a palmo. "Este teste pode detectar linhas de esforço já existentes - que existem sempre no vidro - e dar-nos uma ideia aproximada sobre a possibilidade de ele partir. E tem uma câmara

digital acoplada que transmite directamente para o computador os dados de cada ponto.”

“Vais fazer uma simulação em computador?”, perguntou Stern.

“Será muito grosseira”, disse Gordon. “Provavelmente nem valerá a pena fazê-la por ser tão grosseira. Mas de qualquer maneira vou tentar.”

“Sendo assim, qual é a decisão a tomar?”

“Quando se devem encher os painéis.” “Não compreendo.”

“Se os enchermos agora e eles aguentarem, então provavelmente estará tudo bem. Mas é impossível ter a certeza. Não nos podemos esquecer de que um dos tanques poderá ter uma zona de fadiga por onde ele irá ceder só ao fim de um determinado período de pressão. Surge então a hipótese de encher os tanques só no último minuto.”

“Com que rapidez é que os podes encher?,>

“É muito rápido. Temos ali uma mangueira. Mas para minimizar o esforço, provavelmente vais querer enchê-los lentamente. Nesse caso, levará cerca de duas horas para encher as nove protecções.”

“Mas não é preciso começar a preparação duas horas antes?”

“Exacto - se a sala de controlo estiver a trabalhar como deve ser. Mas o equipamento da sala de controlo esteve desligado durante dez horas. O ambiente ficou cheio de fumos ácidos. Poderá ter afectado os sistemas electrónicos. Não sabemos se vai ou não funcionar em condições.”

“Agora compreendo”, disse Stern. “E cada um dos tanques é diferente de todos os outros.”

“Precisamente. Cada um deles é diferente de todos os outros.”

Era, pensou Stern, um problema científico do mundo real clássico. Avaliar riscos, avaliar incertezas. A maior parte das pessoas nunca se apercebeu de que a maioria dos problemas científicos assumia esta forma. Chuvas ácidas, aquecimento global, limpeza ambiental, riscos de cancro - essas questões complexas

representavam sempre um acto de equilíbrio, um julgamento que era preciso fazer. Até que ponto seriam válidos os dados da investigação? Até que ponto seriam fiáveis os cientistas que haviam realizado o trabalho? Até que ponto seriam significativas as futuras projecções? Todas estas questões surgiam incansavelmente. Certamente os media nunca se haviam preocupado com as complexidades, uma vez que produziam cabeçalhos de mau gosto. Como resultado disso, as pessoas estavam convencidas de que a ciência era sintética e árida, de um modo que nunca se verificava. Mesmo os conceitos melhor aceites - como a ideia de que os germes podem causar doença - não se encontravam tão provados em detalhe como muitas pessoas pensavam.

E, neste caso particular, um caso envolvendo directamente a segurança dos seus amigos, Stern via-se enfrentado com uma montanha de incertezas. Não havia uma certeza de os tanques serem ou não seguros. Não havia uma certeza de a sala de controlo ser capaz de fornecer o aviso adequado. Não sabiam se deviam encher os tanques lentamente naquela altura, ou rapidamente mais tarde. Iam ser obrigados a fazer um juízo sem bases. E havia vidas que dependiam desse juízo.

Gordon estava a olhar para ele. Na expectativa.

"Há algum desses tanques que não apresente os orifícios?" perguntou Stern. "Há. Quatro."

"Então vamos encher esses tanques agora", disse Stern. "E esperamos pela análise de polarização e pela resposta do computador antes de enchermos os outros."

Gordon acenou lentamente com a cabeça. "Exactamente aquilo que tinha pensado", respondeu.

Stern acrescentou: "Qual é o teu palpite? Achas que os outros tanques estão okay ou não?"

"Na minha opinião", disse Gordon, "acho que sim. Mas dentro de uma ou duas horas vamos saber mais a esse respeito."

06:40:22

“Meu bom Sir André, peço-vos que venhais por aqui”, disse Guy de Malegant com uma graciosa vénia e um gesto da mão.

Marek tentou disfarçar o seu espanto. Quando entrara a galope em La Roque, estava absolutamente convencido de que Guy e os seus homens o matariam de imediato. Em vez disso estavam a tratá-lo com enorme deferência, quase como se fosse um convidado de honra. Encontrava-se agora no interior do castelo, no pátio interior, de onde avistou o grande salão, já com todas as luzes acesas.

Seguindo Malegant, passou pelo grande salão, dirigindo-se para uma estranha estrutura de pedra que se encontrava à direita. As janelas deste edifício, para além de estarem equipadas com portadas de madeira, apresentavam também placas de protecção feitas com bexiga de porco translúcida. Viam-se velas nas janelas, mas estas encontravam-se da parte de fora das bexigas de porco, em vez de se encontrarem no interior do próprio quarto.

Já sabia a razão, mesmo antes de ter entrado no edifício, que era composto por um único salão de grandes dimensões. Contra as paredes encontravam-se amontoados pequenos sacos cinzentos em plataformas de madeira acima do solo. Num dos cantos avistavam-se pirâmides de granalha de ferro. O salão tinha um cheiro característico - um cheiro irritante, acre - e Marek soube de imediato do que é que se tratava.

O arsenal.

Malegant disse: “Bem, Magister, encontrámos um assistente para vos ajudar.” “Agradeço-vos por tal.” No centro do salão o Professor Edward Johnston estava sentado no solo com as pernas cruzadas. Duas bacias de pedra contendo misturas de pólvora encontravam-se perto dele. Segurava uma terceira bacia entre os joelhos, e com um pilão de pedra, moía um pó cinzento, mantendo um movimento uniforme, circular. Johnston não parou quando viu Marek. Não aparentou a menor surpresa.

“Viva, André”, disse ele. “Viva Professor.”

Sem parar de moer: “Estás bem?”

“Sim, estou fino. A perna dói-me um bocadinho.” De facto Marek sentia a perna latejar, mas a ferida estava limpa; o rio tinha lavado a ferida cuidadosamente, e este esperava que ela cicatrizasse em poucos dias.

O Professor continuava a moer, pacientemente, sem parar. Isso é ótimo, André”, disse ele na mesma voz calma. “Onde é que estão os outros?”

“Não sei o que é que se passa com o Chris”, disse Marek. Lembrou-se de como Chris ficara cheio de sangue. “Mas Kate está bem, e vai encontrar o...” “ótimo”, interrompeu o Professor calmamente, os olhos pestanejando na

direcção de Sir Guy. Mudando de assunto, acenou na direcção da bacia. “É evidente que sabe aquilo que estou a fazer?”

“A fazer a incorporação”, respondeu Marek. “O material presta para alguma coisa?”

“Não é mau, considerando a situação. É carvão de salgueiro, que é ideal. O enxofre é razoavelmente puro, e o nitrato é orgânico.”

“Guano?” “Exactamente.”

“Sendo assim, é mais ou menos aquilo de que estava à espera”, disse Marek.

Uma das primeiras coisas que Marek estudara fora a tecnologia da pólvora, uma substância que começou a ser utilizada na Europa em larga escala no século catorze. A pólvora era uma daquelas invenções, como a roda de moinho ou o automóvel, que era impossível de identificar com qualquer pessoa ou local em particular. A receita original - uma parte de carvão, uma parte de enxofre e seis partes de nitrato de potássio - viera da China. Mas os detalhes de como chegara à Europa estavam em discussão, o mesmo se passando com a utilização da pólvora, se era menos utilizada como explosivo do que como material incendiário. A pólvora foi originalmente utilizada nas armas quando armas de fogo queriam dizer “armas que usavam fogo”, não tendo o significado moderno de

instrumentos de projecteis explosivos como as espingardas e os canhões.

Isto deve-se ao facto de que as primeiras pólvoras não eram muito explosivas, porque a química da pólvora não era compreendida e porque a arte ainda não se encontrava desenvolvida. A pólvora explodia quando o carvão e o enxofre ardiavam de uma forma extremamente rápida, com a combustão a ser favorecida por uma rica fonte de oxigénio - em especial os sais de nitrato, mais tarde designados por nitrato de potássio. A fonte mais comum de nitratos obtinha-se dos dejectos dos morcegos que habitavam nas grutas. Nos primeiros anos este guano não era de modo nenhum refinado, sendo simplesmente acrescentado à mistura.

Mas a grande descoberta do século catorze foi a de que a pólvora explodia melhor quando era finamente moída, Este processo recebia o nome de incorporação, e se fosse realizado de forma adequada, conseguia-se pólvora com a consistência de pó de talco. Aquilo que acontecia durante as intermináveis horas em que os produtos eram moídos era que minúsculas partículas de nitrato e de enxofre eram forçadas a entrar nos poros microscópicos do carvão. Era por isso que se preferiam determinadas madeiras, como o salgueiro; o seu carvão era mais poroso.

Marek disse: "Não vejo nenhuma peneira. Vai granulá-la?"

"Não", respondeu Johnston sorrindo. "O granulado ainda não foi descoberto, lembra-se?"

A granulação era um processo em que se acrescentava água à mistura da pólvora, fazendo uma pasta que depois se deixava secar. A pólvora granulada era muito mais potente do que a pólvora obtida por mistura a seco. Quimicamente, aquilo que acontecia era que a água dissolvia em parte o nitrato, permitindo-lhe preencher melhor o interior dos microporos do carvão, e neste processo transportava também as partículas insolúveis de enxofre. A pólvora daí resultante era não só mais potente como também mais estável e de maior

duração. Mas Johnston tinha razão; a granulação só foi descoberta cerca de

1400 - aproximadamente quarenta anos mais tarde.

"Quer que o substitua?", disse Marek. A incorporação era um processo muito lento; por vezes a operação de moagem chegava a durar entre seis a oito horas. "Não, acabei por agora." O Professor pôs-se de pé e em seguida disse a Sir

Guy: "Dizei ao meu senhor Lord Oliver que estamos prontos para a sua demonstração."

"Do Fogo Grego?"

"Não exactamente", respondeu Johnston.

Iluminado pela luz do sol poente, Lord Oliver caminhava impacientemente ao longo da maciça muralha do perímetro exterior. Naquele ponto a construção tinha mais de quinze pés de largura, encontrando-se instalada perto uma fila de canhões. Sir Guy estava perto dele, bem como um sombrio Robert de Kere; todos ergueram o olhar na expectativa quando viram o Professor. "Então? Finalmente estais preparado, Magister?"

"Meu Senhor, assim é", respondeu o Professor, aproximando-se com duas das suas tigelas, uma em cada mão. Marek transportava uma terceira tigela, em que o fino pó cinzento fora misturado com um espesso óleo cheirando fortemente a resina. Johnston dissera-lhe para não tocar naquela mistura acontecesse o que acontecesse, e não precisava de que lho recordassem segunda vez. Era uma mistela com um cheiro francamente insuportável. Também transportava uma tigela com areia.

"Fogo Grego? É o Fogo Grego?"

"Não, meu Senhor. Melhor ainda. O fogo de Athenaios de Naukratis, que é designado por foco automático."

"É mesmo?" disse Lord Oliver. Semicerrou os olhos. "Mostrai-me."

Para além do canhão avistava-se a extensa planície a leste, onde as catapultas estavam a ser montadas em linha. Encontravam-se longe da distância de tiro, a uma distância de duzentas jardas. Johnston colocou as suas tigelas no solo, entre os primeiros dois canhões. Carregou o primeiro canhão com um saco que haviam trazido do Paiol. Em seguida introduziu no canhão uma grossa seta metálica com palhetas em metal. "Isto é a vossa pólvora e a vossa seta."

Aproximando-se do segundo canhão, deitou cuidadosamente a sua pólvora finamente moída dentro de um saco que introduziu na boca do canhão. Em seguida disse: "André, a areia por favor." Marek aproximou-se e colocou a bacia com areia aos pés do professor.

"Para que é a areia?" perguntou Oliver.

"Uma precaução contra qualquer erro possível, meu Senhor." Johnston pegou numa segunda seta de metal, segurando-a cuidadosamente por ambas as pontas e introduzindo-a suavemente no canhão. A ponta da seta tinha ranhuras que haviam sido cheias com a espessa pasta castanha de cheiro acre.

"Esta é a minha pólvora e a minha seta."

O artilheiro estendeu ao Professor um fino graveto de madeira, com uma das extremidades de um vermelho vivo. Johnston tocou no primeiro canhão. Ouviu-se uma modesta explosão: uma nuvem de fumo negro e a seta voou,

aterrando a cerca de cem jardas da catapulta que se encontrava mais próxima.

"Vejam agora a minha pólvora e a minha seta." O Professor tocou no segundo canhão.

Ouviu-se uma violenta explosão e elevou-se uma nuvem de fumo espesso. A seta aterrou ao lado de uma das catapultas, falhando-a por dez pés. Ficou caída na relva.

Oliver resmungou. "É tudo? Haveis de perdoar-me se eu ..."

Nesse preciso momento a seta explodiu num círculo de fogo, espalhando gotas de fogo em todas as direcções. A catapulta

incendiou-se de imediato e os homens que se encontravam na planície avançaram rapidamente, transportando os cavalos com sacos de água para extinguir o fogo.

“Estou a ver ...” disse Lord Oliver.

Mas a água parecia espalhar o fogo em vez de o extinguir. Sempre que era deitada água as chamas pareciam subir ainda mais. Os homens recuaram, confusos. Por último ficaram a olhar desalentados, enquanto a catapulta à sua frente era consumida pelas chamas. Em poucos momentos não era mais do que um amontoado de madeiras carbonizadas.

“Por Deus, Edward é S. Jorge”, disse Oliver.

Johnston fez uma pequena vénia, disfarçando um sorriso.

“Haveis conseguido o dobro do alcance e uma seta que se incendeia por si própria - como?”

“A pólvora é finamente moída e assim explode mais violentamente. As setas são cheias com óleo, enxofre e cal viva, tudo misturado com estopa. Incendeiam-se quando são atingidas pela água - neste caso temos a humidade da relva. É por isso que temos uma bacia de areia, prevendo o caso de que um pouco da mistura, por pequeno que seja, possa cair nos meus dedos e começar a arder com a humidade das minhas mãos. É uma arma muito delicada, meu Senhor, e ainda mais delicada de manusear.”

Voltou-se para a terceira bacia que se encontrava próxima de Marek. “Agora meu Senhor”, disse Johnston, pegando num graveto de madeira, “peço-vos que observeis o que se vai seguir.” Mergulhou o graveto na terceira bacia, cobrindo a ponta com a mistura oleosa de cheiro acre. Ergueu o graveto no ar. “Conforme podeis verificar, não houve qualquer alteração. E continuará a não haver durante horas, ou dias, até que ...” Com um gesto teatral de mágico, verteu a água de uma pequena taça sobre o graveto.

O graveto produziu um som sibilante, começou a fumegar, e em seguida irrompeu em chamas enquanto o Professor continuava a segurá-lo. A chama era de um laranja violento.

“Ah”, exclamou Oliver, suspirando de prazer. “Preciso, de uma grande quantidade disto. De quantos homens precisais para moer e fabricar a vossa substância?”

“Meu Senhor, vinte serão suficientes. Mas cinquenta será melhor.” “Tereis cinquenta ou ainda mais se assim o quiserdes”, disse Oliver, esfregando as mãos. “De quanto tempo precisais para o fabrico?”

“A preparação não é demorada, meu Senhor”, disse Johnston, “mas é uma coisa que não pode ser feita à pressa, porque se trata de um trabalho perigoso. E uma vez pronta será sempre um risco dentro do vosso castelo, porque tenho a certeza de que Arnaut irá atacar com dispositivos incendiários.”

Oliver resmungou. “Não é coisa que me preocupe Magister. Fabricai-a já para que a possa usar nesta mesma noite.”

De volta ao arsenal, Marek ficou a observar enquanto Johnston dispunha os soldados em filas de dez, entregando um almofariz a cada homem. Johnston caminhava ao longo das filas, parando aqui e ali para dar instruções. Os soldados resmungavam, referindo-se àquilo que chamavam trabalho de cozinha, mas Johnston disse-lhes que aquilo era o que se poderia chamar as “ervas da guerra” .

Passaram-se alguns minutos até que o Professor se aproximou, sentando-se no canto junto dele. Observando o trabalho dos soldados, Marek disse: “Doniger chegou a falar-te sobre o cuidado que devemos ter em não se modificar a história?”

“Chegou. Porquê?”

“Parece que estamos a dar a Oliver uma grande ajuda para defender o seu castelo contra Arnaut. Estas setas vão obrigar Arnaut a fazer recuar as suas máquinas de guerra - ficando demasiado longe para que possam continuar a serem eficientes. Sem máquinas de guerra deixa de haver assalto à fortaleza. E Arnaut não vai estar na disposição de ficar à espera. Os seus homens querem resultados rápidos - o que aliás acontece com todas as companhias de mercenários. Se não conseguem tomar um castelo de imediato, seguem em frente.”

“Sim, isso é verdade ...”

“Mas, de acordo com a história, este castelo cai nas mãos de Arnaut.” “Exacto”, disse Johnston. “Mas não será por causa de um cerco. Acontecerá porque um traidor vai deixar entrar os homens de Arnaut.”

“Também estive a pensar nisso”, respondeu Marek. “Não faz sentido. Neste castelo há demasiadas entradas para serem abertas. Como é que seria possível um traidor fazer uma coisa dessas? Acho que não seria possível.”

Johnston sorriu. “Estás convencido de que podemos estar a ajudar Oliver a manter o castelo, e assim estamos a modificar a história.”

“Bom. Confesso que pensei nisso.”

Marek estava a pensar que, caísse ou não um castelo, era de facto um acontecimento significativo, em termos do futuro. A história da Guerra dos Cem Anos poderia ser vista como uma série de cercos e tomadas-chave. Por exemplo, dentro de alguns anos, salteadores capturariam a cidade de Moins, na foz do Senna. Em si, não passaria de uma conquista sem grande significado - mas iria dar-lhes o controlo do Senna, permitindo-lhes capturar castelos ao longo de todo o caminho até Paris. Em seguida havia a questão daqueles que viviam e daqueles que morriam. Porque, mais vezes do que seria de imaginar, quando um castelo caía, os seus habitantes eram massacrados. Havia várias centenas de pessoas dentro de La Roque. Se todos eles sobrevivessem, os seus milhares de descendentes constituiriam facilmente um futuro muito diferente.

“Talvez nunca cheguemos a saber”, disse Johnston. “Quantas horas é que ainda temos?”

Marek olhou para o bracelete. O contador indicava 05:50:29. Mordeu o lábio. Esquecera-se de que o relógio não parava. Quando olhara para o contador pela última vez ainda faltavam quase nove horas; Parecera-lhe que era tempo mais do que suficiente. Seis horas já não parecia tão bom.

“Não são exactamente seis horas”, disse Marek. “E Kate tem o marcador?”

“Tem.”

“E onde é que ela está?”

“Foi à procura da passagem.” Marek estava a pensar em que a tarde já se encontrava no fim; se encontrasse a passagem, facilmente conseguiria descobrir a entrada para o castelo em duas ou três horas.

“Para onde é que ela foi à procura da passagem?” “Para a capela verde.”

Johnston suspirou. “Foi aí que a chave de Marcel dizia que ela se encontrava?”

“Exacto.”

“E foi sozinha?”

“Foi.” Johnston abanou a cabeça. “Ninguém lá vai.” “Porquê?”

“Supostamente, a capela verde é guardada por um cavaleiro louco. Dizem que o seu verdadeiro amor morreu ali e que a dor fez com que perdesse o juízo. Aprisionou a irmã num castelo próximo, e presentemente mata quem quer que se aproxime do castelo ou da capela.”

“Achas que tudo isso é verdade?” disse Marek.

Johnston encolheu os ombros. “Ninguém sabe”, respondeu. “Até porque nunca houve ninguém que conseguisse voltar com vida.”

05:19:55

Cerrando os olhos com força, Kate aguardou a queda do machado. O cavaleiro que se encontrava acima dela resmungava e grunhia, a respiração cada vez mais acelerada, cada vez mais excitado na expectativa de desferir o golpe fatal...

Foi então que ficou silencioso.

Sentiu o pé que se apoiava nas costas dela estremecer. Olhava à sua volta.

O machado enterrou-se com uma pancada seca no bloco de madeira, a centímetros do rosto. Mas estava a descansar, apoiando-se no machado, enquanto olhava para qualquer coisa que se encontrava atrás dele. Começou a grunhir novamente e nesse instante gritou irritadamente.

Kate tentou ver para onde é que ele estava a olhar, mas a parte lateral do machado bloqueava-lhe a visão.

Ouviu o som de passos atrás dela. Havia ali mais alguém.

O machado ergueu-se mais uma vez, mas agora o pé saiu das suas costas. Atabalhoadamente rolou para fora do bloco e voltando-se, avistou Chris que se encontrava de pé a alguns metros de distância, empunhando a espada que ela deixara cair.

“Chris!” Chris sorriu através dos dentes cerrados. Conseguia aperceber-se de que ele estava aterrorizado. Não desviou os olhos do cavaleiro de verde. Com um grunhido o cavaleiro fez meia volta, o machado sibilando com o golpe desferido. Chris ergueu a espada para parar o golpe. Saltaram centelhas com o entrecocar do metal. Os homens rodavam lentamente um em volta do outro sem desviarem o olhar. O cavaleiro desferiu novo golpe e Chris baixou-se, recuou aos tropeções, e endireitou-se apressadamente quando o machado se enterrou na relva. Kate procurou nervosamente na bolsa e encontrou o cilindro de gás. Aquele objecto estranho de uma outra época parecia agora absurdamente pequeno e leve, mas era tudo aquilo que tinham.

“Chris!” Colocando-se atrás do cavaleiro verde, ergueu o cilindro para que ele o pudesse ver. Acenou vagamente com a cabeça, continuando a esquivar-se e a recuar. Viu que se cansava rapidamente, perdendo terreno, enquanto o cavaleiro verde avançava na sua direcção.

Kate não tinha qualquer outra escolha: avançou a correr, saltou no ar, e aterrou nas costas do cavaleiro verde. Grunhiu, surpreendido com o peso. Agarrou-se a ele, colocou a lata de gás em frente do elmo, e disparou o gás através da abertura. O cavaleiro

tossiu e estremeceu. Disparou o gás mais uma vez e o cavaleiro começou a cambalear. Deixou-se cair no solo.

A rapariga exclamou: "Agora!"

Chris, com um joelho em terra, estava arquejante. O cavaleiro verde ainda se encontrava de pé, embora vacilante. Chris avançou lentamente, e desferiu um golpe com a espada na parte lateral do tronco do cavaleiro, entre as placas da armadura. Este soltou um rugido enfurecido e deixou-se cair de costas.

Chris estava de imediato em cima dele, cortando-lhe os laços do elmo, para em seguida o afastar com um pontapé. Apercebeu-se de relance de um cabelo encaracolado, barba revolta e olhos selvagens, enquanto mais uma vez desferia um golpe com a espada de cima para baixo, cortando a cabeça do cavaleiro.

Não funcionou.

A lâmina desceu, cravou-se no osso, tendo ficado parcialmente enterrada no pescoço. O cavaleiro ainda estava vivo, olhando para Chris com um ar de demente, enquanto a boca se movia.

Chris tentou libertar a espada, mas estava presa na garganta do cavaleiro. Enquanto se debatia, a mão do cavaleiro ergueu-se e agarrou-lhe o ombro. O cavaleiro era imensamente forte - de uma força demoníaca e puxou-o até o rosto ficar a centímetros de distância. Os olhos estavam injectados de sangue.

os dentes estavam estalados e apodrecidos. A barba estava infestada de piolhos, que circulavam por entre bocados de comida descolorida. Todo ele era uma visão de decadência.

Chris sentia-se revoltado. Sentia o seu hálito quente e insuportável. Debatendo-se, conseguiu colocar um pé no rosto do cavaleiro, que se ergueu, tentando libertar-se da prisão. Nesse instante a espada soltou-se e ele ergueu-a para desferir um novo golpe.

Mas os olhos do cavaleiro arregalaram-se e a mandíbula abriu-se desmesuradamente. Já estava morto. As moscas começaram a zumbir em volta do rosto.

Chris deixou-se cair, ficando sentado no solo húmido, tentando normalizar a respiração. A revulsão invadiu-o como uma onda, e começou a tremer incontrolavelmente. Cruzou os braços sobre o peito, tentando parar as tremuras. Os dentes batiam-lhe.

Kate colocou-lhe a mão no ombro. Exclamou: "Meu herói". Quase que não a conseguiu ouvir. Não disse nada. Mas pouco a pouco começou a deixar de tremer e conseguiu pôr-se de novo de pé.

"Sinto-me muito contente por te ver", disse ela.

Acenou com a cabeça e sorriu. "Vim pelo caminho mais fácil,"

Chris conseguira parar o seu deslizar pela lama. Passara alguns momentos muito difíceis em busca do caminho de regresso na ascensão da encosta e, por último, desceu pela outra vereda. Veio a mostrar-se um caminho fácil até à base da queda de água, onde encontrou Kate a pontos de ser decapitada.

"Já sabes o resto", disse ele. Pôs-se de pé apoiando-se na espada. Ergueu o olhar para o céu. Começava a ficar escuro. "Quanto tempo é que achas que ainda falta?"

"Não faço ideia. Quatro ou cinco horas." "Então é melhor pormo-nos a caminho."

O tecto da capela verde ruíra em diversos lugares, e o interior estava igualmente em ruínas. Via-se um pequeno altar, caixilhos góticos que rodeavam janelas partidas, charcos de água estagnada no solo. Era difícil de acreditar que em tempos esta capela fora uma jóia, com as suas entradas e arcos cuidadosamente esculpidos. Agora uma camada de bolor escorregadio escorria das esculturas, corroídas de tal modo que era impossível reconhecê-las.

Uma cobra negra afastou-se rapidamente de Chris quando este descia a escada em caracol que levava às criptas do subsolo. Kate seguiu-o mais lentamente. Em baixo estava mais escuro, sendo a única luz a que se infiltrava pelas fendas do soalho que ficava acima. Ouvia-se o som constante do gotejar de água. No centro da sala via-se um único sarcófago intacto, esculpido em pedra negra, e

fragmentos dispersos de vários outros sarcófagos. O sarcófago intacto apresentava um cavaleiro de armadura esculpido na tampa. Kate olhou para o rosto do cavaleiro, mas a pedra fora de tal modo corroída pelo bolor omnipresente que as feições haviam desaparecido.

“Diz-me mais uma vez, qual era a chave?” perguntou Chris. “Qualquer coisa sobre os pés do gigante?”

“É isso, não sei quantos passos a partir dos pés do gigante. Ou de pés gigantescos.”

“A partir dos pés do gigante”, repetiu Chris. Apontou para o sarcófago, onde os pés do cavaleiro esculpido eram dois cotos arredondados. “Achas que se refere a estes pés?”

Kate franziu as sobrancelhas. “Não se pode dizer que sejam exactamente gigantes.”

“De facto ...”

“Vamos tentar”, disse ela. Colocou-se aos pés do sarcófago, voltou-se para a direita e deslocou-se cinco passos. Em seguida voltou-se para a esquerda e andou mais quatro passos. Voltou-se mais uma vez para a direita e andou três passos, chegando junto à parede.

“Acho que não”, disse Chris.

Afastaram-se ambos e começaram a procurar mais cuidadosamente. Quase de imediato Kate fez uma descoberta encorajadora: meia dúzia de rochas estavam amontoadas a um canto, onde deveriam permanecer secas. As rochas haviam sido feitas de modo grosseiro, mas mesmo assim perfeitamente utilizáveis.

“A passagem tem de estar em qualquer parte”, disse ela. “Tem de estar.” Chris não respondeu. Procuraram em silêncio durante a meia hora seguinte, limpando bolor das paredes e do chão, observando as esculturas corroídas, tentando descobrir se qualquer delas poderia representar pés de gigante.

Finalmente Chris disse: "Essa coisa explicava se os pés se encontravam, dentro da capela ou na capela?"

"Não faço a menor ideia", respondeu Kate. "Foi André que o leu para mim. Traduziu o texto."

"Talvez devêssemos procurar no exterior." "As rochas estavam aqui."

"É verdade."

Chris voltou-se frustrado, olhando em volta.

"Se Marcel tivesse feito uma chave a partir de qualquer coisa real", disse Kate, "nunca teria usado um caixão ou um sarcófago, porque poderiam ser removidos. Usaria qualquer coisa que estivesse fixa. Qualquer coisa nas paredes." "Ou no chão."

"Sim, ou no chão."

Ela estava junto da parede mais distante onde se via um pequeno nicho cortado na pedra. De início pensou que se tratava de pequenos altares, mas eram muito pequenos, e viu bocados de cera; era evidente que haviam sido talhados para suportarem uma vela. Avistou vários destes nichos para velas nas paredes da cripta. Notou que as paredes interiores do nicho se encontravam belamente esculpidas, com um desenho simétrico de asas de pássaros que se erguiam de cada um dos lados. E a escultura não fora tocada, talvez porque o calor das velas tivesse suprimido o crescimento do bolor.

Pensou: Simétrico.

Excitada, dirigiu-se rapidamente para o nicho de vela seguinte. A escultura representava duas cepas cheias de folhas. O nicho seguinte: duas mãos erguidas em oração. Continuou a percorrer os nichos da sala, verificando cada um deles. Em nenhum deles havia pés.

Com a ponta do pé, Chris desenhava no solo grandes arcos, raspando o bolor da pedra subjacente. Entretanto murmurava: "Pés grandes, pés grandes." Olhou para Chris e disse: "Na verdade sinto-me completamente estúpida." "Porquê?"

Apontava para a porta atrás dele - a porta por onde haviam entrado quando haviam descido a escada pela primeira vez. A entrada que um dia fora sofisticadamente esculpida mas que agora se encontrava completamente corroída.

Era possível ver, mesmo agora, qual fora o desenho original da escultura. Tanto do lado esquerdo como do lado direito havia sido esculpida uma série de protuberâncias. Cinco protuberâncias, com a maior no topo da porta e a mais pequena no fundo. A protuberância maior apresentava um entalhe liso na sua superfície, não deixando a menor dúvida sobre aquilo que as protuberâncias representavam.

Cinco dedos dos pés de cada lado da porta.

"Oh, valha-me Deus", disse Chris. "É o estupor de toda a porta."

Ela acenou com a cabeça em concordância. "Pés gigantes." "Porque é que eles haviam de ter feito uma coisa dessas?"

Ela encolheu os ombros. "Por vezes colocam figuras horrendas e demoníacas nas entradas e saídas. Para simbolizar a ascensão ou banimento de espíritos diabólicos."

Dirigiram-se rapidamente para a porta, e chegados aí Kate marcou cinco passos, em seguida quatro, e depois nove. Estava agora diante de um anel de ferro enferrujado montado na parede. Sentiam-se ambos excitados com a descoberta, mas quando o puxaram o anel ficou solto nas mãos, desfazendo-se em fragmentos avermelhados.

"Devemos ter feito qualquer coisa de errado." "Marca os passos de novo."

Voltou atrás e tentou com passos mais pequenos. Direita, esquerda, direita, esquerda. Estava agora diante de uma secção diferente da parede. Mas era apenas parede sem qualquer coisa de especial. Suspirou.

"Olha que não sei, Chris", disse ela. "Devemos estar a fazer qualquer coisa errada. Mas não sei o que é." Desencorajada, estendeu a mão, apoiando-se à parede.

“Talvez os passos ainda sejam muito grandes”, disse Chris. “Ou muito pequenos.”

Chris aproximou-se, parando junto da parede ao lado dela. “Vá lá, havemos de descobrir o que é.”

“Achas que sim?”

“Sim, não tenhas a menor dúvida.”

Afastaram-se da parede e dirigiam-se para a porta quando ouviram atrás deles um ruído surdo em tom baixo. Uma enorme pedra do soalho, exactamente no ponto onde haviam estado antes, desviara-se para o lado. Viram degraus de pedra que desciam. Ouviram um ruído distante de água. A abertura era negra e tinha um aspecto aterrador.

“Bingo”, disse ele.

03:10:12

Na sala de controlo sem janelas situada acima da plataforma de trânsito, Gordon e Stern não tiravam os olhos do ecrã do monitor. Mostrava uma imagem de seis painéis, representando os cinco contentores de vidro que haviam sido gravados. Enquanto olhavam, pequenos pontos brancos apareceram nos painéis.

“Aquela é a posição de cada ponto”, disse Gordon.

Cada um dos pontos era acompanhado por um enxame de números, mas eram muito pequenos para ser possível lê-los.

“É o tamanho e a profundidade de cada cavidade”, acrescentou Gordon. Stern não disse nada. A simulação continuou. Os painéis começaram a encher-se de água, o que era representado por uma fina linha horizontal em movimento ascendente. Sobrepostos a cada um dos painéis viam-se dois grandes números: o peso total de água e a pressão por polegada quadrada na superfície de vidro, no fundo de cada um dos painéis, onde a pressão era maior.

Mesmo que a simulação fosse altamente estilizada, Stern deu por si a suster a respiração. A linha de água subia cada vez mais.

Um dos tanques começou a verter: um ponto vermelho que acendia e apagava.

“Há uma fuga num dos tanques”, disse Gordon.

Um segundo tanque também começou a verter, e enquanto a água continuava a subir, uma linha quebrada atravessou o painel e este desapareceu do ecrã.

“Um dos tanques estourou.”

Stern estava a abanar a cabeça. “Até que ponto achas que esta simulação é fiável?”

“Bastante rápida e pouco fiável.”

No ecrã explodiu um segundo tanque. Os últimos dois encheram-se até ao topo sem incidentes.

“Muito bem”, disse Gordon. “O computador está a dizer-nos que três dos cinco painéis podem ser cheios.”

“Se acreditares nisso. Acreditas mesmo?”

“Pessoalmente, não acredito”, disse Gordon. “Os dados de entrada não são suficientemente bons, e o computador está a construir todo o género de suposições de stress que são bastante hipotéticas. Mas continuo a pensar que é melhor enchermos esses tanques no último minuto.”

Stern disse: “É uma pena que não exista um modo de reforçar os tanques.” Gordon ergueu o olhar rapidamente. “E como é que isso seria?” perguntou. “Tens alguma ideia?”

“Não sei. Talvez fosse possível encher as reentrâncias com plástico ou qualquer outro tipo de material. Ou talvez pudéssemos ...”

Gordon abanava a cabeça. “Faças o que fizeres, tem que ser uniforme. Tinhas que cobrir toda a superfície do tanque de uma maneira uniforme. Perfeitamente uniforme.”

“Não consigo encontrar uma maneira de se fazer isso”, respondeu Stern. “Pelo menos seria impossível em três horas”, disse Gordon. “E é o tempo

que nos resta.”

Stern sentou-se numa cadeira franzindo as sobrancelhas. Por uma razão qualquer, que não conseguia compreender, estava a pensar em carros de corrida. Uma sucessão de imagens fulgurantes passava-lhe pela mente. Ferraris. Steve McQueen. Fórmula Um. O homem da Michelin com o seu corpo arredondado de borracha. O emblema amarelo da Shell. Enormes pneus de camião silvando debaixo de chuva. B. E Goodrich.

Ocorreu-lhe que nem sequer gostava de carros. Mas quando estivera em New Haven tinha um antigo VW Carocha. Era evidente que a sua mente acelerada estava a tentar evitar uma realidade desagradável - qualquer coisa que não queria encarar.

O risco.

“Sendo assim, vamos limitarmo-nos a encher os painéis no último minuto e rezar?”, perguntou Stern.

“Exactamente”, disse Gordon. “É precisamente isso que vamos fazer. É um bocado arriscado. Mas acho que vai funcionar.”

“E a alternativa?” perguntou Stern.

Gordon abanou a cabeça. “Bloqueia o seu regresso. Não deixes que os teus amigos voltem. Arranja painéis de vidro perfeitamente novos, painéis que não tenham imperfeições, e começa tudo de novo.”

“E isso demora quanto tempo?” “Duas semanas.”

“Não é possível”, respondeu Stern. “Não podemos fazer isso. Temos que avançar já.”

“Está certo”, respondeu Gordon. “Vamos em frente.”

02:55:14

Marek e Johnston subiram as escadas de caracol. No topo encontraram-se com de Kere, que tinha um ar nitidamente satisfeito. Encontravam-se uma vez mais nas amplas instalações de La Roque. Oliver também lá estava, andando de um lado para o outro, o rosto corado e um ar irritado.

“Sentis o cheiro?”, gritou, apontando na direcção dos campos, onde as tropas de Arnaut continuavam a reunir-se.

Era o princípio da noite; o sol já descera no horizonte e Marek calculava que deviam ser cerca de seis da tarde. Mas mesmo à luz do crepúsculo conseguiam ver que as forças de Arnaut tinham instalado pelo menos uma dúzia de catapultas alinhadas no campo fronteiro. Depois do exemplo da primeira flecha incendiária haviam colocado os seus engenhos a suficiente distância uns dos outros, para evitar a possibilidade de um incêndio se propagar a mais do que um engenho.

Para lá das catapultas havia uma área de acantonamento com as tropas reunidas em torno das fogueiras. E, muito mais atrás, viam-se as centenas de tendas dos soldados com os contornos a sobreporem-se à linha escura da floresta.

Marek pensou que parecia uma coisa perfeitamente normal. O início de um cerco. Não fazia a menor ideia da razão pela qual Oliver se mostrava preocupado.

Um cheiro nítido a queimado elevava-se até eles das fogueiras espalhadas no campo. Fazia lembrar a Marek o cheiro característico dos assentadores de telhados. E com boa razão: tratava-se da mesma substância. “Sinto, meu Senhor”, disse Johnston. “É breu.”

O ar confuso de Johnston indicava que também ele não conseguia compreender porque é que Oliver se mostrava tão preocupado. Era prática normal no caso de um cerco lançar breu a arder sobre as muralhas do castelo.

“Sim, sim”, disse Oliver, “eu sei que é breu. É evidente que é breu. Mas não é tudo. Mas não sentis o outro cheiro? Estão a misturar qualquer coisa com o breu.”

Marek cheirou o ar, pensando que Oliver muito provavelmente teria razão. O breu puro tinha uma tendência para se apagar quando estava a arder. Por esse motivo o breu era normalmente combinado com outras substâncias

- óleo, estopa e enxofre - para obter uma mistura que queimasse de uma forma mais consistente.

"Sim, meu Senhor, também sinto o cheiro", disse Johnston. "E o que é?" perguntou Oliver num tom acusador.

"Julgo que é ceráunia."

"Também chamada a pedra do raio?" "Sim, meu Senhor."

"E nós também estamos a usar essa pedra do raio?" "Não meu Senhor ..." começou Johnston a dizer. "Ah! Era isso que eu pensava."

Oliver acenava agora na direcção de de Kere, como se as suas suspeitas tivessem sido confirmadas. Não havia a menor dúvida de que de Kere se encontrava por detrás daquilo tudo.

"Meu Senhor", disse Johnston, "não temos qualquer necessidade da pedra do raio. Temos coisa melhor. Nós usamos enxofre puro."

"Mas o enxofre não é a mesma coisa." Outro olhar na direcção de de Kere. "Muito pelo contrário, meu Senhor. A pedra do raio é pirite kerdoniana. Quando é finamente moída, temos o enxofre."

Oliver resmungou. Recomeçou a andar de um lado para o outro. Olhou ameaçadoramente.

"E como é possível", disse ele finalmente, "que Arnaut tenha conseguido essa pedra do raio?"

"Não faço a menor ideia", disse Johnston, "mas a pedra do raio é perfeitamente conhecida dos soldados. É mesmo mencionada por Plínio." "Procurais fugir às minhas perguntas com artimanhas, Magister. Não estou

a falar de Plínio. Falo de Arnaut. O homem é um porco ignorante. Não sabe nada a respeito da ceráunia ou da pedra do raio."

"Meu Senhor ..."

"A não ser que tenha sido ajudado", disse Oliver em tom sombrio. "Onde é que estão agora os vossos assistentes?"

"Os meus assistentes?"

“Vá lá, Magister, deixai-vos de fugir às minhas perguntas.”

“Um deles está aqui”, disse Johnston, fazendo um gesto na direcção de Marek. “Fui informado de que o segundo está morto e não tenho notícias do terceiro.”

“E julgo”, disse Oliver, “que sabeis muito bem onde é que eles estão. Estão os dois a trabalhar no campo de Arnaut, neste preciso momento em que estamos a falar. É esse o motivo pelo qual acontece ter essa pedra arcaria.”

Marek ouviu tudo isto com um sentimento crescente de constrangimento. Oliver nunca parecera mentalmente estável, mesmo em melhores tempos, Agora, confrontado com um ataque que se aproximava, estava a tornar-se abertamente paranóico - espicaçado por de Kere. Oliver parecia imprevisível, e perigoso.

“Meu Senhor...” começou Johnston.

“E mais ainda, estou convencido daquilo de que suspeitava desde o início! Sois um instrumento de Arnaut, porque haveis passado três dias em Sainte-Mère, e o Abade é um instrumento de Arnaut.”

“Meu Senhor, se quiserdes ouvir-me ...”

“De modo nenhum! Vós é que me ouvireis. Estou convencido de que trabalhais contra mim, de que vós, ou os vossos assistentes, conheceis a entrada secreta para o meu castelo, apesar de todos os vossos protestos, e de que o vosso plano é de vos escapardes logo que vos seja possível - talvez mesmo esta noite, sob a cobertura do ataque de Arnaut.”

Marek procurava não demonstrar os seus sentimentos. Isso era evidentemente aquilo que eles tencionavam fazer, se Kate alguma vez conseguisse encontrar a entrada da passagem.

“Aha!” disse Oliver apontando para Marek. “Estais a ver? Tem os maxilares cerrados. Ele sabe que aquilo que eu digo é verdade.”

Marek ia começar a falar, mas Johnston colocou-lhe uma mão no braço para o impedir. O Professor não pronunciou uma palavra, limitando-se a abanar a cabeça.

“O quê? Quereis impedir a sua confissão?”

“Não, meu Senhor, porque as vossas suspeitas não são verdadeiras.” Oliver olhou ameaçadoramente, continuando a andar de um lado para o outro. “Então trouxe-me as armas que eu já vos tinha pedido.”

“Meu Senhor, ainda não se encontram prontas.”

“Ha!” Outro aceno de cabeça na direcção de de Kere.

“Meu Senhor, são necessárias muitas horas para conseguir moer o pó.” “Daqui a muitas horas será demasiado tarde.”

“Meu Senhor, será sempre a tempo.”

“Mentis, mentis, estais a mentir.” Oliver fez meia volta, bateu com os pés, olhando intensamente para os engenhos do cerco. “Olha, para a planície. Vede como eles se preparam. Agora respondi-me, Magister. Onde é que ele está.” Verificou-se uma pausa. “Onde é que está quem, meu Senhor?”

“Arnaut ! Onde é que está Arnaut? As suas tropas reúnem-se para o ataque. É sempre ele que as conduz. Mas desta vez ele não está ali. Onde é que ele está?” “Meu Senhor, não sei dizer ...”

“A bruxa de Eltham está ali - estais a vê-la, de pé junto dos engenhos? Estais a ver? Está a observar-nos. Essa maldita mulher.”

Marek voltou-se rapidamente para observar. Claire encontrava-se de facto na planície entre os soldados, caminhando com Sir Daniel a seu lado. Marek sentiu que o seu coração começava a bater mais depressa, só de a ver, embora não tivesse grande certeza de ela vir a aproximar-se da linha do cerco. Estava a olhar para o topo das muralhas. E, de repente parou abruptamente. E pensou com uma certa dose de certeza que ela o tinha visto. Sentiu um impulso quase irresistível de lhe acenar com a mão, mas evidentemente não o fez. Nunca com Sir Oliver a resmungar e a bufar ao lado dele. Mas não deixou de pensar, vou sentir a falta dela quando regressar.

“Aquela Lady Claire”, exclamou Oliver num rugido, “é uma espia de Arnaut e sempre o foi desde o início. Conduziu os seus homens a Castelgard. Tudo arranjado, não há a menor dúvida, com as astúcias do Abade. Mas onde é que está o verdadeiro vilão? Onde é que está esse porco do Arnaut? Não é visto em parte nenhuma.”

Seguiu-se um silêncio incómodo. Oliver sorriu sinistramente.

“Meu Senhor”, começou Johnston, “compreendo a vossa preocup ...” “Não compreendeis nada!” Bateu intensamente com os pés olhando intensamente para eles. Para em seguida dizer: “Vocês os dois. Vinde comigo.”

A superfície da água era negra e oleosa, e mesmo olhando para ela a uma altura de dez metros, o cheiro era insuportável. Encontravam-se junto a um Poço circular localizado nas profundezas do castelo. A toda a volta as paredes eram escuras e húmidas, pouco iluminadas por rochas tremeluzentes.

A um sinal de Oliver, um dos soldados que se encontrava junto do poço começou a rodar uma manivela de ferro. Das profundezas da água uma grossa corrente de ferro começou a subir com grande estrépito.

“Chamam a isto o Banho da Senhora”, disse Oliver. “Foi construído por Francisco, o Gordo, que tinha um gosto especial por estas coisas. Dizem que Henri de Renaud foi mantido aqui durante dez anos até que morreu. Atiravam-lhe ratos vivos que ele matava e comia crus. Durante dez anos.”

A água agitou-se, e uma pesada gaiola de metal surgiu a superfície e começou a elevar-se no ar escorrendo água. As barras eram negras e cobertas de sujidade. O cheiro era insuportável.

Observando a subida da gaiola, Oliver disse: “Em Castelgard, prometi-vos Magister, que se me deixásseis decepcionado vos mataria. Sois um candidato ao Banho da Senhora.”

Olhou intensamente para eles com um ar tresloucado. “Confessai.”

“Meu Senhor, não há nada para confessar.”

“Então nada tendes que recear. Mas escutai uma coisa, Magister. Se eu descobrir que vós, ou os vossos assistentes, conheceis a entrada para este castelo, fecho-vos neste lugar do qual nunca conseguireis escapar em toda a vossa vida, e deixo-vos aqui na escuridão, para morrerdes de fome e apodrecerdes para sempre.”

Num dos cantos e empunhando uma rocha, Robert de Kere permitiu-se um sorriso fugaz.

02:22:13

Os degraus desciam íngremes na direcção da escuridão. Kate seguiu à frente, segurando a tocha. Chris seguiu atrás dela. Passaram por uma estreita passagem, quase um túnel, que parecia ter sido feito pelo homem, até chegarem a uma câmara muito mais ampla. Esta era uma caverna natural. Algures lá no alto e à esquerda avistaram o brilho pálido da luz natural; lá em cima devia haver uma entrada qualquer.

O terreno à frente deles continuava a descer acentuadamente. Mais adiante ela viu um enorme charco de água negra e ouviu o ruído das águas correntes do rio. O interior tinha um cheiro intenso semelhante a urina. Rastejou pelas pedras até conseguir chegar ao charco negro. No limite da água via-se uma pequena margem arenosa.

E na areia viu uma pegada. Várias pegadas.

“Não são recentes”, disse Chris.

“Onde é que está a vereda?”, disse ela. A sua voz ecoou. Então viu-a, mais para a esquerda, uma secção saliente que fora cortada directamente na parede da rocha, fazendo um recorte que permitia deslizar em torno do charco, passando por ele.

Avançou em frente.

As cavernas não a preocupavam. Estivera em diversas cavernas no Colorado e no Novo México com os seus amigos alpinistas. Kate seguiu a pista vendo pegadas aqui e ali, e riscos pálidos na rocha que podiam ter sido feitos pelo raspar de armas.

“Sabes”, disse ela, “esta caverna não poderia ter durado tanto se as Pessoas a tivessem usado para transportar água para o castelo durante um cerco.”

“Mas não usaram”, disse Chris. “O castelo tinha outro fornecimento de água. Deviam ter trazido alimentos, ou outros fornecimentos.”

“Mesmo assim. Até onde é que poderiam ter ido?”

“No século catorze”, disse Chris, “não era grande problema para os camponeses terem que caminhar vinte milhas, e por vezes ainda mais. Até os próprios peregrinos caminhavam doze ou quinze milhas por dia, e esses grupos incluíam mulheres e velhos.”

“Oh”, disse ela.

“Esta passagem podia ter dez milhas”, disse ele. E em seguida acrescentou: “Mas espero que não.”

Depois de terem passado a rocha saliente viram uma passagem aberta pela mão do homem que se afastava do charco negro. A passagem tinha cerca de metro e meio de altura e noventa centímetros de largura. Mas na margem do charco negro encontrava-se amarrado um barco de madeira. Um pequeno barco parecido com um barco a remos. Batia suavemente contra as rochas.

Kate voltou-se. “O que é que achas? Vamos a pé ou vamos de barco?” “Vamos de barco”, disse Chris.

Subiram para o barco. Viram os remos. Ela segurava a rocha e ele remava, e moveram-se com bastante rapidez porque havia uma corrente. Estavam no rio subterrâneo.

Kate sentia-se preocupada com o tempo. Calculou que lhes faltassem cerca de duas horas. Isto queria dizer que tinham que chegar ao castelo, reunirem-se com o Professor e com Marek, e saírem para um espaço aberto para que pudessem chamar a máquina - tudo isto num prazo máximo de duas horas.

Sentia-se contente com a corrente por lhes permitir deslizar mais rapidamente para o interior da caverna. A rocha que levava na mão produzia um som sibilante e crepitava. Nessa altura ouviram um

som sussurrante, como de papéis agitados pelo vento. O som tornava-se cada vez maior. Ouviram um chiar que fazia lembrar ratos.

Vinha de qualquer parte nas profundezas da caverna. Olhou para Chris interrogadoramente.

“É noite”, disse Chris, e nessa altura começou a vê-los - primeiro alguns, em seguida uma nuvem indistinta e finalmente uma torrente de morcegos que saíam em voo da cave, um rio castanho que passava no ar por cima do barco em que seguiam. Sentiu a brisa provocada por centenas de asas que batiam.

A torrente de morcegos continuou durante alguns minutos, para em seguida se fazer silêncio de novo, com excepção do crepitar da rocha.

Continuaram a deslizar em frente, descendo o escuro rio.

A rocha crepitou e começou a apagar-se. Rapidamente acendeu uma das outras que Chris trouxera da capela. Trouxera quatro rochas e agora restavam-lhes três. Três rochas seriam suficientes para voltarem de novo à superfície? O que é que eles fariam se a última rocha se apagasse e eles ainda tivessem que seguir em frente - talvez durante milhas? Teriam que rastejar na escuridão, procurando o caminho às apalpadelas, talvez durante dias? Conseguiriam alguma vez chegar ao fim ou iriam morrer ali no meio da escuridão?

“Pára”, disse Chris. “Paro o quê?”

“Pára de pensares nisso.” “De pensar em quê?”

Chris sorriu para ela. “As coisas estão a correr bem. Vamos conseguir.” Ela não lhe perguntou como é que ele sabia. Mas sentiu-se confortada com aquilo que ele disse, mesmo que fosse apenas uma fanfarronada.

Haviam passado por uma zona serpenteante, muito baixa, mas agora a caverna abria-se numa enorme câmara, uma caverna ampla com estalactites pendentes do tecto, em alguns lugares chegando até ao solo e mesmo até à água. Por toda a parte a luz tremeluzente

da rocha era dominada pela escuridão. Contudo, distinguiu uma pegada numa margem escura. Aparentemente existia uma vereda que se estendia a todo o comprimento da caverna.

O rio começava a ser mais estreito e corria mais depressa, abrindo caminho por entre as estalactites. Fazia-lhe lembrar um pântano da Louisiana, só que aqui era subterrâneo. De qualquer modo, estavam a fazer um bom tempo; sentia-se mais confiante. A esta velocidade seriam capazes de cobrir mesmo as dez milhas em poucos minutos. Afinal de contas, ainda era possível que conseguissem cumprir o tempo limite das duas horas. Na realidade até eram capazes de o fazer com uma certa facilidade.

O acidente aconteceu tão de repente que se apercebeu com dificuldade daquilo que ocorrera. Chris disse, "Kate", e ela voltou-se a tempo de ver uma estalactite que se aproximava da orelha, a cabeça embateu com violência na pedra, bem como a rocha - e o trapo a arder soltou-se da haste da rocha e, numa espécie de movimento fantasmagórico em câmara lenta, viu como caía da rocha para a superfície da água, reunindo-se ao seu reflexo. Crepitou, ouviu-se um silvo e apagou-se.

Estavam mergulhados numa escuridão total. Ela arquejou.

Nunca estivera antes numa tal escuridão. Não havia o menor vestígio de luz. Ouvia o gotejar da água, sentia uma leve brisa fria e tinha a noção da imensidão do espaço à sua volta. O barco ainda se movia; embatiam contra as estalactites aparentemente ao acaso. Ouviu um resmungo, o barco oscilou desgovernado e ouviu à popa o som de qualquer coisa que caía na água. "Chris?"

Lutou contra o pânico.

"Chris?" repetiu ela. "O que é que fazemos agora?" A voz ecoou na caverna sem resposta.

01:33:00

Começava a anoitecer, o céu escurecendo lentamente numa passagem de azul para negro, as estrelas aparecendo em grande número. Lord Oliver, as suas ameaças e explosões de fúria

terminadas de momento, fora com de Kere para o grande salão para jantar. Vindos do salão ouviam-se gritos e piadas; os cavaleiros de OliVer bebiam antes da batalha.

Marek regressou com Johnston ao arsenal. Olhou para o contador. Indicava O 1: 32:14. O Professor não lhe perguntou quanto tempo faltava, e Marek não se ofereceu para lhe dizer. Foi nesse altura que se ouviu um som sibilante. Os homens no topo das muralhas gritavam ao verem uma enorme massa em chamas passar sobre as muralhas, girando no ar, para descer na sua direcção, no pátio interior.

“Está a começar”, disse o Professor calmamente.

A quinze metros deles a massa em chamas esmagou-se no solo. Marek viu que era um cavalo morto, as patas saindo rigidamente das chamas. Sentiu o cheiro de pêlo e carne queimados. A gordura rebentou espalhando-se em volta. “Santo Deus”, exclamou Marek.

“Morto há muito tempo”, disse Johnston, apontando para as patas rígidas. “Gostam de atirar velhas carcaças por cima das muralhas. Havemos de ver pior do que isso antes que a noite acabe.”

Soldados corriam com água para apagar o fogo. Johnston dirigiu-se para o armazém do pó. Os cinquenta homens continuavam a moer o pó. Um deles misturava numa enorme bacia resina e cal viva, preparando uma grande quantidade da mistura acastanhada.

Marek observava o seu trabalho quando ouviu outro whoosh vindo do exterior. Qualquer coisa pesada embateu no tecto; todas as rochas nas janelas estremeceram. Ouviu homens que gritavam, correndo na direcção do telhado.

O Professor suspirou. “Atingiram. o alvo à segunda tentativa”, disse ele. “Era isto que eu receava.”

“O quê?”

“Arnaut sabe que há um paiol, e sabe mais ou menos onde é que se encontra situado - é possível avistá-lo quando se sobe a

colina. Arnaut sabe que esta sala estará cheia de pó. Se a conseguir atingir com um projectil incendiário, sabe que irá produzir grandes danos.”

“Irá explodir”, disse Marek, vendo à sua volta as pilhas de sacos de pó. Embora a maior parte do pó medieval não fosse capaz de explodir, já haviam demonstrado que o de Oliver seria capaz de detonar um canhão.

“Sim, irá explodir”, disse Johnston. “E muitas pessoas neste castelo irão morrer; irá haver confusão, e um enorme incêndio no meio do pátio. Isto quer dizer que será necessário tirar homens das muralhas para apagarem o fogo. E quando se tiram homens das muralhas durante um cerco ...”

“Arnaut iniciará a escalada.” “Imediatamente, podes crer.”

Marek perguntou: “Mas será possível que Arnaut consiga atingir esta sala com um projectil incendiário? Estas paredes de pedra devem ter mais de meio metro de espessura.”

“Não vai tentar atravessar as paredes. O tecto.” “Mas como ...”

“Tem. canhões”, disse o Professor. “E bolas de ferro. Vai aquecer as suas bolas de ferro ao rubro e em seguida dispará-las sobre as muralhas, na esperança de atingir o paiol. Uma bola de cinquenta libras será suficiente para atravessar o telhado e cair no interior. Quando isso acontecer será melhor não estarmos aqui.” Fez um sorriso forçado. “Onde raio é que estará Kate?”

01:22:12

Sentia-se perdida numa infinita escuridão. Era um pesadelo, pensou ela, enquanto se encolhia no fundo do barco, sentindo-o seguir à deriva e embater de estalactite em estalactite. Apesar do ar frio, começara a suar. O coração batia desordenadamente. A respiração era arquejante; sentia-se incapaz de respirar profundamente.

Sentia-se aterrorizada. Tentou mudar de posição e o barco oscilou descontrolado. Segurou-se com as duas mãos procurando estabilizá-lo. Voltou a chamar, “Chris?”

Ouviu um chapinhar a grande distância na escuridão. Fazia lembrar alguém que nadasse.

“Chris?” Vindo de grande distância: “Sim.” “Onde é que estás?”

“Caí.” Parecia muito distante. Onde quer que Chris estivesse, minuto a minuto afastava-se cada vez mais dele. Estava sozinha. Tinha que arranjar uma luz. Fosse de que maneira fosse, tinha que arranjar luz. Começou a rastejar na direcção da popa do barco, agarrando-se desesperadamente com as mãos, na esperança de que os dedos encontrassem uma das hastes, o que corresponderia a uma das rochas que ainda lhe restavam. O barco oscilou mais uma vez. Merda.

Fez uma pausa, esperando que ele se voltasse a estabilizar.

Onde é que estariam as estupores das rochas? Pensou que talvez estivessem no meio do barco. Mas não as encontrava em parte nenhuma. Encontrou os remos. Sentiu as pranchas. Mas não encontrava as rochas em parte nenhuma.

Teriam caído do barco juntamente com Chris? Arranjar uma luz. Tinha que arranjar uma luz.

Procurou atabalhoadamente no peito tentando encontrar a bolsa, conseguiu abri-la pelo tacto, mas mesmo assim não conseguia dizer o que é que se encontrava dentro. Havia pílulas... a lata... os dedos fecharam-se sobre um cubo, dando a ideia de um cubo de açúcar. Era um dos cubos vermelhos! Tirou um e colocou-o entre os dentes.

Em seguida tirou a adaga e cortou a manga da túnica, rasgando um bocado com cerca de 30 cm de comprimento. Amarrou o pano em volta do cubo vermelho e puxou o cordel.

Esperou. Não aconteceu nada.

Talvez o cubo tivesse ficado encharcado quando caíra à água junto do moinho. Supostamente os cubos deviam ser à prova de água, mas estivera dentro do rio durante muito tempo. Ou talvez este fosse simplesmente defeituoso. Tinha que tentar com outro.

Ainda tinha mais um. Começava a procurar de novo dentro da bolsa quando o pano que tinha na mão se incendiou.

“Porra!” gritou ela. Queimara a mão. Nunca pensara nisto em pormenor. Mas recusara-se a deixá-lo cair; cerrando os dentes, manteve-o acima da cabeça, e imediatamente viu as rochas à sua direita, encostadas a um dos lados do barco. Agarrou uma das tochas, encostou-a ao trapo a arder, e a tocha incendiou-se. Deixou cair o trapo no rio e mergulhou a mão na água.

A mão doía-lhe imenso. Olhou atentamente para a mão; a pele estava vermelha, mas fora isso não parecia estar em muito más condições. Ignorou a dor. Preocupar-se-ia com isso mais tarde.

Rodou a tocha à sua volta. Estava rodeada por estalactites de um branco pálido que desciam até ao rio. Tinha a sensação de se mover entre os dentes de um peixe gigantesco com a boca semiaberta. O barco embatia de estalactite em estalactite.

“Chris?”

De muito longe veio a resposta: “Sim.” “Consegues ver a minha luz?” “Consigo.”

Agarrou uma estalactite com a mão, sentindo a textura escorregadia de greda. Conseguiu deter o barco. Mas não conseguia remar de volta até Chris porque tinha que segurar a rocha.

“Podes chegar até junto de mim?” “Posso.”

Ouviu-o chapinhar na água algures na escuridão atrás dela.

Depois de ele ter subido de novo para o barco, encharcado mas sorridente, largou a estalactite e começaram a mover-se de novo com a corrente. Gastaram mais alguns minutos na floresta de estalactites, até que chegaram a uma nova câmara bastante ampla. A corrente era mais rápida. Algures mais à frente ouviram um ruído atoador. Parecia uma queda de água.

Mas nessa altura viu qualquer coisa que fez com que o seu coração desse um salto. Era um enorme bloco de pedra na margem do rio. O bloco estava gasto nos lados pelo roçar de cordas. Era claramente usado para amarrar barcos. “Chris ...”

“Estou a ver.”

Viu qualquer coisa que se parecia com uma vereda muito usada para lá do bloco mas não podia ter a certeza. Chris remou até se encostarem ao bloco, amarraram o barco e saíram. Era de facto uma vereda conduzindo a um túnel com paredes lisas, cortado artificialmente. Começaram a descer o túnel. Ela erguia a tocha à sua frente

Começou a normalizar a respiração. “Chris? Há um degrau.”

“O quê?”

“Um degrau. Cortado na rocha. Cerca de vinte metros à nossa frente.” Começou a andar mais depressa. Avançaram os dois mais depressa. “De facto”, disse ela levantando a tocha mais alto, “há mais do que um degrau. É uma escada completa.”

À luz trémula da tocha viram mais de uma dúzia de degraus que subiam numa inclinação íngreme, sem um corrimão, até terminarem num tecto de pedra - um alçapão onde se via uma argola de ferro.

Entregou a tocha a Chris e trepou as escadas. Puxou pela argola mas nada aconteceu. Empurrou o alçapão apoiando o ombro contra ele.

Conseguiu levantar a pedra cerca de uma polegada.

Viu uma luz amarela tão intensa que a fez pestanejar. Ouviu o crepitar de uma fogueira próxima e vozes de homens que riam às gargalhadas. Mas não conseguiu aguentar mais o peso e a pedra voltou a cair.

Chris já estava a subir a escada na sua direcção. “Auriculares ligados>, disse-lhe enquanto batia na orelha.

“Achas que sim?”

“Temos que correr o risco.”

Bateu na orelha, ouvindo o crepitar. Ouviu a respiração de Chris amplificada enquanto este se mantinha atrás dela na estreita passagem.

“Eu vou à frente”, disse-lhe ela. Procurou na bolsa, pegou no marcador e entregou-lho. Ele franziu as sobrancelhas. Ela respondeu: “Por causa das moscas. Não sabemos o que é que vamos encontrar do outro lado.”

“Okay.” Chris pousou a rocha e apoiou o ombro contra a porta do alçapão. A pedra rangeu, elevando-se lentamente. Rastejou através da abertura e em seguida ajudou-o a abrir a porta completamente, assentando-a no solo. Tinham conseguido.

Estavam no interior de La Roque.

01:13:52

Robert Doniger voltou-se segurando o microfone na mão. “Perguntai a vós próprios”, disse ele para o auditório vazio às escuras. “Qual é o modo dominante de experiência no final do século vinte? Como é que as pessoas vêem as coisas e como é que elas esperam ver as coisas? A resposta é simples. Em qualquer campo, dos negócios à política, ao marketing e à educação, o modo dominante passou a ser o divertimento.”

Em frente do estreito palco encontravam-se três cabinas almofadadas, dispostas em fila. Em cada uma das cabinas encontrava-se uma mesa, uma cadeira, um bloco de notas e um copo de água. Cada uma das cabinas era aberta na frente para que a pessoa que se encontrasse dentro dela só pudesse ver Doniger e não as pessoas que se encontravam nas outras cabinas.

Era este o modo como Doniger fazia as suas apresentações, Era um truque que ele aprendera em velhos estudos de psicologia de pressão dos pares. Cada uma das pessoas sabia que havia pessoas nas outras cabinas, mas não as podia ver nem ouvir. E colocava uma enorme pressão nos ouvintes. Porque estes tinham de se preocupar com aquilo que as outras pessoas iriam fazer. Tinham de se preocupar com a possibilidade das outras pessoas irem investir.

Caminhava no palco de um lado para o outro. “Hoje toda a gente espera ser entretida, e esperam ser entretidas continuamente. As reuniões de negócios devem ser rápidas, com listas de tópicos de

acção e gráficos animados para que os executivos não se aborream. Os centros comerciais e as lojas devem ser atraentes, para que divirtam ao mesmo tempo que vendem. Os políticos devem ter personalidades televisíveis agradáveis e dizerem-nos apenas aquilo que queremos ouvir. As escolas devem ser cuidadosas para não aborrecerem as jovens mentes que esperam a velocidade e a complexidade da televisão - toda a gente se deve divertir pois caso contrário mudam: mudam de marca, mudam de canais, mudam de partidos, mudam de lealdades. É esta a realidade intelectual da sociedade ocidental no final deste século.

“Noutros séculos os seres humanos queriam ser salvos, melhorar, ser libertados ou educados. Mas no nosso século procuram o entretenimento. O grande medo não é da doença ou da morte, mas do tédio. Uma sensação nas nossas mãos de tempo que passa, uma sensação de não haver nada para fazer. Uma sensação de que não nos estamos a divertir.

“Mas onde é que esta mania do divertimento irá terminar? O que é que as pessoas irão fazer quando ficarem cansadas da televisão? Quando ficarem cansadas do cinema? já sabemos a resposta - escolherão actividades participatórias: desportos, parques temáticos, cavalgadas, passeios de barco. Divertimento estruturado, emoções planeadas. E o que é que eles farão quando se cansarem de parques temáticos e emoções planeadas? Mais cedo ou mais tarde o artifício torna-se demasiado notório. Começam a aperceber-se de que um parque temático é, na verdade uma espécie de prisão, na qual se paga para ser um prisioneiro.

“Este artifício irá levá-los a procurarem autenticidade. Autenticidade virá a ser a palavra chave do século vinte e um. E o que é que podemos definir como autêntico? Qualquer coisa que não tenha sido projectada e estruturada para obter um lucro. Qualquer coisa que não, seja controlada por corporações. Qualquer coisa que exista por si mesmo, que assuma a sua própria forma. Mas é evidente que nada no mundo moderno tem a possibilidade de assumir a sua própria forma. O mundo moderno é o equivalente, em termos de corporação, a um jardim formal, onde tudo é plantado e

arranjado para produzir um determinado efeito. Onde nada é original, onde nada é autêntico.

“Sendo assim, para onde é que as pessoas se voltarão na rara e desejável experiência de busca de autenticidade? Irão voltar-se para o passado.

“O passado é indiscutivelmente autêntico. O passado é um mundo que existiu antes de Disney e Murdoch e Nissan e Sony e de todos os outros formadores dos nossos dias. O passado esteve aqui antes deles estarem. O passado surgiu e desapareceu sem a sua intrusão, modelagem e venda. O passado é real. É autêntico. E isto tornará o passado incrivelmente atractivo. É por isso que eu vos digo que o futuro está no passado. O passado é a única alternativa real para... Sim? Diana, o que é?> Voltou-se quando ela entrou na sala.

“Temos um problema na sala de trânsito. Parece que a explosão danificou os restantes escudos de água. Gordon fez uma simulação em computador que mostra quatro escudos a estilhaçarem-se quando são cheios com água.”

“Wellsey foi alterado”, disse Kramer a Stern. “Foi um dos primeiros animais de teste que enviámos. Antes de sabermos que num trânsito era necessário usar escudos de água. E foi profundamente alterado.”

“Alterado?” Kramer voltou-se Para Gordon. “Não lhe disseste nada?”

“Está claro que lhe disse”, respondeu Gordon. Disse a Stern: “Alterado significa que teve graves erros de transcrição.” Voltou-se novamente para Kramer. “Mas isso já aconteceu há anos, Diane, na altura em que também tínhamos problemas com os computadores ...”

“Mostra-lhe”, disse Kramer. “E então vamos ver se ele continua tão ansioso em trazer os seus amigos de volta. Mas o ponto fundamental de tudo isto é de que Bob tomou a sua decisão a este respeito e a resposta é não. Se não temos escudos fiáveis, ninguém pode regressar. Sejam quais forem as circunstâncias.”

Um dos técnicos que se encontrava nas consolas informou: "Temos um sinal de retorno.>

Agruparam-se em volta do monitor, observando a linha ondulante com os pequenos picos de superfície.

"Quanto tempo falta para eles regressarem?" disse Stern. "A avaliar por este sinal, cerca de uma hora."

"Pode dizer quantos são?" perguntou Gordon.

"Ainda não, mas... é mais do que um. Talvez quatro, ou cinco."

"São eles todos", disse Gordon. "Devem ter encontrado o Professor e regressam todos, Fizeram aquilo que lhes pedimos e estão todos de regresso." Voltou-se para Kramer.

"Lamento", disse ela. "Se não houver escudos, ninguém volta. Isto é definitivo."

01:01:52

Agachada atrás da porta do alçapão, Kate ergue-se lentamente. Encontrava-se de pé num pequeno espaço, que não tinha mais de um metro de largura, com paredes de pedra de ambos os lados. A luz da fogueira vinha de uma abertura à sua esquerda. Com a ajuda daquela luz amarelada, avistou uma porta directamente em frente dela. Atrás dela encontrava-se uma escada íngreme que conduzia ao topo da câmara, a cerca de dez metros de altura.

Mas onde é que ela estava?

Chris espreitou pela frincha do alçapão e apontou para a lareira. Disse num sussurro: "Julgo que sei porque é que eles nunca encontraram a porta para esta passagem."

"Porquê?" "Fica atrás da lareira."

"Atrás da lareira?" murmurou ela. E então verificou que ele tinha razão. Aquele espaço estreito era uma das passagens secretas de La Roque: atrás da lareira do grande salão.

Kate avançou cautelosamente, virou à esquerda, e viu que saía da parede traseira da lareira, encontrando-se no grande salão. A lareira tinha cerca de três metros de altura. Através das labaredas

viu a mesa principal de Oliver, onde os seus cavaleiros se encontravam sentados a comer, de costas voltadas para ela. Não estaria a mais de cinco metros deles.

Respondeu num sussurro: "Tens razão. É atrás da lareira."

Olhou para trás na direcção de Chris e, em seguida, fez-lhe um gesto para avançar. Preparava-se para continuar na direcção da porta que se encontrava à sua frente quando Sir Guy olhou de relance para a lareira, ao atirar com uma asa de frango para as chamas. Voltou-se de novo para a mesa continuando a comer.

Ela pensou para consigo: Raspa-te daqui.

Mas era demasiado tarde. Os ombros de Guy estremeceram; começava a voltar-se mais uma vez, Viu-a claramente, os seus olhos encontraram o olhar dela e gritou: "Meu Senhor." Afastou violentamente a cadeira da mesa e desembainhou a espada.

Kate correu para a porta, puxou-a freneticamente, mas estava fechada ou emperrada. Não era capaz de a abrir. Voltou-se para as estreitas escadas que se encontravam atrás dela. Viu Sir Guy de pé, do outro lado das chamas, hesitando. Olhou novamente para ela e mergulhou através das chamas na sua direcção. Viu Chris a sair do alçapão e disse: "Baixa-te!". Este baixou-se enquanto ela subia as escadas apressadamente.

Sir Guy chegou a uma posição directamente por debaixo dela, desferindo um golpe que por pouco a não atingiu, a espada batendo na pedra e desferindo faíscas. Praguejou e, em seguida, olhou para baixo, na direcção da abertura que se encontrava junto dele. Aparentemente não avistou Chris, porque logo a seguir o ouviu a trepar as escadas em sua perseguição.

Não tinha qualquer arma; não tinha nada. Só podia correr.

No topo das escadas, a cerca de dez metros do solo, havia uma estreita plataforma, e quando a alcançou, sentiu um novelo de teias de aranha que se lhe agarravam ao rosto. Sacudiu-as com a mão impacientemente. A plataforma era um quadrado que não devia ter

mais de meio metro de lado. Era arriscado, mas ela era uma trepadora e não sentia receio.

Mas Sir Guy sentia. Subia as escadas na direcção dela muito lentamente, fazendo pressão com o ombro contra a parede, mantendo-se tão longe do outro extremo quanto podia, agarrando-se a pequenas pegadas que existiam na argamassa da parede. Tinha um olhar desesperado e a respiração era ofegante. O valente cavaleiro tinha portanto medo das alturas. Mas o receio não era tão grande que o fizesse parar, segundo ela estava a ver. Mesmo que não houvesse mais nada, o seu desconforto fazia com que se sentisse ainda mais irritado. Olhou intensamente para ela com um ar homicida.

A plataforma dava para uma porta rectangular em madeira, COM UM Visor redondo do tamanho de uma moeda. Via-se que as escadas tinham sido construídas para conduzir àquela abertura, permitindo a um observador olhar para baixo para o grande salão e ver tudo aquilo que se passasse ali. Kate empurrou a porta, apoiando todo o seu peso contra ela, mas em vez de abrir, todo o rectângulo de madeira se desprende, caindo em baixo no soalho do grande salão, e ela quase que caiu através da abertura.

Estava dentro do grande salão.

Estava no topo, entre as pesadas vigas do tecto aberto. Olhava para baixo, na direcção das mesas que se encontravam a cerca de dez metros dela. Directamente à frente dela encontrava-se a viga principal correndo ao longo de todo o comprimento do salão. Esta viga cruzava-se com vigas horizontais a cada dois metros e meio, que assentavam nas paredes em ambos os lados. Todas as vigas estavam cuidadosamente talhadas, e escoradas a intervalos regulares.

Sem hesitação, Kate colocou-se sobre a viga central. Toda a gente que se encontrava em baixo olhava para cima; ficaram sobressaltados quando a viram, apontando para cima. Ela ouviu Oliver gritar em voz alta: "Por S. Jorge e os demónios do inferno! O assistente! Fomos traídos! O Magister!"

Deu um murro na mesa e pôs-se de pé, olhando intensamente para ela. Ela disse: "Chris. Encontra o Professor."

Ouviu um som indistinto. "... kay." "Estás a ouvir-me? Chris."

Apenas um ruído de estática.

Kate moveu-se rapidamente para a viga central. Apesar da altura a que se encontrava acima do solo, sentia-se perfeitamente à vontade. A viga tinha quinze centímetros de largura. Nada de especial. Ouvindo outra exclamação das pessoas que se encontravam em baixo, olhou para trás e viu Sir Guy que dava os primeiros passos na viga central. Parecia aterrorizado, mas a presença de uma audiência encorajava-o. Seria isso ou então pretendia evitar mostrar diante de tanta gente que tinha medo. Guy deu um passo hesitante, conseguiu equilibrar-se, e caminhou directamente na sua direcção movendo-se rapidamente. Moveu a espada num movimento amplo. Alcançou a primeira viga vertical, respirou fundo, e segurando-se ao poste vertical, contorceu o corpo para passar em volta dele. Continuou na direcção da viga central.

Kate recuou, verificando que aquela viga central era demasiado larga, demasiado fácil para ele. Caminhou lateralmente ao longo de uma viga horizontal, na direcção da parede lateral. Esta viga horizontal tinha apenas trinta centímetros de largura; ele iria ter problemas. Contornou uma secção difícil onde havia uma escora e em seguida continuou o seu caminho.

Só então é que se apercebeu do seu erro.

Geralmente os tectos medievais em aberto tinham um detalhe estrutural

no ponto em que se apoiavam na parede - outra escora, uma viga decorativa, uma espécie qualquer de trave ao longo da qual ela se pudesse mover. Mas este tecto era um reflexo do estilo francês: a viga entrava directamente na parede, apoiando-se num entalhe cerca de quatro pés abaixo da linha do tecto. Não havia qualquer detalhe de parede. Recordava-se agora de ter estado nas ruínas de La Roque e de ter visto esses entalhes. Em que é que ela estivera a pensar?

Estava encurralada na viga. Não podia avançar mais porque a viga terminava na parede. Não podia voltar ao centro porque Sir Guy se encontrava lá, esperando por ela. E não podia ir para a trave paralela, porque se encontrava a uma distância de dois metros e meio, muito longe para saltar.

Não era impossível mas era muito distante. Especialmente sem uma segurança.

Olhando para trás, viu Sir Guy que se aproximava na sua direcção, procurando equilibrar-se cuidadosamente, balançando levemente a espada na mão. Enquanto avançava sorria sinistramente. Sabia que a tinha apanhado.

Chegara a um ponto em que não tinha escolha. Olhou para a viga seguinte a dois metros e meio de distância. Tinha que o conseguir. O problema era de conseguir altura suficiente. Tinha que saltar para cima se quisesse tentar a travessia.

Guy estava a contornar a secção escorada, Naquele momento estava a segundos de distância dela. Acocorou-se na viga, respirou fundo, contraiu os músculos - e deu um impulso com as pernas com toda a força de que foi capaz, lançando-se em voo no espaço aberto.

Chris saiu da porta em pedra do alçapão. Olhou através das chamas e viu que toda a gente na sala se encontrava de olhos postos no tecto. Sabia que Kate estava lá em cima mas não havia nada que pudesse fazer por ela. Dirigiu-se directamente para a porta lateral e tentou abri-la. Vendo que ela nem sequer se mexia, atirou todo o seu peso contra ela e esta moveu-se cerca de uma polegada. Empurrou de novo; a porta rangeu e em seguida abriu-se de par em par.

Saiu para o pátio interior de La Roque. Soldados corriam de um lado para o outro. Um incêndio começara num dos cobertos, as galerias em madeira que corriam ao longo das muralhas. Qualquer coisa ardia numa grande fogueira no centro do próprio pátio. No meio de todo aquele caos ninguém lhe prestou atenção.

Disse: "André, estás aí?"

Um crepitar de estática. Nada

E logo em seguida: "Sim." Era a voz de André. "André? Onde é que estás?"

"Com o Professor." "Onde?" disse Chris.

"No arsenal."

"Onde é que fica isso?"

00:59:20

Havia duas dúzias de animais metidos em gaiolas no armazém do laboratório, na sua maioria gatos, mas também alguns porcos da Guiné e ratos. A sala cheirava a peles e a fezes. Gordon conduziu-o ao longo da ala lateral, dizendo: "Conservarnos os que foram alterados separados dos outros. Foi necessário."

Stern viu três gaiolas alinhadas junto à parede do fundo. As barras destas gaiolas eram grossas. Gordon conduziu-o até junto de uma, onde viu uma bola de pêlos, enrolada sobre si. Era um gato a dormir, um gato persa, de um cinzento pálido.

"Este é o Wellsey", disse Gordon com um aceno de cabeça.

O gato parecia perfeitamente normal. Respirava lentamente, suavemente, enquanto dormia. Conseguia ver metade do focinho acima da curva do pêlo. As patas eram escuras. Stern aproximou-se, mas Gordon colocou-lhe a mão no peito. "Não se aproxime demais", disse-lhe ele.

Gordon pegou num pau e raspou-o nas grades da gaiola.

O olho do gato abriu-se. Não lenta e preguiçosamente - abriu-o totalmente, instantaneamente alerta. O gato não se moveu, não se espreguiçou. Só o olho se abriu.

Gordon passou o pau pelas barras uma segunda vez.

Com um furioso sibilar o gato atirou-se contra as barras, a boca aberta, os dentes arreganhados. Chocou contra as barras, recuou e atacou novamente

- e mais uma vez, e ainda outra, incansavelmente, sem uma pausa, sibilando, rosnando.

Stern não conseguia desviar os olhos, horrorizado.

O focinho do animal estava horrivelmente distorcido. Um dos lados parecia normal mas o outro era distintamente mais baixo, o olho, a narina, tudo mais baixo, com uma linha que passava pelo centro do focinho dividindo as duas metades. É por isso que dão à alteração o nome de "partido", pensou.

Mas pior ainda era a parte de trás do focinho, que inicialmente não conseguira ver por causa dos saltos do gato e dos choques contra as barras, mas agora conseguia ver que na parte de trás da cabeça, atrás da orelha distorcida, havia um terceiro olho, mais pequeno e apenas parcialmente formado. E abaixo desse olho havia um pedaço de carne do nariz e a seguir um pedaço saliente de mandíbula que saía do lado do focinho como se fosse um tumor. Uma curva de dentes brancos saía da pelagem, embora não houvesse boca.

Erros de transcrição. Agora compreendia o que é que isso queria dizer.

O gato batia incansavelmente contra as grades; o focinho começava a sangrar por causa dos impactos repetidos. Gordon disse: "Vai continuar a fazer isto até sairmos daqui."

"Então o melhor é irmos embora", disse Stern.

Regressaram, mantendo-se em silêncio durante algum tempo. Foi então que Gordon disse: "E não é só aquilo que pode ver. Também há alterações mentais. Essa foi a primeira alteração importante na pessoa que foi alterada."

"Trata-se dessa pessoa de que me tem falado? Aquela que ficou para trás?" "Sim", disse Gordon. "Deckard. Rob Deckard. Era um dos nossos marines. Muito antes de termos visto as alterações físicas no seu corpo, deparámos com as alterações mentais. Mas só mais tarde é que compreendemos que a causa eram os erros de transcrição."

"Que tipo de alterações mentais?"

“Originalmente Rob era um tipo alegre, um óptimo atleta, extremamente dotado para as línguas. Era capaz de se sentar com um estrangeiro a beber uma cerveja, e quando acabasse já sabia dizer qualquer coisa nessa língua. Está a ver, uma palavra aqui, uma frase ali. Começava a dizer alguma coisa. Sempre com um sotaque perfeito. Ao fim de algumas semanas era capaz de falar como um nativo. Os marines foram os primeiros a dar por isso e mandaram-no para uma das suas escolas de línguas. Mas com o decorrer do tempo, e à medida que Rob ia acumulando danos, deixou de ser alegre, transformando-se numa pessoa má”, disse Gordon. “Realmente mau.”

“Sim?” “Espancou um dos guardas da entrada quase até à morte porque ele demorou demasiado tempo a verificar a sua identidade. E quase que matou um tipo num bar de Albuquerque. Foi nessa altura que começámos a verificar que Deckard sofrera danos permanentes no cérebro, e que não iria melhorar se não chegasse mesmo a ficar pior.”

De volta à sala de controlo, encontraram Kramer debruçada sobre o monitor, olhando para o ecrã, onde se viam as flutuações de campo. Começavam agora a ser mais fortes. E os técnicos estavam a dizer que pelo menos três estavam de volta, e talvez mesmo quatro ou cinco. Pela sua expressão via-se perfeitamente que Kramer estava dividida.

“Ainda continuo a pensar que o computador está errado e que os painéis vão aguentar”, disse Gordon. “Podemos perfeitamente encher agora os tanques e ver se eles aguentam.”

Kramer acenou afirmativamente. “Sim, podemos fazer isso, mas mesmo que eles encham sem estalar, não podemos ter a certeza de que não vão explodir mais tarde, durante o trânsito. E isso seria um desastre.”

Stern mudou de posição na cadeira. Subitamente sentia-se pouco à vontade. Havia qualquer coisa que o preocupava, uma espécie de verruma que sentia na parte de trás da mente. Quando Kramer falou em “explodir”, mais uma vez viu automóveis na sua

mente, uma sucessão de imagens que se repetia interminavelmente. Corridas de carros. Enormes pneus de caminhão. O Homem Michelin. Um enorme prego na estrada e um pneu que passava por cima. Explosão.

Os tanques de água iriam explodir. Os pneus iriam explodir. O que é que se passava com as explosões?

“Para resolvermos o problema”, disse Gordon, “Precisamos de arranjar uma maneira de reforçar os tanques.”

“Sim, mas já estivemos a estudar o problema”, disse Gordon. “Simplesmente não há maneira de o fazer.>

Stern suspirou. “Quanto tempo é que ainda falta?”

O técnico respondeu: “Cinquenta e um minutos e em contagem decrescente.”

00:54:00

Para espanto de Kate, ouviu aplausos do andar inferior. Conseguira fazer o salto; oscilou para a frente e para trás pendurada da viga. E lá em baixo no salão aplaudiam como se tudo aquilo fosse um número de circo.

Rapidamente deu um impulso com as pernas para cima, e trepou para a viga. Na trave que ficava atrás dela, Guy Malegant apressava-se a regressar à viga central. Via-se claramente que tencionava bloquear o seu regresso da trave em que se encontrava.

Ela correu ao longo da viga, de regresso ao centro do tecto. Era mais ágil do que Guy, e conseguiu chegar à ampla trave central muito antes dele. Parou por momentos para se recompor, para decidir o que é que havia de fazer.

O que é que ela ia fazer?

Estava de pé no meio do tecto aberto, agarrando-se a uma viga vertical com duas vezes o diâmetro de um poste telefónico. A peça tinha escoras de suporte que encaixavam diagonalmente em ambos os lados, começando a meio comprimento e ligando-se em seguida ao tecto. Estas escoras estavam tão baixas que, se Guy

pretendesse chegar até ela, teria que se pôr de cócoras para contornar a viga.

Kate estava agora de cócoras, vendo como é que seria para contornar a viga. Era difícil e teria que ser feito muito lentamente. Voltou a pôr-se em pé. Ao fazê-lo a mão roçou na adaga. Esquecera-se de que a tinha. Desembainhou-a, empunhando-a à sua frente.

Guy viu o que ela fazia e deu uma gargalhada. A sua gargalhada foi ouvida pela multidão que se encontrava em baixo. Guy gritou-lhes qualquer coisa que os fez rir ainda mais alto.

Ela viu que ele se aproximava e recuou. Estava a dar-lhe espaço para contornar a viga vertical. Tentou parecer aterrorizada - não era difícil - e aninhou-se, a faca tremendo na mão.

Vai tudo ser uma questão de tempo.

Sir Guy fez uma pausa no extremo da viga, observando-a durante alguns momentos. Em seguida baixou-se e começou a tentar contornar a viga. A mão agarrava a madeira, a espada na mão direita temporariamente comprimida contra a viga.

Ela correu em frente e cravou-lhe a adaga na mão, prendendo-a à viga. Em seguida virou-se para o lado oposto da viga e deu-lhe um pontapé nos pés apoiados na viga central. Guy caiu no espaço, ficando pendurado pela mão cravada na madeira. Cerrou os dentes mas não emitiu um único som. Jesus, aqueles tipos eram mesmo duros!

Empunhando ainda a espada, tentou erguer-se de novo para a viga. Mas nessa altura já ela voltara à sua posição original, no outro lado da viga. Os olhos dele encontraram o olhar dela.

Sabia aquilo que ela ia fazer. "Apodrece no inferno", rosnou ele. "Tu primeiro", respondeu ela.

Ela libertou a adaga da madeira. Guy caiu silenciosamente na direcção do solo do salão. A meio caminho embateu num mastro de onde pendia um estandarte; o corpo foi apanhado pela ponta revestida de ferro e por momentos ficou ali pendurado; em seguida o mastro partiu-se e ele foi estatelar-se numa das mesas fazendo

voar a louça em todas as direcções. Os convidados recuaram apressadamente. Guy jazia no meio da louça partida. Não se movia.

Oliver apontava para Kate e gritava: "Matem-no! Matem-no!" Os gritos ecoaram em toda a sala. Os arqueiros correram em busca das armas; de cabeça perdida saiu bruscamente do salão levando alguns soldados consigo.

Ela ouvia as criadas, crianças, toda a gente, entoando a mesma cantilena, "Matem-no!" e correu ao longo da trave central dirigindo-se para a parede no outro extremo do salão. Flechas sibilavam à volta dela, cravando-se na madeira com um som cavo, Mas era demasiado tarde; conseguia avistar uma segunda porta na outra parede, idêntica à primeira, e atirou-se contra ela com todas as suas forças abrindo-a de par em par e rastejando para fora do salão, mergulhando na escuridão.

Era um espaço muito apertado. Bateu com a cabeça no tecto e verificou que se tratava do extremo norte do grande salão, conseguindo manter-se de pé e não terminando na muralha do castelo. Além disso...

Empurrou o tecto

para cima. Uma das secções cedeu. Saiu para o telhado e daí trepou facilmente para o passadiço da muralha interior.

Do ponto onde se encontrava conseguia ver perfeitamente que o cerco se encontrava em evolução. Nuvens de setas incendiárias sibilavam por cima da sua cabeça numa trajectória em arco para descerem no pátio mais abaixo. Arqueiros instalados nas edificações ripostavam aos disparos. Canhões instalados nas muralhas estavam a ser carregados com setas de metal, enquanto de Kere caminhava para trás e para a frente ladrando instruções. De Kere não reparou nela.

Voltou-se de costas, fez pressão no ouvido e disse, "Chris?"

De Kere rodou sobre si próprio, a mão comprimindo a orelha. Enquanto se voltava olhava para toda a parte, desde a extensão das muralhas até ao pátio interior.

Era De Kere.

E, nesse momento, de Kere avistou-a. Reconheceu-a de imediato. Kate correu.

Chris disse: "Kate? Estou cá em baixo." Flechas incendiárias fustigavam o pátio. Acenou para ela no cimo da muralha, mas não tinha a certeza dela o conseguir ver por causa da escuridão.

Ela disse: "É ..." mas o resto perdeu-se na estática. Entretanto ele afastara-se, observando Oliver e quatro soldados atravessarem o pátio, dirigindo-se para uma construção quadrada que ele julgava ser o arsenal.

Chris começou a segui-los de imediato, quando uma bola em chamas caiu aos seus pés, saltou e rolou até parar. Através das chamas conseguia ver que era uma cabeça humana, os olhos abertos, os lábios arreganhados. A carne ardia, a gordura estalava. Um soldado que passava deu-lhe um pontapé como se fosse uma bola de futebol.

Uma das flechas que choviam no pátio passou a roçar-lhe o ombro, deixando atrás de si um rasto de chamas na manga. Sentia o cheiro do breu e o calor no braço e no rosto. Chris atirou-se ao chão mas o fogo não se apagou. Parecia arder sem chama; o calor tornou-se pior. Pôs-se de joelhos e, servindo-se da adaga, abriu o gibão. Sacudiu o vestuário que ardia, atirando-o para o lado. As costas da mão ainda ardiam por causa de pequenas gotas de breu. Esfregou a mão no pó do chão do pátio.

Finalmente o fogo apagou-se.

Erguendo-se de novo, disse: "André? Vou a caminho." Mas não veio qualquer resposta. Alarmado pôs-se de pé num salto, mesmo a tempo de ver Oliver emergir do arsenal, conduzindo o Professor e Marek à sua frente, enquanto se dirigia para uma porta mais distante na muralha do castelo. Os soldados empurravam-nos com a ponta das espadas. Chris não gostou do aspecto que aquilo estava a tomar. Tinha uma sensação desconfortável de que Oliver se preparava para os matar.

"Kate."

"Sim, Chris."

"Estou a vê-los."

"Onde?"

"A caminho daquela porta que fica no canto."

Começou a seguir atrás deles mas chegou à conclusão de que precisava de uma arma. A poucos pés de distância uma seta incendiária atingiu um soldado nas costas, derrubando-o de rosto para baixo. Chris debruçou-se sobre o homem, tirou-lhe a espada, voltou a erguer-se e seguiu o seu caminho.

"Chris." Uma voz de homem nos seus auriculares. Uma voz que não era familiar, que não reconheceu. Chris olhou à sua volta mas viu apenas soldados a correrem, setas incendiárias que sibilavam no ar, um pátio em chamas.

"Chris." A voz era suave. "Aqui."

Através das chamas viu um vulto escuro que se mantinha imóvel como uma estátua, olhando para ele do outro lado do pátio. Este vulto escuro ignorava o combate que se desenrolava à sua volta. Olhou intensamente para Chris. Era Robert de Kere.

"Chris. Sabes o que é que eu quero?" disse de Kere.

Chris não lhe respondeu. Nervosamente empunhou a espada com mais firmeza, sentindo-lhe o peso. De Kere limitava-se a observá-lo. Soltou um riso abafado. "Vais combater comigo, Chris?"

E então de Kere começou a caminhar na sua direcção.

Chris respirou fundo, não sabendo se havia de ficar ou de correr. E, de repente, uma porta no fundo do grande salão abriu-se violentamente e saiu um cavaleiro de armadura completa, embora sem elmo, rugindo: "Por Deus é o Arcebispo Arnaut!" Reconheceu o cavaleiro elegante, Raimondo. Dúzias de soldados em verde e negro entravam de roldão no pátio, começando a defrontar as tropas de OliVer numa batalha renhida.

De Kere ainda caminhava na sua direcção, mas vendo aquilo deteve-se, não tendo a certeza do que devia fazer com este novo desenvolvimento. De repente, Arnaut agarrou Chris pela garganta, erguendo a espada. Arnaut puxou-o para ele, gritando-lhe. "Oliver! Onde é que está Oliver?"

Chris apontou para a porta que se encontrava mais adiante. "Mostra-me!"

Atravessou o pátio com Arnaut, passando pela porta. Descendo uma escada em caracol, chegaram a uma série de câmaras subterrâneas. Eram amplas e sombrias, com tectos altos e em abóbada.

Arnaud seguia em frente, arrogante, o rosto corado com a fúria. Chris procurava desesperadamente manter o passo. Passaram por uma segunda câmara, vazia como a primeira. Mas agora Chris conseguia ouvir vozes à sua frente. Uma delas parecia a voz do Professor.

00:36:02

Nos monitores da sala de controlo, o campo ondulatório gerado por computador começara a mostrar picos. Mordendo o lábio, Kramer observava os picos, cada vez mais altos e mais largos. Tamborilou com os dedos na mesa. Finalmente disse, "Okay. Pelo menos vamos encher os tanques. Vamos ver como é que eles se comportam."

"Ótimo", disse Gordon, parecendo aliviado. Pegou no rádio e começou a dar ordens aos técnicos que se encontravam em baixo na sala de trânsito. Nos monitores vídeo Stern viu como eram arrastadas enormes mangueiras

para o primeiro dos tanques de blindagem que se encontrava vazio. Homens subiam escadas e ajustavam as uniões. "Acho que é melhor", disse Gordon. "Pelo menos podemos ..."

Stern colocou-se de pé num salto. "Não", disse ele. "Não façam isso." "O quê?"

Kramer olhou boquiaberta para ele. "Porquê? O que é que..."

“Não o façam!” disse Stern. Gritava na pequena sala de controlo. No ecrã viam-se os técnicos segurando as uniões nas aberturas de enchimento. “Diz-lhes para pararem! Não deitem água no tanque! Nem uma gota!”

Gordon deu uma ordem no rádio. Os técnicos olharam para cima surpreendidos, mas pararam o trabalho, colocando as mangueiras no chão. “David”, disse Gordon suavemente. “Acho que temos ...”

“Não”, respondeu Stern. “Não vamos encher os tanques.” “E porque não?”

“Porque vai dar cabo da cola.” “Da cola?”

“Sim”, disse ele. “Sei como reforçar os tanques.” Kramer perguntou: “Sabes? Como?”

Gordon voltou-se para os técnicos. “Quanto tempo falta?” “Trinta e cinco minutos.”

Voltou-se para Stern. “Só temos trinta e cinco minutos, David. Agora já não há tempo para fazer o que quer que seja.”

“Há sim”, respondeu Stern. “Ainda temos tempo. Se andarmos depressa como o raio.”

00:33:09

Kate chegou ao pátio central de La Roque, ao lugar onde vira Chris pela última vez. Mas Chris desaparecera.

“Chris?”

Não ouviu qualquer resposta no auricular. E era ele que tinha a cerâmica, pensou.

Por toda a parte no pátio viam-se corpos que ardiavam. Correu de corpo em corpo, verificando se algum deles seria o de Chris.

Viu Raimondo que lhe fez um pequeno aceno de cabeça e um gesto com a mão - e em seguida estremeceu. Por momentos pensou que fosse por causa das ondas de calor provocadas pelas chamas, mas em seguida viu Raimondo voltar-se, sangrando do lado. Havia um homem atrás dele atacando-o repetidamente com a espada,

ferindo-o no braço, no ombro, no tronco, na perna. Cada um dos golpes era suficiente para ferir, mas não para matar. Raimondo recuou aos tropeções, sangrando abundantemente. O homem avançou, continuando a golpear. Raimondo caiu de joelhos. O homem colocou-se sobre Raimondo, cortando incansavelmente. Raimondo caiu para trás e agora o homem cortava o rosto de Raimondo, golpes em diagonal cortando lábios e nariz, fazendo voar pedaços de carne. O rosto do atacante estava oculto pelas chamas, mas ela ouviu-o dizer: "Bastardo, bastardo, bastardo", a cada golpe que desferia. Verificou que estava a falar em Inglês. E foi então que viu quem era. O atacante era de Kere.

Chris seguiu Arnaut, embrenhando-se cada vez mais nas masmorras. Ouviram vozes ecoando algures à frente. Arnaut movia-se cada vez mais cautelosamente, permanecendo colado às paredes. Finalmente atingiram a última câmara, que era dominada por um enorme poço no solo. Acima do poço, uma enorme gaiola de metal estava suspensa de uma cadeira. O Professor estava no interior, o rosto inexpressivo, enquanto a gaiola era descida por dois soldados que faziam rodar uma manivela. Marek havia sido atirado para a parede mais distante com as mãos amarradas. Dois soldados permaneciam junto dele.

Lord Oliver mantinha-se junto da borda do poço, sorrindo sinistramente enquanto via a gaiola descer. Bebeu por uma taça de ouro e, em seguida, limpou o queixo. "Fiz-vos uma promessa, Magister", disse ele, "e vou cumpri-la." Para os soldados que faziam rodar a manivela disse: "mais devagar, mais devagar,"

Olhando para Oliver, Arnaut rosnou como um cão raivoso e ergueu a espada. Voltou-se para Chris e sussurrou: "Eu tomo conta de Oliver. Tomai conta dos outros."

Chris pensou: Os outros? Havia quatro soldados na dependência. Mas não havia tempo para protestar, porque com um grito de fúria, Arnaut avançava correndo enquanto gritava: "Oliver!"

Lord Oliver voltou-se ainda com a taça na mão. Com um ar de desdém, observou: "Com que então o porco aproxima-se

finalmente.” Atirou a taça para o lado e desembainhou a espada. Instantes depois iniciava-se o combate.

Chris corria agora na direcção dos soldados que se encontravam junto da manivela, não estando muito certo daquilo que havia de fazer; os soldados que se encontravam junto de Marek ergueram as espadas. Oliver e Arnaut combatiam de forma selvagem, as espadas entrecrocando-se, praguejando entre cada golpe desferido.

Tudo corria agora demasiado depressa. Marek passou uma rasteira a um dos soldados que se encontrava junto dele e esfaqueou-o com uma faca tão pequena que Chris não a conseguia ver. O outro soldado voltou-se para enfrentar Marek e este deu-lhe um pontapé tão violento que ele recuou aos tropeções, chocando com a manivela e ficando prostrado no solo.

Sem se esperar, a manivela começou a rodar mais depressa. Havia um mecanismo qualquer de rodas dentadas que produzia um enorme ruído, mas não havia a menor dúvida de que se movia muito mais rapidamente. Chris viu a gaiola do Professor descer abaixo do nível do solo, desaparecendo dentro do poço.

Nessa altura Chris chegara junto do primeiro dos soldados, que estava de costas voltadas para ele. O homem começou a voltar-se e Chris desferiu-lhe um golpe, ferindo-o gravemente. Desferiu-lhe um segundo golpe; o homem caiu.

Agora restavam apenas dois soldados. Marek, com os pulsos ainda atados, recuava de um deles, baixando-se para evitar a lâmina que sibilava à sua volta. O segundo soldado manteve-se junto da manivela. Tinha a espada desembainhada e estava pronto para combater. Chris atacou; o homem parou o golpe facilmente. Nessa altura Marek, que recuava em círculo, chocou com o soldado que se voltou instantaneamente. Marek gritou, “Agora!” e Chris cravou-lhe a espada. O homem caiu no solo.

A manivela ainda rodava. Chris agarrou-a, para logo em seguida saltar para o lado, quando a espada do quarto soldado desceu como um raio, desferindo faíscas ao embater no ferro. A

gaiola mergulhou ainda mais. Chris recuou. Marek estendia os pulsos amarrados na direção de Chris; mas Chris não tinha a certeza de ser capaz de controlar a espada. Marek gritava, "Fá-lo!" e Chris desferiu o golpe; a corda desfez-se e, nesse momento, o quarto soldado estava sobre ele. O soldado lutava com a fúria de um homem encurralado; Chris foi golpeado no antebraço ao recuar. Chegou à conclusão de que estava em apuros quando de repente o seu atacante olhou para baixo horrorizado, vendo a ponta sangrenta de uma espada que lhe saía do abdômen. O soldado caiu no solo e Chris viu Marek empunhando a lâmina.

Chris correu para o guincho. Agarrou a manivela e conseguiu deter a descida. Agora conseguia ver que a gaiola se encontrava quase totalmente mergulhada na água oleosa. A cabeça do Professor estava pouco acima da água. Mais uma volta de manivela e teria ficado completamente submerso.

Marek veio ter com ele e juntos começaram a rodar a manivela fazendo subir a gaiola. Chris perguntou: "Quanto tempo é que falta?"

Marek olhou para o contador. "Vinte e seis minutos."

Entretanto Arnaut e Oliver continuavam a sua luta; encontravam-se agora num canto escuro dos calabouços, e Chris conseguia distinguir as centelhas produzidas pelas espadas quando se entrechocavam,

A gaiola foi-se elevando no ar escorrendo água. O Professor sorriu para Chris. "Sempre pensei que chegavas a tempo", disse.

As barras negras da gaiola estavam escorregadias nas mãos de Chris, quando ele empurrava a gaiola acima de si, afastando-a do poço. Limos e água negra escorriam para o chão sujo dos calabouços, deixando pequenos charcos. Chris regressou à manivela; ele e Marek fizeram descer a gaiola até a apoiarem no solo. O Professor estava encharcado, mas parecia aliviado por estar de novo em terreno firme. Chris voltou-se para abrir a porta da gaiola, mas viu que estava fechada. Via-se um pesado cadeado de ferro do tamanho do punho de um homem.

“Onde é que está a chave?” Perguntou Chris voltando-se para Marek. “Não faço a menor ideia”, disse Marek. “Estava no chão quando o puseram dentro da gaiola. Não vi o que é que se passou.”

“Professor?” Johnston abanou a cabeça. “Não tenho a certeza. Estava a olhar para ali.” Acenou com a cabeça na direcção do poço.

Marek desferiu um golpe de espada no cadeado. Voaram centelhas mas o cadeado era sólido; a espada apenas o arranhou. “Isto nunca vai funcionar”, disse Chris. “Precisamos da porra da chave, André.”

André voltou-se e olhou à sua volta inspeccionando os calabouços. Chris perguntou: “Quanto tempo falta?”

“Vinte e cinco minutos.”

Abanando a cabeça, Chris dirigiu-se para o soldado mais próximo e começou a revistá-lo.

00:21:52

Na sala de controlo, Stern via os técnicos mergulharem a pálida membrana de borracha num balde de cola, para em seguida a colocarem ainda a escorrer, dentro da abertura do escudo de vidro. Em seguida ligaram um tubo de ar comprimido e a borracha começou a expandir-se. Por momentos foi possível ver que era um balão meteorológico, mas em seguida continuou a expandir-se

tornando-se mais fina, ficando translúcida, assumindo a forma curva do escudo de vidro, até ter atingido todos os cantos do contentor. Em seguida fecharam-na, dispararam um cronómetro e aguardaram até a cola endurecer.

Stern perguntou, “Quanto tempo falta?”

“Mais vinte e um minutos.” Gordon apontou para os balões. “É um dispositivo caseiro, mas funciona.”

Stern abanou a cabeça. “Há uma coisa que não me tem saído da mente nesta última hora.>

“O que é?”

“As descargas”, respondeu. “Não me sai da cabeça, o que é que estamos a tentar evitar aqui? E a resposta é, descargas. Como acontece com um carro, quando os pneus se esvaziam. E continuo a pensar nos problemas dos carros. E parecia estranho, porque agora as descargas são extremamente raras. Nos carros novos dificilmente se encontram. Porque os novos pneus têm uma membrana interior que é auto-selante.” Deu um suspiro. “Não me sai da cabeça porque é que esta coisa especial me martelava o cérebro e finalmente cheguei à conclusão de que era esse o ponto fundamental: também havia uma maneira de construir aqui uma membrana.”

“Isto não é auto-selante”, disse Kramer.

“Não”, disse Gordon, “mas aumenta a espessura do vidro e distribui a tensão.”

“Certo”, respondeu Stern.

Os técnicos haviam colocado balões em todos os tanques e tinham-nos tapado. Agora estavam à espera de que a cola endurecesse. Gordon olhou de relance para o relógio. “Mais três minutos.”

“E a seguir quanto tempo para cada tanque?”

“Seis minutos. Mas conseguimos fazer dois tanques ao mesmo tempo.” Kramer respirou fundo. “Dezoito minutos. Mesmo à tagente.”

“Vamos conseguir”, disse Gordon. “Sempre conseguimos bombear a água mais depressa.”

“E a tensão não irá colocar os tanques em maior risco?” “Eu sei. Mas conseguimos fazê-lo se for preciso.”

Kramer olhou de novo para o monitor, onde o campo continuava a ondular. Mas os picos agora eram mais nítidos. Ela perguntou: “Porque é que as ondas de interferência estão a mudar?”

“Não estão”, respondeu Gordon sem olhar para trás.

“Ah isso é que estão”, disse ela. “Os picos estão a ficar mais pequenos.” “Mais pequenos?”

Gordon aproximou-se para observar. Franziu as sobrancelhas ao olhar para o ecrã. Viam-se quatro picos, depois três e finalmente dois. Em seguida quatro de novo. “Não te esqueças de que aquilo que estás a ver é na verdade uma função de probabilidade”, respondeu. “As amplitudes de campo reflectem a probabilidade de que o acontecimento irá ter lugar.”

“Em inglês?”

Gordon não tirava os olhos do ecrã. “Do lado deles deve ter acontecido qualquer coisa de errado. E, seja o que for, alterou as probabilidades que eles tinham de regressar.”

00:15:02

Chris estava a suar. Resmungava quando teve que voltar o corpo inerte do soldado para continuar a sua busca. Passara minutos de grande tensão revistando os uniformes em castanho e cinzento dos dois soldados mortos, numa tentativa de encontrar a chave. As túnicas eram longas e por debaixo delas os soldados usavam camisas interiores acolchoadas; no seu conjunto, uma grande quantidade de pano. Embora isso não quisesse dizer que a chave podia ser facilmente escondida. Chris sabia que o cadeado da gaiola teria uma chave com várias polegadas de comprimento e seria em ferro.

Mas Chris não a conseguia encontrar. Nem no primeiro soldado, nem no segundo. Praguejando pôs-se de pé.

No outro lado dos calabouços, Arnaut continuava o seu combate com Oliver; o entrechocar das espadas continuava incansavelmente, num ruído metálico firme. Marek continuava ao longo das paredes, segurando a rocha, investigando os cantos escuros do calabouço. Mas também ele parecia não

estar a ter sucesso.

Chris quase que conseguia ouvir na sua cabeça o tiquetaque do relógio. Olhou à sua volta, tentando adivinhar onde é que a chave poderia estar escondida. Infelizmente chegou à conclusão de que poderia ser em qualquer parte: pendurada na parede ou enfiada na

base de um dos candelabros. Dirigiu-se para o guincho e analisou o mecanismo. E finalmente encontrou-a - uma enorme chave de ferro no chão junto do guincho. "Já cá canta!"

Marek olhou para cima, e em seguida deu uma vista de olhos ao seu contador de pulso, enquanto Chris se dirigia em corrida na direcção da gaiola para inserir a chave. A chave entrou de imediato, mas não conseguia rodar.

Inicialmente chegou a pensar que o mecanismo estivesse emperrado, mas ao fim de trinta segundos agonizantes de esforço, viu-se forçado a concluir que afinal de contas aquela não era a chave. Sentindo-se impotente e irritado, atirou a chave para o tecto. Voltou-se para o Professor fechado atrás das grades. "Lamento", disse Chris, "sinceramente peço desculpa."

Como sempre, o Professor mantinha-se imperturbável. "Estive a pensar, Chris", disse ele, "precisamente em tudo aquilo que se passou."

"acho que era Oliver que a tinha", disse o Professor. "Foi ele que me fechou. Julgo que foi ele que guardou a chave."

"OliVer?" Do outro lado da sala Oliver continuava a lutar, embora agora fosse evidente que estava a perder, Arnaut era melhor espadachim e Oliver estava embriagado e sem fôlego. Sorrindo sinistramente, Arnaut foi empurrando OliVer com golpes medidos até à borda do poço. Chegado ali Oliver, arquejante e a suar, inclinou-se no rail de protecção, demasiado exausto para continuar.

Suavemente Arnaut colocou-lhe a ponta da espada no pescoço. "Misericórdia." Oliver disse arquejante. "Peço misericórdia." Arnaut lentamente foi pressionando com a espada. Oliver tossiu,

"Meu Senhor Arnaut", disse Marek adiantando-se. "Precisamos da chave da gaiola."

"Eh? Chave? Da gaiola?"

Arquejante, Oliver sorriu. "Sei onde é que ela está." Arnaut espetou mais a espada. "Falai."

OliVer abanou a cabeça. "Nunca."

“Se nos disserdes”, disse Arnaut, “poderei poupar-vos a vida.” Ouvindo isto, Oliver ergueu um olhar atento. “Falais verdade?”

“Não sou nenhum inglês traidor de duas caras”, disse Arnaut. “Dai-nos a chave e juro como verdadeiro fidalgo de França que não vos matarei.” Arquejante, Oliver olhou para Arnaut durante vários segundos. Finalmente

ergueu-se novamente e disse: “Muito bem.” Atirou a espada para o solo, procurou debaixo das vestes e tirou uma pesada chave de ferro. Marek pegou nela. Oliver voltou-se para Arnaut. “Como vedes, cumpri a minha parte. Sois um homem de palavra?”

“De facto”, disse Arnaut, “não vos matarei.” Avançou rapidamente e agarrou os joelhos de Oliver. “Vou dar-vos um banho.”

E empurrou Oliver sobre o rail, fazendo-o cair no poço. Oliver mergulhou na água negra que se encontrava em baixo; veio à tona cuspendo. Praguejando, nadou para uma das partes laterais do poço e estendeu a mão, procurando agarrar-se às rochas. Mas as rochas em volta do poço estavam escuras com os limos. As mãos de Oliver escorregaram. Não conseguia firmar-se. Engoliu água enquanto chapinhava atabalhoadamente à superfície. Ergueu o olhar para Arnaut e praguejou.

Arnaut disse: “Nadais bem?”

“Muito bem, filho de um porco francês.”

“Ótimo”, disse Arnaut. “Então o vosso banho irá demorar algum tempo.”

E afastou-se do poço. Com um aceno de cabeça na direcção de Chris e Marek, disse: “Estou em dívida para convosco. Que Deus vos conceda a Sua Misericórdia todos os dias da vossa vida.” E dito isto, correu rapidamente para se reunir de novo à batalha. Ouviram o ruído dos seus passos a desvanecer-se ao longe.

Marek abriu o cadeado e a porta abriu-se com um rangido. O Professor saiu da gaiola. Perguntou, “Quanto tempo?”

“Onze minutos”, respondeu Marek.

Saíram apressadamente dos calabouços. Marek coxeava, mas mesmo assim conseguia mover-se rapidamente. Atrás deles ouviam Oliver que chapinhava na água.

“Arnaut!”, gritou Oliver, a voz ecoando nas escuras paredes de pedra. “Arnaut!”.

00:09:04

As amplas janelas no outro extremo da sala de controlo deixavam ver os técnicos a encherem os escudos com água. Os escudos estavam a aguentar perfeitamente. Mas ninguém na sala de controlo estava a olhar para os escudos. Em vez disso olhavam silenciosamente para o monitor da consola, observando as ondulações do trémulo campo gerado por computador. Durante os últimos dez minutos os picos haviam-se tornado nitidamente mais baixos, até que agora tinham quase desaparecido; quando às vezes apareciam eram apenas ondulações ocasionais na superfície.

Mesmo assim continuavam a observar.

Por momentos as ondulações pareceram tornar-se mais fortes, mais definidas. “Está a acontecer alguma coisa?” perguntou Kramer num tom de esperança.

Gordon abanou a cabeça. “Acho que não. Julgo que são apenas flutuações aleatórias.”

“Julguei que se estivesse a tornar mais acentuado disse Kramer.

Mas Stern podia ver que não era verdade. Gordon tinha razão; a mudança era apenas aleatória. A ondulação no ecrã continuava intermitente, instável. “Qualquer que seja o problema do lado de lá”, disse Gordon, “ainda continuam com ele.”

00:05:30

Através das chamas que se erguiam no pátio central de La Roque, Kate viu o Professor e os outros saírem de uma porta distante. Correu para eles. Parecia que todos estavam bem. O Professor fez um aceno de cabeça na sua direcção. Moviam-se todos rapidamente.

Kate perguntou a Chris: "Tens a cerâmica?"

"Tenho. Está aqui." Tirou-a do bolso, voltando-a para premir o botão. "Não há espaço suficiente."

"Há espaço ..." disse Chris.

"Não. Precisas de dois metros de lado ou já te esqueceste?"

Estavam rodeados pelas chamas. "Nunca serás capaz de encontrar isso neste Pátio", disse Marek.

"É verdade", disse o Professor. "Temos que sair para o pátio seguinte." Kate olhou em frente. O portão que dava para o pátio exterior encontrava-se a trinta metros de distância. Mas na casa da guarda a barreira estava levantada. De facto dava a impressão de que ninguém estava a guardar a entrada; os soldados tinham saído para combater os intrusos.

"Quanto tempo?" "Cinco minutos."

Okay", disse o Professor. "Toca a mexer."

Moveram-se em passo de corrida através do pátio em chamas, ladeando os incêndios e os soldados em combate. O Professor e Kate seguiam à frente.

Marek, fazendo caretas por causa da dor na perna, seguia atrás. E Chris, preocupado com Marek, seguia em último lugar.

Kate alcançou o primeiro portão. Não havia qualquer guarda. Passaram o portão entre os espigões da barreira levantada. Entraram no pátio intermédio. "Oh, não", exclamou Kate.

Todos os soldados de Oliver se encontravam agrupados no pátio intermédio, e parecia haver centenas de cavaleiros e pajens correndo de um lado para o outro, gritando para os homens nas muralhas, transportando armas e provisões.

"Aqui não há espaço", disse o Professor. "Temos que passar o portão seguinte. Sair para fora do castelo."

Marek chegou a coxear, arquejante. Olhou de relance para o pátio e disse: "Passadiço."

“Sim”, disse o Professor acenando com a cabeça. Apontou para a parte superior das muralhas. “O passadiço.”

O passadiço era uma passagem fechada construída em madeira, construída na parte exterior das muralhas. Era uma plataforma de combate coberta, que permitia aos soldados dispararem contra as tropas atacantes. Podiam conseguir deslocar-se ao longo do passadiço até atingirem o extremo oposto do pátio e o portão mais distante.

Marek disse: “Onde é que está Chris?” Olharam para trás na direcção do pátio central. Não o viam em parte nenhuma.

Chris mantivera-se atrás de Marek pensando que talvez tivesse que o carregar e perguntando a si próprio se seria capaz, quando de repente foi empurrado para o lado, atirado nitidamente contra a muralha. Ouviu uma voz atrás dele dizer em perfeito inglês: “Tu não pá. Ficas aqui.” E sentiu a ponta de uma espada pressionada contra as suas costas.

Voltou-se para ver Robert de Kere na sua frente, empunhando a espada. De Kere agarrou-o rudemente pela gola, empurrando-o contra outra parede. Chris verificou alarmado que se encontravam na parte de fora do arsenal. Com o pátio em chamas não era o local ideal para estarem.

De Kere parecia não se preocupar. Sorriu. “Para dizer a verdade”, disse, “nenhum de vocês, seus filhos da mãe vão a qualquer lado.”

“Porquê isso tudo?” disse Chris, não tirando os olhos da espada. “Porque tens o marcador deles, parceiro.”

“Não, não tenho.”

“Não te estás a esquecer de que posso ouvir as vossas transmissões, pois não?” De Kere estendeu a mão. “Vá lá, dá-me o marcador.”

Agarrou Chris mais uma vez e empurrou-o pela porta. Chris entrou aos tropeções no arsenal. Agora estava vazio, todos os soldados tinham fugido. A toda a volta viam-se empilhados sacos de pólvora. As bacias onde os soldados tinham estado a moer o pó ainda se encontravam no solo.

“O filho da puta do teu Professor”, disse de Kere quando viu as bacias. “Com a mania de que sabe tudo. Dá-mo.”

Chris procurou atabalhoadamente debaixo do gibão, procurando a bolsa. De Kere estalou os dedos impacientemente. “Vá lá, vá lá, mexe-te.”

“Só um minuto”, disse Chris.

“Raios vos partam”, exclamou de Kere. “Exactamente como Doniger. Sabes o que é que Doniger disse? Não te preocupes Rob, estamos a desenvolver uma nova tecnologia que vai resolver o teu problema. É sempre a nova tecnologia que resolve a porra dos problemas. Mas não desenvolveu qualquer nova tecnologia. Nunca o tencionou fazer. Estava apenas a mentir, como aliás faz sempre. A porra da minha cara.” Tocou na cicatriz que descia até ao centro do rosto. “Dói-me continuamente. Qualquer coisa sobre os ossos. É uma dor insuportável. E o meu interior está numa confusão incrível. As dores nunca passaram.

De Kere estendeu a mão com a palma para cima em tom irritado. “Ou me dás isso ou mato-te já aqui.”

Chris sentiu os dedos tocarem na lata. A que distância é que o gás funcionaria? Não à distância de uma espada. Mas não havia qualquer alternativa. Chris respirou profundamente e projectou o gás. De Kere tossiu, mais irritado do que surpreendido, e avançou

para ele. "Seu filho da mãe", disse. "Achas que isso foi uma grande ideia? Uma verdadeira maldade. Rapazinho esperto." Espetou Chris com a espada, fazendo-o recuar. Chris recuou.

"Por causa dessa gracinha vou abrir-te de alto a baixo e deixar-te ver as tripas saírem cá para fora." E deu um golpe de baixo para cima, mas Chris evitou facilmente o ataque e pensou, parece que está a fazer efeito. Voltou a pulverizar, mais perto do rosto de de Kere e em seguida baixou-se quando a espada descreveu um arco e caiu no chão, derrubando uma das bacias.

De Kere cambaleou, mas conseguiu aguentar-se de pé. Chris pulverizou uma terceira vez e de Kere ainda conseguiu arranjar forças para se manter de pé. Desferiu um novo golpe, a lâmina sibilando; Chris tentou evitar o golpe, mas a lâmina fez-lhe um golpe no braço acima do cotovelo direito. O sangue começou a escorrer da ferida, pingando no solo. A lata caiu-lhe da mão.

De Kere sorriu sinistramente. "Os truques aqui não fazem efeito", disse. "Isto é que é real. Uma verdadeira espada. Agora observa o que se vai passar, parceiro."

Preparou-se para desferir um novo golpe. Ainda estava cambaleante mas ficando cada vez mais forte. Chris baixou-se quando a lâmina zumbiu sobre a sua cabeça e se cravou nos sacos de pó que se encontravam empilhados. O ar ficou cheio de partículas cinzentas. Chris recuou novamente e, desta vez, sentiu que o pé tocava numa das bacias que se encontrava no solo. Ia dar-lhe um pontapé quando sentiu o peso com o pé. Não era uma das bacias de pó, tratava-se de uma pasta espessa. E tinha um cheiro desagradável. Reconheceu-o imediatamente: era o cheiro de cal viva.

O que queria dizer que a bacia aos seus pés estava cheia de um fogo automático.

Rapidamente Chris baixou-se e agarrou a bacia com ambas as mãos. De Kere fez uma pausa.

Sabia o que era.

Chris aproveitou o momento de hesitação e atirou a bacia directamente ao rosto do adversário. Atingiu-o no peito, a pasta castanha espalhando-se pelo rosto, braços e corpo.

De Kere rugiu.

Chris precisava de água. Onde é que estava a água? Olhou em volta, desesperado, mas soube a resposta de imediato: não havia água naquela sala. Agora encontrava-se encurralado num canto. De Kere sorriu. "Não tens água?" perguntou. "É uma pena, rapazinho malandro." Segurou a espada horizontalmente à sua frente e avançou. Chris sentiu a pedra nas costas e soube de imediato que estava acabado. Pelo menos os outros podiam salvar-se.

Viu de Kere aproximar-se, lentamente, cheio de confiança. Conseguia sentir o hálito de de Kere; estava suficientemente perto para cuspir nele. Cospe nele.

No instante em que pensou nisso, Chris cuspiu em de Kere - não no rosto, mas no peito. De Kere bufou, enojado: o miúdo nem sequer era capaz de cuspir. Nos pontos em que o cuspo tocou na pasta, começou a fumar e a crepitar.

De Kere olhou para baixo, horrorizado.

Chris cuspiu de novo. E mais uma vez.

O silvar era cada vez mais alto. Viram-se as primeiras centelhas. Dentro de momentos de Kere iria ficar envolto pelas labaredas. Em pânico de Kere esfregou a pasta com os dedos, mas só conseguiu espalhá-la mais; agora fervia e crepitava nos dedos, por causa da humidade da própria pele.

"Vê as coisas acontecerem, parceiro", disse Chris.

Correu para a porta. Atrás dele ouviu um whump quando de Kere se incendiou. Chris olhou para trás vendo a parte superior do corpo do cavaleiro envolta em chamas. De Kere olhava para ele através das chamas.

Então Chris começou a correr. Correu tão depressa quanto podia. Fugindo do arsenal.

Na porta do meio os outros avistaram-no a correr na direcção deles. Agitava as mãos. Não compreenderam porquê. Ficaram no centro da passagem, esperando que ele chegasse junto deles.

Estava a gritar, "Vão, vão!" e fazendo gestos para se moverem, virando a esquina. Marek olhou para trás e viu chamas que começavam a sair das janelas do arsenal.

"Mexam-se!" disse. Empurrou os outros através do portão, passando para o pátio seguinte.

Chris estava a passar o portão em corrida quando Marek lhe agarrou no braço, obrigando-o a abrigar-se, no instante exacto em que o arsenal explodiu. Uma enorme esfera de chamas ergueu-se acima das muralhas; todo o pátio estava inundado por uma luz ofuscante. Soldados, tendas e cavalos eram derrubados pela onda de choque. Havia fumo e confusão por toda a parte.

"Esqueçam o passadiço", disse o Professor. "Vamos embora." E correram a direito atravessando o pátio. Conseguiram ver o portão final mesmo à sua frente.

00:02:22

Na sala de controlo ouviam-se gritos e vivas. Kramer dava saltos. Gordon dava palmadas nas costas de Stern. O monitor mostrava de novo flutuações de campo. Intensas e potentes.

"Estão de volta a casa!" gritou Kramer.

Stern olhou para os ecrãs, onde se viam os tanques na sala em baixo. Os técnicos já tinham acabado de encher com água alguns dos escudos, e estes estavam a aguentar. Os tanques restantes ainda estavam a ser cheios, embora o nível de água estivesse quase no topo.

"Quanto tempo?" disse ele. "Dois minutos e vinte."

"Quanto tempo falta para encher os tanques?" "Dois minutos e dez."

Stern mordeu o lábio. "Achas que vamos conseguir?" "Podes apostar o coiro", disse Gordon.

Stern voltou a observar as flutuações de campo. Tornavam-se cada vez mais fortes e mais nítidas, com as cores falsas a reflectirem-se nos picos. O instável pico principal estava agora estável, salientando-se da superfície, tomando forma. “Quantos é que estão de volta?” perguntou ele. Mas sabia a resposta antecipadamente, porque o pico principal se estava a dividir em cristas separadas. “Três”, disse o técnico. “Parece que estão três de volta.”

00:01:44

O portão final estava fechado: a pesada grade da passagem estava descida e a ponte levadiça tinha sido levantada. Cinco guardas jaziam agora no solo e Marek estava a levantar a grade para que pudessem passar. Mas a ponte levadiça ainda estava fechada.

“Como é que conseguimos abrir esta história?” perguntou Chris.

Marek olhava para as correntes que entravam na própria casa da guarda. “Ali”, disse ele, apontando para cima. Havia um mecanismo no andar de cima. “Vocês ficam aqui”, disse Marek. “Eu trato disso.”

“Volta depressa”, disse Kate.

“Não te preocupes. É isso que farei.”

Subindo uma escada em espiral, Marek entrou numa pequena sala de pedra, estreita e nua e dominada pelo guincho de ferro que fazia subir a ponte levadiça. Dentro viu um homem de idade, de cabelos brancos, tremendo de medo enquanto segurava uma barra de ferro nos elos da corrente. Esta barra de ferro mantinha a ponte levadiça fechada. Marek empurrou o velho para o lado e tirou a barra de ferro. A corrente moveu-se com estrépito; a ponte levadiça começou a descer. Olhou para o contador e sentiu-se em pânico quando viu

00:01:19.

“André.” Ouviu Chris nos auriculares. “Anda-te embora.”

“Estou a caminho.”

Marek voltou-se para sair, Nessa altura ouviu o som de passos em corrida e chegou à conclusão de que havia soldados no tecto da casa da guarda, que vinham a descer para ver porque é que a ponte levadiça estava a ser descida.

Se saísse agora da sala, iriam de imediato impedir que a ponte levadiça continuasse a descer.

Marek sabia o que é que isso queria dizer. Tinha que ficar durante mais tempo.

Em baixo, ao ar livre, Chris observava a ponte enquanto ela descia, com as cadeias a produzirem um som metálico. Através da abertura conseguia ver o céu escuro e as estrelas. Chris repetiu: "André, anda embora.>

"Há aqui soldados.> "E depois?"

"Tenho que ficar de guarda à corrente."

"O que é que queres dizer?", perguntou Chris.

Marek não respondeu. Chris ouviu um resmungo e um grito de dor. Marek estava lá em cima a lutar. Chris observava a ponte que continuava a descer. Olhou para o Professor. Mas o rosto do Professor continuava inexpressivo.

Mantendo-se no final das escadas que vinham do telhado, Marek ergueu a espada. Matou o primeiro soldado quando surgiu. Matou também o segundo soldado, empurrando os corpos com o pé quando caíram e mantendo o soalho limpo. Os outros soldados detiveram-se em confusão e ouviu murmúrios e sinais de consternação.

A corrente da ponte levadiça ainda chocalhava. A ponte levadiça continuava a descer.

"André, anda-te embora."

Marek olhou para o contador. Indicava 00:01:04. Naquele instante pouco mais de um minuto. Olhando pela janela viu que os outros não tinham esperado que a ponte levadiça estivesse completamente descida; correram para a rampa em declive e

saltaram para o campo no exterior do castelo. Agora quase que não os conseguia distinguir na escuridão.

“André.” Era Chris mais uma vez. “André.”

Outro homem desceu as escadas e Marek desferiu um golpe com a espada, atingindo o guincho e espalhando centelhas. O homem recuou apressadamente, gritando e empurrando os outros.

“André, corre.” disse Chris. “Ainda tens tempo.”

Marek sabia que era verdade. Ainda era capaz de o fazer. Se saísse agora os homens não seriam capazes de erguer a ponte levadiça antes dele conseguir sair em corrida, saltando para o campo onde já se encontravam os outros.

Sabia que estavam lá fora, esperando por ele. Os seus amigos. Esperando para regressarem todos juntos.

Quando se voltou para descer as escadas o seu olhar caiu no velho, ainda encolhido a um canto. Marek pensou como é que seria viver toda uma vida num mundo como aquele. Viver e amar, constantemente em risco, com doenças e fome, morte e assassínios. Como é que seria manter-se vivo num mundo daqueles.

“André. Vens ou não vens?” “Não há tempo disse Marek. “André.”

Olhou lá para fora para a planície e viu sucessivos flashes de luz. Estavam a chamar as máquinas. Preparando-se para partir.

As máquinas encontravam-se lá. Mantinham-se todos nas plataformas. Vapor frio libertava-se das bases, rastejando em espirais ao longo da relva escura.

Kate disse: “André, anda-te embora.”

Houve um curto silêncio. Em seguida: “Eu não me vou embora”, disse Marek.. “Eu fico aqui.”

“André, não estás a pensar com a cabeça.” “Podes crer que sim.”

Ela perguntou: “Estás a falar a sério?”

Kate olhou para o Professor. Limitou-se a acenar lentamente com a cabeça. "Sempre quis isto durante toda a sua vida."

Chris enfiou o marcador de cerâmica na fenda que se encontrava a seus pés.

Marek olhou pela janela da casa da guarda. "Hey, André." Era Chris.

"Até à vista Chris." "Toma conta de ti."

"André." Era Kate. "Não sei o que é que hei-de dizer." "Adeus, Kate."

Finalmente ouviu o Professor dizer: "Adeus, André." "Adeus", disse Marek.

No auricular, ouviu uma gravação, "Não mexam - olhos abertos - respirem fundo - aguentem - Agora!"

Na planície viu um flash brilhante de luz azul. Em seguida houve outro e mais outro, diminuindo de intensidade, até que não havia mais nada.

Doniger andava de um lado para o outro no palco às escuras. No auditório, os três executivos da corporação sentavam-se em silêncio enquanto olhavam para ele.

"Mais cedo ou mais tarde", disse, "o artífice do entretenimento - entretenimento constante, sem parar - levará as pessoas a procurarem a autenticidade. Autenticidade passará a ser a palavra chave do século vinte e um. E o que é autêntico? Tudo aquilo que não é controlado por corporações. Tudo aquilo que não é projectado e estruturado para conseguir lucro. Tudo aquilo que existe por si próprio, que assume a sua própria forma. E o que é mais autêntico de tudo? O passado.

"O passado é um mundo que já existiu antes da Disney e de Murdoch, da British Telecom e da Nissan, da Sony e da MM, e de todos os outros formadores do presente. O passado esteve aqui antes de nós termos estado. O passado surgiu e desapareceu sem a sua intrusão e modelagem. O passado é real. É autêntico. E isto irá

tornar o passado incrivelmente atraente. Porque o presente é a única alternativa para o passado corporativo.

“O que é que as pessoas irão fazer? já o estão a fazer. Actualmente o segmento de viagens de crescimento mais rápido é o turismo cultural. Pessoas que querem visitar não outros lugares, mas outros tempos. Pessoas que querem mergulhar em cidades medievais rodeadas de muralhas, em enormes templos budistas, em cidades de pirâmides maias, em necrópoles egípcias. Pessoas que querem andar e permanecer no mundo do passado. O mundo desaparecido.

“E não querem que tudo isso seja falso. Não querem que seja alindado ou limpo. Querem que seja autêntico. Quem é que poderá garantir essa autenticidade? Quem é que se tornará na marca registada do passado? A ITC.

“Irei demonstrar-lhes dentro em pouco”, disse ele, “os nossos planos para o turismo cultural nos locais de todo o mundo. Irei concentrar-me num deles existente em França, mas também temos muitos outros. Em todos os casos entregamos sempre o projecto ao governo do país. Mas possuímos o terreno envolvente, o que quer dizer que seremos donos dos hotéis e restaurantes e lojas, todo o aparelho do turismo. Isto para não falar dos livros e filmes, guias, costumes e tudo o resto. Os turistas pagarão dez dólares para entrarem no local. Mas gastarão quinhentos dólares em custos de estadia fora dele. Tudo isso será controlado por nós.” Sorriu. “Para ter a certeza de que tudo isso será realizado convenientemente, como se compreende.”

Um gráfico foi projectado atrás dele.

“Calculamos que cada um dos locais irá gerar mais de dois biliões de dólares por ano, incluindo o merchandising. Calculamos que o rendimento total das companhias irá gerar mais de cem biliões de dólares por ano ao atingir a segunda década do século que vai entrar. É esta uma das razões para assumirmos estes compromissos.

“A outra razão é mais importante. Sob a aparência do turismo, estamos com efeito a construir uma marca registada intelectual. Tais

marcas já existem em termos de software, por exemplo. Mas não existe nenhuma quando falamos de história. E, no entanto, a História é a mais poderosa ferramenta intelectual que a sociedade possui. Sejamos claros. A História não é um registo desapaixonado de acontecimentos mortos. Nem se trata de um recreio para académicos permitindo as suas disputas triviais.

“A finalidade da História é de explicar o presente - para dizer que o mundo à nossa volta é como é. A História diz-nos aquilo que é importante no nosso mundo e como é que isso aconteceu. Diz-nos porque é que as coisas que valorizamos são as que devíamos valorizar. E diz-nos aquilo que deve ser ignorado ou desprezado. Isto é o verdadeiro poder - um poder profundo. O poder para definir toda uma sociedade.

“O futuro assenta no passado - em quem quer que controle o passado. Um tal controlo nunca antes havia sido possível. Agora é. Nós na ITC queremos assistir os nossos clientes na formação do mundo em que todos nós vivemos, trabalhamos e consumimos. E ao fazermos isso, acreditamos que iremos ter o vosso total e incondicional apoio.”

Não houve qualquer aplauso, apenas um silêncio de gelo. Esse foi o modo como sempre aconteceu. Levou-lhes algum tempo para compreender aquilo que ele estava a dizer. “Obrigado pela vossa atenção”, disse Doniger, e saiu do palco a passos largos.

“É melhor que seja importante”, disse Doniger. “Não gosto de interromper uma sessão desta maneira.”

“É importante”, disse Gordon. Caminhavam ao longo do corredor na direcção da sala das máquinas.

“Estão de volta?”

“Acho que sim. Temos as blindagens a funcionar e três deles estão de volta.” “Quando?”

“Há cerca de quinze minutos.” “E?”

“Passaram por muito. Um deles está bastante ferido e vai precisar de hospitalização. Os outros dois estão bem.”

“E depois? Qual é o problema?” Passaram a porta.

“Querem saber”, disse Gordon, “porque é que a ITC não lhes contou os seus planos.”

“Porque não têm nada a ver com isso.” Respondeu Doniger. “Arriscaram as vidas...”

“Ofereceram-se como voluntários.” “Mas eles ...”

“Oh, que se fodam”, explodiu Doniger. “Porquê toda esta súbita preocupação? Quem é que se preocupa? Não passam de um bando de historiadores - de qualquer modo, vão todos perder o trabalho, a não ser que estejam na disposição de trabalhar para mim.”

Gordon não respondeu. Estava a olhar por cima do ombro de Doniger. Este voltou-se lentamente.

Johnston estava ali de pé, e a rapariga, que agora tinha o cabelo cortado muito curto, e um dos homens. Estavam sujos, em farrapos e cobertos de sangue. Estavam junto a um monitor vídeo que mostrava o auditório. Os executivos estavam agora a deixar o auditório e o palco continuava vazio. Mas deviam ter ouvido o discurso, pelo menos parte disso.

“Muito bem”, disse Doniger, sorrindo repentinamente. “Sinto-me muito contente por estarem de volta.”

“Também nós”, disse Johnston. Mas não sorriu. Ninguém falou. Limitaram-se a olhar para ele intensamente.

“Oh, vão todos para o raio que os parta”, disse. Voltou-se para Gordon. “Porque é que me trouxe para aqui? Porque os historiadores estão preocupados? Este é o futuro, gostem ou não gostem. Não tenho tempo para esta merda. Tenho uma companhia para dirigir.”

Mas Gordon tinha um pequeno cilindro de gás na mão. “Houve algumas discussões, Bob”, disse. “Julgo que a partir de agora a companhia deverá ser dirigida por alguém mais moderado.”

Ouviu-se um silvo. Doniger sentiu um cheiro acre, parecido com éter.

Acordou, ouvindo um zumbido em tom agudo, e aquilo que se parecia com o ruído de metal lacerado. Estava dentro da máquina. Viu que todos olhavam para ele atrás das blindagens. Sabia que não devia sair, pelo menos até ter começado. Disse em voz alta, "Isto não vai funcionar" e, logo em seguida, o flash violeta da luz laser cegou-o. Os flashes começavam agora a surgir rapidamente. Viu a sala de trânsito erguer-se no ar enquanto ele encolhia - em seguida o silvar da espuma enquanto ela descia na sua direcção - e, por último, o rangido final nos ouvidos, enquanto fechava os olhos, esperando pelo impacto. Negrume total.

Ouviu o chilrear dos pássaros e abriu os olhos. A primeira coisa que fez foi olhar para o céu. Estava claro. Não era portanto o Vesúvio. Encontrava-se numa floresta primitiva com enormes árvores. Portanto não era Tóquio. O chilreio dos pássaros era agradável. Não era Tunguska.

Onde raio é que ele estava?

A máquina pousou fazendo um pequeno ângulo; o solo da floresta descia para a esquerda. Viu luz por entre os troncos das árvores a uma certa distância. Saiu da máquina e desceu a encosta. Algures à distância ouviu o rufar lento de um tambor solitário.

Fez uma pausa junto das árvores e olhou para baixo na direcção de uma sociedade fortificada. Estava parcialmente obscurecida pelo fumo de muitas fogueiras, mas reconheceu-a de imediato. Oh, que raio, pensou ele, é apenas Castalgard. O que é que seria tão importante para ter que vir aqui?

Era Gordon, evidentemente, que se encontrava atrás dele. Essa treta de posição sobre o modo como os académicos se encontravam desapontados. Era Gordon. O filho da mãe estivera a desenvolver a tecnologia, e agora estava convencido de que também passaria a dirigir a companhia. Gordon mandara-o de regresso, convencido de que não seria capaz de voltar.

Mas Doniger conseguia regressar e era isso que iria fazer. Não se sentia preocupado, porque trazia sempre com ele uma cerâmica. Enflou-a numa ranhura no tacão do sapato e, em seguida, tirou o

sapato e olhou para a ranhura. Sim, não havia dúvida, a cerâmica branca estava lá. Mas entrara muito na fenda e parecia ter bloqueado dentro da ranhura. Quando sacudiu o sapato a cerâmica não caíu. Tentou com um pauzinho que meteu na ranhura, mas o pau partiu-se.

Tentou tirar o tacão do sapato, mas não conseguiu arranjar um ponto de apoio; o tacão não se moveu. Aquilo de que precisava era de uma ferramenta metálica de qualquer espécie, uma cunha ou um cinzel. Tinha a certeza de que podia encontrar uma ferramenta na cidade.

Voltou a calçar o sapato, tirou o casaco e a gravata e começou a descer a encosta. Olhando para a cidade, notou alguns detalhes estranhos. Estava muito perto da porta leste da muralha da cidade, mas o portão estava aberto de par em par. E não se viam soldados ao longo das muralhas. Era estranho. Qualquer que fosse o ano era obviamente um tempo de paz - havia essas épocas, entre as invasões inglesas. Mas, mesmo assim, era de opinião de que a porta deveria estar sempre guardada. Olhou para os campos e não viu ninguém a tomar conta deles. Pareciam descuidados, com grandes tufo de ervas daninhas.

Mas que raio é que se passa? pensou.

Passou pelo portão e entrou na cidade. Viu que o portão não estava guardado porque o soldado de guarda jazia morto, deitado de costas. Doniger ,debruçou-se para o observar melhor. Viam-se laivos brilhantes de sangue na zona dos olhos. Pensou que devia ter sido atingido na cabeça.

Voltou-se para a cidade. O fumo, via agora, saía de pequenos potes que haviam sido colocados por toda a parte - no solo, nas muralhas ou nos postes de vedação. E a cidade parecia estar deserta, vazia naquele brilhante dia de sol. Dirigiu-se para o mercado mas não havia lá ninguém. Ouviu o som de monges que entoavam um cântico; dirigiam-se na sua direcção. E ouviu o tambor. Sentiu um arrepio.

Uma dúzia de monges, todos de negro, viraram a esquina numa espécie de procissão, entoando um cântico. Alguns deles estavam nus até à cintura, fustigando-se com chicotes de couro reforçado com pontas de metal. Os ombros e as costas sangravam abundantemente.

Flagelantes. Era aquilo que eles eram, flagelantes. Doniger deu um pequeno gemido

e afastou-se dos monges, que passaram por ele em formação cerrada, ignorando-o. Continuou a afastar-se, cada vez mais, até que as suas costas tocaram em qualquer coisa de madeira.

Voltou-se e viu uma carroça de cavalos feita de madeira, mas não havia cavalo. Viu montes de roupas empilhadas na carroça. Em seguida viu um pé de criança saindo de uma das pilhas de roupa. Um braço de mulher saía de outra pilha. O zumbido das moscas era muito alto. Uma nuvem de moscas cobria os corpos.

Doniger começou a tremer.

No braço viam-se estranhas manchas negras. A Morte Negra.

Sabia agora qual era o ano. 1348. O ano em que a praga atingiu Castélgard pela primeira vez e matou um terço da população. E sabia como é que se espalhava - com as picadas das moscas, pelo toque e pelo ar. O facto de respirar o mesmo ar era suficiente para matar. Sabia que podia matar rapidamente, que as pessoas caíam simplesmente nas ruas. Num minuto uma pessoa estava perfeitamente bem. Em seguida vinha a tosse e a dor de cabeça. Uma hora depois a pessoa estava morta.

Estivera muito perto do soldado que se encontrava no portão de entrada. Estivera perto do rosto do homem.

Muito perto.

Doniger encostou-se sem forças a uma parede enquanto o torpor do pânico o ia invadindo.

Sentou-se sem forças e, nesse momento, começou a tossir.

# EPÍLOGO

A chuva fustigava a cinzenta paisagem inglesa. Os limpapára-brisas chiavam num movimento para a esquerda e para a direita. No lugar do condutor, Edward Johnston inclinou-se para a frente e semicerrou os olhos tentando ver através da chuva. Lá fora avistavam-se pequenas colinas de um verde escuro, demarcadas por sebes escuras e tudo nublado por causa da chuva. Já tinham passado a última quinta há um par de milhas.

Johnston perguntou: "Elsie, tens a certeza de que é esta a estrada?" "Absolutamente", disse Elsie Kastner que tinha o mapa aberto no colo. Traçou o percurso com o dedo. "Quatro milhas depois de Cheatham Cross no caminho para Bishop'S Vale, e uma milha mais tarde, devia ser mais ou menos aqui, à direita."

Apontou para a encosta de uma colina onde se viam alguns carvalhos raquíticos.

"Não vejo nada", disse Chris do assento de trás.

Kate perguntou: "O ar condicionado está ligado? Estou cheia de calor." Estava grávida de sete meses e andava sempre cheia de calor.

"Sim, está ligado", respondeu Johnston. "Esteve sempre ligado?"

Chris deu-lhe uma palmadinha no joelho, tranquilizador.

Johnston conduzia lentamente, olhando para os marcos quilométricos ao lado da estrada. A chuva diminuiu. Já conseguiam ver melhor. Foi nessa altura que Elsie exclamou: "Ali!"

No topo da colina via-se um rectângulo escuro, com paredes em ruínas. "É aquilo?"

"É Eltham Castle", disse. "Aquilo que resta dele."

Johnston estacionou o carro ao lado da estrada e desligou a ignição. Elsie lia o gula. "Construído inicialmente neste lugar por

John d'Eltham, no século onze, com várias construções adicionais posteriores. Notavelmente as ruínas aguentaram-se desde o século doze, e uma capela no estilo gótico inglês desde o século catorze. Não se encontra relacionado com o Castelo Eltham em Londres, que é de um período muito posterior.”

A chuva abrandou, Passando a algumas gotas arrastadas pelo vento. Johnston abriu a porta do carro e saiu, encolhendo-se dentro da gabardina. Elsie saiu do lado do passageiro, os documentos guardados num dossier em plástico. Chris correu à volta do carro para abrir a porta a Kate e ajudá-la a sair. Passaram uma pequena parede de pedra e começaram a trepar na direcção do castelo.

A ruína era mais substancial do que parecera da estrada; elevadas muralhas de pedra, escurecidas pela chuva. Não havia tectos; as dependências abriam directamente para o céu. Ninguém falou enquanto caminhavam por entre as ruínas. Não viram quaisquer sinais, nem marcadores de antiguidades, nada que indicasse o que fora aquele lugar ou até mesmo o seu nome. Finalmente Kate perguntou: “Onde é que é?”

“A capela? Ali.”

Contornando uma elevada muralha, viram a capela, surpreendentemente completa, com o tecto reconstruído algures no passado. As janelas eram meros arcos abertos na pedra, sem vidro. Não havia porta.

Dentro da capela o vento assobiava através de fendas e janelas. Água escorria do tecto. Johnston pegou numa grande lanterna e apontou-a às paredes. Chris perguntou: “Como é que conseguiste encontrar este lugar, Elsie?” “Nos documentos como é lógico”, disse ela. “Nos arquivos Troyes havia

uma referência a um rico salteador inglês chamado Andrew d'Eltham que fez uma visita ao Mosteiro de Sainte-Mère nos últimos anos da sua vida. Trouxe toda a sua família de Inglaterra, incluindo a esposa e os filhos já crescidos. Foi isso que me levou a iniciar a investigação.”

“Aqui”, disse Johnston, apontando a lanterna para o solo. Aproximaram-se todos para verem.

Ramos quebrados e uma camada de folhas encharcadas cobriam o solo. Johnston baixara-se, apoiando-se nas mãos e joelhos, limpando-as com as mãos para expor pedras tumulares gastas pelo tempo que haviam sido colocadas no solo. Chris susteve a respiração quando viu a primeira. Era uma mulher, vestida sobriamente com vestido comprido, deitada de costas. A figura era indiscutivelmente de Lady Claire. Em contraste com muitas outras esculturas, Claire era representada com os olhos abertos, encarando francamente o visitante. “Ainda bela”, disse Kate, mantendo-se de pé com as costas curvas, a mão apoiada na cinta.

“Sim”, disse Johnston. “Ainda bela.”

Limpavam agora a segunda pedra tumular. jazendo ao lado de Claire, viram André Marek. Também ele tinha os olhos abertos. Marek parecia mais velho e notava-se um vinco no lado do rosto que podia ter sido da idade ou até mesmo de uma cicatriz.

Elsie disse: “De acordo com os documentos, Andrew escoltou Lady Claire de regresso a Inglaterra desde França, e em seguida casou-se com ela. Não se preocupou com os rumores de que Claire havia assassinado o marido anterior. Não havia a menor dúvida de que se encontrava profundamente apaixonado pela esposa. Tiveram cinco filhos e foram inseparáveis durante toda a vida.

“Nos seus últimos anos”, disse Elsie, “o velho caminhante assentou, adoptando uma vida tranquila e dedicou-se aos seus netos. As palavras de Andrew ao morrer foram “Escolhi uma boa vida” Foi enterrado na capela da família em Eham, em junho de 1382.”

“Mil trezentos e oitenta e dois”, disse Chris. “Tinha cinquenta e quatro anos.” Johnston estava a limpar o resto da pedra. Viram o escudo de Marek: um leão inglês sentado num campo de lilases franceses. Acima do escudos liam-se palavras em Francês.

Elsie disse: “A divisa da sua família, recordando Richard Lionheart, via-se acima da cota de armas, Mes compaignons

cuij` amole et cuij` aím,... Me di, chanson.” Fez uma pausa. “Companheiros que amei e que ainda amo... Dizei-lhes a minha canção.”

Olharam para André durante longo tempo.

Johnston tocou os contornos de pedra do rosto de Marek com as pontas dos dedos. “Muito bem,” disse ele então, “finalmente sabemos o que é que aconteceu.”

“Achas que ele foi feliz?”, perguntou Chris.

“Sim”, disse Johnston. Mas estava a pensar que por muito que Marek gostasse dele, nunca poderia ser o seu mundo. De modo nenhum. Deve ter tido sempre a sensação de que não passava de um estranho, uma pessoa separada daquilo que a rodeava porque viera de outro lugar muito diferente.

O vento gemia. Algumas folhas ergueram-se no ar, deslizando pelo solo. O ar estava húmido e frio. Permaneceram em silêncio.

“Gostava de saber se ele pensava em nós”, disse Chris olhando para o rosto de pedra. “Gostava de saber se alguma vez sentiu a nossa falta.”

“Certamente que sim”, disse o Professor. “Não sentes a falta dele?” Chris acenou com a cabeça. Kate fungou e assoou o nariz.

“Eu sinto”, disse Johnston.

Regressaram ao exterior. Desceram a colina em direcção ao carro. Naquela altura a chuva parara completamente, mas as nuvens continuavam escuras e pesadas, mantendo-se baixas sobre as distantes colinas.

# AGRADECIMENTOS

A nossa compreensão do período medieval mudou de forma dramática nos últimos cinquenta anos. Embora ainda se ouça ocasionalmente um ou outro cientista falar da Idade das Trevas, a visão moderna há muito que pôs de parte tais atitudes. Uma idade que durante muito tempo se pensou ser estática, brutal e mergulhada na ignorância é agora compreendida como dinâmica e mudando rapidamente: uma idade onde o conhecimento era procurado e valorizado; onde nasciam grandes universidades, e a aprendizagem era apoiada; onde a tecnologia era entusiasticamente avançada; onde as relações sociais eram em fluxo; onde o comércio era internacional; onde o nível geral de violência era muitas vezes menos mortal do que nos nossos dias. Quanto à reputação dos tempos medievais como um tempo sombrio de paroquialismo, perseguições religiosas e chacinas, o registo do século vinte deverá conduzir qualquer observador atento a concluir que não somos de modo nenhum superiores.

De facto, a concepção de um período medieval brutal foi uma invenção da Renascença, cujos defensores tinham a maior dificuldade em definir um novo espírito, mesmo à custa dos factos. Se um mundo medieval mergulhado na ignorância provou ser um erro total, poderá dever-se ao facto de confirmar uma apreciada crença contemporânea - de que a nossa espécie se move sempre em frente, na direcção de melhores e mais iluminados modos de vida. Esta crença não passa de fantasia, mas é difícil de anular. Torna-se especialmente difícil para as pessoas modernas aceitar que a nossa idade moderna e científica possa não ser uma melhoria em relação ao período pré-científico.

Um mundo sobre a viagem no tempo. Embora seja verdade que a teletransportação quântica já foi demonstrada em laboratórios de todo o mundo, a aplicação prática de um tal fenómeno ainda se encontra no futuro. As ideias apresentadas neste livro foram

estimuladas pelas especulações de David Detusch, Kip Thorne, Paul Nahin e Charles Bennett, entre outros. Aquilo que aqui foi escrito poderá diverti-los, mas nunca o levarão a sério. Isto é uma novela; a viagem no tempo ainda permanece firmemente no campo da fantasia.

Mas a representação do mundo medieval tem uma base mais substancial e, por esse motivo, sinto-me em débito para com um grande número de académicos, alguns dos quais se encontram identificados na bibliografia que se segue. Os erros são meus, nunca deles.

Sinto-me igualmente grato a Catherine Karmier pelas suas ilustrações, e a Brant Gordon por todos os esquemas gerados em computador.

Finalmente, um agradecimento muito especial ao historiador Bart Vranken pela sua inestimável visão, e pelo seu companheirismo enquanto deambulámos por ruínas pouco conhecidas e muito descuradas da região de Périgord.

{\*} Do original: “Thequondamphone made me roam.” E, na frase seguinte: “Namesarne, biamegame.” (N. T)

{\*} Organização Europeia para a Investigação Nuclear. (N. T)

{\*} Em francês, no original: galinha do mato com molho de cogumelos. (N. T)

{\*} Raça de cães. (N. T)